Vanessa de Oliveira

O Diário de Marise

A vida real de uma garota de programa

MATRIX

O Diário de Marise

Vanessa de Oliveira

O Diário de Marise

A vida real de uma garota de programa

© 2006 - Vanessa de Oliveira
Direitos em língua portuguesa para o Brasil:
Matrix Editora - Tel. (11) 3873-2062
atendimento@matrixeditora.com.br
www.matrixeditora.com.br

Capa:
Edson Kumasaka

Revisão:
Fabiana Carelli

Impressão:
Editora e Gráfica Vida e Consciência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Oliveira, Vanessa de

O diário de Marise : a vida real de uma garota de programa / Vanessa de Oliveira. – São Paulo :

Matrix, 2006

1. Oliveira, Vanessa de Diários. 2. Prostitutas - Brasil. I. Título.

06-1352.

CDD 920.930674

CDU 929:392.65

PREFÁCIO

Para ser bem sincero, eu acho que a Vanessa não existe. Acho que ela é puro fruto da minha imaginação. Mais do que isso, ela é fruto da sua própria imaginação.

A grande questão é saber quem está por trás de tudo isso, ou seja, quem imaginou a Vanessa, que por fim acabamos nós todos também por imaginar?

Lendo o *Diário de Marise* acabei encontrando algumas pistas. Pistas em forma de labirinto que, com extremo prazer, vou perseguindo. Quero ver aonde vai chegar isso, quero ver quem vou encontrar no fim desse percurso. Assim, leio e releio este *Diário* por inteiro, comparando o que foi escrito, comparando a mulher do papel, feita de palavras, vírgulas, parágrafos e capítulos com a mulher que conheci ao vivo.

Descobri, nesse processo, que a Vanessa escritora é, na verdade, o personagem. A criadora é a criatura disfarçada. Isso poderia ser óbvio, já que se trata de um diário, de uma autobiografia, mas há sutilezas aí que precisam ser reveladas. A Vanessa profissional da carne, da noite, do dia, da sauna, da hora contada no relógio, da meia arrastão, da peruca ruiva, das roupas de enfermeira, do vibrador é simplesmente um disfarce.

A escritora criou este personagem com tanto talento que o personagem criou vida própria, assim como no filme de Woody Allen, em que o personagem sai da tela e vai viver a vida real. A Vanessa real é a Vanessa escritora, anterior à garota de programa. A Vanessa escritora passou a vida toda tão ocupada em imaginar, que se esqueceu de viver. Marise, a personagem, a criatura, tomou conta da criadora e saiu pela vida fazendo e acontecendo, aprontando, se virando, até que um dia, de tanto sofrer, Vanessa acordou.

A dor despertou a escritora, que decidiu dar uma basta naquela fantasia toda e viver. E ser o que nasceu pra ser, uma TALENTOSA ESCRITORA. Mas aí o livro acaba. Nesse momento, a Vanessa nos deixa no ar, na expectativa do próximo lance da sua vida, na criação do seu próximo livro,

se daqui pra frente ela será santa, louca ou puta. Quem viver, lerá.

Antônio Costa Neto

Este livro relata a história real de Vanessa de Oliveira
e baseia-se em seu diário pessoal, escrito entre 2003 e 2005.
Alguns nomes de pessoas aqui citados
foram alterados, visando preservá-las,
bem como nomes de alguns locais.

Agradecimentos:

Alcione José Grimes, Antônio Costa Neto, Alexandre Vasco da Silva, Alexandre Machado, Ana Graziela Alvarez, Cristiane dos Santos Lima, Cristina Célia Antunes, Douglas Monteiro Carvalho, Dumara Cristina Coltts, Eliana Henrique Nazário, Elisane Nunes de Lima, Elisete Nunes de Lima, José Carlos Viana, Kleber L. da Luz Rita, Lenita de Miranda Novaes, Loisame Rejane Ames, Luciano Pedro Estevão, Luciana Marin, Renato E. Moraes, Luciano Nunes Alves, Luiz Alberto Stumpf, Rosane Dalpra, Marisa P. dos Santos, Rosangela Argemiro Lopes, Rosangela Arnold de Lima, Thays Ferrari, Mafioso, Marivône Fernandes da Silva, Selma Menezes, Simone dos Anjos Braz, Thiago Guetten, Vitor Hugo de Freitas, Vitor Hugo Fotografias, Walquíria Gomes, eterna Vitória, a todos da Kity House, meus familiares e, em especial, a minha filha, meu verdadeiro e grande amor.

O dinheiro foi feito para as mulheres.
De que ele serviria, se elas não existissem?

Onassis

CAPÍTULO I

"Tu és o arquiteto do teu próprio destino. Trabalha, espera e ousa."
Ella Wheeler Wilcox

Balneário Camboriú, 5 de julho de 2003.

Eu vivi muitas coisas, algumas ruins, outras boas. Resolvi escrever este diário como forma de terapia, e também porque, assim, não me esquecerei de fatos que já aconteceram comigo. São tantas as coisas que acontecem, e elas vêm de maneira tão rápida, que é difícil guardar todos os detalhes.

São acontecimentos ricos e muito interessantes. Existem coisas, inclusive, que eu prefiro não lembrar, mas é impossível. Então, o negócio é virar a página.

Às vezes, eu me pergunto até que ponto eu reescreveria a minha história. Será que, se eu começasse de novo, faria tudo diferente? Eu não sei...

Penso que sou decidida sobre o tipo de vida que eu gostaria de ter. Sinto falta de uma vida mais tranqüila, segura e equilibrada. Mas, ao mesmo tempo, tudo isso me parece muito sem graça.

Por que eu procuro viver de maneira tão intensa? Por que preciso tanto de liberdade? Por que tenho medo do amor? Por que faço tantas coisas ao mesmo tempo? E como, dentro de tanta intranqüilidade, eu me sinto feliz?

Eu vivo em indagações sobre quem eu sou, sobre a vida, as mulheres, os homens, o que os torna tão diferentes, e reflito bastante sobre minhas atitudes. Surpreendo-me, cada dia mais, com a capacidade de ser o que antes eu não era. Por que será?

Minhas maiores preocupações, hoje, são em relação a minha filha, Yumi. Eu queria poder suprir todas as suas necessidades de afeto e carinho. Sinto-me incompetente; afinal, faço tantas coisas ao mesmo tempo, que percebo que não sobra muito para ela. Estou pensando sobre isso e, agora, quando ela voltar das férias de julho da casa da minha mãe, vou procurar estar mais próxima. Se o pai dela dividisse os cuidados comigo, tudo seria mais fácil e melhor para ela.

Outra preocupação minha é a questão financeira: eu nunca sei se, amanhã, terei dinheiro suficiente. Estou cursando a faculdade de enfermagem, mas não tenho bem certeza se essa seria a profissão adequada para mim. No futuro, eu não me vejo pobre, nem um pouco. Eu me vejo até bem demais, com saúde e fazendo as coisas de que gosto. Porém, não consigo me ver no amor. Eu tenho a impressão de que talvez eu não encontre um grande amor, algo sincero, bonito e verdadeiro. Quando eu era adolescente, tinha esses pensamentos, de que ninguém um dia gostaria de mim. Espero que eu esteja enganada. A vida tem tantas surpresas, sabe-se lá o que ela reserva para mim. Tenho medo de sofrer por amor e de amar quem não me ama. Por que será?

Meu nome é Vanessa, mas a maioria das pessoas que conheço me chama de Marise, a garota de programa ruiva. Eu nasci morena, mas costumo dizer que a minha alma é ruiva. Sempre digo isso.

Neste momento, estou em uma fase bastante difícil. Tenho 27 anos, estou trabalhando nesta profissão há mais de um ano e tento superar os últimos acontecimentos do meu relacionamento com o Fausto (achei que não iria nem conseguir escrever o seu nome, dói tanto ainda). Minhas amigas me dão força, principalmente a Rosemara (Ro) e a Cris. Elas são especiais, e sinto que gostam muito de mim.

Estou em férias da faculdade e passando, agora, uns dias na Boate Kity House, uma casa de programas na cidade de Jaraguá do Sul. Preciso juntar um dinheiro antes de voltar às aulas. Meu projeto de vida é me formar (no máximo, em dois anos) e, depois, ir para os EUA. Trabalhar, me estabilizar e voltar ao Brasil para morar no litoral, em algum lugar lindo e quente o ano

todo, que tenha bastante natureza, mar, sol, areia, alegria; um lugar seguro... Eu fico, aqui, só imaginando uma areia bem branquinha, um mar lindo, um barulho suave de ondas, uns coqueiros enormes, verdes, eu, a minha filha Yumi e a praia...

CAPÍTULO II

KITY HOUSE

“Ou nós encontramos um caminho, ou abrimos um.”
Aníbal

Jaraguá do Sul, 22 de julho de 2003.

Esta noite, sonhei que eu abria um buraco no chão, cavava um túnel e ia tentando passar por ele. Abri os olhos me sentindo angustiada.

Devo ter levantado lá pelas 11 da manhã. O café é servido na casa só a partir das 12h; então, fiquei rolando na cama. Eu era uma das primeiras a acordar, e tinha garota, ali, que só lá pelas 16h se levantava da cama. Muitas bebiam tudo o que podiam. Para algumas, isso já era alcoolismo; para outras, a ânsia de ganhar uns trocados a mais da comissão que recebemos pela dose paga pelo cliente. Ainda tem aquelas que bebem para criar coragem de estar ali.

Eu não conseguia mais dormir, porque estava acostumada com a faculdade. Não que eu chegasse às sete e meia, mas nunca depois das 11h. Alguns professores reclamavam, mas nunca cheguei a repetir cadeira, porque as notas eram boas. Só uma vez que tive que fazer três vezes a mesma disciplina, por falta de freqüência. Meu problema sempre foram as faltas na faculdade, porque eu não consigo acordar, trabalho até tarde.

Ontem foi uma noite movimentada na Boate Kity House, tem muitas

meninas aqui. Algumas delas eu já conheço da Boate Privê, de Blumenau; aliás, foram elas que me trouxeram para cá. Viemos num arrastão só. O Henrique, dono da boate de lá, atrasou os pagamentos de algumas, não pagou outras e colocou um gerente incompetente, um tal de Bianco, no comando da Boate. Ele pagou algumas garotas com cheques roubados, que ele comprava de uns assaltantes. Eu mesma recebi dele um de 180 reais... FILHO DA PUTA!!! SAFADO E SEM VERGONHA!!! Mas se vê todo tipo de gente nessa vida, e olha que tem uma louca, lá, que está grávida desse gerente trambiqueiro. Mas como tem mulher burra neste mundo, meu Deus! Essa não é garota de programa, não, porque, se fosse, tinha se cuidado; ela trabalha na parte de bebidas da Boate. É bonita, mas não faz programa, porque acha isso indecente. Mas bem que parte do salário dela vem das meninas que trabalham ali: ela ganha comissão pelo pedido de bebidas, feito por nós e servido por ela. Logo, indiretamente, o salário dela tem uma boa contribuição da prostituição. O Bianco é casado, e ela transa com ele sem camisinha. Lógico que ela não é garota, porque, se fosse, só usaria preservativo. Bem, ela é decente segundo as suas concepções, mas indecente, segundo as minhas.

Sentamos para tomar café eu, a Duda, a Rose, a Adriana e a Alessandra. Todas nós viemos da falida Privê. A Alê não recebeu do Bianco; pegou um uísque e disse que iria levar como pagamento. Ele falou que não deixaria, e o segurança veio, para retirar a garrafa da mão dela. Essa cena foi de filme, porque ela espatifou a garrafa na prateleira de vidro das bebidas, e o prejuízo do Bianco foi bem maior.

Estávamos, todas nós, ferradas nas contas, e viemos para cá decididas a dar a volta por cima. Para isso, precisamos trabalhar muito. Queremos aproveitar o dia também, só que a Boate só funciona à noite. A Leila, dona da casa, não nos deixa trabalhar em outro estabelecimento ao mesmo tempo, e quem mora aqui só sai mediante acerto do cliente.

Resolvemos transpor as regras. Adoro isso! Transgredir barreiras é comigo, e, com as meninas, não é diferente. Eu estava com meu velho e bom Landau – milagre ele não estar quebrado, porque, na semana passada, ficou

cinco dias na oficina –, as meninas patrocinaram a gasolina, e fomos em direção ao centro, procurar uma sauna ou uma casa de massagem que nos abrigasse durante o dia. Foi difícil: horas procurando, e nada. Tivemos que voltar, e, ainda por cima, ganhei uma multa: não sabia que Jaraguá do Sul tinha esses controladores eletrônicos de velocidade. Fui percebendo, no caminho, que a cidade era muito vazia e sem vida; acho que as únicas coisas legais de lá eram o Parque da Malwee e a Kity House, mesmo, por isso ela enchia tanto de cliente.

Quando chegamos à Boate, o Luiz, *barman*, veio me comunicar que um cliente meu do dia anterior, Jorge, tinha ligado, dizendo que não poderia vir naquela noite, porque tivera que voltar para Curitiba, mas que, na semana que vem, estaria de volta. Pensei: "Lá se foram mais alguns reaizinhos. Mas não há de ser nada, hoje ganho mais". O Jorge é um moço bem apresentável, deve ter uns 35 anos, bonito. Tinha vindo a negócios e, como todo marido longe de casa, resolveu dar uma passadinha em alguma boate da cidade. Ele chegou e ficou bebendo numa mesa. Quando entrei no salão, o vi e, como sempre faço, fui lá bater um papo, antes que outra fosse. Conversa vai e conversa vem, mãozinhas vão e mãozinhas vêm, dose de bebida para cá e para lá, dou uma voltinha, viro o meu copo na pia do banheiro, passo pelo Luiz e digo: "Vê se coloca mais gelo no meu copo, da próxima vez". Sentei-me, peguei a mão do cliente e coloquei debaixo da minha blusa. Então, fiz a pergunta fatal: "Vamos para o quarto?" A resposta veio, imediata: "Vamos, sim, só que para o quarto do meu hotel".

Ele acertou com a Leila a minha saída, mas me pagou bem pouco pelo programa, 80 reais. E olha que a minha saída da Boate, à noite, são 50 reais. Que coisa, não? Mas eu estou bem precisada de dinheiro, e disposta a juntar os dois mil reais de que preciso para refazer a matrícula da faculdade. Fomos de táxi. No hotel, foi tudo bem tranqüilo. Eu até aproveitei um pouco. Depois, conversamos por alguns minutos, e eu fui embora. Ele disse que tinha gostado de mim e que voltaria, na próxima noite. Falei para ele: "Se gostou de mim, então me paga mais". Não sei se ele era pão-duro ou pobre mesmo, estou em dúvida; só sei que, daquele mato, não tirei mais nenhum

coelho. Com isso, eu fico um pouco indignada, pois, se gostam tanto assim da gente e ficam falando, por que é que não pagam bem, então? Não há de ser nada, a noite de hoje há de ser melhor. Deus tira de um lado, e o diabo dá de outro...

Depois de jantar, fui me arrumar. Hoje coloquei uma roupa bem simples. Não faço o estilo piranha fatal no momento, só de vez em quando. Coloquei calça jeans e blusinha de um ombro só, deixei o cabelo solto, e só passei um batonzinho e um lápis preto, para realçar o verde dos olhos, que, às vezes, está meia-boca. Fui para o salão. O horário para as meninas estarem prontas é 21h; nisso, sou bem pontual. Se fosse de manhã, estava ferrada. O Luiz serve para a gente uma dose de vinho, Martini ou uísque, gratuita; é a primeira da noite, para que se pegue o embalo. Resolvi tomar uma dose de Martini, pois o vinho de ontem só me dera sono. Eu e a Adriana (uma morena alta, de cabelos bem compridos) nos sentamos no sofá, bebendo, para conversar. O sofá fica bem em frente à porta de entrada. Apareceram dois amigos, e eu já a convidei para irmos até eles. Ela me explicou que o maior tinha uma namorada na casa. O menor, ela não conhecia, mas disse que me ajudaria. Assim que nos aproximamos, cumprimentei, com o maior sorriso do mundo: “Oi!” Meu alvo era o mais novo, porque era o “solteiro”. Disse se chamar Roberto, embora seu amigo o chamasse, o tempo todo, de Daniel. Usei meu nome de guerra de sempre, Marise.

Sentamo-nos para conversar, e conversamos muito, um papo bem divertido, mesmo. Eu percebia que ele estava gostando, e que as chances de rolar o programa eram grandes. Só para provocar e antecipar os fatos, comecei a beijar o pescoço dele e fui fazendo carinho. Depois de muito acariciar, pedi uma dose; afinal, eu preciso receber alguma coisa, meus afetos em horário de expediente não são gratuitos. Ele perguntou se eu iria explorá-lo. Eu disse que gostava de uísque com energético (custa 30 reais, dos quais cinco são meus, de comissão), mas que, se não desse, poderia ser uísque puro, mesmo (15 reais, dos quais três são meus). Mereci ganhar uísque com energético, e, não demorou muito, ele me convidou para o programa. Não perguntou o preço, e seu amigo ficou muito feliz em vê-lo

saindo comigo, em direção aos quartos da Boate. Eu havia me esquecido do seu nome e perguntei novamente. Ele respondeu: “É Carlos.” Lembrei-me e pensei: mas não era Roberto?

A Leila trabalha no caixa, é a dona e faz o controle dos quartos, também. Ela é uma morena bonita de rosto, e tem um corpo do tipo que chama a atenção dos homens, bastante quadril e seio. É alta e bem esperta. Leva todo cliente chorão no papo e na simpatia. Sabe se impor: ninguém chega até ela agarrando-a, e não existe a palavra “desconto” no vocabulário dela. Primeiro, o cliente passa pelo caixa e marca, no cartão da sua consumação, o uso do quarto e o programa. A Leila me cadastrou como a garota nº 27 da casa. Todas nós temos um número, sob o qual ficam registrados os programas da semana, para recebermos no final da madrugada de sexta-feira, juntamente com a comissão das bebidas.

Quando ela foi alcançar a chave do quarto, pedi o de número 2, que é onde eu durmo. Não consigo entender essa relação de eu querer usar as mesmas coisas. Tenho essa mania: sempre compro pão na mesma padaria, uso os mesmos sapatos, o perfume não mudou nos últimos 12 anos, a mesma depiladora, as mesmas amigas, há anos; enfim, tinha que ser o mesmo quarto. Aquele cliente era legal. Ele era do tipo ingênuo, nem sabia direito o que fazer. Falei para ele que colocaria uma roupinha especial, de enfermeira, e me tranquei no banheiro. Ele pensou que eu colocaria luva, jaleco e roupa toda branca, até o pescoço. Quanta ingenuidade! Saí de lá seminua, com uma calcinha e um sutiã transparentes e um sinalzinho vermelho enfeitando, umas luvinhas branquinhas, de renda, e um chapeuzinho, desses que se usam em desenho animado de enfermeira. O cliente babou! Subi para cima dele e apelidei-o de bebê, porque, a cada hora, ele trocava de nome; acho que até ele esquecia. Ele era tão, mas tão ingênuo, que acabou nem conseguindo transar: aquele não era o mundo dele. Fiquei ainda mais surpresa quando ele passou a querer inverter os papéis, e quem estava ali, recebendo todas as atenções e os carinhos, era eu. Por mim, tudo bem: cliente paga, cliente manda, ainda mais se não vai doer.

Mas ele fazia tudo, meu Deus, tudo errado! Como ele era ruim no oral, mas

tão ruim, que só fingindo, mesmo. Simulei descaradamente, e ainda disse para ele não encostar mais em mim, que eu estava sensível, de tão bom que o orgasmo tinha sido. Deitei ao seu lado e começamos a conversar. Foi nessa hora que entrei em sua vida privada e perguntei sobre o casamento e a esposa.

Ele me falou que ela é muito fria, brava, e que não se beijavam há dias. Ela tinha sido a sua primeira mulher, conheceram-se quando ela tinha 14 anos. Depois de seis anos de namoro, ela engravidou, e eles casaram. Não demorou muito para vir o segundo filho. Ele não tinha terminado ainda a história morna do seu casamento, quando se ouviu um interfone tocar no quarto. Era a Leila, comunicando que a hora havia terminado. Ele foi tomar banho sem orgasmo e, mesmo assim, estava feliz da vida. Depois que ele acertou a conta no caixa, me perguntou se o deixaria ali. Eu disse que não o largaria no salão, sozinho, até que ele tivesse que ir embora. Nós nos divertimos até as duas e meia da manhã, dançando no salão. É costume sair do programa do quarto com o cliente e deixá-lo sozinho, saindo à procura de um outro, mas, por algum motivo, eu não consegui fazer isso com ele.

O amigo dele estava ainda mais feliz. Ele sempre dizia que o Daniel, Roberto, Carlos ou sei lá que outro nome tinha que arranjar uma segunda mulher. Como já disse, esse amigo era casado e namorava uma garota da Kity House chamada Priscila, que, nesse dia, não estava. Ele contratou outra e saiu da casa com a Juliana. A Juliana tem o mesmo estilo da Camila Pitanga: é magra, alta, morena, um pezinho na África, com um rosto bonito, e bem simpática. Seus pais não sabem que ela faz programa, e ela mora com eles. O bebê parecia o homem mais realizado do salão. Escrevi-lhe um bilhete de recordação, deixei um monte de marcas de batom nele, e, agora, ele se sentia um homem forte, viril e desejado. Tudo aquilo que ele queria ser para a esposa dele. Eu só pensava: “que bom, esse ainda volta...”

Fui levá-lo até o carro, e combinamos de sair na próxima tarde, para passear. A Leila fez um superdesconto (30 reais), pela minha saída não ser à noite, e eu cobrei os 100 reais básicos de sempre. Despedi-me do bebê, do seu amigo e da Juliana: existe um limite, e não podemos passar do toldo da

entrada. Ele fechou a porta do carro e, quando viraram o portão, parou, à minha frente, um táxi que estava de saída com um cliente, bem bêbado, já. Ele mal conseguia falar, nem sei como abriu a janela do táxi. Apenas me disse: “Quer ir embora comigo?” Respondi: “Vamos conversar!” Acertou a minha saída da Boate com a Leila e deixou pago meu programa. Depois de algum mal-entendido, por causa da bebedeira e do taxista, fomos parar no Hotel Etalan: ele estava hospedado lá. Seu nome era Barbosa, e ele era de Curitiba. O taxista me reconheceu; disse que havia me visto no Hotel San Sebastian, na noite anterior, com um cliente.

Foi no quarto que eu percebi a real situação em que me encontrava. Eu me via em perigo. O homem que estava comigo tinha sérios problemas: estava bastante fora de si, dizia coisas desconexas, era psicótico e usava drogas, pelo jeito. Parece que ficava agressivo. Dizia-me para não ter medo dele, caminhava de um lado para outro e queria trocar de quarto, dizendo: “Vem para este quarto aqui, que é melhor”, mas acabava apontando para uma mesa de canto. Maluco! Ele tirou a roupa e ficou só de cueca. Ordenou que eu tirasse a roupa; fiz isso e fiquei só de calcinha. Ele caminhava, batia um pouco nas coisas, esbravejava algo ininteligível. Eu sentei na cama e comecei a pensar no que fazer, no que fazer, meu Deus? Calma, só tentava ficar calma. Puxei conversa e comecei uma sem fio, sem intervalo: qual seu nome? De onde você é? Faz o quê? Que interessante, hein? Como você é inteligente, tem bastante experiência de vida, pelo jeito, e blá, blá, blá. Ele se sentou na cama e começou a relatar a vida dele. Piscava, meio que caía para um dos lados, parecia que ia apagar e recobrava a consciência. Disse que havia passado por nove casamentos, já. Que coisa de louco! Não existia uma seqüência definida de fatos nas histórias que ele contava, e eu lá, ouvindo e me fazendo de entendida de tudo. Às vezes, ele repetia a metade de uma frase que dizia, como se afirmasse, junto com ela, uma opinião. Minha esperança era a de que ele dormisse. Sem chances. Passou-se uma hora e meia, e ele ali, ligado. Sugeriu que deitássemos. Pensei, na hora: “Que seja breve enquanto dure”. Foi então que a situação ficou complicada mesmo: além de transtornos mentais, ele tinha transtornos sexuais.

Literalmente, interpretava um bebê. Que sina, a minha, hein? Eu, para me salvar de qualquer situação que o pudesse contrariar e deixar mais louco ainda, comecei a dar uma de mamãe.

Mas, então, ele ficou mais pervertido: começou a implorar que eu evacuasse na cama. Mas, de jeito nenhum! Vi-me aflita, naquela situação. Só dizia que eu jamais conseguiria, e eu nem queria aquilo! Então, ele queria anal. Nem sei o que era pior! Depois, pediu que eu urinasse na cama. Fui levando o homem na conversa. Quanto tempo já devia ter passado? Eu devia estar na Kity House, a Leila dá ordem de voltar em duas horas, no máximo. Agora, já não queria mais que eu urinasse na cama: para minha surpresa, era nele, no seu rosto. Ele insistiu tanto, muito, mas tanto, que me deixou quase paranóica também. Pegava-me pelo braço e me fazia sentar na cama, toda vez que eu tentava levantar. Juntou minhas roupas e colocou dentro do armário. Ainda bem que não trancou, não havia chaves naquelas portas. Ufa!

Uma hora, não agüentei tanta loucura dentro daquele quarto, insistência repetitiva, socos na mesa, e mais a minha angústia em sair de lá, e disse: Tá bom!!! Deita aí, vai!!! Sentei na cara dele e, de raiva, mas de raiva mesmo, fiz xixi. Fiquei pasma: pensei que era só molhar. Não!! Ele abriu, bem grande, a boca, e tomou tudo, evitou ao máximo o desperdício, ainda por cima bochechou, e disse que o meu gosto era bom. URGH!!! Insuportavelmente nojento. Pronto, acabou o programa. Eu estava exausta, psicologicamente. Deitei na cama ao lado, para descansar, antes de tentar sair: a cama que usamos estava com alguns resquícios da atividade pervertida. Ele veio deitar-se ao meu lado. Ai, meu Deus! Abraçou-me para dormir e ficou lá, interpretando um bebê, e eu, a mamãe. Penso que ele não sabe quem é, e eu estou ainda a tentar me entender.

Passaram-se uns 15 minutos, e eu achava que ele havia dormido. Nada: ele começou a se mexer e a colocar a mão em mim. Dei uns gritinhos e disse: mamãe mandou dormir! Ele dormiu. Comecei a ver o dia clarear pela janela, deviam ser seis da manhã. Que droga, já devia ter caído fora há um tempão. De uma hora para outra, ele levantou. Queria continuar, disse que pagava mais. A minha angústia era muita; sentia a mesma coisa quando o Fausto me

sufocava, sugava, extrapolava. Queria ir embora, só isso. Ele disse que queria só mais um xixizinho. Eu não tinha mais condições; primeiro, porque o meu psicológico estava abaladíssimo; segundo, que não existia mais água naquele corpo e, portanto, nada de fabricar xixi. Falei que eu mandava mais uma amiga, se ele quisesse. Fechado, ele queria. Do seu celular, liguei para o táxi que sempre atendia à Boate, o táxi do André. Só que quem estava guiando era uma motorista, a Eliana. Conversamos durante a volta. Ela me falou que tem dois empregos, e por isso se levanta, todos os dias, às três da manhã. Essa é das que batalham, Virgem Maria!

Quando cheguei, estavam todas dormindo. Fui ao alojamento e entrei de quarto em quarto, procurando a Duda. Ela era a mais ferrada nas contas. "Duda, o cara é louco, mas você arrisca?" Contei a ela o que ele queria. "Sim, é claro que vou. Já estou acostumada com isso, tenho um cliente em Blumenau que é assim também, me leva para o motel e traz galão de água para eu beber." O táxi estava lá fora, esperando eu encontrar alguém para voltar, e, enquanto ela se arrumava e ia, eu ia pensando sobre a Duda e a vida difícil que ela tinha.

Ela era uma menina bem legal, sofrida pela vida, loira, olhos azuis, uns 24 anos, magra, alta, estilo européia. Na infância, seu pai era alcoólatra e batia na família. Ela viu um de seus irmãos morrer de espancamento pelo pai. Não pôde fazer nada: era menor e estava acuada num canto. Ela nunca fala da sua vida. Contou-me isso num breve momento de desabafo, na cozinha, há dois dias. Na noite anterior, tinha levado um soco, no olho, da Nathália, sem muitas explicações. Havia sido apenas uma discussão boba, de demora no banheiro. Estávamos comendo na cozinha, no intervalo das duas da manhã, quando tem sempre um lanchinho nos esperando – afinal, os corpos não são de ferro. Eu lhe dei a minha opinião sobre a atitude da Nathália: que, se ela havia feito aquilo, podia ser por complexo de inferioridade; que ela devia ser revoltada, mesmo. "Olha, Marise, eu tenho motivos de sobra, na vida, para ser revoltada, mas não saio por aí batendo nos outros, à toa." Penso que a Duda apanhou muito e se acostumou a não se defender. A maioria das meninas, ali no salão, teria quebrado a cara da Nathália. Às vezes, penso que

a Duda é um pouco parecida comigo, nesse sentido.

A Duda se foi, e eu fui descansar um pouco, para, depois, me arrumar e esperar o bebê Carlos, Daniel, Roberto, ou sei lá qual é o nome verdadeiro da criatura. Coloquei exatamente a cor de roupa de que ele disse que gostava. Também escrevi mais uma cartinha amorosa, com data da madrugada, para que ele pensasse que eu havia escrito antes de dormir – assim, era mais romântico. Bem, na minha opinião, toda estratégia vale, para ganhar um cliente. É um jogo sadio; a ilusão vale, aqui, porque se está pagando para isso mesmo.

Ele chegou à uma e meia da tarde. Até achei que não viria mais, mas a primeira coisa que disse, ao abraçá-lo, foi "eu tinha certeza de que você viria." Eu sempre penso em mim como uma mulher sincera, verdadeira, mas minto tanto aos clientes, e, às vezes, nem tem necessidade. Nem sempre me reconheço. Quem é sincera, não deveria ser sempre?

Fui com o meu carro, e ele, com o dele, que deixamos estacionado na garagem do seu edifício (a esposa estava viajando há alguns dias). Ele subiu no meu velho Landau, e partimos, para passear no Parque da Malwee. Eu já conhecia o parque, mas me fiz de surpresa: quis que ele se sentisse feliz por fazer alguém feliz. Caminhamos de mãos dadas, passeamos pelo labirinto das plantas; tudo lá é, realmente, muito lindo. Eu estava tendo uma tarde normal, como parte de um casal de namorados convencionais. Então, flagrei-me em pensamentos sobre o Fausto e fiquei a me questionar sobre por que não tínhamos uma vida normal e sobre quantas coisas legais tinham se perdido. Comparei o comportamento dos dois, cliente e Fausto. Percebi que aquele cliente me tratava muito melhor, com respeito, consideração, e ninguém ali havia falado em sexo. O Fausto, naquele horário da tarde, já devia estar querendo a terceira relação do dia. E todos os nossos dias eram iguais, sexo e sexo e mais sexo, às vezes cinco, seis, até nove vezes por dia. O Fausto era ninfomaníaco.

Só depois de muito passear, ele me perguntou se iríamos a um motel. Falei que, se ele quisesse, tudo bem. Então, ele retornou a pergunta, dizendo: "Se você quiser, então, sim, está tudo bem." Eu quis. Ele nem me forçou, por isso

eu quis. Sentia-me bem com ele, e fomos parar no Mistérius Motel, bonzinho. Ele já foi enchendo a hidromassagem, IUUUUPIII!!! Colocou bastante espuma, e eu me atirei ali dentro, comendo chocolate e tomando Smirnoff Ice. Fiquei umas duas horas ali, estendida. O prazer dele consistia em me ver feliz. Depois, ele saiu da banheira, enrolou-se numa toalha e, tomando cerveja, ficamos conversando todas, rindo muito. Foi uma tarde bem divertida. Estranhei a falta de sexo e concluí que nem todos os homens são como o Fausto. Até transamos, foram nem 15 minutos de sexo. Ele me disse que seria rápido. Por mim, tudo bem: fingi outro orgasmo. O único problema é que esse era um pouco diferente do primeiro. Acho que gritei no primeiro, não lembro mais. Será que colou?

Já na hora de irmos embora, tocou uma música e nós dançamos, bem abraçadinhos. Deu uma vontade de chorar! As lágrimas caíram, mesmo. Era a música "Os cegos do castelo", e o intérprete cantava: "Eu cuidarei do seu jantar, do céu e do mar, de você e de mim...". Se ele percebeu o choro, fez de conta que não viu. Sou muito sensível à música; sou capaz de chorar pelos ouvidos.

Na volta, ele colocou gasolina para mim. Deixei-o em casa. Hoje, dormiria mais feliz do que nunca. Ele ficou com o número do meu celular, ligaria no sábado. Quando cheguei à Kity House, perguntei à Duda: "E daí? Tudo bem?" Ela me levou lá para fora e disse: "Tudo mal". Realmente, o cara era louco. Não tinha rolado nada, e ela ainda teve que arcar com o táxi. A Duda está com azar. Fiquei chateada, porque quero que ela se dê bem.

À noite, a Leila veio falar comigo. Disse que, depois que eu tinha saído da casa com aquele cliente, tinha lhe batido uma opressão no peito, e ela não conseguia dormir. Contatou os meninos, e eles disseram que não tinham o número do meu celular. Ela falou que estava pressentindo que algo não estava bem e tinha começado a rezar em casa.

Jaraguá do Sul, 24 de julho de 2003.

Passei o dia no quarto 2. O Luiz veio me falar que era um pouco estranho,

isso, em mim: por que eu ficava tanto dentro do quarto, escrevendo? Mas não há o que fazer na Boate, durante o dia. A Kity House fica nas pedreiras, na saída de Jaraguá do Sul. Acho que a rua nem tem nome. É muito morro e mato em volta. Acho que por isso chamam esse lugar de pedreira. Só há um Pesque & Pague ali perto. Na estrada, os caminhões passam e levantam um pó danado, porque a rua é de chão batido. Só taxista ou morador antigo da cidade encontra a Kity House; ela é escondida. Funciona bem, porque o local é discreto e, à noite, enche de gente. Nunca vi uma casa de programa com tantos clientes. A cidade é pólo industrial de umas três grandes empresas, e a renda *per capita*, aqui, é alta. Só tem mais uma boate, a Executive, mas, como ela é no centro, os casados têm medo de ir lá. A Kity House é animada, e como!

Lembro-me da primeira vez em que fui trabalhar lá, no início de julho deste ano. Chegamos eu, a Rose, a Duda e a Adriana. Deviam ser umas oito horas da noite. Quando vi a casa, quase pedi para retornar. As meninas estavam firmes e confiantes, pois elas conheciam o movimento. Só vendo para crer. Era uma casa bem diferente da Privê, de Blumenau: a Kity não tinha nada de requinte. Ela se divide em duas construções: uma, onde dormimos, e outra, para a Boate. Quando estacionamos os carros, vieram os dois rapazes da casa, o Luiz e o Vilmar, retirar as malas, educados, prestativos. Eu já tinha trabalhado com o Wilson, em Blumenau: ele era *barman* da Privê, mas agora trabalhava como gerente da Kity House. A ordem da Leila é: "Não deixem faltar nada a essas meninas, tratem-nas bem".

A Leila tinha essa filosofia, porque já havia sido garota de programa, por muitos anos, em Blumenau. Ela tinha uns dois anos a mais do que eu. Um cliente apaixonou-se por ela e deu-lhe, de presente, uma casa para morar e a Boate Kity House, para trabalhar. Dizem que era um homem já de meia-idade, rico, mas ela não ficou com ele, apenas por algum tempo. Casou-se com um policial. O amor tem dessas coisas, é difícil controlar os sentimentos. Ela sempre foi a mulher poderosa das boates: tinha o cliente que queria, fazia o maior número da programas e movimentava as casas onde

trabalhava. Mas o coração dela bateu por um outro homem. Incrível, mas as garotas de programa sempre escolhem com quem se casam; dificilmente são escolhidas. Eu mesma não me casaria com um homem só pelo dinheiro; tem que ter amor. E olha que sou considerada dinheirista.

Levaram-nos até o alojamento. Elas achavam normal, já conheciam o lugar e estavam mais acostumadas às boates da região e às suas instalações. Geralmente, é mais um canto para dormir. Ali, até era melhor do que o alojamento da Privê, que não tinha janelas. O cheiro de bolor era grande; as meninas tinham o costume de não abrir os quartos. Ficavam quatro em cada um, e sempre havia uma que estava dormindo. A nossa janela, inclusive, estava sem chave do cadeado; portanto, eu teria de dormir com aquele cheiro mesmo. Ficamos, naquele quarto, eu e a Duda; as outras duas meninas, que já estavam lá, voltariam na próxima noite. Havia dois beliches. Escolhi uma das camas, deitei nela; até que não era tão mau. Curiosa, virei-me de lado e dei uma espiadinha no chão, embaixo da cama. No canto, estavam jogadas algumas espadas de São Jorge. Nisso, a Rose entrou e disse que eram de uma das meninas que estava há mais tempo na casa. Era melhor eu não mexer, pois era macumba, que ela fazia contra mau-olhado e para ter mais clientes.

Para entrar no quarto, tínhamos que passar por dentro do quarto das outras meninas, atravessar o banheiro e, só então, chegar aos aposentos. A porta do nosso quarto estava emperrada. Incrível aquilo, nunca tinha visto isso antes: um banheiro no meio de dois quartos, um dos quais não tinha porta de saída, sem ser a do banheiro. E quando eu quisesse usar o vaso, como faria? A circulação era grande, com aquele trânsito todo de mulher indo e vindo para secar o cabelo, sair do quarto, tomar banho. Experimentei fazer um xixi: uma garota entrou por um lado e saiu pelo outro, como se eu nem estivesse ali. Fui tirando a roupa, para tomar banho, e alguém sentou no vaso. Pensei: “Isto não vai dar certo!” E ai de quem trancar a porta. A água estava morna, a noite era fria, e eu estava morrendo de fome. Havia só um resto de cachorro-quente, que eu e a Duda comemos de qualquer jeito mesmo. Bem salgado, diga-se de passagem: alguém ali errou o molho.

Fui conhecer o salão da Boate. Hummmmm! Até que, no escuro, fica legal. Tem uma boa iluminação, estilo danceteria, com pisca-pisca e globo de espelhos, mas a estrutura física é precária. Uma parte é de madeira e, a outra, de alvenaria, com tijolo não rebocado. Há dois pisos. O salão ocupa 50% da parte de baixo, tem uma pista de dança e um palco de apresentações, onde fazem *show* de *strip*; tem até aquele postezinho, para a garota se agarrar e descer, grudada, na barra de ferro. Sempre achei aquilo lá um barato. Olhei para um canto e vi que tinha uma churrasqueira na pista de dança, junto à parede maior; mas quem ali faria churrasco? Tinha algumas mesas fixas, redondas, onde os clientes sentavam, para tomar uma bebida ou encher a cara de vez. Havia meninas que preferiam *strip* em cima da mesa. O bar ficava ao lado da pista, com várias banquetas altas ao redor. O Luiz e o Wilson serviam bebida e davam uma de DJ. No final da noite, sempre tocava *Boate azul*, uma música antiga, que é marca registrada da boemia e das casas de prostituição. Do lado contrário à porta de entrada, havia um banheiro masculino e, logo em seguida, o caixa da Boate e a saída. Uma salinha VIP, para *strip* privativo, ficava ao lado do caixa e, entre eles, o corredor que leva aos quartos da Boate. Todos eles têm banheiro adaptado, ou seja, colocaram vaso sanitário, com *box* em volta, e um chuveiro, também com um *box* em volta. Então, um quarto tinha dois *boxes*! Cada um deles recebeu um incremento próprio. Eu gostava do quarto 2, porque a janela era grande, e você via os caminhões passarem pela estrada de chão batido enquanto estava transando, dava um efeito legal. Do quarto em frente ao 2, eu não gostava; era o 1. Pintura em vermelho e preto, e pouco arejado. Bem coisa de torcedor do Flamengo e freqüentador de casa de umbanda. Sempre muito escuro. Subindo as escadas, havia os outros. Um deles era grandão, nem sei para que tanto espaço. Nenhum tinha hidromassagem, e eu achava perigosas aquelas janelas tão largas e baixas. Deviam ser uns sete quartos. A Kity House, por fora, não tem pintura e, se tem, ela ficou escondida pelo pó dos caminhões. Parece uma casa inacabada. Nos fundos do terreno, há espaço para construir uma piscina, e o terreno é cercado por um muro e por um portão, quase sempre fechado a cadeado.

Falei ao Luiz que eu passava os dias, no quarto, escrevendo no meu diário, descansando e pensando sobre a vida, mas, mesmo assim, ele continuou a achar estranho.

Uma breve pausa, dois pontos:

"Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro..."

Clarice Lispector

Mas eu não estou muito bem, prefiro ficar sozinha. A Kity House não deixa de ser um retiro espiritual. Geralmente, vou até o alojamento das meninas, antes do jantar, para ver como elas estão, saber de alguma novidade e pegar companhia para comer. É sempre a mesma coisa, uma correria de secador de cabelo e uma perguntação de "você acha que estou bem com essa roupa?", "estou gorda?", etc. A maioria, ali, passa a tarde vendo TV. Todo mundo me chamava de louca, por eu dormir na Boate, e não nos alojamentos. Até agüentei um dia, dividindo o quarto no alojamento; mas não passou de um.

As meninas contam sobre espíritos que vagam na Boate. Eu acho besteira, isso. Há histórias sobre duas garotas que morreram na casa. Uma delas despencou da janela do segundo andar; ela tinha o costume de se sentar lá para fumar. Dizem que caiu de costas. A outra, eu nunca quis saber como teria morrido. Só sei que o gerente da casa, Wilson, e o Lu, do bar, não dormem na Boate também, porque ouvem uns barulhos estranhos. Uma vez, uma menina estava fazendo um programa em um dos quartos e, enquanto estava de quatro, olhou para a parede e viu um terceiro homem em pé, nu, olhando para ela. Dizem que ela saiu correndo, pelada mesmo, que atravessou o salão da Boate gritando, acabou com aquela noite na casa e, no outro dia, foi embora. Mas eu gostava do quarto 2, acho que era meu número de sorte. O quarto era bem simples, e a Leila usava aquela luz vermelha para disfarçar a sujeira. Tudo era encardido e bem antigo, o piso e o chão eram

forrados com Paviflex da década passada, mas, à noite, os gatos são pardos, e, como ninguém limpava o apartamento entre um programa e outro, a lâmpada ajudava. Nem o lençol era trocado. E olha que, no final da noite, eu estava tão cansada, que dormia ali mesmo.

Perto do jantar, dei uma passadinha no alojamento das meninas e entrei no quarto da Márcia e da Cíntia. Também as conhecia da Privê. Duas figurinhas! Aquele é, com certeza, o quarto mais bagunçado da casa. Para falar bem a verdade, é um lixo. As roupas são jogadas no chão, as malas ficam abertas, tem prato de comida para todo lado. Elas fumam muito, e nunca abrem as janelas. Sabem tudo das novelas; perguntaram-me como eu podia viver num quarto sem TV. Penso que elas me achavam meio E.T. Eu gosto dessas duas, e elas me parecem bem unidas.

Fomos jantar, todas nós. Tinha arroz, feijão, batata frita, bife, salada, suco e, ainda por cima, eu coloquei no meu prato banana e queijo. Adoro uma mistureba. Lavei meu prato e fui me arrumar. Notei que ali não tinha formigas, e achei bom. A minha casa tem sempre essas visitantes indesejadas; elas somem, mas, depois, reaparecem.

Quando cheguei ao salão, tinha um cliente sozinho, e lá fui eu, conversar com ele. Ele me avisou que só havia ido até lá para tomar uma cerveja, e disse que eu não parecia uma garota de programa. Chegou outro cliente, e lá fui eu novamente, puxar assunto. Esse se chamava Fábio. Ele veio se aproximando, e eu senti que havia chances, boas chances. Já fui conversando com ele ao pé do ouvido, abrindo os primeiros botões da camisa dele, e pedi uma dose. Ele me pagou um uísque sem energético, e isso significa dinheiro restrito. Aquele uísque dançou em cima da mesa. Ele me perguntava: “Não vai tomar?” Eu respondia: “Vou, sim”. Só molhava o lábio e colocava na mesa.

Um de seus amigos falava com todas as loiras do salão, mas só com as loiras. Esse foi para o quarto com a Layla. Seus outros dois amigos já haviam ido embora, e eu comecei a falar sobre fazermos um programa. A resposta era “estou sem tempo, meu amigo já vai sair do quarto, e eu tenho que ir para casa”. Nisso, a Nathália pediu que nós trocássemos de mesa, que

ela faria um *strip* ali. Pulamos para a do lado, que estava vazia. Mesmo ele tendo dito que não faria o programa, não o deixei: eu já havia investido algum tempo nele. Então, eu coloquei a sua mão no meu peito. Essa estratégia é quase infalível, e é sempre uma das minhas artimanhas para convencê-los. Ele me perguntou quanto. Eu disse 100 reais. Ele disse que era caro, e que só poderia ficar comigo 30 minutos. Respondi: "Tempo menor, preço reduzido. 70 reais". Senti que ele nem isso tinha para pagar. O negócio era não perder o cliente. Fiz minha última proposta, 50 reais. Ele falou 40. Levantei-me e disse: "Negócio fechado, vamos indo".

Pausa pra reflexão. Dois pontos.

"Todo mundo tem a mãe na zona. Alguns, no Moulin Rouge. *Outros, na Major Sertório."*

Antonio Costa Neto

Agora, era tudo ou nada. Tenho certeza de que ele falou 40 reais porque achava que eu iria recuar, mas não iria ficar assim, de graça, não, a minha ida até a mesa dele. Além do mais, ele ficou me alugando. Quer namorar de graça, vai a um barzinho da cidade, e não à boate, ocupar o tempo de quem está trabalhando.

Chegamos ao caixa, e a Leila já foi me alcançando a chave do quarto 2. Ela pediu o cartão do cliente, pois iria marcar o valor do programa e o número da acompanhante. Quando falei "meu número é 27, e o meu preço são 40 reais", ela se assustou, levantou a cabeça e disse: "Olha, eu não posso deixar passar um valor tão baixo, a casa tem o mínimo de 50 reais, não vou deixar cair o nível!" Pronto, era só essa que me faltava, agora: além de ter dado a maior dura para convencer o cliente, tinha ainda que largar um 171 na Leila. Argumentei com o tempo, pois só teríamos 20 minutos para ocupar o quarto; fiz cara de desespero e de "por favor". Nisso, só faltavam 15 minutos para o amigo dele sair do outro quarto, e eles irem embora. Dessa vez, ela deixou passar. Resultado final: para ele, cinco minutos eram mais do que suficientes. O Fábio tinha ejaculação precoce. Ficamos um

pouquinho abraçados, e ele começou a falar que adorava a esposa, tinha uma filha de cinco anos maravilhosa, que não precisava estar ali e que tinha tudo em casa. Fico pensando: se é tão boa assim, a casa dele, o que ele fazia lá? E se acha as garotas de programa tão ruins, porque vai às boates?

Acredito que ele começou a falar da esposa e da filha porque sentiu uma pontinha de remorso, ou por elas, ou pelo dinheiro, gasto tão rapidamente. Não parava de falar, e terminou o discurso de família perfeita com a observação de que a culpada pela ejaculação precoce era a "maldita" camisinha, pois ele não estava acostumado com ela. Fico a pensar em como os homens são preocupados com o seu desempenho sexual. Eu, sinceramente, não estava nem um pouco preocupada por não ter tido nenhum orgasmo. Aliás, estava aliviada por poder ir logo para o salão, pegar mais um cliente. O amigo já estava esperando. Levei-os até o carro, fiquei só na marcação permitida. Taí uma imposição da Leila de que eu gostava. Era bom poder dizer para o cliente: "Querido, só até aqui, a linha está aqui, ó, vai, vai que eu tenho que entrar, que a Leila não gosta, tá vendo lá o segurança no portão? Ele está nos vigiando".

Já abri a porta estilo faroeste do salão procurando o segundo alvo da noite. Achei! Dois bonitinhos, encostados no bar. Comecei a conversar com eles. Não demorou muito, veio a Leila e bateu na minha bunda, como quem diz "Siga-me". No caixa, ela me avisou que os dois tinham namorada na Boate e que era para eu ir falar com outros dois, que estavam no canto, sozinhos, mas, antes de ir lá, disfarçar com os clientes anteriores, porque eles haviam percebido que ela me chamara.

Eu não entendo direito como é que é esse negócio de namorado e namorada de boate. Para mim, é besteira, porque, pelo que eu vejo, o tal do namorado é um cliente ruim. Toma o tempo todo da menina em abraços e beijos, não a deixa trabalhar e, quando quer, pode sair com outra. Mas, se ela for dar em cima de outro cliente quando ele estiver lá, não pode. Acho ridículo, e burrice das meninas ter isso, para quê? Pelo *status* de ter um namorado? Às vezes, dá briga, lá, por causa desses namorados, entre umas e outras.

Voltei ao salão e falei que havia uma ligação para mim, mas que esta tinha

se perdido, disse “tchau” e fui atrás dos solitários do cantinho. Eles estavam sentados numa mesa, bebendo; logo, era um bom sinal. Outro sinal era a Leila ter me mandado para lá. Ela tem *feeling* e sabe quando o cliente é promissor. Aproximei-me deles e fui perguntando por que estavam sozinhos, e se eu podia sentar. Nossa! Como eram feios. Ele era negro, da cor do carvão, e parecia favelado, e o outro era um branquinho, estilo horroroso e, além de tudo, muito chato. Eles queriam duas mulheres para fazer o programa fora da casa. Era para já, tô dentro! O horroroso disse: “Meu amigo pretinho está na seca há quatro meses, coitado!” Coitado mesmo.

Ele foi falando, e eu já saí pelo salão para pegar uma garota para me acompanhar. Nenhuma das meninas queria ir, quase todas já acompanhadas. Cheguei à Alessandra, convidei-a. Ouvi: “Não gosto de preto, tenho nojo”. Cruzes, que preconceituosa! Não tenho esses problemas, não. Um dia, ela vai reclamar de alguém que tenha dito: “Não gosto de puta, tenho nojo”, e talvez nem se tocasse de que já tinha feito igual. Mais essa, agora: ter cliente e não ter garota. Olhei ao redor. A Fernanda estava saindo de um programa, tinha acabado de entrar no salão. Catei-a e disse: “Vem comigo, que tem trabalho para nós duas”. “Lógico que vou.” Gostei da Fernanda. Não tínhamos tido muito contato, antes, mas, depois de algumas atitudes, a gente já percebe o tipo de pessoa que a outra é.

A Fernanda é uma morena clara de pele, tem o cabelo até o queixo, preto, faz prancha para alisá-lo, tem bastante peito, é baixinha e deve ter uns 20 anos. A roupa que ela usa é estilo piranha: umas botas até o joelho, um *short* preto e justo, uma blusa hiperdecotada e uma capa preta por cima de tudo. Lembra-me a novela *Vamp*. Legítima piranha de zona, ela. A sua voz é amável, adoro a voz da Fernanda. Só a sua mãe sabe que ela trabalha; seu pai pensa que ela fica em Curitiba e é empregada numa fábrica. Numa das vezes em que ela foi para casa, levou um uniforme de funcionária, para provar. Mas ela disse que ninguém é bobo, e seu pai desconfia de que algo não cheira bem, porque ela volta quase todos os finais de semana para casa, e isso significa gasto. Taí, e os meus pais? Será que desconfiam? Não, acho que nem passa pela cabeça deles. Espero que seja assim para sempre.

A Fê já conhecia os meninos. Estávamos demorando a sair da casa, e eu comecei a apressar, detesto cliente chorão. Ainda bem que dei o preço de 120 reais e, então, tive margem para baixar para 100. Fomos, nós quatro, até o caixa, para eles acertarem o programa e a saída, e não é que, lá, eles começaram a chorar mais ainda para a Leila? Mas com a Leila não tem. Ela não baixou o valor, mas deu 30 dias no cheque. Isso é foda! Foda fiada...

Fomos no carro deles. A Fê ficou com o amigo pretinho, e eu, com o horrorozinho, e olha que, logo que chegara à mesa para conversar, fôra direto no pretinho, que era menos feinho. Chegamos a um edifício sem elevador. O apartamento era no terceiro andar. Estava arrumado. Cada casal foi para um quarto. A Fê combinou comigo que era dar uma e ir embora; a primeira que acabasse batia no quarto da outra. Eu concordei.

Do outro quarto, eu só ouvia as risadas da Fê. Com esse cliente, eu fui um pouco mais sem-vergonha do que com os outros. Tive dois orgasmos, e não foi fingimento, não. E nem era porque ele era bom de cama ou gostoso: é que eu estava a fim, mesmo. Fui deixando rolar livremente. A Fê começou a bater na porta. “Mas já?” Demorei um pouco mais para sair, porque eu queria ter o segundo orgasmo, ai, estava bom demais. Assim que eu tive, fui saindo da cama. Ele não tinha tido ainda o segundo, mas já fui falando: “Olha, temos que ir, eu sou mais nova na casa do que a Fê, e, se ela conta para a Dona Leila, vai sobrar para mim”. Deixei-o na mão. Ele não ficou bravo. A Fê me cutucou, sussurrando: “Para que tanta demora?” “Eu tava terminando o serviço, oras.”

Enquanto eles fechavam o apartamento, fomos, nós duas, descendo as escadas. No corredor, ela disse que estava com as pernas tremendo, de tão grosso e comprido que era o pênis do cliente dela. Nessa hora, agradeci por ter ficado com o meu horrorozinho. O pênis dele era fino, tamanho médio, quase pequeno, torto no ápice e quebrado na base. Aliás, ele era todo errado, fisicamente. Muito magro, sem peito, narigudo, olheiras fundas, olhos saltados, dentuço, com dentes encavalados, cabelo duro e, ainda por cima, chato. Muito chato!

No carro, na volta à Boate, nós quatro viemos conversando sobre

transtornos sexuais. A Fê, que é mais experiente do que eu, contou de clientes seus que pedem para ela transar com eles com o dedão do pé. Ela diz que coloca camisinha e manda ver, enquanto o cara se masturba pela frente. Ela diz que, às vezes, fica fumando, semi-sentada na cama, com os cotovelos apoiados no colchão e a perna fazendo o vaivém, para o dedão com camisinha entrar no cara. Ela também leva um pau de borracha para o quarto; está sempre na sua bolsa. Fizemos cara de espanto, todos nós. Ela fez cara de feliz, disse que até prefere, porque, assim, não dá desgaste físico.

Os clientes nos deixaram na Boate. Eu deveria dormir no quarto 2, mas já estava tudo trancado: os meninos fecharam a casa e foram dormir fora da Kity House, só voltariam depois do meio-dia. A Fê me convidou para dormir no seu quarto, lá tinha uma cama sobrando. Como não tinha outro lugar, fui. Ela disse para eu sair de uma vez da Boate e ir para o alojamento, que eu era louca de ficar lá sozinha, e que os espíritos rondavam os quartos. Por algum motivo, eu não tenho medo. Acredito que espíritos tem em toda parte, mas eles não podem me fazer nada.

Cheguei ao quarto da Fê e pulei para a cama de cima do beliche. A Nathália também dorme lá. Ela é uma menina bonita, faz bastante programa, e um *strip* com toalha e espuma pelo corpo bem legal. A música vai tocando, e ela vai dando a toalha para os clientes irem tirando a espuma do seu corpo. Nesses dias, passei por ela durante o dia e vi, na sua face, uma mancha. Era grande! Como não havia notado antes? É que, à noite, os gatos são pardos, e a maquiagem é pesada. Acho que ela não tem 20 anos. No banheiro ao lado, alguém vomitava freneticamente. A Fê falou que todo dia era assim. Quem será? Apaguei, tão logo me deitei.

Jaraguá do Sul, 25 de julho de 2003.

Quando acordei, achei que ainda não era meio-dia. A Nathália ainda dormia, e resolvi fazer o mínimo de barulho possível, para não acordá-la. Depois do soco na Duda, eu penso que ela é muito brava. Pensei que não

fosse meio-dia ainda, e fiquei a rolar pelo colchão. A Fê se levantou. Perguntei que horas eram. “Duas da tarde.” Dei um pulo da cama. Será que tinha sobrado alguma coisa do café?

O Luiz me convidou para ir até o Pesque & Pague. Nem tinha muita vontade de ir, mas eu já era vista como um E.T. solitário, perdido nas pedreiras. Resolvi aceitar, mais para tranqüilizá-lo de que eu era gente. Nem tomei banho, e fomos. Lá, estavam a Layla e uma amiga, comendo peixe frito, e, embora eu não tenha nada contra elas, a recíproca não é verdadeira. Sentei em uma mesa próxima e as ouvi aumentarem a voz, como se me dessem uma indireta. “Tem gente que fica fazendo programa um atrás do outro, só porque é nova na casa. Quero ver. Depois de algum tempo, não faz mais nada.” Puxa! Aquela, sim, tinha sido uma direta. Fingi que não ouvi.

A dona do Pesque & Pague não gosta da gente. Ela acha que lá não é o nosso lugar, e que somos indecentes demais para um local familiar. Todas nós vamos vestidas como garotas normais, ninguém lá anda de roupa transparente. Não estamos trabalhando, só passeando um pouquinho.

Não me demorei muito. Dei uma volta com a Débora lá dentro e sentamos, para conversar. Ela me falou da Boate Pérolas de Florianópolis, da sua saída das drogas e do seu namorado. Ela é uma baixinha de 1,50 m, simpaticíssima, que ganha o cliente só na conversa e está sempre com blusa decotada, para mostrar o peito grande e a tatuagem do lado esquerdo. Tem 30 anos, mas parece ter 23. Usa o cabelo na altura do pescoço; é do tipo pixaim alisado, que ela pinta de loiro claro. De vez em quando, ela passa o final de semana em Balneário Camboriú. Seu namorado é moto-táxi lá, e combinamos voltar juntas na sexta-feira. Pensei na possibilidade de, no verão, ficar na Boate Pérolas. Dizem que são 80 mulheres para 200 homens, e *show* de *strip* de cinco em cinco minutos.

Voltamos, as duas, a passos de tartaruga pela estrada de chão batido, e escondendo o rosto para o lado do mato, quando passavam os caminhões. Da próxima vez, vou de velho e bom Landau. Entrei no quarto 2. Eu estava precisando, urgentemente, de banho.

Às 18 horas, a tia da Boate bateu à minha porta: viera me avisar que o

jantar estava servido. Jantei com a Márcia e a Cíntia, que conheci também na Privê de Blumenau. Lembro-me bem da primeira noite em que as avistei por lá.

Estávamos numas 20 garotas naquela noite, na Privê, quando chegou um bando novo, de cinco meninas. Faziam a maior festa e estavam meio bêbadas, já. Elas eram da Casa do Gil, de Blumenau, e, como o movimento estava fraco naquele dia na casa delas, elas resolveram visitar a Privê, para ver o que encontravam por lá. A Márcia estava com um vestido preto tubinho, estilo social, um sapato de salto alto, e maquiada. Bem espontânea, ela ria todas; era profissional, mesmo. A Cíntia parecia uma menininha de uns 16 anos. Estava de roupa fechada, e ninguém diria que ela era garota de programa. Ainda lembro que ela tinha cabelo curtinho. Conheci-as no ano passado, logo que comecei a trabalhar. Eram amigas e dividiam a mesma casa há um bom tempo. As duas tinham 1,50 m, eram loiras e bebiam todas, mas todas mesmo. Era quase um lema: "Vivemos para beber". A vida é uma festa num copo de cerveja, ou, de preferência, no uísque. Eram legais, bem divertidas. Naquela noite em que as conheci, estavam ainda com elas as duas Biancas, casal de namoradas, uma mais linda que a outra, e a Érika, uma quinta menina loira, de cabelo comprido e que, até então, tinha feito o melhor *strip* a que eu assistira. Ela não tinha o rosto muito bonito, não, mas tinha "o corpo": era perfeito. O cliente pagou a ela 50 reais pelo *strip*. Quando ela subiu ao palco da Privê, todo mundo começou a assoviar. Já sabiam que ela dançava, acho que era conhecida do povo ali. Uns gritavam: "Vai lá, mostra como é que se faz!" Colocaram a música *Baba baby*, da Kelly Key.

Impressionante! Ela começou rebolando de costas, com uma sainha branca, minúscula, e requebrava. A homarada daquela boate veio abaixo! Ela rebolava de frente, de lado, e deslizava, agarrando-se ao postinho. Todo mundo gritava! Até eu estava achando o máximo, inclusive aplaudi e gritei UHUUUH!! Ela pegou o cliente, tirou-o da mesa e colocou-o no palco, atirou-o no chão, pisou nele com um salto, tirou toda a roupa e se atirou em cima dele, tudo isso seguindo o ritmo. Tirou a cinta da calça do rapaz, deu

umas chicotadas no chão, montou para cima e começou a sacudir os cabelos e a fazer um gingado muito rápido, simulando uma penetração selvagem. Requebrou mais um pouco, empinou-se toda. Os clientes estavam quase pulando sobre o palco para pegá-la, mas o cara é que estava sem fôlego: só arfava, no chão, embaixo de todo aquele corpo. A música acabou, a Érika se levantou. Eram palmas e assovios para todos os lados. Ela foi para o banheiro, vestiu a roupa e, depois, voltou para a mesa.

Tive uma lição, com isso. Nem sempre beleza é tudo. O talento da pessoa conta muito, e o que ela é, quando abre a boca, também. A empolgação foi geral. Pagaram mais um *strip* para a amiga dela, uma das Biancas. Linda, mas linda mesmo! A menina parecia uma princesa, rosto de boneca de porcelana, cabelos cacheados, loira, alta e magra. Mas sem sal, quando dançava. Bebia tanto, que fez o *strip* segurando um copo de uísque. Tirava uma peça e tomava um gole. Ela namorava, há um bom tempo, a outra Bianca, morena. Tinham muito ciúme uma da outra. A Bianca loira era muito brava, daquelas de surrar as outras. Avisaram-me, quando as viram entrar, para não puxar conversa com a namorada, e, se algum cliente quisesse sair comigo e com alguma delas junto, era melhor não ir, porque sempre dava briga no final. A que ficava no salão acabava batendo na porta do quarto e armando confusão, achando que a outra Bianca a estava traindo, às escondidas, com a garota de programa e o cliente. Adivinha para quem sempre sobrava?

No final da noite, todas elas tinham feito programa e saíam da casa rindo, totalmente bêbadas. Parece que se encontraram na vida. Os afins se atraem. Ainda vi a Bianca loira voltar, pagar uma dose de uísque e sair com o copo na mão, cantarolando. Eu não consigo gastar o dinheiro que ganho com bebida. Primeiro, porque não gosto do gosto de álcool; se ele tivesse gosto de chocolate, eu seria alcoólatra assumida. Segundo, que é um dinheiro ganho sofrido. Quero fazer com ele coisas mais concretas. E, terceiro, que gosto do meu corpo o suficiente para não destruí-lo com cigarro, drogas e álcool.

Durante o jantar, a Márcia me perguntou se poderia voltar comigo. Ela

ficaria na metade do caminho, em Blumenau. Falei que, por mim, tudo bem. Resolvemos ir até o Pesque & Pague de carro, para ver se mais alguma garota ajudava na gasolina e voltava conosco. Dessa vez, fomos de carro. Além de ter que caminhar um pouquinho, eu já estava de banho tomado e não iria comer mais poeira.

Quando chegamos lá, as meninas estavam numa mesa igual à da Santa Ceia, com peixe e bebida. Eram umas dez, sentadinhas, rindo e conversando com quatro clientes. Pedi um cantinho, e começamos a ver quem tinha interesse em voltar comigo na sexta-feira. Uma delas me perguntou: "O que você tanto escreve naquele diário?" Elas ficavam intrigadas mesmo com aquela minha atitude. Ali, nenhuma estudava, e escrever ou ler era coisa de outro mundo. Realmente, eu penso que, se elas tivessem me apelidado de alguma coisa, seria de E.T.

Expliquei que era uma autobiografia, que eu estava numa fase muito difícil da vida e que a minha terapeuta tinha me sugerido escrever. Pronto, elas entenderam. Quando o assunto ali são os problemas da vida, todas entendem, porque todas os têm. A Duda se levantou. Ela estava feliz, no meio da mesa, no lado oposto ao meu. Disse, rindo, não sei se era a bebida ou um momento de felicidade: "Transforme seu diário em um livro! Você pode contar a nossa história, como vivemos no dia-a-dia, e fazer as pessoas verem que somos normais. Aproveita para relatar as aberrações que ocorrem dentro dos quartos, e de que ninguém sabe". Os clientes apoiaram. Um deles brincou e disse: "Mas não coloque o meu nome". Fiquei olhando a Duda. Quero tanto que ela seja feliz, na vida! É uma ótima pessoa, e, vendo-a ali, a rir, ninguém diz tudo pelo que ela já passou.

Então, o gordinho ao meu lado começou a mostrar interesse por mim. Pediu para eu levantar e dar uma voltinha, que ele queria olhar o material, mas que eu fosse bem discreta, porque a amiga da sua esposa também estava no Pesque & Pague, em uma mesa próxima. Achei uma tremenda cara-de-pau ele me pedir isso. Aproveitei e respondi: "Faz o seguinte: vai lá na Boate, à noite. Estou sempre por lá. Te deixo examinar, botar a mão e tudo o mais que tu quiser. Você prova e aprova!"

Deixei acertado quem iria comigo e voltei para a Kity House. Não tinha muito tempo sobrando até as 21h. Tinha me vestido de piranha, nesses dias. Hoje, estava a fim de ir normal. Eu sou assim mesmo, não me entendo, às vezes: piranha num dia, santa no outro. Eu preciso me definir, encontrar a definição para aquilo que eu sou. Quem é a Vanessa?

Fui para o salão, com mais três garotas. Todas as outras meninas estavam atrasadas, e o Luiz, dizendo que comunicaria isso à Leila: "Isso não pode acontecer, atrapalha o bom funcionamento da Boate. Onde já se viu, a casa começar a encher e não ter mulher? Aqui não é um bar, é uma zona". Ele disse isso bravo.

Por sorte, a cidade de Jaraguá do Sul estava em festa, nem sei por que, e os clientes demorariam a chegar. Eu sentei no sofá em frente à porta e vi quando dois homens entraram, um alemão e um mais alto, e foram direto ao final do corredor. Convidei a Adriana para irmos atrás e conversar com eles. "Marise, eles foram até o banheiro, espera voltarem." Meu sexto sentido disse que não, e fui à procura deles. Até tinham ido em direção ao banheiro, mas viraram até o caixa, para cumprimentar a Leila. Fui chegando, devagarinho. A Leila me viu e me chamou, para apresentá-los. Formalidades feitas, eles foram para o salão, e eu fui atrás. O mais alto foi conversar com a Leinha, eles já se conheciam, e eu me sentei nas cadeiras altas do balcão do bar, com o alemão. Já pedi minha dose de energético com uísque. Bebia só o energético. O amigo dele tentava passar a mão em mim, e eu não deixava. O alemão começou a me beijar. Ele beijava bem. Deixei-o colocar a mão no meu peito. Deu, agora já era. Perguntou quanto era o programa. Falei 120 reais. Ele disse que não estava preparado. Continuei beijando-o e provocando. Falei, ao pé do ouvido dele: "Hoje veio uma mulher aqui vender umas *lingeries* diferentes, e eu queria usar com você". Ele se levantou e disse: "Vamos!"

Ficou louco! Óbvio que eu me referia àquela minha fantasia de enfermeira, e olha que já tinha usado uma pá de vezes antes. Para variar, quarto 2: ele foi tomar banho no *box* do chuveiro, e eu, me trocar no *box* do vaso. Perguntei: "Posso sair?" "Claro que pode, estou dodói." Ele adorou! "Então, eu sou a

enfermeira que vai te cuidar, e você é o meu bebê prematuro.” Ele era muito carinhoso, beijou tudinho, até o meu pé. Comecei pelo oral e, depois, sentei, aquela boa sentada de sempre, mas comecei a sentir umas dores horrorosas. O que era aquilo, meu Deus? Dei uma parada, com a desculpa de abrir o tubo de gel que estava ao meu lado e, sem desfazer a penetração, enrolei para abrir o tubo, a dor era muito forte. Só que ele é que não estava mais agüentando: “Menina, não agüento mais, vou gooooooooozaaaaaaaaarrrrrrrrr!” Só dei mais uma mexidinha, para dizer que tinha feito alguma coisa, na hora H. Saí de cima e me joguei na cama, encolhida. Que dor mais estranha, aquela. Achei que ele fosse chorar; melhor, acho que até chorou. Estava meio escuro, e não dava para ver direito, por causa da iluminação avermelhada. Ele só dizia: “Nãããããoooo... Eu queria ter esperado por você”. Colocou as mãos na cabeça e ficou se culpando, mal vendo que eu estava louca para sair daquela situação. Ele falou que já já ia se recuperar. “Meu Deus, não vou ter um orgasmo nunca, e nem quero mais nada”, pirei. “Vai tomar banho, alemão, vai, que, quando você sair daqui, te faço uma massagem.”

Eu queria que o tempo passasse. Ele errou de *box*, abriu o do vaso e me perguntou o que era aquilo. Respondi que era um vaso, como se ter um vaso dentro de um *box* fosse normal. Depois do banho, abraçou-se a mim, e, então, começamos a conversar. Ele é contra o uso de preservativos e queria saber se poderíamos fazer sem camisinha, caso viéssemos a nos encontrar seguidamente. Deixei bem claro que não. Ele tem 55 anos, mas está inteiraço. Trabalha na área da saúde. Edmundo, o seu nome. Disse que havia gostado de mim e perguntou se eu aceitava ser sua amante. Eu falei que não entendia bem esse negócio de namorar menina de boate, e até continuo sem entender. Ele virá na semana que vem e quer ficar umas quatro horas comigo no motel. Doeu o útero novamente, só de pensar. Acho que, hoje, não faço mais nenhum programa. Ele é casado, e a esposa faz aniversário no mesmo dia que eu. Deixou-me seu telefone, caso eu precisasse de algo. Levei-o até o limite da Boate, para que ele fosse embora. Santo e abençoado limite. Adoro aquela marcação.

Entrando no salão, já comecei a busca pelo próximo alvo. A Nathália estava com seu namorado e com mais dois amigos. Um deles era mais baixinho e parecia ter saído do meio da favela. O outro era mais velho, com uma aparência de homem sofrido. Não dei bola para o baixinho novo, comecei a dançar com o outro. Seu nome era Paulo. Ele só observava, bastante tímido. Quando me aproximei, ele se afastou. Começamos a conversar, e percebi que havia muito preconceito nele. Perguntou-me por que eu estava ali. "Eu gosto deste lugar, Paulo. É uma opção." Aproximei-me para abraçá-lo e tentar dar-lhe um beijo; ele recuou. "Olha, menina, meu preconceito não deixa." Pedi a ele uma dose de energético com uísque; ganhei. Logo, ainda havia possibilidades. Interessado, ele estava, só que a sua consciência o culpava. Ele não queria ir, por conta própria, para o quarto. Esse era do tipo que devia ser levado, quase arrastado, para que, no final, pudesse dizer a si mesmo que não tivera culpa, que sair com uma garota de programa é feio, mas que ele não tinha tido outra alternativa. O jeito era envolvê-lo mais, conversar mais. Ele disse que gostaria de ter me conhecido, mas em um lugar diferente daquele. Que cara chato, meu Deus! O que ele estava, então, fazendo ali?

Nisso, veio a Adriana e me perguntou o que eu achava de ela sair com um cliente e com outra garota da Boate. O cara queria pagar a ela só 50 reais. Disse para ela dar uma volta e tentar pegar outro cliente, que deixasse esse para o final da noite. Quando voltei a minha atenção para o cliente preconceituoso, vi que ele estava mais acessível. Falei para as meninas, que estavam perto e me fazendo sinal para desistir, que agora já era uma questão de honra. A Débora também já havia perdido algum tempo com ele. Abracei-o novamente e fui dizendo que eu tinha vontade de sair com ele. Percebi, pela sua expressão, que isso era importante. Eu sou safada mesmo, e cretina, porque os pego, senão pela cabeça de baixo, pela ponta do coração, e, se nenhuma dessas alternativas funcionar, então invisto na cabeça de cima e bato um papo intelectual, de quem fala difícil, mas não diz porra nenhuma. Eu sou esperta ou inteligente? O que eu sou? Tenho dificuldade em definir as coisas em mim.

Então, comecei a puxá-lo em direção ao caixa. Ele recuava um pouco e, depois, se deixava levar, mas não dizia não. Cheguei à frente do caixa, mas a Leila não estava ali. Se eu saísse do posto para chamá-la, perderia a batalha. Por sorte, uma das meninas apareceu, e eu pedi que chamasse a Leila para mim. Graças a Deus, ela não demorou. O quarto 2 estava ocupado; tivemos que ir para o 1. Sinto uma energia tão negativa, naquele. E agora, será que eu iria começar com aquelas dores, novamente?

Falei que colocaria a minha roupinha especial para ele, que seria o primeiro com quem eu a usaria e que a havia comprado aquela tarde. Fui para o *box* do vaso e pedi que ele tirasse a roupa e se deitasse. Eu estava tão cansada. Saí do *box,* e novamente surgiu uma carinha de surpresa, naquela noite. Não transamos, e tudo ficou entre beijos, algumas carícias e conversa. Ele disse que só precisava de carinho, mais nada. Puuuuuxa, como esses homens são carentes, não? Acho até que são uns bebezinhos, mesmo. Perguntei sobre o casamento dele. Ele tinha vontade de se separar. Haviam se passado 20 anos, e ele não via nada de legal em estar casado, era como se fossem dois estranhos dentro da mesma casa. Às vezes, as pessoas convivem por muitos anos, mas não adquirem intimidade. Podem dormir, almoçar, criar os filhos e não se conhecer de verdade. Ele confessou que seu nome não era Paulo, mas Odilon. Até eles trocam de nome, nesse mundo de fantasia. De uma hora para outra, ele resolveu que queria sexo, mas sem camisinha. “De jeito nenhum, sem chances.” “Então, não quero mais. Deixa, garota.” Por mim, melhor ainda: já marcaram o valor do programa no cartão, e, agora, eu recebo de qualquer jeito, mesmo. A Leila bateu na porta, acabara o tempo. O interfone do quarto devia estar estragado.

Era sexta-feira, e o acerto da semana começava no final da madrugada. A grande maioria das meninas já havia recebido seus valores. Entrei na sala dela. Ela me comunicou que essa semana havia sido fraca, porque era final de mês, e a semana que viria, sem ser a próxima, seria melhor, porque os pagamentos saem depois do dia 5. Cada uma fez as suas contas. Ela era organizada. Eu tinha anotado os meus valores de programas e comissão das bebidas, e foi exatamente o mesmo resultado que o dela, 935 reais. Ela pediu

que eu voltasse na semana seguinte. Eu voltaria, com certeza. Ainda precisava juntar mais de mil reais, para fazer o acerto com a faculdade e poder cursar o 5º período. Trabalhei por cinco dias e obtive esse valor. A Boate não funciona aos sábados e domingos. A maioria das meninas vai para casa no final de semana. Eu iria para a minha. A minha filha ainda está na minha mãe, aproveitando as férias de julho. Então, vou descansar tudo o que puder, para poder trabalhar bem na próxima semana.

Eu e as meninas começamos a colocar as malas dentro do carro assim que recebemos. Era uma confusão só. Elas iam para a Boate, trabalhar durante a semana, como quem vai de mudança definitiva. Todos os apetrechos possíveis de produção iam junto. A Cíntia, bem pequenininha, foi levantar a mala e colocá-la na parte de trás do carro, mas caiu com ela no colo. Não conseguia mais se levantar. A Márcia, muito bêbada, ria e não tinha condição nenhuma de ajudar a amiga. A Rose sentou-se no banco da frente, ia animando: "Vamos, gente, apressa, vai", e a Débora estava muito nervosa, porque as suas mochilas não cabiam todas. Tinha ainda a Alessandra e a Duda, que estavam na esperança de sobrar espaço. Mas era totalmente impossível. Uma confusão, até sairmos. No caminho, a Márcia e a Cíntia me fizeram parar num posto, porque elas precisavam beber mais cerveja. Comi um bolinho e ganhei três bombons das meninas. Deixei a dupla em Blumenau, junto com a Rose (todas elas moram perto), e fui, com a Débora, para Balneário Camboriú. Não sei bem que caminho tomei. Existem três estradas que levam à minha cidade, mas sempre erro em algum ponto, e o que é para durar uma hora e pouco sempre se transforma em duas.

Viemos, eu e a Débora, ouvindo som e conversando um pouco sobre nossas vidas. Pensei muito no Fausto, no caminho de volta. Enquanto eu trabalho, não penso nele, mas, quando tudo acaba e eu acordo, no outro dia, o que faço é ficar analisando a nossa história, onde erramos, o que aconteceu? Como eu pude não perceber? Eu gostava muito dele, mas não pude ficar com ele. Não agüentei tanto sexo, tanto ciúme, tanta traição e tantas surpresas sobre a sua verdadeira personalidade. Dois anos não se esquecem assim, tão fácil. Faz bem mais de um ano que estamos separados, mas eu ainda penso em toda a

tragédia. Muito forte, o que havia acontecido. Ele não era um cliente meu, mas tínhamos uma relação que envolvia sexo e dinheiro.

Deixei a Débora em casa. Não é que o namorado dela morava perto de mim? Como ela estava sem a chave do portão, ficamos esperando que ele chegasse. Ele trabalha como moto-táxi, no período noturno, e já estava chegando em casa. Deitamos os bancos do carro e ficamos dormindo. Eram umas sete e meia da manhã quando fui para casa. Sentia-me fraca e, ao abrir a porta do apartamento, percebi que haviam cortado a minha luz. De novo? Essa não. Olhei para a pia da minha cozinha e vi que as formigas haviam voltado. Eu esquecera farelos de pão e, na luta pela sobrevivência, elas os tinham encontrado. Mais essa, agora! Vou começar novamente a minha luta contra elas. Pus as mochilas para dentro e me atirei na cama, sem banho mesmo. Tirei toda a roupa, coloquei o tapa-olho e disse a mim mesma: "Boa noite, Cinderela, sonhe com o mundo encantado".

(...) sonhando (...)
... Então, perguntou a Cinderela – "Ele virá?"
(...) não sei nem se ele existe (...)

Balneário Camboriú, 28 de julho de 2003.

Estou me sentindo melhor em me afastar de Balneário Camboriú. Passei um fim de semana péssimo, lembrando-me do Fausto, e sem dinheiro. O que ganhei, preciso guardar, para quitar a dívida do curso de enfermagem. Abriguei-me na casa da Cris, uma grande amiga minha, da faculdade. A luz só vai voltar amanhã. O único capricho que me permiti foi comer um prato de macarrão ao molho de estrogonofe, no *shopping*. Uma das coisas que mais detesto é privação de comida. Acho que ficou o trauma de quando eu saí de casa.

A Deborazinha já estava em Blumenau. Eu tinha que passar lá para pegar as meninas e irmos, todas juntas, novamente para Jaraguá. O pior de tudo é

que já eram seis e meia da tarde; chegaríamos em cima da hora. Errei novamente o caminho. Como posso fazer sempre isso? Acabei por tomar a estrada mais longa, e foi mais de uma hora até chegar a Blumenau. O meu celular não pegava, por causa dos morros, e eu não tinha cartão telefônico para ligar. Quando cheguei, a Rose estava apavorada. Ela é uma menina bem legal. Tem um rosto redondo, com traços orientais, um nariz quase como de mulata, pele cor de cuia e fartos e longos cabelos negros. Tem o corpo grande e está fazendo a maior força para emagrecer. Tem um filho de nove anos que é um barato. Apesar de ela nunca ter contado ao seu pai no que trabalha (ele mora com ela e com o menino, e cuida dele durante a semana), ela sente que ele sabe. Ela disse que o seu serviço era em um bingo de Jaraguá do Sul, e que, lá, pagavam bem, porque ela trabalha à noite. Ele não faz maiores perguntas e nunca contestou, porque sabe que é a maneira de a filha criar o garoto. O ex-marido não ajuda em nada, e, por isso, fica difícil. Estamos, eu e a Rose, no mesmo barco. Uma entende a outra. Não se pode contar com os homens.

Tínhamos ainda que pegar a Deborazinha em frente ao Salão Palmeiras. Chegando lá, custamos a encontrá-la. Podia ser que ela tivesse ido, de tanto cansar de esperar. Comprei um cartão telefônico, para ligar para o seu celular, e, nisso, a Rose avistou-a: mochilinha nas costas, sorridente. Tinha nos encontrado. Eu estava morrendo de fome, a Rose, de pressa, e a Deborazinha, de vontade de cheirar. E olha que ela havia me dado, na semana anterior, um depoimento e tanto sobre sua saída do mundo das drogas. Eu e a Rose fomos incentivando-a a resistir à vontade. O dinheiro dela estava sendo gasto em vão. Afinal, por que é, então, que ela fazia programa?

Ela também queria parar para comer alguma coisa. Nós chegaríamos a Jaraguá do Sul depois de uma hora, e só encontraríamos um restinho de jantar, se ainda tivesse. A Deborazinha falou de uma lanchonete ótima, no caminho. Poderíamos parar ali para comer. Não demorou muito para chegarmos. Logo que descemos do carro, ela inventou de ir ao banheiro; levou inclusive papel higiênico. Eu e a Rose entramos. Era uma lanchonete

escura, vazia, só com bebidas. Estranhei. Não havia quase nada para comer, só empanadinho de salsicha. Nem café-com-leite tinha, porque aquele era mais um bar de bêbados do que de esfomeados. Então, pedi um Nescauzinho, desses de caixinha, que já vem pronto, e dois empanados. Reclamei com a Rose sobre como podia a Deborazinha achar aquela lanchonete maravilhosa? "Marise, você não percebeu ainda que ela queria, na verdade, que nós parássemos em algum lugar onde ela sabia que conseguiria pó?" Eu não esperava por essa. Tem umas três uísquerias de beira de estrada ao redor da lanchonete, com garotas que devem custar em torno de 30 reais: Lady's Night Club, Sweet Love e Boate Lua de Fel. Uma das proprietárias fornece pó às garotas, para que elas fiquem na casa. Quando acabamos de comer, a Deborazinha chegou, tomando uma latinha de cerveja e pedindo batatinha. Olhei para ela atravessado. Ela havia me pedido para pagar a ajuda da gasolina no meio da semana, e eu havia concordado, mas, agora, ela estava sem jeito, porque sabia que eu tinha percebido que ela estava atrás de droga e que gastaria aquele dinheiro com uma buchinha de pó. Estendeu-me os dez reais. Peguei, sem dizer uma palavra.

Quando chegamos à Boate, fui direto para o quarto 2. Agora, eu me sentia em casa. Tomei um banho, coloquei uma bota preta, de cano alto, uma calça *jeans* com cós baixo e uma blusa vermelha. Essa é a minha cor preferida. Nessa semana, havia várias garotas novas, a maioria loira tingida. Mas ainda bem que eu continuava sendo a única ruiva da história.

Não demorou muito para que entrassem dois clientes juntos. Um deles era um gato, muito lindo. Devia ter uns 30 anos, perfeito, bem vestido, sorriso maravilhoso, barbeado, cabelo curtinho, em forma, enfim: fisicamente, tudo estava "nos conformes". É lógico que não dei atenção a ele, mas, sim, ao seu amigo, que era mais velho (e, possivelmente, sexualmente menos ativo). Antes de ir até eles, perguntei às meninas informações sexuais a respeito do mais velho, e elas me falaram que ele tinha o pênis pequeno e gozava rápido. "Esse é dos meus!" Dirigi-me até eles. Antes de eu ir, uma me avisou: "Olha, a Leila não gosta muito dele, nem eu, e a amiga, aqui, também não". Mas sempre acredito que não posso tirar conclusões baseada nas vivências dos

outros. Tenho que analisar pelas minhas próprias vivências. Logo, não seria esse comentário que me faria recuar, na tentativa de ganhar um cliente. Eu tinha uma meta a cumprir: juntar meus dois mil reais, e ia trabalhar para isso.

Uma pausa. Dois pontos:

"Dinheiro não tem a mínima importância, desde que a gente tenha muito."
Truman Capote

Aproximei-me, sorrindo, como sempre, bem de mansinho. Fiz carinha de anjo. Os dois olharam para mim. Perguntei ao mais velho: "Como é o seu nome?" Ele me olhou dos pés à cabeça, com ar de superioridade. Fez cara de diabinho, franziu a testa e me perguntou, com voz de arrogância: "Para que você quer saber?" Fiquei sem ação. Não tive presença de espírito, nem sabia o que dizer. A boca abriu, e falei a primeira coisa que veio dela: "Você me interessa!" Ficou pior ainda. Ele se virou para o amigo, fez um comentário e saiu, como se eu nem existisse. Entendo bem por que ele não mora no coração de ninguém ali. O jeito foi eu remendar, virar para o gatérrimo do seu amigo e esticar a conversa: "Vem sempre aqui?", como se nada tivesse acontecido. Adriano, o seu nome. Era lindo e educado. Conversamos bastante. Ele é representante comercial em Itajaí, e a conversa até estava interessante. Vi o Edmundo passar, sem me reconhecer. Ele entrou e foi novamente cumprimentar a Leila. Nessa hora, esqueci que o Adriano existia e fui atrás. Saí dali, como se ele nem existisse. Quando o alemão me viu, eu o beijei.

Fomos para a mesa do cantinho, eu já pedindo o meu uísque com energético. Nem tinha bem tomado metade do energético, e ele levantou-se e disse: "Vamos para o quarto. Pago 80". Nem respondi. Esse estava decidido. Eu é que não iria enrolar mais tempo, negociando valores. Faço de uma vez e fico pronta para o próximo. Quarto 2, de novo. Dessa vez, foi bem legal. Ele é muito carinhoso, eu estava tranqüila e fiquei tirando onda com ele e dizendo que, hoje, faríamos sexo anal sem preservativo, só para mexer com

ele. Depois de muita brincadeira, eu propus que colocássemos a camisinha. Enlouqueci aquele homem e, por fim, fiquei de quatro. Ordenei que me comesse assim, que era como eu queria gozar, junto com ele. Mas ele foi rápido demais, e, como havíamos combinado gozar juntos, eu me pus a fingir. Meu Deus! Eu finjo muito mal, não tenho dúvidas disso, e ele percebeu. Neguei veementemente, mas ele não acreditou. Eu me assustei com ele, porque gritou, transpirou e tremeu todo.

Deitou-se ao meu lado, acabado. Ficamos a conversar sobre a vida e a tomar cerveja. Eu bebia, colocava na minha boca e passava para a dele. Também não gosto de cerveja. Tomamos banho juntos e voltamos para o salão. Pedi mais um energético com uma dose de uísque, que ficou dançando, solitária, em cima da minha mesa. Bebi só o energético. Peguei-me com os pensamentos voltados para o Fausto, desviei-me o máximo que pude. O Edmundo falava, e eu nem ouvia. Quando me orientei em tempo e espaço, percebi que ele dizia ter uma filha de 30 anos, morena e bonita, e, sempre que estavam juntos pelo centro, fazendo alguma coisa, ele se sentia mais assediado pelas mulheres. Eu disse a ele que as mulheres têm um espírito de competição e que, se um homem está acompanhado por uma bela mulher, daquelas que elas julgam ser melhores, e esse homem as olha, mesmo estando acompanhado por um monumento feminino, então essas mulheres se sentem muito bem. É um bálsamo, para o ego e para a alma, pois é como se elas fossem melhores do que aquela que está ao lado dele.

Sempre achei isso uma falta de inteligência das mulheres. Elas deviam ser mais unidas. Geralmente, uma mulher se arruma para competir com outra, e não para si ou para a pessoa de que gosta. Elas reparam muito mais umas nas outras, comparando traços, como a quantidade de celulite, do que os homens.

Ele concordou. Fiz uma pergunta boba, e obtive uma resposta que era preferível ter ouvido em outro momento: “Edmundo, o que tua esposa deveria fazer para que você fosse fiel a ela?” Ele respondeu, naturalmente: “Nada, ela é ótima”. Petrifiquei. Esse é um instinto do homem. Depois, senti uma tristeza profunda. Será que não irei encontrar ninguém que olhe para mim, se sinta completo e pense sempre em estar comigo? Que pense que

todos os melhores momentos da vida dele deveriam ser ao meu lado? Parece uma utopia, isso. Quem sabe, um sonho? Será que isso existe? Essa espécie de sentimento, que eu imagino que deva ocorrer entre um homem e uma mulher, será capaz de acontecer? Amor, cumplicidade, fidelidade, respeito, dedicação e amizade. Tudo reunido e temperado com sexo e química. É pedir demais da vida?

Levei o Edmundo até lá fora, esqueci-me do limite e fui até a porta do seu carro. O Wilson me chamou a atenção: "Volta, Marise, olha a limitação". "Desculpe-me, Wilson, eu esqueci de novo." E era sincero. Estava tão aérea, lutando contra minhas reflexões e contra as lembranças de todos os tormentos da minha relação com o Fausto, que não me lembrava mais da linha.

Assim que o Edmundo saiu, a Leila veio me dizer: "Esse aí está apaixonado". É fácil fazer um homem ficar apaixonado por você. É muito fácil. Basta seguir umas regrinhas básicas. Difícil é fazer com que ele ame você. Isso não tem receita. O amor independe da sua ação, depende totalmente do coração da outra pessoa. Você pode fazer de tudo, que, se a química não rolar, as mãos não suarem e o coração não disparar, nada vai acontecer quanto a sentimentos mais profundos. A paixão tem um tempo hábil; dura enquanto você adubar com receitas para impressionar, mas raramente ultrapassa três anos. Dura enquanto você parecer exatamente aquilo que a outra pessoa espera que você seja. Vai durar um tempo; depois, até você cansa de ser o que o outro quer que você seja. Mas, se for amor, então já era. Você pode se transformar de uma hora para outra, mudar totalmente, que o amor vai permanecer e, mesmo assim, a pessoa vai querer ficar com você. Mas não há garantia de que a paixão vire amor. Não acredito em amor à primeira vista, mas, em paixão à primeira vista, sim.

As dicas da Leila costumavam ser quentes: "Entra e aproveita, que tem um dando sopa no balcão do bar". Tinha visto esse menino entrar na Boate enquanto me despedia do Edmundo. Aproximei-me dele, era uma graça. Tinha 21 anos, fazia faculdade, tinha um estilo nada social e revoltado contra as regras, e era inteligente. Seu nome era Leandro, e me ofereceu uma

bebida. “Lu, me serve o de sempre.” Lá veio mais um uísque dançante com energético. O Lu havia enchido meu copo de gelo, bom garoto! Tomei o energético todo. Gosto, porque parece que estou tomando aspirina infantil diluída em refrigerante Sprite. Sentamos num cantinho. Ele me deu uns beijos, e já sugeri fazermos um programa. Ele disse que só tinha ido lá para beber. Achei uma tremenda cara-de-pau. Então, quer dizer que me pagar uma dose dava direito a uns beijos?

Veio a Leila e pediu que subíssemos para o quarto ou acertássemos com o caixa, pois a Boate fecharia um pouco mais cedo naquele dia. Despedi-me do rapaz e fui para o meu quarto. A Márcia estava bem mal, totalmente bêbada. Ela me chamava. Estava desorientada dentro do seu quarto, não conseguia tirar a roupa nem se manter sentada na cama. Ela, novamente, tinha bebido tudo o que apareceu pelo salão. Já a tinha visto pegar sobra de bebida de copo de cliente de outra mesa.

Nessa noite, ela tinha dado o *show* no salão, feito *strip* de graça e se agarrado a noite toda com um cinqüentão. Ela e a Cíntia iam dormir no quarto 1. Combinamos de manter as portas abertas; assim, aquela que tivesse medo gritava para as outras. Eu já havia bebido algum energético naquela noite e não iria conseguir dormir. Fiquei andando de um lado para outro. As minhas férias de julho logo vão terminar. Estou pensando em como trabalhar e continuar estudando ao mesmo tempo. Pensa, cérebro, pensa, cérebro, pensa. Foi me dando sono. As meninas estavam dormindo e, depois de toda aquela bebedeira, nada as acordaria, nem meus gritos. Está muito frio também, e eu preciso de mais cobertores. Estou bem gelada, nesse final de noite. Amanhã, vou pedir para os meninos providenciarem um cobertor bem quente para mim.

Jaraguá do Sul, 29 de julho de 2003.

Levantei-me perto das 11 da manhã. O café já estava montado. Eu e o Wilson o tomamos juntos. Ele me disse que era casado. Penso que deve ser

difícil manter um casamento à distância. Ele não trai a esposa. Vejo-o, na casa, sempre trabalhando e respeitando as meninas. É muito querido, e bonito também: é loiro, tem os olhos azuis, corpo bem malhado, e usa um cavanhaque. Fiquei sabendo que ele escreve cartas todos os dias para a esposa Alícia

Wilson é um cara responsável e na dele. Lá na Privê de Blumenau, tomava conta do bar. Ele me disse que o Sílvio havia ido até a Boate, antes de ele vir trabalhar definitivamente na Kity House, e me procurado, mas ninguém mais tinha o meu contato. Que pavor eu passei com o Sílvio! Tinha feito, com ele, um programa, em janeiro ou fevereiro do ano passado, e a camisinha tinha estourado. Eu estava bem seca, e ele tinha o pênis grande. Tudo isso poderia ter sido evitado, se eu tivesse usado gel. Fomos a três hospitais, para ver se alguém fornecia coquetel anti-HIV. Aprendi, no curso de enfermagem, que a pessoa, em caso de suspeita de contaminação, deve iniciar a medicação até poucas horas após o possível contato com o vírus. Mas ninguém queria nos dar remédio, e a medicação disponível era apenas para uso dos funcionários. Fico um pouco revoltada, porque todos os hospitais-dia têm de atender 24 horas; afinal, eles são, também, o pára-raio das possíveis contaminações por HIV. Como faço, se a camisinha estourar às duas da manhã, eu tenho que iniciar a medicação em poucas horas, e eles só abrem às sete da manhã? E nos finais de semana?

Eu e o Sílvio trocamos telefone. Fiz o exame e mandei a ele, por *fax*, o resultado. Ele me comunicou o dele por telefone. Pode ser, inclusive, que nem tenha feito, mas, a minha parte, eu cumpri. Tenho mania de fazer o que digo que farei. Sou bastante séria nas minhas palavras. Não minto, sem ser para cliente, é claro. Não gosto de enrolação: ou é ou não é, e ponto final.

Está muito frio, hoje. Fui tomar um banho, daqueles demorados, para ver se a alma esquentava e, como esqueci meu xampu em casa, fui até o alojamento, pedir o da Deborazinha emprestado. Quando cheguei ao quarto, ela estava apagada. As meninas disseram que ela havia vomitado no chão. Pedi emprestado o de outra menina e voltei para o meu quarto. Fiquei lá, a escrever, pensar e descansar. Saí da clausura quando a tia da Boate, D.

Maria, veio me chamar para jantar. Para variar, a comida dela estava ótima. Sentamos à mesa eu, Wilson, Márcia, Cíntia, Bruna e D. Maria. O pessoal começou a me contar que a Deborazinha, ontem, não tinha trabalhado, e que saíra da Boate, porque a proprietária de uma das três uísquerias da estrada disse que, se ela trabalhasse lá naquela noite, daria pó a ela. A Deborazinha só chegou de manhã, bêbada. Jantei e fui ver como ela estava, se queria comer alguma coisa. Bati à porta, chamei-a, mas fui recebida com sete pedras. Ela estava muito brava e pediu que eu aguardasse lá fora, que ela tinha de ter uma conversa séria comigo. Esperei no pátio. Ela começou a me acusar de tê-la entregado para o Wilson.

Detesto confusão. E não entrego ninguém: acho que cada um cuida da sua vida. O Wilson veio ver o que estava acontecendo no pátio. A confusão acabou ali, pois ele disse que não falaria quem a tinha delatado. Fui para o meu quarto e, logo em seguida, o Luiz me chamou para uma ligação. A voz do outro lado me perguntou se eu sabia quem era. “Sim, claro que me lembro de você: é o Jorge.” Ainda bem que não errei o chute. “Cheguei de Curitiba hoje. Vou estar com um francês, e vamos até a Boate. Providencia uma amiga sua para ele. Chegaremos perto da meia-noite.” Na hora, pensei na Fê. Num desses dias, ela me disse que ficava revoltada por não saber inglês, pois sempre aparecem estrangeiros na Boate, com seus intérpretes, e eles ficam cobrando caixinha dela para traduzir o que o cliente diz.

Resolvi ir até a farmácia, para comprar mais gel e, também, hidratante para massagem. Posso, assim, ocupar mais o tempo e transar menos. Dei uma carona às meninas até o Pesque & Pague. Como elas gostam de lá! Os momentos em que penso no que aconteceu entre mim e o Fausto são aqueles em que estou sozinha, dirigindo, ouvindo música. Tenho escutado bastante uma música cantada pela Cássia Eller, acho que é porque ela reflete como estou por dentro, hoje. A música diz: “Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher. Sou minha mãe, minha filha, minha irmã e minha menina. MAS SOU MINHA, SÓ MINHA, E NÃO DE QUEM QUISER, sou Deus, tua deusa, meu amor...” Tenho o costume de ouvir mil vezes a mesma faixa do CD e, embora eu tenha um preço acessível para me terem, sinto, agora, que sou

livre, de ninguém, e que posso dizer não, quando assim desejar. Com o Fausto, não tinha vez: eu era dele quando ele queria. O amor me cegou, perdi a minha própria identidade. Mas sou eu a culpada, eu sou culpada de não ter tido forças de dizer "NÃO, afaste-se de mim, que meu corpo não te pertence". Como posso ter me deixado iludir?

O Fausto tinha uns cinco anos a mais do que eu e era ninfomaníaco. No início, eu não sabia. Ele escondia. Tínhamos um relacionamento normal, como qualquer casal normal que começa alguma coisa mais profunda quanto aos sentimentos.

Fui descobrir isso depois de um ano e meio de relacionamento, e passei os outros seis meses tentando me separar dele e me desvencilhar das imagens do passado. A separação foi muito difícil e dolorosa, mas, quando alguma coisa não nos faz bem, temos que afastá-la de nós. Ele procurava muitas mulheres, sem eu saber. Eram elas e eu: todos os dias, ele precisava de umas três mulheres diferentes. Soube disso tarde demais. Eu tinha um leve sexto sentido, que me dizia que alguma coisa não parecia normal. Ele era quieto, introspectivo, parecia gostar bastante de mim. Mas tinha o costume repentino de, de uma hora para outra, sair e se ausentar. Voltava sempre uma hora depois. Como, sempre que voltava, acabávamos transando, eu não imaginava que o motivo de ele sair eram outras mulheres.

Com o passar do tempo, o Fausto foi deixando as outras e depositando em mim todas as suas necessidades. No início, eram três relações por dia, mas passaram a ser sete, oito, nove. Eu não fazia mais nada e, de certa forma, estava me anulando como pessoa. Vivia para o Fausto. Tudo foi aos poucos, de uma maneira muito sutil. Mas aquela fissura por sexo começou a me cansar.

Depois de um tempo, comecei a regular nossas relações, e foi pior. Eu dizia: "Agora, não!" Ele se revoltava e saía. Ficava fora por uma hora e voltava calmo para casa. Não morávamos juntos, mas éramos namorados muito assíduos um na vida do outro, fazíamos todas as refeições juntos, e, geralmente, eu dormia na casa dele, ou ele dormia na minha. Eu tinha parado de trabalhar e só estudava. O Fausto ganhava bem e me ajudava. Isso

aconteceu naturalmente entre nós, porque ele gostava de ficar bastante tempo comigo. Incomodava-o saber que eu estava trabalhando no sábado na imobiliária, quando ele queria ficar junto, transando. Transávamos tanto, que eu aprendi a fazer muitas coisas. *Kama sutra* completo, frente e verso.

Um dia, fui dormir na sua casa, e aconteceu a mesma briga de sempre. Já tínhamos transado cinco vezes naquele dia, e ele queria mais. Eu estava cansada, queria dormir. Já tinha aconselhado a ele consultar-se com uma psicóloga, mas ele desistiu, depois da sexta sessão de terapia. Até eu já estava convicta de que era doença. Ele bateu a porta e saiu. Perdi o sono, mas sabia que ele voltaria em pouco mais de uma hora. Fiquei a pensar que talvez ele tivesse uma namorada, e resolvi mexer em suas coisas, na curiosidade de toda mulher.

Fui à sala, onde ele tinha um computador e coisas de escritório. Ele trabalhava como advogado. Eram tantos papéis. Procurei por tudo, e nada. Quando já estava desistindo e achando que era maluca, encontrei um livro que tinha na capa, manuscritas, com a sua letra, as palavras "VOL. II". Abri, sem maiores intenções, porque, decerto, o que eu procurava estaria em uma carta de amor, um bilhete com um número de telefone, essas coisas de mulher apaixonada.

Abri o livro por curiosidade pura, pela letra na frente ser dele e por ele estar muito bem escondido, embaixo dos guias telefônicos, na última gaveta do balcão. Eu respeitava a sua privacidade, e ele acreditava que eu não mexeria nas suas coisas. Quase desmaiei! "NÃO! NÃO! NÃO! NÃO pode ser... Isso não pode ser verdade!!" O livro continha a lista das mulheres com quem ele já tinha tido relações, bem como um texto explicativo do que eles haviam feito. Mais do que apenas o nome da mulher, havia também um número do que ela representava na vida dele. Lá, constava como a conhecera, telefone, endereço, descrição do corpo físico e as observações principais da transa.

Procurei por mim. Aquele era o "VOL. II". Achei! Talvez fosse tudo inventado. Ele podia ter tido um ataque de loucura e inventado tudo aquilo. Mas, não: a data do nosso primeiro encontro, o modo como nos conhecemos

e a descrição completa do que fizemos batia com a realidade. Eu era a garota nº 991 da vida dele. Depois de mim, havia mais de 200 outras. Pelas datas, pude perceber que, muitas delas, ele tinha conhecido e convidado para sair no mesmo dia, e isso era um fato comum. O mundo, para mim, terminou. Eu não podia acreditar que era traída, e muito traída. Eu pensei em morrer, naquela hora. "Quer dizer que este relacionamento não existe? É uma farsa de sentimentos da parte dele? Ele me ilude e mente o tempo todo para mim?" Eu me senti usada: uma verdadeira escrava sexual.

"O amor cega."
Platão

Procurei por mais alguma coisa e resolvi revirar o apartamento todo. Agora, sem o cuidado de manter as coisas em ordem. Eu não sentia o corpo, de tanta adrenalina. Abri portas, joguei roupas no chão, vasculhei tudo o que podia. Eu sentia que encontraria mais coisas. Na parte de cima do roupeiro, havia uma maleta, fechada com cadeado de segredos. Não quis saber de ética: rompi-o com uma faca mesmo. Eu não deveria ter feito aquilo. Ou deveria? Agora já não sabia mais, mas alguma coisa, dentro de mim, tinha morrido. Os meus sonhos tinham morrido. Eram milhares de fotos de mulheres nuas; inclusive as minhas, que havíamos tirado juntos, estavam lá. Muitas, muitas fotos, e, pelas datas no canto delas, eu via que algumas eram recentes.

Não fiquei no apartamento. Deixei o livro aberto, em cima da mesa. Ele saberia bem o que havia ocorrido. A partir daquele momento, comecei a viver meus piores dias. Brigamos muito, chorei mais ainda, gritei com ele. Bati nele diversas vezes. Ele não tinha nada a fazer, apenas a confessar. Dizia que ele era assim, e que não podia fazer nada. Que gostava de orgias e que, se tivesse me contado a verdade, eu não teria ficado com ele. Havia várias fotos de três mulheres juntas, e, em algumas, ele aparecia no meio delas. Eu não sabia por onde começar, nem o que pensar, e odiei-o por ter inventado, na minha vida, uma farsa de relacionamento feliz, que não existia.

Iludida, fui iludida, para que ele pudesse tirar algum proveito.

Descobri mais coisas sobre o Fausto, coisas horríveis. Mas não quero mais me lembrar disso. Passei a ter ódio dele e dos homens em geral. O pai da minha filha era outro idiota como ele.

Eu estava sem emprego, na época, e sem perspectivas. Comecei a ficar sem dinheiro, com as coisas a faltar, e entrei em depressão. Eu não conseguia trabalho em lugar nenhum e estava bem abalada. O tempo ia passando, e eu não encontrava uma maneira de sobreviver sozinha. Tive problemas com ele e com a delegacia. Internamente, eu estava morta e sem muita noção de que rumo tomar. Acho que, naquele momento, estava perdida, e deve ter sido ali o ponto exato em que errei o caminho e, tentando ir ao norte, fui para o sul. Lembrei-me das ofertas de ajuda da Vitória, e toda essa situação difícil pela qual estava passando me fez voltar para esse mundo de programas. Ela, sempre que me via, dizia: “Se eu tivesse essa tua carinha de anjo e a tua idade, com a experiência de vida que tenho, de mais de 30 anos de prostituição, estava feita na vida. Se algum dia tu precisar, me procura, eu te ajudo!”

Um dia, eu liguei para ela: “Vitória, me ajuda!”

Quando voltar da Kity House para o meu mundo, vou à Elisa. Ainda tenho um bom tempo de terapia, até me restabelecer totalmente do Fausto. Já se passou mais de um ano, mas o choque foi muito forte. Mais do que a perda do amor, pesaram a dor por ter sido iludida e usada e a decepção das descobertas. Eu era apenas uma peça de uso, em benefício do prazer dele. Eu e todas as que ele, espertamente, usava.

A Elisa sempre me disse que, se alguém nos faz infeliz, é, antes de tudo, por consentimento nosso. E que, se duas pessoas ainda estão juntas, é porque algum ganho há nessa relação. Se não é amor, pode ser segurança, dinheiro, amizade, mas algo há. Então, se eu senti necessidade de me separar, é porque não via mais nada de bom para se viver ali. Sinto tristeza, misturada a mágoa.

Voltei da farmácia com essas lembranças de como tudo havia começado. Hoje é quarta-feira e tem jogo na cidade. Logo, haverá poucos clientes.

Fiquei mais animada, depois que retornei à Kity House; tenho apenas que me manter ocupada. Mente vazia é oficina do diabo, já dizia alguém por aí. Agora, era concentração no trabalho e curtição com as meninas. Entrei no salão, e eu, a Fê, a Ju e a Deborazinha começamos a dançar, como se apenas nós existíssemos ali. Estávamos bem animadas, e ficamos brincando. Alguém estourou um monte de pipocas e, lá pelas 11 da noite, o Wilson me chamou: "Telefone para você". Era o Jorge. Ele não conseguiria vir, porque o francês estava bêbado e jogado na cama do quarto do hotel. Perguntou se eu podia ir lá. "Claro. 150 reais." A negociação terminou em 80 reais. Detesto isso, odeio cliente pechinchador, mas a Boate estava fraca, e dificilmente eu conseguiria algo naquela noite. Segui rumo ao Hotel San Sebastian. Até que foi bom para mim, e ótimo para ele. O Jorge é gordinho, tem ascendência e traços libaneses e já viajou para a Arábia. Convidou-me para ir a Porto Seguro com ele. Óbvio que era só papo: ele queria mesmo é que eu me empolgasse a todo o vapor e botasse para quebrar em cima da cama.

Ficamos um bom tempo em beijos e abraços. O problema é que o pênis dele era muito pequeno, e eu quase não sentia nada. Tive que pôr meus dedinhos em ação, mas ele foi mais rápido. Ficamos conversando. Fiz massagem com creme nele, pedi que tomasse outro banho e comecei a masturbá-lo com meu pé. Aprendi isso, e eles ficam maluquinhos, porque bato uma punheta com o pênis entre os dois pés. Dela, passamos para um 69. Pelo menos a língua dele funcionava bem! Tomamos outro banho e ficamos assistindo à TV. Ele me convidou para dormir lá, mas eu não tinha vontade, não. Perguntei a ele a que horas acordaria, e ele falou que às sete da manhã. "Olha, não vai dar, não, porque preciso dormir direto até o meio-dia, para me sentir descansada." Na hora de me pagar, ele me disse: "Você vale bem mais, mas, sabe como é, negócios são negócios". Achei aquilo a maior idiotice, e uma grande prova de mesquinharia. Que cara mais babaca. Até espero que nunca mais retorne. Da próxima vez, não vou negociar tanto o preço. É a situação que faz o meu valor. Liguei para a Boate, para avisar que eu estava viva e que voltava em breve.

Chegando lá, fui à cozinha. Só tinha cachorro-quente e, como eu estava com fome, o jeito foi comer isso mesmo. Aquela salsicha que eles compram tem gosto de borracha. Na casa, havia ainda uns gatos pingados, mas nada que pudesse interessar. A casa, ainda por cima, está lotada de mulher, e não há lugar no alojamento para todo mundo. A Cíntia, bêbada, foi parar no quarto 1 com a Alessandra, e eu e a Márcia resolvemos dormir no quarto 2. Amanhã, as meninas têm exame preventivo às sete da manhã. Eu agendei o meu para a semana que vem. A Prefeitura obriga as garotas que trabalham a fazer o preventivo todos os anos. A polícia bate lá, de vez em quando, para fazer a fiscalização. Tem que ter teste de HIV, e quem tem resultado positivo não pode trabalhar na casa. Acho que isso é preconceito e que a Prefeitura de Jaraguá do Sul poderia ser processada por discriminação.

Bêbada, a Márcia dormiu em um minuto. Fiquei ainda a pensar na vida, preocupada com o movimento fraco. Dessa maneira, não fecharia os dois mil reais até o final da semana. Olhei para ela; dormindo, ficava com ares de morta. A bebida a amortece, física e mentalmente. Acho que ela não deve saber quem é. Passa a maior parte do tempo bêbada e, no tempo em que fica sóbria, curte a ressaca. Então, não dá tempo para se pensar muito em quem se é. Isso tem um lado positivo: pelo menos ela não fica paranóica de vez em quando, como eu.

"... a única verdade é que vivo. Sinceramente eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais. É curioso como não sei dizer quem sou."

Clarice Lispector – *Perto do coração selvagem*

Jaraguá do Sul, 30 de julho de 2003.

Antes das sete da manhã, a Cíntia já veio acordar a Márcia. Eu havia dormido como uma pedra, não cheguei nem a mudar de lado. Pedra e defunta, uma ao lado da outra. Acordamos com os gritos da Cíntia. Dá para

imaginar uma pedra, despertando, e uma defunta, abrindo os olhos?

Começou uma discussão, porque a Márcia estava atrasada e ainda queria tomar banho. Elas berravam uma com a outra, como se colocassem toda a sua força na garganta: “Vai tomar no teu cuuuuuuuuuuu!!!”, e batiam a porta. Mas essas duas se entendem, moram juntas há alguns anos. São boas amigas uma da outra. Tem sempre uma vomitando no final da noite, isso quando não é de dia, e não são as duas. Fazem um coral e tanto. Ontem à noite, enquanto eu comia o meu cachorro-quente de borracha das duas da manhã, perguntei à Márcia como ela tinha entrado na vida. Havia sido há uns seis anos. Ela trabalhava no jornal da cidade dela, fazia Ensino Médio, e um coroa que tinha se encantado por ela bancava tudo. Conseguiu para ela um emprego no jornal de que ele era editor.

Um dia, ela foi à Oktoberfest sozinha e conheceu um outro homem, de longe; se não me engano, ele era do Maranhão. Eles se apaixonaram e, um mês depois, ela foi visitá-lo na sua cidade, com direito a passagem de avião e tudo, mas disse ao coroa que ia visitar a família. Antes de viajar, ela contou a uma amiga, que era colega de trabalho, sobre o novo namorado. Quando voltou, essa amiga já tinha dado a letra para o coroa, que a despediu e a tirou do apartamento. Sem dinheiro e sem casa, ela foi parar na zona. Pelos próprios pés.

As histórias dessas meninas não diferem muito na sua essência; todas têm por trás o abandono familiar e o desamparo. Fico me perguntando se a minha história é assim.

Quando elas voltaram do preventivo, eu ainda estava petrificada, dormindo, no quarto 2. Acordei com a reclamação da Márcia; ela falava da aparência do quarto. Era dia claro, e a iluminação mostrava todo o encardido das paredes. Ela foi dormir, com a Cíntia, no quarto 1. Acho que lá é pior, porque não há ventilação.

Hoje, me atrasei para o jantar. Dormi demais, depois do café da manhã; deve ser o cansaço físico. Eu e a Márcia fomos as últimas a chegar à cozinha, e praticamente não havia mais comida. Tentei identificar o que era aquilo, na panela. Eram os últimos vestígios dos restos de uma galinha

destroçada. O povo daquela casa devia estar com fome. A Cíntia fez um arroz com leite para ela, e eu raspei a panela do feijão e do arroz. Para aumentar o prato, coloquei banana e farofa. Não estava tão ruim assim; eu, muitas vezes, nem isso tive para comer. Pensei num pedaço de bolo: eu tinha vontade de comer um bolinho de chocolate. Mas só indo até o centro, mesmo. O problema era o gasto de gasolina: eu tinha que economizar tudo para juntar a minha meta. Nisso, apareceu a Alessandra, perguntando se eu não faria para ela uma corrida até o centro por 15 reais. Ela faria um programa escondido da Leila, e o cara estava esperando por ela lá. Fecharam todas, uniu-se o útil ao agradável. Deixei-a no calçadão e fui passear pelo centro. Procurei por um *shopping*: lá devia ter um bolinho de chocolate. A praça de alimentação era pequena, e o estabelecimento tinha só dois andares. Num cantinho, encontrei meu bolinho; caro, mas eu merecia aquele pedaço de bolinho de chocolate. Senti-me triste, me senti muito triste e solitária. Liguei para a minha mãe, inventei uma desculpa de o meu celular ter estragado e conversei um pouco com a Yumi. Eu só ficava tranqüila quando a minha filha ficava com a minha mãe, porque sabia que ela era uma boa mãe. Não existe relação familiar sem brigas, e as pessoas discutem porque vivem na mesma casa e nem tudo são mares de rosas, mas os prós da minha mãe estavam muito além dos contras – mínimos, aliás. Então, em relação aos cuidados com a Yumi, eu estava em paz.

Na volta, fiquei a pensar que devia comprar outro aparelho de telefone celular, um para trabalhar e outro para receber ligações de caráter pessoal. Vim escutando a mesma música da Cássia Eller. Próximo às pedreiras, parei perto de outro telefone público e liguei para a minha amiga Cris, para avisá-la de que eu estava bem, ou não tão bem assim. Era hora de voltar à Boate. Em pouco tempo, eu teria de estar pronta, no salão. Cheguei correndo. Ninguém me perguntou da Alessandra, ainda bem. Fui até o depósito das malas para pegar as minhas coisas, a fim de me arrumar. Os quartos 1 e 2 não tinham guarda-roupa, e nossas mochilas ficavam num depósito próximo ao caixa. Quando tentei abrir o armário, ele estava trancado. Cadê a chave? Mexi nos bolsos da minha calça, mas não estava comigo. Podia estar com as

meninas. Nada! Elas juravam que não a tinham pegado. O Luiz disse para eu dar um jeito, já que eu tinha ficado com a chave a semana toda. A Márcia entrou no depósito e disse: “Tem um cliente te esperando no salão”. O Luiz foi bem firme: “Só vai depois que encontrar a chave do depósito”. Aquela chave já tinha sido motivo de muita briga na Kity House, anteriormente. Já tinham acontecido roubos, além de episódios de umas mexerem nas mochilas das outras e esconderem a chave. Fiquei desesperada, mas me veio uma presença de espírito: “Cíntia, olha no teu bolso”. “Já procurei, ó, tá vendo como não está?”, e disse isso enfiando a mãozinha no bolso e puxando uma chavezinha... Caímos na risada, não parávamos. “Sua desgraçada! Se eu perco esse cliente, te mato!” Ela continuou se matando de rir. Dobrei a esquininha do caixa correndo, e quase peguei o Luiz: “Tá lá a chave, a Cíntia perdeu no bolso dela”.

Era o bebê apaixonado, o Roberto, Daniel ou Carlos. Não importa, acho até que nenhum desses é o nome dele. Ele disse que eu estava atrasada. Será que tinha vindo só para me ver? Se era só para me ver, eu não queria. Mas era, sim; logo senti que era só uma visitinha. Pedi uma Smirnoff Ice, que é bem fraquinha. Disse a ele que a gente podia fazer o programa, que eu estava com saudades dele. Ele disse que nem preparado estava... Mas que coisa!... Ai, não, daqui eu não saio sem dinheiro!

Comecei com aquelas minhas provocações. Depois, falei, ao pé do ouvido: “Faz o seguinte, bebê: dá um cheque pré-datado”. Ele disse que não podia. Acho que deixei transparecer o meu desânimo. Ele me estendeu 50 reais por baixo da mesa. Fiquei com vergonha, porque percebi que ele estava se esforçando. Eu disse: “Mesmo assim, vamos lá para o quarto, pronto, resolvido”.

Os 50 reais não eram para um programa, eram só um presentinho, um agrado. É proibido a gente receber caixinha do cliente sem ir para o quarto, senão isso incentiva a clientela a ir lá, tomar meia dúzia de cervejas, ficar passando a mão nas meninas, beijar, não fazer programa, não usar o quarto, dar uns reaizinhos ali, de trocado, para a garota e ir para casa, bater uma bela e econômica punheta. Nada disso: zona é para gastança, mesmo. O lema

é “tirar as cuecas da homarada, fazê-la gastar o que tem e o que não tem”. Um dia desses, dois caras gastaram perto de cinco mil reais na Boate. Beberam todas, se empolgaram, depois tiveram que passar cartão de crédito. Nem eles acreditaram. A festa foi rolando, a mulherada foi pegando bebida, eles foram pagando *strip* para todo mundo, subiram para o quarto com uma, duas, até três juntas e, quando viram, a brincadeira tinha saído cara. Não tem como sair da Kity House sem pagar. O atual marido da Leila é ex-policial, e tem segurança na casa, gerente, *barman* e porteiro. Ninguém é louco, ali, de se meter a besta. Ninguém vai matar ninguém, também, mas acho que o cara não sai de lá sem umas boas bofetadas.

É claro que eu não transei com o bebê, mas ficamos conversando sobre a vida, sem roupa. Eu tinha alguma consideração por ele. Não era tanta, assim, mas era bem mais do que por qualquer outro. Quando a Leila tocou o interfone no quarto, dizendo que o tempo tinha terminado, comecei a apressá-lo. Passei a olhar as horas, a dizer que o tempo voava, a lembrá-lo de que a esposa existia e a perguntar qual era a desculpa que ele estava usando para estar ali. Saindo do corredor, já o levei até o caixa; nem fiz menção de sentar num cantinho, para pedir mais uma dose. Desse jeito, eu não ia conseguir os dois mil reais, e o meu tempo era curto.

Ao entrar novamente no salão, vi duas duplas de amigos, cada uma sentada de um lado do salão. Perguntei ao Luiz qual das duas era a melhor. Ele disse que eu deveria investir: “Nenhuma, as duas são fracas, mas vai lá, tu é boa de conversa, de repente arranca alguma coisa”. Nisso, veio a Patrícia e me convidou para dançar. Estava tocando o *remix* da “Tô nem aí, tô nem aí, pode ficar com teu mundinho, eu não tô nem aí...”. Começamos a nos olhar, e as duas já sabiam o que era. Ela me disse: “Marise, vamos atacar esses dois da direita?” “Claro, vamos, sim.” Fomos, e, como ela chegou primeiro, fiquei com o que sobrou da escolha dela. Algumas frases trocadas, e já pedi minha dose. Agora, dei para virar o uísque debaixo da mesa, aos pouquinhos. Abracei o cliente e fui beijá-lo. Ele foi mais ligeiro, e disse: “Pode me beijar, sim, bastante, lá dentro do quarto, depois que você tirar a calcinha”. Eu tinha colocado uma minissaia e me sentara de pernas abertas

no seu colo, já não estava nem aí mesmo. Estava tão ruim de cliente, mas tão ruim, que, depois de muita negociação, fui para o quarto com ele por 65 reais. Meu Deus, desse jeito, onde é que eu vou parar? O quarto 2 estava ocupado. O único disponível era o 5, de onde a menina tinha despencado.

O cliente era cansativo, e aquele quarto era fúnebre. Eu, para matar o tempo, fui tomar banho e me demorei. Ele chamou minha atenção. Mas eu sempre me perco no tempo, embaixo do chuveiro. Lembro que o Fausto brigava comigo, porque queria sexo logo, e eu estava perdida, com meus pensamentos, embaixo da água. Depois, fui me arrumar de enfermeira: a mesma história de sempre, quanto à roupinha especial, comprada naquele dia. Qualquer hora dessas, ainda pego dois amigos, e um vai contar para o outro. "Tô nem aí, tô nem aí..." Agora, já foi mesmo.

Que cansaço, aquele cara me deu. Foi de frente, de lado, de costas, sentada, cavalgando, e nada de o cara gozar. Eu já tinha fingido um orgasmo (estou cada vez pior) e tido um de verdade, tinha falado umas obscenidades que aprendera com a Adriana, falei de duas mulheres transando juntas, das possíveis posições, e eu já estava pedindo água e pára, pelo amor de Deus! O interfone tocou, o Senhor do Céu mandou ajuda! Era a Leila, comunicando o final do tempo. Só aí ele gozou. Nunca mais quero ver esse cara na minha frente. Quando descemos, ainda pedi a ele mais uma dose de uísque. É claro que a bebida veio para a mesa e eu nem tomei. Não demorou muito, apareceu a Márcia, mais vidrada na bebida dando sopa pelas mesas do que nos clientes vagando pelo salão. Fiz sinal com os olhos e disse: "Pega!" Ela saiu e, enquanto eu estava sentada, descansando, ele me convidou para viajar com ele para Chapecó e passar a semana lá. É engenheiro do Senac. "Acertando os honorários, tudo bem." "Nada disso, mocinha. Fica pela estadia e pela comida." Não, só dando, mesmo. O que é que aquele ridículo pensa que eu sou? Estadia e comida, tenho aqui na Leila, e até parece que Chapecó é alguma cidade turística. Ele queria mesmo era pagar preço mínimo pelo programa, só o preço da comida. No mínimo, ele é casado e tem esposa, porque cesta básica é mais barato do que empregada doméstica. Nem tinha forças para revidar; fiquei mais preocupada com a minha dor de

cabeça e com o meu cansaço físico. Com esse tipo de cliente, me sinto, literalmente, uma mercadoria. Se bem que nunca sei se sou um produto ou se ofereço um serviço.

Uma pausa para comparações. Dois pontos:

"Eu sou uma mercadoria e tenho plena consciência disso."
Marlon Brando

Estranhas, essas dores que eu tenho. Elas sempre vêm depois de um orgasmo. Começaram com o Fausto. Doem na nuca, e são fortes. Devem estar relacionadas a algum fator psicológico. Levei o tal cliente até o toldo. Nem me lembro mais do nome. Deu-me seu cartãozinho, mas ele não me interessou, nem como cliente, nem como ser humano. Dei graças a Deus na hora em que ele entrou no carro.

Voltei para o salão, mas não havia mais nada que prestasse. A Cíntia estava muito bêbada, dizendo que era seu aniversário. Ela estava engraçada, e pedia para todo mundo pagar uma cervejinha para ela. Isso é que é gostar de beber, porque a cerveja é a única bebida pela qual não ganhamos comissão. Ela ria que se acabava no balcão do *barman*, e eu me acabava, rindo junto com ela. Acho que nem era seu aniversário, mas o mesmo desespero que eu tenho pelos dois mil reais da minha dívida, ela tem pela garrafa de cerveja. Passei meu braço em volta dos ombros dela e disse: "Vamos lá para a cozinha, comer alguma coisa. Assim, você melhora". "Marise, você só me engorda, só me engorda." Credo, que movimento fraco!! Comi um pãozinho e resolvi que era hora de me deitar, não teria mais nada hoje. A Cíntia decidiu que era hora de mais uma cervejinha, e foi para o salão. Avisei o Lu que não mandasse mais nenhum cliente para o 2, que eu ia me deitar lá, dormir mais cedo, mesmo, porque a noite não renderia mais nada. Coloquei uma roupa bem quente e, apesar do som da Boate, eu não conseguia dormir naquele quarto: fiquei com medo, ao fechar a porta. Vesti um trapo de lã e voltei para o salão, para esperar que alguma das meninas quisesse dormir. Com a Márcia e a Cíntia não iria dar pé, porque elas iam

ficar vomitando por uma meia hora, antes de deitar.

No salão estavam a Rose, a Cíntia e a Márcia, totalmente desorientadas. Misturaram bebida demais, e a Rose tinha tomado um uísque atrás do outro. Todas nós estávamos sentadas nos bancos do *barman*, coladinhas ao balcão. A Márcia arrotava e dizia que seu gastroenterologista lhe tinha ensinado que arrotar era sinal de saúde. Um cara de uns 30 anos veio se divertir por ali, com o papo de bêbadas. Eu, atônita, pensava no Fausto e olhava para o nada. O cara já estava puxando conversa, e eu, que havia apenas dito "oi" a ele, continuei com meus pensamentos voltados para o vazio do passado. Eu era incapaz de chorar, de derramar mais lágrimas do que já tinha derramado, mas ficava bem triste, quando me lembrava do que acontecera. Quando dei por mim, o cara estava na minha frente e me dizia que eu não combinava com aquele lugar.

Eu também achava que era mais do que aquele lugar. Não mais do que as pessoas lá dentro, mas eu queria algo bem além daquilo tudo e esperava mais da vida. Eu gostava das meninas. Agora, já nem me sentia mais um indivíduo à parte, naquela casa. Elas compreenderam que aquele era o meu jeito e que eu não estava bem, por isso ficava tanto tempo dentro do quarto.

Sentada, dei-me conta de que a Adriana não tinha vindo nessa semana. Virei-me para a Rose e perguntei por ela. O cliente já estava colado na Cíntia, tentando tirar uma casquinha, mas, mesmo bêbada, ela sabe se defender. A Rose me contou que a Adriana havia decidido ficar com um de seus dois namorados.

Na semana passada, ela tinha me pedido uma opinião, e eu tinha dito para ela largar os dois. Eles haviam sido seus clientes, ambos tinham perdido os empregos, e ela, inclusive, chegava a sustentar um deles. Mas ela tinha optado por ir embora com um deles para outro estado. Telefonou, do *shopping*, para aquele que ela estava sustentando, e que estava morando em sua casa, e disse que partiria com o outro, porque queria vida nova. Quando chegou em casa, apanhou dele: recebeu vários chutes nas costas e não conseguiu se levantar do chão.

A Rose disse que ela quase ficou sem ar. Ele apanhara uma faca e cortara

os seus cabelos, que eram lindos, fartos, encaracolados, até a cintura. “A Adri está irreconhecível. Não ficou feia, mas, sim, totalmente diferente. Teve que ir até o salão e dar uma acertada no pouco cabelo que sobrou.” Ela não tinha vindo trabalhar, porque estava com vergonha das outras meninas da casa. Sempre que havia alguma discussão, elas falavam em cortar seu cabelo. A Nathália, um dia antes do acidente, havia perguntado se a Adriana gostaria de lhe vender seu cabelo por 800 reais. Vai, agora, adivinhar o que iria acontecer?

O pior de tudo foi que o namorado que iria embora com a Adriana acabou dando para trás de levá-la, e tinha ido sozinho. Passaram-se dois dias, e ela ligou para aquele que tinha cortado o seu cabelo, para transarem. A Adriana é uma menina carente, bem carente, aliás. Ela tem 21 anos e aparenta 26. Está na noite desde os 14 anos. Acho-a bem bonita. Só penso que ficaria melhor sem a maquiagem carregada. Numa conversa perdida, enquanto estávamos sentadas no balcão do *barman*, na semana passada, ela me contara resumidamente como tinha ido parar na noite.

A história era a seguinte: ela morava com a mãe, com quem nunca se dera bem. Ela sentia que a mãe tinha raiva dela por alguma coisa. Sentia-se um estorvo, em casa; um fardo pesado. Quando tinha uns 13 anos, a mãe, num desabafo, confessou que, por ela, não queria tê-la tido e teria abortado, mas que a tentativa não havia dado certo. A Adriana tinha duas amigas que tinham tudo o que ela queria: liberdade e ninguém para ofendê-las. Essas meninas só tinham dois probleminhas: usavam drogas e moravam em boate de programa. A mãe da Adriana vivia dizendo que ela não prestava, que era uma vagabunda. Um dia, ela chegou em casa às nove horas da noite. O combinado era às oito e meia. A mãe deu-lhe uma surra e a colocou para fora de casa, só com a roupa do corpo. Ela foi procurar as amigas. Ficou um mês morando com elas, vestindo suas roupas e tirando lucro no pedido de bebidas. Ela não fazia programa e nem sacava bem como é que era o lance, não tinha muita noção das coisas. Um dia, uma das meninas perguntou por que é que ela não entrava na batalha. Afinal, ela não era mais virgem e estava precisando de grana. Foi aí que tudo começou.

A Adriana passou por péssimos momentos. Ela era menor. Os donos de boates gostavam de ter algumas menores de idade nas casas, porque elas traziam clientes, mas, ao mesmo tempo, não tinham interesse em conservá-las por muito tempo, por causa das batidas da polícia e das denúncias. Por isso, ela trocava freqüentemente de boate e, quando dava batida policial, ela era obrigada a fugir, a se esconder e a correr dos policiais, porque, quando eles pegavam menores, abusavam delas e só depois as levavam para o Conselho Tutelar. O sinal para as meninas menores fugirem era uma luz branca, que se acendia e começava a piscar no fundo do salão. A Adriana dizia que, quando isso acontecia, era horrível, e que elas ficavam desesperadas para alcançar a porta de fuga, escondida numa parte da boate. Tinha vezes em que o dono da boate a mandava embora à meia-noite, só porque ela era menor e o tempo de ela permanecer na casa tinha sido o suficiente: "Pegue suas coisas e se mande, que aqui já deu o que tinha que dar, menina!" Lá ia a Adriana para a rua. Muitas das suas coisas – roupas, sapatos – tinham se perdido pelas boates, e ela não terminara os estudos. Já mentira a idade, e houve um cliente que conseguiu para ela uma identidade falsa. Quando fez 18 anos, foi um alívio.

Eu e a Rose, ali, estávamos com pena da Adriana. Ela era boa amiga. Convidei a Rose para ir à cozinha comigo, que eu iria pegar mais um pedaço de pão. Depois, voltei para o quarto 2. Eu já estava cansada o suficiente para deitar e apagar, sem ter tempo de ficar com medo. Não demorou muito, e um corpinho pequeno e gelado se jogou embaixo das minhas cobertas. Era a Cíntia, com frio e bêbada. "Então, dorme", murmurei. Virei para o lado e senti um bafo terrível de cerveja. "Mariseeeeeeeeee! Eu tô com vontade de vomitá, mas odeio vomitá, não tem caras?" Ela e a Márcia tinham o costume de concluir um pensamento e acrescentar "não tem caras" no final, como quem pergunta ao interlocutor se ele entendeu o que foi dito. Fiquei com medo de que ela vomitasse no meu quarto, que já estava um nojo, e a incentivei a ir ao banheiro. A Cíntia foi e quase se matou sobre aquele vaso. Vomitou muito e acabou indo dormir com a Márcia. Eu dormi sozinha.

Jaraguá do Sul, 1º de agosto de 2003.

Eu havia passado o dia na cama, dormindo. Só me levantei para jantar. Dessa vez, eu e a Cíntia fomos umas das primeiras a ir comer. Estávamos escaldadas, já. Depois, voltei a me deitar. Passei muito tempo pensando na vida. Agradeci por hoje ser sexta-feira, porque estou muito cansada. Eram oito e meia da noite, quando resolvi sair para buscar uma caixa de Bis. Só indo de carro, mesmo, porque eu só encontraria um mercado depois que passasse a estrada de chão.

Na volta, havia dois clientes paulistas no bar. Muito legais. Tinham vindo até Jaraguá do Sul para fechar um negócio de ferramentas, que acabou não dando certo. Ao chegar, já fui conversando com eles. O salão estava vazio, e eu nem havia trocado de roupa. Para ir até o quarto 2, eu preciso passar pelo salão antes. Parei na metade do caminho, para conversar. Não demorou muito, e veio a Deborazinha. Ela agora está mais calma. Deixei-a tomando conta do cliente e fui me arrumar. Antes, falei, no ouvido dela: “Segura o paulista aí, que ele é dos bons. Já me deu Smirnoff. Vamos dar um jeito de subir, nós duas, para o quarto com ele”.

Consegui me trocar em cinco minutos e colocar uma roupa bem parecida com a da Deborazinha. O cliente ia se interessar muito mais em ficar com a gente, se estivéssemos feito um par de vasos. Eu e ela vestíamos botas pretas, microssaias prata e blusinhas pretas, decotadas. A Deborazinha havia ido rezar hoje na igreja. Acho que ela não tinha feito nenhum programa durante toda a semana, e não podia voltar para casa sem dinheiro. Primeiro, porque o namorado dela iria matá-la, achando que ela tinha trabalhado e gastado tudo em drogas. Segundo, ela precisava fazer mercado, para poder passar o final de semana. Disse a ela: “Seguinte: 150 cada uma e, no mínimo, 100 cada”. Dito e feito. Em um minuto, estávamos os três de acordo.

No quarto, eu e ela começamos a tirar a roupa dele primeiro, e as duas

deram um grito juntas: o cliente tinha um pênis enorme. Não contávamos com aquele problemão. Ele decidiu tomar um banho antes, e eu e a colega ficamos na cama, pensando sobre o que fazer. A porta do banheiro estava aberta e, do *box* do chuveiro, ele podia nos ver pelo espelho. Foi muito engraçado, porque, quando nos demos conta, ele estava observando os gestos e sinais que uma fazia para a outra. Eu gesticulava, imitando o tamanho e o formato do pênis dele, dizendo que era enorme. A Deborazinha colocava as duas mãos na testa, sinalizando preocupação. Fiz um gesto de enrolar novelo de lã, como quem diz "vamos enrolar, mas não vamos fazer". Foi nessa hora que o vimos nos olhando. Eu não sabia onde me enfiar. Acabou que ele não teve penetração comigo, porque entendeu perfeitamente que eu não gostava de exageros. Foi legal, porque ele era engraçado e não deu trabalho. Antes, eu e a Deborazinha resolvemos tomar banho, e nenhuma de nós queria sair primeiro do chuveiro. A gente ia se empurrando e rindo. Foi um tempão tomando banho, um tempão fazendo massagem, e quase nada de sexo.

Como eu nunca me importei de o cara fazer oral em mim, não estava nem aí, deixei que ele fizesse. A Deborazinha tem pavor disso; então, a parte da penetração ficou para ela. Quando descemos, o amigo dele tinha ficado com a Márcia. Logo, estava tudo em família, e, portanto, nos sentamos todos à mesma mesa e ficamos bebendo e conversando. Peguei mais alguma bebida para a pia do banheiro. Desse cliente, acho que "tomei" umas seis Smirnoff Ice. Eles pagavam bebida para todas as meninas que chegavam à mesa. Como eu já havia feito o programa, não estava mais interessada em ficar por ali. A Márcia não saía da mesa. Vi um cliente sozinho numa outra mesa, e lá fui eu, jogar o meu 171 nele. Rolou um programa expresso. O cara tinha ido lá só para pegar uma garota, mesmo. Não estava em ritmo de festa; portanto, não precisei ficar muito tempo conversando, e a dose foi só por praxe, mesmo. Quando estava indo para o quarto, vi a Deborazinha subindo novamente com o paulista. Deus a ajude! Ele era legal, mas aquele pau, ninguém merece. Antes de subirmos para o quarto, o novo cliente revelou que tinha aberto um *site* de acesso restrito só com fotos dele e da esposa

transando. Disse que ela era bem liberal e que, se estivesse ali com a gente, na casa, já teria subido no palco e feito um *strip*. Perguntei se contaria a ela que tinha vindo à casa. “De jeito nenhum! Você enlouqueceu, garota?” Fiquei um pouco sem entender o tal liberalismo, mas tudo bem...

Depois que desci do quarto com meu cliente *express*, fui até a cozinha. Alguém tinha vomitado bem na entrada, e todo mundo que passava por ali pulava a sujeira. Pulei também e fui comer o meu cachorro-quente de borracha. O Luiz veio e colocou um pano por cima do estrago: “Ninguém pisa! D. Maria limpa amanhã, na hora em que chegar!” Eu tinha pena da D. Maria. Não era fácil estar no lugar dela.

Era sexta-feira, e teve acerto. A semana tinha sido um verdadeiro fracasso. Final de mês: recebi 506 reais. Eu estava chateada. Tanto esforço, e nada de conseguir levantar a grana que ainda faltava. Sem contar que eu teria que gastar um pouco daquele dinheiro para me manter. A data limite para a quitação da minha dívida era dia 10 de agosto, mas eu não poderia voltar na próxima semana para a Kity House, porque as aulas começariam no dia 4, ou seja, dali a três dias. Eu poderia parcelar minha dívida em duas vezes, mas, mesmo assim, precisaria do restante em 30 dias. E tinha que continuar sobrevivendo. Não queria mais ter de ir toda noite para Blumenau. Era uma vida muito desgastante. A Privê estava fechada, por falta de mulher. As meninas que eu conhecia ficariam na Kity House, porque era uma boa casa. Eu não poderia viajar todos os dias a Jaraguá do Sul, porque eram duas horas, da minha cidade até a Kity House. Não que fosse problema, para mim, começar tudo de novo em Blumenau, numa nova casa, e estabelecer novos vínculos, mas o desgaste físico de virar todas as noites a fio e ainda ter que dirigir de volta para casa acabaria aos poucos comigo. O desconhecido não me amedronta, não tenho medo do inesperado. Se tiver de ir à luta, vou mesmo. Se for preciso, para sobreviver, estamos aí. Mas eu queira um pouco mais de qualidade de vida. Trabalhando, era difícil levantar no outro dia, porque eu chegava de Blumenau lá pelas cinco da manhã, e as aulas começavam às sete e meia. Eu já teria dirigido por uns 40 minutos. Às vezes, quando fazia essa vida, vinha tentando me manter acordada pela estrada.

Colocava The Cure para ouvir, vinha a toda. Mas esse era um problema que eu não conseguiria resolver àquela hora da manhã. Deixei para pensar sobre ele no outro dia, depois que estivesse em casa, e descansada.

Na volta, viemos eu, a Cíntia, a Márcia e a Deborazinha. Dessa vez, não pediram para eu parar na estrada para comprar cerveja; elas já trouxeram da Boate, mesmo. A Márcia e a Deborazinha discutiam, por besteira e diferenças de ideologia. Mas, que se fodam as diferenças de ideologia! Por que é que as pessoas não conseguem respeitar a opinião diferente do outro? Na vida, não dá para se estar certo o tempo todo, e, muitas vezes, uma questão tem duas verdades, até mais que duas. Fui pedindo para pararem. Dali a pouco, elas iam se pegar dentro do carro, e eu dirigindo, ali. Não ia dar certo! Não sei quantas vezes pedi para pararem. Nada! Então, dei uma de louca e desliguei o carro na estrada, no meio da pista, apaguei os faróis, e ficamos no escuro. Eu disse: “Se uma de vocês abrir a boca para começar a discutir, eu desligo este carro no meio da escuridão!” Eram umas cinco da manhã. Estávamos só nós, naquela estrada vazia. De repente, veio um caminhão. Estávamos perto da virada de uma curva, e ele tirou uma fina de nós!... Aquela buzina pareceu ter entrado nos meus ouvidos. “Liga esse carro, vamos morrer! Sai daqui, Marise, sai daqui, rápido!” Eu tremia tanto, que nem conseguia dar a partida. Aquele susto curou os desentendimentos, o meu sono e a bebedeira da Márcia.

Deixei a “dupla dinâmica” em Blumenau, em frente à casa delas. Já eram umas seis da manhã, mas elas não iam dormir. A casa delas fica a 300 metros da Boate Rivage, que é uma danceteria normal, para se dançar, e a festa estava terminando. Elas queriam dar uma passadinha lá, para ver se pegavam algum *playboy* saindo da discoteca. Haja tanta disposição!

Eu também deveria ter disposição, na próxima semana. Talvez voltasse a Jaraguá do Sul, mesmo com as aulas iniciadas, uma vez que não tinha conseguido juntar o dinheiro de que precisava. Faltar alguns dias não me traria grandes danos nas notas, ainda mais que eram os primeiros. Ia ver se a Vitória vinha comigo. Ela era uma senhora de programa, que ainda trabalhava bem, e tínhamos sorte quando estávamos uma com a outra.

Fui levar a Deborazinha. Dessa vez, ela não ficaria em Balneário Camboriú, na casa do namorado, mas na casa dela, mesmo. Ela mora sozinha, numa meia-água de madeira em cima do morro, num começo de favela; o carro quase não subia. Fiquei com dó. Mas ela dizia que ali era a casinha dela, e eu me lembrei da Madre Teresa de Calcutá, que uma vez disse que o fundamental era o lar. Fiquei a pensar que todas as pessoas deveriam ter um ponto para o qual voltar, um lugar onde se recolher, e que, por mais simples que seja, é importante ter. Eu, agora, estava voltando para a minha casa. Será que tinham religado a luz? Eu estava feliz por ter uma casa. Simples e alugada, mas era a minha casa, onde estavam as minhas coisas, as da minha filha e, mais importante do que tudo, era onde eu encontrava paz.

CAPÍTULO III

A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA

"A melhor coisa do mundo é saber ser você mesmo."
Montaigne

Não sei bem se eu tinha paz na minha casa... Acho que, em alguns momentos, sim, mas, em outros, definitivamente não...

Lembro-me muito bem das surras que eu levava, e, às vezes, nem tinha sido por minha culpa. Uma vez, minha irmã deu com um martelo na cabeça do meu irmão, que se abriu, num corte. Ele foi para o pronto-socorro, e quem apanhou fui eu, porque era a mais velha e deveria estar de olho neles. Eu estava de costas, olhando pela janela, e nem a vi pegar o martelo. Mas por que eu é que tive de apanhar? Além do mais, não sou tão mais velha assim do que a mana: ela tem um ano e oito meses a menos do que eu. Mas eu já tinha a marca de errada da família.

Tirei notas baixas na sexta série e, como castigo, fui proibida de freqüentar as aulas de dança. Para mim, naquela época, aula de dança era tudo, e foi o fim do mundo não poder ir. Era um castigo muito duro! O meu irmão ficou em recuperação junto comigo, e ele pôde continuar jogando basquete. Era muita falta de sensibilidade. Qual era a nossa diferença? Eu, mulher, e ele, homem? Depois, eles me proibiram de vez a dança, porque a matemática não ia para frente. Eu detesto matemática.

Acho que eu era uma criança irrequieta, que estava sempre inventando alguma coisa para fazer. Era um pouco fora do tradicional, e isso

incomodava meu pai. Ele havia servido no Exército por um bom tempo, e exercia a profissão de advogado. Queria filhos discretos e polidos. Mágoas, eu já não tenho mais. O tempo ameniza as feridas, é um grande aliado do perdão. Mas não gosto muito de lembrar. Escrever sobre isso é um pouco de masoquismo. Como se eu experimentasse pequenas doses do passado e sentisse novamente o sabor de algumas amarguras. Assim, eu mesma me bato; dou-me umas palmadinhas, por meio da memória.

Acho que, na concepção dos meus pais, eles queriam o melhor para mim, mas não souberam que o melhor para mim era me deixar livre, para que eu fosse quem eu fosse, e não um exemplo integral do que eles imaginavam ser filhos perfeitos. Eu ainda prefiro o fracasso do caminho que escolhi ao sucesso, naquele que eles escolheram para mim.

Cresci ouvindo-os fazer comparações e apelações, do tipo: “Por que você não é como a sua prima Franciane? Por que não estuda tanto quanto a Daniele? Por que não se porta à mesa como a Lisandra?”

Por suas personalidades, minha irmã e meus dois irmãos são mais semelhantes ao que eles esperavam. Eu sou diferente: sempre falei coisas diferentes. Tinha algumas idéias malucas, mas elas eram, somente, frutos de uma criatividade embutida, tentando sair de um cérebro de criança. Um dia, achei que havia descoberto a cura para a AIDS, a cura para a seca do Nordeste, e como obter petróleo. Eu usava as minhas calças *jeans* do avesso; segundo o meu gosto, era legal. Também pegava outro *jeans*, cortava-o na costura que existe no meio das pernas e o vestia como uma blusa. A cabeça, eu colocava no buraco que eu cortava; depois, enfiava um braço no lugar que antes era de uma perna, e o outro braço, na outra perna. Usava esses *jeans* como um conjunto, uma calça virada do avesso e, outra, virada ao contrário. Muito legal! Mas meu pai detestava...

Eu pensava e contestava. Se não em palavras, pelo menos em pensamentos.

Uma vez, contestei meu pai e levei um tapa no rosto. Fiquei proibida de sair de casa, e havia questionado um fato normal. Meu pai havia me proibido de brincar com uma amiga, quando eu tinha uns 13 anos. Perguntei: “Por que não posso brincar com ela?” Ele disse: “Porque não”. Eu disse que “porque

não” não era uma resposta, e páááá, veio uma bofetada.

Quando eu tinha uns oito anos, ouvi, na rua, a expressão “filho da puta” e perguntei, em casa, o que era. Meu pai me olhou com uma cara horrível e disse: “Nunca mais, na sua vida, repita isso”. “Mas eu só queria saber o que era ‘filho da puta’, pai.” Páááááá. Ele abriu a minha boca com um tapa, e eu era uma criança. Uma outra vez, ele tirou a minha coluna do lugar, com uma agressão; eu tive de fazer fisioterapia. Devia ter uns dez anos. Por que será que ele fez isso?

Aliviada eu ficava quando ele viajava. Era uma disputa para saber quem iria dormir com a minha mãe. Ela era bastante faladeira, conversava pelos cotovelos. Era uma mulher engraçada, despachada, não tinha neuras com horários, nem aquela fixação em saber onde os filhos andavam, e não estava nem aí se eu brincava com cicrana ou com beltrana. As vizinhas a adoram. É chegada em bichos, e isso quer dizer que há humanismo dentro dela. Deus a livre de encontrar um gatinho na rua sem comida, que ela o recolhe, para alimentar.

O único problema da minha mãe era ser submissa às ordens do meu pai, quanto aos filhos. Em várias questões, era ela que mandava, mas, quanto aos filhos, estávamos sempre à mercê da palavra dele, e isso significava desvantagem para mim, pois ele achava que eu, dos filhos, era a que menos ia servir para alguma coisa.

Entre mim e a minha mãe, havia uma barreira, mesmo que eu a admirasse. O diálogo entre mãe e filha, que deveria existir, não havia. Eu sinto que não é a mesma relação, totalmente aberta, que eu tenho com a minha filha. Ela é uma criança e está bem instruída sobre muitas coisas na vida, inclusive uso de camisinha, e ela conversa comigo sobre as amigas de que gosta, os garotos que acha bonitos, a chata da professora, que grita. Nunca tive isso com a minha mãe. Mas ela não é culpada, essa foi a criação dela.

O mais estranho é que eles não eram carinhosos. Nunca, mas nunca ganhei colo do meu pai. Nunca mesmo. E beijo dele era uma coisa distante e rápida, no dia de Natal ou no aniversário. Da minha mãe, também, mas acho que eram tantos filhos, quatro, e o regime interno da casa era sempre tão

rotineiro, que a quantidade impedia momentos de intimidade. Eu nunca estava a sós com ela, nem ela comigo, e acabei tendo maior identificação com a minha irmã. Nós dormíamos juntas, estudávamos na mesma escola e tínhamos algumas amigas em comum, embora, na infância, nos detestássemos. Hoje, nos amamos muito. Tivemos uma adolescência em crise, pelas diferenças de ideologia. Mas, depois, nos unimos como unha e carne.

Antes, minha irmã vivia a dizer que eu era maluca, pois uma hora era uma coisa e, no outro dia, parecia outra; espontânea com alguns, fechada com outros. Falava bobagens mil, num momento, e, em outro, fazia reflexões baseadas em reflexões. Ela também não conseguia me definir, e foi na adolescência que passei a me indagar sobre quem eu era. O que faço, viva? Para onde vou? Quem realmente sou? O que eu sou?

Tornamos-nos grandes amigas depois que eu engravidei, no final da adolescência. Ela, primeiro, me xingou: contei a ela, antes de falar aos outros. Depois, compadeceu-se da minha situação. Na infância, brigávamos muito: ela era a filha que meus pais admiravam, e eu tinha ciúmes por isso. Eu também achava que ela era linda, e eu, feia. Eu era o centro errado da casa, e ela, o centro certo. Eu nunca fazia nada que prestasse e, quando ia mostrar alguma coisa que tinha feito, eles diziam que eu estava tentando aparecer. Ela se levantava cedo, e eu nem conseguia me erguer da cama. Ela estudava e tirava ótimas notas, e eu, em matemática, já tinha "rodado" duas vezes. Mas, em artes, eu só tirava dez.

Na verdade, o meu lado do cérebro mais desenvolvido é o que controla as atividades relacionadas às áreas de Humanas, enquanto que minha irmã tem aptidão para a Matemática. Isso não faz de uma melhor do que a outra como filha, mas, para os meus pais, era um grande diferencial, e, na época, eu me sentia uma péssima criança, porque não conseguia ser aprovada dentro da minha própria casa. E, muito menos, definida. Se perguntassem ao meu irmão quem eu era, ele responderia: "A Vanessa? A maluquinha da família".

E eu fui crescendo assim, interiormente aniquilada, um pouco mergulhada na inconsciência de criança quanto à realidade, e com complexo de

inferioridade. Eu me achava muito feia, esquisita, confusa, nariguda, dentuça e magra demais. Talvez, se meu outro lado tivesse sido explorado, ou então, não tivesse sido abafado, não teria passado trabalho, as coisas tivessem sido bem melhores e a minha auto-estima não fosse tão baixa.

Mas, agora, tudo isso já aconteceu, e não temos como mudar as situações passadas. Para mim, foi um aprendizado, porque eu vou fazer diferente com a minha filha. Ela é o que é. Amo-a do seu jeitinho, respeito que seja espoleta e, quando me contesta, não revido: explico e digo que eu gostaria que ela respeitasse a minha opinião e que seguisse o meu conselho, porque tenho mais experiência de vida que ela.

Eu cresci achando que não servia para nada, que não era boa em nada e, por diversas vezes, me preocupei. Porque cada um lá em casa era bom numa coisa, o outro, noutra, e eu, em nada. Lembro-me de já ter quase 22 anos, ser mãe e ficar a pensar que eu precisava descobrir logo uma qualidade em mim, que eu tinha que prestar para alguma coisa.

Veio a gravidez na adolescência. Meu namorado, na época, era o meu primeiro namorado, e, então, a minha casa caiu de vez!!! Mas, dessa vez, não apanhei. Fiquei surpresa de não ter apanhado do meu pai. Eu tinha 18 anos, e ele ainda me batia, mas, dessa vez, não me bateu. Bateu na parede, mesmo. A noite inteira, ele deu socos e socos na parede, e eu, no meu quarto, esperando a hora de ele vir para cima de mim. Não veio, mas eu fiquei uma semana sem sair de lá.

Foi horrível, porque eu era prisioneira na minha casa e ficava lá, em silêncio. Falta de liberdade me causa angústia. De vez em quando, um dos familiares subia para fazer terrorismo psicológico e dizer o quanto eu tinha estragado a minha vida e a deles. Minha mãe subia para dizer que eu sempre tinha sido errada, mesmo. Meu irmão do meio ficou revoltado comigo, achava que eu era uma vergonha.

Tenho fobia de falta de liberdade. Até hoje sou assim, tanto que, se algum cliente meu começa a querer me prender no quarto, eu sinto, dentro, uma angústia, fico cega na minha vontade de sair, e nada mais me segura lá.

O pai da minha filha era um *skatista* metaleiro e cabeludo até a cintura.

Nós nos identificávamos, porque eu andava de *skate* também, usava roupas rasgadas e tinha tingido o meu cabelo de rosa e, depois, de ruivo, para a família não entrar tanto em choque. Achávamos linda a vida, e o que eu gostava, nele, é que não me criticava, éramos livres. Conheci-o em uma festinha a fantasia. Mas nenhum de nós colocou fantasia para ir; fomos do jeito como estávamos acostumados a nos vestir, e não fomos barrados na entrada. Adorávamos as mesmas bandas de *rock*.

É lógico que eu era virgem. Acho que os dois, por falar nisso. Eu era uma pessoa muito fechada para sexo, e, na minha casa, a gente não conversava sobre isso. Lembro que, na primeira vez em que senti um orgasmo, nem sabia que aquilo era um orgasmo.

Tínhamos andado pelas ruas até a madrugada e voltado para a casa dele, para dormir. Já tínhamos vários meses de namoro, mas nunca tínhamos tido contato sexual. Dormíamos abraçados, na mesma cama. Era uma mistura de cabelos, naquela minúscula cama. Nas paredes, só os cartazes das bandas de que a gente gostava, Sex Pistols, Metallica, Pink Floyd, The Doors, Creedence, umas placas de trânsito, que tirávamos das ruas, e as fotos das festas a que íamos sempre juntos. Como eu era uma menina carente, apeguei-me a ele, e ele, a mim. Além de tudo, a nossa relação tinha cumplicidade: fazíamos tudo juntos.

A minha família tinha sido obrigada a aceitar o namoro, porque eu estava ficando revoltada demais em casa, e me sentia presa. Naquela época, pouco me deixavam sair, mas estava ficando difícil me segurar e, na hora em que comecei a colocar os pezinhos para fora do lar, passei a não voltar mais. Como um cachorrinho acostumado à coleira, quando é posto em liberdade. Saía na sexta-feira e aparecia em casa somente no domingo. Eu estava bem, mas bem magrinha: pouco comia, só andava de *skate*, e ainda fazia o *street* de mãos dadas. A liberdade era tudo para mim.

E, naquela madrugada, quando fomos dormir, depois de uma sessão de *skate* de rua, ele tirou a minha roupa. Já tínhamos nove meses de namoro. Fui deixando; eu tinha certa curiosidade em saber onde é que as coisas iam parar. Fui deixando que ele fizesse tudo, porque estava bom: colocar a mão

no meu peito era bom, ficar ali me beijando era bom, e ele foi descendo e descendo, e eu fui deixando, de tão bom que estava. Ele acabou fazendo um oral em mim. Eu nunca tinha cogitado, na minha vida, que um homem ia beijar a minha perereca. Eu era inocente demais. Lógico que tive um orgasmo, totalmente inesperado. Nem sabia o que estava acontecendo comigo. Eu só sabia que era bom demais, e que queria mais.

Ele me disse que, agora, era a vez dele. “Como assim?” Ele me explicou, então, o que eu devia fazer, e fiquei chocada! “Eu, não! Você quer que eu coloque a minha boca aí em você? De jeito nenhum, pirou?” Ele respeitou, e dormimos abraçadinhos, como sempre. Toda vez que eu dormia lá, a mãe dele tinha um ataque de manhã. Era normal, ela ter ataques. É atacada da vida, mesmo, e, por qualquer coisa, fecha o cerco e pega a arma de fogo dela. Eu me lembro que, naquela manhã, depois que acordamos, eu queria mais daquele bom que eu tinha sentido na noite anterior, e ela estava atacada, esmurrando a porta dele. Fingimos que não estávamos. Ele fazia em mim e, depois, ficava me persuadindo a fazer nele também. Demorei mais de um mês. Tinha até nervoso de pegar no pau dele. Pegava e ficava com vergonha, largava, ficava só imaginando que tinha que colocar a boca lá. Que horror!

Para que a mãe dele parasse de ter ataque, saímos pela janela do quarto e entramos, na maior cara-de-pau, pela porta da sala. Ele perguntou por que ela estava gritando com ele, se nem mesmo em casa ele estava. Ela silenciou. Garanto que pensou no ridículo pelo qual estava passando. Ele foi abrindo a porta do quarto, com a chave que tinha usado para trancá-lo por dentro. Ela se acalmou, e nós começamos tudo novamente. Eu só queria mais daquilo que era tão bom, só isso, da vida.

Um dia, perdi a vergonha, fiz um oral nele e, daí em diante, começou a minha vida sexual. Foram 11 tentativas de romper a tal virgindade. Fazíamos agenda, naquela época, e tínhamos todas as anotações do que tentávamos e do que realizávamos, com direito a símbolos, para que ninguém soubesse do que fazíamos. Cada posição tinha um símbolo, e, ainda por cima, guardávamos, como recordação, as camisinhas. Essa mini-agenda ainda existe, está guardada no porão da casa da minha mãe.

Eu sempre dizia: “Pára, tá doendo, tá doendo, tá doendo, pááááááára!” Ele parava. Até que, um dia, eu comecei com a minha gritaria, e ele não quis nem saber: tirou minha virgindade de uma vez só. Dei um tapa no braço dele. Depois, ri, porque eu estava feliz! Agora, não era mais virgem. Começamos a transar e a transar e a transar, era uma coisa louca, o tempo todo. Eu tinha descoberto uma coisa boa, e queria mais. Usávamos preservativo, e a gente via revista pornográfica, para fazer igual. O irmão dele tinha uma porção, no quarto ao lado. Tirávamos as revistas escondido e, depois, devolvíamos. A minha família tinha me deixado em paz, e eu apresentei uma amiga minha para o irmão mais velho dele. Estão casados até hoje. Íamos juntas para lá, e cada uma ficava num quarto, com o seu namorado.

Um dia, a camisinha rompeu. Já tínhamos mais de um ano de namoro. Foi no dia 10 de maio de 1994. Eu já tinha diário, naquela época, e, por isso, lembro bem a data. Eu trabalhava no hospital da cidade e perguntei a uma das auxiliares o que eu devia fazer. Ela era evangélica, contra o aborto, e eu, uma ignorante. O fato tinha acontecido naquele mesmo dia. Era só tomar alguma coisa. Ela me disse para esperar um mês e, depois, fazer o exame, para ver no que dava. Se eu tivesse abertura com a minha mãe, teria falado com ela. Mas não, tive que perguntar para estranhos, e obtive uma resposta de gente burra: esperar, para contar com a sorte de não ter engravidado. Naquela época, não tinha pílula do dia seguinte, mas eu poderia tomar um medicamento mais forte, para induzir a menstruação.

Um mês depois, o resultado deu positivo, e eu comecei toda a minha peregrinação por chás, remédios e tentativas de aborto. Todas inválidas! Eu estava desesperada. Falaram-me de um medicamento, chamado Cytotec. Consegui uma receita com um dos médicos do hospital, mas o remédio demorou a chegar, porque era sob encomenda e, ainda por cima, demoramos a conseguir dinheiro. Ele arranjou a quantia emprestada de um amigo. Tínhamos praticamente a mesma idade. Tomei as 16 cápsulas. Funcionava com quatro, mas, para ter certeza, tomei 16. Fiquei menstruada, desceu muito sangue, eu achei que estava livre do problema.

Um mês depois, minha menstruação faltou, e eu voltei ao médico meu

conhecido, para fazer uma ultra-sonografia. Quando me deitei sobre a mesa de exames, ele disse que era só ver o meu ventre, para ter certeza de que eu estava grávida. Agora, eram três meses. Minha amiga tinha engravidado duas vezes do irmão dele, e eles tinham procurado uma clínica de abortos em Porto Alegre, na Galeria Santa Catarina.

Eu e ele não tínhamos dinheiro, e começamos a vender o que podíamos, para juntar alguma coisa. Quando consegui ir, as três clínicas por onde andei se negaram a fazer o aborto. Duas acharam o dinheiro pouco, e a outra até faria o procedimento pela pouca quantia, mas o bebê era grande, e os médicos não se arriscariam. Cheguei a me deitar sobre a mesa de cirurgia, mas o médico mandou eu me levantar. Como não tinha mais solução, resolvemos ficar com o bebezinho, e que tudo daria certo. Quando se tem o cabelo rosa e se anda de *skate*, a gente acha que tudo na vida é fácil. Aquele tinha sido o ano mais legal da minha vida, porque eu tinha liberdade e, ainda por cima, tinha arranjado um namorado que era a minha cara.

Dizem que felicidade de pobre dura pouco, e a minha foi igual: um ano, só, de paz e liberdade. O tempo foi passando, e eu, sem coragem de contar aos meus pais sobre a gravidez. Como tenho dificuldade em conversar com a minha mãe, resolvi deixar-lhe uma carta, contando que eu estava grávida de cinco meses, e fui para o cursinho pré-vestibular. Eu era muito magrinha, e as roupas grandes do inverno escondiam a barriga. Eu fazia "terceirão" à noite e ia tentar o vestibular no verão. Mas a casa caiu!!! Fiquei por mais um mês em casa, com todas as acusações e a pressão. Depois, disseram que eu não poderia mais ficar lá e que, agora, teria de assumir a ruína da minha vida sozinha.

Eu não queria casar, mas tive de sair de casa. A minha irmã me dizia: "Vai lá e coloca essa aliança no dedo, de uma vez. Chega disso tudo!" A pressão era tanta, as ofensas e as culpas, maiores ainda, que resolvi sair de lá de uma vez por todas. A mãe do meu namorado entrou no seu ataque de nervos habitual e o proibiu de se casar comigo no civil. Ele só faria 18 anos depois do verão. Então, resolvemos nos casar às escondidas, na Igreja Católica, pois ela se negara a assinar qualquer papel.

A minha filha nasceu um dia antes do início das provas do vestibular, e eu nem pude tentar fazê-las. Também, não poderia cursar a faculdade, caso eu passasse, porque estávamos morando somente eu e o pai dela numa quitinete. Ele trabalhava por dois salários mínimos. Com um, a gente pagava o aluguel; com o outro, fazíamos o mercado.

Eu não tinha vestido de noiva e, além do mais, estava com um barrigão de sete meses, agora. Minha avó tinha uma camisola, que ela tinha usado nas núpcias dela e que eu achava linda, porque era toda de cetim e de renda. Ela já havia falecido, mas a camisola ainda estava inteira. Decidi me casar com aquela roupa. Ele não tinha nada, só umas roupas rasgadas de metaleiro, calças *jeans* e essas coisas. Começamos a ver uma roupa para ele, e eis que achamos uns coturnos militares, uma camisa verde-exército e uma calça *jeans* com os joelhos rasgados. Essa era a roupa perfeita, em nossa opinião.

Os cabelos estavam pela cintura, tanto os meus quanto os dele. Vestidos assim, atravessamos a cidade, de mãos dadas, até a Igreja Matriz. Antes, passamos por uma floricultura, para pegar uma rosa. É minha flor favorita, e eu, depois, ia até o mar, deixá-la para Iemanjá. Essa era a cultura da cidade onde morávamos, uma pequena cidade praiana, no Rio Grande do Sul. Lá, tinha festa para Iemanjá todo dia dois de fevereiro, e a cidade se enchia de caravanas.

Para padrinhos, ele convidou um casal de amigos metaleiros, e eu, um casal de amigos que tinha passado por uma gravidez no ano anterior. Eles entendiam bem a nossa situação. Testemunharam a cerimônia minha irmã e uma amiga. Assim fizemos o casamento, só nós na Igreja, e eu não cheguei ao altar caminhando com música ao fundo. Fui direto para o confessionário, com o padre.

Mas aquele padre era safado. Ele queria saber detalhes da minha vida sexual, e não os meus últimos pecados. Queria saber se eu transava todos os dias, se eu gostava, quando tinha sido a primeira vez, se tinha tido orgasmos... Só fazia perguntas de caráter e conotação sexual. Quando finalizou a confissão, ele perguntou se eu tinha pensado em aborto, mas foi uma pergunta só para disfarçar. Acho que ele já tinha gozado, porque, numa

hora, ficamos em silêncio absoluto e, como ele não dizia nada, fiquei quieta também.

Eu não sabia todas as orações da confissão de cor, e nem a regra a ser seguida. Só me lembrava de algumas frases da oração; nessa hora, eu recitava bem alto e, quando chegava a parte esquecida, eu resmungava. Eu penso que o padre estava se masturbando por baixo da batina e não estava nem aí para a minha oração. O pai da Yumi me disse que ele tinha feito a mesma coisa com ele, só perguntas indiscretas e sem fundamento. Mas não estávamos interessados nisso. A gente queria se casar, para ser feliz e Deus abençoar.

E foi aí que começou o inferno. A falta de dinheiro, eu, grávida de quase oito meses, as diferenças, as cobranças de amadurecimento, a falta de liberdade. A Yumi nasceu, e eu sofri muito, no hospital. Não queriam me dar anestesia, porque não havia ninguém para pagar o anestesista. Eu estava fazendo tudo pelo INSS, que é um serviço gratuito, mas, sabe como são os desvios dos hospitais. Eles queriam que o governo pagasse uma parte e eu, a outra, por fora. Senti dor das 14h de um dia às 11 da manhã do outro dia. Eu estava sozinha no hospital. Chegou a madrugada. Era tanta dor, e eles, ali, me deixando daquele jeito até alguém trazer algum dinheiro, que resolvi, eu mesma, fazer alguma coisa por mim. Eu disse: “Ninguém mais encosta em mim para poooooooorra nenhuma de exame de toque!! Ou vocês fazem uma cesariana de uma vez, ou, então, não abro as pernas”.

Vieram para ouvir o bebê, e eu disse que não. Dei um tapa na mão da enfermeira. Eu tinha muita dor e já estava fora de mim. Chamaram o médico, e ele viu que não tinha jeito. O pai da minha filha tinha saído, para comemorar o nascimento. O nascimento da “minha filha”, é claro, porque, pelo que me parece, só eu tive a criança, só eu dei mamadeira, fui eu que limpei, cuidei, dei banho e troquei fralda.

Minha vida de *rock’n roll* e *skate* tinha terminado, mas a dele, não. Eu não sabia como cuidar do bebê, e ficava tentando acertar. Algumas vezes, fazia o certo, outras, o errado. Daí, ela chorava, e eu ficava tentando adivinhar o que ela queria. Quando ele foi vê-la no hospital, pela primeira vez, entrou no

banheiro e ficou chorando. Ele queria que tivesse nascido um menino. Eu também estava esperando um menino, mas fiquei feliz, quando a Yumi nasceu. Beijei-a, e tudo o mais: estava toda suja, mas eu beijei. Eu não tinha senso de cuidado, não tinha nem idéia disso, mas tinha senso de proteção. Sabia que ela era responsabilidade minha, e nunca, mas nunca pensei em abandoná-la ou deixá-la para outra pessoa cuidar.

No hospital, olharam para mim e me perguntam se eu queria doar. Disseram-me que eu era muito nova e dificilmente conseguiria cuidar dela sozinha. Disse que não, e que a filha era minha. Não deixei que a levassem mais do quarto, e, quando iam trocá-la para mim, tinha de ser na minha frente. Uma semana depois de eu ter voltado à minha vida normal em nossa quitinete, apareceram lá duas mulheres, para ver em que condições a criança estava sendo criada. Não soube, até hoje, de que órgão elas eram, ao certo; só sei que tinha alguma coisa a ver com a Prefeitura, por causa dos crachás. Não disseram nada. Apenas olharam a casa, o bebezinho, e saíram. Achei aquilo muito estranho, e penso que poderiam ser do Conselho Tutelar.

Aprendi a me virar com um bebê, e fazia tudo com a minha filha embaixo de um dos braços. Eu cozinhava muito mal, mas, pelo menos, tentava. E fazia assim: com uma mão, mexia a panela e, com a outra, segurava a Yumi como se ela fosse uma pasta, embaixo do braço. Ela se acostumou assim, e ficava mais prático para mim também.

Eu limpava a casa, cozinhava, lavava a roupa e cuidava dela totalmente sozinha, e tudo o que o meu "marido" queria era andar de *skate*. Até hoje, eu detesto me referir a ele como alguém que, um dia, foi meu marido. Ele começou a não trabalhar, e as coisas em casa começaram a faltar. Eu estava afastada da minha família. Eles não gostavam do que tinha acontecido. Minha mãe, às vezes, vinha à quitinete e colocava, na porta, um sacolão de comida de presente. Não me cumprimentava nem falava nada, só deixava a comida. Era uma boa ajuda, mas nem sempre dava.

Faltavam coisas, e eu tinha que dar um jeitinho, porque não podia contar com o pai da minha filha. Ele só queria saber de *skate*. Houve um *show* do Ramones, em Porto Alegre, e eu estava louca para ir, mas não tinha como,

porque tinha consciência de que não se pode ir a um *show* tendo contas a pagar. Ele foi, e eu fiquei. Nada o segurava. Eu cobrava responsabilidade da parte dele, e ele achava isso um absurdo. Ele começou a ficar violento em casa. Brigávamos todos os dias, sempre pelas mesmas coisas. Ele saía e só voltava de madrugada, e eu tinha de ficar sozinha com o bebê e com uma casa para cuidar.

Começamos a travar batalhas físicas. Avançávamos um no outro. Eu levava desvantagem, porque ele é grande. Eu, até hoje, não completei bem meus 1,60 m, faltam ainda dois centímetros. Aliás, acho que agora sei por que gosto de homens pequenos, e por que os grandes me assustam. Meu pai é enorme, e o pai da Yumi, também, e os dois me batiam.

Como brigávamos em casa, ele saía com o pouco dinheiro que tínhamos. Sempre vinham me falar que ele estava com uma das minhas amigas, e, novamente, começavam mais brigas. Eu lavava, e ele namorava. Eu passava, e ele curtia. Eu cuidava da casa, e ele se divertia.

Lembro-me de, um dia, não ter mais nada para comer. Abri a geladeira e vi quatro salsichões em um saco plástico. A minha sorte era que a Yumi mamava no peito. Fiquei olhando para eles, tirei-os da geladeira e os coloquei em cima da pia. “Pensa, cérebro, pensa, cérebro, você tem que dar um jeito.” Vi que havia uma coisa que parecia uma antena de barata. Parecia, e acho que era mesmo. Tive uma idéia: fui até o supermercado grande, que era onde os salsichões haviam sido comprados, na promoção. Antes, troquei a etiqueta de preço deles pela etiqueta da vassoura, já bem usada, da minha casa. Cheguei, munida de argumentos, e pedi para chamarem o gerente com urgência. Quando ele veio, simulei um ataque, inspirado nos da minha sogra. “Veja bem, o senhor: comprei um monte de seus salsichões (haviam sido apenas quatro, a granel), e agora não posso comê-los, por causa de barata!” Falei bem alto a palavra “barata”. Ele se aproximou de mim e me disse: “Deixe-me ver quanto deu a sua conta. Pegue outros produtos, então, e pode levar mais alguma coisa, pelos danos”. A vassoura tinha um preço bem maior do que quatro salsichões a granel, e essa foi a nossa salvação naquele dia. Na maior cara-de-pau, ainda trouxe os salsichões para casa e os comi.

Não sei se tinham antena de barata: estavam ótimos.

Comecei a bolar formas e maneiras de economizar, a tirar leite de pedra, mesmo. Às vezes, eu ia ao supermercado e colocava uma bandejinha de alguma coisa no carrinho de bebê da Yumi, mas eu tinha medo de que me pegassem. Tinha vergonha, não me sentia bem. Eu sempre tinha sido íntegra; como podia, agora, estar roubando? Quantas contradições! Nessa hora, eu me perguntava, mais do que nunca, quem eu era e o que, agora, seria capaz de fazer...

Na adolescência, eu e uma amiga íamos aos supermercados, abríamos as barras de chocolate e as comíamos ali mesmo. Só pegávamos uns quadradinhos. Até aconteceu de a gente se empolgar com a aventura e começar a colocar os chocolates debaixo da roupa. Um dia, me pegaram, e eu passei a maior vergonha, não foi nada divertido. Antes, eu não considerava isso roubo, apenas uma diversão de adolescente. Agora, era mesmo roubo, e eu me sentia mal por isso. E entendo, quando alguém rouba comida em supermercado.

Aconteceu, certa vez, de eu ter uns poucos trocados e ir fazer compras. Quando cheguei ao caixa, tive de deixar a metade das coisas, inclusive um frango, que estava na promoção, porque outras coisas eram prioritárias. “Mas um dia, um dia eu não vou mais precisar devolver frangos, nem outra comida.” Foi o que eu pensei, era quase uma promessa a mim mesma. Aquela situação ali, para mim, era humilhante. A fila parou, esperando o gerente vir e aprovar, na registradora, a devolução. Vi meu frango voltar, e eu o estava querendo. Coloquei uma coisa na minha cabeça: no futuro, eu iria poder entrar num supermercado e levar o que eu quisesse, sem ter medo da conta. Hoje, eu não olho para a etiqueta. Se quero, levo. Vejo a quantidade de colesterol, e só.

O pai da Yumi estava cada vez mais ausente. Fiquei a pensar que devia bolar uma idéia, porque não podia ficar dando um jeitinho o tempo todo. Inventei de fazer brigadeiros e vender. Eu os fazia bem, e era boa vendedora. Todo mundo comprava de mim, ainda mais acompanhada de um carrinho de criança. Comecei com uma lata de leite condensado “emprestada” do

supermercado. Tive de ir até lá, e jurei a mim mesma que eu estava roubando alguma coisa pela última vez. Aquilo era horrível e, realmente, eu nunca mais saí sem pagar. Hoje, quando me dão troco a mais, eu sempre devolvo.

Comecei com uma lata e, com o lucro, consegui comprar mais de uma. Brigadeiro é uma coisa rentável, o lucro é superior a 400%. A partir disso, me aprimorei e passei a fazer bombom caseiro. Eu já estava mais próxima da minha família, e ganhei deles as forminhas e uma caixa de chocolate caseiro. Pela primeira vez na vida, eu estava me sentindo útil; pela primeira vez, eu descobri que era boa em fazer alguma coisa: EU ERA BOA VENDEDORA!!! Que bom descobrir isso! Não sei se era mesmo boa, ou se me desenvolvi pela necessidade. Mas foi o que aconteceu: eu vendia horrores e nem precisava mais esperar que o pai da minha filha fizesse algo pela gente.

A Yumi passou seus primeiros meses afundada no cheiro de chocolate. Eu fazia e comia muito também, mas podia; o lucro era bom e suficiente. Eu mesma vendia, distribuía e comprava mais para fazer. O pai da Yumi fez as pazes com a mãe, e ela deu uma moto para ele. Mas era para o seu uso pessoal. Coloquei a Yumi numa creche, para que eu pudesse trabalhar, e tinha de pedalar uns seis quilômetros até a escola, enquanto ele ia de moto, sozinho. Ele podia nos dar uma carona, mas não dava, porque achava melhor aproveitar todos os minutos possíveis de sono, antes de levantar. Como eu, ele também tinha dificuldade em sair da cama cedo. Sexo, não existia mais. Eu me perguntava o que tinha feito da minha vida... Não tinha mais amigas, a metade delas tinha ficado com ele, e eu nem saía mais à rua, por causa dos afazeres domésticos.

Um dia, a Yumi ficou bem doente. Ela vomitava, e eu disse ao pai dela que tínhamos de levá-la ao médico. Ele respondeu: “Leva você”. Pedi que ele a segurasse para mim, que ela estava chorando, e eu precisava trocar de roupa. Coloquei-a nos braços dele, e ele a deixou no chão. Para ele, aquilo era muita petulância minha. É como se eu estivesse dando ordens a ele.

Nossas brigas eram regadas a isso: ele achava que eu tentava comandar. Mas não era assim. A questão é que eu tinha criado senso de

responsabilidade, e ele não estava nem aí para o coreto, a vida dele ainda era *rock'n roll*. Não sei o que aconteceu. Às vezes, penso que ele passou a ter raiva de mim, porque eu era a representação do fim da sua adolescência, da qual ele não tinha vontade de sair tão cedo. E eu, que havia sido arrancada do único ano de pura felicidade da minha vida?

Telefonei para a minha mãe, e ela foi comigo ao hospital. A Yumi teve de ficar internada, era pneumonia. Fiquei com ela, por sete dias, num quarto público, sem ter onde dormir, sentada numa cadeira ao lado do berço. Tudo doía. Nesses sete dias, o pai da Yumi fez muita festa, e eu dormi muito sentada. Ele só aparecia na hora do almoço, para uma visita rápida e para que eu pudesse ir para casa tomar banho, trocar de roupa e, depois, voltar para o hospital. Um dia antes da alta, eu pedi a ele a chave da moto, para ir até em casa, e não voltei. Tomei banho, liguei para o hospital e pedi que lhe dessem um recado, dizendo que ele dormisse, por aquela noite, no meu lugar. Não eram nem duas horas da tarde. Eu me deitei e só me levantei no outro dia. A casa dormiu aberta. Nem eu imaginava o quanto estava cansada. Era mais do que justo eu ter uma noite de sono, como um indivíduo normal.

No outro dia, fui ao hospital. Sabia que teria problemas. Demos a baixa hospitalar da Yumi em silêncio, não falamos um com o outro, e, assim que chegamos em casa, ele abriu a porta e disse: "Você não vai mais entrar, esta casa não é sua". Ainda pegou, na minha bolsa, o resto de dinheiro que eu tinha, e trancou a porta. Eu não podia fazer nada e, ainda por cima, estava com a Yumi comigo, para fora de casa. Ela precisava deitar, e eu não tinha o que fazer. Descobri ali, de uma vez, que não se pode contar com os homens.

Fiquei parada à porta de casa. A Yumi dormiu, e eu fiquei pensando no que fazer. Ela estava pesando no meu braço. Eu pensei que, quando chegasse o fim da tarde, ele voltaria para casa e não deixaria de abrir a porta para mim e para a filha dele. Eram três da tarde, e ele saía do serviço às seis. Lá pelas quatro horas, chegaram minha mãe e meu pai, furiosos, dizendo que não agüentavam mais a loucura da minha vida, que eu era uma irresponsável, que eu tinha culpa de tudo o que tinha acontecido e que eu era um problema sem solução. Mas eu nem sabia o que havia acontecido. Ali, quem estava com

problemas era eu. Pegaram a Yumi do meu colo e disseram que, a partir daquele momento, aquela criança não era mais minha.

Naquela época, eu não tinha muita boca para falar as coisas. As pressões e acusações da minha família eram fortes, e sempre que começava a chuva de ofensas, eu me calava. Lembro-me de que, na minha casa, havia uma poltrona. Toda vez que eu aprontava uma das minhas, eles me colocavam sentada na poltrona e começavam as lições de moral, uma atrás da outra. Eu chegava a um ponto de estresse e de nervosismo, por me sentir uma coisa tão ruim na minha família, que só chorava e, quando tentava falar alguma coisa, não conseguia me expressar e ainda passava por louca. Eu dizia frases desconexas, porque engolia a metade das palavras. Tentava falar rápido e me atropelava nas idéias. E foi diante dessas pressões que, novamente, eu não tive forças e fiquei sentada, chorando, nervosa.

A minha irmã sentou-se ao meu lado, e foi ali que eu senti que gostava dela, e ela, de mim. Porque ela me disse que sabia que eu não tinha culpa, que a minha sogra tinha ligado para casa e dito aos meus pais para darem um jeito em mim, que eu era louca e tinha abandonado a filha no hospital. O pai da Yumi ligou para ela, reclamando de mim, e ela tomou as dores dele, sem falar que morria de raiva por ele ter se casado. Ela sempre dizia a ele para não assumir o relacionamento.

Minha irmã não trabalhava, na época; só estudava. Estava morando em Porto Alegre e não tinha como me ajudar, mas só de ela me dizer que gostaria de poder fazer alguma coisa, já era muito. Acho que nós duas nos sentamos na calçada da rua e ficamos pensando no que fazer. Ali, sentada na calçada, eu não tinha nem para onde ir.

Depois de um tempão chorando, eu me despedi dela e disse que ia ver se poderia ficar na casa da Ana. Ela era uma das poucas amigas que me sobraram, devido à rotina doméstica. Cheguei à casa dela e contei o que acontecera. “Fique aqui, com a gente.” Ela morava, com a irmã e o sobrinho, numa quitinete minúscula. A irmã dela era mãe solteira, e vivia num cortado danado.

Comida, não tinha muita, mas a gente dividiu o que tinha, e era melhor do

que a da minha casa. Pão com ovo frito, e uma boa conversa. Fiquei lá por uma semana, mas não podia ficar para o resto da vida, e a casa era pequena demais. Eu dormia no mesmo colchão que a Ana, e nem ela conseguia dormir direito. Ainda por cima, ela tinha que trabalhar no outro dia. Dividia suas roupas comigo. Depois daquela semana, decidi que precisava dar um jeitinho. Tinha desenvolvido a capacidade de dar um jeitinho em tudo. Agora, além de boa vendedora, eu sabia dar um jeitinho.

Resolvi pegar uma carona e ir até a cidade próxima. Achei que seria mais fácil arrumar um emprego por lá e, quem sabe, um quarto. Fui, assim, dando um verdadeiro tiro no escuro, sem nenhum dinheiro. Só tinha a intuição de que arrumaria alguma coisa. Ia de um canto a outro a perguntar se havia emprego e lugar para ficar. Hoje, fico pensando nessa minha atitude e vejo que era totalmente desprovida de qualquer racionalidade. Mas acho que quem está numa situação como aquela em que eu me encontrava, na época, acaba tentando a sorte, mesmo. Porque, quando não se tem para onde ir, qualquer lugar serve. Li isso em *Alice no país das maravilhas*, e foi a parte de que mais gostei.

"Quem tem boca, vai a Roma", e, naquele pergunta dali e respondem daqui, disseram-me de uma senhora que tinha quartos para alugar a estudantes. Fui até o endereço, e a empregada me disse que havia vagado um dos quartos, mas que eu tinha de falar com a proprietária, e ela estava hospitalizada. Disse que minha situação era tão emergencial, que eu iria até o hospital. Lá, disseram-me que eu não poderia entrar, porque o horário de visita já havia se encerrado. Mas eu já estava ficando craque em dar um jeitinho e, depois de responder que estava tudo bem, fui até os fundos do hospital e entrei pela porta de funcionários. Nos andares superiores, perguntaram-me quem eu era e o que estava fazendo ali. Eu disse que era a acompanhante contratada da senhora tal, e me disseram que ela estava no quarto.

Cheguei ao quarto, me apresentei e perguntei a ela se podia ficar com o quarto vago. Ela primeiro me perguntou como eu tinha entrado. Respondi que eu era auxiliar de enfermagem e que o pessoal do hospital me conhecia. Ela

disse que então estava tudo bem, que, inclusive, precisaria de alguém para ajudá-la em casa, quando ela voltasse, e que eu poderia ficar lá. Escreveu-me um bilhete de autorização, endereçado à sua empregada, e disse-me que eu acertaria com ela por semana, podendo dar o primeiro pagamento na hora em que ela saísse do hospital. Saí de lá dando pulos de alegria. Agora, eu já tinha uma casa para morar. Só faltava um emprego.

Na primeira noite, passei frio. Eu não tinha cobertas. A casa era um misto de alvenaria e madeira. Meu quarto era pequeno, mas estava ótimo. Levantei-me cedo. Eu precisava comer, mas como faria? Lembrei que minha irmã tinha conta, em Porto Alegre, na mercearia da esquina da sua casa em Porto Alegre, e que meus pais pagavam suas despesas, por mês. Liguei para ela a cobrar e lhe perguntei se poderia comprar alguma coisa fiada lá. "Claro, pode vir. Eu ganhei mais um dinheirinho do pai ontem. A gente compra mais alguma coisa que faltar."

Nós não tínhamos sido amigas por 20 anos, mas, agora que a situação tinha apertado, estávamos unidas. Ela, por pena de mim, e eu, grata por ela estar me ajudando. Como eu não tinha dinheiro, fui até a BR-101 a pé e comecei a pedir carona. Consegui e, depois de uma hora de viagem, cheguei à entrada de Porto Alegre. O caminhoneiro me deixou perto da rodoviária e, de lá, peguei um ônibus e desci pela porta de trás, assim que ela abriu para uns passageiros entrarem. Cada vez mais, eu dava um jeitinho para resolver os meus problemas.

Minha irmã me ajudou a fazer as compras. Refletimos e resolvemos que uma lata de leite em pó, um Nescafé, um quilo de açúcar, um pacote de bolachas e uns miojos seriam suficientes para uma semana. Ainda fomos até a fruteira, e eu acho que levei couve verde. Na volta, com uma sacolinha de compras, eu tinha de refazer o mesmo percurso, só que, agora, rumo ao litoral de Porto Alegre. Depois de pedir carona, novamente, na saída da cidade, cheguei à pequena praia, meu novo lar. Em casa, eu estava feliz, porque agora eu tinha lar, comida, e só me faltava um emprego.

No outro dia, comecei a minha peregrinação. Os locais em que eu mais pedia emprego eram os sacolões de frutas e verduras, porque, na minha

concepção, eu poderia levar as cenouras e as bananas para casa. Mas nada de emprego. Bateu uma saudade da minha filha! Resolvi ir à praia em que antes morava com ela e vê-la na escolinha. Peguei outra carona à beira da estrada e fui em direção à cidade. Eu estava caminhando por uma rua e olhava para os paralelepípedos, quando parou um Fiat vermelho e uma mulher perguntou, lá de dentro: “Ei, você não é aquela moça que vendia uns bombons na rua?” Respondi, aproximando-me dela: “Sim, sou eu mesma.” Ela me perguntou se eu não queria trabalhar com ela, vendendo livros nas escolas, pois precisava de mais alguém para ajudar, e achava que eu daria certo.

Subi no carro na hora, e fomos conversar. Eu ganhava comissão: 20% do que eu vendesse. Topei. Ainda por cima, ela pagava o meu almoço. Perfeito! Começaríamos no outro dia, e eu levei o material para estudar em casa. Na primeira escola, foi um sucesso total: vendemos um monte, e eu recebi a comissão na hora. Dois dias depois, a dona da casa saiu do hospital, e eu lhe estendi o pagamento da semana. Agora, estava mais feliz do que nunca: eu tinha casa, comida e emprego, e ninguém me incomodava. Só faltava a Yumi.

Começamos a trabalhar freneticamente, dia após dia, todos os dias, até acabar o dia. Vendíamos em todas as escolas da cidade; depois, nas das cidades vizinhas. Eu nunca tinha tido tanto dinheiro na minha vida. Se eu quisesse comer um bolo de chocolate, eu podia. A minha patroa estava separada; ela tinha pegado o marido com outra. Ela não gostava de sexo, mas tinha carência afetiva. Nós conversávamos muito sobre isso.

As vendas aumentaram, e ela montou uma equipe de vendas. Eu passei a ajudá-la. Eu era a melhor vendedora que ela tinha. Íamos de cidade em cidade, vendendo os livros. Na parte da manhã, geralmente os vendíamos nas ruas; na parte da tarde, nas escolas. Eram livros para professores do magistério. Éster Grossi era uma construtivista revolucionária, e eu a adorava! Nunca li seus livros. Mas, só por saber que ela era revolucionária e usava o cabelo rosa, virei sua fã.

Não demorou muito, e apareceu uma idéia. O fornecedor de livros da Eliane pensou em colocar todas as garotas vestidas com um mesmo

uniforme: uma camiseta da Ação Criança, um boné da Ação Criança, um crachá do Governo Federal, falsificado, e que eles mesmos mandaram fazer, para vendermos os livros em nome da ajuda às crianças com câncer do Brasil. Vendíamos que nem água, mas é claro que nem um real ia para a Instituição. Uma parte ia para os bolsos da Eliane, outra, para os do fornecedor, e outra, ainda, seria a minha comissão.

Cheguei a vender cem livros num só dia. O trabalho era no corpo a corpo: a gente convencia o transeunte enquanto ele caminhava. O livro era barato. Lembro-me de que custava o equivalente, hoje, a uns dois reais, e a minha comissão era de 50 centavos. Eu, e essa minha vida de comissionada!

Acabei saindo da casa da senhora dos quartinhos alugados. Ela disse que não gostava do fato de eu não ter horário para nada. Achava um absurdo eu nem voltar para casa, às vezes. A Eliane tinha, nos fundos da chácara dela, um barraco de madeira. Lá não havia banheiro, eram só as paredes, o chão de madeira e o teto de Brasilit. Coloquei as minhas coisas lá e, quando não estávamos viajando, eu dormia ali. Era muito frio. Passei a ter muitas saudades da minha filha; acho que fiquei uns três meses sem vê-la. Um dia, tomei coragem, fui à casa da minha mãe e pedi a Yumi de volta. Ninguém se opôs.

Eu e a Eliane resolvemos ficar vendendo livros somente pela região, sem viajar. Ela também tinha um filho e não queria ficar fora de casa por muito tempo. Passei a morar com a minha filha naquele barraco. Era horrível, entrava vento por tudo. Só podia usar o banheiro durante o dia, porque ele ficava na casa maior, na frente da chácara. Além disso, eu tinha de esperar todo mundo acordar, e o banho tinha de ser rápido. A minha sorte é que a Yumi usava fraldas.

Fiquei assim por muito tempo, acho que um ano. Era muito frio, no inverno, e muito calor, no verão. Eu me levantava, levava a Yumi para a escola e caía no trabalho. Depois, pegava-a no final da tarde e ia para casa. Também não tinha televisão e, desde essa época, me acostumei a não assistir. Não tinha namorado, e nada de sexo. Fiquei sozinha todo esse tempo. Também não saía. O pai da minha filha praticamente não vinha vê-la. Aliás, ele não se

preocupava nem um pouco com ela.

Um dia, ele apareceu e começou uma conversa mole, dizendo que sentia falta da gente. Eu estava bem carente, e era tapada o suficiente para gostar dele ainda. Acabamos ficando juntos. As coisas eram um pouco sacrificadas demais, também, e eu tinha esperança de que, agora, ele me ajudasse a cuidar da Yumi. Pior, impossível, porque é obvio que ele não mudou sua natureza e, ainda por cima, tornou-se mais agressivo. Bem, já não me bastava o meu pai; agora, era o meu marido.

Minha irmã não tinha sido tão agredida quanto eu, e, por isso, o limiar dela em relação aos homens é muito mais restrito do que o meu. Um dia, um namorado lhe deu um tapa. Ela nunca mais o cumprimentou. Isso porque ela não estava acostumada e achava agressão um absurdo. Diferente de mim, para quem apanhar de um homem já era fato habitual. Logo, eu me tornei permissiva nesse aspecto, e a surra de ontem era esquecida facilmente hoje.

Eu continuava com a mesma rotina diária, com muito trabalho, e mais a casa, as roupas, a Yumi e a comida. Ele não ajudava em nada, nem com a filha, e fiquei sobrecarregada. As saídas e os encontros dele com as minhas amigas também continuaram. Uma delas, depois, veio a engravidar de um traficante, e o marido acabou, um dia, colocando-a na rua com o bebê.

Eu estava a ponto de estourar. Era muita pressão em cima de uma jovem mulher de 21 anos. Fiquei em depressão por dois anos, mas não sabia que era depressão. Não parava para pensar ou refletir. Eu não achava graça nem em piadas. Hoje, analisando os sintomas, sei que era essa doença. Não agüentava mais a vida que eu tinha, sempre com os mesmos problemas, que pareciam não ter solução. Eu sou assim. Não falo. Acostumei-me a não falar as coisas na minha casa, porque, sempre que eu falava, não era compreendida. Ficava muito nervosa e chorava. Não conseguia me expressar e parecia uma louca descontrolada quando abria a boca, porque falava tudo de uma vez só.

Hoje, eu não choro. Aprendi a me controlar e nunca falo com meus pais sobre o que estou sentindo. Mas, como não falo, acabo tomando atitudes que as pessoas não imaginam que eu tome, inesperadas. E, de um dia para o

outro, após uma discussão sobre traição com o pai da minha filha, desapareci. Tinha uma amiga que sempre me falava sobre as maravilhas de Florianópolis, e que ela, um dia, moraria lá. Eu ficava imaginando como seria aquela cidade e, sempre que a via em fotos, achava-a linda. Para mim, Florianópolis passou a ser a representação da felicidade, e para lá eu iria, na tentativa de ser feliz. Mais levada pelo desespero de dar fim a um ciclo vicioso e movida pela coragem que se tem aos 21 anos, eu parti em busca daquilo que, para mim, representava a felicidade: a cidade de Florianópolis!

Levantei-me às seis horas da manhã e disse a mim mesma: "É hoje!" O pai da minha filha dormia. Arrumei duas mochilas, levantei a Yumi, coloquei as malas para fora. Ele acordou, pensando que eu estava arrumando a menina para a escolinha. Subi na bicicleta, coloquei uma mochila de um lado do guidão, a outra, do outro lado, e uma mochila, menor, nas costas. Tinha cem reais, com que eu pagaria a escola naquele dia. Saí decidida a ir morar em Florianópolis.

Passei pela casa da minha amiga e bati na sua janela. A Grazy abriu a veneziana, perguntando que horas eram: "Sei lá, eu estou indo morar em Florianópolis, não agüento mais esta minha vida aqui!" Ela me disse que, se eu fosse, ela também iria junto. Fiquei esperando lá fora, com a Yumi no colo. Ela deixou um bilhete para a mãe, avisando que iria a Porto Alegre ficar uma semana comigo e me ajudar com algumas coisas. A Grazy tinha liberdade. Traçamos o nosso plano. Primeiro, deixaríamos minha bicicleta para a Thaís vender. A Thaís nos levaria, no carro dela, até a cidade mais próxima, para evitar que conhecidos nos vissem. Mas, quando chegamos lá, o carro dela estava tão imprestável que a Polícia Rodoviária não a deixaria passar pelo trecho entre as duas cidades.

No final de semana anterior, a Thaís havia saído, bebido algumas e dirigido até sua casa com a porta do carona abrindo e batendo nos postes pela rua. O carro dela era um Chevette *Hatch* azulão, apelidado de Trovão Azul. Mas era melhor tê-lo do que andar de bicicleta, como eu. Então, ela nos levou só até a saída da cidade; o resto era conosco. Precisaríamos chegar à cidade vizinha para, então, pedir carona na BR-101. Eu e a Grazy

começamos a pedir carona de manhã bem cedo, e até que não foi difícil conseguirmos. Um caminhão nos deixou na BR-101, e, lá, começamos o nosso martírio de tentar encontrar outro veículo que nos levasse a Santa Catarina.

Ninguém dá carona a mulheres com crianças, porque a Polícia Rodoviária encrenca, e os donos das empresas, também. Pode haver tráfico de menores, e ninguém quer se envolver. Além do mais, os seguros dos caminhões não pagam reembolsos em caso de acidente, se houver caronas.

Chegamos cedo à BR, mas foi somente depois do meio-dia que apareceu um caminhoneiro e se compadeceu da nossa situação. Estava um calor terrível: era novembro, e não havia sombra. Era um caminhão Scania, desses bem grandes. Estava escrito GLOBETROTTERS na parte superior do caminhão, sobre o vidro, em letras bem grandes. Era vermelho, e eu o achava um supercaminhão. Como o Super-Homem: vermelho, enorme, veloz e salvador. Sim, aquele caminhão era o nosso salvador. Agradecemos ao motorista mil vezes. O único problema é que ele não ia diretamente para Santa Catarina e teria de nos deixar no Postão da BR-101, na cidade de Torres, mas entraria em contato, pelo rádio, com algum amigo, para ver se conseguia um conhecido que nos ajudasse, já que, com uma criança, seria muito difícil. A minha filha estava achando tudo o máximo e, naquele embalinho do caminhão, ela dormiu, ainda bem. Ele ainda fez uma parada, para que a gente comesse alguma coisa. Durante a viagem, ele pegava o microfone da cabine e falava: “Atenção, caminhão tal e tal, qual origem? Rádio tal... Preciso de carona para duas mulheres e uma criança, destino Santa Catarina”.

Um dos caminhões ia para lá e poderia nos pegar no Postão de Torres. Quando chegamos lá, eu desci do caminhão e resolvi telefonar para a minha família. Um telefonema breve e rápido, para que não se preocupassem, dizendo que eu iria a Porto Alegre, espairecer um pouco as idéias. Minha mãe atendeu e apenas disse: “Tudo bem”. Mas eu nunca chegaria lá, e ela também nunca se preocuparia. Minha mãe nunca esquentou muito com os filhos. Não que não tivesse amor, mas ela nos criou independentes, mesmo, e

sem problemas com sumiços; o neurótico era meu pai. Além do mais, eu já tinha acostumado a família com não dizer muito aonde ia e não falar muito sobre mim mesma e sobre meus planos. Eu nem tinha planos para o futuro. Acho, também, que eles pensavam que eu não tivesse futuro. Naquela época, eu não fazia grandes planos e era bem preocupada com as questões do presente. Na minha família, eu era uma espécie de ovelhinha negra.

Subimos ao novo caminhão, e, dessa vez, era um motorista jovem. Nós nos identificamos rápido com ele, e ele parecia uma pessoa bem legal. A Grazy é comunicativa ao extremo e foi conversando com ele sobre todos os assuntos. Papo vai e papo vem, o cara era da cidade de Capão da Canoa, e eles até tinham conhecidos em comum.

Hoje, fazendo reflexões sobre mim e me comparando com as pessoas pobres, percebo que tínhamos o mesmo anseio: chegarmos vivos ao final do dia. Todo dia, era uma batalha, e eu nunca tinha plano para o mês seguinte; no máximo, para o outro dia. Eu nem sabia o que queria e não imaginava o que poderia fazer da minha vida. No caminho, eu e a Grazy fomos traçando os nossos planos: “Amiga, são cem reais. Então, 50 reais serão para o aluguel de um quartinho, com 35 reais, você faz uma cesta básica, e 15 reais, você economiza, que são para o leite e para o pão. Daí, temos só que arranjar um emprego”. Eu concordei. A Grazy era bem pobre e, naquela época, ela gastava 35 reais para comer durante o mês inteiro. Era muito pouco, e tinha de ser administrado centavo por centavo.

Mas eu estava sem medo. Paramos na metade do caminho, para jantar. Eu não podia gastar mais nem um real daquele escasso dinheiro, e o jantar ficou por conta do nosso superamigo caminhoneiro. Ele saiu do caminhão, pegou três bancos desmontáveis, foi até a lateral do veículo e puxou o que parecia ser uma gigantesca tábua de passar roupas. Ela seria a nossa mesa. Antes de eles colocarem a toalha, aproveitei para trocar as fraldas da Yumi, e começamos a rir da gente mesmo. Depois, ele pegou um pão enorme, caseiro, que a esposa dele tinha feito para a viagem, e dividiu com a gente. Também tinha café-com-leite numa térmica, e manteiga. Enchi a mamadeira da Yumi. Ela estava com fome, apesar de, na vinda, termos dado umas

bolachinhas a ela. Ela não chorava, só dormia, com todo aquele embalo do caminhão.

Desmontamos o acampamento e seguimos viagem. Já era noite. Tínhamos perdido muito tempo na troca entre um transporte e outro e na tentativa de conseguir carona na BR. E, quando nos aproximamos de Florianópolis, tivemos um problema. Nosso amigo tinha um caminhão muito grande, e a entrada desses veículos na cidade era proibida. Avistamos a ponte. Meu Deus, como ela era linda!!! Aquelas luzes, eu queria passar dentro delas. Queria as luzes em volta de mim. A Grazy me disse que a ponte estava condenada. Eu não ligava. Era muita felicidade, dentro de mim, porque, na minha concepção, eu havia chegado ao paraíso, tinha chegado ao lugar onde eu começaria a ser feliz! Depois de 21 anos, eu estava pronta para ser feliz: "Esta cidade é minha!!! É a minha casa!!!"

Foi aí que o caminhoneiro nos deu a péssima notícia: "Meninas, tenho que deixar vocês aqui". Era meia-noite, estava chovendo, não tínhamos para onde ir e nem havíamos pensado no que fazer. Só sabíamos que tínhamos chegado ao lugar onde queríamos e que, agora, o resto era com a gente.

Descemos do caminhão, meio desoladas. Ali, eu comecei a ficar preocupada. A Yumi estava dormindo, e a chuva era fininha. Cobri-a com um lençolzinho e, enquanto eu ficava sentada sobre as malas, a Grazy colocava o dedão na estrada. Um Diplomata verde-escuro parou para nos ajudar. Sempre gostei muito de carros, e lembro que aquele era um dos meus preferidos.

Entramos, e o motorista nos perguntou qual o nosso destino. Eu e a Grazy nos olhamos. Não tínhamos destino. Como não respondemos, ele perguntou se poderia nos deixar no centro de Florianópolis. Dissemos que sim. Ele nos deixou justamente numa rua onde havia muitas prostitutas e bêbados.

Acho que ele pensou que ali seria o nosso lugar, uma vez que não tínhamos destino. Aquela rua era uma espécie de calçadão do centro de Florianópolis. A Yumi acordou. Agora, ela estava elétrica, e ainda bem que a Grazy tinha vindo junto, porque não daria para segurar a minha filha e as sacolas. Ficamos caminhando de um lado para o outro. Eu via aquelas mulheres

paradas às portas, esperando seus clientes. Eles chegavam, se encostavam, alguns já passavam a mão, perguntavam o preço. Se chegassem a um acordo, eles subiam juntos. Começamos a vagar. E agora? O que fazer? Encontramos um policial, e dissemos a ele que tínhamos acabado de chegar a Florianópolis e que não sabíamos o que faríamos. Ele ficou preocupado, porque tínhamos uma criança. Chegou um amigo dele e disse que, se pudesse, nos levaria para casa, mas que não tinha como, porque tinha família.

Os dois entraram num consenso, e um deles puxou dez reais do bolso. Isso daria para pagar um quarto em uma das pensões da rua. Agradecemos e procuramos uma para nos hospedar. Entramos por uma daquelas escadinhas, e o que vimos foram quartos abertos, inclusive sem portas, com mulheres encostadas nos batentes ou deitadas, seminuas, sobre as camas. Elas estavam trabalhando. Lembro-me de uma gordinha, de cabelos negros e crespos, com uma camisola vermelha não totalmente vestida, mas um pouco jogada pelo corpo. Eu falei: “Grazy, vamos sair daqui. Eu não gosto deste lugar”. Mal sabia eu que, um tempo depois, estaria ocupando um lugar no mesmo barco.

A diferença entre elas e mim, neste momento, é nenhuma. Somos iguais. Quem cobra cem ou dez reais vale a mesma coisa como ser humano, e está na mesma condição subumana de vida. Não pela questão moral. Que se foda a moral imposta pela sociedade. Mas está na mesma situação de perda psicológica, enfrentando os mesmos dilemas. Quer-se chegar a algum lugar, mas não se sabe como, ou então não se tem outros meios.

Como já eram umas duas da manhã, um hotel aceitou o nosso pernoite. Foram dez reais por nós três, desde que não tivéssemos café da manhã. Eu já estava com fome, a Yumi, a bolachinha, e a Grazy, muito cansada. Eram muitas coisas para carregarmos. Fico me perguntando até hoje por que, além das três mochilas, eu inventara de trazer a cadeirinha de colocar a Yumi na bicicleta. Não tinha justificativa plausível, aquilo. Se bem que nada do que estávamos fazendo tinha algum fundamento racional. Mas carregar, para cima e para baixo, uma cadeirinha de colocar bebês em bicicletas, sem ao menos ter uma, era muito estranho. Acho que devia ser porque a cadeirinha era

muito minha companheira, e eu estava sempre atrás dela, por ser o meio mais fácil de carregar minha filha.

Dormimos, as três, na mesma cama. Essa era outra das condições do hotel. Estávamos muito cansadas. Mas a Grazy ainda foi lavar, na pia do banheiro, a sua única calça. Fazia muito calor, e secaria fácil. A Yumi dormiu, mesmo com toda aquela agitação, pois ficou cansada rápido.

Abri os olhos às seis horas da manhã. Não havia dormido quase nada, mas a claridade e toda a minha preocupação me fizeram ser a primeira a sair da cama. Agora, sim, eu estava preocupada. Qual seria a luta daquele dia? Na noite anterior, eu não havia me preocupado com o dia seguinte, só em como chegar viva até o final dela.

"Grazy, acorda, o que vamos fazer?" Ela se mexeu e disse: "Eu me lembrei da Lizi e do Luciano. Lembra-se deles? Pois então, eu sei que eles estão aqui em Florianópolis, só não sei onde. Mas, se os descobrirmos, eles podem nos ajudar". Lizi e Luciano eram um casal de amigos nossos, do tempo de escola. Lembro-me que a gente chamava o Luciano de Cadela, porque ele parecia ter cara de cachorrinho e usava cabelos compridos. Tínhamos de descobrir o paradeiro deles. Liguei para a minha ex-cidade, a cobrar. Atendeu a Dani, uma ex-colega minha, e disse: "Que horas são? Está acontecendo alguma coisa?" Expliquei a ela que eu e a Grazy íamos mudar de vida e precisávamos do endereço do Luciano e da Lizi. Ela disse que poderia consegui-lo com a Daiane, mas só depois das oito da manhã, que era o horário em que ela chegava à loja, e pediu que eu ligasse mais tarde. E assim fizemos, eu e a Grazy. Ficamos no quarto, pensando no que fazer, enquanto esperávamos o tempo passar. Depois das oito, com o endereço em mãos, seguimos em direção ao bairro Morro das Pedras, para pedir ajuda aos amigos. Quando chegamos, fomos bem recebidas. Contamos rapidamente o que queríamos, e eles disseram: "Entrem, por favor". E, voltando-se para mim: "Mas você não precisa sair agora, a procurar um quarto para alugar, porque estamos precisando de gente para trabalhar conosco".

Quase nem acreditei. Era tudo de que eu precisava, naquele momento. A Grazy ficou conosco por uma semana e, depois, voltou. Eu permaneci ali,

sem ligar para a minha família. Não tinha vontade de falar com ninguém, e só queria esquecer tudo de ruim que tinha acontecido.

Tinha os meus dias calmos e tranqüilos. Só trabalhava e descansava. Depois, consegui uma creche para a Yumi ficar. Era só amassar pão e massa, o dia todo, e isso era ótimo. Tudo tão tranqüilo. Na casa da Lizi e do Luciano, não havia discussões. Eu me lembro de que a gente ficava ali, amassando pão e ouvindo Marisa Monte. Fiquei assim por uns quatro meses. Não dei sinal de vida a ninguém, mas acho que não deviam estar muito preocupados.

Um dia, resolvi ligar, apenas para dizer que eu e a Yumi estávamos bem. Minha mãe atendeu. Ainda bem que tinha sido ela, pois eu não gostaria de falar com o meu pai: ele me deixaria bastante nervosa e, provavelmente, faria terrorismo pelo telefone. Ela disse: “Tenho certeza de que você está bem”. Falou-me da preocupação dela, pois a família do meu ex (detesto até referir-me a ele assim) havia entrado com uma Ação de Busca e Apreensão no Juizado de Menores, e eu deveria voltar à cidade e apresentar a criança, senão perderia a guarda dela e poderia ser processada por seqüestro. Afinal, bem ou mal, o pai da Yumi tinha direitos sobre ela. Ele não cumpria os deveres, mas tinha direitos; sempre achei isso bem injusto. Ele não ajudava e, ainda por cima, atrapalhava horrores.

Tive de voltar à minha cidade e, como já estava acostumada a pegar a estrada, voltei de caminhão, mesmo. Mas, dessa vez, me dei mal, porque o caminhoneiro queria se aproveitar da situação e me pegar de qualquer jeito. Dei uns gritos na cabine, e ele ficou muito bravo. Nem sei como é que não me deixou na estrada mesmo. Eu não quis sair da cabine nem para ir ao banheiro, porque ele poderia sumir com as minhas coisas ou, então, com a minha filha. Agüentei o homem durante a viagem inteira. Ele, ainda por cima me ofendendo, me chamava de vagabunda de minuto em minuto. Uma hora, ele parou em um posto e disse: “Vai, sai, para ir nem que seja ao banheiro. Você não vai descer?”. A minha filha estava dormindo no banco de trás, e a primeira coisa em que pensei foi que ele a levaria, se eu saísse dali. Não respondi, e vim muda por toda a viagem. Já era noite, e eu não poderia ficar

na estrada com uma criança.

Quando cheguei, ninguém perguntou onde eu havia ficado durante todo aquele tempo. Acho que tinham desistido de mim e das minhas loucuras, mas isso foi a melhor coisa que fizeram, para mim e para eles também.

Lembro-me de que, quando cheguei, havia uma novidade: uma amiga estava namorando o pai da minha filha. Se bem que, para mim, nem era tanta novidade assim.

O mais estranho é que a família dele e ele tinham feito tanto estardalhaço pela falta da Yumi e, quando ela chegou, não deram bola. Inclusive ele, que nunca a pegava para ficar com ele, nem por um dia. Eu tinha ido direto para a casa da minha mãe, e ali fiquei, até acabar com a confusão e esclarecer o que nunca quiseram que fosse esclarecido.

Mas eu não queria ficar ali. Não queria, mesmo!!! Queria vir para Florianópolis, onde eu sabia que tinha paz, onde não havia pressão. O pai da minha filha queria, agora, voltar comigo. Tinha terminado o namoro com a minha amiga. Uma piada! Eu disse a ele que não ficaria naquela cidade e, se ele quisesse voltar comigo, tudo bem, mas teria de ser em Santa Catarina. Achei que, se ele ficasse um pouco longe dos amigos e da mãe, ele pudesse colocar a cabeça no lugar. Quem sabe, numa situação em que estivéssemos a sós e pudéssemos contar apenas um com o outro, talvez desse certo.

Eu tinha uma mania triste de ser sonhadora. Hoje, eu até tenho meus projetos, mas não são sonhos: são projetos reais, mesmo, e fundamentados na percepção de que podem acontecer, não baseados em alguma ajuda divina ou milagre. A outra diferença entre o ontem e o hoje é que, agora, a vida é planejada, e não se pensa somente na luta até o final do dia, há uma progressão um pouco maior de planos em relação ao tempo. Naquele momento, eu esperava que meu sonho de viver bem com a minha filha e com o pai dela desse certo.

Mas é claro que não deu! O caráter de um homem, não se muda. O que ele traz de essencial dentro de si não vai se transformar com o passar dos anos. As pessoas podem camuflar-se por um tempo. Nunca pelo resto da vida, mas, por um tempo, sim. O problema não era o lugar, nem a mãe dele. Era

ele, mesmo, e podíamos ir para a China, que ele continuaria igual.

Assim que chegamos a Santa Catarina, vimos que, em Florianópolis, era quase impossível ficar, pois a cidade tinha um custo de vida alto. Sem saber muito para onde ir, resolvemos pedir uma dica a Deus e abrimos um mapa do estado. Eu rezei, me concentrei e coloquei o dedo em uma das bolinhas do mapa. Depois, lemos o nome. Lá era a cidade para onde Deus nos tinha mandado: Balneário Camboriú.

Chegamos, de mala e cuia: gaúchos a tentar a sorte, como vários outros gaúchos. Fizemos as provas do CRECI, eu e ele, assim que chegamos, e nos tornamos corretores de imóveis, mas ficamos muito pouco tempo juntos, ainda, porque eram sempre as mesmas brigas. A falta de ajuda dele, muito serviço para mim. Eu conseguia vender alguns imóveis e, além de trabalhar fora, tomava conta de 100% da casa e da minha filha. Ele ficava acordado até tarde e aparecia na Imobiliária perto das 11 da manhã. No final da tarde, eu tirava a Yumi da escolinha e ficava até as dez horas da noite trabalhando. Imobiliária, em Balneário Camboriú, tem muita concorrência.

Qualquer esposo normal me diria para ir para casa com a filha, que ele ficaria no meu lugar. Dividíamos o mesmo plantão de vendas. E, um dia, quando ele chegou em casa, eu não existia mais. Cansei, e tinha tentado, até a minha última gota. Não me arrependo de ter tentado, porque, hoje, sou livre de culpas pelo fracasso da relação. Ele não me encontrou, nem às minhas coisas, nem à minha filha. Eu havia me mudado, pela segunda vez, sem deixar rastro, e ele, também, nem tinha interesse em saber de mim.

Agora, mais do que antes, eu iria trabalhar. Aluguei um apartamento de um dormitório, que tinha bastante espaço para a Yumi brincar. Ele trocou de plantão de vendas, e tudo o que fez foi fazer festa. Nesse momento eu não me importava mais com ele, e nunca mais quis saber o que ele fazia da vida, nem onde estava, e muito menos com quem. Ele também não nos procurava, e, assim, estávamos bem, eu e a Yumi.

Ela também não sentia falta do pai. Para falar a verdade, estávamos muito melhor sem a sua presença, porque não havia brigas, nem agressões. Uma vez, eu tive de dormir trancada no banheiro com a Yumi, porque ele tivera

um ataque de cólera por alguma coisa que eu não quis fazer. Agora não lembro bem o que tinha sido, mas para ele eu era, assim, uma espécie de empregada.

De vez em quando, eu telefonava para a minha casa, mas só de vez em quando, e só depois de um ano falei que havia me separado.

Eu trabalhava muito, todos os dias, e, durante muito tempo, não tive Natal, Ano-Novo, Dia das Mães. Não sabia também o que era sair, e poucas eram as minhas amigas, aqui. Eu me levantava às sete horas da manhã. Levava a Yumi para a escola a pé, depois caminhava uns quatro quilômetros, até chegar ao trabalho. Fazia um miojo e não saía do plantão de vendas por nada, só na esperança de vender um apartamento. Quando estava anoitecendo, eu caminhava de volta os quatro quilômetros, pegava a Yumi na escola e a levava para casa. Começava, então, a fazer todo o serviço. Deixava-a por duas horas na banheira de bebê, brincando, e começava a lavar roupa, fazer o jantar e arrumar as coisas. Depois, deitava para dormir e, no outro dia, fazia a mesma coisa. Eu trabalhava nos sete dias da semana. No ramo imobiliário, não há folga, e você ganha conforme trabalha. Não fugia dessa rotina nunca, e caminhava muito. Fazia todo o serviço a pé.

Ainda fico me perguntando como é que, fisicamente, eu resistia, porque, ainda por cima, me alimentava muito mal. Mas Deus nunca dá uma cruz maior do que aquela que a gente pode carregar. Já havia passado o verão, e o movimento tinha ficado bem fraco. Comprei uma bicicleta, que me roubaram na semana seguinte, mas eu persistia. Um dia, estava bem cansada, ao voltar da minha maratona de quatro quilômetros, e subia a pé a ladeira do Bairro das Nações, para buscar a minha filha na creche, quando vi um Fiat 147 com uma placa de “Vende-se”.

Disse: “Isso é tudo o que eu quero”. Parei. Estava escuro e não dava para analisar o carro direito. O dono era o mecânico da oficina na qual o “museu” estava estacionado. “Quanto, moço?” “Por 500 reais, está levando”, ele respondeu, sem olhar para mim. “Então, é meu.”

Comprei o Fiat 147 literalmente no escuro. Às nove horas da noite, eu estava comprando o meu primeiro patrimônio. Aquele carro estava mais

barato do que tudo o que eu já tinha visto. Normalmente, um carrinho daqueles custaria uns 1500 reais. Eu tinha 650 reais para me manter, até o dia em que conseguisse vender mais alguma coisa. Portanto, me sobrariam 150. Era melhor eu começar a economizar no supermercado. Paguei no mesmo dia, ou melhor, na mesma noite, e já fui andar com o carro.

Só fui percebê-lo melhor no outro dia. Bem, ele era branco encardido, com uma das portas bem amarela. É que devem ter tirado de um outro Fiat 147 bem amarelo. Os retrovisores deviam ser de Monza e haviam sido soldados diretamente na porta; por isso, não permitiam ajustes. O carro não tinha buzina, e juro que havia buracos no assoalho pelos quais dava para se ver o asfalto. Descobri que o pneu tinha arame no meio, quando olhei para as rodas. O carro não passava de 40 km por hora e não tinha freio. Mas era o "Meu Carro". Eu tinha documento e tudo o mais. Acho que tinha sido fabricado em 1979. A polícia não me parava por pena, e o carro sambava quando andava: nem alinhamento nem balanceamento resolveriam. Mas eu era a mais faceira, andando motorizada pelo centro da cidade.

Um dia, estava indo buscar a minha filha na escola da Márcia e, no meio da rua, em plena sinaleira de um cruzamento, no dia do meu aniversário e, ainda por cima, chovendo, o estabilizador do carro quebrou, e ele só andava em marcha à ré. Estava cheio de problemas. Na verdade, ele era um problema só. Mas era o meu carro. Um dia, minha irmã veio me visitar, e eu mostrei a ela o meu primeiro patrimônio. Ela pareceu bem feliz, mas acho que era para me incentivar.

A dona da Imobiliária até me proibiu de parar o carro na frente do estabelecimento. Mas eu não estava nem aí, tinha orgulho de ter um carro, e ainda levava os clientes para ver os imóveis de automóvel. Que comédia!

Um dia, a situação apertou. Eu precisava vender o Fiat 147, porque ele estava dando muito gasto com manutenção, e eu precisava pagar algumas contas. Levei-o a uma loja de carros bem fuleira. Sim, porque não poderia colocar aquele Fiat 147 à venda numa concessionária. O dono da loja ficou rindo, colocou as mãos na cintura e chamou os amigos para ver o que eu tinha trazido. Fiquei brava, mas, mesmo assim, deixei o carro para vender lá.

“Tem documento.” Se eu havia me interessado por ele, outras pessoas também se interessariam.

Quase uma semana depois, o dono da loja me ligou e disse que tinha conseguido um comprador por 500 reais, só que com cheque para trinta dias. Eu estava tão desesperada que aceitei, ia procurar um agiota, para trocar o dinheiro. Avisei a ele que entregaria o carro, mas não o documento. Esse, só depois que o cheque fosse compensado. Peguei a folhinha e fui com ela a um agiota que eu sabia ter uma imobiliária. Disse a ele que precisava trocar o cheque, e ele me pediu uma garantia. Eu disse que tinha o documento do Fiat 147. Ele aceitou na hora, porque, na sua concepção, um Fiat 147 custaria três vezes mais do que o meu cheque.

Fui faceira para casa, resolver os meus problemas. A vida foi seguindo, passou-se o mês inteiro, até que o agiota me liga, depois de 30 dias, avisando que o cheque havia voltado pela segunda vez e que eu devia devolver o dinheiro a ele ou, então, entregar o carro. Falou isso com voz de ameaça, e dizendo que sabia onde eu morava. E agora, meu Deus?

Resolvi tomar providências e fui atrás da loja. Eles tiraram o corpo fora e disseram que agora já não era mais com eles, que eu resolvesse sozinha, mas que me dariam o telefone da casa do comprador. Liguei, mas ninguém atendia. Fiz pesquisa de endereço na companhia telefônica e fui diretamente à casa do comprador. Caminhei muito, porque era praticamente do outro lado da cidade. Como eu detestava andar a pé.

Vi o carro em frente à casa do sujeito, e me senti aliviada. O vidro estava aberto. Ele não tinha medo de que o roubassem, porque ninguém seria louco de ter o trabalho de levar embora o que ficaria pela metade do caminho. “Vergonha é roubar e não poder carregar.”

Bati à porta. Nada, ninguém. Chamei, e nada. Resolvi me sentar, então, dentro daquilo que eu achava que ainda era meu. Abri a porta pelo vidro e me sentei dentro do carro. Ajustei o banco, e ali fiquei. Dali a pouco, apareceu um pintor. Perguntou-me o que eu fazia dentro do carro dele. Eu disse que o carro era meu, até que o cheque que ele havia me dado fosse compensado. Ele falou que não me conhecia e que tinha ganhado o Fiat 147

em troca da pintura da casa em que ele estava trabalhando. Disse que ia chamar o patrão, para resolver o assunto, porque ele achava que quem tinha o documento era o Pedrão. Eu retruquei que não, que quem tinha o documento agora era o agiota com quem eu tinha trocado o cheque desse tal de patrão dele chamado Pedrão.

Veio o Pedrão. O homem era o cara mais macho da face da terra. Daqueles de que eu tenho medo, porque são grandes. Ele estava furioso: como eu havia ousado ir até a casa dele? Achei um absurdo: o cara me devia e, ainda por cima, queria fazer barraco? Ele começou a gritar, e eu fiquei nervosa. Mas a minha reação era diferente, agora. Olhei para ele, não baixei a cabeça e disse: “Olha aqui, se você ousar gritar comigo, ou mesmo colocar essas suas mãozinhas em cima de mim, eu vou chamar a polícia. Melhor ainda, vamos chamar a polícia já e resolver esse problema”. E o mais incrível aconteceu: uma viatura surgiu, inesperadamente, no final da rua. Nunca vi alguém mudar de idéia tão rapidinho. Acho que aquele tinha o rabo preso.

Pediu a chave do carro ao pintor e jogou-a no banco do meu carro. Eu subi nele bem feliz; meio trabalho já estava resolvido. Eu só não podia levar o Fiat para o agiota, que ele ia ter um troço assim que visse o estado do “automóvel”. Então, o jeito foi levá-lo à mesma loja e torcer para que eles, agora, o vendessem para a pessoa certa, e, então, eu pudesse pagar o agiota.

Deixei o carro lá, sob novas risadas deles a respeito de como eu tinha conseguido tirar o carro do Pedrão, e fui até o agiota, para entregar a ele o cartãozinho da loja em que o carro estava para vender e dizer que, assim que eles conseguissem um comprador, entrariam em contato direto com ele. Além disso, falei que, se a venda fosse a maior, não haveria problemas, ele poderia ficar com o saldo. Ele concordou, e eu me fui. Problema resolvido! Soube depois que o carro ainda ficou à venda por dois meses na loja, e que o dono queria cobrar diária do agiota, por ele estar ocupando espaço. Venderam-no, então, a um ferro velho por 300 reais, e eu não quis mais saber notícias do agiota e nem do carro.

Continuei a trabalhar e a trabalhar no mesmo ritmo. Era sempre a mesma coisa: havia meses em que tudo era muito difícil, e outros em que eu

conseguia respirar um pouquinho. O meu lazer consistia em nada. Nunca fazia nada. Trabalhava muito e, nos finais de semana, vinha à minha casa uma menina, para cuidar da minha filha.

Um dia, estávamos no meio do inverno, era uma sexta-feira, e, novamente, meu dinheiro havia acabado. Eu precisava dar um jeitinho especial de novo. Mas de que forma? Já eram quase seis horas da tarde. Eu não tinha vínculo com a minha família e não podia pedir dinheiro a eles. A comida, em casa, tinha acabado. Nenhum dinheiro, nada. O que fazer? Não havia o que fazer. Tive de deixar a minha filha na escola da Márcia durante o final de semana inteiro; pelo menos lá ela teria o que comer. A Márcia sempre quebrava os meus galhos. Eu me alimentei de massa cozida no sal e fiquei a esperar por alguma coisa acontecer. Eu não tinha amigas nessa época, porque trabalhava e trabalhava. Não tinha vida social e só me relacionava com a Márcia. Passei o final de semana de plantão na Imobiliária. Chovia, e, quando o domingo chegou, nada tinha acontecido. Comecei a rezar, e o milagre caiu do céu. De uma hora para outra, entraram pela minha porta cinco americanos e um brasileiro, tradutor. Eles não queriam comprar nada, mas perguntaram se eu sabia de um apartamento bonito e de frente para o mar, para alugar. Vi cifrõezinhos à minha frente e disse: “Tenho o apartamento certo para vocês”. Eu não tinha, mas não ia deixar escapar a única ajuda que Deus tinha me mandado em pleno fim de semana chuvoso. Telefonei para a Vera, uma corretora de imóveis antiga no ramo, que eu conhecia e que sempre tinha imóveis sob seus cuidados.

Ela chegou rápido e conseguiu o que eles queriam. Depois, veio me trazer a metade da comissão. Eu disse a ela que tinha sido a glória esses clientes terem aparecido. “Olha, Vanessa, se mata no trabalho porque quer. Eu sei de um homem que pode te ajudar. Ele adora mulheres bem brancas. É um empreiteiro de estradas da BR, tem muito dinheiro. Vou falar com ele. Você aceita?” Eu disse que não tinha coragem. “Deixa de ser boba! Estão aí, você e sua filha, passando necessidade. Ele é um japonês, o nome dele é Vítor. Sabia que eles têm o pau bem pequeno? Coloca camisinha, nem vai doer.” Mas eu não tinha coragem.

Falei que ia pensar, mas aquilo não fazia parte de mim. Eu nem pensava em programas. Para mim, isso era um pecado muito grande, e Deus nunca tinha me abandonado na pior hora. Porque, se não mandava a luz no final do túnel, pelo menos me inspirava alguma idéia de como dar um jeitinho.

Eu continuei levando tudo da mesma forma. Gingando conforme o barco, dançando a música de forma atrapalhada, mas continuei a minha vida, tentando me manter da melhor maneira possível dentro do pior.

Passaram-se uns três anos dessa forma, até que, um dia, eu tive uma sorte muito grande. Na noite anterior, eu tinha tido uma conversa com a minha mãe e tinha dito a ela que achava que Deus não era justo comigo, porque eu trabalhava demais, andava muito a pé e odiava aquilo, porque estava sempre cansada. Eu morava longe do centro, e eram quilômetros para fazer tudo. O pai da Yumi não pagava pensão, fugia do juiz e todas as responsabilidades estavam sobre as minhas costas. Eu já tinha amenizado a minha relação com os meus pais e, agora, ligava de 15 em 15 dias para dizer que estava bem e que não se preocupassem. Nem sempre eu estava bem, às vezes, até muito mal, mas nunca reclamava, para que não se preocupassem. Também tinha um peso na consciência, por ter dado tanto desgosto a eles, e não queria mais ouvir nada, nem críticas e nem palavras de compaixão pela filha.

Mas, naquele dia, eu estava revoltada demais com Deus, e não consegui esconder isso da minha mãe. “Ele não gosta de mim, porque, até hoje, eu trabalhei como uma condenada e não consegui comprar um carro.” Nesse dia, tinha ocorrido um sorteio na firma em que eu trabalhava. Eu era uma dentre os 20 corretores que estavam concorrendo. Mas quem ganhou foi justamente o Laerte, um corretor de imóveis malandro e que não pagava pensão alimentícia há anos para os filhos. Ele estava com a prisão decretada pela Justiça e nem pudera participar da festa do sorteio do automóvel naquele dia. Um representante tinha ido no seu lugar e, mesmo assim, ele é que tinha levado o carro.

Eu tinha rezado muito, nos últimos tempos. Todos os dias, eu parava na frente do carro exposto e ficava pedindo, em oração, um carro, que eu não agüentava mais caminhar tanto, que almoçava sempre mal, comia muito

miojo e já estava enjoada disso. “Deus, me ajuda!”

Naquela noite, ele não ajudou, e eu estava tendo aquela conversa com a minha mãe às duas horas da manhã. Logo que cheguei em casa, não me contive; eu tinha que conversar com alguém. Acordei todo mundo lá em casa e comecei a desabafar. Minha mãe disse que, no outro dia, ia acender uma vela na igreja e rezar por mim. Chegara tarde, viera caminhando da festa, mas, no outro dia, me levantei cedo. A Marisa e o Douglas ligaram para o meu plantão de vendas, pois souberam que quem tinha ganhado o carro era o safado do Laerte. Ele era um corretor que passava a perna em todo mundo e não tinha ética para trabalhar. A Marisa era corretora, com o marido dela. Formavam o que a gente chama de “casal 20”. Eu sempre os admirava, porque achava que meu casamento tinha de ter sido igual. Os dois trabalhavam juntos e cuidavam dos filhos juntos.

Ela me deu apoio, me incentivou tanto naquela hora a não me deixar abater, que, assim que ela desligou o telefone, eu liguei para um cliente que havia aparecido no dia anterior e deixado o número. “Seu Artur? Vem aqui no meu plantão que eu tenho o apartamento certo para o senhor e sua esposa.”

Ele foi, viu o apartamento e disse: “É esse mesmo, mocinha. Vamos falar com o gerente”. Resultado: antes do meio-dia, ele tinha assinado o contrato e deixado um cheque. Comprou um apartamento de frente para o mar à vista, e eu só pensava que, neste mundo, tinha gente muito rica, mesmo. A minha comissão foi enorme. Comprei um Fiat, só que, agora, um Uno Mille, e ainda fiquei com alguma reserva, até conseguir vender mais alguma coisa.

As coisas, depois desse dia, começaram a melhorar, e eu não caminhava mais tanto e nem almoçava no plantão; queria ver miojo longe de mim. O dia em que comprei o carro foi muito feliz: eu saí da loja com a Yumi sentada no banco, e ficamos dando voltas por horas. Eu tinha ganhado um tanque cheio da loja.

A Imobiliária para a qual eu estava trabalhando agora tinha gostado de mim e me dera um plantão melhor para eu ficar. Aquele outro era no fim do mundo e pouco visitado; logo, as chances de vender eram menores. Tudo melhorou e, embora eu não tirasse nenhum dia de folga e fosse obcecada por

trabalhar e por não deixar faltar nada, acabei arranjando um namorado. Mais neutro, impossível: nós nos víamos só no final da tarde, e era totalmente *light*, cada um na sua. Para falar a verdade, éramos mais amigos do que qualquer outra coisa. Sexo, pouco e básico. Eu não o amava, mas gostava de conversar com ele. Achava que homem, se tivesse muito contato com a minha vida, me atrapalharia.

Eu tinha ficado bem traumatizada com o abandono do pai da minha filha quanto às suas obrigações. Nunca tivemos muita intimidade, eu e o Eduardo, que era o nome do meu namorado "normal". Eu não falava de problemas com ele, só de clientes e de coisas relacionadas ao trabalho. Nós tínhamos a mesma profissão: éramos corretores de imóveis. A minha filha começou a passar os meses de janeiro e fevereiro com a minha mãe, para que eu pudesse trabalhar melhor com o movimento do verão, e a vida foi seguindo.

A Márcia, da escolinha, era a amiga mais próxima que eu tinha, e ela me apresentou a Rejane, para cuidar da minha filha nos horários em que a escola estivesse fechada. A Rejane era irmã da Vitória, tinha três filhas e uma paciência de anjo. Era uma ótima pessoa, organizada, mãezona, e ficamos amigas também porque tínhamos afinidades de personalidade e um objetivo muito parecido: sobreviver e criar as filhas. Como eu, ela também criava as filhas sozinha. Fazia o que aparecesse: faxina, balcão de padaria, cozinha. Tudo pelas filhas.

Na primeira vez em que vi a irmã da Rejane, a Vitória, ela estava andando pela rua em direção à casa da irmã. Uma vizinha falou: "Ela é puta!" Achei isso uma maldade com aquela mulher tão bonita que caminhava pela rua. Nunca tive preconceitos, e, quando a Rejane me apresentou a ela, para mim, ela era uma pessoa como outra qualquer. A Rejane tinha dito a ela que eu tinha uma filha e a criava sozinha, e muitas foram as vezes em que a Vitória me disse: "Eu te arranjo um estrangeiro, é só tu querer. Qualquer coisa, fala comigo, eu te ajudo". Mas aquilo não fazia parte de mim, ainda...

Um dia, tive de entregar o apartamento onde eu morava. O contrato tinha vencido, e o dono queria vendê-lo. A Rejane já me dava a maior força nos cuidados com a minha filha e me perguntou se eu aceitava dividir o aluguel

com ela e sua família, pois haviam conseguido uma casa grande, onde havia espaço para todas. Fomos morar em 11 mulheres na mesma casa. Eu e a minha filha, a Rejane e suas três filhas, a Cíntia e sua filha, e a Vitória, sua filha e sua neta. Era a Casa das 11 Mulheres.

Lá, eu tive mais contato com a Vitória, e passamos a ser amigas. Conversávamos sobre tudo. A casa era organizada, e a Rejane liderava o barraco. Governava os horários de banhos das crianças, e quem arrumava o quê. Eu era a que chegava mais tarde em casa e sempre dormia em um colchão que ficava no chão do quarto. No meu quarto, dormíamos eu, a minha filha e as três filhas da Rejane. O colchão era fino, e o que acontecia é que eu rolava, no meio da noite, para o carpete do quarto, que era, durante o dia, por onde o cachorro da Rejane passeava. Resultado: peguei sarna. A única da casa com sarna.

Depois de alguns meses, consegui voltar para o meu antigo apartamento alugado, pois o dono não tinha conseguido vendê-lo e havia desistido de vez.

Resolvi prestar vestibular, porque meu pai e minha mãe diziam que eu deveria estudar. Isto seria um bom presente para eles: um diploma. Tinha a consciência pesada por ter ficado grávida cedo. Todos os meus irmãos estavam encaminhados na vida, e eu dançava de um lado para o outro; ainda por cima, era a mais velha. A minha irmã já estava formada e exercia a profissão que meu pai tinha escolhido para ele, só que, por alguns motivos, não havia conseguido seguir. Ela não foi trabalhar nisso só para agradá-lo, mas teve alguma influência dele.

Fiz o vestibular para enfermagem e passei de primeira. Nem acreditei, porque fazia anos que eu não pegava em um livro. Escolhi essa profissão porque tinha Ciências Biológicas, e também porque sempre gostei muito da parte de Humanas, por ser curiosa. E como é que aquela célula minúscula se transforma num corpo com vida. Em Exatas, sou um fracasso, e não sei calcular de cabeça, nem os centavinhos do pão.

Na faculdade, eu comecei a ter mais vida social. Conheci a Cris, a Thays, a Carol, a Cláudia, a Dana. Começamos a nos divertir, e tudo ficou engraçado. Era um sufoco pagar a faculdade e os gastos com xerox, mas era

legal. Eu fazia menos disciplinas do que elas, por causa do serviço e da falta de dinheiro, mas ia levando, e qualquer hora me formaria. Passei por alguns momentos de maior aperto, mas nada comparado ao que era, tempos atrás. Nós nos divertíamos muito. Nos estágios nos hospitais, só aprontávamos. Eu, inclusive, deixava o carro escondido nos fundos do hospital e, no intervalo dos estágios do noturno, eu e a Cris fingíamos que íamos dormir, nas duas horas de folga, e púlávamos a janela do quarto de descanso. Com roupa do Centro Cirúrgico e tudo. Trocávamos de roupa dentro do carro e íamos passear.

A nossa turma tinha um lema: "todas duras, nem para o cafezinho". Mas dávamos um jeitinho. Uma das coisas que eu e a Thays habitualmente fazíamos era pegar pãozinho bento do hospital, que era distribuído gratuitamente aos pés do Santo Antônio, na recepção. Vai ver que, como castigo, ele agora não me deixa casar. Os pães eram pequenos. Pegávamos uns oito cada uma e disfarçávamos, dizendo que os levaríamos para os pacientes acamados. Passávamos pela lanchonete e pegávamos a maionese do tio do *cheeseburguer* para rechear o pãozinho, e trocávamos fichas do bingo por pingadinho de café-com-leite. Todos os dias, a gente dava um jeitinho.

Um dia, eu e a Dana estávamos em um estágio num posto de saúde. As duas estavam com fome, e não me ocorria nada para que pudéssemos solucionar o problema. Começamos a caminhar, e eu disse que ia encontrar algum dinheiro perdido na calçada. Achei 50 centavos e, mais adiante, uma padaria com uma placa de "bananinha do dia a R$ 0,50". Compramos uma e dividimos.

Eu tinha trocado de carro, pois uma enxurrada deixara o Fiat Uno Mille inundado de água para mais da metade do carro, e ele nunca mais foi o mesmo. Vendi-o e comprei um carro antigo, mas grande e barato: um Ford Galaxie Landau. Nele, cabiam todas as minhas amigas e a minha filha e, ainda por cima, ele era preto. Adoro carro preto, até hoje. Sempre compro carros pretos.

Vivíamos na casa da Thays. Ela morava sozinha, e a gente inventava de

estudar todas juntas. Levava a minha filha, e ela adorava. Mas nunca estudávamos. Só falávamos besteira e, quando saíamos, tínhamos de inventar alguma maneira de colocar gasolina no carro. Dar um jeitinho era comigo mesma. Eu tinha aberto uma poupança, e o cartão que haviam me dado tinha problema: ele não passava, a máquina acusava estar sempre fora do sistema. Não dizia que o cartão não era aprovado, por falta de dinheiro, mas dava falha no sistema. Logo que chegávamos ao posto de gasolina, mandávamos abastecer só um pouquinho, para não criar um problema maior, e, depois, passar o cartão. Como ele não passava, e não tínhamos dinheiro, uma de nós sempre deixava um documento de identidade. Voltávamos para pegá-lo quando tivéssemos dinheiro. Às vezes, abastecíamos tão pouco, que o gerente liberava e dizia: “Passa e paga outra hora”. Esse nunca mais via a cor do dinheiro.

Eu ia bem na faculdade, não precisava me matar muito. Voltei a sair para algumas festas com as meninas, e muitas foram aquelas em que nós entramos sem ter nada de dinheiro e ainda bebemos e marcamos as bebidas na consumação, para, depois, no final da noite, dar um jeitinho. Cada vez mais, eu me tornava perita em encontrar uma saída. Geralmente, eu ficava com alguém e, depois, ia para a fila, para pagar junto com ele e sair da boate. Se o menino não se prontificasse a pagar a conta, eu já apresentava o meu cartão que nunca passava e, quando a caixa dizia que não havia conseguido, eu me virava e falava: “E agora? O que eu vou fazer?” Depois da minha cara de pânico, ele abria a carteira.

A gasolina era sempre o maior problema, e a Cris tinha bolado uma idéia, porque estávamos de saco cheio de ficar no meio do caminho. Ela colocou uma garrafa de dois litros de refrigerante no meu porta-malas, para que tivéssemos uma segunda reserva, uma vez que o meu carro só andava na reserva e nós precisávamos de uma reserva para a reserva. O problema é que, às vezes, faltava gasolina quando eu estava sozinha, eu apelava para a reserva da Cris e, quando faltava com nós duas juntas e eu só começava a rir, ela já sabia o que tinha acontecido. Mas, mesmo assim, a gente dava um jeitinho.

Eu e a Cris tínhamos bastante afinidade, porque ela também criava seus filhos sem o pai. A única diferença é que ela morava na casa da mãe, mas não deixava de ser difícil também.

Nessa época, eu me divertia muito. As amigas eram legais. O dinheiro era pouco, mas saber dar um jeitinho na hora H já ajudava muito. Eu vendia bem em um mês, e no outro, não muito. As coisas eram mais ou menos equilibradas, mas muito melhores do que antes. Até podia dizer que aquele estilo de vida era o verdadeiro paraíso.

Então, um dia, depois de voltar do Rio Grande do Sul, depois de pegar a minha filha das férias na casa da minha mãe, eu conheci o Fausto na quitanda perto da minha casa, demos início a um relacionamento, e as coisas não foram mais as mesmas...

(...) sonhando (...)

– Não adianta, Cinderela, terás de beijar os sapos antes, e nem todos viram príncipes, alguns ficam piores.

– Pega leve! Tenho medo do Conde Drácula!

CAPÍTULO IV

VITÓRIA

"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento."

Clarice Lispector

Jaraguá do Sul, 13 de agosto de 2003.

Estávamos, eu e a Vitória, deitadas lado a lado na cama da suíte 2, conversando sobre nossas vidas. Tínhamos chegado há três noites à Boate Kity House, em Jaraguá do Sul, e combinamos dividir o mesmo quarto, o 2, para variar. Tive de matar aula, porque não tive outra solução. Paguei parte da dívida da faculdade e fiquei sem ter com o que me manter. Voltei a Jaraguá do Sul para tentar conseguir algum dinheiro, estou zerada e não tive outra saída.

A Boate demoraria muito a abrir. Então, teríamos um longo dia pela frente, fazendo absolutamente nada. O movimento, nas noites anteriores, não estava ruim, não. Fico impressionada com a disposição da Vitória para trabalhar, depois de tantos anos. Fazia pouco mais de um ano que eu havia pedido ajuda a ela, e suas palavras, na época, foram: "Vá até a cidade de Blumenau. É perto da tua cidade. Eu já trabalhei lá, é um bom lugar para programas. Chegue à rodoviária e peça a um taxista para levá-la à melhor zona da

cidade. Ele vai ganhar um dinheirinho do dono da casa por levar você até ele, mas isso não te prejudica em nada. Depois, reza para Deus e pede para o primeiro não ser muito difícil. Se tiver estômago, você não sai mais. Depois do primeiro, tudo fica mais fácil".

Foi o que eu fiz. Quando cheguei a Blumenau, o taxista me levou direto para a Boate Privê. A casa era bonita, e as meninas, em geral, eram parecidas comigo. Fiquei em um canto, comecei a conversar com uma loira, da qual não consigo lembrar o nome, e, quando vimos, dois amigos chegaram perto de nós e sentaram-se conosco. Eu ficava observando o que ela fazia, e fazia igual. Ela acertou o preço por nós duas, porque havia percebido que eu não tinha experiência. Ao subir para o quarto, fiz uma oração em pensamento, pedindo a Deus para ser fácil. Foram os cem reais mais fáceis da minha vida até então. Eu não parei mais.

Estava muito frio. Pegamos dois cobertores e ficamos por horas vendo o tempo passar. Eu conhecia a Vitória de outros carnavais. Era uma longa história, aliás, daquelas que, se a gente pára para analisar, percebe que nada é por acaso.

Ela é irmã da Rejane, a evangélica que tomava conta da minha filha. Devia ter, nessa ocasião, uns 53 anos, e ainda trabalhava bem. A idade não era um quesito que contava muito a favor dela, mas ela batia qualquer uma no 171. Ninguém, mas ninguém sabe melhor do que a Vitória como contar uma boa historinha para um cliente, o que a gente chama de 171. Ela leva a todos no papo; já conseguiu, inclusive, me enrolar diversas vezes.

A Vitória, hoje em dia, só trabalha em boate. Ela tem um público-alvo, que são os freqüentadores de boates, já que, lá, ela fica na penumbra. Diz às meninas que tem 48 anos; aos clientes, 38. Ela é toda produção. Tente imaginar uma mulher de 53 anos que, na juventude, era a cara da Jennifer Lopez, magra, de mais ou menos 1,65 m, e que, desde a adolescência, usa perucas. Ela raspa o seu cabelo, que é pixaim, com gilete, na hora do banho, como faz um homem com a barba: bastante espuma, a primeira faz tchan, a segunda faz tchum, e tchantchantchantchan... Eu conheço umas cinco perucas dela. As de que eu mais gosto são as compridas. Tem uma que é um charme:

bem comprida, com um coque preso em cima, e mechas caindo sobre o rosto. Parece uma princesa. Não gosto das curtas. Essas, ela usa durante o dia, para parecer uma senhora íntegra. Como a pele do rosto está flácida, ela prende o que sobra com adesivos por baixo da peruca, para dar uma esticadinha. Não preciso nem falar que, ali, maquiagem é artigo básico.

A Vi tem uma roupinha para firmar a pele e aumentar os seios que usa embaixo da roupa, que ela mesma confeccionou. É assim: um sutiã de enchimento, que é costurado numa redinha bem firme, que segura o abdômen, e grudado numa calcinha com enchimento no bumbum, a qual, por sua vez, está grudada em duas redinhas – uma para cada perna –, para firmar as coxas. Agora, imagine tudo isso na forma de um macaquinho, que ela veste. Confesso que funciona: as curvas ficam bem voluptuosas. Eu perguntei: "Mas, e quando tu começa a tirar tudo isso? Como é que fica?" "Bem, então eu já estou no quarto, já tirei primeiro a roupa do cliente, e pode cair tudo mesmo, que ele não vai desistir do programa." A Vi é esperta mesmo... Ela faz programa desde os 20 anos. Na infância, sofreu abusos do padrasto dos quatro aos 12 anos, com o consentimento da mãe. Ela engravidou aos 15 anos, do grande amor da vida dela. Uma vez, estávamos conversando, e ouvi a seguinte expressão, em forma de suspiro: "Esse foi o único amor inocente que eu tive..."

Ela até chegou a viver com ele, mas sofreram um acidente de carro, e ele veio a falecer. A família da Vitória era pobre, e, por ela ainda ser menor, a mãe assinou a adoção do bebê pela família do esposo falecido. Para ela, essa foi uma enorme frustração, uma vez que nunca tinha perdoado a mãe e me disse que essa atitude tinha acabado com a vida de, no mínimo, duas pessoas: a dela, que se atirou na vida, por não encontrar outros objetivos, e a do filho, que hoje é um homem drogado, revoltado com ela e perdido. O Charles recebeu, da família que o criou, toda a estrutura material. Atualmente, inclusive, ele nem precisa trabalhar, porque recebe renda dos imóveis alugados que essa família possui.

Teve tudo... Mas faltou amor. Como dizia Tom Jobim, "fundamental é mesmo o amor". Tudo o que o Charles faz agora com o que recebe é cheirar.

Ele cheira todas; cocaína, mesmo. Mas esse cheira para valer.

São mais de 30 anos de profissão, e a Vitória tem muitas histórias para contar. Começa que seu nome mesmo não é esse. É Tânia. Mas ela adotou um novo nome, porque, há três anos, ela teve de fugir de Curitiba de um homem que queria o seu pescoço. Tenho certeza de que ela aprontou alguma. Eu já a conhecia naquela época, e me lembro bem de que foi difícil, para mim, assimilar essa troca de nomes. Sempre que eu esquecia, ela não gostava. A Vi não é uma mulher muito correta, não. Tem um coração maravilhoso, ajuda qualquer um que vier até ela, mas também apronta das suas. Quando ela pode, rouba do cliente. Nessas horas, eu a comparo com uma Robin Hood trambiqueira. Tira dos ricos e doa aos pobres.

Eu fico um pouco triste pela Vitória, porque, com todos esses anos de profissão, ela não tem nada. Todos os seus bens se resumem a roupas de muito bom gosto, sapatos mil, perfumes importados e perucas. A escola, naquela mente, é a da vida. Há, inclusive, uma contradição bem marcante: ela não tem o primeiro grau, mas sabe um inglês perfeito e fluente. É a maior prova de que a dor ensina a gemer. Ela já trabalhou em cais de portos, e lá se fala inglês. As meninas são simples, sem dentes, mas falam inglês.

Uma vez, fui parar numa boate em Santos, São Paulo, a Panter's House. Cruz credo, acho que só eu e alguma perdida, ali, não sabíamos falar inglês. Nessa ocasião, eu estava acompanhada e fui conversar com uma garota, para saber se ela aceitava sair a três, o cachê sendo bom, mas ela disse: "Não, eu estou esperando um filipino, que vai me dar, no mínimo, cem dólares". A chance de ela fazer esse programa era muito maior do que a minha, que tinha todos os dentes, mas falava só português. Aliás, eu preciso, urgentemente, aprender a falar inglês.

Quando eu conheci a Vitória, havia um americano, que chamávamos de Micha, diminutivo de Michael, que era apaixonado por ela. Todos os meses, ele lhe mandava 2.500 reais, para que ela não precisasse fazer programas. Ele queria se casar com ela e levá-la para os EUA. Nessa época, nós estávamos morando juntas, na Casa das 11 Mulheres.

A Vitória teve mais uma filha, logo que o Charles foi adotado, a Larissa,

que também trabalha como garota de programa, usando o nome de Bruna. A Larissa ficou grávida e teve a Maysa, que foi criada pela Vi.

O amor do Micha era tanto que ele queria assumir a Vitória, a Larissa e a Maysa. Coisas do amor. Nenhum homem em sua razão perfeita assumiria um compromisso desses. Não que eu ache errado, mas não combina com a racionalidade masculina. Pois bem: já que estávamos, as duas, matando todo o tempo possível e esperando a tia da Boate vir nos chamar para comer, eu perguntei: "O que é que tu fazia, que o Micha era tão apaixonado por você?" "Olha, menina... Eu tenho um pau de borracha, e enfiava nele com todo o carinho." Fiquei perplexa. O cara vinha para o Brasil umas quatro vezes por ano no máximo, mandava dinheiro a ela, queria casar e assumir uma família, tudo por causa de um pau de borracha?

Quem conhece a Vitória e sabe dos seus anos de trabalho imagina que ela seja uma mulher-vulcão na cama, daquelas que incendeiam tudo o que estiver por perto. Mas ela me confessou que era tudo teatro, que ela finge que é uma beleza e, num desses dias, me falou que, para ela, "passarinho" (que é como ela chama o pênis do homem) nem precisava existir, pois ela nem consegue gozar com ele dentro dela. Penso que sua vida não foi das mais fáceis. Eu, pelo menos, aproveito meus encontros. Não dá para gozar sempre, mas vamos dizer que, sempre que possível, nos meus programas rola orgasmo verdadeiro. Eu gosto dela e fico preocupada, pensando em que futuro ela terá.

Nesse dia, a Vitória falou bastante da Larissa... Meu Deus, como estava frio!!! Pegamos mais cobertores. Só saímos do quarto para comer um lanchinho e voltar. Elas não se aceitam e brigam muito, inclusive pela guarda da neta. A Larissa maltrata a Maysa, mas não admite que a Vitória assuma a criação dela, porque, afinal, se ela não soube criar a filha, o que dirá a neta.

Houve um dia em que a Vitória fugiu com a Maysa. Meu Deus, que rolo. Numa conversa com a Larissa, ela me disse que não perdoava a mãe, porque ela já tivera a oportunidade de tirar as três dessa vida, e não fizera isso. Penso que ela acabou também sendo garota de programa para atingir a Vitória. A Larissa descobriu a profissão da Vi na pré-adolescência, e isso

foi um golpe para ela, como se tivessem desmanchado a sua fada dos sonhos.

Tudo piorou há dois anos. A Larissa sempre achara que o pai dela fosse um determinado homem que ela conheceu, mas não era. No ano retrasado, ela criou coragem para procurá-lo. Pelo nome, descobriu seu paradeiro e foi pedir ajuda. Ele estava bem, mas não a ajudaria. Ele confessou que não era o pai verdadeiro dela e que, na época, havia assumido socialmente a barriga da Tânia para ajudá-la. A verdade é que nem a Vitória sabe quem é o pai da Larissa.

A Larissa chegou a engravidar pela segunda vez, em um programa. Quase caí dura para trás: como ela pode não ter usado preservativo? O resultado disso foi uma gravidez na miséria, quase sem dinheiro para comer, e mais revolta ainda. Mas, nessa trajetória, apareceu uma família interessada em adotar o bebê que nasceria. Parece um ciclo, meu Deus, uma maldição de família, mesmo, porque as coisas se repetem: a prostituição, a gravidez indesejada, a adoção... Não julgo a Larissa. Se ela não tinha estrutura psicológica para a Maysa, muito menos para um bebezinho que chora e depende dela. Acho que ela mataria o bebê, num ataque de nervos.

Antes do parto, fomos fazer um teste de HIV, que deu negativo... "Vai ter sorte assim lá na China!!!" Quando o bebê nasceu, fui a única, além da Larissa, que o viu. Tinha uma manchinha na testa e o nariz da Larissa. Depois, ninguém mais o viu. Ela tinha ido ganhar o bebê sozinha numa maternidade de Camboriú.

Eu perguntei à Vitória, no quarto 2, por que ela não tinha se casado com o Micha, de uma vez por todas. Ela disse que não o suportaria, não podia com os beijos dele, nem com aquele "pau duro e melequento", e que se sentia arrepiada quando chegava perto dele. Mas, o que era pior? Estar com o Micha, ou de zona em zona, tentando criar uma neta? Eu entendo a Vitória, pois também não conseguiria, mas ainda tenho a idade a meu favor e posso fazer algumas coisas na minha vida para tentar não chegar a esse estágio. Mas a Vi terá forças para trabalhar até quando?

Ficamos por horas lado a lado, conversando, com quatro cobertores nos esquentando. Ela teve, ao todo, oito amores em sua vida. Eu, até agora, tive

dois. Eu pensei que era muito amor para uma vida só, mas, em se tratando de Vitória, era pouco. Achava que na minha vida já tinham acontecido muitas coisas, mas, em comparação com a dela, a minha era quase nada. Se não me engano, apenas um dos oito amores dela não era cliente.

O mais estranho de tudo é que nada dera certo em sua vida. Ela tinha ganhado muito dinheiro, mas tinha colocado ainda mais fora, em roupas e coisas de consumo rápido. Tinha passado por situações perigosas. Quando tinha uns 25 anos, foi jantar com um cliente mais velho, estrangeiro, em um hotel bem chique. Depois, subiram para o quarto. Lá dentro, ele se transformou. Estavam os dois nus sobre a cama, e ele começou com atitudes esquisitas, dizendo que aquela menina que estava ali, na frente dele, não era mais a mesma menina que estava lá em baixo, agora era outra pessoa, pois o demônio havia se apoderado do seu corpo. Ela começou a não gostar da história. Ele pegou uma garrafinha de uísque Buchanan's, que estava na cabeceira da cama, e começou um ritual de exorcismo, dizendo: "Saia do corpo dessa menina, Demônio!!", e jogava uísque nela. Quando ela ameaçava se levantar, ele dizia: "Você não vai sair daqui, não se atreva!", e assim foi indo, e ele recitando palavras de exorcismo. Até que alguém tocou a campainha, e ele virou-se para ela e disse: "Quietinha aí". Era um amigo dele, que estava hospedado no mesmo hotel e havia ido até o quarto.

O cliente era um alemão bem corpulento e, quando ele abriu a porta, ela deslizou pela lateral, transpôs o amigo dele e saiu em disparada, sem roupa, pelas escadas. O cliente foi atrás, com a garrafinha. A Tânia correu, mais do que tudo. Ele desistiu. Ela entrou num dos salões e foi para baixo de uma das mesas do café, que tinha uma toalha branca até o chão, que cobria os pés da mesa, e ficou lá até o final da noite.

Quando amanheceu, um funcionário do hotel trouxe suas roupas e um maço de dinheiro para ela. Ele disse a ela para sair, pois tinha tido muita sorte, e que não contasse a ninguém sobre o cliente. Ela acredita que aquele era um cliente assíduo do hotel, e que os funcionários recebiam para encobrir as suas sessões de exorcismo seguido de tortura. Ele devia bater na garotas que contratava. Numa outra situação que enfrentou, ela não teve tanta sorte. Ela

estava trabalhando em Buenos Aires, num bairro chamado La Perla, e foi fazer um programa com um cliente num motel vertical, daqueles em que você coloca o carro no elevador e ele sobe até o andar do apartamento. Ela disse que, nesse tipo de motel, existe muita privacidade, pois ele tem um apartamento por andar, e você pode gritar o quanto for: ninguém virá atender, porque ninguém vai te ouvir. Pois bem: logo que entrou no quarto esplendoroso com o cliente, ela foi tomar banho, aquele básico, de sempre, e conta que, quando saiu do chuveiro, o cliente estava nu sobre a cama, de quatro, e com uma cinta ao lado. Apenas disse: "Pega-me", o que, em espanhol, quer dizer "me bata". Apesar de ter achado estranho, a Vi pegou a cinta, dobrou-a ao meio e deu uma cintada nele, até meio sem força, mesmo. "Más fuerte, pegame más fuerte!!!" A Vitória bateu nele com um pouco mais de força, e ele repetiu: "Pegame más fuerte!!!" Então, ela bateu com mais força. Ela não é uma mulher com estrutura física muito adequada para dar uma surra em alguém, e o máximo da sua força não era o suficiente para ele. Ele estava bravo, e dizia: "Más fuerte, más fuerte, yo quiero más!!!" O cliente já estava alteradíssimo com a incapacidade da Vitória de bater nele. Então, virou-se, bateu-lhe na boca, arrancou a cinta da sua mão e disse: "Ahora te voy a mostrar como pegarme", e começou a bater nela com muita força. Essa foi a maior surra da sua vida, e olha que elas foram muitas. Ela gritava, enquanto corria de um lado para o outro, no quarto, e ele se masturbava, enquanto batia nela freneticamente, até que a acuou num canto e uma das cintadas pegou em seu rosto. Ele só parou quando gozou. Ele foi se limpar normalmente, e ela ficou no canto, acocorada, machucada e chorando. Ele só lhe deu o dinheiro, mais do que o combinado, e se foi. Não disse nada, nem uma palavra. Ele sabia que ela era brasileira e que, por estar em outro país, não poderia dar queixa.

A prostituição é crime em quase todos os lugares do mundo. O Brasil é uma das poucas exceções. A Vitória não pôde trabalhar por alguns dias, porque, onde a cinta pegou, ficou um vergão. Eu nunca apanhei de cliente. Os que um dia me bateram tinham dito que me amavam. Eu não confio, quando dizem que me amam. E espero que esse tipo de situação nunca aconteça

comigo. Embora tenha havido o “lance do louquinho”, que pediu para fazer um xixizinho básico nele, para ele beber, mais ninguém agiu de forma agressiva. E, esse, acho que estava transtornado e devia usar drogas.

Fico pensando nesses homens, e eles me assustam. Será que agem assim com todas as mulheres, ou só com as de programa? Será que as suas esposas sabem disso? Por que eles têm essa dualidade? Por que os homens têm perversões tão grandes? Não vejo isso nas mulheres, em nenhuma das minhas amigas. O máximo que vejo é a Adriana, que fala obscenidades o tempo todo, durante o programa. Aprendi várias, bem picantes, com ela. Existem muitos homens com perversões sexuais, e não tantas mulheres com essa tendência. Nunca soube de uma estupradora de homens. Até já fiquei sabendo, certa vez, de uma empregada que abusou de um menininho de que cuidava. Mas a diferença na proporção é muito grande. E a maior parte dos pedófilos é de homens. Também desconheço mulher que tenha tara por ver dois homens transando. Até deve haver, porque há de tudo neste mundo, mas isso combina mais com os homens. Aliás, eles adoram duas mulheres juntas.

A tia da Boate chegou ao quarto. O jantar estava pronto... Que bom!!! Fomos comer. Eu adoro o jantar dela, mas é preciso chegar rápido, senão acaba o suco, e eu não gosto dos restinhos. O feijão dela é tão gostoso. A refeição é sempre bem completa, e o trato é: coma e lave seu prato. A tia da Boate parece uma daquelas senhoras do Sítio do Picapau Amarelo, bem grandonas, bem fofonas e ótimas cozinheiras. Tem que ter muito bom humor, para atender todo mundo, e eu gosto bastante dela. Ela é a governanta da cozinha. A fila não estava das maiores. Eu me sentei, com meu pratinho de arroz, feijão, bastante salada, abacaxi, frango, farofa e batata frita. Sempre tem batata frita. Cebola é outro ingrediente diário, mas eu não como, para não ficar com mau hálito. Mas uma das meninas, a Alessandra, come cebola todos os dias e não está nem aí. Ela me falou: “Foda-se o cliente”.

Sentada ali, comendo com a Vitória e as meninas, eu fiquei a pensar com que cara os clientes ficariam, se ouvissem nossas conversas. Na reunião do café da manhã, entre um pão e outro, só se ouve um assunto: os clientes da noite anterior. “Cliente podre, nem sabe o que fez”; “que cliente porco,

gurias, vocês nem vão acreditar no que ele quis...”; ou então: “Tu me acredita que ele próprio fez isso com ele?” As meninas que ali estão, em sua quase totalidade, fazem programa pela questão financeira, ou estão sem lugar para ir. Mesmo com as brigas do dia-a-dia, em muitos casos, aquela “família” ali é bem melhor do que a família da qual viemos.

Eu já parei para pensar bem sobre esse assunto, e por trás de toda prostituição, existe uma família desestruturada, uma falta de apoio. Ninguém está ali por causa de sexo (embora talvez haja alguma exceção). Só o que se quer é que o cliente nos pague uma boa dose, faça o programa tão logo quanto possível, goze bem rápido e caia fora, deixando o campo livre para o próximo, que, se Deus ajudar e a estrela brilhar naquela noite, vai dar para trabalhar mais vezes.

Eles quase sempre acham que estão agradando. A Fê, há pouco tempo, fingiu três orgasmos, e o cliente saiu com ela do quarto e foi contar para os amigos: “Tá vendo esta moreninha, aqui? Fiz ela gozar três vezes”. E os amigos vibraram juntos pela conquista. Mas, e eles, o que será que pensam de nós? Como será que eles gostariam que tudo acontecesse? Acho que seria assim: a menina o ficar namorando por umas três horas, não pedir a dose, deixá-lo passar a mão e, depois, passar, por debaixo da mesa, um papelzinho com o seu número de celular, para ele ligar no outro dia e ela fazer uma cortesia. Isso tudo porque ele é gostoso, lindo e, provavelmente, um partidão. Bem, quem faz isso é a “patricinha” do comércio, aquela menininha que acha o máximo namorar um cara por causa do carro dele, que está louca para enfiar o “pé na jaca” com o bam-bam-bam da cidade, que dá uma de santa e que jamais daria para homem nenhum em troca de dinheiro, mas que faria qualquer coisa para andar dentro daquele carrão, pendurada no pescoço dele. Isso, para mim, tem um nome: Prostituição Fantasiada de Hipocrisia Social!

Eu gosto de garotas de programa, elas têm uma visão mais realista e menos hipócrita das coisas. São meninas bem batalhadoras. Ninguém está aqui para perder na vida, todo mundo quer algo melhor para si. Pode não ser o melhor caminho, mas é um caminho. Às vezes, o único; em outras, um erro de

cálculo. Em outras, ainda, um grande acerto. Mas o mais importante é procurar um caminho, tentar reagir às dificuldades da vida e fazer alguma coisa diante das situações. Sempre estive de acordo com William Shakespeare, que dizia: “Não se acostume com o que não o faz feliz”. Faça algo em relação à vida, mude-a, quando sentir que precisa mudá-la, mesmo que seja devagar, porque o importante é sair do mesmo lugar. A gente aprende com os próprios erros. Às vezes, chegamos ao norte porque tomamos antes o caminho do sul, mas não importa, isso não é importante. O mais importante é o movimento, as descobertas e o acerto, que será mais provável se muitos erros acontecerem... Um dia, todo mundo encontra o seu caminho, só que, antes, alguns passos devem ser dados. Eu sei que a vida que eu levo hoje não é o meu destino. Estou aqui por um tempo, acho que vai durar mais um pouco. Vou sair daqui, não com tantas histórias como a Vitória, assim espero, mas com algum aprendizado para contar, boas risadas para partilhar e um caminho pontilhado de pessoas bem interessantes. Muito interessantes...

Jantamos, e eu e a Vi voltamos para o quarto, para conversar mais um pouquinho, até dar o horário de começarmos a nos arrumar. Contei à Vitória que já conhecia a filha dela de outra zona. “Mas como, se você deve estar pela vida há um ano e meio, mais ou menos?”

Contei a ela que, no Rio Grande do Sul, eu morava numa pequena cidade litorânea, e que estava morando nos fundos de uma chácara, na casa da minha patroa. Essa chácara era perto de uma boate, também chamada Privê (eu sempre enfiada nos “Privês” da vida! Esse nome me persegue! É a falta de criatividade dos donos de boate, todo mundo quer ser “privê”...), e cujo logotipo é uma sereia. Havia uma estátua enorme de uma, na frente da Boate, com os seios à mostra. Um dia, depois de voltar do serviço de carona com a Eliana, para quem eu trabalhava, ficamos a brincar de entrar naquela Boate. Queríamos saber como seria a vida lá. Éramos bastante curiosas. Deviam ser 11 horas da noite, e ficamos no escritório até tarde, organizando os livros que vendíamos.

De brincadeira, falei: “Eliane, vamos entrar, vamos, entra, vai...”. Dei uma

puxadinha no volante dela e, só por brincadeira, entramos. A casa estava movimentada. Naquela época, a Dona Olga era proprietária. Uma senhora bem gorda, com uns 50 anos de idade. Ela já havia sido minha vizinha de porta, quando eu morava com o pai da minha filha, e a quantas brigas ela tinha assistido da janela de sua sala, que dava direto para o interior da minha. Agora estava eu, ali, no salão da sua Boate.

Eu e a Eliane tínhamos tido alguma dificuldade para entrar na casa, porque o segurança achou que nós estávamos atrás de algum marido perdido. Explicamos que queríamos muito conhecer o local, e patati-patatá. Depois de uma imploração descomunal, ele deixou.

Era inverno, e usávamos blusas de lã. Faz muito frio no RS. Tudo estava muito na penumbra, e é lógico que, quando entramos, chamamos a atenção. O que aquelas loucas agasalhadas faziam dançando no meio da pista de um puteiro? A filha da Vitória trabalhava lá, com o nome de guerra Bruna. No ano passado, conversando, ela disse que se lembrava de mim na boate daquela cidade, há uns quatro anos. O mundo dá voltas, e a gente acaba reencontrando pessoas onde menos se espera. Como ele é pequeno! A Larissa disse que a cena tinha sido marcante, porque, quando eu e a Eliane entramos na zona, o DJ Ícaro tinha largado as luzes da boate em cima da gente, de sacanagem, para ver se ficávamos com vergonha. Que nada! Eu, naquela época, já era ruiva. A Larissa era apaixonada pelo Ícaro, e eles tiveram uma discussão por ciúmes. Eu também conhecia o Ícaro. Tínhamos estudado na mesma escola, mas éramos só amigos. Ele era gente fina; bem humilde, mas dividia tudo. Um dia, foi ao supermercado e comprou maçãs vencidas. Elas estavam machucadas e sendo vendidas a alguns centavos. Ele não tinha muitas, mas as dividiu comigo e com o Catatau, outro amigo. A Larissa conhecia quase todos os meninos com quem eu me relacionava na adolescência, só que em um mundo diferente.

Nessa noite, a Dona Olga veio falar com a Eliane, para saber se ela tinha vontade de trabalhar na casa. Eu só queria dançar e, quando olhei, a Lu passou por mim. “Meu Deus! O que a Lu faz aqui?”

Ela já tinha sido minha colega, e nós tínhamos nos dado superbem. Antes,

ela era casada com um taxista bem mais velho do que ela, e o havia deixado para ficar com um outro taxista, mais novo, colega de seu marido. Troquei só umas palavras com ela, e a deixei trabalhar. A Lu estava irreconhecível, virada numa piranha de zonão: espartilho, minissaia. Numa hora, ela desceu, rebolando, na frente de um cliente, e até eu vi que ela estava sem calcinha. Agora, fico pensando em tudo o que ele não viu, porque estava na frente dela.

Aquela noite foi divertida. Aliás, as melhores festas são as de boates de programa, porque são muito animadas. Naquela noite, eu encontrei, inclusive, um rapaz que queria ficar comigo. Rolaram uns beijos gratuitos, mesmo porque eu nem sonhava em fazer programa. Mas, depois, não quis mais ficar com ele, porque também o vi beijar uma das meninas da boate, que havia feito o *strip* de espanhola. Até lhe disse uns desaforos. Houve vários *strips* naquela noite, e eu notei que a maioria das mulheres tinha marca de cesária e o corpo detonado. Só a espanhola estava inteira. Não! Vejam só cada buraco em que eu me enfio! Tinha acabado de lembrar que o cara dos beijos se chamava Maronho, e que era metido a pai-de-santo.

A filha da Vitória ficou nessa casa por um bom tempo. Aliás, ela adora o litoral do Rio Grande do Sul. Foi expulsa dessa boate por causa do alcoolismo e das drogas; contou-me que já se levantava "agarrada numa garrafa". A cachaça ficava guardada embaixo do colchão. Ela abria os olhos e mamava no gargalo. Mas acredito que ela volte logo para lá.

Agora, a Larissa está em Balneário Camboriú, na casa da avó materna, recuperando-se das drogas. Ela precisa de tratamento, urgentemente. É uma menina que, no momento, está sem perspectiva de vida, não consegue conversar sem dizer meia dúzia de palavrões, praticamente parou de estudar, está depressiva. Ela não é má pessoa; é muito autêntica, sincera nas palavras. Só que está perdida. Mais do que eu, até. Digamos que eu esteja na praia, só que não sei para de lado fica a beira. A Larissa está no meio do oceano e, por diversas vezes, quase afundou.

Na adolescência, a filha da Vitória engravidou de um drogado dos últimos. A filha da Larissa, a Maysa, tem dois anos a menos do que a minha filha e,

quando a conheci, ela me disse que queria ser igual a mim. Eu adoro a Maysa. É amadurecida demais, por causa das experiências de vida. A Larissa já a levou para programas e a deixou na sala, desenhando, enquanto fazia o serviço.

Apesar desse breve encontro na Privê, na pequena cidade do litoral do Rio Grande do Sul, eu e ela só chegamos a nos conhecer, realmente, no ano de 2000, em Balneário. Ela era sobrinha da Rejane, a evangélica que tomava conta da minha filha. A impressão que tive dela não foi das melhores. Deviam ser cinco horas da tarde, e vejo aquela menina entrar na casa da minha amiga Rejane como quem vai a uma boate, com vestidinho estilo pantera, salto e maquiagem pesada. Depois, moramos juntas na Casa das 11 Mulheres.

A Larissa é o tipo de garota de programa que faz tudo. Uma vez, fez programa com oito homens ao mesmo tempo. Colocaram-na em uma roda. “E aí, Larissa? O que você achou?” – eu perguntei de curiosa. “Botei 800 paus no bolso, oito na boceta. Saí feliz e muito bem comida.” Eu fiquei besta!

Numa conversa que tive com ela, a Larissa me disse também que não perdoava a Vitória, porque ela tinha tido a oportunidade de tirar a Larissa, a Maysa e a si própria da vida, e não o tinha feito... Mas eu entendo a Vitória. Uma coisa é você fazer um programa; outra é você viver ao lado de uma pessoa por causa do dinheiro.

O real motivo de as pessoas se prostituírem é a liberdade. Não a liberdade sexual, mas a liberdade da conquista do direito de ir e vir e de fazer o que se quer. Direito esse que você adquire quando tem dinheiro. Quer comprar? Compre. Quer ir? Vá. Quer só dormir, hoje? Durma. Não quer transar? Não trabalhe, tire o dia de folga. Mande tudo para o espaço, a opinião da sociedade e o seu conceito moral. Vista-se como você quer e fale do jeito que achar melhor, diga o que você pensa. As garotas de programa são livres no pensamento. Também existe uma liberdade de alma, quanto à expressão e à manifestação das idéias. Eu nunca conheci tanta gente autêntica. Não estou falando de gente certa, mas de autenticidade. Mesmo erradas, e sabendo disso, elas manifestam quem são. Existem exceções, mas, em sua grande

maioria, elas são assim.

Uma pausa. Dois pontos:

"*A liberdade está em ser dono da própria vida*.
" Platão

Eu sou assim, a Vitória é assim, minhas amigas são assim. Dê um emprego de balconista a uma garota de programa e veja quantas horas ela permanece lá. Depois da primeira hora, dificilmente ficará.

Trabalhamos bem hoje. Subi para o quarto com dois clientes, e a Vitória fez três programas. Ela é a lábia em pessoa. Uma hora, no salão, olhei para ela. Ela é, realmente, uma mulher que chama a atenção. Roupa preta, um decote que, com aquele enchimento dos seios, ficou bem legal, a senhora cinturinha... Será que a cinta a estava deixando respirar? Maquiagem perfeita. Até passava por 38 anos, mesmo.

Hoje, apareceu na Boate uma das Biancas. Ela tinha levado uma surra da outra Bianca. Brigaram por ciúmes. Uma vez, quebraram uma casa inteira. Ela estava toda machucada e não pôde trabalhar. Ficou, com febre, no quarto. A Leila foi cuidar dela. Acho que os machucados infeccionaram; ali, era caso de antibiótico. Dei o meu palpite e voltei para o salão. A Bianca loira é a mais brava. A morena apanhou muito dela, está deprimida. Isso não é vida. A loira não apareceu. A Leila deixou-a dormir na Kity House mesmo sem trabalhar, porque ela não tem para onde ir.

A Clara também não veio. As meninas me contaram que ela está em maus lençóis, estava grávida e tinha feito um aborto nesta semana. Foi para a casa dos pais e agora não quer mais trabalhar como garota de programa, está traumatizada. A Rose, a Adriana e a Duda, no momento, não estão vindo para cá. Estão gostando de trabalhar em Itajaí, no Karina's Bar. Fica em frente ao Porto de Itajaí. É um lugar bem simples, bem fuleiro: um bar aberto, estilo botequim, e uns quartos, na parte de cima. Os freqüentadores são os marinheiros dos navios. Na maioria, filipinos. Não gosto de filipinos. Eles pagam muito bem, mas tem que ter estômago fortíssimo para encará-los.

Geralmente, o programa vale cem dólares; no mínimo, 50 dólares. Estive lá com as meninas nesta semana. Eles são grossos, mal-educados, não os entendo, e nem eles a mim. Quando querem uma de nós, puxam pelo braço, como se a gente fosse um pedaço de osso. A Duda sai direto com eles, porque é loira, de olhos azuis, e eles adoram. A proprietária do Bar me disse, um dia, para não tratar com dois ao mesmo tempo, porque eles são ignorantes, já querem tirar satisfação e acabam brigando dentro do salão.

Depois do meu último cliente, fiquei sentada, no salão, observando os outros clientes, e fiquei com nojo daqueles que estavam ali. Eram, na maioria, casados. Por que os homens traem tanto? Sinto que vivo um conflito interno.

Fomos as últimas a dormir, naquela noite, e éramos as únicas hospedadas na Boate. Ninguém mais quer ficar lá, preferem o alojamento. Esperamos o Luiz e o Wilson fecharem toda a casa e irem embora, para, então, nos deitarmos no quarto 2. Como há muitas meninas que são alcoólatras, eles trancam os *freezers* com cadeados, para impedir que entrem na Boate e se acabem nas garrafas. Comigo e com a Vitória, não era necessário: ela também não gostava de beber. A diferença entre ela e mim é que ela sabia beber, e eu, não. Tinha resistência para agüentar o uísque, se o cliente dissesse para ela beber.

Eu tomei muito energético. Que ligadeira!!!

Ficamos conversando, e ela me contou de outra situação que acontecera nos últimos tempos. Ela estava no quarto com um cliente, numa boate de Curitiba. Ele tirou sua cueca com Velcro preto e pediu que ela a usasse para vendá-lo. Depois, pediu sua calcinha, e ela falou que não usava. Ele disse que podia ser o sutiã mesmo, para lhe amarrar as mãos.

Depois que ela apertou bem forte, ele pediu que ela começasse a falar pornografias em seus ouvidos. A Vitória já é escaldada e, com todos esses anos de profissão, já ouviu de tudo no quarto. Começou com o infindável repertório dela: “Você já pensou em duas mulheres se chupando, bem abertas uma para a outra e se tocando com a língua, e blá, blá, blá...”. A Vi disse que ficou falando por uma meia hora, dizendo tudo o que era putaria ao pé do

ouvido do cliente, enquanto o masturbava com a outra mão. Já estava de saco cheio, e nada de o cara gozar. Então, apelou para o pesado: “Que tal dois gordos se comendo?” O cara começou a gemer de prazer, e, então, ela aumentou a intensidade: “Sabia que tenho vontade de trepar com um cavalo? Que iria adorar aquela vara toda no meio das minhas pernas, derramando seu líquido grosso e quente?” A Vi é fera na putaria. Contou que, daí por diante, pegou mais pesado, e que até tinha vergonha de me dizer o que falara. Bem, então eu penso que a coisa era mesmo séria, e bem pesada, para ela não querer me contar. Como ela demonstrou liberalismo sexual e perversidade, o cara se sentiu seguro para colocar os bichos para fora e deixar cair a máscara de vez.

Com a Vitória dando corda, ele contou sobre o clube de pedofilia de Curitiba de que ele participava, dos membros, das crianças que eram mantidas na casa e dos horrores que eles faziam lá. Ele estava com os olhos vendados e, portanto, não via a Vitória chorando. Ela é a maior derretida por crianças e, naquela hora, sentiu vontade de matar o cara. Se tivesse uma arma, tinha lhe dado um tiro na cabeça.

As meninas preferidas desses homens eram as de três a oito anos. Na hora, pensei na minha filha e na proteção dela. Os meninos têm entre oito e 11 anos. Eles inclusive colocam as meninas de quatro anos para os bolinarem. Como se diz no café da manhã: “Bando de porcos imundos”. Ela não sabe o nome verdadeiro desse cliente e, mesmo que soubesse, nada poderia fazer. Passou a pensar que algumas dessas crianças que desaparecem pelas ruas acabam indo parar nessas casas.

Essa história foi a gota d’água para eu ficar revoltada com os homens de vez. Como eu os odeio. Não quero mais ficar aqui, cadê a minha filha? Meu Deus, será que ela está bem? Comecei a ficar paranóica, ela é tão linda. E se a pegarem? Ela já tinha voltado das férias na casa da avó, e eu havia pedido à Márcia, da escolinha, que tomasse conta dela, enquanto eu trabalhava por alguns dias na Boate. E se alguém a seqüestrasse, enquanto ela esperava pela Kombi escolar? Que desespero me deu!

Estava amanhecendo. Fiquei lunática, paranóica. Não posso ficar mais

aqui. Estou longe da Yumi, e essa história me assustou muito. Arrumei as minhas coisas e fui embora, sem dormir, mesmo. A Vitória ficou lá, dizendo que eu estava fora de mim. E eu estava, sim...

Fora de mim e revoltada com os homens. Verdadeiramente furiosa. COMO EU OS ODEIO...

CAPÍTULO V

OS HOTÉIS

"Ter problemas na vida é inevitável, ser derrotado por eles é opcional."
Roger Crawford

Balneário Camboriú, 20 de agosto de 2003.

Estou muito preocupada. Meu dinheiro praticamente acabou, e a Elisa fez a sessão terapêutica fiada. Pago da próxima vez em que vir dinheiro pela frente. Não sei quando será isso. Devo ter uns 150 reais, ao todo, em dinheiro. Só espero que a conta de luz não venha alta. Seria muito difícil ficar no escuro, à noite, com a Yumi. Ela já voltou das férias de julho na casa da minha mãe e, agora, passamos quase todo o tempo juntas.

Não tenho conseguido sair da cidade e ir à Kity House, porque as aulas começaram e, também, porque não estou nada bem. Sinto-me fragilizada, cansada, pequena, sou capaz de quebrar a qualquer hora. Penso o tempo todo que preciso me dar força. Mas os únicos momentos em que me sinto bem são aqueles em que estou dormindo. Aliás, tenho dormido muito, além da conta, até. Eu fecho os olhos e durmo. Parece-me um extremo cansaço mental, bem mais do que físico. Sinto-me bem até os primeiros seis segundos depois de acordar, que é o tempo de recobrar totalmente a consciência e me orientar no tempo e no espaço. Geralmente, acordo e me arrependo de ter acordado. A angústia é constante, não consigo me livrar dela. Faço força para me manter

em pé, faço força o tempo todo, muita força... O que vou fazer da minha vida, agora?

Vivo nessa constante preocupação sobre como vou nos manter, desta vez. Eu preciso de dinheiro, eu preciso de dinheiro...

A Elisa me deu uma injeção de ânimo hoje, na minha terapia. Disse-me que eu já havia passado por tantas coisas, e que não seria essa a que me derrubaria. Já entrei na sala pegando os lencinhos de papel. Choro muito, às vezes acho que só não choro mais porque não tem mais como chorar. Mas o problema central ficou em como me manter nesses próximos dias, de que maneira eu iria trabalhar, como fazer, meu Deus? Eu não tenho físico para agüentar todas as noites em claro nas boates, mais o cheiro de cigarro e de bebida. A Elisa me acalmou e disse que eu encontraria a resposta, bastava que ficasse calma. Conversamos bastante, além da conta, até. Saí de lá mais aliviada e, quando estava chegando em casa, tive uma idéia.

Quando eu tinha uns 16 anos, quis muito ir a um *show* dos Titãs, mas é claro que eu não tinha, nem de perto, dinheiro para isso. Então, uni-me a mais duas colegas de escola, a Grazy (que veio comigo, na minha fuga para Florianópolis) e a Taty e rifamos duas barras de chocolate de 250 gramas. A escola em que estudávamos era pública e, portanto, tinha muitos alunos. Vendemos os números da rifa bem baratinho, pelo preço de três chicletes cada um. Pusemo-nos a vender, vendemos tudo, juntamos o dinheiro das entradas. Qualquer um tinha uns míseros centavos para participar. Só ficou ruim porque, casualmente, quem ganhou a rifa foi o namorado da Taty. Gritaram: “Marmelada!”, mas tinha sido coincidência, mesmo. Tenho certeza de que ninguém mais ia comprar nossas rifas, mas tudo bem, só precisávamos ir a um *show* dos Titãs, pelo menos a um, para contar a história. Nós estávamos acostumadas a pedir carona na estrada, quando queríamos ir de uma cidade a outra, e dessa vez não foi diferente: pedimos carona na BR-101 até Porto Alegre. Um caminhão Scania parou e nos levou até o destino. Fomos comendo o chocolate que seria do Rafael, namorado da Taty.

Bem, não sei por que me lembrei dessa história, mas o fato é que,

automaticamente, pensei numa rifa. Já percebi que é possível vender pequenos valores em maior quantidade, e isso gera, também, um maior lucro final. É melhor ganhar na quantidade do que na unidade. Então, eu poderia fazer uma rifa baratinha, mas de quê? O que eu poderia rifar baratinho, que as pessoas comprassem?

Um quadro meu! Sim, um quadro pintado por mim! Poderia vender entre os amigos. Eu tinha feito um curso de pintura, há mais de um ano, com a minha filha, e nós duas pintávamos bem. Meus amigos me ajudariam e gostariam de guardá-los como recordação. Ia ser bem legal. Também sei desenhar. Está certo que sempre pinto as mesmas coisas. Que mania essa, a minha, de querer sempre as mesmas coisas.

Hoje mesmo fui, com o pouco dinheiro que tinha, comprar uma tela e tintas. Quando cheguei, a loja estava quase fechando, e eu estava vermelha de tanto chorar. A moça do caixa brincou comigo e disse que eu devia estar sensibilizada e, por isso, a tela sairia mais bonita. Decidi pintar três girassóis numa única tela, com cores bem vivas, fica lindo. Há uma artista plástica que eu amo, a Cristiane Rios, que mora em Florianópolis e pinta bastante cenas com feno, girassóis e trabalhadores do campo. Inspirei-me naquelas cores que ela costuma usar, vai ficar legal. Hoje mesmo comecei os primeiros traçados. Já pintei uns quatro quadros de girassóis antes, espero que este seja o último.

Vou fazer mil números pelo preço de três barras de chocolate, ou seja, três reais. Meu lucro ficará entre 1500 e três mil reais, embora eu ache praticamente impossível vendê-los todos.

Balneário Camboriú, 28 de agosto de 2003.

A rifa do quadro está dando certo. Todo mundo tem me ajudado. A Rosemara, uma amiga minha que é casada, praticamente obrigou o marido a me ajudar e colocou-o para vender as minhas rifas entre os colegas de trabalho. Ele já vendeu uns cem números para mim. Só larga o bloco com

cem rifas na mesa dos colegas e diz: “Tu me deve tanto”. Eles pagam, ele dá o dinheiro a ela, e ela traz o dinheiro para mim.

O quadro está ficando legal, e cada um que vem dá um palpite. A Selma é outra amiga que tem me ajudado. Ela comprou de mim um apartamento, quando eu ainda trabalhava como corretora, e ficamos amigas. Falei com um dos meus médicos, e ele ficou com três blocos para ele. Chego perto das pessoas e digo: “Olha, estou precisando muito vender esta rifa. É para pagar a minha faculdade. Mas não estou precisando te vender um número só, não, estou precisando te vender o bloco todo de uma vez!” Essa estratégia facilita muito, porque não fico vendendo de número em número, a pessoa compra logo tudo o que pode.

A minha preocupação continua sendo como me manter, assim que a rifa terminar. Precisa ser algo que tenha retorno quase imediato. Eu não posso trabalhar no comércio, porque sou sozinha e, com o salário de uma secretária, não dá para pagar aluguel, luz, comida, criar uma filha e, ainda por cima, terminar uma faculdade. E também não tenho como iniciar um novo trabalho de corretora de imóveis em outra empresa, porque leva certo tempo até você conhecer o produto e vender alguma coisa no mercado. O dinheiro de que eu preciso é para agora, imediato! Nunca mais quero passar pela necessidade por que passei quando minha filha nasceu. Nunca mais!

Estava começando a aceitar, como única possibilidade, que talvez, no momento, eu tivesse de ir todos os dias até Blumenau para trabalhar em alguma boate, quando a Elisa me deu uma idéia na qual não havia pensado. Ela me disse que, uma vez, tivera uma paciente que era garota de programa e que trabalhava deixando fotos nos hotéis aqui da cidade. Os hóspedes chegavam à recepção, pegavam o *book*, escolhiam a garota e mandavam chamá-la.

Essa garota trabalhava para o cassino do Hotel Morumbi e, lá, tinha bons clientes. Não precisava ficar acordada a noite toda e nem virar bebida nas pias dos banheiros. A recepção do hotel recebia uma parte de comissão. Essa menina, inclusive, acabou se casando com um cliente dela.

Achei ótima idéia. Estou aqui, na minha cama, pensando sobre onde posso

tirar umas fotos sensuais. Hoje é quinta-feira, e, amanhã, vou procurar um fotógrafo.

Continuo deprimida. Tenho usado o dinheiro da rifa para meus gastos cotidianos. Vou fazer o sorteio no dia 30 e, até lá, vou continuar torcendo para os meus amigos me ajudarem. Nessas horas, fico feliz, porque cada um ajuda um pouquinho. A minha relação com a Yumi está melhor, porque ficamos mais tempo juntas. Ela sente que eu não estou muito bem. Ela tem ido meio mal nos estudos. A escola é pública e deve ter umas 50 crianças por sala. Há muita gritaria, e a professora é estressada. Ela não gosta de estudar. Há uma escola linda aqui pertinho. Ela já me pediu para freqüentá-la, mas é particular, e eu não posso pagar. Vai ter que ficar para o futuro.

Balneário Camboriú, 2 de setembro de 2003.

Minha vida deu algumas reviravoltas nesses dias. Mesmo triste, estou tentando me manter de pé. Não posso me entregar. A angústia persiste. Vou tomar banho, começo a chorar e me pego rezando. Quando dou por mim, já estou até de joelhos embaixo d'água. É um Pai Nosso e uma Ave Maria sem fim. Tenho tentado várias técnicas de relaxamento. Comecei a realizar uma antiga vontade minha, aprender a dança do ventre e Reiki, que é uma terapia por meio da mentalização e da energização. Continuo nas sessões da Elisa e comecei a pagá-la novamente, com o lucro da rifa.

Sorteei o quadro. O Victor, um amigo meu, foi o ganhador. Saí num lucro federal. Nem acreditei: quase 1500 reais. Até pareceu marmelada, logo um amigo meu, tão próximo, ser sorteado. Parece até aquela minha história da rifa dos chocolates para o *show* dos Titãs, só que, desta vez, ninguém gritou "Marmelada!".

Segui a idéia da Elisa e tirei umas fotos numa casa de fotos em Itajaí, mas foram só de rosto, porque estou um pouco receosa sobre onde essas fotos podem parar. Eu as tenho distribuído nas recepções dos hotéis, no turno da noite. Os hotéis têm me chamado quase todos os dias, às vezes até mais de

dois por noite. Deve haver mais de 80 hotéis entre Itajaí e Balneário Camboriú. Como as fotos são caras, vou fazendo programa e, conforme o dinheiro vai entrando, eu vou mandando fazer as cópias, cada uma a cinco reais, e vou distribuindo em mais hotéis. Eu nunca imaginei que houvesse esse tipo de atividade. Muitas esposas já devem ter ficado tranqüilas por seus maridos estarem nos quartos dos hotéis e nem imaginam que eles nem precisam colocar o pezinho para fora do *hall* para aprontar. Homem é fogo, mesmo, e, pelo que estou sabendo agora, isso acontece em quase todos os hotéis, da Bahia ao Rio Grande do Sul.

Os hotéis que mais me chamam são Hotel Morumbi, Hotel Marinheiros Plaza, Hotel Fritzen, Hotel Vinha, Hotel D´Italiana, Hotel Portugueses, Vale Tur Hotel e Hotel Belo Mar. Eu fico em casa, dormindo. O telefone toca, a recepção me avisa sobre o cliente e me comunica se ele tem muita ou pouca grana. A ligação é passada para o quarto dele, e eu negocio o valor. Sou boa na negociação, converso bem e faço voz doce e melosa. É difícil eu perder uma negociação. Já trabalhei na venda de livros, que é uma coisa trabalhosa, e de apartamentos. Logo, negociar o corpo é mais fácil. O cliente já vê a minha foto antes e, se pede para a recepção me ligar, é porque ficou interessado. Tirei uma foto linda; para falar a verdade, nem parece comigo. Aquele ângulo ficou ótimo, e olha que a fotógrafa é novinha, deve ter uns 19 anos. Seu nome é Eliane, e faz um bom trabalho. Fiquei parecendo uma diva do cinema, com luvas vermelhas, o cabelo ruivo jogado para o lado, uma cara de inocência, uma boca carnuda e uns olhos verdes reluzentes, por causa da maquiagem. Eu pego a minha bolsinha e rumo para o hotel. Carrego nela gel lubrificante, preservativo, creme de massagem e uma roupinha de enfermeira.

É até engraçado quando o cliente abre a porta do quarto. Ele fica se perguntando se aquela é a mesma garota da foto. Só depois ele acaba me reconhecendo, pois os estilos são diferentes. A foto é uma verdadeira ilusão; nela, pareço o sonho de consumo de qualquer homem, e, quando ele abre a porta, o que vê é uma garota normal, que não tem luvas vermelhas nem cabelos jogados para o lado. Mas faz parte. Tem uns que gostam mais de

mim pessoalmente do que na foto. Vai saber qual a expectativa que cada um cria no cérebro, não é?

Já pensei em incrementar a minha *performance*, com mais acessórios, do tipo vibradores e algemas, mas, com isso, posso instigar um lado do cliente que talvez eu não goste de descobrir. É melhor não inventar moda.

O primeiro cliente de hotel que atendi foi um argentino. Ele estava hospedado no Hotel Morumbi. A recepção me ligou perto das 11 horas da noite. O recepcionista, Romário, já havia fechado o preço com o cliente, 180 reais, dos quais 40 reais ficariam para a recepção. Quando cheguei, gostei do cliente. Era educado, preocupado com o meu bem-estar, baixinho, carequinha, devia ter uns 40 anos. Esse cara não era dos mais bonitos, e acho até que ele compensava isso no sexo, porque fazia muito bem. Ele chegou bem pertinho de mim e me disse: "Como você é bonita". Fiquei calada. Minha cara-de-pau não foi suficiente para retribuir o elogio.

O programa deve ter durado mais de uma hora, mas ele era um cara legal e não estava me matando de tanto sexo. Ficamos a conversar sobre a esposa, os filhos, os cachorros dele, essas coisas. Eu me levantei, coloquei a roupa, recebi e, quando já estava saindo, ele veio abrir a porta, mas, em vez de girar a maçaneta, para que eu pudesse sair, ele deu uma volta na chave, pegou-me pela mão e disse: "Quiero de nuevo!" Eu não soube dizer não. E agora? Como sairia dali? E o pior de tudo é que eu estava menstruada e havia colocado em mim uma bola de algodão para conter o sangue, só que, com todo aquele vaivém, o meu tampão improvisado já devia ter saído do lugar. Pensei: "Seja o que Deus quiser!!!" Ele foi tirando a minha roupa, peça por peça, e eu lá, entregue ao destino. Quando eu fiquei nua na cama e ele percebeu que eu estava menstruada, pensei que ia me ferrar. Mas que nada, o cara era meio tarado! Não é que começou a fazer oral em mim? Não, não... Morro e não vejo tudo... E olha que ele fazia com vontade; ficava vendo o sangue sair e fazia mais ainda. Eu mal me mexia. De vez em quando, dava uma olhadinha, e lá estava ele, com a boca avermelhada, bem faceiro. Quando ele achou que já era o suficiente, colocou a camisinha, e transamos mais uma vez, bem rapidinho. Não demorou nada, porque ele estava para lá

de excitado. Não trocamos uma palavra sobre a minha condição física. Eu nem sabia bem o que dizer: coloquei a minha roupa e, dessa vez, eu mesma fui abrir a porta do quarto e saí. Vai que ele me pegasse novamente.

Às quatro da manhã, o Hotel Morumbi me chamou novamente. Fui, na maior boa vontade. Mais um chumaço de algodão, e eu estava pronta para a batalha novamente. Foram cobrados do cliente 140 reais, dos quais 110 reais eram meus, e 30 reais, da portaria. Esse era rapidinho, que coisa boa, não demorou nadinha. Ele estava bem cansado, tinha acabado de voltar da danceteria Mein Beer. Não conquistara nenhuma gatinha para ele, e não queria dormir sem transar. Na verdade, ele me confessou que tinha ido até lá para ver se conseguia arrastar uma para o hotel, mas disse que as meninas desta cidade eram muito arrogantes, frescas e não davam papo. Espertas elas, isso sim.

Fiquei ainda um pouquinho deitada com ele. Ora ele me abraçava, ora era a minha vez. Eu estava ali de corpo presente e olhava para o teto, mas meus pensamentos não estavam lá. A minha mente viajava em busca de explicações e de saídas para a situação em que estava. Eram 6h40 da manhã e a recepção me interfonou, dizendo que eu tinha de descer, antes que trocassem o plantão e o gerente chegasse ao hotel. Fiquei feliz e me lembrei da Leila. Era tão bom ouvir aquele interfone tocando no quarto. Como será que tinha sido a semana na Kity House? A Vitória tinha ido para lá. Vou ligar para ela no final de semana e saber como as coisas estão. Saí do hotel e passei pela padaria. Cheguei em casa e fiz café para mim e para a Yumi, arrumei-a para escola, limpei a casa, lavei roupa e a estendi no varal, cozinhei e temperei feijão. As formigas continuam sendo minhas companheiras na pia da cozinha. Não as quero ali, me incomodam. Daqui a pouco, vão me deixar louca. Terminei o serviço e, então, fui dormir a breve uma hora que me restava até que a Yumi chegasse da escola.

Balneário Camboriú, 3 de setembro de 2003.

“Preciso encontrar uma fonte de renda maior”. Esse foi o meu primeiro pensamento, quando abri os olhos e tive consciência de que estava viva. Os hotéis têm me chamado com uma boa freqüência, mas passo uma parte do dia sem fazer nada, e essa parte poderia ser ocupada com trabalho.

Fiquei pensando em como fazer e me lembrei de que, no Hotel Fritzen, enquanto eu olhava o *book* de acompanhantes e analisava as minhas “concorrentes”, vira um folheto da Agência de Acompanhantes Patrício. Eles conseguiam uma garota, caso o hóspede do Hotel não gostasse de nenhuma do *book*. Peguei o telefone e liguei para o Hotel Marinheiros. Falei com um dos recepcionistas e pedi que me fornecesse o telefone dessa agência. Meio desconfiado, o recepcionista quis saber por que eu queria o telefone e como eu sabia que ele tinha. Expliquei a ele toda a história e, então, obtive o numerozinho. Liguei para a Agência, e atendeu uma voz de homossexual, do outro lado. O homem era falante e o tom da sua voz era bem alto e desafinado. Ora soltava uns gritinhos, ora empregava uma voz séria. Perguntou a minha idade. Dessa vez, falei a verdade (sempre digo que tenho 24 anos). Quis saber também altura, medidas, grau de escolaridade, experiência, o que fazia e o que não fazia, preferência sexual, lugares onde já havia trabalhado e uma porção de outras coisas. Por fim, pediu para me ver e marcou um ponto de encontro num estacionamento de supermercado. Poxa, fiquei pensando, “Mas esse cara nem escritório próprio tem?” Mas fui, era a minha tábua de salvação. Eu precisava aumentar a minha renda.

Cheguei no horário combinado, no local programado, e nada dele. Ele me ligou. Ia se atrasar uns minutinhos, mas fiquei esperando. O tempo foi passando e passando, até que se aproximou de mim um homem de uns 30 anos, bonito, bronzeado, de óculos e roupas estilo *playboy*. Era ele. Assim que abriu a boca, vi que era ele. Conversamos bem rapidinho, mesmo: ele queria era me ver. Pediu para eu dar uma voltinha, para ele me analisar. Eu ali, no meio do estacionamento do supermercado, caminhando, parecia uma miniatura de manequim de desfile: dava a voltinha e voltava, caminhava mais um pouquinho e virava. Ele disse: “Já chega, já chega... Está aprovada”.

Pediu-me uma carona, e saímos do supermercado. Levei-o até um edifício simples, de quitinetes. Eu só pensava em como é que podia um dono de agência de modelos e acompanhantes não ter carro, nem escritório e, ainda por cima, morar de aluguel numa quitinete. E ele ainda me dizia que estava no mercado há anos e que tinha grandes clientes, que girava dinheiro na prostituição como ninguém, e contava mil peripécias.

Tenho começado a fazer programa todos os dias. Estou me salvando financeiramente; aos pouquinhos, mas estou me salvando. Ontem, atendi um funcionário da Celesc que estava no Hotel Marinheiros, em Itajaí. Cobrei 140 reais, e deixei 20 na recepção. Fiz um programa bem dedicado, transei com ele três vezes. Ele era bem carinhoso, e eu também estava querendo transar com alguém. Às vezes, eu preciso, e não é pouco. Conversei bastante, fiz massagem, e ele começou a reclamar da esposa, dizendo que ela era fria com ele, muito séria. Também me chamaram no Hotel D'Italiana, nessa mesma noite. Fui atender o cliente, mas era somente uma massagem. Cobrei 40 reais, não precisava fazer mais nada. O brabo foi deixar 15 reais na portaria; essa comissão doeu pagar. Está certo que era somente uma massagem, mas eu tinha ficado algum tempo por lá. Até achei esse cliente muito cara-de-pau, porque, depois que eu já estava lá, ele disse que não seria trabalho nenhum, para mim, aproveitar, tirar a roupa e subir para cima dele. "Vai que você gosta, menina, aproveita que tenho pau duro." Nem respondi a um absurdo desses. Nisso, meu celular tocou, e era a recepção do Hotel Morumbi me chamando para um cliente. Eu me enrolei para sair do Hotel D'Italiana e, quando cheguei, o cliente já havia saído para pegar alguma menina na Av. dos Estados ou no Expresso da Noite .

O Expresso da Noite é uma casa de programas com características de bar dançante, mas no mínimo 95% das garotas que estão lá são de programa. Eu ainda dei mais um tempo na recepção, na esperança de que o cliente voltasse, mas, como não apareceu, fui para minha casa dormir.

Quando eu estava no melhor do sono, o celular tocou. Era o Hotel Morumbi novamente. Olhei para o relógio: eram três horas da manhã. O mesmo cliente não tinha arranjado nada na rua e nem no Expresso da Noite,

tinha enchido a cara e, agora, queria companhia. Mas que chato ele era, um insuportável! Estava bêbado até as orelhas, tinha uns 55 anos, não falava coisa com coisa, ficava me dizendo “Te amo, te adoro”, passava a mão em mim o tempo todo, apertava o meu nariz, imitava uns tapinhas na minha cara, ficava se desequilibrando e se apoiando em mim e dizia uma porção de palavrões. Impossível trocar uma idéia com ele. Combinei 150 reais, mas foram os mais sofridos de uns tempos para cá, e põe sofrido nisso. Ele era mais do que chato, era estressante. Tinha umas perebas, como espinhas inflamadas, e umas manchas roxas, tipo acúmulo de melanina, pelo rosto e corpo, e a cara era bem avermelhada. Ele bebia demais, todos os dias.

Ele não queria botar camisinha de jeito nenhum. Um saco. Praticamente forcei-o a usar e fiquei de costas, para ter o mínimo de contato com ele. Só terminou quando eu fingi meu orgasmo falido, mas ele estava bêbado e pouco interessado na cara de prazer que eu não estava fazendo. Caiu para o lado, tombou, e foi um parto receber dele. Praticamente, tive que ficar gritando: “Seu Áureo, Seu Áureo, acorda, Seu Áureo, tenho de receber, ir para minha casa...” Ele se levantou, depois de eu muito pedir, me pagou e disse que me contrataria novamente na quinta-feira. Santa paciência!

Balneário Camboriú, 4 de setembro de 2003.

Hoje, o Hotel Marinheiros me chamou para atender um hóspede, um gurizão de uns 25 anos, de nome Leonardo. O hotel fechou em cem reais; deixei 15 na recepção. O menino era noivo há seis anos, e me falou que tinha problemas sexuais com a noiva. Perguntei que tipo de problemas, e ele disse que ela sentia muitas dores na hora da penetração. Orientei-o para que a levasse a um ginecologista, que poderia ser vaginismo, ela tinha que fazer exames. Ele disse que ela já havia feito isso e que a médica dissera ser psicológico.

Ele me confessou que era louco por calcinhas brancas. Por sorte, eu estava com uma, e fui até o banheiro, colocar o sutiã do conjuntinho de enfermeira.

Eu não estava muito a fim de vestir o conjunto todo. Não que fosse muita peça, porque era quase nada, mas estava sem vontade. Ao lado da cama, ele colocou fotos de umas dez modelos de calcinhas brancas. De vários tipos: calcinhas enormes e minúsculas. Foi posicionando os porta-retratos de forma que ele tivesse a visão de todos. Ele os trazia escondidos no fundo da mala. Acho que ficava imaginando que todas estivessem ali, conosco.

Quando começamos a transar, percebi que o dilema da noiva dele era exatamente ele. Muito ruim de cama, muito sem jeito, sem carinho, desengonçado, uma coisa de mete e mete para dentro e acha que está abafando. Duvido que algum dia ela tenha tido algum orgasmo com ele, e até penso que o fato devia ser mesmo psicológico, porque ela deve ter ficado traumatizada na sua primeira vez.

Não que ele fosse um menino grosso, mas é que não tinha a menor noção de como fazer sem machucar e fazer ficar gostoso. Penso que uma mulher deve ter alguns parceiros, para poder ter parâmetro, antes de escolher e decidir se não gosta ou gosta de sexo. Tem gente que se casa virgem. Acho isso uma loucura. Coitada da minha mãe, casou-se virgem, e vai que meu pai nem bom era? Aliás, uma das exigências do meu pai, um dia antes do casamento, tinha sido a virgindade da minha mãe. Eles só foram conversar sobre isso um dia antes de ela se casar com ele, e ele a teria deixado ali, caso não houvesse mais o selo que garantia a qualidade da esposa. Que besteira isso, não? Ainda bem que já caiu de moda, senão eu estava ferrada.

Mas, enfim, esse menino era tão ruim, mas tão ruim, que só peço que a noiva dele tenha a boa sorte de traí-lo antes de se casar e que pegue um cara bom de cama. Assim, ela descobre o que é bom, e o conserta ou larga de vez.

Esse menino é de Curitiba, onde trabalha como representante de vendas. Não tem muito dinheiro, não. Está começando a vida. Contratara-me por motivo de força maior. Ele já estava com tesão recolhido, por estar há umas duas semanas viajando, quando começou a ouvir uma gemedeira no quarto ao lado. O Hotel Marinheiros é considerado o melhor hotel de Itajaí, mas não tem televisão a cabo, e alguns quartos têm uma porta de madeira que

separa dois apartamentos. Foi justamente por uma fresta dessa porta de madeira que ele ficou a tentar espiar alguma coisa, e conseguiu ver a mulher nua. Daí, ficou louco. Telefonou para a recepção na mesma hora e disse: "Tenho só cem reais, mais nada. Pelo amor de Deus, me consegue uma garota de programa!"

Fiz uma massagem nele, com o creme que eu havia trazido. Acho válido fazer alguma coisa que não seja totalmente mecânica, como por exemplo conversar, ser um pouco carinhosa. Na verdade, é isso que mais falta a eles, com algumas exceções. Por sorte, eu não tenho muita liga para cara do tipo matador sexual. Despedi-me do rapaz, e ele disse que havia gostado bastante de mim. Então, pedi que ele ligasse para a recepção falando bem de mim, para que eles me chamassem mais vezes. *Marketing* não faz mal, e foi exatamente o que aconteceu: ele ligou para a recepção, agradecendo, e eu desci. Ao chegar lá embaixo, os meninos me disseram: "Pode subir, que tem outro cliente te esperando lá em cima. Desse a gente conseguiu cobrar um pouquinho mais. A propósito, o cliente que tu acabou de atender ficou babando, o que tu faz de especial?" Não respondi. Fiz mistério, para melhorar o *marketing*. Subi ao quarto indicado e, quando o cliente abriu a porta, o meu queixo caiu.

Ele era a coisa mais linda, que homem maravilhoso! Tinha 29 anos e era modelo da Triton, a trabalho na cidade. Mas, logo que entrei, a primeira coisa que pensei foi: "Que droga, esse cara deve ser bem ativo, está malhado demais". E era mesmo. Já foi me pegando, tirando minha roupa, me beijando, sem perder tempo. Já que eu estava ali e ia ter que transar para valer, resolvi aproveitar. Fiz tudo, serviço completo. Aproveitei muito! Tomamos banho, e eu pedi para ligar novamente o meu celular.

Eu ando desconfiada dos homens, e fui tentando pesquisar qual era a perversão dele. Impossível que não houvesse. Ainda mais num homem que já deve ter tido tudo quanto era mulher que quisesse. Penso que já tinha experimentado e realizado várias fantasias. Depois do sexo, ficamos conversando, mas não me senti atraída por ele em nada, apesar da beleza fora do comum. O impressionante é que ele dizia que devia malhar mais, e

eu não sabia onde é que ele queria melhorar. Tudo naquele corpo era perfeito.

Era casado já há 13 anos. Levei um susto! Como? Ele tinha dois filhos. Levei mais outro susto. Havia conhecido a esposa numa boate de programa. Levei outro choque. Ela fazia programa para pagar a faculdade, e ele tinha ido visitar uma zona pela primeira vez, junto com o pai. Ele fez o programa com ela, e se apaixonaram. Hoje, ela é bioquímica, e eles fazem *show* de sexo explícito nas casas noturnas para aumentar a renda. Surtei!

Ele contou que, uma vez, fez *show* de quatro horas seguidas, com 40 posições na poltrona erótica, sem ejacular. Eu acho que teria ficado enjoada de ficar olhando por tanto tempo. Ele também dança num clube de mulheres famoso em Curitiba.

Ele tinha um conflito a resolver: estava agora com dois filhos, e a carreira de modelo, apesar de toda a beleza dele, não havia decolado. Estavam aparecendo convites para sair com uns figurões da sociedade, agências de São Paulo estavam ligando para ele. Era programa com homens, e ele não sabia se deveria aceitar. Disse que, se saísse com os homens certos de lá, eles dariam um empurrãozinho nas contratações para os desfiles. Disse que agora, com dois filhos, as coisas estavam ficando mais difíceis. Eu sabia bem do que ele estava falando, mas não o incentivei. É como se uma amiga viesse me perguntar se deveria fazer um aborto. Eu diria que não, embora não pensasse duas vezes antes de fazer, caso acontecesse comigo.

Ele queria saber a minha opinião. Perguntei a ele o que era mais importante para ele, "a carreira ou a família"? Ele disse que a família. "Então, já te respondi." Ele me perguntou sobre relacionamentos, e eu enchi meus olhos d'água. Abalei-me com aquela pergunta tão singela e despretensiosa. Eu tenho na memória os resquícios do que aconteceu entre mim e o Fausto, e isso ainda mexe comigo. Já passou mais de um ano, mas foi muito forte. Pedi para trocarmos de assunto. Fui levantando, me trocando, e o meu celular tocou. Era o Romário: havia um cliente de presente para mim no Hotel Morumbi. Despedi-me do lindão.

Quando cheguei ao Hotel, caí dura para trás: era o Seu Áureo. O

insuportável do Seu Áureo! Bem, era quinta-feira, e o cara já estava me contratando. Quanto contraste! Eu estava saindo de um programa com um cliente limpinho, cheiroso, educado, lindo, jeitoso, e entrando num outro com um cliente bem porcalhão, bêbado, nojento, estressante e chato. Um porre de cliente de porre!

Antes de abrir a porta do quarto do Seu Áureo, eu fiz o sinal da cruz. O Romário ficou rindo, porque não era com ele. Como se já não bastasse a bebedeira em que se encontrava, ele tomou mais umas quatro latinhas de cerveja no quarto. Novamente, mais estresse, ele apertando o meu nariz. Por que ele faz isso? E me chamando de "meu amor", "eu te amo" para cá e "eu te amo" para lá. Eu só pensava em ir embora. Esse ridículo fica usando "eu te amo" tão em vão.

Depois que consegui sair de lá, me senti mais aliviada. Continuo sem conseguir sorrir; estes dias têm sido reflexivos e tristes. Apenas em alguns momentos eu sinto uma breve ponta de alegria: é quando ouço Ramones ou vou à aula de dança do ventre. Realmente, espero que esses sentimentos passem logo. Por diversas vezes, me pego rezando o Pai Nosso, desenfreada e mecanicamente. Acontece enquanto cozinho, tomo banho, antes de dormir e, por incrível que pareça, enquanto faço o programa. Tem cliente que eu atendo rezando todo o tempo. "Pai nosso, que estais no céu... Perdoai os nossos pecados... Amém."

Eu me questiono sobre os homens, sobre os rumos que a minha vida tomou e sobre o caráter das pessoas. Acima de tudo, me questiono sobre a minha personalidade. Estranho, mas quando achamos que não temos força para viver determinada situação e pensamos que a fibra que nos reveste é frágil, vem uma força desconhecida, algo que nos impulsiona a continuar e que nos mostra que somos mais capazes do que imaginamos, justamente quando pensamos que não podemos mais. Qual a linha imaginária entre o difícil e o impossível?

Balneário Camboriú, 6 de setembro de 2003.

Esta angústia não passa. Logo que acordo, já tenho vontade de chorar, embora não chore mais tanto. Esses dias têm sido muito difíceis para mim, sinto-me bastante sozinha. Só tenho vontade de ficar quieta, não quero que falem comigo. Minha paciência com a minha filha está curta. Ela fica me pedindo o tempo todo para fazer alguma coisa para ela, um pão não sei lá com quê, uma trança no cabelo, um desenho, depois ajudar a pintar o tal desenho, quer que eu alcance isso e aquilo. Estou de saco cheio, quero ficar deitada e em silêncio. Preciso fazer alguma coisa para melhorar a nossa vida. Eu já estou há mais de um ano nesta vida. Como foi passar tanto tempo assim?

Quando a Cris e a Ro me perguntam como estou, respondo sempre que estou bem e começo a conversar sobre assuntos aleatórios. Já pedi para não conversarmos mais sobre os programas e sobre os acontecimentos passados do meu relacionamento com o Fausto. Isso me machuca muito. Mas, quando menos esperamos, entramos nos fatos. Eu tento evitar as lembranças do livro, da delegacia, das fitas e do dinheiro de "indenização", mas continuo bastante revoltada. Tenho rezado e pedido a Deus para tirar essas recordações de mim.

Tenho também me perguntado sobre as conseqüências da prostituição na minha vida e se ela é correta ou não. Será que Deus, um dia, vai me castigar? Vou ter que pagar por isso? E, se reencarnação existir, será que volto para sofrer na pele os efeitos reversos do meu ato? Serei a chifruda do século, se for verdade. Eu não acredito na Bíblia e, portanto, não me baseio nela. Apesar de não ser espírita, gosto da filosofia do Espiritismo e a acho coerente. Hoje, peguei o livro do Allan Kardec e fui ao sumário, encontrar o que o Espiritismo diz sobre prostituição. Achei drogados, suicidas, humm... Tinha uma parte sobre roubo, mas nada de prostituição. Ufa! Até me senti um pouquinho melhor, vai que Deus não me condena. Pela Igreja Católica, eu já estou nos infernos.

Minha irmã me ligou nesses dias, e contei tudo para ela. Ela ficou em estado de choque. Não conseguiu trabalhar por uns dois dias. Depois, a

adrenalina passou. Ela me disse para mudar de vida, quem sabe voltar para a casa dos meus pais. Mas eu não conseguiria, também me sentiria angustiada. Além do mais, nesse momento, eu seria um peso morto para eles. Mal podem com as suas contas, o que dirá comigo e com a Yumi por lá. E eu, por mim mesma, jamais voltaria.

O pior de tudo é que sei que tenho de esperar o tempo passar. Quero que passe rápido, bem rápido. Espero ter apenas mais um relacionamento e que, se for para conhecer alguém, que seja a pessoa certa. Não quero mais ficar sentindo as dores do fracasso de um relacionamento e da separação, nem ter decepções com as minhas ilusões. E espero conhecer profundamente a pessoa com quem vou ficar, nada de surpresas. Encontrar alguém que me respeite, que não abuse sexualmente de mim, que não minta, não me humilhe, com quem eu possa contar, e ele, comigo, que me atraia fisicamente, seja humano, carinhoso, e que não me sufoque. E que seja honesto no amor! Mais importante do que tudo, que seja honesto no amor. Nada de ilusões! E se eu não encontrar essa pessoa no mundo? Será que vou conseguir ser feliz, meu Deus? Como tem homem idiota, idiota, idiota, idiota, idiota neste mundo.

Seu Áureo me contratou hoje novamente. Agora, está viciado em mim. Ele se benze com a cerveja, me come como se eu fosse uma hóstia. Contrata-me como uma oração diária. Eu faço a unção dos seus pecados, e ele vai dormir no Reino de Deus, entrega-se a Jesus em sonhos.

Eu e os meninos da recepção o apelidamos de Papa, uma sátira pelos bons modos dele e pelos palavrões. Tive de aturá-lo novamente. O que a gente não faz por dinheiro, hein? Que cara nojento! Teve o desplante de querer conhecer a minha filha, a audácia de dizer que eu ainda sairia com ele por amor e até me prometeu uma pensãozinha. Minha nossa, teria de ser a pensão, para agüentar tanto apertão no nariz e passação de mão no rosto.

Ele fica o tempo todo como se esfregasse uma torta de merengue no rosto da gente. Numa espécie de confissão, contou-me hoje sobre o tio, que abusou sexualmente dele quando ele tinha 11 anos de idade, e o tio, 40. Ele tinha ido dormir na casa de parentes como uma criança feliz que vai fazer um grande passeio, e acabou sendo estuprado. Colocaram-no para dormir com esse tio.

Eles eram muito pobres e não havia muitas camas na casa. Nessa hora, até fiquei com dozinho dele, mas foi só ele começar com aquela enfiação de dedo no meu ouvido e apertação no meu nariz, para eu mudar meus sentimentos. Por que ele faz isso, hein? Eu canso de mandá-lo parar. Tenho vontade de mandar esse Papa ao quinto dos infernos!

O Seu Áureo tinha ido antes ao Expresso da Noite, e uma garota chamada Flávia havia conversado com ele para fazerem o programa, mas ele disse que não tinha vontade de sair com mais ninguém, estava pensando em mim e resolveu voltar para o hotel e me chamar. O Romário me ligou e disse que o Seu Áureo pedira para me chamarem antes mesmo de pedir a chave do quarto. Levantei-me, no maior desânimo. Fui, me arrastando, mas fui. Que suplício, VIRGEM SANTA!!!

No início desta tarde, estava indo para faculdade e tive que pegar uma carona. Os ônibus aqui são muito demorados, e meu carro está pifado. Pobre, velho e bom Landau! Que Deus o acompanhe, porque, qualquer dia desses, vai partir ao meio. Coloquei o dedão na estrada, mesmo, bem como eu fazia na adolescência. Não demorou muito e um carro parou. Era bem simples, mas subi nele feliz. Deus devia acompanhar esse carro, também!

Na ida, o motorista começou a me cantar. Seu nome era Nelson. Era casado e pediu meu telefone. Ele era bem malandro, tinha me dado carona com segundas intenções, mesmo. Estendi meu cartãozinho para ele. Tinha mandado fazer uns cartõezinhos com o nome Marise, meu telefone, a cidade e a seguinte frase: “O dinheiro foi feito para as mulheres, do que ele serviria se elas não existissem? Onassis”. Ficou bem legal. Essa frase, quem me disse foi um cliente meu, em um programa. Achei o maior barato, e penso que serve como um bom *marketing*.

Ele leu o cartãozinho e perguntou quanto. Falei 180 reais, e acabei indo parar no Motel Renoir por 50 reais. Me poupe, Marise! Pelo menos fisicamente, não foi nada desgastante: ejaculação precoce. Era bem engraçado o jeito de ele se vestir. Uma calça quadriculada cinza com a bainha pelo pinto, um *blazer* marrom listrado, uma camisa amarela por baixo e, para fechar todas, ele estava de tênis encardido e meias azul-

cheguei. Sugeri um banho, a coisa estava brava. Ele tinha cheirinho de asa debaixo do braço. Pegamos um quarto com hidromassagem, e ele nem sabia o que era aquilo. Quando pedi gel lubrificante para portaria, ele me perguntou para que servia. Ficamos bastante tempo na hidro, ahhhhhhhh, como eu gosto de hidromassagem!

Balneário Camboriú, 7 de setembro de 2003.

Acabei de voltar de um programa no Hotel Marinheiros. Nem preciso dizer que estou triste. Praticamente não tive nenhum desgaste físico, só mental, mesmo. Quando cheguei, o cliente já estava meio bêbado e tinha fumado um baseado. Adotei um novo método, agora: entro no quarto e, depois de cinco minutos de conversa, já vou tirando a roupa. Tenho percebido que perco muito tempo no blablablá, e que isso me desgasta.

O problema desse cliente é que ele já estava chumbado. Ele tem um cargo de confiança na Prefeitura de Lages e veio fazer um trabalho na cidade. Disse-me que não era um cara aventureiro, mas que queria, dessa vez, fazer tudo entre quatro paredes. Como ficou longe da esposa, resolveu fazer o que não podia e tinha vontade. Pensei comigo: “Garota errada, camarada”. Fazia anos que ele não fumava um baseado, e dizia que queria transar de subir pelas paredes e incendiar o quarto. “Coitado, esse sai daqui frustrado.” Acontece que aquela não era a praia dele; decididamente, não dava. Ele estava maconhado, bêbado, e eu, sem saco. Nada de química, e ele querendo “aquele sexo selvagem”. Tirei a roupa, deitei-me na cama e comecei o trabalho.

Mas não subia, não ficava duro. Ele tentava, não dava certo. O pênis dele era muito pequeno, quase não entrava em mim. Parávamos, tentávamos mais um pouco, tudo de forma desengonçada. Eu tenho uma paciência do cão, mas aquilo já estava me dando agonia! Paramos umas três vezes e ficamos conversando. Eu apagava a luz, para ver se ele dormia, e ele acendia de novo e dizia: “A festa ainda continua!”.

Cansei de tentar e fiquei imóvel, deixando-o se esfregar em mim. Uma hora, ele mesmo acabou desistindo: “Estou morto”. Agradeci o fato de ele ter se mancado. Quando dei por mim, já estava lá há mais de duas horas e meia, nossa! Por isso é que eu estava mentalmente acabada. A única coisa boa que tinha naquele quarto era a estação que o rádio sintonizava, ótima, só com músicas de que eu gosto. Música é tudo na minha vida; preciso dela como se fosse um complemento da minha existência. Fui vestindo a minha roupa, e ele, me perguntando se ia ficar assim, daquele jeito. “Olha, não tem mais jeito, não, você bebeu demais”.

Mesmo assim, ele me pagou. Na hora de assinar o cheque, ficou redemoinhando com a caneta em cima do espaço do valor, como quem pensa em quanto dar de caixinha. O combinado eram 120 reais. Ele deve ter ficado uns cinco minutos raciocinando. Eu, curiosa. Ao final, preencheu a folhinha com 125 reais. Eu tinha vontade de rir da discrepância dele, mas agradeci como se ele tivesse preenchido com 50 reais a mais. Além de tudo, me deu um cheque da prefeitura. Fiquei feliz, porque aquele não voltaria.

Enquanto estávamos com a luz apagada, eu comecei a chorar, mas nada que ele pudesse perceber, estava bem escuro. Eu me senti muito, mas muito sozinha. Fiquei pensando que eu deveria sair, qualquer dia desses, para espairecer. Como seria bom ter uma pessoa legal, poder sair, dançar, me divertir com alguém. Nem sei bem mais o que é isso. Bem, vou parar de escrever, porque, senão, acho que vou começar a chorar agora. Acabei de comer cinco Bis. Está amanhecendo, e eu preciso descansar.

Amanhã, começo a fazer o mantra que a Elisa me ensinou. Preciso recitar todos os dias esta frase: “Sou feliz, encontrei o grande amor da minha vida, e ele, a mim, estamos juntos e temos, eu, ele e a minha filha, saúde e dinheiro. Vivo em harmonia com meus familiares e amigos e realizo todos os meus projetos de vida”.

Tenho andado muito negativa e desesperançosa em relação aos homens. Estou muito preocupada sobre nunca mais conseguir preencher o vazio do meu coração. Como eu gostaria de encontrar alguém. O que deu errado, meu Deus?

Balneário Camboriú, 8 de setembro de 2003.

Finalmente, o agenciador Patrício me ligou. Tinha um cliente para mim. Eu praticamente já havia me esquecido dessa agência. Ele me pegou de táxi aqui em casa e disse que o cliente já estava hospedado no Motel Via Veneza. Cobrou 250 reais pelo meu programa. Desse valor, cem reais eram meus e, o resto, dele e da recepcionista do motel, que havia dado a dica sobre o cliente.

Falou-me para mentir, dizendo que era estudante de direito. Perguntei se não poderia ser de enfermagem, porque, vai que o cliente me perguntasse alguma coisa sobre legislação; eu ficaria sem ter o que dizer. Ele disse que não. Que já tinha contado uma historinha bem contada, e que eu não desse furo. Além do mais, era para eu dizer que meu nome era Patrícia. Mais essa, agora!

O táxi entrou no Motel e ele me largou na porta do quarto. Disse: "Boa sorte. Ele gosta de fio terra, faz fio terra que ele se apaixona!" Fiquei pensando: "Fio terra? O que é isso?" Fiquei a me indagar como seria a posição fio terra. Entrei e fui abrindo um sorrisão. Ele me perguntou meu nome. "É Marise, e o seu?" Quando acabei de falar, me dei conta do primeiro furo. Ele se chamava Ronaldo e, quando me perguntou o que eu fazia, fiquei roxa. Mas tão roxa, que tive de confessar que era estudante de enfermagem e que não sabia mentir. Ele disse que isso não fazia a menor diferença para ele. Ele parecia bem legal. Devia ter uns 40 anos, havia se separado e estava sofrendo. Era cliente assíduo do Motel e já havia feito amizade com a recepcionista. Eles não se conheciam, fisicamente, mas trocavam livros e falavam pelo telefone do quarto. Tem esse lance de os clientes terem tara pelas recepcionistas, porque eles só ouvem a voz delas. No máximo, vêem a mãozinha saindo do caixa para pegar o dinheiro e, então, ficam fantasiando. Tem um cliente que paga 80 reais só para a recepcionista dar a ele, pelo passa-pratos, a calcinha dela. É uma tara. Os

motéis aqui da cidade não permitem contato visual entre cliente e recepção, tudo é feito por microfone e tela de botões.

Esse cliente pagava o motel sempre no final do mês, porque era bem assíduo e, toda vez que entrava em depressão, corria para um quarto do Via Veneza. Vinha muito lá.

Então, resolveu pegar um quarto melhor. Ele disse que eu era digna de uma suíte presidencial. Senti-me até importante! O Via Veneza é o melhor motel da região. Tem hidro, oba, tem hidro! Ficamos conversando: ele, sentado na cadeira, comendo, e eu, dentro da hidro, tomando banho. Bem legal. Fiz um programa bem *light* com ele, nada fora do trivial. Até me esqueci daquela história de fio terra. Passamos a maior parte do tempo conversando, sobre família, futuro, decepções, dinheiro, essas coisas. Quando tocou o telefone do quarto, comunicaram que já haviam passado as duas horas e a agência havia vindo me buscar. Nem senti a hora passar.

Fiquei pensando que, com tanta pompa ao telefone, a agência parecia ser o escritório de um grande empresário da noite. Despedi-me dele. Ele pediu meu celular, e eu falei que estava proibida de repassar, mas, caso ele quisesse me ver novamente, podia ligar para o Patrício.

Assim que entrei no carro, estendi o dinheiro. Deu uma dor ver a maior parte não ficar na minha mão, mas tudo é válido, e eu estou quebrada, financeiramente. O agente me perguntou se ele havia gostado. Falei que achava que sim. “Então, tu é boa no fio terra, hein?” Dei uma disfarçadinha, como quem ri e não responde nada, mudei de assunto. Pedi que ele me ajudasse e me mandasse mais clientes, porque eu estava precisando. “Claro, menina. Basta você ser boazinha, que eu te arrumo mais.”

Eu preciso encontrar alguém que me explique o que é fio terra...

Balneário Camboriú, 15 de setembro de 2003.

Estou cursando poucas disciplinas neste semestre, e isso tem me ajudado, porque sobra mais tempo para descansar. Muito esgotamento mental. Não

estou bem ainda, nada bem, e acho que vou levar algum tempo para me recuperar e me acostumar com esta vida. A Elisa ficou espantada, na nossa última sessão; disse que as coisas acontecem de maneira muito rápida comigo. Ela falou dos hotéis e, na semana seguinte, eu já estava com fotos distribuídas pelos principais. Ela falou de eu encontrar uma maneira de conseguir um dinheiro rápido, e, na sessão seguinte, apareci com os blocos das rifas, para ela me ajudar a vender. “Elisa, sou o tipo de pessoa que vai e faz, não fico esperando as coisas acontecerem.”

Ontem, fiz as contas da semana. Ganhei 635 reais. Não é pouco, mas também não é muito. O Ronaldo mandou me chamar novamente, no Via Veneza.

Ele e suas crises existenciais. Agora, deu para me dizer que precisa fazer um desbloqueio espiritual e se desvincular. Para mim, ele precisa é de terapia. Perguntei o que ele entendia por desvincular-se e por desbloqueio espiritual, e ele falou: “Essa é uma boa pergunta!”

Nossos encontros têm sido agradáveis. Ele é um cliente calmo, sem atitudes muito invasivas. Termina tão rápido, e de maneira tão silenciosa, que eu quase nem percebo. E sempre pergunta o que eu quero. Descobri que o Via Veneza tem uma musse de chocolate deliciosa, congelada, e é sempre isso que eu quero. Só isso: essa musse e a hidro. Mas é pena que a hidro não pode ser só para mim, e pelo tanto de tempo que eu quero. Sou capaz de ficar um dia inteiro lá, de virar um peixe.

Depois que terminei o serviço, levantei-me e já estava botando o pezinho na tão esperada hidro, quando ele me pediu para ir embora. “De novo, Ronaldo?” Fiz de conta que tinha ficado chateada. Anteontem, ele tinha me contratado e feito a mesma coisa. Mas, no fundo, não fiquei nada contrariada, nem um pouco. Nenhum cliente, por mais que seja legal, me faz ter vontade de ficar junto com ele.

O Ronaldo teve um piti. Aí, eu vi que ele era meio desequilibrado, e que não tinha sido à toa que a mulher o tinha deixado. Começou com o discurso furado de que aquela era a última vez que ele estava contratando garota de programa, que, desde janeiro, fazia isso freqüentemente e que, agora, queria

uma namorada. Disse que não ia mais me pagar e que, se eu quisesse continuar a vê-lo, seria sem dinheiro, por amor, e na casa dele. Tipo um teste, para saber se eu estava com ele por interesse ou não. Coisa mais idiota, porque era lógico que eu estava com ele por interesse, era para pagar as minhas contas, oras. Ele sabia que não havia me encontrado em um barzinho, de bobeira.

Jura, Ronaldinho, jura, que eu vou fazer isso mesmo... Já colocando a última peça de roupa, eu falei: “Pode deixar que eu ligo, sim”. Com a maior cara-de-pau, de “espere sentado”. Despedi-me e fui embora. Antes, deixei algumas fotos minhas pelos motéis próximos. Nessa mesma rua, existem quatro motéis. Fui deixando as fotos, e os recepcionistas, dizendo que estavam mesmo precisando, porque as garotas que trabalhavam lá não investiam muito nas fotos, e os clientes desanimavam e não contratavam ninguém. Ou, então, contratavam e, quando a garota vinha, eles a mandavam embora, porque ela não era a da foto. Eu não sabia dessa história de acompanhante nos motéis. O Motel Via Veneza, em minha opinião, é o que, atualmente, mais clientes tem, aqui na região, e a Lílian, recepcionista do noturno, disse que costuma chamar várias garotas.

Balneário Camboriú, 17 de setembro de 2003.

Está muito frio, hoje. Tenho mania de aquecedor: sempre que possível, ligado e próximo de mim. Não vejo a hora de o tempo passar, não gosto de lugares onde faz frio. O Nordeste deve ser ótimo. Só que, antes, vou ter de juntar um dinheiro, para poder aproveitar o lugar quente e tão agradável em que quero morar. Não quero chegar no dia de ter paz espiritual me matando de trabalhar, do jeito que já trabalhei, igual a uma louca. Quero aproveitar a vida. Eu penso até na Bahia. Lá não deve ser tão quente quanto em Fortaleza, mas, antes, vou para os EUA, juntar um bom dinheiro. Dizem que lá pagam bem as enfermeiras.

Tenho perdido o encanto pelas coisas, não acho mais graça em nada, e

poucas coisas me parecem bonitas. Nem a comida tem me trazido mais satisfação. A única coisa que me traz momentos bons e me faz ter algum entusiasmo pela vida é a dança do ventre. Eu tenho vontade de aprendê-la bem, acho que tem tudo a ver comigo, e é o único exercício físico de que gosto.

Os programas vão indo. Ontem, atendi um rapaz jovem. Fiz bastante massagem, e, sexo mesmo, uns cinco minutos. Cobrei 90 reais, deixei 20 para a recepção do hotel. Ainda saí com dois amigos, juntos, por 140 reais. Foi bem *light*, porque eles não colocaram as mãos em mim ao mesmo tempo, foi um de cada vez. Depois, fui ao Hotel Marinheiros, para atender um homem que fazia aniversário. Ele era bem querido e nunca tinha traído a esposa. Estava fazendo 43 anos de idade, e os amigos me deram a ele de presente de aniversário. Esse nunca teria ido pelos próprios pés, mas os amigos deram uma mãozinha. Ele estava bastante nervoso, porque era a primeira vez, e ele tinha um probleminha no pênis, que o deixava mais nervoso ainda. Ele tinha quebrado o pênis ao meio, enquanto transava com a esposa. Ela estava dando uma sentada meio violenta nele e, naquele entra e sai, o pênis ereto se dobrou, num ângulo de 90º. Diz ele que doeu muito. Imagino que tenha sido pavoroso. O pênis acabou ficando com a ponta torta. Ele deve ter perdido uns quatro centímetros de pênis, e, do jeito que os homens são com esse negócio de tamanho, um centímetro já faz a diferença. Agora, imagine quatro! Ele era muito querido, alto, acima do peso, bem grisalho, e limpinho, cheiroso, um ursão, bem meigo e fofão.

Voltei para casa. Estava morta de cansada dessa seqüência de três programas, e devo ter apagado tão logo coloquei a cabeça no travesseiro. Quando me deitei, deviam ser umas duas da manhã.

Meu celular tocou. Atendi, quase sem forças. Era o Hotel Marinheiros, novamente. Perguntei a eles que horas eram. “Quase cinco da manhã.” “Virgem Santa, mas a que hora da manhã o pessoal resolve transar, hein?” Mesmo assim, levantei-me e fui. O dinheiro era necessário. Cheguei lá até mais acordada. Fui simples, mesmo, do jeito a que eu estou acostumada a ir: calças *jeans*, blusa, um agasalho, por causa do frio, pouca maquiagem e

botas.

Quando cheguei ao quarto, até o cliente estava dormindo. E olha que ia pagar 150 reais. Ele era legal, mas estava caindo pelas tabelas. Perguntei se ele havia bebido. Ele disse que um monte, e que mal tinha chegado da festa, mas que um carinho só já resolvia o problema dele. Bem, isso é comigo mesmo! Tirei a minha roupa e me pus a lhe massagear o corpo inteiro. Primeiro de costas, depois de lado, depois de frente. Creme daqui, creme dali, mão acolá, e lá vai mais creme de massagem. Esse, eu senti que ia ganhar sem ele precisar me penetrar... Que coisa tão boa, meu Deus!!!

Ficamos conversando e, de repente, tocou a campainha. Já deviam ser umas 6h30 da manhã. Ele me pediu que abrisse a porta, que era o seu amigo, com uma outra acompanhante, chamada Sol. Hummmm, então eu ia conhecer essa tal de Sol. Ela era bem conhecida dos recepcionistas dos hotéis, tem foto dela lá no Hotel Morumbi. Sempre tive curiosidade de conhecê-la, e também a uma outra garota, chamada Samantha. Sei lá, há um monte de acompanhantes, mas sempre me chamaram a atenção essas duas meninas.

Abri a porta e, quando olhei, vi uma menina estilo Kelly Key de ser. Baixinha e peitudinha. Ela até tinha um estilo piranha fatal, que lembrava a Fernanda, da Kity House. Usava uma microssaia, naquele friozão todo, botas pretas até os joelhos, uma blusa decotadíssima, um casaquinho, boina no cabelo, *piercing* no nariz, uma carinha de 19 aninhos e cabelos pelos ombros, pintados de loiro *blonde*. Realmente, essa, dava para a gente saber que trabalhava em programa a quilômetros de distância.

Eu me apresentei e, logo que ela entrou no quarto, deu um arroto de salaminho. Eles tinham pedido café da manhã no quarto. Eu tenho pavor de arroto de salaminho, mas, mesmo assim, fui com a cara dela. O meu cliente era um cara magrinho e branquinho, que nem transou, e o dela ela um moreno de pele, robusto no peso e no tamanho. Ela me contou que deu uma com ele que valia por três. Combinamos ir embora juntas. Eu estava com o Landau funcionando, o que era quase um milagre, porque ele tem estragado a torto e a direito.

No caminho, fomos conversando. Ela morava em Balneário Camboriú, e

tinha essa sina, sempre pegava o cara considerado o mais ativo sexualmente. Parecia um ímã, e até já estava acostumada. A Sol me disse que é amiga da Samantha, e que ela é uma garota bem legal. Ela está na vida já há um bom tempo, e trabalhou em Florianópolis, na Boate Pérolas. Disse-me que lá, sim, ganhou dinheiro, mas ganhou dinheiro mesmo. Só que, agora, está aqui e não quer mais ir para boates, porque tem um filhinho de cinco anos, o Alemãozinho. Ela não chegou a conhecer, na Boate Pérolas, nem a Deborazinha, de Jaraguá do Sul, nem a Bruna, filha da Vitória.

A Sol tem um amante e um namorado; um é novo, e o outro é coroa. Ela me perguntou, enquanto íamos para Balneário Camboriú, qual eu achava que era o namorado, e qual era o amante. Eu, naturalmente, pela ordem normal da sociedade, disse que achava que o namorado era o mais velho, e que o amante era o mais novinho. Ela falou que era o contrário: namorava o novinho, comia o dinheiro dele, e era amante do mais velho, porque aquele é que era bom de cama. Fiquei besta e pasma!

Deixei-a na casa dela, na Rua 10, e, de lá, fui para a minha. Pensei que essa era a única garota de programa que eu conhecia, aqui em Balneário. Ela disse que já tinha ouvido falar de mim também, que eu tinha surgido nos hotéis e que, agora, os recepcionistas estavam me chamando. Mas ela não me tratava como concorrência. Voltei pela Av. Atlântica, dirigindo a uns 20 km/h. Nem o mar eu consigo achar bonito.

Balneário Camboriú, 18 de setembro de 2003.

Estou, aos poucos, tentando me recuperar. Inesperadamente, hoje senti aquela vontade de ir a um *karaokê*, cantar. Está muito frio. Liguei para a Cris e para a Cláudia, e nos reunimos para conversar na casa da Cláudia. Lá estava também um amigo dela de quem nem sei o nome, mas que é muito chato e, ainda por cima, metido a filósofo. Perguntei o que ele fazia, e a resposta não poderia ter sido mais óbvia: “Filosofia”. E ainda me respondeu com ares filosóficos.

Ele está no terceiro período, e usa umas palavras muito difíceis, termos complicados. Começaram, ele e a Cris, a filosofar sobre a falta de caráter dos homens. Esse assunto me estressa bastante. Então, tentei não ouvir mais, mas era impossível conseguir trocar de assunto, a conversa estava fervendo. Eles, sentados, e eu em pé, no canto da sala, escorada. A cada frase que a Cris dizia, eu sentia uma facada no peito. Suas palavras comprovavam que era impossível eu estar errada quanto aos homens, uma vez que eu não era a única ali, naquela sala, afetada pela falta de honestidade masculina.

Vi o som. Era a minha salvação. Fui até ele e aumentei o volume. Comecei a dançar virada para ele, como se o CD fosse o meu par. Fechei os olhos. Era uma música *dance*, bem envolvente. Fiquei a pensar que fazia um bom tempo que eu não saía para me divertir.

Meus pensamentos estão voltados somente para conseguir dinheiro, para me manter e superar o trauma masculino. Dancei e dancei. Eu era uma peça solta naquela sala. Eles pararam de conversar, comentaram a minha animação e voltaram para o assunto "homens". Estou cada vez mais convicta sobre a postura que devo ter em relação a eles: manter-me afastada ao máximo, para ser prejudicada o menos possível. A cada dia que passa, eu sei de uma nova história de um idiota que aplicou alguma em cima de uma mulher.

Como nos defender deles? Acho que só mesmo mantendo distância. Não assumindo nenhum compromisso com eles, não deixando de fazer nada em prol das suas exigências e vontades, ou seja, não querendo nada com nada em relação a eles. Sinto que vivo um conflito interno. De querer e não me permitir. Eu bem que queria ter alguém, mas não me permito arriscar a encontrar a pessoa certa. Acho que ainda me machucaria muito nessa caminhada desenfreada. Um homem em dez mil é uma porcentagem muito baixa de acerto. Fico com a loteria. Deve ser mais fácil. É difícil ter que usar a razão, quando nosso instinto é o do coração.

Começo a pensar que uma relação a dois não é algo que faça parte da minha vida. Todos os dias, quase todos, eu recito o mantra que a Elisa me ensinou. Eu o faço mais verbalmente, mas parece que, mentalmente, não

incorporo as palavras. Recito-o, na tentativa de me convencer da viabilidade dos fatos. Eu sei que tenho de tirar esses pensamentos negativos, em relação aos homens e ao amor, da minha cabeça, mas as constatações do dia-a-dia só me comprovam que estou certa, agindo e pensando dessa forma.

É difícil encontrar homens. Quando eu falo "homens", estou dizendo no sentido mais complexo da palavra, ou seja: uma criatura do sexo masculino dotada de inteligência (e não de esperteza), transparente, íntegra, com postura e atitude. Detesto homem que, quando a gente bate o pé, sai correndo, ou, então, aqueles que se enchem de justificativas, em vez de assumir os relacionamentos e arcar com as conseqüências. Não suporto homens que iludem mulheres, na tentativa de tirar algum proveito da situação. Será que eu estou sendo um pouco exigente demais? Não, esse é o mínimo que eu posso pedir de um homem, para ele estar comigo.

Ele não precisa ser bonito; nem ligo para beleza, mesmo. Mas tem que ter química e, é lógico, nada de homem sem futuro. Detesto homem que não corre atrás de objetivos, cara acomodado. Se não tem uma estabilidade financeira, então que, pelo menos, tenha uma boa perspectiva de vida e vá em busca disso.

Sabe, está me enchendo tanto o saco pensar e refletir sobre homens que, daqui a pouco, vou jogá-los às cobras e não vou mais querer saber de nada, vou parar de pensar totalmente no assunto. O negócio vai ser eu ficar vivendo à toa, mesmo, deixando o barco correr e ir me divertindo, e, não, colocar como um dos meus objetivos um dia encontrar alguém. Fico até em dúvida sobre eu estar enxergando a realidade do que são os homens, ou se o que vejo é como muitos homens são, mas nem todos, e acabo generalizando. Ao meu redor, só há idiotas. Não quero pensar, quero me abster de pensar.

TODOS OS HOMENS QUE JÁ PASSARAM PELA MINHA VIDA SÃO UNS VERDADEIROS IDIOTAS, SEM EXCEÇÃO!!!

Muitas vezes, a carência faz você se apegar à primeira porcaria que aparece. Eu quero me proteger de ficar susceptível a essas porcarias que aparecem. Estou consciente de que o vínculo que devo ter com eles, pelo menos por um bom tempo, é o da troca de dinheiro por companhia. Dessa

maneira, eles não estão me usando, porque estão pagando. Não estão me traindo, porque não tenho compromisso com eles. Não estão me iludindo, porque não me prometem nada e, ainda por cima, tratam-me melhor do que tratam as esposas, pelo menos muitos deles. Aliás, a maioria me trata melhor do que me tratavam meus relacionamentos passados.

Balneário Camboriú, 19 de setembro de 2003

O Hotel Morumbi me chamou, devia ser quase meia-noite. Avisaram-me de que haveria outra menina no quarto, e que eram dois amigos querendo companhia. Perguntei quem era a garota. O Romário me avisou de que era a Sol.

Eu cheguei primeiro, porque moro bem próximo ao hotel. Os meninos me disseram para eu ir subindo, porque me cansaria de esperar por ela. Seria melhor para mim se eu começasse a adiantar o serviço. Bati na porta do quarto. Um homem de uns 40 anos abriu: bem sorridente, comunicativo, fora de forma, moreno e mais bronzeado de pele. O amigo dele era bem sarado e estava deitado na cama. Havia duas camas no quarto. Automaticamente, sentei-me naquela que parecia ser a do quarentão comunicativo. Ele, com certeza, não daria tanto trabalho quanto o Sr. Músculos. Comecei a conversar sobre o trivial. Para bater papo, eu sou boa: se deixar, tenho conversa para a noite toda. Mas a Sol estava demorando demais; eu já estava ali há quase uma hora. Praticamente, um programa só de bate papo.

De repente, ela chegou. Acho que usava a mesma roupa do dia em que a conheci. Nós nos cumprimentamos e, pela minha posição nas camas, ela percebeu que o Sr. Músculos era compromisso dela.

Aparentemente, ela não deu nenhuma explicação para as reclamações e leves sátiras feitas no quarto em relação ao seu atraso. Deu uma risadinha e foi se colocando em baixo das cobertas. Percebi que ela não tira a roupa na frente de ninguém. Cobriu-se e foi jogando no chão, por debaixo dos lençóis, peça por peça.

Cada uma começou a fazer o seu trabalho como se a outra não estivesse ali. Uma hora, eu olhei para a cama ao lado, para ver como estava o andamento do serviço, e fiquei chocada. A Sol não me parecia nem um pouco dedicada: ela praticamente não fazia nada. A cena era a seguinte: ela, deitada de lado, abraçada, com um dos braços, a um travesseiro que escondia a barriga e o peito, apoiada com o cotovelo na cama e com a cabeça na mão, olhando a programação da TV, que se encontrava sem som. Ela nem parecia estar naquele recinto. O cliente estava de joelhos sobre a cama e penetrava freneticamente a Sol, suava muito. Até passava a mão pela testa, limpava na colcha e continuava a se exercitar. Senti uma aflição, porque ele não parava nunca com aquela penetração. Lembrei-me de uma história lá da Privê de Blumenau. Um cliente tinha ido fazer um programa e estava por cima da garota, com a luz apagada. De uma hora para outra, ele sentiu um cheiro forte no quarto, parou de transar e acendeu a luz do abajur. Ela estava comendo uma tangerina, enquanto ele fazia o serviço.

Então, deparei-me comigo e percebi que eu estava tendo um gasto de energia tão grande quanto o cliente da Sol, e que eu deveria fazer como ela. Para que me desgastar tanto? Acho que isso tem a ver com duas questões. A primeira, com o fato de eu gostar de fazer as coisas bem-feitas; a outra, com as marcas da submissão ao sexo masculino que ainda residem em mim. Nós duas ganhamos a mesma coisa, mas eu me desgastei bem mais, e a Sol parecia estar num mundo à parte. Talvez, com o passar do tempo, ela sinta bem menos do que eu as marcas psicológicas deixadas pelos programas.

Depois que tudo terminou, eu e a Sol fomos juntas comer alguma coisa. Ela parece um pouco desligada do mundo, mas acho que é o normal dela. Aproveitei para perguntar à minha nova amiga o que era fio terra. “É dedinho no rabo, louca!” Que nojo... Ela ainda completou a explicação: “E, se te pedirem beijo grego, já sabe: é o mesmo que fio terra, só que, em vez do dedo, você usa a língua”. Aaaaaaaahhhhhhh!!!!!!!!!

Hoje, aconteceu um fato muito estranho. Um dos recepcionistas do Hotel Saramaio, Antônio, ligou-me e confessou que precisava de ajuda. Ele ainda era virgem, tinha 25 anos e nenhuma relação sexual com mulher. Realmente,

eu estranhei isso, porque ele parece ser uma pessoa bem comunicativa, e é um rapaz bonito.

O telefone tocou por volta das 14h. Ele queria fazer um programa e me perguntou o quanto eu cobraria dele. Achei válido, porque, na primeira vez em que ele teve algum contato comigo, foi de graça, mesmo. Quando levei minha foto ao Saramaio e pedi que me chamassem, quando algum cliente quisesse companhia, ele tinha dito que tudo bem, mas que, antes, eu deveria passar no teste.

"Teste?" Eu nem sabia que havia teste, mas ele disse que, antes, precisava ver o corpo da menina. Levou-me para um dos quartos e disse que eu tirasse a roupa, porque ele tinha de falar para o cliente como era o meu corpo e como eu fazia. Pediu até que me deitasse no chão e ficasse me masturbando, para ele ver como era. Fiz o que ele pediu e, quando menos esperava, ele havia começado a se masturbar. Fiquei com nojo, mas pelo menos ele não fazia nada em mim. Mas eu não fiquei com raiva de ele ter se aproveitado, não. Esse era o segundo hotel que eu visitava, e não sabia como era o funcionamento das contratações de programas por meio das recepções. O primeiro que em pedira para trabalhar tinha sido o Hotel Morumbi e, na ocasião, respondi a um monte de questionamentos pornográficos. O Romário não havia colocado a mão em mim, mas aproveitou para ficar se excitando, enquanto eu falava e ele perguntava, com a cara mais séria do mundo: "Diga-me o que você faz. Fale como você faz. E como é que é quando você sai com três?" Eu nem sabia como se saía com três homens ao mesmo tempo, naquela época, mas falei algo a ele, inventando como deveria ser. Eu ingenuamente pensava que era uma espécie de seleção, para saber se a garota era aprovada ou não para sair com o cliente do hotel.

Desta vez, o recepcionista Antônio tinha pelo menos 50 reais. Ficou me devendo 30, mas acho que nunca pagará. Eu cobrei 80 reais dele. Ficou marcado para as 20h e, quando ele me ligou, eu não estava com saco e tentei me desvencilhar, mas acabei indo. Apanhei-o, de carro, perto do hotel onde ele trabalha. Ele também mora lá, e estranhei, porque ele não queria que ninguém o visse comigo. Estranho mesmo, porque isso é o que todo garoto

quer: ser visto ao lado de outra mulher, o que representa a aprovação social da sua freqüência e opção sexuais. Assim que passamos pelo hotel, ele se abaixou. “Aí tem algo de errado”, foi o que pensei.

Sempre penso que todo garoto que usa óculos tem um lado pervertido escondido. Enquanto estávamos no carro, ele foi me contando que o dono do Hotel gosta dos garotos da recepção e que os pressiona para que saiam com ele, sob ameaça de demissão. Comecei a sentir o drama do Antônio. Ele trabalha há bastante tempo lá, e o proprietário também mora no hotel. Eu o conheço, é um cara bem nojento. Anda num carro importado conversível e fica o tempo todo falando de sexo e dando conotação sexual para tudo. Ele é um tarado e tanto. O Antônio deve estar saindo com ele e, agora, deve estar confuso quanto à sua opção sexual.

Perguntei a ele, enquanto entrávamos no quarto, se ele, algum dia, tinha tido contato sexual com alguém, e ele, admirado por estar em um motel. Ele disse que tinha uma namorada, mas que no máximo a deixava fazer um oral nele. Claro, devia ser o dono do hotel, tentando desvirginar o menino e indo aos poucos. Eu já sabia o que o Antônio queria, ali: era tirar a dúvida quanto à opção sexual e saber se tinha algum interesse por mulher, se conseguia ficar excitado. O Antônio deve estar sentindo uma perda de identidade e deve estar querendo se definir. Sei bem o dilema que é tentar se definir, descobrir quem se é.

Está frio, e eu tomei um banho rápido e pedi que ele ligasse o ar quente. Minha nossa, o Motel Renoir precisa urgentemente de reforma. Tudo aqui está caindo aos pedaços, e nem o ar aquece. Tremendo de frio, deitei-me em cima dele e vi que ele ficou bastante receoso e nervoso. Suas mãos começaram a tremer, e ele, a falar atrapalhado, dizendo que preferia que eu fizesse só um oral nele, que estava ansioso demais e tinha medo de penetração.

Respeitei sua decisão e não insisti para que transássemos. A única coisa que ele quis fazer foi um oral em mim, para saber como era. Pelo amor de Deus, mas foi muito ruim, e eu, ali, tendo de dizer que estava bom e agüentar, para que ele não ficasse ainda mais complexado.

Quando eu me cansei, disse a ele: “Parabéns, muito bem, eu até gozei, Antônio, você está ótimo”. A resposta dele não poderia ter sido mais ingênua: “Mas como é que eu não vi sair nada?”

Devolvi o Antônio perto do hotel e ele me pediu, caso o dono ligasse para mim perguntando, que eu negasse que ele esteve comigo. “Sabe como é, né, Marise? A gente trabalha no hotel e tem algo a zelar, não fica bem sair por aí com garota de programa”. Fiz de conta que acreditei que era esse o motivo.

Estou saindo, já faz uns bons dias, com um cliente da agência do Patrício. Ele é médico, e o seu nome é Inácio. Ele separou-se da esposa para ficar com a amante, e ela o deixou, assim que ele se separou. Ele deve ter uns 50 anos. É bem charmoso. Trabalha como cirurgião e, com ele, eu tenho encontros normais. A gente sai para jantar, conversa bastante, troca idéias sobre carros. Ele quer comprar um Mercedes, só que conversível, com dois lugares, e prata. Eu disse a ele para comprar uma modelo E320, na cor preta. É carro para um bando de pessoas, e tem mais de cinco metros. Quanto maior, melhor! Temos gostos bastante diferentes, mas ele é legal, uma pessoa calma e tranqüila. Deve estar fazendo um mês que estou saindo com ele. Até fomos fazer uma pequena viagem juntos.

Balneário Camboriú, 5 de outubro de 2003.

Hoje eu tive um dia bom, um dia normal. É uma raridade eu ter um dia normal. Arrumei a casa, e eu e a minha filha fomos tomar sol na Praia Brava. Dormi na areia, de costas, e cheguei até a me queimar. Praticamente um milagre, porque sou bem branca. É disso que gosto: areia fofa e branquinha, o mar, um dia lindo, um sol delicioso, e nada para me aborrecer.

No final da tarde, eu e a minha filha fomos ao Pão Italiano. É tão bom, o café de lá. O Inácio me ligou. É um cliente com quem estou tendo um início de relacionamento. Disse que gostaria de tomar café comigo e com sua família. Respondi que levaria uns pãezinhos, porque estava numa padaria. Ele estava em casa, com um amigo e duas tias.

Eu e a Yumi fomos até lá, munidas dos nossos pãezinhos, e, quando entramos, não me senti muito bem. A cena, para mim, não era agradável. Os quatro assistiam a um jogo de futebol, que estava terminando, sentados na sala. Parece que nada acontecia de interessante por ali, e eles nem conversavam entre eles. Mas vai ver que eles se sentem bem daquele jeito. Uma das coisas que pensei, ao entrar e ver a cena, foi: "Não quero fazer parte desta família".

Uma pausa sem entusiasmo. Dois pontos:

"*É melhor viver dez anos de uma vida efervescente do que morrer aos setenta e ter passado a vida assistindo à TV.*"

Janis Joplin

Sinto que o Inácio anda cogitando, em seus pensamentos, sobre ficar comigo definitivamente e me tirar desta vida. De vez em quando, ele me faz algumas perguntas sobre de quanto eu precisaria, se teria vontade de parar, se me casaria novamente, essas coisas. O meu maior medo é de que a minha vida ao lado dele se torne tão estável, que eu venha a sentir tédio.

Eu quero segurança, estabilidade e tranqüilidade, mas também quero emoção. Esse negócio de levantar cedo, trabalhar, almoçar, voltar a trabalhar, jantar, tomar banho e deitar, para assistir à televisão antes de dormir, não é para mim. Eu não pretendo ter uma vida estagnada e perfeita, segundo os padrões sociais. Quero uma vida em que eu tenha vivido muitas experiências, aprendido coisas novas, conhecido pessoas que pensam diferente. Ainda quero viver muitos mundos, dentro do meu mundo.

Aconteceu hoje uma coisa engraçada, nessas histórias de programa. O Motel Renoir me chamou para atender um cliente que havia se hospedado lá. O valor não era muito, cem reais, mas ajuda, e como! Quando eu cheguei ao quarto, notei que ele era, digamos, um pouco velhinho demais. Ele estava deitado, nu, de frente, com uma toalhinha cobrindo as partes. Eu me aproximei, cumprimentei, perguntando seu nome. Era Heitor. Logo em

seguida, não me contive e perguntei sua idade. Ele falou bem assim: “São 72 anos, e meu pau não levanta mais”. Uma cena cômica, se não fosse trágica. Eu fiquei ali, sentada à beira da cama, pensando sobre o que faria com ele. Vi que ele esperava alguma reação minha. Então, comecei a tirar a roupa, fui para cima dele e pensei: “Seja o que Deus quiser! Mas, sabe-se lá o que esse cara quer? Tomara que não enfarte. Por favor, Senhor, não o deixe enfartar...”

Beijei-o na boca. Não havia muito o que fazer. Que bom que ele não tinha mau hálito. Fiquei fazendo um oral e comecei a falar umas bobagens, como perguntar se gostava de duas mulheres, e dizendo que eu adorava. Eu uso essa artimanha para acelerar o processo de excitação e fazer com que o meu serviço seja o mais produtivo e rápido possível.

Eu adoro homem que sobe pelas paredes. Não gosto dos sexualmente morninhos, mas, também, nada de perversão ao extremo. Gosto da medida certa: picante, sem ser excessivamente vulgar. Há ocasiões em que sinto falta de prazer, porque a maioria dos homens, nos programas, é daqueles que me causam tesão. Então, tento usar a minha imaginação. Até porque é preferível unir o útil ao agradável. A maioria dos meus clientes é de coroas com barriga, carecas e com dentes não muito bons. Que bom que eu tenho tido sorte com bom hálito. Eu gosto de homens morenos. Adoro aquela cor de pele que é queimada ou que, depois que vai para o sol, fica bronzeada, e sou muito chata para dentes, porque gosto de homens bem limpinhos e perfumados.

Eu lá, fazendo oral nele, falando umas bobagens sobre duas mulheres, e ele confessou, sem intimidação: “Eu gosto é de fio terra, mesmo”. Gelei: fio terra. Lá vamos nós! Ainda bem que eu perguntei para a Sol como era. Fiz, ai que nojo! Mas ele estava limpinho, e eu fiquei aliviada, na hora em que tirei o meu dedo e ele não estava sujo nem com cheirinho ruim. Está aí uma coisa que eu não sou muito chegada em fazer, e muitos homens andam me pedindo. O Heitor, além de tudo, começou a me falar que tinha vontade de chupar um pau. Que ainda não tinha experimentado um. Mais nada me surpreenderia nele!

Eu já fui me adiantando e dizendo que conseguiria um homem para ele. Assim, sairíamos a três, e eu poderia ganhar novamente. É claro que eu só ia ficar por ali, e que o garoto de programa que eu conseguisse é que faria o serviço. Até inventei que conhecia um. Quando ele me perguntou o nome dele e como ele era, inspirei-me no Gabriel, um cliente bem lindo com quem eu saí, há uns tempos, e que já tinha posado nu para a *G Magazine*. Mas o Heitor ainda trouxe mais surpresas. Começou a dizer que, na cama, gostava de porquices. Vinha me beijar na boca e tentava enfiar a língua na minha garganta e por dentro do meu nariz. CREDO!

Também me disse que, quando era jovem, gostava que sua mulher o traísse com outro homem para, à noite, contar-lhe o que tinha feito à tarde com o amante. Então, ele se sentia muito excitado, e dizia que só assim tinha vontade de transar com ela. Não, desse eu não espero mais nada! Mas o pior de tudo mesmo é que ele praticamente não tinha ereção. Então, quando cansei o meu dedinho, convidei-o a tomar um banho de hidro. Fiquei o mais longe possível dele na banheira, assim ele não vinha tentar enfiar a língua no meu nariz!

Quando saímos da banheira, já havia dado uma hora, e eu fui colocando a roupa e dizendo que o tempo havia terminado. Ele ficou lá, dando indiretas e dizendo que a gente aprende a cada dia, que não se pode contar com as pessoas e que ele não podia imaginar que eu faria isso com ele. Fui me fazendo de louca. Nem dei ouvidos, como se nem estivesse entendendo o que ele estava querendo. Já era demais, por cem reais, ficar sendo estuprada por uma língua no nariz. Como eu estava dando uma de desentendida, ele disse, explicitamente: “Quero gozar antes de ir embora!”

Não sei como é que ele queria isso, porque nem ereção tinha, e eu não estava mais a fim de ficar ali. Comecei a sentir aquelas angústias que a pressão me causa. “Não! Você teve todo esse tempo, por que não gozou?” Começou a ficar bravo e disse que nunca mais me veria. Pagou o que me devia, e eu me pendurei no seu pescoço, dizendo, com voz bem mansinha: “Ah, não fique bravo comiiiiiiigo...” Esse nunca mais me procura, pelo jeito. Mas eu já recebi, e tem mais: achei muito complicado atendê-lo.

Balneário Camboriú, 14 de novembro de 2003.

Hoje não estou muito bem. Tive febre, na noite passada. Fiz dois programas, um às 17h, e outro, das 19 às 21h. Depois, o Hotel Morumbi me ligou. Eu estava mal, mas fui mesmo assim. Piorei, porque lá acabei tomando banho de piscina térmica, com um cliente português, o Kim. Acho que fiquei doente porque faltou cama aqui em casa: recebi visita e acabei dormindo no chão, com dois edredons de colchão, só que fininhos.

O Kim é um portuguesinho que vem muito ao Brasil. Ele compra carros antigos, aqui, que não valem nada, e os leva para a Europa. Lá, ele dá uma geral nos carros e os vende por até 20 vezes mais. Atendi-o há um mês. Hoje, ele voltou e, quando cheguei ao Hotel, os meninos da recepção disseram que ele havia ido buscar o dinheiro no caixa eletrônico. Não sei se foram os meninos que o incentivaram a sair de novo comigo, ou se ele resolveu, por livre e espontânea vontade, me procurar.

Os homens são sempre uma incógnita, e nunca sabemos ao certo o que se passa na cabeça deles. Mesmo eu estando com febre, tivemos uma noite ótima. Ele é muito carinhoso, bem legal; há química nessa relação, pelo menos da minha parte. O Kim é um homem pequeno, com o cabelo bem escuro, e moreno de pele. Eu gosto disso. Não me sinto atraída por homens grandes, eles me assustam. O Kim teve um pouco de dificuldade com a camisinha. Não está muito acostumado, e achou aquilo um problemão. Eu não estava nem aí, estavam tão bons os carinhos dele. Deixei-o colocar um pouco sem camisinha. Depois, pensei na loucura. Recobrei a minha sanidade e tive um ataque!

Ele concordou com o preservativo na hora; acho que a minha cara de pânico o assustou. O sexo, em si, não demorou muito e, mesmo sem orgasmos, achei tudo ótimo. Como vi que ele ia acabar primeiro, comecei o meu fingimento. Engraçado: eu nem fingia, antes de ser garota de programa. Sempre tinha achado isso um absurdo e, agora, tem sido tão natural. Aliás, o

programa ocorre tão naturalmente, que é como se eu tivesse uma vida inteira, já, de profissão.

A piscina térmica me fez piorar, mas não me arrependo de ter entrado nela, mesmo com febre. Aquela água quente estava uma delícia. Levei um biquíni, e os meninos da recepção liberaram a piscina para nós no meio da madrugada. Ela estava maravilhosa!!! Adoro água. Era bem quentinha... Parece até que, momentaneamente, a minha febre diminuiu. Devemos ter ficado lá umas duas horas: muito tempo abraçados, e pode colocar uma hora de beijo. Eu só pensava que, para tornar aquele momento maravilhoso, apesar de estar legal, não deveria ser o Kim a estar ali, mas, sim, alguém que eu amasse de verdade, e que me amasse também.

Conversamos sobre família, e ele me contou as coisas tristes da casa dele. Que os pais se separaram porque o pai dele batia na mãe, a ponto de ela ser levada para o hospital. Ele é que tinha dito à mãe que ela devia se separar, que ele não suportava mais aquilo. Ele aprendeu, com isso, que nunca deveria bater em nenhuma mulher. Fico a pensar que essa é a diferença entre pessoas inteligentes e pessoas ignorantes. As inteligentes aprendem com os erros; as ignorantes, não. O pai da minha filha viu o seu pai abandoná-los, à mãe, a ele e a seus irmãos. Ela os tinha criado na maior dificuldade, fazendo faxina e costura. Se ele fosse inteligente, pensaria no quanto tinha sido ruim para sua mãe, como mulher, ter sido abandonada e ter tido de criar os filhos sozinha, e para ele, como filho, que não teve a presença do pai e ainda ficou a ver a mãe passar o maior sufoco. Então, ele não faria o mesmo com a minha filha, e não deixaria tudo ao meu encargo. Mas, como ele é ignorante, passa a repetir o que fizeram com ele e se justifica, dizendo a si mesmo que a vida é assim.

Meu pai me batia muito, na infância. Eu sempre fui muito criticada e, não, incentivada. Faço o inverso disso com a minha filha: não critico, estou sempre dando apoio a ela e converso bastante. Digo que ela é quem decidirá o que fará da sua vida, e que ela poderá ser o que quiser, basta se esforçar. “Só quero que você seja feliz, minha filha” – vivo dizendo isso a ela. Com esse raciocínio, concluo que inteligência não é o mesmo que conhecimento

científico adquirido. Um catador de papel pode ser mais inteligente do que um médico, por exemplo.

Agora, uma breve pausa. Mais dois pontos:

"Os teus atos, e não os teus conhecimentos, é que determinam o teu valor."
Johann Fichte

Incentivo minha filha a trabalhar a criatividade e a autenticidade, e respeito o diferencial dela como pessoa. Acho que, na minha casa, eu não era aceita como eu era. O meu pai tinha um modelo para mim, mas eu não representava o modelo que ele queria que eu fosse. Então, estava sempre a me dizer que eu era errada, que eu não fazia certo e que aquilo só podia ser coisa minha, mesmo. Está certo que eu não sou bem aquilo que planejaram para mim, mas quem, aqui, quer seguir o caminho dos outros? Não sigo muito bem as regras, mas isso não significa que eu seja gente da pior espécie. Meu pai sempre quis, para mim, a retidão, o cumprimento dos horários, as notas perfeitas, a roupa adequada, a normalidade nas palavras, a polidez, a relação submissa entre pais e filhos, ou seja, acho que ele queria que eu fosse uma filha perfeita. Acho que esse é um dos motivos por que sou tão distante da minha família.

Sinto-me sufocada, nas vezes em que vou visitá-los, porque péssimas lembranças me vêm à tona. Eles nem imaginam, mas é bom que não imaginem mesmo, existem certas coisas que não podem ser mudadas. Eu não desgosto do meu pai, apenas mantenho dele uma boa distância, impedindo que ele tenha qualquer tipo de interferência na minha vida. Eu nunca falei disso com ninguém. Minha irmã sabe desse meu sentimento de forma bem sutil, muito leve. Também nunca comentei isso com amiga nenhuma; nem minha psicoterapeuta imagina. A verdade é que minhas amigas pouco sabem da minha vida privada anterior ao dia em que nos conhecemos, e eu pareço ser uma daquelas pessoas cuja vida é um livro aberto, mas as aparências enganam.

O Kim também mantém distância do pai dele, nunca conseguiu perdoá-lo. A agressão física deixa marcas para o resto da vida. É uma cicatriz que nunca fecha; ela só parece não existir. Quando se é criança, perdoa-se fácil, e, no mesmo dia, já estamos agindo como se o agressor não tivesse feito nada. O problema é quando crescemos. Aí, lembramo-nos do acontecido, e vêm as reflexões e os julgamentos. Por quê? Mas por que fez isso? Era tão grave assim o que eu fiz?

Depois do banho de piscina, fui embora, dormir. Tomei um remédio e me deitei. O Inácio ficou de ligar ontem e não telefonou. Ele anda distante, quase não tem aparecido. Acho que ele está naquele momento de decidir sobre ficar comigo de vez ou não. Para falar bem a verdade, não faço muita questão. Como eu não o amo, não conseguiria ficar com ele muito tempo. Não vou procurá-lo. Mas também não estou a fim de escrever sobre ele, e nem de pensar nisso... Não sou chegada a homens limitados, mesmo.

Balneário Camboriú, 19 de setembro de 2003.

É, o Inácio sumiu do mapa, mesmo, mas eu não estou nem um pouco chateada com ele. Confesso que muitas foram as vezes em que eu tinha preferido estar em outro lugar. Ele era muito querido, muito educado, mas, quando não há química, não dá mesmo.

Estou sentindo falta dos presentes dele. Sempre que ele me via, eu ganhava alguma coisa. Perfume, roupa, sapato, crédito alto para o celular. Nisso, ele era ótimo. Bastante generoso, como eu gosto. Detesto homem pão-duro. Uma coisa é homem pobre, e outra é homem pão-duro. Se pode, então pode, e não venha com mesquinharia, porque eu acho muito feio. Se não pode, então tudo bem: agrada de outro jeito. Eu presenteio quem eu gosto, dentro das minhas possibilidades. Faço agrados às pessoas a quem quero bem. Acho que esse é um princípio fundamental de consideração com os amigos e com as pessoas especiais.

A amiga está fazendo aniversário? Então, vou gravar um CD para ela, com

suas músicas preferidas, se eu não puder comprar um presente. Fui passear em um lugar legal? Então, trago uma lembrancinha de lá. Quem nunca dá nada a ninguém está perdendo a oportunidade de demonstrar amor. Às vezes, se a pessoa não pode comprar nada de material, pode oferecer uma cartinha escrita à mão. Sempre se pode dar alguma coisa, nem que seja afeto.

O que mais me incomoda, no término da minha relação com o Inácio, não é a falta dele, mas a maneira como ele terminou comigo. Simplesmente sumiu. Típico de homem fraquinho na personalidade. Ele sumiu do mapa, assim, sem dar explicações. Bem como se eu fosse uma qualquer, e não a namorada dele.

Eu nunca me senti namorada dele, mas ele se referia a mim como tal. Vai ver que ele acha que eu não tenho nível para ele. Já notei que ele dá muita importância para o que os outros irão pensar. Ele cortou relacionamento com uma amiga, porque suspeitou que ela pudesse ter alguma ligação com o tráfico de cocaína, aqui em Balneário Camboriú, e isso poderia abalar a imagem dele como médico na cidade.

Grande besteira. Não consigo dar valor ao que as pessoas pensam. Importo-me muito com o que meus amigos sentem, mas não necessito da aprovação social. Acho que, quem gosta de mim, é pelo que sou, e não pelo que represento. Se a pessoa não simpatiza comigo devido à minha profissão, então estou no lucro em não ter a sua amizade. De que me interessa amizade e opinião de gente preconceituosa? Acho que a vida tem coisas mais importantes a se julgar, e cada um que cuide da sua vida.

Vou fazer uma pausa aqui. Dois pontos:

"Preocupe-se mais com sua consciência do que com sua reputação, porque sua consciência é o que você é, e a sua reputação, o que os outros pensam que você é. E o que os outros pensam de você é problema deles."

Bob Marley

A Sol tem me persuadido a colocar um anúncio no jornal. Acho que vou fazer isso mesmo. Ela trabalha assim, coloca anúncio. Aqui na cidade tem

um jornal popular, que existe há uns 25 anos, e é a maior baixaria: sangue, tiro, bandido, polícia, mulherada e carros por todos os lados.

Eu me lembro que, há uns três anos, eu lia os classificados e, toda vez que via anúncio de garotas de programa, ficava com vergonha e virava a página. Mas, veja só como a vida dá voltas: agora, me preparo para começar a trabalhar nele.

Nesta semana, vou ao jornal, para ver o quanto custa anunciar. Os clientes estão começando a ficar escassos, e vejo que a Sol tem um grande número de ligações por dia. Enquanto atendemos os clientes juntas, nos hotéis, percebo que ela sempre pára de transar para atender ao telefone e marcar o próximo programa. É assim: ela pára de atender o cliente, às vezes bem no momento em que ele vai gozar. Acho hilário, porque ela parece não estar nem aí se ele vai gostar ou não. O negócio com ela é ganhar dinheiro, e em quantidade.

Vou tentar os jornais, pode ser que dê certo. Os anúncios são bem básicos e simples, têm mais ou menos a medida de um quadrado de três por três centímetros. Amanhã vou ver o preço. Dei uma boa olhada neles hoje, para ver como são os melhores, e cheguei a uma conclusão: quanto menos palavras, melhor. A Sol tem um anúncio que diz muitas coisas, é um texto enorme. Já ouvi, uma vez, um cliente dizer que ela está com 18 anos há uns dois anos. Eu nem sei bem quantos anos ela tem, mas é mais nova do que eu.

Ela é muito engraçada, põe estilo de putinha safada naquele corpo. Num desses dias, fui à casa dela para combinar um esquema e, quando cheguei, ela estava de roupinha de *voile* preta com mangas ciganas 3/4, minissaia estilo colegial e sapato plataforma. O maior sol, e ela de roupa de boate. Sem contar o *piercing* no nariz e o aparelho nos dentes. O apartamento dela é minúsculo, e é uma zona. Nunca vi, parece que um terremoto passou por lá. Não estive lá só uma vez, foram várias. Ela tem até um cachorrinho, um gato e um filhotinho de gato no apartamento de um dormitório. Um cheiro de privadinha de gato e de cachorro horrível, mas ela se fecha no quarto com o cliente e manda ver.

Contou-me, um dia desses, que estava transando com um cliente e eles estavam de quatro. O cliente, perto da beirada da cama. Veio o cachorrinho

dela e começou a lamber o pé do cliente, que não sabia se ria ou se trepava. Ele estava segurando o cabelo da Sol, ela usava *megahair*. Ele se desequilibrou de tanto rir. Caiu para trás, quebrou a cama e levou o cabelo dela na mão. Pagou os danos e, agora, ela resolveu ficar um tempo sem aquele cabelo postiço. Está no ombro, mas já já ela coloca um até a cintura.

CAPÍTULO VI

ANÚNCIO DE JORNAL

"A vida está cheia de desafios que, se aproveitados de forma criativa, transformam-se em oportunidades."

Maxwell Maltz

Balneário Camboriú, 20 de novembro de 2003.

Coloquei o primeiro anúncio. Foi um escândalo! "MARISE, RUIVA, OLHOS VERDES, UNIVERSITÁRIA, LINDA, 200 REAIS." Atendi o telefone o dia inteiro. "Alô, aqui é a Marise. Amado, como é o seu nome? Tudo bem com você? Que bom, então. Comigo está tudo tranqüilo. Você gostaria de me conhecer, né? Então, eu atendo no Motel Renoir, basta você chegar à recepção, pedir o meu álbum de fotos, depois se hospedar no quarto 5 e pedir para a recepcionista me chamar. Eu moro próximo ao Motel, chego rápido, e você nem vai ficar muito tempo me esperando. Eu tenho 1,60 m, 24 anos, sou magra, 52 kg, quadril médio, cabelos ruivos compridos e olhos claros. Fica bem tranqüilo, que você vai gostar. Meu presentinho custa 200 reais, e eu atendo praticamente 24 horas. Posso te esperar?"

Eu sempre falo 24 anos, porque é uma idade ótima para se dizer. Não sou tão nova, e ainda nada passada. Tenho três anos a mais que isso, mas ainda passo por essa idade, porque sou pequena.

Os clientes estão horrorizados com o meu preço. Todas as meninas dos anúncios cobram 50 reais, e deve haver nas páginas uns dez anúncios, 15, no máximo. Acontece que, se o Inácio me pagava 200 reais, e se ele pagou, então, haverá outros que também me pagarão. Teve um que me ligou xingando, e dizendo que, desse jeito, eu estava inflacionando o mercado. "Baixa teu valor, puta, baixa, que tu é louca." Desliguei, e nem respondi. Odeio que me chamem de puta.

Bem, eu não fechei nenhum negócio, mas fiz um *marketing* doooooooooo caralho!!!!! Minha nossa, em um dia, eu devo ter dado mais de 100 informações. Resolvi atender no Motel Renoir. Não quero atender em local próprio, nem tenho dinheiro, agora, para pagar o aluguel. Eu atendo o telefone, dou todas as dicas sobre como sou e o que faço, depois o mando se hospedar no Motel Renoir e pedir à recepcionista para chamar a Marise. Eu moro perto, e prometo não demorar a chegar. O dono do Motel me disse que, se eu levar todo mundo lá, ele me paga 20% sobre a conta do quarto. É uma espécie de incentivo, para que eu use a hospedagem dele. Bem, se eu ganhar 20% de todas as contas, vou gostar. Se der, tomo suco, como chocolate, peço camisinha e decido pegar mais umas três, caso precise. Posso também pedir gel lubrificante e ir aumentando a continha do cliente. Parece até a comissão sobre as bebidas que a gente ganhava na Kity House... "Vamos fazer a homarada gastar!!!"

O Motel Renoir fica em cima do morro. Ele é bem simples, mas eu gosto de lugares simples para trabalhar. Não tenho afinidade com lugares de muito luxo e requinte. Só tem uma coisinha de que eu não gosto lá, é que quase nada funciona direito. A casa precisa de uma reforminha básica. Muito carpete nos quartos, daqueles com anos de uso. Fiquei vendo que falta a maioria dos botões nos painéis de controle de ar-condicionado, luz e rádio. Os aparelhos de som também não funcionam, só um ou outro, e estão ali mais para enfeitar o ambiente. Combinei com o proprietário que eu atenderia no quarto 5. Ele disse que está prestes a reformar o Motel; aí, sim, vai ficar bom.

A Sol me telefonou, para saber como iam as minhas ligações. Ela é viciada

em telefone. Eu disse que tinha falado com um monte de clientes. Ela me contou que uns quantos tinham ligado para ela, para saber se ela me conhecia. Gosto dessa menina, porque ela me trata como colega de profissão e ainda manda os clientes saírem comigo.

Eu tenho bastante paciência. Acho que é porque estou começando na rotina do telefone. Então, largo um blablablá federal para o cliente que só vendo, enquanto as outras meninas já estão mais cansadas e dão apenas a informação básica. Eu sei que um dia vou ficar assim também.

A Sol me ligou, chamando para uma despedida de solteiro. Muito engraçado. Achei bastante trabalhoso chegar ao lugar, mas foi bem diferente do que eu imaginava. Eram uns 15 meninos, e seis garotas de programa: eu, a Sol, a Samantha, que há muito eu tinha curiosidade de conhecer, a Joana, a Sílvia, a Lulys Louca e mais outra lá, perdida. Resolvi ir com o meu carro, para não ficar muito presa a eles e ao horário de nos trazerem de volta. O valor era pouco, 120 reais por duas horas na festa. Mas valeu, mesmo assim, porque eu nunca tinha ido a uma despedida antes, nem a nenhuma espécie de suruba geral.

Assim que cheguei, lá estava a Samantha, agarrada a uma costela, em frente à churrasqueira. Ela apenas me olhou e disse: "Você é que é a Marise, então, hein?" Respondi e fiquei ali, analisando aquela menina que roía um osso recém-saído do fogo. Ela tinha jeito de durona e de poucos amigos, ainda mais com a costela na boca. Olhei para a mesa central e vi um homem jovem e nu em cima dela. Ele nem se entendia mais, de tão bêbado. Estava amordaçado e amarrado, todo riscado e cheio de melecas pelo corpo. Esse era o noivo. Fiquei rindo.

Um de seus amigos o soltou, e a primeira coisa que ele fez foi sair da mesa e se jogar na piscina. Devia estar muito ruim, aquela lambança toda em cima dele. Veio um garoto para me beijar, e outro disse: "Ainda não, ainda não, o combinado é ninguém atacar as mulheres antes de ninguém". A Samantha subiu na mesa central, liberada pelo noivo, e chamou a Lulys Louca. Elas começaram a tirar a roupa, os clientes, a gritar, e elas se beijaram. Eu estava besta! Nunca tinha visto duas mulheres se beijando antes, e até tinha

vergonha de olhar. Na Boate Privê, tudo era mais *light*, a casa era mais refinada, a gente conversava numa mesinha e subia para o quarto. A homarada se juntou em volta da mesa e ficava olhando as duas a uma distância de uns 30 cm, para não perder nada da cena. Depois, uma começou a fazer oral na outra. O beijo era profundo, mesmo. Será que elas estavam gostando? Perguntei à Sol: "São namoradas?" "Nada, louca, até parece! Estão trabalhando!"

Aquilo demorou uns 20 minutos e acabou com um orgasmo da Samantha. Será que ela gozou mesmo? Mas eu não ia perguntar. Assim que elas saíram da mesa, as garotas foram subindo lá, uma a uma, e fazendo *strip-tease*. Ai, meu Deus, me deu um nervoso, porque ninguém me comunicara que eu teria de tirar a roupa em cima da mesa. Só não fomos eu e a Sol. Eles começaram a dizer que todo mundo tinha de ir, mas eu fiquei com muita vergonha.

Escondi-me dentro da casa, que estava escura, e, quando vi, alguém me pegou por trás e disse: "Agora você é minha". Preferi ser dele a ser de todo mundo, em cima de uma mesa. O cara me colocou no sofá, abriu as minhas pernas e começou a me fazer um oral. Eu deixei, porque não me desgastava, e eu estava numa posição confortável. Vieram mais dois e gritaram: "Olha só, já atacaram a ruiva, agora está tudo liberado!" Credo, foi uma correria! Acho que vieram uns três e colocaram as mãos em mim. Eu não tinha nem por onde correr. Comecei a fugir e olhava as outras meninas, que estavam na mesma situação. Um deles me puxou para o quarto. Eu só ria, de nervosa. Que situação, aquela em que eu me encontrava! Vieram mais dois com o que me puxava. Fechamos a porta e colocamos um beliche atrás, para impedir que outros entrassem.

Eu estava com três, agora, e nem sabia direito o que fazer. Um me pegou e me deitou; tiraram a minha roupa. Comecei a fazer oral em um, outro fazia um oral em mim, e outro, eu masturbava. Ali, naturalmente, tudo começou. Não posso dizer que não gostei. Apenas achei um pouco cansativo, porque, no final das três relações, eu estava morta. Eles não me machucaram, e, depois, ficamos rindo de tudo. Uma hora, era tão quente, a situação, que dois deles quase se empolgaram entre si, e eu acho que se seguraram para não se

agarrar, porque havia um terceiro amigo.

Começamos a ouvir uma discussão lá fora, uma gritaria de "socorro". Era a Lulys Louca. Estava acontecendo alguma coisa. Ela e o noivo se estressaram um com o outro e começaram a discutir. O noivo queria bater nela, e ela fugia dele. Nós três nos vestimos e saímos do quarto. Vieram as outras meninas, e a festa acabou. Uns defendiam o noivo, e as meninas, a Lulys Louca. Ali, ninguém queria saber se ela estava certa ou errada: primeiro, era defender a colega de profissão, mesmo que ela estivesse errada.

Fim da festa! Outra confusão foi o pagamento: uns queriam pagar com cheque; eu não aceitava cheque, só dinheiro. A Samantha ficou com o cheque e não gostou nada da minha atitude de não querer as folhinhas. Mas eu estou escaldada, por causa do Bianco, da Boate Privê, aquele idiota. Vim-me embora antes e dei carona para duas das garotas, a Sílvia e a Joana. Ninguém ali tem carro, e o meu é bem velhinho, mas ajuda um monte. No caminho, fomos conversando. A Joana é casada, e o marido dela não sabe que ela faz programa. Ele viaja bastante, e ela diz a ele que ganha a vida lendo tarô. Ela realmente lê as cartas, e o mais engraçado disso tudo é que ela é tão boa no 171 que até o Inácio, médico, foi cliente de tarô dela. Ela trabalha pela *internet*, entra nas salas de bate-papo e coloca o seu pseudônimo de garota de programa. Fala com os internautas das cidades de Itajaí e Balneário, marca encontro no *drive-in* da cidade e acerta com eles lá, quando chega. O *drive-in* é um motel barato e de fácil acesso: os carros entram na garagem e o portão se fecha. O programa rola dentro do carro mesmo, ou, então, em uma cama simples, dentro da própria garagem. O programa dela custa 50 reais.

Fiquei besta com a versatilidade. Ela é tão batalhadora, que também entrega panfletos de lojas de roupas na rua. Disse-me que consegue um monte de clientes assim também, porque eles soltam umas piadinhas quando ela entrega a folha e, se o cara der mole, ela já passa o telefone e, quando ele liga, ela dá o preço. Fui levá-la até sua casa. Morava num edifício de frente para o mar. Antigo, mas era moradia própria, e de frente para o mar.

Fiquei a refletir sobre por que ela fazia programa. Acho que essa gosta!

A Sílvia também é casada. Mais outra, meu Deus! O marido dela é *motoboy* e trabalha à noite como mototáxi. É uma espécie de táxi, só que de moto, e bem barato: a corrida para qualquer lado da cidade custa dois reais. Ele está trabalhando agora e nem sabe que ela está na rua, pensa que está dormindo. Pensei que essa era corajosa, mesmo. A Sílvia deve ter uns 34 anos, no máximo, e uma filha, que também faz programa e que a gente chama de Dime. A Dime é menor, tem 16 anos, e é muito viva, espertíssima, no que diz respeito a homens, mas burra, no que diz respeito a drogas.

A Sílvia está tentando tirá-la do vício, mas está difícil. Ela é tão bonita! Tem um rostinho de bebê, um corpinho de mulher bem-feita e ares de ingenuidade, que somem quando ela abre a boca. A Dime é desbocada. Aliás, as meninas todas são, e, às vezes, eu estranho um vocabulário tão baixo. Falam muito: "Estou dando uma foda, me liga depois". Vejo a Sol falar ao telefone assim, com o cliente em cima dela. Ele a vai penetrando, e ela, olhando para o teto e atendendo a todas as ligações possíveis. No que será que ela pensa, nessa hora?

Às vezes, ela parece estar no mundo da Lua. Sempre que fazemos uma pergunta, ela demora a responder por uns dois segundos. É como se precisasse se sintonizar novamente ao espaço Terra. Então, ela repete para si mesma a metade da pergunta que fizemos a ela e, só então, responde. Ela continua a me deixar esperando e, toda vez que a vou buscar para um esquema, demora uma meia hora até descer do prédio. Acho que ela tem um fuso horário próprio. Uma vez, um cliente me disse que ela o deixou esperando por duas horas no motel, e um outro me contou que ela disse que estava vindo e nunca apareceu. Essa Sol...

Balneário Camboriú, 5 de dezembro de 2003.

Este telefone está uma loucura. Minha Nossa Senhora, não param de me ligar e perguntar como eu sou. Mas não estou atendendo muitos clientes

assim, não, e o que anda me salvando ainda são os hotéis.

Tenho sido um pouco dura ao telefone, quanto ao valor. Embora eu esteja precisando, acho que esta tática de se fazer um pouco de difícil no início dará certo. Não suporto esses caras que querem se aproveitar. Tem um verdadeiro idiota, chamado Mário, com quem eu estive no Hotel São Francisco. O cara fica me mandando mensagens. Ele é de Floripa, veio para cá a serviço e me telefonou para ir vê-lo. Na semana passada, saí com ele, e foi um horror! O cara tem síndrome de mostrar que demora na penetração.

Eu falei que o veria, se fosse para um programa, e ele disse que só queria matar a saudade no cheiro. Que imbecil! Tive nojo dele, na hora em que falou isso. Vai ter cara-de-pau assim na China! Eu já fui deixando claro que isso eu não fazia, e disse "Tchau!", desliguei o telefone. Não demorou muito e ele ligou novamente, dizendo que tinha uns produtos para me dar. É que ele trabalha para os cosméticos Top. Disse, então, que, se ele realmente queria me dar os produtos, e somente me dar porque gostava de mim, poderia deixar o presentinho na recepção do Hotel. Para já que ele se encheu de desculpas. Ahhh! É um babaca, e acha que eu vou me levantar da cama, botar uma roupa, sair correndo, pular no pescoço dele e deixá-lo me dar uns amassos por causa de uns produtos? Tenha santa paciência!!!

Não, eu detestei estar com ele. O cara transou comigo acho que por uma hora a fio, sem parar. Ele é daqueles que satisfaz o ego mostrando ter uma ereção permanente. Vai que é remédio? Ele diz o tempo todo que quer dar prazer para a mulher. Que nada, ele quer é massagear o próprio ego. Fingi uns seis orgasmos, e nada de o cara gozar. Quando ele terminou, eu estava morta, de costas, na cama, e ele ainda se atirou, pingando, em cima de mim. Que nojo! Ficava dizendo: "Ouça só o barulhinho das ondas, é maravilhoso..." Comecei a me sentir sufocada por ele. Era um sugador! Fui colocar a roupa, e eis que ele vem tentar tirá-la, querendo mais.

Que vontade de mandá-lo se catar! A Sol já saiu com ele também, e detestou. Ainda por cima, ficou chorando no preço. Não quero que me procure nunca mais.

Meu carro vai explodir, daqui a pouco. Ele está dando os últimos suspiros

e precisa fazer o motor. Já dei tanto pau nele, já me serviu em tantas coisas. É bom que ele exista, senão precisaria ir embora de mototáxi, e eu tenho medo de moto. Aqui na cidade a corrida é barata, mas, às vezes, está frio e chovendo. Não dá.

O dono do Motel Renoir é uma figura. Aliás, a recepção de lá é uma coisa muito engraçada. Gosto deles, porque me ligam e perguntam como está o meu movimento. Acho que, daí, eles fazem uma comparação com o movimento deles. Fiquei sabendo, agora que trabalho como garota de programa, que motel não sobrevive de casal de namorados e de matrimônios. Que nada! É da putaria dos anúncios, mesmo, dos amantes e dos homossexuais. Sim, porque, se a gente for colocar na balança o número de vezes em que um marido e uma mulher vão ao motel, no decorrer de suas vidas, ele é infinitamente menor do que o número de vezes em que eu vou, em um mês.

Seguinte: motel lota à tarde. Isso mesmo! É à tarde que os maridos fazem alguma coisa, e não à noite. À noite, dá hotel. À tarde, dá motel. Porque eles fingem que estão trabalhando, tiram folga, ou então vão ao médico, e aproveitam para dar uma passadinha lá.

Eu percebo que a Sol faz muito, mas muito mais programas do que eu, por telefone. Deve ser por causa do valor, ou então da quantidade de clientela fixa que ela já tem na cidade. Depois que eu coloquei meu anúncio no jornal com valor de 200 reais, ela subiu o dela para 80.

Balneário Camboriú, 7 de dezembro de 2003.

Fico aqui, pensando no sentido da minha vida e em como será o meu futuro. Afinal de contas, qual o objetivo de eu estar viva? Sei que é importante criar a Yumi. Mas, e se ela não existisse, qual seria o meu papel?

Às vezes, sinto que falta algo de grandioso na minha vida, uma missão em prol de alguém ou de alguma coisa. Outras vezes, penso que é no futuro, quando estiver mais preparada, que vou ter uma atividade importante, que

faça a diferença entre existir ou não no mundo.

Embora eu não me sinta uma pessoa superficial, percebo que a minha vida está num momento meio tolo, à toa. Penso em programas, em como fazê-los render mais, em como trocar meu carro-bomba e, num desses dias, até me peguei pensando se eu deveria ou não colocar silicone, no dia em que as coisas melhorassem.

Não tenho ajudado a ninguém que passe por necessidades básicas, materiais. Fico me dizendo que, primeiro, tenho de me ajudar (estou numa economia ferrenha: um dia desses, tive vontade de comer bolo de chocolate e não comprei, para poupar). Mas sempre se pode fazer alguma coisa por alguém. A única coisa que ainda continua como antes é o apoio e incentivo às minhas amigas. A Denise me liga, dizendo que está em depressão por causa da perda de um grande amor. Eu ouço, e dou força aos projetos de vida dela. Digo que o cara é um idiota por tê-la largado por outra (e é mesmo, esse ainda se arrepende!). Isso alivia a alma das amigas: você dizer que o cara não presta faz bem psicologicamente à outra parte, por um tempo. O duro é perder um grande amor e saber que ele era o máximo. Se o cara era um idiota, pelo menos a gente se dá a desculpa de que foi melhor assim.

A Sol também me liga, dizendo que está em depressão porque o "Véinho" dela, que a ajuda, sumiu. Ela diz que está entrando em dívidas, e eu falo para tocar o barco, que ele vai voltar: "Pensamento firme, Sol, firme". A Rô me liga e desabafa comigo; ela é extremamente sensível e introspectiva. Fala sobre a vida, e penso que eu sou a única pessoa em que ela confia de verdade. A Cris vem aqui, e conversamos, conversamos, conversamos... É engraçado, porque meu discurso é sempre o mesmo com a Cris. Ela é ótima pessoa, mas às vezes penso que é meio pirada. Nossa amizade tem uma história bonita; uma hora, eu a escrevo no diário.

Eu tenho sorte na amizade, muita sorte, porque tenho amigas fantásticas. Quero ter sorte no amor, também. Apesar de tanta coisa já ter me acontecido, eu me considero uma pessoa de sorte. Poderia estar bem pior. Poderia ter perdido a minha filha, estar numa miséria total ou, ainda, ser um peso financeiro para a minha mãe e o meu pai. Aliás, ela completou, hoje, 53 anos

de idade e 31 anos de casamento. Será que eu ainda chego lá?

Continuo revoltada com os homens. Não deixo de ser preconceituosa quanto a eles, e todos que eu atendo, trato bem, pois estou numa posição de prestação de serviço. Tenho de ser imparcial e tratar bem, porque estão pagando. Mas, se eu pudesse, teria uma conversa séria com eles. Eu diria: "Qual é o teu problema, hein, cara? Por que é que tu está traindo a tua mulher? Deixa de ser otário e vai lá, tentar consertar o teu casamento. Sabe que mentir é pecado? Você não jurou, lá na igreja, fidelidade na doença e na saúde? Que é que tu ganha sendo um metido a esperto? Nossa, você tem a capacidade de ser tão cínico, né?" E blá, blá, blá... "Não quer mais? Separa e deixa de fazê-la de idiota!"

Mas não chego nem perto disso. Tenho me dito que não tenho nada a ver com o chifre da mulher dele, e que quem deve alguma coisa a ela é ele, e não eu. Não tenho aliança no meu dedo.

Mas vou trocar de assunto, porque esse me incomoda. Hoje, estou um pouquinho preocupada com os programas: tenho de fazer o mercado reagir! Tenho tido algumas idéias de *marketing* legais. Percebi que tenho de fazer a minha propaganda ficar diferente. Bem, nenhuma menina tem propaganda com foto. Logo, vou fazer isso. Achei uma frase de impacto bem legal. Vou colocar uma foto minha, deixando os olhos à mostra e cobrindo a boca, escreverei meu telefone e a seguinte frase: "O dinheiro foi feito para as mulheres, de que ele serviria se elas não existissem? Onassis".

Acho que uma das coisas que mais cria impacto, aí, é o autor da frase. Não tenho bem certeza se foi ele mesmo que a criou, e se a escreveu exatamente assim. Um cliente meu recitou a frase no quarto, enquanto transávamos, num ataque de filosofia sexual, e eu gostei da entonação e do efeito que ela causou em mim. Eu parei tudo no meu cérebro e, enquanto gingava em cima dele, fiquei a pensar que aquilo que ele disse e que me causara tanto impacto teria impacto sobre outras pessoas também. Vou dobrar o tamanho do anúncio, para ter espaço para colocar "Marise, ruiva de olhos verdes", meu telefone e essa frase toda.

Também vou melhorar o *marketing* nos hotéis. Chega daquela foto da

princesa ingênua e sensual dos olhos verdes. Agora, vou encarnar uma ruiva devassa. Andei percebendo que a foto da Samantha é bem de piranha, e ela anda se vendendo nos hotéis melhor do que eu. Colocou uma cinta-liga vermelha e ficou de quatro sobre um sofá. Geralmente, quando vou aos hotéis, encontro-a lá. Então, a imagem que ela vende é boa. Vou marcar estúdio e tirar umas fotos, nua mesmo.

Estou economizando, embora não esteja faltando nada aqui em casa ultimamente, graças a Deus!

Ainda não atendi ninguém hoje, só um cliente meu, que me telefonou, dizendo que quer viajar comigo para um hotel-fazenda no próximo final de semana. Cobrei dele 500 reais. Só que tenho um medinho dele, porque ele é médico e fica falando de uma tara dele, de passar o bisturi na polpa da minha bunda e tirar um pedacinho dela. Ele fala: "Não vai doer... Deixa, vai... Quero anestesiar e tirar uma lasquinha". Ô louco, vai que tira mesmo! Minha bunda já não é das maiores... Eu fico preocupada, porque ele diz isso na hora em que está mais excitado, e é aí que mora o perigo, que é quando eles soltam os bichos.

Ontem, eu e a Sol fomos para o Hotel São Francisco. Que dinheiro mais sofrido: eram dois gigantões do time de basquete da Celesc. Os pênis deles eram enormes. A Sol sofreu também, porque ela tem 1,50 m, mais ou menos; consegue ser menor do que eu. Ele me machucava, e ainda demorava para terminar. Eu perdi a paciência: não falava nada, mas me torturava interiormente.

Quando algum homem abusa, passa dos limites, eu começo a me sentir sufocada e só penso em sair de perto. Quando paramos de transar, dei um pulo da cama e, depois, um pulo no chão, exteriorizando que eu não tinha gostado de alguma coisa. Então, ele se levantou, ficou tentando me agradar, e eu, tentando cair fora o quanto antes. Fui tomar um banho, para me livrar dele, e eis que a criatura entra junto no banheiro. Saí de lá, nem me lavei direito. Coloquei a roupa, recebi, e não é que ele foi me levar até o elevador? Nem conseguia olhar na cara dele, acho que ele não tinha semancol. Fiquei brava com a Sol. Ela me deixou esperando por ela no hotel

por mais de uma hora, e isso implicou estar mais tempo com o cliente. Tive a estúpida idéia de ir até o quarto e ficar fazendo sala, ou melhor, fazendo cama, até ela chegar. Ele, ali, tentando me agarrar, e eu me esquivando, já arrependidíssima. Por que é que ela demora tanto? Em que fuso horário e em que planeta ela vive?

Tenho feito mais aulas de dança do ventre. Amo a dança, amo música. Eu me distraio e me divirto, tentando aprender. Às vezes, acho que sou uma pessoa obstinada: quando quero alguma coisa, dôo o meu sangue em prol da causa. Insisto nas aulas e, quando não acerto o passo, treino em casa, consecutivamente. Vai haver apresentação do nosso grupo de dança no final do ano, e já sonhei por duas vezes que errava os passos. Tomara que seja o contrário. A Rô também tem treinado bastante comigo, e a gente vem aqui em casa e fica ensaiando. Estou sempre ouvindo algum som: Pixies, Ramones, um Lulu Santos, TNT, Cazuza, Lobão... A minha vida é regida por um fundo musical.

Balneário Camboriú, 12 de dezembro de 2003.

A minha propaganda no jornal foi um sucesso. Atendi muitos telefonemas e fiz vários programas. Tenho saído mais de uma vez por dia, todos os dias, e as pessoas ligam para mim, parabenizando-me pela criatividade. Realmente, *marketing* é tudo. A homarada veio abaixo com o meu anúncio enfatizando a frase do Onassis. Acho que ele é um símbolo para os homens, porque sempre pôde ter todas as mulheres que queria.

Tirei as fotos, sem roupa mesmo, e elas ficaram bem legais. Foi a Eliane que as tirou novamente. Adoro gente com talento. Distribuí as fotos em todos os hotéis, nos chiques e nos muquifos. Quanto mais, melhor. Vou botando preço conforme a cara do hotel. De frente para o mar, 200 reais; na Av. Brasil, 130 reais; nos mais simples, até menos de 100. O preço é, literalmente, conforme a cara do cliente. Eu não estou abrindo muito a guarda quanto aos valores é no anúncio de jornal, 200 reais, porque ainda

tem muita gente que vai pagar essa quantia, e o cliente que está hospedado nos hotéis dificilmente sabe que o Jornal da Hora tem classificados privê.

O cara que me ligou da primeira vez, me xingando por estar inflacionando o mercado, ligou de novo. Ele me disse: “Ruivinha, você é foda”. Todas as meninas do jornal, agora, subiram o valor delas também: já começaram a colocar 80 reais. As que cobravam 20 também aumentaram. Acho isso ótimo. Mas eu vou ter que pensar em mais inovações, porque, daqui a pouco, a febre vai passar e eu vou deixar de ser novidade no Jornal da Hora.

Meu, que loucura, aquele jornal: só tem caso policial, sangue, carros e mulher. O jeito que eles escrevem é muito engraçado: usam uma linguagem totalmente popular, um linguajar lá da favela. Fiquei observando, hoje, uma das manchetes, que dizia: “OS HOMI PRENDERAM BANDO DE VAGABUNDOS DO PÓ”. Os leitores morrem de rir da maneira como eles escrevem: os “homi” são a polícia, e os “vagabundo do pó”, os traficantes. Depois, eles relatam, no mesmo estilo, o faroeste que fizeram. Tudo narrado no linguajar típico do povão.

Bem, eles vendem porque são diferentes. Eu costumo observar o que dá certo e tirar proveito da observação. Acho que a vida é feita de modelos, e devem ser seguidos aqueles que dão certo.

O retorno do investimento está sendo ótimo. Eu nunca fui tão pouco pobre na minha vida. Pela primeira vez, desde a minha independência financeira e fuga de casa, não falta nada das necessidades básicas. As contas de luz estão pagas, nada de fatura no mercado, e eu, agora, sempre tenho gasolina no carro. Isso me deixa um pouco tranqüila. Para poder me organizar melhor, fiz um livro-caixa, que mostra a origem do cliente (se é de hotel ou de anúncio), data, local de atendimento, nome dele, valor bruto e valor líquido (para os casos em que eu pago comissão). Eu preciso trocar de carro urgentemente. O meu vai explodir, preciso me preparar!

Atendi ontem o meu primeiro casal. Que sufoco. Cheguei ao motel nervosa, porque havia dito, ao telefone, que tinha muita experiência com casais. Que nada! Nunca coloquei a mão em uma mulher, nunca! Cobrei 280 reais.

Entrei no quarto. Ele estava na cama, e ela, na banheira. Linda, mas muito

linda. Pensei que ela fosse modelo. Tinha uns 25 anos, e ele, uns 45. Ela tomava uma bebida, e me convidou para entrar na banheira com ela. Convidei-o para vir junto, pois, como eu não sabia o que fazer, podia me grudar nele, em caso de situação difícil. Ele me falou a pior coisa que eu poderia ouvir: "Não querida, você é um presentinho meu para ela, só ela vai te aproveitar". Falou isso deitado na cama assistindo à TV. Olhei para ela, e ela estava sorrindo, como quem diz: "Você é toda minha, meu presentinho..." Tirei a roupa, entrei na banheira, sentei-me do outro lado, longe dela, e comecei a conversar aquele blablablá meu, de deixar o outro lado tonto, para ver se o tempo passa e acontece algum milagre que me tire daquela situação.

Depois de uns 20 minutos de falação da minha parte, ela cansou. Atirou-se do outro lado da banheira e me deu um beijo na boca. Daí, eu também beijei. Ela colocou a mão no meu peito, e eu coloquei no dela, e, conforme ela ia fazendo em mim, eu ia fazendo nela. O marido resolveu entrar na banheira também e, daí, era uma confusão de mão e perna, porque ela era pequena e mal cabiam duas pessoas, o que dirá três. Ele me pegava de um lado, e ela, de outro.

Resolvemos ir para a cama, os três. Eu acho que ela fingiu três orgasmos e teve só o quarto de verdade. Sei disso porque o último foi bem diferente, e me lembrei de mim na Kity House. Nada contra fingimento; eu mesma finjo que só vendo, e só sei que os meus objetivos são nobres. O marido estava louco por ela, e sei que os clientes se ligam em mim porque pareço quente. Eu gemo, grito, falo alguns palavrões, um teatro só! O marido só estava interessado nela, e ela interessada só em mim, que situação!

Ela começou a fazer anal com ele. Ele é que pediu, ela deixou. Pelo que percebi, ela não gosta muito, mas faz parte da sua encenação. Ela disse a ele: "Amor, come o rabo dela! Quero tanto ver". Gelei. "Nada, sua safada, tu queria era tirar o teu da reta." Pensei isso e acabei falando: "Nada disso, come ela aí, olha a cara dela, está adorando". Falei isso enquanto estava atrás dele, no pé do seu ouvido. Acho que até ela cansou de fingir e resolveu ficar de quatro mesmo. Graças a Deus, ambos gozaram. Eu estava em

liberdade.

Começamos a conversar, e ela pediu uma massagem. Até fiz, porque não me custa absolutamente nada. Perguntei como eles se conheceram, e ela disse que estava fodida na vida, separada, com um filhinho pequeno, desempregada, e tinha vindo passear na casa da irmã. Ele era engenheiro, separado, estava bem de vida e tinha várias obras na cidade. Ele a viu entrar numa imobiliária, para falar com a irmã, que era secretária lá, e se apaixonou. No mesmo dia, convidou-a ela para jantar, e não se largaram mais: em uma semana, estavam morando juntos, e ele passou a ser o pai do filhinho dela.

Ela me falou, antes de ir embora, enquanto eu amarrava as tiras do seu vestido: "Coloca silicone, que daí tu vai ficar melhor. Você é bonita, mas tem pouco peito, e peito é uma coisa *sexy*". Levei aquela dica em consideração. Um dia, eu coloco. Ela entende de mulher bonita, porque é linda.

Achei legal a história dos dois. Gosto quando as pessoas se dão bem. Espero que isso aconteça comigo também. Não aproveitei nada do *ménage à trois*, apenas adquiri uma experiência a mais. Na próxima vez em que atender casal, será menos atrapalhado.

Hoje, eu estava andando pela rua e vi a *Playboy* com a Luciana Vendramini na capa. Parei, e juro que a cliente de ontem se parecia com ela; mas muito parecida, de tão perfeita que era. Daquelas de fazer a gente se sentir mal com o corpo que tem. Eu saí de lá me sentindo um bagulho. Nenhuma celulite, um peito enorme, em pé, uma cinturinha. Mas eu não me senti nem um pouco excitada por ela. Será que é porque a beleza dela me deixou insegura de mim? Será que é porque eu não tenho predisposição para o homossexualismo? Ou será que é porque eu preciso de um algo a mais para me excitar? Às vezes, penso que, para mim, o intelecto é afrodisíaco. Não adianta o cara ser o Mr. Perfeitinho do Universo, fisicamente, que só isso não vai lhe bastar para me deixar, digamos assim, um pouco louca.

Outra pausa. Dois pontos:

"O que mexe com a libido das mulheres não é a beleza física, é a inteligência. Tanto que revista de homem nu só vende para gays*."*
Pedro Bial

Às vezes, acho perfeitos os homens imperfeitos, e adoro um homem com algum diferencial que, esteticamente, não correspondente aos padrões da moda. Barriga totalmente tanquinho e coxas grossas nem sempre me deixam envolvida. Mas tem uma coisa que é sempre fato: adoro homens morenos, e as partes de um homem de que mais gosto são o cérebro e o peito. Adoro descansar ali, meus pensamentos e minha cabeça.

Acho muito mais excitante o Arnaldo Jabor, com sua inteligência e opinião, do que os gatinhos da *Malhação*, com seus bíceps malhadinhos.

Balneário Camboriú, 14 de dezembro de 2003.

Estou compenetrada nos meus objetivos. Tenho tentado me policiar ao máximo quanto à minha revolta com os homens e suas atitudes. Não posso negar que, muitas vezes, meus questionamentos tomam conta de toda a minha racionalidade, e eu sinto ódio deles, e desprezo pela falta de caráter e pela malandragem que existe em muitos.

O que lhes custa ser verdadeiros? Querem comer Deus e todo mundo? Então, deixem isso explícito: nada mais honesto. Agora, ficar teatralizando, mentindo, inventando histórias, apelando para o dramalhão e, depois, rir da proeza de terem se safado é muita falta de caráter. Detesto o caráter masculino. A vida não seria mais fácil, se eles dissessem: "Olha, querida, eu acho você uma pessoa muito legal, mas não vou ficar te dando esperanças de se casar comigo, porque, no momento, os meus objetivos são outros"?

Pronto, a mulher até poderia ficar revoltada, inicialmente, mas seria bom para os dois: nada de peso na consciência, de ilusões e de falta de escrúpulos. Mas que nada, eles têm de ficar ali, enrolando, parece que se sentem melhor dessa forma. Pô, não gosta da mulher, vai casar por quê?

Essas despedidas de solteiro, vou te contar!!! Eu me divirto, acho muito engraçado e, de certa forma, aproveito para me "vingar" dos homens, porque lambuzo muito o noivo com mostarda e *ketchup*, amarro-o, às vezes coloco uma banana na boca dele, e é como se, interiormente, eu o estivesse castigando, ali. Num desses dias, coloquei umas pedrinhas de gelo por baixo da cueca de um. Ele ficou gritando, e eu fiquei com dó, me arrependi e tirei os cubos de gelo. Daí, me arrependi por ter me arrependido, e passei batom nele, um batom bem vermelho, que eu uso.

Despedidas de solteiro não deixam de ser, a meu ver, uma justificativa muito injustificada de aproveitar a oportunidade para mais uma fuzarca masculina, só que, dessa vez, com um motivo um pouco menos embaçado que o dos outros encontros. Se o cara vai se casar, deve ser porque ama; então, por que trai? E, se vai trair e casar, certamente não será a última vez; então, por que comemorar um "último" acontecimento que será uma eterna repetição, mesmo depois de casado? Hipocrisia, isso. Despedida de solteiro é só uma justificativa, como a da pescaria: se pescaram bem, então vão comemorar na zona; se pescaram mal, então vão comemorar na zona, da mesma forma.

Pára, cérebro, pára, cérebro, páaaaara. Deixa de pensar um pouco. Ai, cá estou eu, refletindo sobre esses homens idiotas. Vamos, Marise, vamos lá, volte ao seu objetivo: dinheiro!

Estas crises acontecem repentinamente e repetitivamente também, mas somem logo. Por alguns minutinhos de bobeira no dia, eu me pego pensando nesses idiotas, mas logo me volto para o meu trabalho e me concentro em juntar dinheiro, pagar as contas, bolar uma estratégia de ataque, um *marketing* melhor. Estou um pouco apreensiva, porque o verão chegará daqui a pouco, e a cidade irá lotar de turistas e, portanto, de clientes. Só que lotará também de novas garotas, vindas de cidades distantes, atrás de praia e de turistas com dinheiro para gastar.

Meu verão tem que dar certo. A Sol me falou que o lucro, no verão, é de um pouco mais que o dobro do que no resto do ano, e isso já me ajuda a adiantar algumas coisas.

Eu havia perdido o meu talão de cheques, por causa de algumas folhinhas devolvidas no passado, mas agora está tudo certo, espero que me liberem novamente mais talões.

Penso bastante em prosperidade financeira, porque, assim, não perco muito tempo pensando em homens e em suas desonestidades: concentro minhas energias nas cifras que, aos poucos, vão crescendo na minha conta.

Pena que, no momento, eu ache que só estou pensando em futilidades. Será que é uma autoproteção minha? Sim, porque raciocinar sobre o amor e os homens me causa um desgaste enorme. Isso me deixa, além de tudo, muito triste. É a decepção com o ser humano.

Sinto-me também triste quando, de madrugada, vou comer um lanche e vejo as misérias e humilhações por que outras pessoas passam, juntando restos das mesas, pedindo alguma coisa para comer, recolhendo latinhas e, quem sabe, uns trocados, carregando aquelas carroças cheias de entulhos. Maridos e esposas esfarrapadas, às vezes, alguma criança de colo que fica dormindo na carroça. Gente pobre mesmo, mas trabalhando.

Nessas horas, sinto-me um nada. Agradeço, de coração, a Deus pelo corpo, pela saúde e pela mente que Ele me deu. Está certo que quero melhorar o corpo, acho a minha barriga um pouco flácida, que tenho pouco peito e que o cabelo, nos últimos dias, ficou alaranjado, em vez de vermelho, e desajeitado, pela falta de tinta, mas, mesmo assim, continuo agradecendo.

Eu penso em outro estilo de vida, mas não agora. Em algo mais altruísta, menos materialista. Daqui a uns três, quatro, cinco anos, quem sabe, quando eu penso já estar mais bem estruturada financeiramente. Por enquanto, vou ajudando com alguns trocados os catadores de papel, que são os que mais me comovem. Porque não é fácil trabalhar de madrugada, no frio, na chuva, no sol, fazendo esforço físico, e agüentando grosserias dos turistas, incomodados com suas carroças e carrinhos de mão.

Tem me acontecido uma coisa estranha. Eu não consigo passar por um catador de papel, na madrugada, sem abrir a janela e lhe dar algum dinheiro. Na hora, vem um pensamento assim: “Vá, dê-lhe alguma coisa. A vida foi boa para você hoje, está aí uma boa oportunidade de agradecer. Além do

mais, você já esteve na situação dele, torcendo por alguns trocados, não é mesmo?”

Lembro-me de mim no litoral do Rio Grande do Sul, rezando para conseguir emprego no sacolão de frutas: se eu conseguisse, poderia levar as cenourinhas machucadas? E lá vou eu, abrindo a minha bolsa. Confesso que, nesses dias, saí de um hotel com um bom dinheiro: fiz três programas no Morumbi e fui para casa, torcendo para, no caminho, não encontrar nenhum catador de papel. Mas que nada, parece uma sina: Deus os coloca na rua, bem na hora em que eu vou passar!

Veja só como estou pensando agora, estou sendo egoísta, isso é o raciocínio dos medíocres: as pessoas mesquinhas têm um monte de dinheiro e ficam com dó de doar! Controla esses pensamentos, Vanessa! Coisa feia!

Uma pausa para mim. Dois pontos:

“Fora da caridade não há salvação.”
Allan Kardec

Balneário Camboriú, 16 de dezembro de 2003.

Meu anúncio de jornal está tão comentado, que tem até vizinho que não me cumprimenta mais. Uma colega de aula me disse que andam passando o jornal de sala em sala e dizendo que sou eu.

Mas o que é que eles têm a ver com a minha vida? A minha filha não me pergunta nada. Ela não sabe e, se sabe, finge que não sabe. Eu atendo o telefone longe dela. O problema é que toca o tempo todo. Mas o tempo todo mesmo. Inclusive quando estamos almoçando.

A Elisa já me falou para não atender mais, nesses momentos de privacidade entre mim e a Yumi. Ainda estou indo às sessões com a Elisa, e minha filha começou a fazer terapia também. Acho bom, porque tenho de trabalhar a cabecinha dela para o futuro. Sabe-se lá que repercussão terá a falta do pai dela? E, um dia, ela pode vir a saber sobre mim e a minha

profissão. Como ela reagiria? Eu converso com a Elisa, e ela faz terapia com o esposo da Elisa, o Lucas.

O pai da Yumi sumiu do mapa. Parece que foi para a Europa, terminar os estudos. Não sei bem o que aconteceu, e ninguém dá notícias de nada. Aliás, ele nunca aparece. Por um lado, eu acho bom, porque ele não fica sabendo da minha vida e, portanto, não vai me incomodar, mas, pela Yumi, eu acho ruim, pois ela sente falta dele, por mais que não fale.

Recebi, há quatro meses, uma ligação dele. Estava em São Paulo, para embarcar no avião que o levaria à Europa. Achei totalmente descabido ele me ligar, e até agora desconheço o motivo disso, pois ele nunca nos deu satisfação de nada. Talvez a mãe dele tenha ordenado que ele fizesse dessa forma. Xinguei-o, como sempre faço, pois não há outra coisa a fazer. Como tratar um indivíduo que não cumpre as suas responsabilidades básicas de pai? Será que ele pensa que eu devo falar gentilmente com ele, pedir que, por favor, me dê pensão e lhe explicar que isso é um direito da sua filha? Ora bolas, ele é um advogado! Mas, enfim, nada de pensão e nada de atenção à minha filha.

Ele me disse que a mãe dele passaria a depositar meio salário mínimo na conta da Yumi. Era para eu abrir uma em nome dela. Bem, isso eu já fiz há algum tempo. Embora não tivesse muito dinheiro para colocar, ela tinha uma conta em nome dela. Mas de pouco adiantou, pois, além de o valor oferecido por eles ser muito pouco, ele não é garantido, não tem dia certo e nem vem todo o mês. Portanto, não é pensão, é uma rara esmolinha depositada.

O que fico pensando é que não tenho essa chance de ter dia certo para alimentar a minha filha, nem de dar a estrutura a ela. Eu tenho de dar um jeito de fazer isso todos os dias, e que seja de alguma forma, de qualquer jeito, mas tem de ser feito. Poxa, é ótimo se livrar da responsabilidade de criar uma criança por meio salário mínimo, depositado aleatoriamente e nem saído do próprio bolso. Provavelmente, se eu algum dia reclamasse da data de depósito da pensão, ele diria: “Fale com a minha mãe, resolva tudo com ela”. Assim, fica fácil!!!

A Yumi é uma menina maravilhosa. Acho os valores dela bárbaros, e,

muitas vezes, nem são os que eu passei. Parece-me que ela já nasceu com uma certa personalidade. Às vezes, eu me pego ouvindo algum conselho que ela dá. E já aconteceu de eu me sentir a filha dela, e ela, a minha mãe, como se tentasse cuidar de mim, também. Tem dias em que eu estou tão cansada, que durmo. Ela fecha a casa, apaga as luzes, deita-se ao meu lado, e eu só sinto na hora em que ela me beija. Gosta de assistir à televisão até tarde, e fica preocupada com as contas aqui de casa. Diz para eu não demorar tanto no chuveiro, e fechar a torneira, que deixá-la muito aberta é desperdício de água no planeta. Quando o carro foi parar, pela milésima vez, na oficina, ela ficou preocupada: "E agora, mãe, e agora? Quanto vai custar esse conserto?"

Já tive a impressão de que ela absorve muito a rotina e de que é madura demais para a idade dela. Hoje, está com oito anos. Ela tem um temperamento forte e mostra, pela expressão, antipatia ou simpatia pelas pessoas. Mas o mais engraçado de tudo é que ela tem um sexto sentido para determinar a personalidade das pessoas. Ela sempre gosta das pessoas certas, aproxima-se de quem tem bom coração, e se afasta, nem cumprimenta, se sente que a pessoa tem más intenções. Um dia desses, ela me falou para não dar mais papo a uma vizinha, que ela sabia ser só metida em fofoca. Moramos em um condomínio simples, fechado, com 240 apartamentos de um dormitório. É muita gente, e, por isso, sempre há confusão entre vizinhos e crianças. Mas isso é parte de morar numa hipercomunidade.

Fiquei a pensar em de onde ela tinha tirado aquilo, e era verdade: a vizinha era a maior fofoqueira. Mas aqui em casa não tínhamos comentado nada disso, nunca temos conversas a respeito de especulações sobre a vida alheia, não faz parte da nossa cultura. A Yumi é ótima companheira. Estávamos andando de mãos dadas, indo até a beira da praia, para caminhar um pouco, e ela me falou, do nada: "Mãe, eu amo você do jeitinho que você é..."

Aquelas palavras me sensibilizaram. Será que ela já sabia de alguma coisa? Abracei-a e disse que também a amava muito. Ela é boa filha, tive sorte com ela. Meus dias têm sido uma correria, e ela vai me ajudando. Algumas vezes, ligo e digo: "Filha, a mãe não volta para casa antes das 21h.

Toma o teu banho e come uns Sucrilhos, que, assim que eu chegar, esquento a janta". Em outras, eu chego, e ela já tomou banho e fez um miojo no microondas.

E fala. Meu Deus, como a minha filha fala! Ela fala por mim, por ela, pelas amigas, pelo Balneário Camboriú inteiro, e, às vezes, até eu fico tonta. Em muitas, confesso que desligo, fico só sinalizando que "sim" com a cabeça, enquanto ela recita toda a ladainha das novidades. Então, ela fica brava comigo e diz: "Mãe, você nem está ouvindo, né? Repete o que eu falei". Daí, começo a rir, pois meus pensamentos me abrigaram em outro planeta. Tem vezes em que eu falo sozinha e ela ainda responde!

Ela é versátil como eu. Numa hora, parece uma patricinha; em outra, uma roqueira. Adoro a combinação maluca que ela faz com as roupas dela. Rasga daqui, rasga dali, coloca saia e calça por baixo, duas blusas traspassadas, e fica o máximo. Hipercriativa. Hipersincera. Às vezes, as palavras dela ferem demais, por causa do excesso de sinceridade.

Quem também é assim é a Samantha, amiga da Sol, e que agora está se tornando minha amiga também. Tenho feito alguns esquemas com ela, porque a Sol demora muito. Então, se uma vai demorar, já pego a outra. A única coisa de que tenho receio, em relação à Samantha, é que ela é muito brava, mas muito brava mesmo. Se ficar brava, fica vermelha e arma o maior barraco. Acho que ela tem problema de nervos. Nosso desentendimento por causa do cheque da despedida de solteiro já passou. Ela me disse que é do tipo que fica brava na hora, solta os cachorros, mas depois fica mansinha, mansinha.

Fui à casa da Samantha na semana passada, com a Sol, para fazer uma breve visita, e caí dura para trás. Ela estava ao telefone aos gritos, chorava muito, berrava e dizia: "Mentira, mãe, minha irmã é uma mentirosa, não faço programa nada, puta deve ser ela. Eu juro que não, vou matá-la, matá-la..." Eu assistia à cena e quase disse para a Sol que era melhor não nos aproximarmos muito dela, que estava possuída. Depois, ela largou o telefone, acendeu um cigarrinho calmamente, caminhou pela casa, como se não houvesse acontecido nada, e atirou-se despropositadamente sobre o

sofá: “Daí, Bafo? Alguma novidade? A minha irmã me entregou para a minha mãe, mas sabe, né? Nego até a morte e, se precisar, a gente até chora. Gostaram do meu teatro?”

Eu fiquei impressionada, porque não consigo fingir que choro: ou choro ou não choro, e ela tinha derramado a cachoeira e feito uma revolução, pela “calúnia” e “injustiça” sofridas. A Samantha é loira, tem um corpo bonito, veste-se de maneira simples e discreta, e eu nunca diria que ela é garota de programa. Estuda Economia na faculdade, e é a sua segunda faculdade. Ela e a Sol usam umas gírias e uns palavreados que, às vezes, ferem-me os ouvidos. Esse tal de “Bafo”. Uma chama a outra de “Bafo”, e é bem esquisito se referir assim a outra pessoa. Já ouvi a Samantha chamar a Sol de “Bafico”, e também de “Bafãozinho”. Na gíria delas, bafo significa confusão. Logo, uma se refere à outra como rolo, rolinho, confuzãozinha, essas coisas. Eu não falo essa palavra, mas acho que, se começar a conviver mais com elas, vou falar.

A Samantha mora sozinha. Ela se sustenta e, enquanto fumava calmamente o cigarro, depois do *show*, falou: “Foda-se também, se descobrirem! Ninguém paga as minhas contas, e a minha mãe, como mãe, não vale muita coisa, mesmo”. Ela é o impulso em pessoa. Está calma e, dois segundos depois, fica agressiva, possuída. Um minuto depois, está calminha, calminha.

Ela atende de uma maneira diferente de mim: coloca anúncio, mas não vai a motel; o cliente vai à casa dela, mesmo. Está nessa vida há uns dois anos, e foi a Sol que a colocou ali. Elas brincam uma com a outra de que vão para o inferno juntas.

A Samantha trabalhava numa loja de malhas e dava o maior duro. O que ela ganhava mal dava para morar e comer. Sempre na dureza. Nessa época, ela não fazia mais faculdade, já tinha se formado em Química, mas não conseguia emprego. Então, foi trabalhar como balconista de loja.

A Sol passava todos os dias em frente à malharia, cheia de sacolinhas de compras. Isso quando não era cadeira para tomar banho de sol na praia. Ela via a vida sossegada da Sol e ficava com vontade de ser assim também. Um dia, contaram-lhe que a menina “vida boa” era garota de programa.

Nesse mesmo dia, a Sol saiu da praia e resolveu passar pela malharia e comprar umas roupinhas. Ela vivia pelas lojas, a fazer tudo o que a Samantha tinha vontade de fazer e não podia. A Samantha puxou assunto, e começaram a conversar. Ela disse que passava por necessidades, e a Sol pegou seu telefone, dizendo que, se conseguisse alguma coisa, chamava-a. Quem sabe a ajuda de algum velho?

A Sol tem um senhor de Curitiba que a ajuda. Ela o chama de "Véinho". Não sei quanto ele manda por mês, mas é uma boa ajuda, e eles quase não se vêem. Um dia, pintou um esquema, e a Samantha recebeu a ligação da Sol. Ela topou ir, mas, na hora, ficou com vergonha de cobrar e deu de graça. Depois se arrependeu, porque o cara não ligou para ela no outro dia e, ainda por cima, umas contas suas venceram. A "Bafo" só dizia: "Deixa de ser trouxa! Tá aí, ó, fodida grátis e, agora, sem dinheiro. Ferrou-se. Aprende de uma vez por todas: não dá grátis, não, eles não merecem".

Nunca mais a Samantha deu grátis; foi cobrando, um atrás do outro. Saiu da loja no dia seguinte, e foi a Sol que emprestou os primeiros trocados para ela colocar anúncio.

Bem, se elas vão para o inferno juntas, então vamos pular todas no mesmo caldeirão, porque entrei nessa também. O carma a pagar dessa Sol é grande: ela também me enfiou nessa, de anúncio de jornal.

Balneário Camboriú, 17 de dezembro de 2003.

Estou em choque, triste e bem preocupada. Pela primeira vez, eu sinto o peso do preconceito. Nunca tinha acontecido antes, e, nas vezes em que se referiram a mim, não dei bola. Acho que, agora, é porque eu estava com a minha filha, e ela foi atingida também. Que falem na faculdade, não me importo. Mas fazer crueldade com a minha filha, não!

O síndico do meu prédio começou a me xingar na portaria de entrada dos carros. Eu não havia feito nada. Minha filha estava comigo, e ele me parou e começou a esbravejar: "Aqui não é lugar de puta, sua sem-vergonha! Você

não pode ficar morando aqui! Neste condomínio, só entra gente decente. Tu está com anúncio no jornal, quer acabar com a moral do condomínio? Já tirei as prostitutas que ficavam aqui antes, só entra gente decente neste prédio!"

Falou, muito, na frente da minha filha. Ela não chorou, nem eu. Não falei com ela, eu nem sabia o que dizer. Ela parecia calma, mas não estava. Ela estava era reflexiva. Dei meia-volta e saí pelo portão da frente. Fomos, a pé, ao consultório da Elisa. A Yumi ficou sentada na recepção. Contei ao Lucas o que tinha acontecido e pedi que ele conversasse com ela. Entrei na sala da Elisa. Chorei muito. Não pela ofensa, mas, sim, pela maneira como a minha filha tinha ficado sabendo. Muito humilhante. Muito cruel e muito chocante, para uma menininha.

A Elisa disse-me: "Olha, tua filha não é boba. Ela não tinha certeza, mas já imaginava. E é melhor viver na realidade, Vanessa, do que em castelinhos de areia, porque, um dia, ela despenca lá do céu, e a dor é maior".

Saímos da consulta como se tivesse sido uma sessão normal. Só que eu estava inchada, de tanto chorar. A Yumi, não. Entramos em casa. Eu não tinha assunto para puxar. Fui deitar cedo, e ela ficou vendo televisão. Quando acordei, ela tinha dormido. Já era madrugada, e eu vi um bilhete dela para mim, escrito com capricho e enfeitado por canetinhas coloridas: "Mamãe, eu te amo."

Agradeço todos os dias pela filha preciosa que eu tenho. Ela poderia ter tido a mesma reação da filha da Vitória. E se deixasse de me amar? Mas não, acho que isso são coisas de espíritos mais evoluídos: em vez de se afastar, pela situação difícil, ela uniu-se ainda mais a mim.

Eu havia atendido somente um cliente, antes do acontecido; depois, não tive mais psicológico. Liguei meu celular quando acordei, e vi o bilhete, mas era madrugada, e nenhum hotel me chamou nessa noite. Eu sinto por não estar mais presente junto à Yumi; ultimamente, anda uma correria só. Agora, olho-a a dormir, e ela parece um anjinho, sempre ao meu lado. Ela tem uma cama separada na sala, que fazemos de sofá, mas ela gosta de dormir comigo.

Penso, às vezes, que há uma espécie de casamento entre nós. Porque nos deitamos juntas para ver filmes, conversamos sobre os fatos do dia, falamos

um monte de besteiras. Eu sou uma mãe que fala muitas besteiras, coisas bobas. Mas a Yumi acha engraçado; então, falo mesmo.

Alugo muitos filmes, e ela adora. As amiguinhas gostam de dormir aqui, porque eu deixo tudo! Querem dormir às quatro horas da manhã? Pode. Vamos sair às três da madrugada, para tomar um lanche no Tropical 24 Horas? "Suba no carro, criançada." Querem bagunçar a casa? "Ela é toda de vocês. Só me deixem dormir, e arrumem tudo, que a tia não tem vocação para doméstica."

Sou péssima na cozinha, e nem as crianças que vêm aqui conseguem comer o que eu faço. Um dia desses, a Júlia veio almoçar e não comeu. Perguntei a ela se o feijão estava bom, e ela disse: "Lógico, tia", mas não colocava uma única garfada na boca. Saí da sala e, quando voltei, o prato estava cheio. Deixei assim e abri um pacotinho de bolachas recheadas: um dia de besteiras não faz mal a ninguém! As meninas atacaram as bolachas assim que abri o pacote. Fiquei a me dizer que as bolachas é que eram gostosas, e não a fome delas muito grande. As formigas também vieram comemorar e se encarregaram dos farelos que ficaram na pia. Que saco! De que forma se deixa pia da cozinha asséptica?

Contratei uma marmita. Chega de a Yumi comer mal. Na escola, tudo bem, o almoço da Márcia é bom, mas tem também o jantar, e, então, é só esquentar a marmita no microondas.

Balneário Camboriú, 19 de dezembro de 2003.

Aconteceu hoje um fato bastante triste, porém necessário. Eu tenho uma vizinha, a Gerusa. Ela deve ter uns 38 anos. É loira, olhos bem claros, tem uns traços fortes no rosto, uma sobrancelha bem espessa, o cabelo farto, comprido, e estrutura grande.

A Gerusa tem três filhas. Duas delas moram aqui, e uma, em Mato Grosso do Sul. Acho as duas que moram aqui crianças superficiais. Estão sempre em competição com as outras, para provar quem são as melhores crianças do

pátio. Eterno concurso de dança, de beleza, de desfile, de canto, de moda, disso e daquilo. Acho que a competição entre crianças é saudável, mas que isso não vire uma razão de ser.

Elas e a Yumi não se dão muito bem, e eu agradeço. Existe uma grande diferença comportamental entre elas. A Yumi é uma criança sensível: brinca e briga com todo mundo, como uma criança normal. Se discutir, depois faz as pazes. Para a Yumi, não importa se alguém tem ou não brinquedo para oferecer, se desfila e dança, nada disso. Brincadeira é brincadeira.

As filhas da Gerusa não se misturam e escolhem a dedo quem pode ou não participar da roda das brincadeiras delas. Às vezes as vejo com uma bola de vôlei lá embaixo, mas só algumas crianças podem participar do jogo. Às outras, resta apenas olhar. A mais velha é uma criança dotada de orgulho; aprendeu com a mãe. Mas é um orgulho besta, sem razão de ser. Quando discute com outra criança, nunca se desculpa, emburra-se e é capaz de ficar meses esperando que a outra parte venha lhe pedir desculpas, para brincar. Em todas as vezes que discutiram, foi a minha filha que a procurou, para retomarem o laço no pátio. Já ouvi a Gerusa falar às filhas: "Isso mesmo, não deixem barato, ela está pensando o quê? Não se rebaixem". Não pedem desculpas mesmo. A própria Gerusa já me falou, com certo orgulho, que a filha é muito parecida com ela nesse sentido. Ela se preocupa muito com o que falam dela.

Por algum motivo, minha filha incomoda a Gerusa. A presença dela a irrita, e fico a me perguntar por quê. Será que ela é uma ameaça ao reinado das filhas como crianças poderosas dotadas de talento? Isso é sem sentido, a meu ver. A Yumi nem tem a intenção de se sacudir tanto no pagode, nem requebra da mesma maneira que a filha da Gerusa. Isso não é prioritário na sua vida.

Vejo a Gerusa como uma mulher literalmente desocupada na mente. Não estuda, não gosta de trabalhar, não faz nenhum curso: passa os dias a olhar e aprimorar o talento das filhas, tentando descobrir como promovê-las. Ela é ex-garota de programa, sustentada, hoje, por um cliente, um cara casado, que mora em Brusque e vem vê-la, de vez em quando. Na falta do que fazer, ela

vive pelo pátio, para resolver qualquer probleminha que possa acontecer com as filhas, e se aproveita da autoridade de mãe e do tamanho grande. Como eu trabalho bastante fora e estudo, a Yumi fica desprotegida da Gerusa, e acaba, por si só, tendo de se defender, quando uma das filhas dela resolve encrencar no pátio. Mantenho com ela, não uma relação de amizade, mas de diplomacia entre vizinhas.

De um ano para cá, as coisas ficaram um pouco mais sérias, pois a Gerusa se mete na brincadeira das crianças e resolve as questões com as próprias mãos. Andou xingando a minha filha. Eu disse a ela que relevasse, e que a Gerusa era uma coitada, desocupada e vazia. Um dia, eu estava fora, as crianças discutiram entre si, e a Yumi levou um tapa nas costas. Aquilo se entalou na minha garganta e, para não arrumar confusão no pátio, coloquei a Yumi para dentro de casa assim que cheguei e fiquei sabendo do que havia ocorrido. Em outra ocasião, o gatinho da filha dela tinha sumido, e, na minha ausência, ela invadiu a minha casa e acusou a Yumi de ter pegado o bichinho. Nada! Depois, ela o encontrou lá embaixo, escondido. Cheguei, e a Yumi estava chorando, porque achavam que ela era ladra.

Ali, eu já estava por um triz. Durante a minha sessão, a Elisa me orientou a defender mais minha filha, que ela precisava sentir segurança em mim e saber que teria alguém para tomar alguma medida por ela, caso ela não tivesse tamanho para isso. Eu concordei. Lembrei-me de que a minha mãe nunca me defendia, e eu tinha de me virar sozinha. Por um lado, isso é bom; por outro, ruim. Aliando a orientação da Elisa à convivência com a minha amiga Ro (ela é daquelas que tem 1,50 m, mas, se mexerem com o filho dela, ela cresce mais 1 m) e aos os últimos acontecimentos, que me fizeram perder a ingenuidade e deixar de ser tão permissiva, resolvi tomar alguma atitude, caso minha filha precisasse de novo. Foi triste, mas necessário.

Estou eu, nesta noite, saindo do banho, na tentativa de melhorar a minha auto-estima: com creme por todo o corpo, totalmente nua e passando cera na minha perna. A campainha de casa tocou, e era a filha da Gerusa, pedindo que eu subisse ao seu apartamento, pois a sua mãe queria falar comigo. Disse-lhe que a mãe poderia vir até mim. Achei até certa folga da Gerusa,

esse pedido, pois ela é que tinha assunto comigo.

Demorou, mas ela veio. Eu estava ainda nua, depilando minhas pernas, e nem ouvi a campainha tocar. A minha porta simplesmente se abriu, e eu vi entrar a "Gerusa-furacão", com a minha filha e uma amiguinha dela que a estava visitando na minha casa, a Camila. A Yumi chorava e dizia que não tinham dito nada. A Camila gaguejava, falando que era mentira das outras meninas. A Gerusa esbravejava: "Não suporto mais a tua filha! Ela me enfrenta, me responde, não ensinaste para ela que eu sou adulta? Ela está falando para as outras crianças não brincarem com a minha filha", e patati-patatá. A minha filha estava por demais nervosa, e achei ridículo a Gerusa querer tomar satisfações sobre alguma desavença entre as crianças: elas, que têm a mesma idade, que se resolvam.

Perguntei à minha filha, com toda a calma de sempre: "O que aconteceu, Yumi?" Ela falou que tinham feito fofoca. A Gerusa aumentou o tom de voz e disse: "Sua mentirosa". Totalmente maluca, tomada de cólera. Coloquei-me na frente da Gerusa e ordenei que ela se retirasse da minha casa. Fui abrindo a porta e dizendo a ela que não voltasse mais lá. Ela saiu do mesmo modo "furacão" com que entrou, totalmente louca, desvairada e, ao fechar a porta, falou a seguinte frase: "Depois não reclama se eu bater na tua filha".

Aquela foi a última gota do último barril que eu aturei dela. Abri a porta novamente. Eu estava 100% nua, e ela, nos primeiros degraus da escada, descendo para ir embora. Não poupei: fui atrás, sem roupa mesmo. Porque dessa não passava. Quando ela me olhou, eu dei a primeira bofetada na cara dela. Ela não acreditou, pois eu sempre fui uma maria-mole. Ela reagiu, e eu a peguei pelo cabelo, mesmo. Deitamos no chão do corredor e começamos uma luta corpo-a-corpo. As crianças se puseram a gritar, e eu me lembrei de que estava peladíssima. "FODA-SE, DESTA ELA NÃO ESCAPA!" Os corredores do edifício são abertos, e, portanto, quem saía à porta via a cena: uma ruiva pelada e uma loira vestida avançando uma na outra. Muita violência e gritaria.

Consegui me erguer do chão, peguei-a pelos cabelos e coloquei-a dentro da minha casa, semi-arrastando-a, porque ela um pouco se levantava e outro

pouco caía. Deitei-a no chão, e nunca, mas nunca bati tanto numa pessoa. Era raiva contida. Muita raiva dela, mas não só dela: de tudo o que eu odiava, ao mesmo tempo, e que estava entalado na minha garganta. Usei toda a força que eu podia e que eu nunca imaginei que tivesse. A Gerusa dizia: “Pára, Vanessa, pára, você ficou louca? Olha a tua filha, ela está olhando”. A Yumi gritava; a outra menina, também. Veio o meu vizinho de porta. Ele entrou, viu que eu estava nua e chamou a esposa; ela viu que não ia conseguir fazer nada e foi chamar a outra vizinha. “BATE, SUA VACA, BATE, AGORA, NA MINHA FILHA! BATE, SUA VACA, QUERO VER TU TER CORAGEM PARA FAZER ISSO.”

Ela pegou no meu rosto, unhou o meu nariz, tirou sangue da pontinha, deu algumas unhadas nos meus braços. Nós rolamos novamente pelo chão da minha casa. Nenhuma ali estava disposta a parar. Consegui me levantar e, quando ela o fez, peguei-a e joguei-a sobre a cama da minha filha, que fica na sala. O estrado quebrou com o seu peso, e foi a minha sorte, pois ela não conseguia se levantar, já que as pernas tinham ficado presas nas laterais do móvel. Dei nela mais ainda. Ela só dizia que eu tinha ficado louca: “Pára, que tua filha está olhando. Pára, que você está louca”.

Chegou ajuda: a esposa do meu senhorio. Também vieram alguns curiosos. Estávamos já cansadas e, quando ela entrou, eu estava em frangalhos, mas feliz por ter descarregado minha raiva na otária da Gerusa. A mulher pegou-a pelo braço e disse: “Vamos, vamos sair já daqui”. Pelada, fui fechando a porta e ainda a ouvi gritar, do corredor: “Sua vagabunda!” A minha filha e a amiguinha estavam em choque, porque ninguém jamais imaginaria que eu tomaria uma atitude dessas. O telefone da minha casa tocou. Descabelada e pelada, eu atendi. Era a avó paterna da minha filha, querendo falar com ela. Essa ligou no pior momento ou no melhor horário, ainda não tenho condições de decidir: “Você não tem vergonha na cara? Tu e essa tua família? Tem coragem de ligar, devendo pensão? Você tem noção do bosta de homem que tu colocou no mundo? Não invade a minha casa. Cai fora”.

Pois ela não tornou a ligar novamente? Meti-lhe a boca de novo, e desliguei o telefone. As meninas vieram até o quarto e me diziam: “Calma,

calma”.

Acho que estava babando de ódio. Liguei para a casa da minha mãe. Minha irmã atendeu. Então, eu comecei a chorar. Como eu amo a minha irmã! Tenho uma verdadeira adoração por ela. Ela se lembra bem da Gerusa, numa atitude de pedante, no pátio. Quanto à avó paterna, todo mundo achou que já era hora de eu falar alguma coisa. Eu agüento muito lixo indireto daquela família.

Chegou também hoje uma multa, a ser paga no próximo condomínio. Eu ainda estava me restabelecendo, e o porteiro veio entregá-la, dizendo que o síndico, Sr. Bonaparte, a tinha mandado. Era muita bomba para uma noite só.

Abri o envelope. Multa por andar de bicicleta no pátio fora do horário estabelecido. Ôou... O síndico está querendo encrencar comigo, pois todo mundo anda de bicicleta depois das 21h ali. As crianças brincam até mais tarde, já que é condomínio fechado. Acho que ele quer me pressionar, para que eu vá embora daqui. Não falei nada para a Yumi; ela ficaria preocupada com a multa. Amanhã, darei um jeito. É de meio salário mínimo.

Estou aqui, em reflexões sobre o que aconteceu. Não aprovo a violência, mas ela foi necessária. Nem eu acreditei no tamanho da atitude que eu tive. Fico a pensar que somos uma surpresa para nós mesmos. A cada dia, eu me descubro mais. Acho que tenho descoberto, aqui, que nem sempre se deve agir com diplomacia ou, então, deixar a Justiça a cargo de Deus, da vida ou da Divina Providência. Sem escrúpulos com quem não tem escrúpulos! Nem sempre eu preciso ser boazinha, me colocar no lugar alheio, entender os conflitos pessoais do infrator, analisar a árvore genealógica dele, para, então justificar seus atos. Enfim, as coisas devem ter um basta e, muitas vezes, o mal deve ser cortado pela raiz, desde o início. Por exemplo: se, no primeiro xingão, eu tivesse tomado alguma atitude, a Gerusa teria pensado muito, antes de repeti-lo. Se eu tivesse me imposto ao Fausto no início do nosso relacionamento, ele teria pensado: “Peraí, essa não é tão fácil assim de ser usada”. Se eu tivesse afastado a família do pai da minha filha no início, eles teriam se mexido para cumprir suas responsabilidades. Eu deveria ter fugido de casa, tão logo meu pai começou a me bater.

Eu penso que as pessoas não podem mais se apoderar do meu espaço, da minha casa, da minha vida, da minha identidade e dos meus direitos. Há muita gente folgada no mundo; se a gente deixar, eles se aproveitam da situação. Exemplos: Gerusa, Sr. Bonaparte, o pai da minha filha, a mãe dele, etc.

Agora, eu vou colocar limites; vou deixar de ser uma pessoa sempre tão permissiva. Não que eu vá sair espancando todo mundo, mas vou tomar providências, assim que me sentir invadida e prejudicada, e isso significa fazer o mesmo pela Yumi. Pessoas abusadas confundem ser boa com ser boba. Não é necessário agradar a todos, e, se não gostarem de mim, o problema é deles. Nada melhor do que autenticidade. Agora, na minha casa, quem manda sou eu, e ninguém mais invade o meu espaço. Nem por telefone.

Balneário Camboriú, 21 de dezembro de 2003.

Tinha cliente em hotel hoje cedo. Eu não podia chamar a Sol: ela levanta tarde pra caramba, e, ainda por cima, demora mais de uma hora para se arrumar. Os dois amigos precisavam sair cedo para pegar um vôo, e, se eu não quisesse perder o programa, devia estar no hotel em 20 minutos.

Liguei para a Sol. Vai que acontecesse um milagre e ela já estivesse vestida. “Marise, tu já está de pé, loooouca? Não me liga a esta hora, que a minha Pombajira só funciona à noite, e trabalho sempre até tarde”. Ela tinha mania de dizer que havia uma Pombajira com ela, que a ajudava, mas que só trazia os clientes à noite, no madrugadão. Eu acho uma loucura, isso, mas tudo bem.

Liguei para a Samantha. Eram umas oito da manhã. “Claro, Marise, passa aqui para me pegar, eu levanto cedo.” Que bom, a Pombajira desta levanta cedo.

Saí às pressas. Quando cheguei ao edifício dela, ela estava pronta, na frente dele, me esperando. Que dinâmica, ela. Estava no maior bom humor; nem parecia aquela mulher de alguns dias atrás. Fomos rindo de umas

besteiras que ela me contava sobre o que havia feito com um cliente. Ela os tranca em sua casa, se fizerem qualquer coisa de errado. Se vierem dez reais a menos do que o combinado, o mundo cai: o cara fica lá até ela cansar de castigá-lo, e ela grita muito com ele. Ele sai de lá nervoso e arrependido; isso, quando não paga a mais, para sair.

"Que é isso no teu nariz?" Expliquei o que tinha acontecido. Eu estou preocupada de a marca ficar, mas o negócio é não tomar sol no rosto. Eu sou bem branquinha, é difícil eu ir à praia, e tenho várias sardas pelo corpo.

A Samantha aprovou o que eu fiz. Mas isso não era novidade para mim. Chegamos ao hotel. O serviço foi *light*. Eles foram embora, para pegar o vôo, e eu e ela descemos, para tomar café. Conversamos somente sobre o básico, e a deixei em casa. A Samantha faz um número razoável de programas por dia. Avisou-me que agora, em época de festas e final de ano, o movimento diminui, mas volta, com tudo, depois do 1º de janeiro.

Fui falar com o Sr. Martins, proprietário do meu apartamento, sobre a multa condominial que eu tinha levado, para ver o que ele me dizia. "Eu não tenho nada a ver com a tua vida, você faz o que quiser dela. Eu não sou uma pessoa preconceituosa, mas o seu Bonaparte é. Ele já veio falar comigo, querendo que eu encerrasse o contrato contigo, mas disse a ele que isso eu não ia fazer. Meu conselho é que tu pague essa multa, porque acho que, vendo entrar dinheiro no caixa, ele deixa de pegar no teu pé."

E agora? Acho que vou fazer isso mesmo.

Mudei o meu anúncio. Já saquei que, toda vez que eu mudo a estratégia, meu telefone dispara. Fiz muito programa de 200 reais, mas, agora, já não ligam mais tanto. Tenho de mudar a estratégia. Ofereço por 200 reais o programa com a dança do ventre, e, sem a dança do ventre, por 150 reais. Montei um anúncio bem legal.

De madrugada, aconteceu uma coisa ruim, mas com final bom. Recebi uma ligação de celular com prefixo 11, e isso significa São Paulo. Era um cliente, hospedado no Hotel Morumbi. Estava no quarto 1503. Pagava os 200 reais. Eu me arrumei e fui até o hotel. Achei bom, porque eu não precisaria deixar comissão para a recepção, uma vez que o cliente havia ligado diretamente

para o meu número, por meio do anúncio de jornal.

Quando cheguei ao Hotel, fui perguntando ao Romário pelo hóspede do apartamento 1503. Ele me disse que não existia esse quarto no hotel. Falei que tinha certeza do número. Nisso, chega a Samantha, de mototáxi: ela também viera para atender a mesma pessoa. Era um trote, e mais garotas deviam estar para chegar. Eu deveria ter ligado antes para o Hotel e ter confirmado que o cliente estava lá, mas acabei vindo direto. Vivendo e aprendendo. O bom foi que eu e a Samantha voltamos juntas. Dei uma carona a ela e ficamos conversando até o amanhecer. Ela é uma pessoa bem legal, honesta, bastante trabalhadora, um tanto nervosa, mas com um bom coração. Disse que, se eu precisasse, poderia aparecer na casa dela a qualquer hora.

Entramos, para comer um resto de pizza que tinha sobrado do jantar dela, e ela me contou do namorado que tem. Ele foi cliente dela. Ele tinha chegado e resolvido desistir do programa. Então, ela o trancou dentro de casa; deixou-o na sala e se pôs a passar roupa na frente dele, como se ele nem estivesse ali. Não demoraria muito e ela começaria a gritar com ele. A Samantha tem uns pernões e, naquela de passar roupa, sacudir daqui e dali, o cara foi ficando louco e resolveu fazer o programa. Eles se gostaram. Assim que acabaram, ele a convidou para ir ao cinema e contou que não tinha querido ficar, logo que chegara, porque ela era muito brava. Abriu a porta com cara de quem ia matá-lo.

A Samantha tem uma fisionomia fechada, de poucos amigos. Mas que nada. Ela é muito legal. Ri um monte e fala coisas muito engraçadas. Tem o coração de ouro, e ajuda uma senhora que cria a neta sozinha. É a família dela. A Samantha paga o seu próprio aluguel, o da senhora, e ainda ajuda com a comida. Mas não provoque os nervos dela: essa perde o controle e dá uma surra em quem quer que seja. Ela tem a garganta mais potente para gritos que eu conheço e, se tiver que avançar, vou ter pena é da vítima.

Bem, estou com sono. Daqui a pouco será dia claro, melhor eu dormir um pouco...

"(...) sonhando (...)

– Você quer encontrar um príncipe, Cinderela?
– Pra quê?”

Balneário Camboriú, 25 de dezembro de 2003.

Eu tive uma véspera e um dia de Natal ótimos! Levantei-me, arrumei a casa e tive um dia tranqüilo. Desliguei o meu celular. Hoje é Natal, e eu e a minha filha merecemos. Jantamos num restaurante da Rua 2000, nosso preferido. Eles capricharam, e eu e a Yumi comemos demais, além da conta. Saímos as duas, com as barrigas cheias, em direção ao parque de diversões.

Que horror! Comprei oito ingressos, e o primeiro brinquedo a que resolvemos ir era um parecido com o camicaze. Que fiasco! Ele sacudia e subia bem alto, girava. Fiquei mal na hora: se era horrível de barriga vazia, pior ainda do jeito como havíamos comido. A Yumi dizia: “Eu vou vomitar!” Eu também gritava, pedindo para pararem o brinquedo. Olhava lá para baixo de relance, nos poucos segundos em que tinha a coragem de abrir os olhos, e via as pessoas paradas, no parque, assistindo à minha gritaria e à da minha filha. Ela, inclusive, inspirada por mim, gritou: “PÁRA ESTA PORRA JÁ, QUE EU VOU MATAR VOCÊ!” Cruzes, ela nunca fala palavrão. Tá louco, estamos virando a duplinha-baixaria. Nesses dias, ensinaram-me que as crianças não aprendem o que você diz, mas o que você faz. Pararam o brinquedo antes do tempo, porque a coisa estava séria.

Desci do brinquedo, morrendo de vergonha, e fui vomitar atrás dele. A minha filha chorava. Uns cinco minutos depois, começamos a rir sem parar. Uma olhava para a outra, e nos chamávamos de fiasquentas. Fizemos pescaria, que era mais seguro, e resolvemos ir até um *karaokê*.

Cantamos tanto, mas tanto! O lugar estava praticamente vazio, naquele dia. A minha filha é cara-de-pau: puxou conversa com uma menina chamada Viviane, e já ficamos as três na mesma mesa. A Viviane pediu que eu cantasse com ela, para ajudá-la. Eu não sabia a metade da letra, mas era um apoio necessário. A guria era péssima de voz. Fiquei no microfone ao seu

lado. A Yumi trouxe uma cadeira e a colocou ao meu lado, sentou-se, passou um braço por cima do meu ombro, enquanto eu cantava, e começou a cantar junto. “É festa de peão, é festa de rodeio...” Depois, sem cerimônia, simplesmente tirou o microfone de mim e continuou cantando. Tiramos uma foto, as três. Essa foto eu vou guardar para sempre, porque é a recordação de um dia muito feliz!

Fomos até os camelôs, e resolvi me dar alguma coisa de presente. Afinal, é Natal. Meu perfume. Estou sem o meu perfume, e resolvi comprá-lo, apesar da minha ferrenha economia. Na hora, doeu, porque ele é caro. Só uso Lou Lou. Ele é doce, bem doce, e bem intenso; o mesmo, desde os meus 15 anos.

Voltamos para casa de “expresso canelinha”: o meu carro de novo está na oficina, quebrado. Quando chegamos, havia uma surpresa para a minha filha. Eu havia dito a ela que estávamos economizando e que eu não poderia comprar nada de Natal. Ela não reclamou. A Yumi nunca chora ou sapateia, quando digo que não posso. Ela entende, e acho isso raro, em uma criança. Mas, quando chegamos em casa, eu tinha colocado presentes até dentro da geladeira, embaixo das cobertas, dentro do *box* do chuveiro. Mandei-a procurar, que tinha presente em todos os lugares, e, depois que acabaram, fiquei brincando com ela e dizendo que tinha mais. Eu me matava de rir. Comprei muitos, mas muitos presentes para ela, todos do camelô e das lojas 1,99. Não eram presentes caros, mas a quantidade importa muito, quando se é criança.

Fomos dormir, e ela, antes de fechar os olhos, me disse: “Mãe, não importa o que você for, eu amo tanto você!”

Feliz Natal para nós duas!

Balneário Camboriú, 27 de dezembro de 2003.

A cidade já está cheia. Chegaram muitos turistas. Ontem, fiz quatro programas, três deles com a Samantha. Fomos aos hotéis, e ela me chamou para um na casa dela, com dois amigos. Fiquei na sala, e ela, no quarto.

Ela se apronta rápido, é objetiva, e nada enrolada. Sempre que chego para apanhá-la, já está pronta. Tempo, nestes casos, é dinheiro, ainda mais no verão, que ela me disse ser uma loucura, um cliente atrás do outro.

Atendemos ontem, numa cobertura, o filho e dois amigos de um dos políticos da cidade. Pagaram-nos mal e ainda não nos trataram bem, mas faz parte. Dê um pouco de poder à pessoa, e se verá quem ela realmente é.

Eu tenho tantos afazeres que minha angústia está passando. Nem penso mais tanto nos homens, em suas incógnitas e sacanagens. Eu me encontro cada vez mais imparcial em relação a eles.

Ontem, eu saí com um cliente para jantar e comecei a ter vontade de ir para casa. Agora, mais nada me segura, se eu tiver vontade de não fazer ou não ficar. Esse cliente era legal, mas eu ia ficar tempo demais com ele, por causa do jantar e de, depois, ter de ir até o hotel e fazer o programa. Resolvi parar tudo na hora. Coitadinho, ele ficou sem entender. Eu simplesmente me levantei, saí e disse: “Amado, estou indo, não posso mais ficar, desculpa”.

Tadinho! Ele quer me levar, na segunda-feira, para conhecer a firma dele. Deve ter uns 60 anos e, curiosamente, é bom de cama. Sério! É carinhoso, e não toma remédio para ereção. Eu sei quando é Viagra. Quando é Viagra, o pênis continua ereto, depois que tudo termina. O desse cliente não, fica bem murchinho. Depois, ele se recupera e quer mais. O bom do Amadeu é que ele não extrapola. Cada cliente broxa que eu tenho! Por que fumam tanto? Cigarro e cerveja acabam com a ereção do homem aos 40 anos e, quando eles têm, ela fica meia-boca, com o pênis meio duro, meio mole. O Amadeu não fuma e não bebe.

Sinto que, cada vez mais, os homens me interessam menos. Nunca acho um bonito na rua, e tenho mais interesse nos meus pensamentos, quando caminho, do que naqueles que passam por mim. Não tenho vontade de sair. Para quê? Eles estarão lá, aos montes, nas boates, e não tenho vontade de me aproximar. Além do mais, na danceteria, eu gasto dinheiro, e não ganho.

Basicamente, meus pensamentos estão voltados para o trabalho. Descanso o máximo possível durante a manhã para trabalhar bem à tarde e à noite. Neste mês, segundo o meu livro-caixa, já tirei quase cinco mil reais. Eu

nunca havia ganhado um valor desses e acho que, pela primeira vez, tem dinheiro sobrando na minha conta. Mesmo assim, estou economizando.

Ontem fui ao Cassino do Hotel Morumbi e achei-o um ambiente horrível. Não suporto cheiro de cigarro, e as pessoas ali estavam compenetradas no jogo e fumando muito. A decoração é bonita. Havia eu e mais umas quatro meninas de programa, muitos jogadores (homens) e poucas mulheres apostando. Os garçons estavam uniformizados, e a decoração é em vermelho. Acho que é para instigar o jogo. As cores têm influência sobre as pessoas. O cafezinho é distribuído o tempo todo, e as janelas são fechadas e escurecidas com Insulfilme negro, para que os jogadores não possam perceber que já amanheceu... O jogo é um vício forte, e há pessoas que ficam por 16 horas sentadas naquelas cadeiras. Jogam, quase ganham, compram mais fichas, assinam documentos, apostam alto. Uns lucram, e muitos perdem.

Sentei-me em uma das cadeiras do bar. As outras meninas não me cumprimentaram: eu era concorrência ali. Os jogadores não prestavam atenção em nós; as cartas são mais importantes do que as mulheres. Elas estavam ali esperando a hora da saída deles. Duas já estavam contratadas; o gerente havia mandado chamá-las. Conversavam entre si: “Será que esse idiota ainda vai demorar muito para sair daqui?” A outra respondia: “Torce para ele perder. Se ganhar, ainda ficará por um bom tempo”. Acho que não é um bom negócio ser contratada assim e ter de ficar esperando o cara jogar. Mas dá um certo *status* ao homem ter uma mulher esperando por ele, mesmo que ela seja de programa.

O gerente do Cassino veio até mim. Seu nome é Roque. “Você é que é a Marise, né? Percebi pelo cabelo, bem que me disseram que você era ruiva. Não temos mulheres do seu tipo por aqui. Vai conseguir bons clientes, mas venha com uma roupa mais sofisticada.”

Falei que não era problema, só uma questão de tempo, e eu compraria alguma coisa melhor. Estendi minhas fotos e, enquanto ele as via e fazia cara de aprovação, disse: “O programa aqui custa 400 reais. Consigo esse valor por você. 50% para cada um, pois essa é a minha taxa de agenciamento”.

O desânimo tomou conta de mim. Estou eu lá interessada em ficar com o

status de alguém pagar por mim um valor mais alto? Nada disso, quero é o dinheiro no meu bolso, mesmo – e era eu que faria o trabalho pesado. 50% é roubo! Os hotéis cobram 20%. Ainda mais com o cara meio bêbado e cheirando a cigarro. Urgh, mistura de cheiros ruins.

O Roque disse para eu ficar à vontade, os garçons me serviriam uma dose de uísque. Dispensei: "Muito obrigada". Resolvi ir embora. As duas meninas ainda continuavam por ali. Elas estavam tão bonitas! Olhei para o vestido da morena, lindo, justo, com caimento até os joelhos, solto depois do quadril, com um decote até o meio do peito. Será que um vestido como esse custa muito caro? Devia ser o preço do programa que ela faria. Bem, eu não precisaria ter dez vestidos diferentes como aquele: um só, para todas as ocasiões, era o necessário. Não vou sair dez vezes com o mesmo cliente. Eles gostam de variar. Se quisessem sempre a mesma mulher, ficavam com a deles.

O único problema é que não tenho peito suficiente para usar um decote daqueles. Mas não perdi muito tempo, não, divagando sobre aquela possibilidade, porque não acho um bom negócio mofar no cheiro de cigarro, gastar dinheiro com vestido caro e, ainda por cima, esperar um bêbado viciado em jogo fazer um programa comigo, de cujo valor deixarei a metade para a casa. Tomei minha água, despedi-me do garçom e saí de lá. Acho melhor pensar num silicone. Eu pareço uma menininha, com estes peitos pequenos.

Distribuí mais algumas fotos em que apareço nua pelos hotéis e fui para casa lá pelas três horas da manhã. A minha filha já estava dormindo. Ela tinha jantado, e a fita rodava sozinha no videocassete. Fiquei com peso na consciência, mas, daqui a dois dias, ela vai viajar, para passar o verão na casa da minha mãe. Será bom para mim também, porque vou trabalhar mais despreocupada e sem peso na consciência. Ela adora ir para lá, por causa da infindável quantidade de bichos. Ela passa o dia dando comida para os gatinhos da minha mãe. Uns 20, ao todo, fora os cachorros.

Balneário Camboriú, 29 de dezembro de 2003.

Hora de mudar de estratégia. Coloquei foto nova e frase nova no Jornal: “A melhor virtude de um homem é a generosidade, e eu amo esses homens generosos...” Desta vez, pus meu nome embaixo, pois a frase é de minha autoria. Onassis tinha escrito o meu último lema; eu escrevo esse, agora. Minha intenção é que parem com as pechinchas: querem me levar pela metade do preço.

A Yumi partiu de viagem, minha irmã veio buscá-la. A Sol me ligou, para fazer um esquema em um hotel com ela. Fiquei por uma hora e meia na recepção do Hotel Portugueses, esperando-a aparecer. Que saco! Por que ela faz isso, hein? E o pior é que eu acho que ela estava se arrumando e divagando na imensidão do vazio. A Sol é uma pessoa ótima, porque não é individualista e, se vê que alguém está com problemas, une-se à pessoa para ajudar. Mas, vamos e convenhamos: essa atitude de deixar os outros esperando é muito desagradável. Eu a definiria como uma pessoa interplanetária. A mente dela está sempre introspectiva, passeando pelas galáxias, e é afundada no nada. Isso mesmo, ela viaja em pensamentos. Mas não são drogas, não. Ela viaja como se perdesse a concentração e a noção de tempo e espaço. Acho que ela nem sabe quem é ela, e também não está preocupada em se entender. Parece-me que nada atrai a Sol, exceto sexo e dinheiro. Para que ela volte a si, basta mencionar a expressão “dinheiro de programa”. É nesse exato momento que ela se orienta no Planeta Terra. Quer saber quando, quanto e onde.

Eu continuo sem me definir completamente. Às vezes, tenho uma vaga idéia de quem eu sou. Mas de uma coisa tenho certeza: não sei do que mais serei capaz! Às vezes, tenho medo de mim. Será que eu seria capaz de roubar um banco? De traficar? De matar alguém? Acho que todo mundo é uma incógnita para si. Nunca podemos dizer algo sobre nós e nossas atitudes, sem estarmos vivenciando a situação. Penso que eu jamais mataria alguém. Mas, venha ameaçar a minha vida ou a da minha filha, e veja no que eu me transformo. Eu nunca me imaginaria ladra. Minha mãe diria: “Ela é louca, mas ladra,

nunca". E quantas bandejinhas não peguei "emprestadas" do supermercado?

Levei a pior em um hotel, ontem. Eu estava no Hotel Kremers e havia feito um programa com um cliente chileno, pelo valor de 150 reais. Desci à recepção e estava pagando a comissão dos recepcionistas quando dois chilenos me perguntaram quanto custaria sair com os dois ao mesmo tempo. Falei que 250 reais. Eles perguntaram se poderiam pagar em pesos chilenos. Eu disse que tudo bem. Pensei que fosse só ir trocar o dinheiro na casa de câmbio, no dia seguinte. Perguntei aos recepcionistas o valor do peso chileno, e nem eles sabiam. Deviam ser umas três horas da manhã. Fiquei na dúvida sobre confiar neles ou não. Nisso, entrou um outro hóspede, pedindo a chave do quarto à recepção. Pelo sotaque, percebia-se que era chileno. Perguntei, então, a ele quantos pesos chilenos significavam 250 reais, e ele falou que eram 20 mil pesos.

Com tudo acertado, subi para o quarto com os dois. Lá, havia um terceiro homem dormindo, que, com a confusão, acordou e resolveu participar da brincadeira também. Eu disse que ele deveria pagar, então, cinco mil pesos chilenos para colocar a mão em mim.

Foi muito ruim, porque eles são grossos. E pior ainda, porque todos os chilenos que estavam hospedados no Hotel eram carcereiros de presídios e haviam ganhado a viagem de presente do Governo do Chile. Eu tinha de controlar a mão deles, dizer o tempo todo que estavam me machucando e me virar em três para dar conta do recado. Quando acabou, foi um alívio. Desci, deixei cinco mil pesos de comissão para os meninos e vim para casa.

Hoje, quando acordei, a primeira coisa que fui fazer foi trocar os pesos. Eles representavam 45 reais, ao todo. Disse à cambista que ela estava errada. Ela me devolveu o dinheiro, sem dizer nenhuma palavra.

Fui direto ao Hotel. Os homens haviam saído às seis horas da manhã, de volta ao Chile. Eu fiquei arrasada. Ali, eu me senti usada e abusada. O menino chileno que chegou depois devia estar de armação com eles. Esses me enganaram, me enganaram muito bem. Que me sirva de lição.

Balneário Camboriú, 30 de dezembro de 2003.

O meu Ano-Novo será totalmente normal, pois a minha filha não está mais aqui, e, portanto, não farei nada de especial. Mesmo assim, vou até a beira da praia, para ver os fogos de artifício.

A Vitória me procurou, ontem de madrugada. Eu havia me deitado vestida, para o caso de algum hotel me chamar e eu já estar pronta. Deviam ser aproximadamente duas horas da manhã. Pediu-me que eu retornasse a ligação, porque ela estava sem créditos. Liguei, e ela me comunicou que estava na Casa de Bingo e me pediu que fosse até lá, porque gostaria de falar comigo sobre um assunto urgente.

Cheguei, e ela estava aflita, devendo para a casa. Precisava de dinheiro. A Kity House estava fechada, e ela só voltaria a trabalhar depois do dia 5 de janeiro, quando eles reabrissem as portas. Em 40 minutos, ela torrou 200 reais. Poxa, eu levo duas horas para ganhar isso. Emprestei o dinheiro, mas serão os últimos que emprestarei a ela, porque a Vi tem de entender que o vício não leva a nada, e ela gasta o que ganha em coisas abstratas. Além do que, foi um dinheiro suado. Ela pretendia viver, por enquanto, com um dinheiro emprestado pelo Paulo, seu irmão. A Vitória aprendeu a viver sem planejamento prévio, isso porque ela tem uma grande capacidade de, na hora, dar um jeito. E deu, mesmo. Ela sempre se safa; quase sempre, quero dizer.

Eu torço pela Vitória. Afinal, temos um pacto: ainda nos visitaremos nos nossos castelos. Saímos do Bingo e fomos andar de carro pela cidade, para conversar um pouco. Quando ela morou na Argentina, ficou viciada em cassinos; praticamente, fazia programas para poder jogar. Ela conseguiu, inclusive, alugar um apartamento em frente ao cassino.

Agora, falávamos sobre a atualidade, enquanto andávamos de carro. Ela me contou sobre um maluco que conheceu na fila sei lá do quê, acho que do banco. Ele pegou o telefone dela e não parou mais de ligar. Queria sair, disse que estava apaixonado, que tinha sentido uma emoção forte ao conhecê-la e vê-la ali, parada na fila, essas coisas do destino.

Ela, na ocasião, acabou conversando com ele, para ver no que dava. Poderia ser uma boa oportunidade; quem sabe, um cliente indireto? Disse a ele que era uma pequena empresária. Ele, querendo tudo com ela, dizendo que havia se apaixonado à primeira vista.

Ele estava num hotel fuleiro, um tal de Hotel Estelar. É o único Hotel Estelar que eu conheci sem nenhuma estrela. Olha, eu tenho foto em tudo que é boca de hotel desta cidade, mas naquele não deixei, porque não pagariam nem 50 reais.

Ela não é boba, e começou a dar corda. Disse-me que retornou a ligação para o Hotel e perguntou se o homem estava. O recepcionista comunicou a ela que ele havia saído com a esposa e o filhinho. "Marise, que vagabundo! Na hora, pensei que eu é que ia tirar dinheiro dele. Ele ia ver só." Esperou-o ligar novamente, e foi ela que, agora, resolveu fazer um dramalhão ao telefone, dizendo que estava triste com ele, porque ele era casado, e ela havia alimentado esperanças.

Daí, foi a vez de ele fazer o *show*. Ele chorou e disse que não, que estava apaixonado por ela, e que aquela era a sua ex-esposa, que não largava do seu pé e que infernizava a sua vida. Uma verdadeira novela, parecia coisa de cinema. Eu me matava de rir, ouvindo-a contar. Aonde chega a falta de escrúpulos de um homem. Como eles gostam de pegar as mulheres pelo lado sentimental, não? Sempre tentando iludi-las, para que fiquem à sua disposição e entrem no seu jogo. Dizem que amam, e não amam. Acho o fim da picada uma frase sentimental tão forte ser largada ao léu, dita em vão, de qualquer jeito. "Eu te amo" é uma frase muito forte.

A Vitória já é descolada e resolveu cair fora do circo armado, porque viu que o buraco e o barraco eram mais embaixo. Disse que não sairia com ele, e ponto final. Ela nem estava interessada na sua pessoa, e já havia sacado que ele era apenas um pobre mulherengo, querendo dar uma de esperto.

Então, no dia seguinte, a esposa do cara ligou para a Vitória, chorando ao telefone e dizendo a ela que estava ligando escondido dele, para contar que eles realmente estavam separados, e que ele havia brigado com ela, porque a considerava culpada de ele perder a mulher por quem havia se apaixonado

repentinamente. Falou que ela poderia ficar despreocupada quanto ao interesse dele pelo casamento, porque ele não a queria mais.

Eu estava achando tudo muito estranho. A Vitória disse que o cara continuou ligando para ela e que, numa de suas conversas, ela havia deixado claro que só queria tomar conta do neto e de suas empresas.

A Vitória é uma mulher com postura refinada. Pode não ter nada para comer em casa, mas o sapato que ela usa é Menphis, o perfume é Calvin Klein. O nome do perfume, inclusive, combina com ela: é Eternity, pois parece que, para ela, saúde, disposição e juventude são eternas. Lógico que o cara estava pensando que ela era uma coroa rica e, com todo o teatro que ela faz, dizendo que agora encostará o carro para poderem conversar melhor, não há como desconfiar que não seja.

Ela acabou de me contar a história, e não é que liga o cara? Às três horas da manhã, ele ligando? Para mim, já está estigmatizado: cara que liga de madrugada para a mulher não presta. Vamos ter bom senso.

Ele estava pedindo que ela o encontrasse em uma rua próxima aos fundos do Hotel, pois queria se declarar para ela. Ele queria era assaltá-la, isso sim! E, no mínimo, a mulher dele participava dos golpes; devia saber de tudo. Ela disse que não, que achava que ele não tinha boas intenções com ela e que, no momento, estava levando uma amiga até o hospital.

Ele insistiu muito, e ela não cedeu. Ele nem imaginava com quem estava lidando. A Vitória foi muito firme em dizer que não iria e que não havia jeito. Ele não suportou mais teatralizar e deixou cair a máscara; cansou de fazer papel de bonzinho. Todo bandido, uma hora, cansa de brincar, porque perde a paciência: “VAI SE FERRAR, SUA PUTA! SUA VAGABUNDA, CHINELONA! EU VOU ACABAR COM VOCÊ, SE TE ENCONTRO! VELHA SAFADA, CHINELONA, NÃO SABE O QUE EU TINHA PARA TE DAR...”

Eu fiquei abismada, e ela também. Desligou o telefone. Ele tinha berrado tanto que eu ouvia tudo, sem ter o celular por perto. Nessas horas, eu tenho mais medo dos homens e dos seus teatros. Cada vez mais, eu desacredito das histórias de amor. Como podem as pessoas usar os sentimentos para enganar

as outras? E o ser humano é muito carente, principalmente as mulheres. Elas se deixam levar facilmente pelas histórias de castelinhos e de príncipes encantados. O problema é que, nesses sonhos, os castelos são de areia, e os príncipes, sapos que nunca se transformarão.

Fui deixá-la em casa. Com mais ódio dos homens. Tenho de me policiar, tenho de policiar os meus pensamentos. A Vi ainda precisava de 50 reais para, no outro dia, fazer mercado para a sua mãe, mas eu não podia mais ajudar. Por que, hein, Vi? Por que você faz dessas?

Balneário Camboriú, 2 de janeiro de 2004.

Loucura, loucura, loucura total. Esta cidade está cheia: muitos turistas, muitas ligações, muitos clientes. Comecei no batente às 6 horas da manhã. Mas foi um atendimento de cão. O homem estava hospedado no Hotel Belo Mar, e os meninos da recepção me indicaram para atendê-lo. Ele era muito babaca. Carioca, ridículo, metido a malandro. Tinha cara de malandro e papo de santo. Até usava escapulário.

Cheguei, e ele disse que primeiro íamos dormir, que ele gostava de transar quando acordava. Eu disse que não, que ficaria ali só por uma hora, porque estava cobrando apenas 120 reais. Ele disse que me pagaria, então, 300 reais até o meio-dia. Argumentei que, até esse horário, eram 500 reais. Depois, ele veio com a história de pagar com cheque. Eu havia deixado bem explícito que o pagamento era sempre em dinheiro. Ele concordou em trocar o cheque por dinheiro. Tirei a minha roupa e me deitei na cama. Ele queria sexo sem camisinha. Falei que “NUNCA!” Ele tentou mais algumas vezes, e fui ficando chateada; estava difícil atendê-lo. O cliente era casado; como ele podia não se preocupar com a possibilidade de passar uma doença para a esposa?

Disse que, se tentasse novamente, discutiríamos. Ele tentou, e eu me levantei, brava. Ele começou a me amansar e a perguntar se eu não tinha uma amiga. Lembrei-me da Samantha: seria mais fácil se ela estivesse comigo

naquela situação insuportável. “São 600 reais, as duas, por duas horas.” Ele concordou. Liguei para ela, que chegou em 15 minutos: “Marise, você está me dizendo que são 600 reais por nós duas? Estou chegando!” Essa é ligeira e rasteira, tinha acabado de se levantar e estava com roupa de academia. Disse que ia ao hotel daquele jeito mesmo.

A Samantha chegou. Eu fui tomar um banho e me perdi no tempo e nos pensamentos, como sempre ocorre quando estou na água. Deixei-a lá com ele. Do *box* do banheiro, comecei a ouvir a gritaria da Samantha. Minha Nossa Senhora, como ela consegue gritar daquele jeito? É muita força na garganta. O cliente já havia feito um oral nela e, na hora de transar, tirou a camisinha. Ela só percebeu depois. Foi um “Deus nos acuda!”. Acho que até ele se arrependeu. Aquela mulher enorme, loira, estava vermelha, de tanto que berrava. “Seu vagabundo, seu animal, o que você está pensando?” A sorte foi que tinham rolado uns cinco minutos de transa, e ele não tinha gozado.

A cena era a de um casal cuja mulher é louca, e o marido, um malandro. Ela começou a colocar a roupa, e eu também. E ela dizia: “Tem mais: por essa, você vai pagar cada realzinho do combinado, porque senão eu quebro este quarto inteiro do Hotel, e nós vamos parar na polícia. Te denuncio por estupro. Faço o diabo contigo: pego teus dados aqui no Hotel e ligo para a tua mulher. Fodo com a tua vida. Do mesmo jeito que tu quis ferrar com a minha. Seu vagabundo, seu filho da puta!”

Ela não parava mais de falar, e o cliente, nervoso, foi assinando o cheque. Não entendo como é que ela não avançou nele. Não criamos caso quanto ao fato de ele não pagar em dinheiro. Tínhamos de sair o quanto antes do Hotel. A gritaria tinha sido muita, e a situação poderia sair do nosso controle, com polícia, gerência do Hotel, essas coisas.

Ele estendeu o cheque, que eu conferi com a sua carteira de identidade, e saímos. A Samantha ainda voltou ao quarto, antes de ele fechar a porta, colocou o dedo na cara dele e disse: “Da próxima vez, eu te mato, seu vagabundo”. Todo mundo, para ela, é vagabundo. Acho que é a palavra de qualificação masculina que mais a ouço dizer.

Descemos pelo elevador e, agora, já estávamos rindo. Passamos pela recepção e dissemos que, assim que o cheque fosse compensado, viríamos pagar a comissão. Eles não tinham ouvido nada da confusão: estávamos no quinto andar, e ninguém tinha telefonado para reclamar. Deviam ter pensado que era briga de casal.

Dei uma carona para a Samantha e, no caminho de casa, o telefone dela começou a disparar. Era um cliente que a esperava em frente ao seu prédio e queria ser atendido. Deviam ser umas oito horas da manhã, e ela o convenceu a aceitar que ela trouxesse uma amiga: se ele ficasse com as duas, ela daria um descontinho. Ele aceitou, e lá fui eu, bem feliz, para o apartamento da Samantha.

O programa foi bem *light*: nós duas tiramos a roupa, deitamos na cama, e ele passou a mão pelo corpo da Samantha. Enquanto isso, fui passando a mão pelo dele. Eu nem sabia direito o que fazer. A Samantha é bem direta, não quer saber de nhenhenhém, e já foi dizendo para o cara meter logo o pau nela: "Seu vagabundo, me pega agora de quatro, vai". Ela tem um bundão, mas enorme, daqueles de que a maioria dos homens gosta. Bundão e coxão. Ela tem estilo mulherão, e eu, estilo menininha.

Eu me sentia meio deslocada naquela situação, porque estava sobrando. Então, fiquei atrás dele, e lhe dizia para comer a minha amiguinha, que ela gostava. Colei meu corpo nas costas dele e abracei o seu pescoço. De lá, ficava dando ordens e falando, meio que gemendo. Não demorou muito, e ele gozou. Foi só a Samantha começar a dizer: "Goza, vagabundo, goza, vagabundo, goza agora, que eu estou gozando".

Bem, pode-se dizer que, a esse programa, eu só compareci, porque não fiz muita coisa, mesmo. Mas recebi igual.

Ele saiu. A Samantha começou a conversar comigo e dizer que soube, uma vez, de duas garotas que colocaram no jornal um anúncio de lesbianismo e ganharam bastante dinheiro. "Legal: se deu certo para elas, pode dar para nós também."

Fiquei a dizer a ela para fazer um caderninho de contabilidade, pois ela poderia saber o quanto ganhava por mês e, então, se programaria para fazer

algumas coisas. Ela contou que o sonho dela, neste verão, era dar entrada na compra de uma moto. Ela não tinha carteira de motorista, mas faria o exame, se conseguisse juntar um dinheirinho.

Fiquei a pensar sobre uma propaganda legal para nós. Tinha de ser um *marketing* de lesbianismo. Eu e ela tínhamos nos dado bem uma com a outra. Ela era séria e rápida. Falei que eu poderia ficar com a parte do telefone, porque eu era boa em atender, negociar e convencer o cliente de vir me conhecer.

Ela disse que tinha uma idéia de propaganda. "Marise, sabe aquela propaganda da cerveja Schincariol que todo mundo está imitando, com os dizeres 'Experimenta! Experimenta! Experimenta!'? Acho que combina com a gente." Bárbaro! Na hora, achei muito legal, aproveitar a onda do momento. Então, bolei uma segunda frase: "UMA É POUCO, DUAS É BOM, SEXO A TRÊS É MELHOR AINDA!"

Batemos uma na mão da outra, e ela já ligou para o Luiz, do Jornal da Hora, para que fosse ao seu apartamento, pois queríamos fazer um anúncio diferente. Também marcamos estúdio, pois anúncio com imagem vende muito mais. Liguei para a Eliane, para irmos, na parte da tarde, bater algumas fotos. Tudo certo. O telefone dela disparou, e era mais um cliente chegando, para ela atender.

Fui para casa pensando que o telefone dela tocava mais do que o meu. Por quê? Ela era curta e grossa ao telefone e atendia, dizendo "Alô", como quem ia acabar com a vida de quem estava do outro lado. Tinha um anúncio sem foto, e telefonavam um monte. O que devia ser? Já sei: é o preço! Ela cobra, agora, 80 reais. Então, ganha na quantidade.

Eu trabalhava todos os dias em hotéis, mas nem todos os dias eu fazia programas pelo anúncio da Marise. No telefone, eu era melosa. Eles gostavam de ouvir a minha voz, mas meu valor não era acessível. E, entre o *status* de ser uma garota cara e o dinheiro gordo na minha mão, prefiro a segunda opção.

E se eu inventasse, também, um outro anúncio? Podia ser. Oito é o número do infinito. Isso deveria ter a ver com alguma coisa de numerologia, do tipo

ter infinitamente mais clientes. Vou cobrar 80 reais. Isso, vou bolar um anúncio diferente, com outra personagem e outro estereótipo, para diferenciá-la da Marise e, então, ganhar mais. Pensa, cérebro, pensa, cérebro, pensa, cérebro.

Balneário Camboriú, 8 de janeiro de 2004.

Essa história de lesbianismo funcionou. Fizemos um anúncio bem legal. Todo o mundo liga. Colocamos uma foto nossa nos beijando: o maior ibope. Duas mulheres peladas se beijando, com a frase "EXPERIMENTA, EXPERIMENTA, EXPERIMENTA!" Em cima, os dizeres "Uma é pouco, duas é bom, e sexo a três é melhor ainda!" Estipulamos o seguinte preço: uma, por 120 reais, e as duas, promoção: 180 reais, com local.

O cliente leva as duas de uma vez só. Só tem um porém: a gente não transa entre nós. O cara vai louco para ver as duas se pegarem. Mas a gente enrola que é uma beleza. Tiramos a roupa do cliente e o colocamos na cama. Eu subo nele e fico falando um monte das pornografias que aprendi com a Adriana, da Kity House. A Samantha fica ao lado, falando no outro ouvido dele. Eu quase nunca recebo a penetração, fico só no blablablá. A Sa não gosta muito de paparicar o cliente e fala: "Tô com muito tesão, vem aqui me comer de quatro, vem, vagabundo!" Então, ele a pega de quatro, e eu descarrego todas as pornografias possíveis no ouvidinho dele, dizendo tudo o que nós duas "fizemos" juntas, à noite, uma com a outra. Não dá em outra: em cinco minutos, o cara terminou tudo.

Hoje foi o primeiro dia das "lésbicas", e vieram quatro clientes por causa disso. Resolvi também pôr em prática aquele meu anúncio de uma nova personagem mais em conta. Chamei-a de Luana. Ela é bem querida, parece um anjinho. É estudante, cobra barato, 80 reais, e atende no Motel Renoir. Passei a atender como Marise, sozinha, em outro motel, o Privatte, que fica próximo ao Motel Renoir. Os dois ficam próximos à minha casa, também. Basta que eu pegue o carro e vá até eles numa reta só. Além disso, se um cliente chega a um motel, e outro cliente vai até o outro, fica fácil me deslocar, porque eles são próximos entre si. Tempo é dinheiro.

Eu e a Samantha resolvemos fazer um ataque de *marketing* nos hotéis

também: vamos levar a eles as fotos de nós duas juntas. Assim, se ligarem para uma, a outra convence o cliente de levar a amiga. Mesmo que o lucro seja menor, isso representará, no final do mês, um balanço mais positivo do que se trabalhássemos sozinhas. Ganhar na quantidade é mais vantajoso. Além do mais, não se constroem grandes castelos com um homem só.

Para deixar nosso material organizado nos hotéis, confeccionamos 50 álbuns de fotografias, forrados de papel camurça vermelho, e colocamos, na frente do álbum, a frase do Onassis de que eu tanto gosto e um título: "MARISE & SAMANTHA, A RUIVA DOS OLHOS VERDES E A LOIRA SARADA, AGORA JUNTAS OU SEPARADAS".

Chegamos à conclusão de que precisamos de mídia. Pouco nos importa que pensem que somos sapatões: o que queremos é atingir os nossos objetivos. Além do mais, não estamos fazendo mal a ninguém.

Só sei que, se antes chovia homem, agora vai chover dinheiro.

Balneário Camboriú, 10 de janeiro de 2004.

O meu anúncio com a Samantha está dando certo. Atendemos hoje três clientes juntos, e um deles ficou bravo, porque queria nos ver nos pegando. Dissemos que eu estava um pouco cansada, porque tínhamos transado a noite toda. Cada uma que a gente inventa!

Atendi um cliente, lá no Motel Renoir, que foi atrás da econômica Luana. Deixei o anúncio dela sem foto; apenas coloquei o nome, Luana, e o meu telefone. A cama do Motel era um pouco fraquinha, e o cliente, um tanto obeso. Houve uma hora em que achei que iríamos os dois para o chão.

Estou ficando espertinha. Ontem, um cara me pagou 200 reais para ir ao Baturité com ele. Depois da festa, não fomos para a cama: fiquei enrolando e fazendo cara de sono, até chegar a hora combinada. Também não o beijei; só andamos de mãos dadas e dançamos muito.

Ele parece meio veado, mas não é, pelo menos acho que não. Tem uns 42 anos, e trabalha com *show* de trio elétrico. Está separado e namora a

bailarina do trio, de 19 anos, há cinco anos. Quando eles começaram o romance, ela tinha 14 anos, e a esposa, quando descobriu, quis separar-se dele. Ele me disse que veio para cá buscar a solução dos seus problemas dele quanto a essa indecisão.

Eu disse a ele que não havia por que ter indecisão, e que a resposta era fácil de descobrir: estava dentro dele. “Valdir, se esta fosse a última noite da sua vida, com qual das duas ia querer passá-la?” Ele respondeu prontamente: “Com a minha esposa”. Fiz cara de problema resolvido: “Então, já está respondido”.

Ele disse: “É, na última noite, sim. Mas, e o resto da vida? Olha, menina, não é tão simples assim, porque eu sou um homem que precisa de sexo todos os dias, e só conseguiria ficar com uma mulher se ela conseguisse me satisfazer. A minha esposa e eu tivemos um relacionamento de 15 anos, eu me enjoei dela e, por isso, a traí com a mais nova. Eu tenho tesão pela minha namorada de 19 anos, mas ela também não transa comigo todos os dias. Então, acho que vou tentar encontrar uma terceira.”

Como os homens são carnais! Ele tinha me falado que amava a esposa, mas seria capaz de não ficar com ela por causa de sexo. Pára, cabeça, pára por aqui. Não vá começar de novo a sua revolta com os homens. Controle-se!

Falando em gente carnal, a Índia foi para Goiás, trabalhar nas casas de lá. Ela some e volta. É uma garota de programa que consideramos concorrência forte. Ela é estilo índia, com cabelos negros e fartos, bastante quadril, pele morena e musculatura reforçada. Eu a acho bonita.

Ela trabalha muito bem, tem uma carteira de clientes enorme. A maioria gosta dela. Tem muitos apaixonados, também. Dizem que é fera na cama, e os clientes que já saíram comigo e contam que experimentaram dizem que ela é puta, mas puta, puta mesmo. Safada e piranha. Faz de tudo na cama, e gosta do que faz. Serviço geral e completo, por todos os lados e para todos os gostos. Ainda por cima, sem frescura.

O trabalho da Índia é forte e bem feito. Ela ataca nos hotéis, faz programa de rua, coloca anúncio no jornal, tem *book* nos motéis, atende pelas agências e, ainda por cima, tem marido para ajudar. De vez em quando, eles colocam

juntos, no jornal, anúncios de “Atendem-se casais”. Ele é loiro e faz o estilo deus grego. Ao telefone, ele faz o papel de agenciador, e entra no esquema, se houver algum problema com ela.

Eles atendem em casa. Estão juntos há um bom tempo. Formam um casal que me parece unido. Há até uma criança dessa relação. Estamos torcendo para que ela se dê bem lá por cima e não venha mais para o Sul. Dizem que assinou contrato para fazer uma revista pornográfica e que, para isso, ela vai colocar silicone.

A Sol diz que a Pombajira dela é poderosa. Minha amiga está sempre falando nessas Pombajiras. Um dia desses, vi-a colocar uma rosa num copo. Perguntei por que ela estava pondo aquilo no canto da sala, e ela me disse que era para agradar à “Pomba” dela e, então, ter mais clientes. “Marise, você ainda não tem Pombajira junto contigo? Você tem que ter! Vai ver, louca, como as tuas coisas vão andar. Eu vivo tratando a minha, dou a ela até perfume. Ela me traz mais clientes.” Eu disse à Sol que tinha mais o que fazer da vida.

A Sol me contou, hoje, uma novidade sobre a Lulys Louca: ela fez um filme pornográfico no Rio de Janeiro. Era um filme de lesbianismo. Diz que ela passou seis horas gravando cenas de sexo com outra mulher, que chegou a ficar com a boca dormente, de tanto fazer oral nela, e que, por causa da maquiagem, nem dá para identificá-la direito. A Lulys recebeu 700 reais pelo filme. Achei pouquíssimo, pela superexposição.

Mas engraçado mesmo foi o que aconteceu num restaurante do Rio de Janeiro. A Lulys tinha ido jantar com o diretor da produtora de filmes em um restaurante fino, para comemorar a filmagem. Começaram a comer, e ele perguntou quando ela faria com eles um filme de sexo anal. A Lulys é como eu: tem nojo e pavor de anal. Ela é meio enlouquecida das idéias, mesmo: levantou-se da cadeira, pegou o garfo, girou-o sobre a própria cabeça e gritou, no meio do restaurante: “No meu rabo, ninguém mete nada!”

O restaurante parou. O produtor baixou a cabeça, ficou bem encolhidinho e não quis mais conversar com a Lulys. Ela sentou-se, como se não tivesse dito uma palavra, e continuou a comer, nem aí para ele: “Me passa a

salada?”

Balneário Camboriú, 12 de janeiro de 2004.

Ontem, recebi o terceiro telefonema daquela turminha que tenta nos levar daqui, prometendo uma boate “dez”. Numa hora, falam que é em Mato Grosso; na outra, em São Paulo. Isso é coisa de tráfico de mulheres.

A Samantha me falou que, quando a gente chega, eles tiram o nosso dinheiro, a passagem de avião que nos dão na hora do embarque, trancam a gente na casa e nos deixam trabalhando para eles só pela comida. Conversei com dois amigos meus que são da Polícia Federal, o Bombinha e o Metralha. Eles me disseram que não adianta denunciá-los, porque a polícia trabalha com fatos concretos, e eu não tenho nenhuma prova de que eles realmente levam as meninas daqui para isso.

Veio uma mulher hoje aqui, a Arlete, e fez um faxinão. Coisa de arrepiar: não me lembro de alguém ter limpado tão bem esta casa algum dia! Quando puder, vou contratá-la como mensalista. A Sol me ligou. Não está mais desesperada, pois o “Véinho” dela apareceu novamente. Ele ligou, disse que virá à cidade no mês que vem e que vai trazer um carro de presente para ela. Fiquei feliz. Muito engraçado. Ele tinha dito a ela que tirasse a carteira e que, assim que ela passasse nos exames, ele lhe daria um Celta de presente. A Sol fez as provas escritas, mas foi reprovada várias vezes, durante meses, no teste de volante. Na hora, tinha dor de barriga. Então, ela pagou 200 reais pela carteira e a entregou para alguém do Setor de Documentação da Delegacia, que colocou lá “APROVADA”. O problema é que ela não sabe nem arrancar com o carro!

Hoje, aconteceu um fato revoltante. A Sa ligou e me pediu para ir rapidamente à casa dela, que ela já estava com um cliente. Quando entrei no quarto, ela me olhou com ar de revoltada. Disfarcei, perguntei o que era, e ela fez sinal de que depois contava. Começamos toda a nossa cena de sempre, e o cliente, na hora da empolgação, falou que transava com a sua

irmã de 40 anos. Achei o fim da picada colocar a família no meio da putaria, mas tudo bem. Ele olhou para mim, quase no auge de um orgasmo, e me perguntou se eu transaria com um cachorro. Entrei na brincadeira e ironizei minha resposta, “Mas eu já transo com a cadela aí ao lado”, fazendo sinal e indicando que a cadela era a Sa. Então, a Samantha pegou um pau de borracha e colocou no cliente. Eu nunca tinha visto aquilo ao vivo e em cores, doeu até em mim. Ele terminou. Gozou-se todo.

Ele, então, começou a parabenizar a Samantha, dizendo que ela, sim, era “puta das boas”, do tipo de que ele gostava. Ainda contou que tinha uma esposa e sustentava uma amante. Eu tinha nojo dele, para mais de metro. Pelo rabo comido, pelo cachorro, pela amante, pela promiscuidade e por ele mesmo. Ele foi embora e, na hora em que a Samantha fechou a porta, ela começou a ter ataques, dentro do apartamento.

“Marise, que vagabundo! Ele é um desgraçado, mulher!!!! Tu não vai acreditar no que ele me contou antes de você chegar. Esse filha da puta foi à cidade de Maravilha, comeu uma prostituta por 20 reais, e ela ofereceu a ele a virgindade da filha de nove anos. Ele pagou 150 reais a ela e executou a menina! Uma criança, Marise!!! Uma criança! Que mundo podre, onde é que vamos parar? Esse cara tem que morrer. Esses vagabundos todos têm que morrer!!!”

O cara é um canalha. Não tem outra explicação. Podre, como muitos homens que eu conheço. Fiquei revoltada, mas isso não me estragou o dia. Há algum tempo, esse seria um bom motivo para eu me desmanchar no devaneio dos meus pensamentos sobre a crueldade e a falta de caráter masculinas. Agora, não mais tanto. Refleti sobre aquilo, achei um absurdo, mas me ative a pensar mal apenas do idiota e a focalizar meus pensamentos em outras coisas, mais concretas.

Eu devo estar me acostumando a ouvir absurdos sexuais, ou, então, aprendendo de vez a separar a minha vida pessoal da profissional. Agora, quando eles confessam essas proezas e desabafam sobre o quanto são espertos com as mulheres e sobre as estratégias que usam para enganá-las, apenas penso: “Que se foda. Este é o meu trabalho, e eu não vou ficar de

mau humor depois que esse cara sair daqui".

As coisas que a Elisa, minha psicóloga, diz entram em mim, porque a admiro e vejo que ela tem sustentação e maturidade para me ajudar, além de uma grande experiência de vida: três casamentos, seis filhos, um esposo que também é psicólogo. Ela tem bom senso suficiente para me orientar quanto a algumas coisas que estão perdidas e ainda não muito definidas dentro de mim.

Passei a ter confiança nela no dia em que presenciei a transformação que ela fez em um garoto. Isso aconteceu no meu segundo ano morando em Balneário Camboriú. Fui fazer um curso gratuito de espanhol na Prefeitura, e todos que participavam dele tinham também de fazer socialização, uma espécie de terapia em grupo, para aprender a se relacionar bem na comunidade. Nesse grupo, estávamos esse garoto e eu: ele, estudante do curso de garçons, e eu, de espanhol.

Ele era um menino bastante humilde, tímido, cabisbaixo, encolhido e que tinha muito medo de se expressar. Eu tinha bastante afeição por ele. Sempre procurava me sentar por perto e perguntar-lhe coisas bobas, como, por exemplo, com que cor de canetinha ele achava que eu deveria escrever no meu cartaz. Isso era para que ele percebesse que alguém se importava com a sua opinião.

A Elisa fazia um círculo, com todos sentados, ou deitados no chão, e nos perguntava o que achávamos sobre determinado assunto. No início do curso, quando chegava a sua vez, ele não falava nada, só se encolhia. Ele se sentia inferiorizado, e a minha afeição por ele crescia, pois muitas vezes eu já tinha me sentido inferiorizada como ele. Aliás, até o ano de 1998, eu tinha passado muito mais tempo me sentindo inferiorizada do que de bem comigo. Aos poucos, eu vi esse menino ir se transformando. Eu acabei não concluindo o curso, nem sei por quê. Até este ano, eu não terminava nada do que começava.

Mas me lembro de que, nos últimos encontros, ele estava indo muito bem. Nesse período, houve um fato marcante. Cada um tinha de fazer um cartaz individual sobre algo de bom que tivesse acontecido em sua vida. Sei lá

sobre o que fiz o meu cartaz. Mas aquele garoto desenhou, em uma folha, três pessoas e um objeto: era o seu pai, entregando a ele e ao irmão um carrinho de brinquedo. Todo mundo ficou besta. Cada um ali tinha uma riqueza pessoal que julgava ser grande. Uns falavam sobre perspectivas de futuro, outros sobre casamento, nascimento, formatura, etc. Ele, no entanto, narrou um fato simplório, que tinha ocorrido lá na infância dele. Algo que, para qualquer um de nós, seria banal. Mas talvez essa tenha sido a melhor coisa de sua vida: a demonstração de carinho (quem sabe, até, a única) do pai para com os dois filhos. Eu não lembro o nome do rapaz. Ele devia ter uns 23 anos à época. Notava-se que era bem pobre. E ele estava lá, falando, com o cartaz em punho. Era um grande avanço. A turma toda ficou quieta, e a Elisa, parabenizando: "Aíííííí... Muito beeeeem....!" Um tempo depois de sair do curso, eu o encontrei pela rua. Novo espanto: ele parou e me cumprimentou. Perguntou como eu estava, e começamos a conversar. Ele era outra pessoa, depois do convívio com a Elisa. Fiquei feliz por vê-lo com tanta atitude e, ainda por cima, fumando um cigarro. Sim, agora ele era um cidadão do mundo, porque até fumando ele estava. Eu não aprovo cigarro, mas, no caso dele, era uma barreira rompida. O mérito do esforço desse menino foi se abrir e sair da casca do ovo para o mundo. Mas, se a Elisa não tivesse feito a primeira rachadura nessa casca, ele poderia nunca ter virado galo.

A partir daí, começou a minha admiração por ela, e talvez tenha sido a primeira vez em que parei a minha vida para ouvir alguém.

Balneário Camboriú, 13 de janeiro de 2004.

Não acredito nesses casamentos modernos, cheios de liberalidade sexual. Eu penso que, se você ama uma pessoa, e essa pessoa te ama, vocês devem querer transar entre vocês e ficar juntos: vão querer preservar o relacionamento. São meio absurdas, algumas coisas que acontecem por aí.

A Sol foi, com um cliente, a uma casa chamada Liberlife, para trocas de casais. Estávamos, no meio da madrugada, tomando sopa numa casa

comercial, depois de trabalhar, e ela começou a relatar o que havia visto.

Eu me servia de sopa, e ela falava. A Samantha estava junto, e parou para ouvir também: “Loucaaaaaaaaaas!!! Nós trabalhamos na noite, já vimos quase tudo e não nos chocamos mais com quase nada, mas confesso a vocês que ainda não tinha visto um inferninho como aquele. Toda a nata da cidade fazendo suruba: uns 80 casais pelados, trocando de mulher e de marido. Eu tinha até vergonha de olhar.”

Achei que fosse grave mesmo, porque a Sol tem um lado muito safado. Ela gosta bastante de sexo, vive dizendo que nunca vai conseguir ser fiel e que marido, para ela, tem de dar no couro umas três vezes por dia, no mínimo. Havia uns homens saindo do Bar Metro Pianos. Paramos um pouco de conversar e ficamos analisando os homens, para ver se, ali, existia um cliente em potencial. Nada: eles saíram a pé. Quem tem carro, guarda na frente do Bar, e o guardador vem trazer. Homem sem carro significa homem sem dinheiro. Eles não nos interessavam mais. Tínhamos o costume de comer, de madrugada, nessa casa de sopas, porque ela ficava em frente ao Expresso da Noite, um bar lotado de clientes e de garotas de programa disfarçadas de patricinhas. Quem ia lá queria caça paga, mesmo: 95% da fatia feminina do bar é composta de garotas de programa.

Voltamos para a nossa sopa, que era mais interessante, e a Sol começou a contar como era a casa de *swing*: “O salão fica um pouco na penumbra. Antes da meia-noite, todos ficam comportados, dançando normalmente, como em uma danceteria. À meia-noite, tem *show* erótico e com *strippers*. Então, um *go-go boy* pegou uma mulher casada, colocou-a no centro da apresentação, tirou a sua roupa, chupou-a toda e começou a transar com ela na frente do marido. E vocês nem sabem o que este fez. Começou a bater uma punheta em cima dos dois. E todo o mundo olhando. Que pouca vergonha!” A Samantha só dizia: “Que vagabundo!”

“Marise, você nem sabe o que eu vi: três mulheres quarentonas se agarrando uma com a outra. E elas não eram de programa! Eu fui para acompanhar o meu cliente, porque, lá, não deixam homem entrar sozinho, e ele queria saber como era. Tinha uma loira, lá, das mais vagabundas, dessas

que a gente detesta, porque dão de graça na rua e acabam com o nosso negócio. Ela se esfregava em tudo o que era casal. Botava a mão na bunda das outras mulheres, se agarrava no pau do marido das outras. Parecia uma Pombajira. E todo mundo pelado, no maior surubão." A Samantha não parava de comer e só dizia "Vagabundos!", entre uma colherada e outra.

Perguntei à Sol o que ela ficou fazendo lá. "Sabe que a mãe aqui é ligeira, né? Não fiz nada, fiquei vestida. Eu era uma das poucas vestidas. Para transar com a mulher do outro casal, você tem de oferecer a tua mulher para o homem, e ele, então, dá a mulher dele para você. O meu cliente me trocava pela mulher dos outros. Combinamos de ele começar a comê-las bem rapidinho, e eu ficava enrolando, cheia de *love-stories*, dando uma de santa e de marinheira de primeira viagem. Eu dizia para o cara que só queria ficar nos beijinhos e na passação de mão. Nessa hora, eles ficavam bravos e pegavam a mulher deles de volta, mas, até aí, o meu cliente já tinha dado um jeito de traçar a mulher deles rapidinho. O problema é que ele saiu de lá sem gozar com ninguém, porque não dava tempo. Mas saiu feliz, porque comeu umas quantas. Não gozou, mas comeu. Então, tá valendo. E são todas casadas. Olha só: sabia que, lá, eles chupam sem camisinha? Vi as loiras quarentonas fazendo sem."

As três fizeram cara de nojo. A Sa só dizia que elas eram todas vagabundas. A Sol também viu, lá, uma cama enorme, na qual os casais rolavam enquanto transavam. Essa cama tem o tamanho de cinco camas *king-size*. Também há uma outra, lá, que parece uma maca de hospital, com um buraco redondo no centro, que é onde os casais colocam a mão para ficar mexendo naqueles que estão transando em cima da maca. A casa tem vários ambientes, e cada um tem um motivo, uma decoração. O mais engraçado é o confessionário do padre: eu me lembrei do padre que rezou a missa do meu casamento. Os *voyeurs* ficam olhando os outros casais transarem por entre as treliças do "confessionário".

Tive curiosidade de conhecer esse ambiente estranho e tão peculiar, mas não era para fazer surubão, não, era para ver as coisas pelos meus olhos. Essa multidão pelada, transando, parece coisa de filme: Roma e suas orgias,

Sodoma e Gomorra. Será que, algum dia, o Liberlife seria incendiado?

Tento me descobrir e definir os sentimentos que tenho dentro de mim. Será que sou preconceituosa? Careta? Quadrada? Ciumenta demais? Por que acho o fim do mundo dividir a pessoa de que gosto com outras? Qual seria o correto, no mundo? Todos se amando? Por que condeno tanto a traição? Seria eu uma pessoa possessiva?

A traição é uma questão que mexe muito com a minha sensibilidade. Porque nada é pior do que você descobrir que o que você pensava ser verdadeiro, não é. Eu tenho uma relação paranóica com a verdade e a mentira. O fim do mundo, para mim, é um homem me iludir, mentir para mim, ou eu descobrir que a expressão "Eu te amo" nunca tenha sido dita com sentimento.

Isso deve ter origem no meu desejo mais íntimo de viver um conto de fadas real. Sou pisciana e, no meu interior, estou sempre à procura de um príncipe. Só que apenas os sapos têm me aparecido e, ultimamente, quem vem mais são os cachorros.

Acho que as pessoas devem se casar somente quando amam. Se começam a não se dar bem, sentam-se e tentam solucionar o problema. Agora, se não conseguem, separam-se e tentam encontrar alguém com quem se ajustem mais e tenham maiores afinidades. Mas, o que mais vejo é: as pessoas se casam, não se dão bem e ficam tentando encontrar outra pessoa ou manter vários relacionamentos extra-conjugais.

Num dia desses, apareceu, no Motel Renoir, um cliente em desespero. Primeiro, ele fez o programa comigo e, depois, me relatou a bomba em que se havia metido: ele é casado, tem duas amantes, e não é que engravidou as duas? Pelo amor de Deus! E, com esse excesso de barrigas e de mulheres na vida, ele ainda veio catar uma garota de programa? Bem, pelo menos ele me rendeu alguma coisa. Saiu do Motel péssimo, dizendo que ia se matar em 24 horas. Mas eu duvido. Acho que, antes de 24 horas, ele já teria contatado outra garota de programa.

Vejo os homens dando, também, muitas justificativas para a traição: a mulher é isso, é aquilo, é aquilo outro. Ai, ai, ai... "Pára, Vanessa, pára, que

já combinamos ser imparciais.” “Desculpa, Marise, são crises passageiras, ninguém muda a sua visão sobre as coisas de um dia para o outro.”

Todo mundo tem medo, infundado, da traição. Os homens escolhem, na sua maioria, a tática da repressão psicológica. Fazem um drama pela mulher ter ido à esquina; assim, ela fica com medo de fazer coisas piores.

A tática que eu vejo algumas mulheres adotarem para impedir a traição dos maridos são os encontros a três. Elas preferem que eles transem com outra na frente delas do que pelas costas. Elas nem sempre querem, mas se justificam, dizendo que, dos males, esse seria o menor. Tem mulher, ainda, que, no encontro a três, não quer transar com a outra e acaba fazendo isso só para agradar ao marido. Eu teria sido uma delas, no passado; agora, não mais. Essa tática pode até funcionar um pouco, mas não totalmente, porque, quem tem tendência a trair, irá fazê-lo sempre. As pessoas não mudam o seu caráter. Podem amenizar algumas atitudes, mas caráter, no ser humano, é imutável.

Se nós, mulheres, fôssemos mais inteligentes e racionais, escolheríamos aqueles homens que foram educados de maneira diferente. Mas fazemos o contrário: ficamos com os safadinhos, e passamos o resto do casamento tentando mudar nossos maridos, transformá-los, melhorar o que já está definido dentro deles. Mas isso não se muda! É aquele eterno pensamento de que a mulher é que faz o homem. Ô, mãe, onde é que você estava com a cabeça, no dia em que me passou esse ensinamento?

A Samantha parou de comer e disse que ia começar a contar a história de um vagabundo que ela conheceu. Ela disse que ele é o maior galinha da face da terra e que traz a esposa para transarem junto com ela. São um casal que ela atende com certa freqüência. Ele tem uns 40 anos, e é lindo. Ela é bonita de rosto, mas engordou muito na gravidez e, agora, terá de fazer alguns reparos cirúrgicos. Estão juntos há 14 anos. Economicamente, são bem estruturados: têm um comércio no centro de Balneário Camboriú. Ele sai com um monte de mulheres casadas, e ela está a par de tudo. Fiz cara de exclamação, interrogação e espanto, tudo ao mesmo tempo. Dá para imaginar?

Que coisa doida: ela aceita numa boa! Ele, inclusive, já saiu com uma grande amiga dela, que lhe pediu que nunca contasse à sua esposa sobre o encontro dos dois. Mas ela sabe até onde foi o encontro e o que eles fizeram. Conversa com a amiga, como se nem imaginasse. Essa tem sangue frio correndo nas veias. A Samantha ia ouvindo os relatos dele e observando as expressões do rosto dela, e nada transparecia, ali, que pudesse ser interpretado como raiva. Parecia que ele falava sobre um copo d'água que estava tomando. Ela permanecia totalmente controlada, psicologicamente. A sua cabeça foi trabalhada durante todos esses anos, e ela pensa da maneira como ele quer que ela pense. Ela não pode ir à esquina de casa sem ele, mas ele pode sair com as outras mulheres. Se ela sair com outro homem, ele diz que a mata. Está, inclusive, com um pouco de medo de deixá-la fazer a plástica na barriga, porque ela pode ganhar autoconfiança.

Ele permite que ela saia com outra mulher, nos encontros a três, porque, se ele pode sair com outra mulher, então ela também pode. A Sa me disse isso, e fiquei a pensar que se tratava de uma democracia muito hipócrita, uma tentativa deslavada dele de parecer justo. Porque, se ele quisesse, sim, direitos equivalentes, a deixaria sair com outros homens também. Vejo a cultura "homem pode, e mulher, não" prevalecer aí.

A Samantha conta que é inacreditável, porque, na hora em que eles começam a transar, ela finge o tempo todo. Dois minutos depois do início, ela começa: "Vai, André, vai, André, eu vou gozar! Vou gozar agora! Gozei!" A Samantha já sentiu, também, que ela não gosta de mulher, mas finge que gosta, para agradar a ele. Ele controla tanto a situação, que diz até a hora em que ela e a Samantha podem começar a transar.

Minha amiga estava bem intrigada com a lavagem cerebral feita sobre a esposa e perguntou a ela o que pensava sobre isso: "Olha, quando eu me apaixonei por ele, já era assim, e, com o passar dos anos, me acostumei. O mais importante é que ele diz que nunca vai me largar por nenhuma outra mulher".

Ele diz isso a ela o tempo todo, e, assim, ela pensa que está segura, permitindo que ele faça, na sua vida e na dela, tudo o que quer. Mas é bem

como a Elisa disse: se duas pessoas continuam juntas, é porque algum ganho há. Vai ver que, para ela, a presença dele é muito mais importante do que o seu amor-próprio e sua independência de pensamento. Ah: ele prometeu, agora, para ela, um carro novo, se continuar se comportando bem. Boa esposa merece!

Terminamos a sopa. Por hoje, eu não precisava ouvir mais nada. Dei uma carona para as meninas, e encontramos um catador de papel pelo caminho. Eu e a Samantha pegamos alguns trocados e os demos a ele. Tamanha satisfação, a dele, ao ver três reais! A Sol ainda ficou viajando pelo mundo da lua. "É um agradecimento pela colheita de hoje", eu disse, explicando por que sentia a obrigação de dar alguma coisa, toda vez em que encontrava catadores de papel na madrugada. A Samantha concordou. Fui para casa. Encontrei um outro catador de papel pelo caminho. Acho que Deus está de marcação comigo.

Balneário Camboriú, 14 de janeiro de 2004.

Que loucura! Todos os dias, acontece alguma coisa louca e estranha. Eu mesma nem me reconheço. O ser humano é capaz de coisas em que nem ele acredita.

Estou eu dirigindo meu carro, depois de um programa no Motel Renoir, quando, um pouco depois da meia-noite, me liga a recepcionista do Motel Choupana, avisando haver um cliente interessado em um programa comigo e que já havia visto as minhas fotos no *book*. A ligação foi transferida para ele, e, ao conversarmos, eu estabeleci o preço de 150 reais. "Pode vir agora, desde que traga um travesti com você!"

Meu Deus!!! O que será que ele queria? Ele aproveitou para responder, antes que eu perguntasse: disse que tinha uma tara por ver uma ruiva sendo comida por um traveco. Ainda completou: "Quero um travesti loiro, de pau bem grande".

Eu não sou boba, para jogar fora a oportunidade de pôr a minha mão

naquele dinheiro. Ele não seria todo meu: 30 reais ficariam para a recepcionista do Motel. Como o cliente queria uma resposta, sobre se eu teria coragem para fazer aquilo ou não, comecei a mais primitiva das táticas: enrolar! Não dizia que sim, mas também não dizia que não. “Olha, eu nunca fiz isso, vai ser a minha primeira vez, não tenho certeza se irei conseguir. Não prometo, mas vou tentar. Até que gosto de coisas diferentes, mas vamos ver como eu me comporto psicologicamente, e blá, blá, blá.” Enfatizei novamente o fato de ser a minha primeira vez, porque sei que eles adoram o egocentrismo e a importância de ser os primeiros. Lembro-me bem da minha roupinha de enfermeira na Kity House: quantos clientes eu ganhei, só porque falei que a usaria com eles pela primeira vez.

Eu estava, agora, no final da Av. Brasil, e retornei em direção à Av. dos Estados, que é onde se encontram os travestis de Balneário Camboriú, fazendo ponto. Eu nunca fui a Copacabana. Mas é um bom exemplo da Av. dos Estados, pelo que vejo nos filmes. Aquelas superproduções, os cabelos maravilhosos e as curvas siliconadas dos travestis. Eles se preparam para o ataque, mesmo. Tem uns, ali, que são muito, mas muito mais bonitos do que eu. Cada par de silicone, as botas enormes, e um estilo Spice Girls que deixa muito homem tarado. Fui até a parte escura, perto dos Bombeiros. Eles preferem a penumbra.

Naquele dia, havia vários travestis disponíveis, só que decadentes. Muito pobres, judiados, maltrapilhos. É muita droga, e o índice de HIV é alto. Coloquei Insulfilme negro no meu carro nesses dias, tão preto que ninguém enxerga nada lá dentro. Então, eu podia passar bem devagarinho por eles e analisar melhor o tipo que seria do agrado do meu cliente.

Eu me senti mal. Parecia que eu os estava tratando como objeto. Pela primeira vez, eu me sentia no papel de cliente escolhendo o pedaço de carne. Eu passava a 30 km/h, e eles se alvoroçavam todos. Parei diante de uma loira e fui direto ao assunto: “Você tem pau grande?” Ela me respondeu, normalmente, que não, mas que eu poderia procurar a Heloísa, do outro lado da rua, na esquina próxima à loja de móveis usados. Acho que essa já devia ter visto quase tudo na vida e, portanto, não era nenhuma novidade uma

mulher minúscula, com jeitinho delicado, perguntar por algum pau grande dando sopa na avenida. Eu já conhecia a fama da Heloísa. Ela é uma das mais conhecidas do local. Fui até o ponto dela, que tinha ido fazer um *show* na Boate Castelinho, uma boate de programa.

Na vaga dela, estava a Flávia, uma morena. Era a melhor oferta da noite. O único problema é que não era loira, mas, a essas alturas, quem não tem cão, caça com gato. Perguntei se ela tinha pau grande. "Tenho!" Mandei subir, pois tinha trabalho para a gente no Motel. "Vamos atender um cliente, agora. Quanto você cobra?" O preço dela eram 50 reais. Batia com o que o cliente havia oferecido; portanto, ele devia estar a par das transações na Avenida.

A Flávia é legal. Fomos conversando pelo caminho, e ela me disse para tomar cuidado com os travestis de fora. Ela pôs 600 ml de silicone em cada peito, que me mostrou, no carro mesmo. Eu dirigia um pouco e admirava outro. Ficou perfeito, nem tinha cicatriz. Disse a ela que o cliente queria nos ver transando, e que o que faríamos era enrolar. "Podemos usar este brinquedinho aqui, ó, é bem legal." Tirou da mochila um pênis gigantesco. O detalhe é que ela não usa bolsa; tem de ser mochila, para carregar tantos acessórios. Pênis de todos os tamanhos, para todos os tipos de cliente. Olhei para a prótese e tive um chilique: "Peloa-mor-de-Deus, não vai usar isso comigo, não!" Ela ficou rindo e disse que eu não sabia o que estava perdendo.

Perguntou de que forma eu trabalhava. Falei que pelos Classificados Privê do Jornal da Hora, e que eu usava o nome de Marise. "Você é aquela ruiva da dança do ventre, e que tem também um outro anúncio, em que está beijando a boca da namorada?" Respondi que era eu mesma. Até ela já tinha ouvido falar de mim, mas fez cara de decepção. Acho que esperava um mulherão de 1,80 m, roupas esvoaçantes e curvas acentuadas, e não uma mulher estilo *mignon* e delicada. Não fiquei chateada pela decepção dela, mas, sim, orgulhosa, por meu *marketing* dar certo. Até ela já tinha visto a propaganda. Acho que criatividade e cérebro valem, em muitas ocasiões, bem mais do que beleza fatal.

Já dentro do quarto, eu percebi que a Flávia era uma das minhas. Ela me

enrolou legal, porque o pênis dela estava longe de ser grande. Mas ela também não ia perder a oportunidade de pôr a mão naquele dinheirinho e sabia que, depois que estivesse no Motel, as chances de ela não ficar eram bem pequenas. Ainda mais porque ela é enorme. Que homem vai querer criar encrenca com um travesti?

Começamos a enrolação: eu passava a mão pelo peito dela e achava o silicone o máximo; ela gemia, sem sentir nada. Dei um selinho na boca dela, e ela quase vomitou. Pus camisinha nela e comecei a fazer um oral. A Flávia não conseguia ter ereção; o negócio dela não era mulher. O babaca do cliente, só olhando. Era um cara muito esquisito, pervertido. Descobri isso na hora de tomar banho: ele tentou fazer xixi em mim, mirando no *box*, e eu comecei a correr, dentro dele, para escapar. Ainda bem que o banheiro do Choupana é grande.

Ele começou a dizer: "Vai, come ela, come ela, Flávia". A Flávia engrossou bem a voz e disse: "Não! Come ela você!"

Ele obedeceu na hora, nem pestanejou: era a metade do tamanho dela. Era eu de quatro, e a Flávia, deitada, assistindo à cena e dando uma piscadinha para mim, como quem diz: "Viu só? Conseguimos enrolar!" O cliente mal me penetrou, ficou se masturbando, e tudo acabou. Foi rápido. Tudo deve ter demorado uns 20 minutos. O bom de sair com travesti é que o cliente, depois que acaba o programa, quer se ver, o mais rápido possível, longe daquela situação, e quer que todo mundo caia fora.

Eu me senti segura com a Flávia, porque tinha certeza de que não deixaria de receber daquele maluco com ela por ali. Despedimo-nos daquele curitibano, que se apresentou com o nome de Mário, e fomos em direção à Av. dos Estados. Ela o vira tentando fazer xixi em mim e me contou de um pervertido que aparece lá no ponto dos travestis. Ele aparece sempre no início da madrugada, em um Ford Ka branco. Só abre o vidro do carro, estende um copinho plástico para o travesti, não o deixa entrar no carro e pede para ele fazer xixi ali dentro. Depois, o travesti lhe entrega o copo pelo vidro. Ele lhe estende, ao mesmo tempo, 30 reais e bebe tudo ali, na frente do travesti. Então, fecha o vidro e vai embora. Não! Não, não... Normal aqui

sou eu...

Balneário Camboriú, 17 de janeiro de 2004.

Estou preocupada, muito preocupada. Fui até a Elisa. E se eu for lésbica? Meu Deus, hoje não tive como escapar pela enrolação: não conseguimos nos desvencilhar, e eu tive de beijar a Samantha de verdade.

Quando batemos a foto para o jornal, não chegamos a nos beijar: somente encostamos os lábios, e a posição da câmera acabou criando o efeito final. Hoje, também coloquei a mão no peito dela. O cliente era o Marcelo, um sugador terrível. É muito ruim atendê-lo, porque ele quer todas as posições, não pára um minuto, só zoa e diz que quer "foder as duas". Se a gente deixar, ele passa de uma hora. Temos de ficar fingindo uns dez orgasmos cada uma. Não sei como é que ele acredita.

A Elisa acha que foi um baque momentâneo. Diz ela que não sou homossexual e que estou criando coisas na minha cabeça. Ela me mandou dar um *stop*, desacelerar, parar um pouco de produzir coisas no meu cérebro. Acha que a minha mente é fértil demais, mas que tenho de aprender a conduzi-la, e que eu estou me preocupando antecipadamente.

Explicou-me que, na adolescência, muitas vezes as sensações se confundem, porque nem tudo está bem estabelecido dentro de nós, e, às vezes, temos admiração pela nossa melhor amiga e isso faz com que passemos a gostar da pessoa, o que não significa desejo sexual, paixão ou amor. Ela também acha que esse sentimento está relacionado com a minha revolta contra os homens e, por isso, eu estou preocupada de, no futuro, vir a gostar de mulher. Mas eu não consigo mais gostar dos homens. Além de tudo, não sou mais nenhuma adolescente, e as coisas já devem estar bem estabelecidas dentro de mim. E agora? Sou ou não sou? Não sei... Eu ainda não sei nem quem eu sou. Surpreendo-me comigo mesma a cada dia que passa.

Hoje, atendi, com a Samantha, mais três clientes que procuravam o casal

de lésbicas do Jornal. Nem cheguei perto dela, por medo de gostar de beijá-la.

Ela parece a pessoa mais tranqüila do mundo nessas horas dos programas. Acho que deve estar acostumada, porque já a vi beijar outras mulheres. Perguntei à Sol se ela gostava de mulher. “Tá louca, guria? Meu negócio é pau de macho, chana não faz a minha cabeça.” Que bom: então, não necessariamente uma garota de programa que sai com outras mulheres é homossexual; muitas estão só fazendo o seu trabalho.

Atendi hoje, também, mais dois clientes pelo anúncio da Luana e um pelo anúncio da Marise. Pronto, este verão e esta idéia de casal de lésbicas é o que estava nos bastando para nos lavar de dinheiro. À noite, os hotéis têm nos chamado e, às vezes, vamos as duas quase pelo preço de uma. Não importa; o importante é que a amiga possa ganhar também. Ela faz o mesmo por mim.

Estou pensando em trocar o nome da Luana por Mari, porque já há clientes que estão descobrindo, e está ficando chato. Pelo menos, posso disfarçar e dizer que Mari é apelido de Marise, e que o preço é diferente, porque a Mari trabalha por 40 minutos, e a Marise, por uma hora.

O Paulo Pé Grande não pára de ligar. Nas últimas vezes, fui educada com ele, mas, da próxima, não sei não se serei. A tropa dos Classificados Privê do Jornal da Hora já o conhece. Ele liga para todas as meninas, sempre com o mesmo interesse: “Oi, aqui é o Paulo, eu tenho interesse em fazer programa com menina que tem pé grande. Você calça quanto?” Ele já me ligou trocentas vezes e, quando eu lembro a ele já ter conversado comigo, ele emenda: “Mas, por acaso, você não sabe de alguma?” Eu disse a ele que eu não conhecia ninguém e que procurasse um travesti. Disse isso naturalmente, porque acho que é a melhor saída que ele tem. Acho que a maior garota que há no Jornal é a Samantha, e ela já foi “atendê-lo”. Digo atender, entre aspas, porque ela foi, recebeu a metade do programa por ter ido, mas não fez nada. O pé dela não foi aprovado.

Ela calça 39, mas ele quer uma mulher que calce, no mínimo, 42. Então, ela combinou de se encontrarem no motel, colocou um tamancão número 40

que ela tem e foi lá, para ver se conseguia enrolá-lo. Assim que ela chegou, ele a mandou colocar o pé na parede. Ela disse que fez isso e que, então, ele se posicionou ao lado do pé dela, tirou o pênis para fora, comparou o seu tamanho com o do pé dela e falou: "Teu pé não é maior que meu pau. Logo, não posso fazer o programa contigo". Que justificativa e que parâmetros mais esquisitos e ridículos esse cara tem, para relações sexuais. Pés! Eu sei que tem cara que tem tara por pés, mas esse é doente. Será que ele estava tirando uma com a cara da Samantha e com a nossa? Lógico que, de lá, ela não sairia de mãos vazias. Até nem sei se ela teve ou não ataque. Nunca perguntei, e ela nunca falou.

Nessa de pés para cá e para lá, atendi um cliente que também era aficionado por pezinhos. Ainda bem que tinha feito o meu naquela tarde. Eu mesma, para economizar, faço. Cheguei ao hotel, e os meninos haviam conseguido cobrar 200 reais pelo meu programa. Fiquei bem feliz. Entrei no quarto, e o cliente era uma pessoa bem legal. Calmo, tranqüilo, avisou-me de que não queria penetração comigo, mas uma coisa um pouco diferente. Falei que ele podia me explicar e que, dependendo do que fosse, a gente fazia.

Ele me deitou. Fui deixando, para ver até onde as coisas iam. Sou muito curiosa! Ele me posicionou de costas para ele e vendou meus olhos com uma camiseta, mas de maneira a deixar folga e não apertar. Pegou um lenço e amordaçou a minha boca. Eu deixei, porque, da maneira como ele fez, eu ainda conseguiria gritar. Amarrou minhas mãos para trás, mas não de um jeito forte. Depois, flexionou minhas pernas e amarrou meus pés. Eu parecia um leitãozinho que seria assado.

Não se ouvia nada, só o silêncio do quarto e um leve arfar dele, que, ao que tudo indicava, estava se masturbando. Sim, foi isso o que ele fez: masturbou-se duas vezes no meu pé, porque eu sentia o molhadinho nos meus dedos. Eu gostei, porque já estava cansada e fiquei deitada, enquanto ele mesmo fazia o serviço. Acho que fiquei por uns 30 minutos ao todo no quarto. Depois, ele me soltou: eu estava liberada. Ele me deu os 200 reais, um beijinho no rosto e disse que, no dia em que viesse novamente, me chamaria. "Sim, por favor, não deixe de me chamar, adorei sair com você.

Se esquecer o meu nome, peça pela garota ruiva, que a recepção sabe quem é.”

Balneário Camboriú, 23 de janeiro de 2004.

Só posso agradecer a Deus pela quantidade de clientes que venho tendo. Quem também anda levando a melhor são os catadores de papel. No madrugadão, estamos lá, eu e a Sa, distribuindo reaizinhos.

Minhas crises existenciais estão bastante amenizadas. Eu praticamente não penso mais. Na verdade, nunca pensei tão pouco na vida. Eu, agora, ajo; nunca agi tanto antes.

Neste primeiro mês de verão, já ganhei quase dez mil reais. Fiz muitos, mas muitos programas desde o início da estação e a partir do nosso trabalho de *marketing*, mas transei bem poucas vezes, comparadas ao número de atendimentos. Às vezes, sinto-me muito mais uma golpista do que uma garota de programa. A Samantha pensa a mesma coisa, e nos divertimos muito, elaborando estratégias e improvisações. Meu cabelo ruivo faz parte do *marketing*, porque, no jornal, só há loiras e morenas. E continuarei com esta cor de cabelo enquanto trabalhar.

Agora, temos uma filosofia. Trabalhamos, as duas, com espírito de empresa, e os corpos são as mercadorias. Elaboramos uma filosofia de trabalho: “Ganhar o máximo do dinheiro do cliente possível, em menor tempo e com o mínimo de esforço”. Para o bom andamento da rotina, estabelecemos um acordo sobre como deve ser a nossa atuação. Primeiramente, foi meio instintivo; depois, de modo mais claro. É assim: o cliente chega, e eu o beijo, abraço, falo um monte de pornografias ao pé do ouvido dele, ou seja, trabalho com o mental e o visual. A Samantha não tem paciência e, por isso, ela fica com o lado prático do sexo, mesmo. A posição preferida por nós? De quatro, é claro. O cliente goza mais rápido, e a gente não precisa ficar fazendo caras e bocas, porque ela está de costas para ele, e eu estou grudada nas suas costas, abraçando seu tórax e falando muita putaria

ao seu ouvido. Eu descarrego tanto, e a minha imaginação é tão fértil, que acho até que estou perita em erotismo de última categoria. Falo o que a Vitória me ensinou e o que já ouvi os clientes falando que têm vontade de fazer. Só temos um probleminha: é que no quarto da Sa tem um espelho e, quando a gente vê, estamos falando muitas coisas, e a Samantha, gemendo, com cara de morta. O cliente percebe que é fingimento, porque olha pelo espelho. Já combinamos várias vezes de não virar mais para aquele lado, mas nem sempre dá certo.

A Vi inclusive me ensinou umas táticas infalíveis, que os deixa loucos de tesão: chupar-lhes os dedos dos pés, como se a gente estivesse fazendo um oral, e dar-lhes umas mordidinhas na nuca.

Acho que faço 80% dos meus programas com a Samantha. É mais rápido, menos trabalhoso, e podemos atender os telefones enquanto estamos com os clientes. Eles não gostam muito, mas tem sempre uma para ficar dando uma atençãozinha básica, enquanto a outra faz o trabalho, pelo telefone, de trazer mais alguns clientes para a toca das lobas.

É engraçado, porque, quando a gente está atendendo um, tem outro na frente do prédio, esperando, e mais um vindo. É uma correria, uma dinâmica, como se fosse um trabalho em série. Depois, a gente se mata de rir do que teve de inventar na hora, para o cara cair fora antes do tempo. Prometemos uma hora, mas, às vezes, eles não ficam nem por 30 minutos. E sempre dizemos que é uma só trepada mesmo, que nada de dar duas no mesmo programa, que duas é coisa para ser feita com a mulher deles e que o que se passa dentro daquele quarto não é casamento.

Num destes dias, fiz sete programas, e só em um houve penetração em mim. Estamos, agora, apelidando-me de Sra. Comparecimento, porque a única coisa que faço é comparecer. Nesse programa em que fui obrigada a transar, transei bem pouquinho, mesmo, porque o cara era fumante e o pênis não ficava de todo ereto. Quarentão que não se cuida, já viu, né?

Levantei as duas mãos para o Céu, agradecendo que ele não conseguisse mais, porque o pênis dele era enorme, grosso. Ai, que horror! Eu fico tão feliz quando os pênis dos meus clientes são pequenos. Passei a falar a

verdade a eles, quanto ao fato de tamanho não ser documento, e eles têm ficado felizes por isso, porque a maioria dos homens tem pau pequeno, mesmo. Digo: “Querido, não se preocupe com tamanho. Não conheço uma que diga que gosta de homem jegue. E não se preocupe com beleza, também. Homem não precisa ser bonito, mas tem que ter atitude”.

Fiz uma enquete entre as minhas amigas, as de programa e as não de programa. Perguntei: “Você gosta de pau grande?” Todas, com uma única exceção, responderam que não, porque machucava, e porque ele não permite que se façam todas as posições. A única que disse sim foi uma das minhas amigas menos experientes, que estuda Enfermagem comigo. Acho até que ela disse isso porque ouve a maioria das pessoas falar.

Os homens que nos procuram, a mim e à Samantha, vão por um motivo básico: querem ver duas mulheres transando. A minha crise existencial de opção sexual passou, graças a Deus. Tinha sido um baque momentâneo, só isso.

Montamos um teatrinho básico, para satisfazer à sua ilusão e para podermos enganá-los da melhor maneira possível, fazendo que tudo pareça perfeito. O cliente fica deitado no meio da cama, com uma de nós de cada lado. Daí, nós nos beijamos sem língua: só um selinho, para satisfazer à curiosidade do cliente. Geralmente, fico fingindo que beijo o peito dela, porque nem paciência para isso a Sa tem. Fingir que se beija o peito é assim: coloca-se a boca fechada sobre o peito e fica-se de costas para o cliente. Se ele vier mais para perto, para olhar na lateral, é só virar o rosto e deixar o cabelo cair na frente. Eu tenho um cabelo enorme. Logo, é só sacudir e pronto, estou com o rosto escondido.

A Samantha tem problemas com os nervos, o limite da sua paciência é bastante restrito. Ela é o que a gente chama de dinamite de pavio curto. Nós nos damos bem, porque sou o oposto dela, nesse sentido; então, ela acende o fogo, e eu apago. Essa característica da Samantha tem um lado positivo e um negativo. O ruim é que, muitas vezes, o atendimento fica bastante mecanizado, prático demais, e não sai o que o cliente gostaria de ver, ou seja, nós duas não pegamos fogo juntas e nem saímos rolando pelos lençóis.

O cara pagou para isso, mas, se inventar de dar um pio, a Sa já o olha atravessado. O lado bom é que ela ajuda muito, não enrola e, quando a gente vê, o trabalho já acabou e o dinheirinho está na mão. A mecanicidade é tanta que até uma rotina já está estipulada; dificilmente saímos dela. Depois do beija-beija, a primeira coisa que fazemos é colocar a camisinha e fazer um oral no cliente juntas. Cada uma faz numa parte: eu em cima, ela embaixo; eu de um lado, ela na outra metade. Enquanto uma desce a outra sobe. Então, eu dou uma de "Maria Pervertida" e peço ao cliente para comer a minha a amiga de quatro, que eu adoro ver. Eu fico atrás dele e faço comentários ao seu ouvido, enquanto ele pega a Sa. Se vejo que o cliente não vai terminar logo, vou aumentando a intensidade da perversão verbal, aumentando a imaginação e diminuindo o nível do vocabulário. Tem uma parte do teatro que nem sempre é possível fazer, mas que, dando, a gente faz. Depois que a Samantha está na posição habitual, eu começo a dizer que adoro que comam o rabo dela: "Olha só a cinturinha, esse rabo está perfeito, e eu adoro vê-la sendo enrabada. Fico tão excitada." O cliente se empolga de um jeito muito descontrolado e, quando ele acha que vai fazer anal, eu digo: "Mais cinqüentinha!" Ele já está empolgado mesmo e, muitas vezes, paga. O bom dessa tática é que, assim, não sobra tempo para eu entrar na dança, e a Samantha ganha "mais cinqüentinha".

Eu me enjôo fácil dos meus clientes; por mim, não sairia mais do que duas vezes com cada um. Sempre me perguntam se eu não fico apreensiva ao abrir a porta, curiosa para ver o que tem do outro lado. Mas que nada! Para mim, todo o cliente é igual, independentemente do peso, da idade e da cor. Não alimento por eles sentimentos de afeição. Eles é que ficam apreensivos de curiosidade de saber como somos e sobre o que haverá atrás da porta, antes de a abrirmos para eles.

Estou começando a aproveitar quase todos os programas que faço sozinha. Com a Samantha, eu não fico à vontade para gozar com o cliente. Parece que o meu treino para a imparcialidade tem me ajudado a relaxar e a tratá-los com uma certa indiferença. Eles não percebem isso, porque perco bastante tempo nas preliminares, mas, depois que tudo acaba, tenho vontade de sair

de perto. É óbvio que esses meus orgasmos não são a melhor coisa do mundo, são só orgasmos, desprovidos de sentimentos. Acho que é a mesma coisa que acontece com eles, depois que saem para uma noitada e caçam uma menina. É só uma relação, e "Tchau, querida, não temos mais nada um com o outro!"

Esqueço facilmente seus nomes; aliás, quando chego em casa e vou anotá-los no caderninho de contabilidade, acabo colocando, com freqüência, um ponto de interrogação no item "nome". Não lembro mesmo. O caderno está cheio de pontos de interrogação.

Engraçado foi com um brasileiro recém-chegado da Austrália. Não lembro o nome dele também. Tinha a minha idade. Fui atendê-lo no seu apartamento. Ele tinha chegado de viagem nesse dia e estava com saudades das brasileiras. Morava de frente para o mar. Quando ele abriu a porta, vi que era moreno. Tinha o cabelo bem preto. Meu número. Eu já tinha feito uns cinco programas naquele dia, e nenhum cliente tinha conseguido me fazer gozar: ou o cliente era muito rápido, ou não tinha ereção, ou seu pênis era muito grande. Sei lá, só sei que não deu. Tinha um que até daria, mas eu estava com tanta pressa para atender o outro que já estava me esperando no outro quarto que foi de qualquer jeito mesmo.

"É esse aí!" Pensei isso e olhei-o como a um pedaço de carne, mesmo. Ele queria conversar um pouco antes, era meio romântico, e eu só pensava em transar. Fui tirando a roupa dele na sala e arrastando-o para o quarto: nada de perder tempo. Eu me possuí daquele corpo. Ele era muito gostoso. Eu estava precisando, e ele era ótimo, em todos os sentidos. Depois que terminava, eu dava um jeito de provocá-lo ainda mais. Coitado, estava bem cansado e, na quarta vez, ele parou. Disse: "Eu não tenho mais condições. Por favor, me entenda". Realmente, ele não tinha mais condições, mas eu ainda tinha! Pedi, então, que ele fizesse um oral em mim. Ele pediu que eu fosse embora.

Nunca mais me contratou. Acho que o assustei, mas estou tendo que colocar a casa em ordem. Saí de lá inteira, e ainda fui chamada pelo Hotel Morumbi.

Ontem, bati meu recorde: 13 clientes. Comecei a atender o primeiro às seis horas da manhã e parei às duas da madrugada. Fui direto, mal comi. A maioria dos programas, a Samantha fez comigo. Caraca, foi tanto homem, que eu não consegui guardar nem a sua fisionomia. Aliás, nunca me lembro dos seus rostos e, depois de 24 horas, não consigo me lembrar direito nem de quantos atendi, nem de quem eram. A rotatividade é alta. O que me salva é anotar tudo no livro-caixa, assim que chego em casa. Este verão está uma loucura!

Balneário Camboriú, 2 de fevereiro de 2004.

Nossa, quanta coisa, neste verão! A Samantha paga um anúncio separado do meu. Bem legal, o dela. Diz: "Que tal curtir uma loira sarada?"

Um cara ligou para ela há uns dias por esse anúncio, mas ele era tão, mas tão babaca, que nem se deu o trabalho de inventar um nome. Ele dizia se chamar "Alguém". Ligava para ela todos os dias para conversar e sempre prometia que, um dia, viria. Bem, ele encheu o saco da Samantha, até que veio. Só que veio tarde, e numa hora em que ela estava atendendo outro. Teve de ir embora e ligou depois, cobrando satisfações.

Depois de muita combinação, ele resolveu aparecer novamente, e ela deixou claro que, se ele estava lá só para uma visita, que deixasse 30 reais, para conversar por cinco minutos. Se o cara entrar no apartamento dela, não sai sem abrir a carteira. Ela passa a chave.

Estamos no auge do verão, e é lógico que é um entra-e-sai de cliente no apartamento. Como já tínhamos feito três programas juntas, eu fiquei por lá, para ver se rolava mais um. Temos uma união bem forte, não só profissional, mas de amizade. A cada vez, estreitamos mais os nossos laços. Conversamos muito sobre os homens, e ela me conta de um cliente que virou seu namorado e dos problemas que ela enfrenta, por causa da profissão e pelo fato de ele ser casado. Eu falo sobre as coisas por que passei com o Fausto.

Nessa de uma sempre tentar enfiar a outra nos programas, nós ficamos as duas ali, sentadinhas, esperando o Alguém aparecer, para, então, tentarmos fazer, juntas, o programa com ele.

Nossa tática é infalível: o cliente chega, a gente o senta no sofá, e uma

apresenta a outra. Ficamos uma de cada lado, com as mãos no meio das pernas dele. As duas falam ao pé do ouvido. A Samantha pergunta, sussurrando: “Esta é minha namoradinha. Vamos fazer uma festinha a três, juntos?” Se o cara der uma enrolada para responder, ou a gente vir que ele vai dizer não, a gente se dá um selinho de boca na frente dele, sem nem esperar pela reposta. Nosso plano não falha, e, com o Alguém, não foi diferente. Ele ficou louco! Não houve nenhum que conseguisse, até agora, escapar dessa estratégia. Ele concordou. Tiramos a roupa dele e fizemos a rotina de sempre. Já tínhamos combinado de nos aproveitar da situação. A Samantha cobrava 80 reais por programa, de acordo com o seu anúncio, mas o cliente ainda não havia perguntado pelo preço das duas. Então, cobraríamos 200. Combinamos isso por sinais, no quarto, enquanto íamos nos despindo. Não perguntou antes o preço, o serviço é mais caro. Além disso, o cara era um babaca.

Mas um babaca metido a esperto, porque gozou duas vezes no mesmo preservativo. Podia ter vazado, e eu teria me ferrado. Programa concluído, nós nos sentamos na sala, para esperá-lo se arrumar e fazer o pagamento. O telefone da Sa tocou, e ela foi atender um pretendente a cliente. O Alguém veio até mim e estendeu duas notas de 50 reais. A Samantha ao telefone, e eu dizendo: “Querido, são duzentos reais”. Ele me olhou com a maior cara de vítima e disse: “Mas, se uma cobra 80, as duas são cem”. Não! Só na conta de orangotango dele, mesmo! Nem me dei ao trabalho de franzir a testa: a minha amiga faria tudo por nós duas. Apenas me virei delicadamente para ela e falei, baixinho: “Amiga, o cliente não quer pagar...”

Confesso que fiquei com pena. Ela descascou o laranjal inteiro na cabeça dele. Levantou-se bufando, quase avançou nele. Só dizia: “Olha aqui, seu VAGABUNDO, se você não der jeito de dar cria em dinheiro aí na sua carteira, eu arrebento você inteirinho, e não sei o que tu vai dizer para a tua mulher por chegar todo arranhado em casa!”

Nessas horas, a Samantha parece uma louca. É a mulher mais brava que eu já vi na minha frente! Gritou, esperneou, ofendeu, trancou a casa com a chave tetra. Fechou as janelas, para poder gritar mais alto ainda.

Ele abriu a carteira e puxou mais 60 reais, que estavam dobrados em dez pedaços lá dentro, num cantinho bem mocozado. Era o fim da picada! Ali, vimos que ele estava de sacanagem com a gente. Ele estendeu o dinheiro, e ela falou: “Por esse desaforo de você ter tentado passar a perna na gente, eu te condeno a pagar os duzentos, nem que role a tua cabeça, seu VAGABUNDO!”

Ele falou que não tinha mais dinheiro, mas que poderia pagar em cheque. Começou a revirar os bolsos atrás do talão e a insinuar que o tínhamos roubado. A coisa ficou pior ainda, porque nem eu, nem ela nunca roubamos nada de cliente nenhum. “Seu VAGABUNDO, tá insinuando o quê? Tu é um vagabundo esquecido, deve ter deixado em casa. Quer ligar para a polícia? Liga!!! Faço programa, mas sou honesta, e não uma vagabunda metida a esperta, feito tu, seu VAGABUNDO!” O cara deve ter pegado trauma da palavra “vagabundo”.

Ele ligou para a sua firma, do celular, e a secretária disse que o talão estava sobre a mesa dele. “Eu não tenho mais como pagar, mas posso voltar e trazer o dinheiro depois.”

Até a Samantha estava cansada de tanto lavá-lo, e os meus ouvidos, sensíveis, porque fiquei a escutar tudo o que ela havia dito. O Alguém tremia de nervoso. Falei a ela para abrir a porta e deixar o homem sair, que eu tinha certeza de que ele traria os outros 40 reais. “Vou, mas volto para pagar. Sou honesto. Só que entrego o dinheiro para a Marise, não quero nunca mais te ver pela frente, Samantha.”

Depois que ele saiu, eu até disse a ela que havia pegado pesado demais com ele. Ela ficou brava com a minha observação e disse: “Conheço bem esse tipo de vagabundo”. Deixei para lá e fui para casa.

Mas os dias foram se passando, e o Alguém só me ligava para dizer que tal dia levaria o dinheiro, depois me ligava e remarcava a data. Aproveitava para tentar bater papo comigo, mas eu não dava corda. A Samantha tinha gravado o número do celular dele e me perguntava se ele havia pagado. Eu dizia que não, e ela ligava para ele a cobrar. Às vezes, era no meio da madrugada. Ele desligava.

Uns diazinhos depois, ele me ligou e falou: “Vou te pagar agora. Onde você está?” Eu respondi que estava na parte norte da cidade. “Então, não vai dar, porque estou na parte sul.” Esse cara estava tirando uma onda comigo. O Alguém estava gostando de se divertir nos dando esperanças, dizendo que ia nos pagar. Tem pessoas que adoram se sentir espertas, é como se o ego aumentasse. O Alguém era um deles. Eu me senti tão otária, que só respondi: “Você é quem sabe”. Detesto homem metido a espertezas e malandragens. Não tenho sentimentos de vingança, mas é uma questão de honra não deixar barato.

Fiquei possuída, até mesmo porque houve conversas em que acreditei na ingenuidade dele. Como era capaz de teatralizar tanto? Ainda por cima, tinha me indisposto com a Samantha. Óbvio que, assim que a encontrei, começamos a traçar uma maneira de fazê-lo se arrepender de ter tentado nos passar a perna. Tínhamos somente o número do seu celular; nem sabíamos de que cidade era, nem o seu nome. Mas nós o acharíamos. Esse era, agora, o nosso objetivo, e a brincadeira dele ia sair muito cara.

Lembrei que, uma hora, ele havia comentado com o que trabalhava, mas não tinha deixado claro onde, nem qual era a firma. Abrimos o guia telefônico e fizemos uma lista de todas as firmas da cidade relacionadas àquele material que ele dizia que vendia. Fomos ligando para as empresas, uma a uma, perguntando se havia algum funcionário com aquele número de celular. Telefonamos para todas, e nada. Então, começamos a vasculhar nas cidades vizinhas. Tentamos muito e não desistimos, porque era a única chance que tínhamos. Então, numa hora, aconteceu: a secretária, do outro lado, falou: “Sim, esse telefone é do dono da empresa. Ele fica nesta loja, e a esposa dele, na outra”.

XEQUE-MATE! Ele estava ferrado. Pedimos que transferisse o telefone para a sala dele e, depois de muito esperar, ele atendeu e a Sa falou: “Olá, Alguém. Quanto tempo, não? Ainda se lembra de mim? É... Porque eu ainda não me esqueci de você!” Ela disse isso com voz de sarcasmo. Não o vimos, mas tenho certeza de que ele gelou, do outro lado da linha, e, se pensou alguma coisa, foi exatamente assim: “Filhos da puta, como conseguiram?”

A Sa emendou: “Pela tua malandragem e pelos juros, você pagará o valor integral novamente. Você tem até as duas horas da tarde para trazer os 200 reais até a minha casa. Se não vier, vou até a tua empresa e cobro tua dívida na frente dos funcionários. Tenho certeza de que eles adorarão a minha voz”. Ele falou que iria.

Uma pausa inebriante e filosófica. Dois pontos:

“*Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão*.”

A Sa desligou o telefone, e a gente só ria. Claro que o dinheiro era importante, mas o principal motivo da alegria era termos conseguido dar um nó justamente em quem havia tentado dar nó em nós. “Sa, mas olha só, ele é dono dessa empresa. Cara, ele é muito rico, 200 reais não são nada para ele.” A Sa ligou de novo. A secretária atendeu. Perguntamos o endereço da loja da esposa e, depois, pedimos que a ligação fosse passada novamente para a sala dele.

Ele devia estar num turbilhão interno de perguntas sem resposta, quando atendeu novamente o telefone, e a minha amiga continuou a conversa anterior, dizendo: “Pensando melhor, traga 400 reais. Os outros 200 serão por evitarmos ir até a loja da tua esposa. Agradeça a Deus não colocarmos teu nome no Jornal da Hora. Tu não acha que a matéria ia ficar legal, com o teu nome e o da tua empresa? Pensa bem. A manchete seria: “VAGABUNDO DÁ NÓ EM PUTAS”. Manchete típica do Jornal da região, que é uma seqüência infindável de baixarias, e o povo adora.

Ele concordou na hora e nos disse para não fazermos mais nada que, com certeza, ele estaria lá para levar o dinheiro. Desligamos rindo, almoçamos rindo, dirigimos até a casa da Samantha rindo, e só paramos na hora em que ele chegou. Casualmente, o Luís, que vende para nós os espaços nos anúncios dos Classificados Prive, estava lá. Ele havia ido à casa da Samantha para renovar nosso contrato, e foi uma coincidência. O Alguém entrou, e lá estava aquele homem, com camiseta e pasta de trabalho do Jornal da Hora. A Sa já foi aterrorizando: “Viu só, Alguém? Este moço é

jornalista do Jornal da Hora. Se você se meter a besta com a gente aqui, ele já bate a foto do flagra e você vai parar na capa. Pode pagar e se mandar". O Alguém nem respirava. Colocou calmamente o dinheiro sobre a mesa. Tínhamos parado de rir e estávamos sérias. Eu disse, com cara de morte: "Sabia que, por um tempo, acreditei na tua ingenuidade, Alguém? Agora, não acredito mais em homens".

Era verdade, o que eu dizia, e não deixava de ter um fundinho de mágoa. Mas agora eu já tinha descoberto um bálsamo para minhas mágoas contra os homens: o dinheiro. Faz algum tempo que isso acontece comigo. Tudo bem que me usem, mas que, pelo menos, me paguem. O pior é ser enganada sem lucros. Acreditar em fantasias, sem príncipes de verdade. Pelo menos, o dinheiro é real. Por isso é que a primeira coisa que faz toda mulher traída é detonar o cartão de crédito do canalha que a traiu. Toda mulher trocada pela amante tem um só objetivo: ficar com tudo e deixá-lo na miséria. O dinheiro é um bálsamo, não só para as mulheres, mas para os homens também. Porque a grande maioria dos maridos com sentimento de culpa pela traição chega em casa e abre a mão.

Num desses dias, um cliente meu me estendeu cem reais na hora de pagar e me disse: "Agora, chego em casa e dou 300 reais para a minha mulher. Para ela gastar com coisas para ela. Sinto-me bem assim". Eles também usam o dinheiro como um bálsamo para a consciência.

O Alguém trouxe uma quantia em dólares. Eram poucas notas, mas não há nenhuma tolerância da nossa parte com homens metidos a espertos. Peguei a minha calculadora, que de cabeça sou um fracasso, e disse: "Pegamos o dólar a 2,85 reais; portanto, faltam alguns centavos". Fiz cara de reprovação. Ele abriu a carteira e colocou mais dez reais sobre a mesa. "Como não temos troco, a conta fica assim mesmo. Tenho certeza de que você não vai se opor." Eu nunca me imaginei extorquindo alguém na vida, e aqui estou eu, me arrependendo até mesmo de não ter pedido mais. Esse mereceu, e como...

Foi embora sem dar um pio, e o Luiz, do Jornal da Hora, ficou encolhido num canto. Depois, falou que tinha medo da gente. Mas que sensação tão boa nos deu! Deus que me perdoe, mas quero nascer garota de programa na outra

reencarnação também. Rimos, mas rimos, mas rimos muito. Em casa, eu mesma comemorava de satisfação e ria sozinha, pelo fato de um homem não ter conseguido me passar a perna. Eu jantava alegre, lembrando-me dos detalhes e de como o tínhamos pegado. Meu telefone tocou. Era o Alguém. Disse que tinha vontade de me ver. Pediu desculpas e falou que ainda sairá comigo, sozinha, para conversarmos e ficarmos juntos. Ele disse que não estava bravo. Qual é a dele? Santo ou bandido? Aposto veementemente na segunda hipótese. Será que ele quer brincar de gato e rato, para ver quem ri por último? Pode ser que ele, no seu íntimo, não esteja se perdoando por ter levado um nó, quando achou que ele é que tinha nos passado a perna. Às vezes, a autoconfiança é um veneno que se toma contra si mesmo.

Balneário Camboriú, 15 de fevereiro de 2004.

O Sr. Bonaparte está fechando o cerco. Hoje, chegou um comunicado aqui. Estou proibida de receber visitas masculinas no condomínio. Os porteiros não deixariam passar pela portaria nenhum homem que viesse me visitar. A justificativa estava escrita em letras bem grandes e grifadas, na parte superior da carta que o síndico me mandou: “PELOS BONS COSTUMES E PELO BOM NOME DO CONDOMÍNIO”.

Fiquei perplexa. Tenho direito de receber quem eu quero na minha casa. Ninguém tem nada a ver com a minha vida. Além do mais, eu não recebo cliente em casa. Ou é nos motéis, ou na casa da Samantha. Que absurdo!

Fui falar com o dono do apartamento, a quem pago o aluguel. Ele me disse que o Sr. Bonaparte estava decidido a me tirar do prédio e que essa era uma das metas dele, agora. Avisou-me de que eu tomasse cuidado, porque por qualquer coisinha, ele me mandaria uma multa. Estou aqui há um bom tempo. Minha filha estuda na escola em frente ao prédio. Aqui, há espaço para as crianças brincarem e, também, uma piscina. Os apartamentos são minúsculos, mas têm a vantagem do lazer para as crianças. A Yumi adora o condomínio. Todas as suas amiguinhas estão aqui. Acho um absurdo ter de

me mudar por causa de preconceito.

Falei ao dono do apartamento que não gostaria de ter de procurar os meus direitos, porque acho que tudo pode ser resolvido em paz. Ele me respondeu que era melhor não mexer com advogados, porque o síndico estava atrás do meu CPF, para descobrir o nome dos meus pais e poder conversar com eles. O proprietário disse que ele tinha insistido muito para ver a cópia do contrato, mas ele tinha achado por bem não mostrar.

O Sr. Bonaparte é um homem de uns 65 anos, tradicionalíssimo, preconceituoso. Uma vez, pegou tanto no pé de um homossexual que ele acabou se mudando do condomínio. Eu mesma, antes de começar a trabalhar, já o tinha presenciado fazendo pressão sobre duas garotas de programa da Av. dos Estados, que moravam aqui, para que saíssem. Elas também haviam sido proibidas de receber visitas e de usar a parte social do condomínio, incluindo a piscina.

Uma pequena pausa para a ironia humana. Dois pontinhos:

"Os opressores são, em sua maior parte, aqueles que não querem ser oprimidos."

Napoleão Bonaparte

Eu não tenho o que fazer. Vou esperar o tempo passar, para ver se ele esfria. Além do mais, eu não recebo visitas masculinas absolutamente nunca. Só as minhas amigas me visitam, mas ele não seria louco de impedir até a entrada delas.

Eu e a Samantha já acordamos com os telefones a mil. Eu controlo três celulares, e ela, dois, cada um com uma característica diferente e o mesmo objetivo: tentar enfiar a amiga dentro do esquema.

Levantei-me com o meu celular tocando. Era um cliente, que precisava fazer um esquema rápido para voltar ao serviço. Indiquei o apartamento dela e fui me arrumar. Quando ele chegou, ela me ligou e, então, fui para a sua casa. Assim que terminamos, o Motel Renoir comunicou a chegada de três clientes para nós duas. Eles estavam no mesmo quarto. Isso significava

surubão e dinheiro no bolso. Estipulamos mais ordem na casa ainda: com a mão esquerda, o cliente toca em mim; com a direita, na Samantha. Senão, fica uma bagunça de floras vaginais que trará problemas no futuro. Eles estranham, porque parecemos frias e automáticas assim que colocamos o dinheiro na nossa mão. Pedimos o dinheiro antecipado e, depois, ditamos as regras. Se falarmos delas antes, não sai negócio.

Entrei em acordo com o Motel Renoir e com o Motel Privatte. Eles vão autorizar o pagamento do programa no cartão de crédito. Acho que o movimento vai aumentar mais ainda, se o cliente puder pagar em vezes ou em 30 dias. Muitas vezes, eles estão sem dinheiro, no meio da noite, e, mesmo assim, poderão me contratar. Cheque, às vezes, dá problema. Também recebo comissão sobre o quarto do Motel Renoir que uso: 20% de toda a conta do cliente. Sempre peço suco, chocolate, fico trocando de camisinha, peço mais gel lubrificante, e lá vai mais chocolate. No final do mês, o que ganho com essa comissão dá para pagar um dos anúncios. O Motel me repassa o dinheiro do cartão de crédito na hora e espera os 30 dias para receber.

No início do verão, estavam três clientes no Hotel Mar do Atlântico. Entre eles, havia um que dizia ser sobrinho do Paulo Maluf, político de São Paulo. Ele gastou tudo o que podia no Hotel, com litros e litros de uísque, e estava sendo tratado como rei. Mandou nos contratar. A recepção avisou que tinham bastante dinheiro: "Podem enfiar a faca e, depois, deixem uma comissão gordinha para a gente também". Cobramos 1.700 reais para eu, a Sol e a Samantha passarmos a tarde com eles no barco. Eles alugaram um iate, e fomos até um bar flutuante, no mar. Ficamos lá como rainhas, tomando champanhe. Não me lembro de ter sido tão bem tratada assim antes. Eu fiquei com o tal "sobrinho do Maluf", no estilo namoradinha de aluguel, sem sexo. Verdadeira *escort girl*. Eu me sentia, literalmente, uma acompanhante. A única que "fritou na banha" foi a azarada da Sol. O cliente dela não perdoou e a levou para o quarto do barco.

Foi legal. Não posso dizer que não nos divertimos: rimos um monte. Eles pediram coisa demais, naquele bar flutuante. Era tanto camarão que eu nem

conseguia mais ver o bicho. Até o piloto do barco levou uma bandeja para casa. Era esbanjamento demais. Bem, voltaram o nosso cheque, o cheque do aluguel do barco, o do Hotel, o do bar flutuante e o do aluguel do carro. Ficamos muito bravas. Era um dinheiro considerável.

A Sol estava, num dia desses, vendo TV em casa e me telefonou, dizendo: "Corre, liga no Linha Direta, louca, e vê só o que está passando". Era a foto do cara que havia ficado com a Sol: procurado como estelionatário, por aplicar golpes em hotéis. A bandidagem adora as garotas de programa. Geralmente, eles nos tratam muito bem. E fomos bem tratadas mesmo, como rainhas. Costumam pagar mais do que pedimos, mas esse caso foi uma exceção. Eu fiquei chateada, mesmo assim. E o "sobrinho do Maluf"? Por onde estaria?

Nesse dia, atendemos mais alguns clientes. Atendo uma média de cinco a oito clientes por dia, por valores que vão de 65 a 200 reais. O preço varia conforme a cara do cliente e o anúncio pelo qual ele ligou.

Meu cabelo está caindo. Tenho um cabelo quase até a cintura, e todos os dias encontro muitos fios pela casa. Daqui a pouco, mal terá sobrado metade deles. Fui à dermatologista, e a Dra. Jaqueline me disse que isso era conseqüência de estresse, excesso de adrenalina e exaustão física. Receitou-me vitaminas e um líquido para passar no couro cabeludo. Há muito desgaste físico, porque nunca desligamos os celulares. Eles tocam a madrugada inteira, com os clientes pedindo informação. Não durmo de modo contínuo. Os números com código DDD de muito longe geralmente não são de turistas, mas de telefones clonados que os presidiários usam, dentro das cadeias, para se comunicarem com os que estão aqui fora. Nada contra os presos, mas tudo contra o fato de eles ficarem alugando o meu tempo, se não vão fazer nada. No meio da noite, eles não têm nada para fazer. Então, resolvem dar um alozinho.

Fiquei sabendo que, lá, eles adoram a mim e à Samantha, e ficam comentando que, quando saírem, a primeira coisa que vão fazer é nos visitar. Descobrimos isso porque eu e a Sa atendemos um recém-liberto e ele nos contou. O Jornal da Hora circula gratuitamente pelo presídio, e eles ficam lá,

com as folhinhas na mão, olhando o nosso anúncio. Nós nos sentimos até meio Ritas Cadillac. Esse cliente, que tinha acabado de sair da cana, fez o programa e ligou lá para a prisão, na nossa frente, dizendo: "Pode vir, cara, elas são demais. Tem uma que é ruiva em cima e embaixo, nunca vi um troço desses. A outra é dourada, frente e verso". É que eu resolvi pintar embaixo também, para ficar com mais cara de ruiva original. Tem um dos presos que é tão carente que liga e diz: "Você pode conversar agora um pouquinho comigo? Só um pouquinho, vai". Mas nós temos tantos afazeres, e a vida é tão corrida, que não dá, não. Além do mais, se eu conversar com um deles, o meu telefone não vai mais parar, de tanto bebê carente preso querendo conversar...

Quem gosta da gente também são os pastores das igrejas. Eles saem dos cultos, de gravatinha e tudo, e vêm nos ver. Dizem que é para tirar o estresse da reunião e dos fiéis. Eles vêm de uma das cidades vizinhas, para não levantarem suspeitas. Padre, bispo, pastor, ou seja lá qual for a denominação do líder religioso, antes de qualquer coisa, é gente, ser humano; tem desejos também. Não os critico por procurarem uma salvação para o seu tesão, mas acho que é hipocrisia, esse negócio de fingirem que são de carne diferente e que já se encontram em um estágio espiritual mais avançado.

Hoje vieram dois deles. Peguei um pela gravata, e a Samantha pegou o outro pelo colarinho. Nós os jogamos na cama e mandamos ver. Ela ainda tirava sarro deles e dizia: "Queria tua igreja aqui, vendo vocês agora, com duas putas em cima da cama, seus vagabundos".

Balneário Camboriú, 22 de fevereiro de 2004.

Final do verão. Estamos satisfeitas. Rezei para a estação chegar e rezo, agora, para que termine o mais rápido possível. Nesses dois meses, ganhei mais de 20 mil reais. Guardei real por real e gastei o mínimo possível.

A Sa está muito feliz. Ela tinha intenção de dar uma parte como entrada na compra de uma moto, mas o dinheiro foi tão bom que eu e ela fomos até a Loja Via Porto, e ela comprou um carro do Alcione e do Alexandre: pagou, à vista, um Celta novinho. Ela ainda não tem carteira, mas já entrou na auto-escola. Eu trouxe o carro até a sua casa, por causa da *blitz*. Ela o colocou

embaixo da janela do seu quarto. Disse que não tinha conseguido dormir à noite: ia lá, abria a cortina e, depois, corria para cama, pensando: "É verdade, é verdade, não estou sonhando mesmo". De manhã, foi olhar pela janela novamente, para ter certeza.

Eu cheguei lá e a encontrei lavando o carro. "Mas, Samantha, ele saiu da loja ontem, está polido, não precisa lavar." "Meu vizinho disse que sol estraga a pintura e que lavar com cera ajuda a proteger." Olhei para o lado, e ela já tinha feito o enxoval dos produtos para o automóvel: brilho disto, cheirinho daquilo, não-sei-quê para passar no pneu. Bem que a vi, uma hora, chamar o carro de "meu bebê".

À tarde, a cena foi única e emocionante. Nunca vou esquecer. Quase chorei. A Sa inventou de dar uma voltinha com o carro, mesmo sem carteira, para treinar. No mês que vem, já liberam o documento dela. Eu estava guiando o meu carro na frente e prestando atenção em como ela se portava no trânsito, atrás de mim.

Ela me ultrapassou! Me ultrapassou! Buzinou duas vezes bem rapidinho, ficou rindo e deu tchauzinho. Eu me emociono em lembrar porque, para mim, isso significava a conquista do ser humano, a bonificação, depois de tantos esforços.

Antes, eu sempre passava por ela, e ela estava a pé ou de bicicleta. Ia ao mercado e voltava com o guidão cheio de compras, de uns 20 kg, às vezes. Os meninos do caixa perguntavam a ela: "Quer que leve até o carro, moça?" Ela dizia que estava de bicicleta, e eles iam até a porta do mercado, para ver se ela ia mesmo conseguir levar toda a comida.

Hoje, ela foi ao supermercado, fez as compras do mês, pagou e ficou esperando a hora de eles se oferecerem para levar as compras. Ela queria dizer: "Leva, querido, até o meu carro", e até separou um real para a gorjeta. Mas ninguém perguntou nada sobre como ela levaria as compras. Ela ficou decepcionada, porque nem estava precisando fazer mercado, mas queria ter a emoção de dizer: "Leva ao meu carro".

A Samantha é uma ótima pessoa, mas você tem de conviver um pouco com ela para perceber isso. Ela é aquilo que chamamos de mulher-bomba.

Explosiva, nervosa, impulsiva e brava. Mas tem tantas qualidades, e elas são tão magníficas, que superam qualquer uma dessas características dela. Dificilmente, quem a conhece se separa dela. Eu mesma já a deixei gritar uma vez comigo, por pouca coisa, porque achei que ser amiga dela era muito mais valioso, e que os gritos não eram nada, comparados ao tamanho da nossa amizade. Sabemos que sempre podemos contar uma com a outra. Eu tenho certeza de que ela não me deixará na mão nunca, e ela pensa o mesmo.

A Samantha é uma ótima amiga: generosa, justa, batalhadora, autêntica, altruísta, esforçada, inteligente – e macumbeira. Isso mesmo: minha amiga é chegada a oferendas e pais-de-santo. Coloca cartas ciganas, oferece rosas vermelhas e champanhe para a cigana espanhola que ela diz que a acompanha, acende velas de sete dias para fazer pedidos especiais e leva pratos de canjica para Iemanjá, no mar.

Das primeiras vezes em que a vi fazendo essas coisas, fiquei horrorizada. Ela sempre lia tarô para as meninas que iam lá, mas eu nunca pedia que ela o fizesse para mim. Eu não acredito em destino. Acredito em livre-arbítrio e, de vez em quando, em uma ajudinha do astral.

Penso que Deus existe, que há muitas coisas inexplicáveis sobre a face da terra e que tudo é possível. Não sigo nenhuma religião, mas tenho um lado espiritual próprio. Um pouco mais apagado, agora que vivo numa mecanicidade material, atrás de mais dinheiro. A Samantha é uma contradição, nesse ponto. Ela acredita em Deus, tem uma fé fervorosa na macumba. É uma das mulheres mais dinheiristas que conheço, mas, ao mesmo tempo, é dotada de muito humanismo. Nada de ver criança passando fome: ela já dá um jeito de arranjar um prato de comida. Continua a ajudar a Dona Selva e a netinha dela. Às vezes, penso que as despesas dela são tão pesadas quanto as minhas. A Sa é econômica pra caramba. Aprendi a controlar o meu dinheiro com ela, porque, vendo-a fazer, eu fazia igual.

Acho que o nervosismo excessivo dela e as explosões temperamentais vêm da infância, da sua vida em família. Ela não se dá com a mãe e ama o pai de paixão. Uma cartomante, um dia, disse que o problema vem de vidas passadas. Acho que tudo é possível. Eu não me considero espírita, mas não

descarto a possibilidade da existência de reencarnações e de vida em outros planetas.

A Samantha tem um problema em uma das pernas, que ficou alguns centímetros mais curta do que a outra, após um acidente de carro na infância. A mãe dela vendeu a indenização ao responsável pelo acidente, um médico rico, que a fez assinar um termo de isenção de responsabilidade por poucos trocados. A perna da minha amiga devia ter sido consertada na época. Agora, é mais complicado e bem mais caro. Um pedaço do osso da bacia tem de ser cerrado e, depois, implantado no local, seguido de uns ferros, para fazer a tração. Isso implica, no mínimo, seis meses sem trabalhar, e a cirurgia custa uns 20 mil reais. O SUS não cobre esse tipo de serviço. Ô, serviço de saúde mais precário, esse do Brasil!

Mas ela é uma mulher tão forte que não se deixa esmorecer com esse problema. Para mim, não faz a menor diferença, e continuo a achá-la uma ótima amiga e uma mulher bonita. Como ela usa sapatos com solados de tamanhos diferentes, eu demorei a perceber.

Bem, fazendo o meu fechamento de contabilidade do verão, fiquei a pensar sobre o que faria com o meu lucro e em como o transformaria em mais dinheiro. Vejo que grandes empresas fazem reformas, mudanças na estética da casa, e resolvi seguir a regra. Já marquei médico e, em uma deitada só na maca, vou deixar este corpo melhor, com silicone, lipoaspiração e uma plástica no meu nariz.

Eu precisava de um outro carro, porque o meu precisa de reparos urgentes, mas uma reforma geral nele quebra o galho. O dinheiro é suficiente para eu me manter, enquanto me recupero. Vou investir em *marketing*, anunciando "corpo novo". Os antigos clientes vão voltar.

Balneário Camboriú, 5 de março de 2004.

A cirurgia já está marcada para a semana que vem. Tive de cortar o meu cabelo pelo ombro. Está caindo demais, e as vitaminas não têm me ajudado muito. Preciso que ele fique mais forte. Comprei um aplique removível de cabelo, para que os clientes não sintam um choque muito grande, e aproveitei para tingir tudo de um vermelho bem vivo. Cor de cereja, em tons de

vermelho especiais. As meninas disseram que ficou chocante, mas muito legal. Só não me sinto bem sem o aplique; eu me acostumei a ter cabelão.

Virgem Santa! A macumbeira da Samantha me levou a uma cartomante e mãe-de-santo. Ela tanto me falou, que acabei indo. Ela me acompanhou e, como a Denise estava aqui em casa, arrastei-a também. Fomos as três visitar Mãe Cassandra.

A Sa entrou primeiro, e eu e a De ficamos a conversar, num sofazinho, sobre as nossas vidas. Eu a conheço da faculdade, ela não faz programa. É uma menina humilde, que está sofrendo por amor. Esses idiotas dos homens. O noivo dela, depois de montar casa e tudo o mais, a poucos dias do casamento, largou-a para ficar com outra. Levou a garota e a filha da garota para dentro da casa que eles tinham montado juntos. Ela está sofrendo demais.

Ele formou-se em Medicina, e ela estava terminando Enfermagem, para trabalharem juntos. Tinham muitos planos e quatro anos de relacionamento. Minha revolta com os homens vem à tona, toda vez que ouço uma amiga contando o seu sofrimento ou, então, sei de algum golpe que eles aplicaram em outra mulher.

A Sa saiu da sala com a cara muito feliz. A cartomante disse que ela ia comprar um apartamento em breve. Agora, era a minha vez. Eu disse: “De, entra comigo. Você sabe tudo da minha vida, mesmo, e eu não estou acostumada com essas coisas”. Ela entrou, porque também estava ansiosa.

A cartomante perguntou sobre o que eu queria saber. “Dinheiro!” Ela mostrou-se levemente espantada e me disse que a maioria das mulheres ia lá em busca de respostas para o amor. “Olha, desse mal eu não sofro mais”. Ela partiu as cartas, abriu a primeira e disse: “Você é que pensa! Prepare-se, porque você vai se apaixonar, e não vai ser pouco, não!”

Não gostei do que ouvi e disse a ela que queria saber apenas de negócios: “Eu não acredito no amor!”

Ela cortou, abriu, rezou, cortou de novo, abriu, espalhou, amontoou, e o resumo de tudo era: “no futuro, você será muito rica”. Disse mais meia dúzia de coisas que eu já sabia e até achei que poderiam ser ditas a qualquer

pessoa, mas vai lá saber, né? Falou que eu ia trocar de carro e que não ia demorar muito.

Agora, era a vez da De. Ela começou a chorar. Dizia que amava o noivo, que o perdoava, que queria saber o que tinha acontecido. A cartomante cortava, abria e fazia os mesmos rituais do que comigo. A conclusão foi: "Macumba, minha filha. Aquela mulher usou magia negra para tirá-lo de você. Ela é uma mulher muito má, e você tem de se proteger, porque o que ela te fez, enterrou no cemitério, e vai te atrapalhar para sempre".

A minha amiga se agarrou a mim e ficou desesperada. Chorava e dizia que odiava aquela ladra de homem. "Calma, De, vai que foi melhor." Teria sido melhor é se eu tivesse mantido a minha boca fechada. Ela avançou em mim, segurou nos meus braços e me sacudia: "É porque não foi você que perdeu o noivo na feitiçaria e na macumbada para o resto da vida". Fiquei aflita com a aflição dela. Era muito sofrimento para a minha amiga. Mãe Cassandra chamou a nossa atenção e disse: "Eu tenho a saída para todos os seus problemas. Vamos fazer uma oferenda aos santos, na beira da praia. Eles trazem o amor de volta e ainda ajudam nas questões de dinheiro. Posso baratear o custo para vocês, fazer duas oferendas em uma, por 600 reais, e ainda parcelar no cheque".

Não sei o que me deu, se era o desespero da minha amiga, ou se a expressão "ajuda no dinheiro" virou a minha cabeça. Saí de lá deixando as folhinhas pré-datadas e com vontade de matar a Samantha. Ela estava no seu carro, esperando por nós.

"Como foi?" A De contou o que tinha acontecido. Eu nem falava, já estava arrependidíssima, e só não ia desfazer o negócio porque sou de uma palavra só e porque a De estava nessa também. "Não posso acreditar: a cética da Marise enfiada no macumbão." A Samantha dava risada. Por que é que toda garota de programa tem de viver enfiada em macumba?

O trabalho ficou marcado para daqui a três dias.

Balneário Camboriú, 22 de março de 2004.

Fiquei sem escrever por alguns dias, estava toda enfaixada. Estou me recuperando da cirurgia. O silicone ficou maravilhoso, mas confesso que o

nariz, o médico fez que nem a cara dele. Está ruim. Tinha de ter deixado bem melhor. As meninas dizem que eu sou perfeccionista e que está bom assim. Mas, se eu paguei para ter nariz de Barbie, por que é que vou me contentar com o nariz da Moranguinho? Ainda não dá para avaliar a lipoaspiração, mas dá para ter uma noção. Ficou bom, mas só depois que desinchar tudo é que veremos.

Já voltei à ativa. Não agüento muito tempo sem fazer programa. A Sa me enfia em todos os esquemas possíveis. Ela me liga, e lá vou eu, a passos de tartaruga, fazer o trabalho com ela. Nem o cliente acredita. Eu chego, me sento e começo a tirar a cinta da lipo. Ela é enorme, e vai do seio até a perna. Nada sensual. Então, tiro o sutiã de sustentação do silicone, e o que ele vê é uma montoeira de esparadrapos. Arrasto-me até a cama, deito-me de frente e ali permaneço, imóvel. Acho que até ele fica a pensar sobre o que fará comigo. Não me manda embora, acho, porque fica com pena de mim, depois de todo o esforço que fiz para chegar até ali.

Minha atividade, nesses casos, resume-se a ficar falando sobre tudo o que eu e a minha amiga fazemos à noite uma com a outra. A Sa é que faz o trabalho, mesmo. Nós não estamos nem aí se ele nunca mais voltará, o mais importante é a amiga.

Eu e a De fizemos o tal do macumbão na beira da praia. Foi engraçado. Eu nunca tinha visto nada daquilo. A Mãe Cassandra deve ter preparado uns dez pratos de um monte de coisas: canjica, quindim, pente, espelho e batom. Tinha prato de flores, um monte de garrafas de bebidas, champanhe, uma cidra que ela estourou. Uma garrafa de cachaça, que ela quebrou. Uma vela, que ela acendeu, e um santo, que chamou.

Fomos a uma praia sossegada, nos arredores de Balneário Camboriú. Era noite, próximo das nove horas. Tinha frutas por todo lado. Ela dizia que era um axé geral. Até eu pensei que não podia ser verdade, eu estar ali. Ela recitava mil coisas, chamava um monte de gente em línguas desconhecidas. Fora as velas acesas. A minha amiga chorava e rezava. Eu olhava para trás, e lá estava a De, sentada na areia, em orações.

Mãe Cassandra virou-se para ela e disse: “Cava um buraco, minha filha,

bem na tua frente. É onde vou colocar as tuas velas, com o teu pedido". A De disse sim com a cabeça e se pôs a cavar. Mãe Cassandra se aproximou de mim, e eu, morrendo de medo de que, naquele momento, começasse uma espécie de incorporação. Essas coisas me assustam. O que eu faria, se só eu, de nós duas, ficasse consciente, e ela entrasse em transe? A De estava longe e entretida demais, cavando o buraco. Então, Mãe Cassandra disse: "Agora, neste momento, faz o teu pedido mais precioso. Pede para a Mãe aqui o que tu quer ganhar, que eu vou te ajudar". Nessa hora, ela parecia ter incorporado, porque chacoalhou-se e tremeu toda, antes de falar comigo. Também deu uma respirada profunda, e a voz tinha mudado. Pois bem, eu não sabia o que queria. Tinha sido levada pela situação e estava lá mais porque tudo já havia sido combinado, nem tinha parado para pensar qual era o meu pedido prioritário. O amor? Não, eu não gastaria uma chance de pedido com o amor. Então eu quero... Eu quero... Eu quero... Já sei: "Eu quero um apartamento!"

Sim, um apartamento era um belo pedido. Mas eu não queria um apartamento, queria um lindo apartamento. Um apartamento de verdade. Eu nunca tinha tido casa fixa. Vivia mudando de lugar, até dentro do mesmo prédio. Então, achei que aquele era um bom pedido. Um apartamento para mim e para a minha filha! Devem ter se passado uns 15 minutos, enquanto ela proferia as palavras e chamava todos os santos que acreditava serem úteis.

Quando me virei, não me contive de susto. A Denise, na sua fé fervorosa e na esperança de ter de volta o seu amor, tinha cavado um buraco com as próprias mãos em que cabia quase a metade do corpo dela, em pé. Só víamos a sua cinturinha, porque o resto estava dentro do buraco, cavando mais. Corri para ela e disse: "Chega, o que você está fazendo?" Ela nem havia se tocado do quão profundo era o buraco, estava cega pelo seu pedido. Mãe Cassandra se aproximou: "Filha, você está desesperada mesmo!"

Ela fez o mesmo ritual com a Denise. Eu fiquei a ver toda aquela cena, com tudo ali, espalhado pela beira da praia. No outro dia, algum mendigo se fartaria com tanta comida. Tinha até bife cru.

Fomos embora. Mãe Cassandra disse que os santos tinham recebido bem a

oferenda e que o prazo máximo para conseguirmos o que queríamos era de um ano. Agora, é preciso esperar. Ainda parou numa esquina e mandou-me descer. “Sabe o que é isso, filha?” Eu não estava levando nada a sério. “Uma esquina, Mãe Cassandra.” Ela fez cara de “Sua engraçadinha” e disse que ali era mais do que uma esquina, ali era o lugar onde havia entidades que gostavam de mim e que elas seriam as que mais me ajudariam. Eu, na hora, pensei que ela era louca. “Filha, junto contigo irão andar outras mulheres da vida. Você não as vê, mas estão todas aqui, nesta encruzilhada em forma de T. Elas vão te trazer mais homens do que você já tem. Você vai ganhar muito dinheiro com elas. Agora, elas andarão sempre contigo.” Mãe Cassandra largou ali umas rosas vermelhas, alguns cigarros, e abriu mais um champanhe. Eu passei mal; senti um mal-estar. Aquilo tinha deixado de ser diferente e hilário e passado a ser gótico e esquisito. Fiquei a pensar em mim seguida por espíritos e disse que queria ir embora. Entrei no carro e, assim que cheguei em casa, fiquei a pensar sobre onde é que eu tinha me enfiado.

Balneário Camboriú, 4 de abril de 2004.

Tenho trabalhado muito. Meus telefones não param de tocar e faço muitos programas todos os dias. Alguns clientes voltam, outros vêm por indicação, e as propagandas surtem efeito. Como agora tenho cabelos curtos e coloco aplique, resolvi fazer surgir uma nova personagem, a Ana. O anúncio mostra uma mulher de costas, com o cabelo curto e vestindo cinta-liga e espartilho. Em letras bem grandes, lê-se: “C/ ACESSÓRIOS ESPECIAIS!” Levo, para cima e para baixo, quatro celulares com números diferentes, um para cada tipo de anúncio: Ana, Mari, Marise e Marise & Samantha.

Essa nova personagem praticamente não transa: ela é direcionada aos homens que gostam que se coloquem acessórios neles. Eu empinei a minha bunda na foto, para ficar maior, e ela, por isso, provoca, mas é neles que eu executo o serviço. Quando o motel me liga e diz que o cliente chegou e mandou chamar a Ana, a primeira coisa que faço é tirar o aplique do cabelo e passar a mão na minha Maleta Félix, quase uma cartola de mágico. Sai cada coisa inacreditável lá de dentro! Algemas, vibradores, correntes,

chicotes, etc. Eu a chamo de Maleta Félix em homenagem ao desenho do Gato Félix: ele abria a sua maleta preta e saíam de lá 1001 utilidades. Chego ao motel de cabelos curtos, e o cliente nunca irá desconfiar de que eu sou a Marise e a Mari também.

O pior foi que, nesses dias, um cliente meu, o Thiagão, veio procurar pela Ana. Ele me conhecia do anúncio da Marise, já tinha me pegado no flagra no dia em que me contratou como Mari e, agora, estava ali, descobrindo que eu era a Ana também. Ele só ria, e eu também. A Ana cobra 80 reais, como a Mari, e, pelo menos, ele estava saindo no lucro. Mas, se ele estava procurando pela Ana, é porque o interesse não era somente o de variar de mulher, mas de inverter os papéis também. Fiz o que devia ser feito: pus um vibrador enorme dentro dele e ganhei um sorrisão seu, no final.

Brabo foi num desses dias: depois de o cliente me pagar 120 reais e mais 30 de táxi (eu escondi o carro), descobriu que eu sou a Mari também. Ele saiu com a Marise em um dia e com a Mari na semana seguinte. Quando entrei no quarto, ele disse: "Poxa, tá valendo menos agora? Por quê?" Eu não tinha remendo: comecei a rir. Ele disse que iria ao Procon. Pelo menos, levou na esportiva.

Agora, dei para querer fazer anal em todos os meus clientes. Eu neles, é claro. Se nunca fizeram, digo-lhes que é uma boa oportunidade para experimentar: eu sou garota de programa, aceito tudo e não vou contar para ninguém. "Confia em mim, você vai gostar." Se não é a primeira vez, aí é que ele faz mesmo, porque a grande maioria que experimenta, gosta. Fiz uma descoberta sobre um diferencial na anatomia do homem e da mulher. Na região anal, eles têm um maior número de enervações, e há um nervo que percorre todo o comprimento do pênis, seguindo em direção ao períneo. É por isso que eles sentem mais prazer naquela região.

Estou percebendo que homossexualismo é um conceito que vai muito além do que "o homem dar o rabo", pois ele pode sentir prazer com isso, receber sexo anal e não ser homossexual. Eu digo que um homem é homossexual a partir do momento em que ele sente atração por outro homem e fica excitado só com a presença física masculina. Portanto, eu "comer" um cliente meu não

implica dizer que o mesmo seja veado.

O mesmo serve para mim. Eu saio com casais e, agora, transo com as mulheres, mas não me sinto homossexual, apenas tive contato com elas. Foi um contato profissional, mas não deixei de fazer o serviço. Não me considero homossexual, porque não sinto atração física por elas.

As meninas pegam no meu pé, dizendo que estou contribuindo para o aumento do homossexualismo em Balneário. “Essa não é a minha intenção, só estou tentando economizar energia. Lembram-se da nossa filosofia de trabalho? Mais dinheiro, em menos tempo e com o mínimo de esforço? Só estou seguindo a receita do lucro.”

Se bem que, num desses dias, deu um trabalhão atender um cliente que havia contratado a Mari. A Samantha não podia ir, e chamei a Sol para fazer o trabalho comigo, pois ele queria duas mulheres. Como eu já sabia da sua pretensão, fui pegando o vibrador e me posicionando atrás dele, enquanto ele fazia um oral na Sol. Ela lá, bem quietinha, olhando para o teto. Peguei o meu maior vibrador e o coloquei nele. Entrou muito fácil. Tá certo que ele era um cliente enorme, com quase dois metros, mas a folga era muito grande. Peguei, então, um segundo vibrador e arrisquei colocar nele os dois juntos, para ver qual era a dele.

Ele deixou, e eu me apavorei. Liguei os dois vibradores, mas parecia que eles não faziam nem cosquinha nele. Fiquei ali, segurando e sentindo que toda aquela vibração era em vão. Abri a Maleta Félix, atrás de mais alguma coisa, e vi meu chicote de sadismo. Ele é mais um fetiche, mas tem cliente que gosta. Passei a dar umas surrinhas no cliente, nada muito forte. Ele quis começar a comer a Sol. Antes, virou-se para mim e disse: “Vai ali, na cadeira, e pega o brinquedinho que eu trouxe de casa para mim”. Fui até o cantinho, que estava escuro, e apalpei o embrulho: era uma coisa enorme. Puxei-a em direção à luz que vinha do banheiro, porque o quarto estava na penumbra, e vi um maxivibrador. Era tão grande, que eu nem sabia o que dizer. Levei-o até a cama e mostrei-o à Sol. Ela ficou de olho arregalado. Para disfarçar, eu disse: “Que legal...”

Juro que o comprimento do “acessório” era o de três latas de cerveja, uma

em cima da outra, pois o eu medi com as latas de refrigerante que havia no quarto, e que a espessura dava uma garrafa de vidro de cachaça. Uma coisa absurda. Ainda por cima, era preto e tinha uma cinta, para que o penetrador o usasse durante a relação.

Não tive coragem de vestir a cinta. Quem mais teria usado aquilo? Segurei aquele pau imenso com uma toalha. Comecei a penetrar o homem, porque o vi se empinar todo, melhorando a posição, como se o rabo dele dissesse: "Venhaaaa..."

Fiz, e doeu em mim. Eu tinha agora um pouco de dificuldade e encontrava certa resistência, por causa do tamanho. Ele não gemia e não chorava. Tentava comer a Sol a todo custo. Que situação! Numa hora, consegui colocar tudo lá e fiquei a segurar, com uma das mãos, a base do instrumento, envolta em uma toalha. Como a outra mão ficou livre, passei a chicotear o cliente. A Sol se escondia, embaixo de todo aquele enorme corpo, e, numa hora, errei e acertei nela: "Cuidado, louca! Não se esquece de que eu também estou aqui".

Geralmente, quando acontecem essas coisas mais hilárias, nós acabamos rindo um pouco, mas essa situação era diferente. Nenhuma de nós achou graça, de tão espantadas que estávamos. Depois que ele terminou, saiu e foi ao banheiro. Ficou um tempão por lá. Só gritamos: "Podemos pegar chocolate?" Ele disse que sim, e cada uma pegou um. Deitamos sobre a cama, e nem falávamos uma com a outra. A Sol se levantou e foi olhar de perto o pau preto. Fez uma careta, de "morro e não vejo tudo".

Ela também resolveu comprar um carro, no final do verão. Cansou-se de andar a pé e de mototáxi. O seu "Véinho" já tinha depositado um bom dinheiro na sua conta, para que ela tivesse um. Fomos à Via Porto e, como ela não sabe dirigir, eu trouxe o carro dela também. O Alcione está vendendo para todas nós. Também já indicamos outra amiga, mais uma que quer ficar motorizada. O legal da nossa turma é que uma faz, e as outras se incentivam a fazer também.

Eu atendo muitos virgens, mas um ganhou o troféu pela idade. Ele tinha 13 anos e faria 14 na semana seguinte. O pai dele me ligou: "Já fui teu cliente.

Gostei do serviço, porque você me pareceu paciente e carinhosa. Meu filho está subindo pelas paredes e pediu, como presente de aniversário, uma garota para lhe tirar a virgindade. No ano passado, ele já queria isso, mas achei que ainda não era tempo. Não estou mais conseguindo segurá-lo".

Combinei tudo com o homem e conversei previamente com o motel. Eles teriam de ficar de sobreaviso, para o caso de aparecer polícia. O menino sairia pelos fundos, no caso de alguma coisa acontecer. O motel aceitou.

Quando me ligaram, disseram apenas: "Dime". Eu já sabia que era um menor e fui até lá. Cheguei, e o pai, o primo e o irmão mais velho estavam esperando no carro. Cumprimentei, recebi e disse que eles podiam ir, se quisessem, que depois eu o levaria para casa.

Quando entrei no quarto, ele estava nervoso. Nervosa fiquei eu também, porque era uma criança. Não tive coragem. Ele também não tinha. Tinha pedido aquilo ao pai, mas, agora, estava arrependido. Os meninos de 13 anos costumam ser mais desenvolvidos, maiores, alguns até parecem jovens feitos. Ele tinha cara de criança. Era muito fofo, meigo e tinha estilo *skatista*. Lembrei-me de mim na adolescência.

Abracei-o, e o pintinho tremia. Não! Decididamente, eu não faria isso!

Na hora, me veio uma presença de espírito! "Já sei: é teu aniversário, né, garoto? Vamos comemorar, mas fora daqui!"

Fizemos um acordo. Nessa uma hora, íamos passear. Eu pagaria o sorvete para a gente, porque já havia recebido, e ninguém saberia que não tínhamos transado. Fomos parar no McDonald's de Itajaí. Duas Coca-Colas, um Big Mac para ele, um McChicken para mim, duas porções de batatas fritas, uma Torta de Maçã, uma Torta de Banana, um sorvete, e lá vai mais um Sundae, um "compra outra batatinha, que você comeu toda a minha", e assim fomos indo, por um tempão.

Juro que ele comeu muito, que eu comi muito, que nós comemos muito, uma comilança federal. Juro que fizemos uma orgia alimentar jamais dantes vista, e que nunca um programa foi tão gostoso.

Comendo, ele me perguntou tudo o que queria saber sobre sexo. Era muito engraçado. Achava que anticoncepcional era só para tomar na hora em que

fosse transar, e me perguntou se tinha alguma coisa para fazer o pau crescer. Eu disse a ele que não se preocupasse com o tamanho. Isso era crendice popular. O mais importante era ele ser bem carinhoso e beijar bastante a namorada dele, e nunca copiar os filmes pornográficos, que eram totalmente fora da realidade: as mulheres, em sua maioria, não gostam de transar daquele jeito.

Sempre que o cliente é virgem, eu me preocupo em manter uma certa ética com ele e tentar passar algum ensinamento sobre do que as mulheres gostam, porque o início da sua sexualidade definirá a maneira como ele irá se relacionar com as parceiras no futuro. Digo onde é bom e de que forma é bom. Nem sempre dá para fazer isso, porque a maioria dos meus clientes já tem suas preferências sexuais formadas dentro de si, e também tem o fator tempo. Essas coisas necessitam de tempo e, no ritmo em que ando, não posso fazer isso, mas, no caso dos virgens, acho válido.

O que acho absurdo, nas mulheres, é elas não falarem aos homens como elas gostam. Eles sempre acham que elas estão adorando, e elas ficam quietas, porque vêem que estão agradando. E o ciclo se propaga, gerando um monte de mulheres sexualmente insatisfeitas.

Balneário Camboriú, 9 de abril de 2004.

Tive mais uma idéia de anúncio: "MARISE E SUAS AMIGAS". Ele mostra a foto de várias amigas de costas, todas de biquíni, e, embaixo, diz: "ELAS DÃO A FESTA! DE QUANTAS MENINAS VOCÊ PRECISA?" Fomos todas à Vitor Hugo Fotografias; a Eliana e o Renato tiraram as fotos. Fiquei a responsável por negociar o trabalho. Esse anúncio está destinado às festinhas de solteiros. Os clientes têm ligado bastante, procurando por esse tipo de serviço, e, agora, carrego cinco celulares, para atender a cinco anúncios diferentes. Nesse último, o preço é de 200 reais por garota, e atendemos, todas juntas, pelo período de duas horas. Confesso que não é cansativo. Eles acham que vão ficar comendo a gente a torto e a direito, e que nada: a gente entra no motel, geralmente fica na suíte presidencial e detona tudo. Ficamos dançando, brincando de *strip*, nadando na piscina e comendo todos os chocolates que a gente vê pela frente. O tempo vai

passando e, quando a gente vê, o programa já acabou, e nós vamos embora. Eu entro na frente, acerto o preço, sempre em dinheiro, e, depois que está tudo na minha mão, vou até o carro, guardo o dinheiro e digo: “Venham, meninas!”

A vida está muito, mas muito divertida. Eu vivo intensamente a minha liberdade e, se dissesse que não gosto disso, estaria mentindo. Rimos o dia todo de nós mesmas, das aventuras dentro dos quartos e dos clientes! A correria é geral, e uma de nós sempre tem alguma novidade para contar. É uma conexão rápida, a milhões por hora. Há muitas histórias. Um dia da minha vida, se detalhado totalmente, poderia render um livro inteiro.

Conheci ontem uma forte agenciadora, a Melina. Ela trabalha em Florianópolis, tem uma casa de garotas lá, uma espécie de chácara. Quem me apresentou a ela foi a Rafaela, uma garota que conheci há dois meses. Um cliente me chamou para um programa, e ela estava lá, com ele. Ele queria ver uma cena de lesbianismo. Disse a ela, discretamente, que eu não gostava de mulher. Ela me disse a mesma coisa. Combinamos de só nos beijar na boca. Ele estava satisfeito só com isso. Mas o beijo dela era bem verdadeiro para o meu gosto. Beijou com tudo. Mas só isso, também.

O cliente estava satisfeito por ver. Ele cheirava tanto que, a partir de uma certa hora, deixamos de ser importantes no quarto. Eu e ela começamos a conversar. Ela me disse: “Você é ruiva. Sabia aquele cara lá, famoso? Ele estava aqui, em Balneário Camboriú, e queria uma ruiva para acompanhá-lo. A minha agenciadora me ligou, para saber se eu conhecia alguma. Tinha menina que até queria pintar o cabelo para poder sair com ele. Tu é tão branquinha e tem essas pintinhas, que parece ruiva natural, mesmo”. Quando ela me falou quem era o cara, fiquei louca. Ele devia pagar uma nota para sair com a gente e ficarmos de bico calado. Nem tinha interesse nele, era no dinheiro dele, mesmo. Ela, então, me deu o telefone da agenciadora, para que eu entrasse em contato com ela.

Liguei no outro dia, e uma voz grossa atendeu do outro lado. Ela era de pouca conversa, muito direta, parecia a Samantha. Só falava o básico, e com tom autoritário. Disse que o negócio dela era grande e que só me mandaria

clientes depois que me conhecesse. Ela não gostava de porcaria e queria ver meu corpo, antes de eu trabalhar para ela. Ela vem bastante a Balneário, para passear. Disse que, quando estivesse por aqui, me ligaria.

Demorou a vir, mas eu liguei tanto que, uma hora, ela apareceu. Ela tinha clientes maravilhosos, só gente importante, e a Rafaela trabalhava para ela. Nunca ganhava menos de 600 reais por programa, e era tudo coisa rápida. "Gente importante não quer ser vista conosco", ela dizia.

A mulher entrou aqui em casa com o secretário e um segurança. Senti que a coisa era grande de verdade. "Tira a roupa." Examinou-me, frente e verso, e o segurança nem saiu da sala. Disse que tudo bem, que eu poderia trabalhar, sim. Disse que a comissão dela era de 30% sobre o que conseguisse cobrar por mim e que, quando houvesse festa na chácara dela, eu teria de ir. A maior delas é a do seu aniversário. Lá, ela apresenta os clientes às garotas, e tem cliente que chega a gastar 70 mil reais. A festa dura uma semana, e muitas pessoas importantes aparecem. Ela conhece muitas garotas, no Brasil todo. É considerada a segunda maior agenciadora de mulheres do país (a primeira, parece que é uma tal de Juju, de São Paulo). O cliente está fazendo uma viagem de negócios ao Rio de Janeiro e liga para ela em Florianópolis. Ela olha no seu caderninho e vê quem está disponível naquela região. Liga para a garota e a manda para o hotel do cliente, ou, então, para um motel. Depois, ele deposita o valor total na sua conta, e ela repassa a parte da garota para a conta dela.

A Melina está com uns planos de levar garotas para os Estados Unidos. Parece que abrirá uma casa lá. Disse que uma tal de Bianca já tinha ido, antecipadamente, e estava organizando tudo. Um cliente dela está apaixonado por essa tal de Bianca e vai ajudar a montar a casa. Lá, não haverá programas, só dança, uma espécie de casa de *go-go girls*, como se diz nos EUA. Eu achei isso legal e troquei uma idéia com a Samantha. Ela já está fazendo inglês e disse que não iremos na primeira remessa. É melhor saber, primeiro, sobre as meninas que foram; depois, a gente vai. Se formos, iremos juntas, porque uma ajuda a outra. A Milena disse que logo começaria a me ligar e a passar, para mim e para a Rafa, os clientes que se encontram

em Balneário.

A Rafaela faz vários trabalhos para ela e para uma tal de Micheline, também. Essa Micheline é linda. Eu a conheço, é modelo aqui na cidade. Nunca imaginei que fizesse programas.

No dia em que conheci a Rafaela, dei-lhe uma carona até a sua casa. Fomos conversando pelo caminho e, antes de eu levá-la, passeamos pela Barra Sul. Ela não parava de contar vantagem: que conhecia fulano, beltrano, que tinha saído com tal jogador, tinha ido com o presidente de uma empresa grande para a Itália, essas coisas. Que só usava óculos de mil reais e roupa de marca. Ela é nova, tem 19 anos, mas o rosto estava bastante marcado, parecia ter 25. O corpo dela é um arraso, arrasa-quarteirão. Ela me disse que o rosto esta assim porque, na Itália, comeu muitas comidas fortes, mas que irá à dermatologista.

Ela parou de contar vantagem na hora em que comecei a contar desvantagens. Por exemplo, que o movimento não está muito bom, que tenho muitas dívidas, que meus programas são baratos e, se precisasse, faria até por 50 reais. Era verdade, não deixava nada morrer na praia. Se o cara estivesse firme, eu mandava ver. Se sentia que era só pesquisa de preço, negava-me, para não queimar lenha com fogo que não acenderia. Ela, então, viu que eu não queria ser melhor do que ela, e me confessou: “Eu também. Mas não conta a ninguém, tá?” Ela fazia esquema para aquele agenciador, o Patrício. Ele cobrava 120 por ela e repassava 70. Eu também já tinha feito dessas.

Ela passou a ser legal. Parou de tentar aparecer, e vi que aquilo, nela, era uma espécie de autodefesa. Conversamos tanto que demos duas voltas pela cidade. Ela se mostrou outra pessoa: uma menina bacana. Falou dos seus problemas e que, na infância, tinha sido uma criança muito rejeitada, que tinha dificuldade em ter amigas e que sentia que as pessoas a humilhavam.

Bem, o normal das pessoas é começar a contar vantagem, tão logo alguém comece a contar também. Eu não tenho a mínima vontade, e nem a menor preocupação sobre se o povo do mundo acha que eu sou isso ou aquilo. Logo, agi com ela como eu era e aceitei que ela fosse daquele jeito. O

resultado disso foi que ela se mostrou um bom ser humano. Máscaras de lado, esta é a Rafaela: uma menina sofrida e que está no mesmo barco que eu.

Conversamos por horas e, em várias vezes, nós nos encontramos em outros programas e passamos a nos ver nos hotéis. Ela também atendia neles, principalmente no Villa do Mar. Lá era refúgio dela: nem eu conseguia clientes naquele Hotel. O Hotel Morumbi era chão meu, da Sol e da Sa. Dificilmente chamavam outras garotas no nosso lugar.

A Rafa tinha começado a vida como de garota de programa na cidade de Brasília. Lá, ela conheceu uma garota bem humilde, chamada Suéllen, e, como não tinha amigas e a Suéllen a aceitava como era, passaram a andar juntas. Garotas de programa tendem a não ser preconceituosas e a ser mais tolerantes com os defeitos alheios e com as diferenças interpessoais. Lógico que ela não demorou muito a entrar no meio da amiga, que já trabalhava como garota. A família da Suéllen passava por dificuldades, e aquela era a maneira de ela ajudar os pais.

A Rafa não precisava fazer isso, pois seus pais não eram pobres, mas é assim: as amizades, na adolescência, influenciam. A Suéllen era nova também, mas bem vivida, pelos anos de favela. Era bonita e bem pedida pelos políticos, porque era menor de idade. Corpo inteiro, carinhosa, boa conversa. Passou a levar a Rafa junto. Elas tinham um esquema bem montado. Arrumavam-se bem, colocavam roupas provocantes, usavam maquiagem pesada, para não parecerem tão novas, e iam a restaurantes finos de Brasília, que os deputados e senadores freqüentavam. Lá, distribuíam seu telefone. Geralmente, o garçom ia à mesa delas pegar o número, porque os clientes haviam pedido e estava na cara que as duas ninfetinhas estavam caçando. Assim que elas saíam do restaurante, os celulares disparavam e, de lá, iam parar nos hotéis onde estavam hospedados os clientes. Ela, por ser menor, chegava a ganhar 500 reais por um programa. Fora que recebia atenção e elogios, pela beleza e juventude. Noto que a Rafa é uma menina bem carente.

Digo que ela ainda é uma menina, porque sua personalidade ainda está em

formação. Ela é nova demais, e sinto que algumas coisas ainda não estão bem assentadas em sua personalidade. Ela dá bastante valor às aparências, deixa-se seduzir por *lingeries* caras e perfumes importados, adora um homem de Calvin Klein e cordões de ouro. Isso mexe com a cabeça dela, mas acho que, depois que ela crescer, talvez mude e perceba que nada disso é o mais importante, e que a gente não avalia um bom cliente pela marca da cueca que ele usa, mas pela quantidade de dinheiro que ele coloca na mão da gente. Antes um cliente numa Brasília velha que paga 200 reais do que outro num Mercedes, mas que chora para pagar cem.

Às vezes, comparo-a com a Vitória: tudo o que tem, gasta em coisas superficiais. A Rafa compra muitas jóias, tem inclusive crediário nas joalherias da cidade. Investe em brincos que pesam muito no bolso. Falei que ela ficaria igualmente bonita se usasse um igual, de metal dourado. Ela disse que precisava saber que era caro, e que não era qualquer peça que ela usava. Perguntei a ela qual era seu sonho, e ela disse que queria comprar um carrão. Disse a marca do carro. Pensei que era caro mesmo. Mas falei: "É o que você quer? Então, vamos estabelecer um prazo para você tê-lo. Em quanto tempo o quer?" Ela disse que era naquele momento, e eu falei sério: "Chega, não é brincadeira. Educa o teu cérebro, estabelece um prazo, visualize-se no carro e te veja dirigindo. É teu sonho, não é? Corra atrás dele". Ela se empolgou e disse que queria comprar um daqueles em um ano. Esse era o prazo. "Então, Rafa, hora de começar a economizar. Nada mais de comprar jóias. Você quer o carro? Trabalhe por ele!"

Ela ficava na Boate Castelinho. "Rafa, sai de lá. Aquilo não dá dinheiro. Quer uma dica de amiga? Coloca anúncio no Jornal da Hora." Expliquei a ela que boate não era negócio, porque o número de clientes era sempre mais reduzido do que os do Jornal. Bastava ela fazer uma conta simples. Se a casa tivesse 50 garotas e entrassem cem clientes, haveria uma probabilidade boa de ela fazer, no máximo, dois programas, mas tem também aqueles clientes que vão lá só para uma cervejinha. Agora, jornal era diferente: ele atingia, num único dia, mais de mil pessoas através dos anúncios. Então, a probabilidade de ela fechar negócio era bem maior.

Ela optou por sair definitivamente da Boate e encarar o Jornal. Acho que valia mais, mesmo, ficar com os hotéis da região e com o Jornal da Hora. Mas susto mesmo eu levei quando ela falou que ainda morava com os pais, e que eles nem desconfiavam. Perguntei a ela como fazia. Ela disse que na casa dela dormem cedo e que, depois das 23h, ela se levantava, arrumava-se e saía pela área de serviço. O táxi da Boate a pegava na esquina de casa, e, nas poucas vezes em que seus pais acordaram, ela disse que ia dar uma volta com uma amiga. Essa tem coragem!

A Rafa adora um vagabundo, no sentido literal da palavra. Ou seja, assaltante para ela é tudo. Agora namora um, mas ele está cumprindo pena. Acredito que logo voltará, porque ela mesma diz que ele vive naquele eterno entra-e-sai. Ela o ama, faz qualquer coisa para estar perto dele. Ele havia sido seu cliente no passado, no tempo das vacas gordas. Ela ia saindo pelas lojas e escolhendo o que queria, e ele ia dando um jeitinho.

Pagou a ela, na vez em que se conheceram, mil reais pelo programa. O dia de trabalho dele havia sido bom, e ele tinha gostado dela. No segundo dia, repetiu a dose. Agora, ela estava apaixonada. Não a recrimino, também fico muito feliz por ganhar presentes. Essas coisas seduzem o coração das mulheres. Eu continuo achando que, depois que o amor pega o coração e a paixão se transforma nele, não tem mais jeito. Já era. A Rafa passou a amá-lo e continuou assim, mesmo em tempos de vacas bem magras. Ela vai todos os finais de semana ao cadeião, para visitá-lo, e dorme lá com ele no final de semana de pernoite. Uma vez, ele foi transferido para longe dela. Ela foi até o diretor e o seduziu, só para que ele o trouxesse para perto dela. Isso é que é amor bandido.

O namorado dela gosta da adrenalina dos assaltos, de armar, de executar, sair, fugir, trocar tiro. O mesmo jogo de gato e rato, que faço com meus clientes para ver quem é melhor, ele faz com a polícia. Realmente, ela gosta dele, e essas coisas do coração, ninguém explica.

Temos uma amiga em comum, a Janice. Elas se encontraram no cadeião, esta semana. A Janice está com a mãe, o pai e o irmão presos por tráfico. Na verdade, os pais dela não têm nada a ver com as drogas, nem sabiam sobre o

filho. Mas a polícia deu batida no local, de madrugada, e levou todos da casa. Ela só se safou porque estava em um programa comigo. A filhinha dela, por sorte, tinha ido dormir na casa de uma amiguinha, para nós irmos fazer o esquema. A Janice é uma menina bonita, legal, verdadeira, humilde, e tem princípios de família.

Ela acabou gastando toda a sua reserva com advogados, para tentar tirar da cadeia pelo menos o pai e a mãe. O irmão vai ficar lá por algum tempo. Foram cerca de dez mil reais até agora, e parece que faltam poucas providências para seus pais serem soltos. Essa foi uma situação em que a prostituição beneficiou abertamente uma família. Se ela não estivesse no esquema comigo, sua filha estaria no Conselho Tutelar, e ela, no presídio. E quem iria batalhar aqui fora, para tirar a turma lá de dentro? Ela está brava com o irmão agora, mais do que antes, pois, nas poucas visitas que fez a ele, ouviu da sua boca que, agora, tinha aprendido a lição com os companheiros de cela: Não traficaria mais; o que dá dinheiro é caixa-forte de banco. A Janice está abaladíssima e, para ajudar, deram 11 tiros num traficante amigo de seu irmão, no bairro onde eles moram. Era acerto de contas. Não entrei no mérito da questão. Dava para perceber que quem atirou, fez isso para deixar o corpo no chão mesmo, para nunca mais levantar. A polícia nunca vai atrás de quem mata traficante. Ladrão que mata ladrão tem cem anos de perdão!

Perguntei à Rafaela como era a vida na cadeia. “É assim, Marise, depende da cadeia. A em que ele está agora é boa. Antes, ele ficava na de Balneário Camboriú, e lá é uma imundície, tudo podre. A gente entra na fila no dia da visita, mostra a carteirinha de visitante, depois fica pelada e se abaixa, com as pernas abertas, para as guardas revistarem a gente por dentro, para ver se não escondemos nada em nós. Às vezes, são três, abaixadas na frente de um espelho que fica no chão, para nos visualizar por baixo. Depois a fila vai caminhando, tu coloca tua roupa de novo e deixa bolsa e tudo o mais lá com elas. Na parte interna do presídio, ninguém mexe contigo. Lá, tu é respeitada por todo mundo e ninguém olha nem para o teu corpo, senão dá morte. A mulherada que vai lá é mãe, esposa, filha. Tem que ter respeito. Você vai

passando, e eles vão abaixando a cabeça."

Achei interessantíssimo. Eu nem imaginava que havia tanto respeito. Perguntei sobre a comida. "Olha, nem é tão ruim assim. No final de semana, eu faço compras no mercado, e nós ficamos juntos lá. Ele cozinha para mim, faz um feijão bem gostoso. A marmita que eles ganham não é das melhores, mas, quem não quer comer aquilo e nem cozinhar, come na lanchonete mesmo." Eu estava passada. Tinha lanchonete, então? "Lá tem o que você quiser. Vendem churrasquinho, bolo e refrigerante. Tem preso que até *internet* tem."

É mesmo! Lembrei que a Sol tinha um namoradinho traficante em outra cidade, filho de um dono de boate de programa, que ela ia visitar no presídio. Dizia que ele tinha até aparelho de DVD na cela, e microcomputador com *internet*, para o uso pessoal dele. O presídio é uma cidade, com classes sociais baixas e altas. O hilário da vida lá também é que tem ladrão pé-de-chinelo querendo dar uma de bandido da pesada. Às vezes, o cara é um ladrãozinho pequeno, mas conta altas histórias de assaltos a banco e tiroteios com a polícia. Tem um lá que foi pego roubando uma loja de bicicletas e quis dar uma de Fernandinho Beiramar. Virou chacota do presídio!

Balneário Camboriú, 12 de abril de 2004.

Choveram portugueses na cidade. Eles vieram da Europa para vender jaquetas de couro no Brasil. Só para cá devem ter vindo uns 30 vendedores. Eles nos ligaram, e fizemos escambo com eles, ou seja, troca de serviço. Uma jaqueta dá direito a um programa. Já tenho uma verde, uma bordô, duas pretas, uma branca e uma bege. Está muito engraçado. A Sol e a Samantha também estão montando a coleção.

Nós nos inspiramos na Sol: ela é a rainha do escambo. "Loucasssss, sejam espertas como eu. Não pago, para o mecânico consertar meu carro: vou lá e troco servicinhos com ele." Ela já colocou rodas novas no carro,

spoilers, ganhou aparelho de som, serviços elétricos, serviços domésticos, um monte de coisas. Podendo, ela não desembolsa: troca. Quando ela dirige e eu ando com ela, passo o tempo todo gritando: "Vai bater, Sol, vai bater, vai bater!" Dá um nervoso.

O carro dela está agora no mecânico. Ela atropelou um poste, arrancou o retrovisor do caroneiro, colocou a porta do carro para dentro e arranhou toda a lateral, tudo isso numa ré fenomenal! Já atropelou duas velhinhas, e os cantinhos do carro já estão todos batizados. Às vezes, ela passa direto pelo sinal vermelho e pára no verde. Não, ela não é daltônica, não; apenas distraída. Consegue, em segundos, desligar-se completamente do mundo em redor e fica viajando. Por isso, ela não usa drogas: imagine só onde ela iria parar! Ela diz que nunca bateu o carro, e ainda por cima fala sério, de cara fechada. A explicação dela é "olho gordo".

Deviam ser umas três da manhã, e ela me ligou. Disse que estava na Praça Almirante Tamandaré e perguntou se eu não podia passar por lá e pegá-la, que ela tinha levado um trote e não tinha dinheiro para voltar de mototáxi para casa. Fui pegá-la, pois seu carro só fica pronto daqui a dois dias. Aproveitamos e fomos dar uma volta pela Av. dos Estados. Havia muitos travestis novos. Avistei a Yasmim e disse a ela: "Olha só que travesti mais perfeito. É tão lindo, que parece mulher de verdade".

A Sol disse que achava que era uma mulher. "Nada! Num desses dias, parei para falar com ela, achando que era mulher também. Mas percebi, depois que ela abriu a boca, um vozeirão de homem, com sotaque castelhano. O Mário queria sair comigo e com uma loira, e todas vocês estavam ocupadas. Passei pela Avenida e pensei em pegá-la. Claro que não deu, mas, pelo menos, ela me indicou a Mary Ellen, uma garota de programa que divide o ponto com ela. Sabe o que a Mary Ellen me falou, Sol? Que ela faz uns oito programas por noite. Viu só? Travesti é concorrência."

A Sol disse que também acha isso e que, se a Av. dos Estados estava cada vez com mais travestis, a ponto de quase virar uma Copacabana, era porque havia procura. Senão, eles não estariam por ali. "Estão ganhando mais que a gente, puta!"

A Yasmim é perfeita: cabelos naturais sem aplique, loiros, bem tratados, abaixo dos ombros, sempre bem escovados, ondulados, que ela usa de lado. Fez boca e maçãs do rosto com silicone, remodelou o nariz, e o peito é enorme. Usa umas roupas esvoaçantes e, sempre que a vejo, ela está de *scarpin*. Ela é muito chique: desfila pela Av. dos Estados de *scarpin*. Eu sou uma ratinha perto dela. Parece um mulherão de cinema: é alta, caminha refinadamente. Acho que muitos caras param, achando que é uma mulher, e acabam até levando-a, mesmo depois de descobrirem que é travesti, porque ela é quase irresistível. Eu diria que ela é parecida com a Pamela Anderson, só que num estilo menos vulgar e mais chique.

Apareceu um cliente bem louquinho hoje, no início da tarde. Ele é de Brasília e trabalha com política. Hospedou-se no Motel Via Veneza e contratou a mim e à Rafa: 400 reais, as duas, por duas horas. Ele não queria sexo: queria apanhar, ser judiado, pisado, cuspido, algemado e xingado. Foi exatamente isso que fizemos. Mas juro que deu o maior trabalhão. Depois de algum tempo, eu não tinha mais saliva: "Chega, não agüento mais cuspir em você, eu não tenho mais saliva". A Rafa batia na cara dele. "Vai até o frigobar, abre um champanhe bem caro, coloca na boca e joga em mim." Estourei o champanhe sem comemoração: não estava gostando nem um pouco do meu trabalho. A Rafa aproveitou para descarregar toda a revolta dela nele.

Acabou o nosso tempo e fomos embora. Eu estava mais cansada do que se tivesse transado por duas horas seguidas. Ela se sentia revigorada. Quando anoiteceu, ele me ligou novamente: queria que eu fosse de novo ao Motel, para dar outra surra nele. A Samantha seria perfeita para o trabalho, mas, de novo, estava ocupada com um esquema no qual tinha combinado ficar duas horas com o cliente; não poderia vir. O Eduardo contratou-a para ser cortesã dele. Ele se fingia de jovem príncipe, e ela, de professora sexual dos tempos de Roma. Bem legal, a fantasia dos dois: ela bota até figurino, para combinar com a história. O Eduardo procurou-a por um motivo quase raro, em nossa profissão: queria melhorar seu desempenho sexual. Ficou com baixa auto-estima, depois que a esposa o traiu e abandonou, alegando que ele não tinha

uma “pegada forte”.

Pausa para uma verdade. Dois pontos:

“Muito cara legal foi parar debaixo da ponte por causa de uma mulher.”

Charles Bukowski

Ela queria sexo selvagem, e ele é mais estilo romântico. Pior é que ela contou tudo a ele, antes de se separar. Ele entrou em depressão e achou que precisava aprender a fazer direito. Mas a Samantha disse que ele é bom; tinha é que encontrar uma mulher que se encaixasse em seu perfil sexual. Enfim, ela estava ocupada com o seu aluno, e eu teria de encontrar outra.

Chamei a Sol: ela sempre batia na cara dos clientes, mandando que eles gozassem: “Goza, vai, quero ver você gozar para mim, não vai gozar agora? Me dá teu leitinho, goza!!!” Enquanto isso, ia distribuindo uma bofetada de cada lado. Uma vez, perguntei a ela se eles nunca tinham revidado: “Nunca, louca! Ainda bem. Mas eles adoram um tapa bem dado, e que eu os chame de cafajestes”.

Mais 400 reais a menos, no bolso do cliente. Acho que ele tinha chegado a um estágio em que o sexo tradicional não tem mais graça. Como será que, com ele, as coisas evoluíram até aquilo? Será que essa evolução acontece com todo mundo? A Sol bateu nele mais do que eu, desta vez. Ele tinha me deixado fisicamente acabada, e olha que estourei mais um champanhe no quarto. Que desperdício de dinheiro, na minha opinião. Será que era dinheiro público?

Está uma barra, agora, negociar o preço dos anúncios do Jornal. O espaço, de uma hora para outra, ficou um absurdo de caro. As culpadas? Nós mesmas. A Seção Privê do Jornal da Hora virou atração, por causa da mídia chocante que a gente anda fazendo. Está virando uma guerra de *marketing*.

Eu faço um anúncio, depois outra faz um diferente, para tentar me superar, e, então, tenho de bolar alguma ainda coisa melhor. Às vezes, faço um anúncio para mim, aproveito e me sento diante do micro, para bolar um para a Sol. Levei a pior: fiz um anúncio tão legal para ela, que tive de dar um jeito de me superar a mim mesma. As esposas estão ligando direto para o

Jornal, reclamando da pouca-vergonha que ele está ficando. Mas a gente só quer saber de vender nosso produto. Sabe o que o Jornal da Hora fez? Subiu os preços, absurdamente. Agora, quem quer ter foto tem de pagar o dobro. E eu, que, além de foto, já coloco o anúncio duas vezes maior? Resultado: pago quatro vezes mais. Mas propaganda é necessário. Vou tentar fazer um pacote, reunindo as meninas meu bando e entrando em um acordo: 365 dias do ano de espaço fechado, sem interrupção entre edições, com cheque pré-datado e, por isso, com desconto. Vamos ver se eles aceitam. Vou até lá depois, para falar com a encarregada.

Uma coisa muito louca aconteceu. Achei, no arquivo da *internet* do Jornal da Hora, aquilo que eu poderia chamar de pérola do jornalismo. Aconteceu há uns dez anos. A manchete dizia: "OS BANHERO DA RODOVIÁRIA DO ITAJAÍ ESTÃO INCAGÁVEIS E INMIJÁVEIS". Abaixo, o subtítulo: "É MAIS HIGIÊNICO FAZÊ NAS CALÇA". Caraca!! Bem... Eles sobrevivem até hoje por causa do linguajar, e acho que são os únicos do Brasil inteiro a escrever desse jeito e vender como água. O povo todo lê esse jornal.

Estou com problemas com o meu síndico. Seu Bonaparte está cada vez pior. Agora, deu para gritar com a minha filha no pátio. No prédio, há muitos gatos, que se refugiam por aqui, pois existem vãos entre os blocos, e esse é um bom abrigo para eles. O Sr. Bonaparte detesta gatos. Minha filha ama gatos. Ela encontrou um, pequenininho, e o estava trazendo para casa, para alimentá-lo e, depois, devolvê-lo. Foi quando ele a encontrou nas escadarias.

Xingou-a muito. Ela é só uma criança. Eu sei que, por trás das ofensas dele, está implícito o fato de ela ser minha filha. Ela subiu chorando, e ele a fez largar o bichinho. Fiquei indignada. Ele que vá xingar os filhos dele. Não deixei assim, mas disse a ela que não fosse atrás. Desci e o encontrei na administração. Não sei quem xingava mais quem. Ele me chamava de "mulher da vida", eu o chamava de "velho sem-vergonha". Disse que, se se atrevesse a falar novamente com a minha filha, eu avançaria nele. Agora, estou com fama de "a mãe da Yumi é uma louca". Depois da surra na Gerusa, ele sabia que eu seria capaz. Achei que ele ia bater em mim, mas a secretária

chegou, e a discussão parou. Virei-me e fui para casa.

À tarde, chegou uma outra multa, dentro de um envelope colocado pela fresta da minha porta. A justificativa diz: “DESACATO AO SÍNDICO”. Valor: 400 reais. Não sei mais o que fazer! Chorei de ódio, pelo abuso de poder. Preconceito comigo é uma coisa: eu mando pastar e pronto. Mas a minha filha sofrer por mim, não: isso me corta o coração.

Eu preciso comprar um apartamento, para ter paz. Vou até o banco, para fazer logo um consórcio de imóveis. Enquanto o tempo passa, junto dinheiro, para dar um lance.

Balneário Camboriú, 18 de abril de 2004.

A Sa está com o namorado hoje. Ele vem de São Paulo para vê-la: inventa umas desculpas furadas para a esposa e se manda. A Samantha é bastante sensata nesse ponto: ela diz que não tem raiva da outra, e que o “vagabundo é ele”.

Hoje, ela teve um ataque, e eu, outro, depois que soube o motivo do seu chilique. Ela me ligou e, com uma voz colérica, me falou, ao telefone: “Marise! Aqueles vagabundos portugueses, Marise!!! Aqueles vagabundos passaram a perna na gente. Acabei de voltar da rua. Eu e meu namorado estávamos passeando e tínhamos visto as nossas jaquetas de couro portuguesas na vitrine de uma loja. Entrei e perguntei o preço. Sabe quanto??? 35 REAIS!!! Não estavam em promoção, nem nada: esse é o preço delas. O pior é que os vagabundos dos portugueses não estão mais na cidade!”

Eu me senti mal. Haviam me passado a perna, e, agora, eu nem podia fazer nada contra isso. Não tinha mais como cobrar deles a diferença, fosse em dinheiro ou em jaquetas. O jeito foi nos conformar. Ao final do dia, estávamos rindo da nossa tolice. A Sol tinha tantas jaquetas, que até resolveu distribuir algumas. Fiquei a pensar que um dia era da caça, e o outro, do caçador. Dessa vez, eles nos pegaram.

Pintou um monte de esquemas, hoje, para fazermos em parceria, como sempre, mas eu tinha o problema da falta da Samantha. Em alguns, eu encaixei a Sol, que me atrapalhou um monte, por me deixar esperando, com o

cliente, por quase uma hora. Depois de alguns olhares atravessados, ela só diz: “Perdão, prometo que não vou fazer mais”. Uma coisa engraçada que eu reparei na Sol é que ela nunca mostra o corpo: transa enrolada numa toalha, ou fica sempre embaixo dos lençóis. A Samantha me disse que nunca a viu sem roupa, e olha que já moraram juntas. Quando digo a ela para se levantar e pegar mais preservativo para nós, ela vai rolando até chegar à beira da cama. Depois, cai em direção ao chão, abaixa-se e caminha encolhida. Ela é tímida.

À noite, o Hotel Vale Tur me ligou: havia dois clientes. Eles queriam a mim e a uma loira. Tentei levar a Sol, mas ela estava num esquema e ia demorar. Pelo menos dessa vez, ela foi honesta e não me enrolou, mas isso é porque ela me prometeu hoje que não ia mais me deixar esperando. Se fosse amanhã, ela já teria esquecido.

O valor do programa era de cem reais, e eu teria de deixar uma comissão de 20 reais para a recepção. Telefonei às outras meninas, mas todas estavam ocupadas. Peguei o carro e fui procurar, na rua, alguém disponível para eu levar. Dei uma volta completa pela Avenida. Havia mais travestis do que mulheres, e as duas únicas loiras que havia, não dava para contratar. Uma era bem magra, com jeito de quem passa fome e usa drogas, e outra, mais baixinha, bastante vulgar. Para entrar no Hotel, é preciso ter uma certa discrição. É claro que, quem conhece, olha para a gente e saca logo de cara, mas não pode ter certeza.

Eu já estava desistindo e pensando em ir até o Porto de Itajaí, para catar uma menina no cais, daquelas que ficam no Karina’s Bar, quando vi uma moça bem bonitinha, parada na Avenida. Ela não estava ali antes. Chamei-a. Ela ficou desconfiada, falou comigo sem se aproximar do carro. Disse a ela que eu era a Marise, que tinha anúncio no Jornal e que trabalhava na mesma profissão. Mesmo assim, ela estava com medo de que eu aprontasse alguma. Depois, confessou que a necessidade em que se encontrava tinha falado mais alto. “Entra aí, vamos fazer um esquema em um hotel: 80 reais, limpos, para cada uma de nós.”

Ela subiu no carro, e fomos conversando até o local. Ela era baixinha,

tinha cabelos crespos, um pouco abaixo dos ombros. Vestia-se normalmente: saia *jeans* preta, blusinha de alças reta, umas sandálias, com bolsa combinando. Ela era legal. Seu nome era Janaína. Fez um breve resumo de sua vida. Tinha 26 anos, quatro filhos, três casamentos, etc. “O QUÊ? Mas eu nunca diria que você tem essa idade, muito menos esse número de filhos!” Olhei para o corpo dela. Estava vestida, mas ele parecia bem ajeitado; e nada de barriga com pneu. Ela estava bem.

Tinha engravidado do primeiro marido aos 16 anos. Separou-se dele porque eram novos demais, e não daria certo. Casou-se pela segunda vez e engravidou de gêmeos. O pai das crianças tinha morrido afogado um mês antes de eles nascerem. Depois, casou-se novamente com um homem que só a maltratava e espancava. Quando conseguiu separar-se dele, já tinha nascido outra criança. Ela, sem dinheiro, veio para as ruas e deixou os filhos com a mãe, que mora em São Paulo, e manda o sustento para casa, regularmente.

Agora, ela me disse que havia cansado dos homens e de seus sofrimentos e que tinha uma namorada, com quem se dava bem, pois ela não a agredia e ainda a ajudava, dando dinheiro para os filhos dela, quando podia. Os filhos dela eram seus filhos também.

A Janaína é uma mulher bem feminina; já a namorada tem estilo de homem, é representante de vendas e vive viajando. Ela, agora, está preocupada, porque a namorada já devia ter chegado à cidade. Fiquei a pensar que, com histórico que ela tinha com os homens, não devia ser muito difícil deixar de gostar deles.

Quando chegamos ao Hotel, os clientes já estavam nos esperando. Eles eram muito indecisos: não sabiam se ficávamos no Hotel ou se íamos para um motel. Tomei a frente e, antes que tudo se perdesse, fui colocando a todos dentro do carro e dizendo que iríamos a um motel muito bom e em conta. Rumei para o Motel Renoir. Ele ainda não foi reformado e não está nada bom. O melhor dele é o preço. Mas isso não fazia diferença: depois de estarmos lá, era programa certo.

Aquela era a primeira vez dos dois clientes com garotas de programa.

Fiquei com o magrinho, e a Jana, com o gordinho. Quando chegamos, o Motel estava lotado. Essa, agora: liberaram o quarto 1, que é um dos piores. Enfiei-os ali e disse que me esperassem, porque eu já voltava. Corri, com a Denise, para arrumar o outro quarto, que tinha acabado de desocupar. Ô servicinho ruim, a de camareira de motel, de ter que juntar camisinhas usadas deixadas pelos clientes no chão. Eu ia fazendo a cama, para agilizar, e ela, limpando o banheiro. "Deixa, deixa assim, só passa um paninho! Nem vou tomar banho mesmo..." Lembrei-me da Kity House: higiene, ali, era o de menos, e rapidez era tudo.

O quarto estava pronto, e mandei o casal de pimpolhos para o apartamento 6, enquanto eu ficava no 1, com o magrinho. Realmente, era o seu primeiro programa, e ele estava tão nervoso que não conseguiu transar comigo. Ereção zero. Pediu-me tantas desculpas e era tão ingênuo, que achava que eu estava louca para transar com ele. A Denise interfonou, dizendo que o tempo havia acabado. Combinei com a recepção do Motel de eles fazerem isso sempre. Depois de 40 minutos, eles ligam e dizem que fechou uma hora. Bom para eles, que desocupam o quarto rápido, e bom para mim.

Levamos os meninos para o Hotel. Ainda ganhamos mais dez reais de caixinha, para ajudar na gasolina, e nos mandamos para o Balneário Camboriú Beach, hotel que fica em Itajaí. São cinco quilômetros, entre uma cidade e outra. Perguntei à Janaína se ela tinha acreditado na história de eles nunca terem saído com garotas de programa. Eu acreditava, e ela disse que também, porque o gordinho dela estava com medo de o rejeitarmos por estar acima do peso e, na hora, ficou tão nervoso que também não conseguiu transar.

Deixei-a no seu ponto. Naquela noite, ela estava precisando de trabalho. Tinha feito apenas um esquema de 40 reais, por isso é que eu não a tinha avistado, na primeira vez em que dera a volta completa pela Avenida. "Jana, por que é que você não coloca anúncio e sai das ruas?" Ela falou que estava pensando nisso mesmo, porque, no último inverno, tinha passado frio, fazendo programa na Avenida. Tinha de ficar pelas esquinas, e houve noites em que passou mal. A Jana tem asma. Ela passa dificuldade nas ruas, porque

diz que, lá, é mais concorrido, e há briga pelos pontos. Ela tem uma irmã que é viciada em *crack* e deve grana para o PCC, uma espécie de Comando Vermelho de São Paulo. Mas a Jana não usa drogas.

Estou menstruada hoje, e mesmo assim, fiz quatro programas. Eu coloco umas bolas de algodão cobrindo o colo do útero, como se fosse um maxiabsorvente interno. Funciona que é uma beleza. Nas poucas vezes em que vaza, digo ao cliente que acabei de ficar menstruada. Nunca deu problema. Para retirar, eu coloco a mangueira do chuveirinho dentro da vagina e ligo o jato, o que faz com que aquele tampão improvisado saia. Garota de programa não perde um dia de babado por causa do ciclo.

Hoje, atendi um médico, e foi uma lição. Entrei no quarto e, depois de algumas formalidades, levantei o telefone e falei à recepcionista do motel: "Traga uma camisinha ao quarto 3, por favor". Ele gritou, da cama: "Traz logo seis de uma vez, estou com fogo". Só respondi: "Você ouviu, Xuxa? Traz dois pacotes completos de preservativo". Eu tinha certeza de que ele não teria fogo para tudo aquilo, e, além do mais, depois da primeira, eu dava um jeitinho de cair fora.

Bem, minha profecia não estava errada, foi até melhor do que o esperado. Ele não deu nenhuma, porque cão que muito ladra não morde. Outro fato curioso é que descobri que, quanto mais o cliente paga, menos ele transa, e que, quanto mais chora no preço, mais ele abusa.

Atendi um outro médico nesta semana, e foi espantoso. Ele é absolutamente lindo! Parece o ator principal do filme *Matrix*. Pediu que eu fosse ao motel munida de minissaia, cinta-liga, meias 7/8, sutiã meia taça, calcinha fio dental, batom, chicote e tudo o que tivesse de fetiche. Sem esquecer os vibradores, claro. Ao telefone, ainda pensei que, agora, teria de fazer um programa para valer, que seria difícil e que, provavelmente, o cliente estava pensando em pegar fogo comigo no quarto, de tantas coisas que me pediu para levar. Seria a tarde da desforra! Foi o que pensei.

Quando cheguei, ele abriu a porta. Já nos conhecíamos de um dos estágios de enfermagem que eu havia feito no hospital. Ele não estava preocupado. Disse que, na hora em que me contratou, já sabia que era eu, e que haviam

falado de mim para ele, no Centro Cirúrgico.

Fechou a porta do quarto, trancou-a, certificou-se de ela estar bem trancada e, então, se transformou. Começou a caminhar rebolando e a me dizer: “Ai, menina, deixa eu ver como fico de sainha. Deixa eu sentir essa calcinha enterrada em mim. Você trouxe um vibrador bem grande?”

Fiquei um pouco espantada, porque eu achava que os acessórios e apetrechos eram para mim. Também fiquei preocupada, porque eu visto P, às vezes PP, e ele devia vestir G. Ainda bem que não era GG.

Ele já foi tirando as minhas roupas da sacola, calçando as meias, colocando a calcinha. Auxiliei-o a vestir a cinta-liga e, depois, a saia. A minha saia vermelhinha ficou esturricada nele, e o sutiã serviu no último botão. Ele mal podia caminhar.

Atirou-se na cama e começou a ter chiliques, olhando-se pelo espelho do teto. Pediu-me um batom. Passei nele. Comecei a ficar relaxada, porque, pelo visto, isso era tudo o que ele queria. A minha roupinha ficou imprestável, mas ele pagou por ela.

Cansou de se olhar no espelho e ficou de quatro, tirou a calcinha e disse que tinha vontade de ser devorado agora. Não pensei duas vezes: já peguei o vibrador, o maior deles, e fiz o que devia ser feito. Ele estava demorando para terminar, e comecei a apressar os fatos, contando minhas historinhas a ele. Dessa vez, fantasiei que ele era uma mocinha de internato, virgenzinha, e que eu era um padre safado, que estava me aproveitando dela. Funcionou que foi uma beleza. Ele incorporou o papel da moçoila perfeitamente, e eu, “santificado seja o Vosso Pai, amém!” Ele terminou.

Tenho agora um cliente fixo. Apelidei-o de Mafioso. Ele é muito querido; quando nos encontramos no motel, passo a tarde com ele. Vem sempre; se não toda semana, pelo menos de 15 em 15 dias. Ele é o meu antiestresse, e eu, o antídoto para a sua ansiedade. O que mais fazemos é conversar, dentro da banheira, sobre a vida. A dele, é claro. Ele já me disse que eu o conheço mais do que a esposa, que está com ele há 15 anos. São horas dentro da banheira, murchando na água e comendo chocolate. Eu, inclusive, passo pela padaria antes do programa e compro um chocolate importado de que ele

gosta. Adoro estar com o Mafioso. Sempre dou um jeitinho de desmarcar meu compromisso, se ele disser que virá. Acho que é o único cliente por quem consigo sentir afeição.

Tem vezes em que eu saio de lá com 500 reais, murcha, de tanta hidro, e relaxada um monte. Rimos muito, porque ele é engraçado ao contar alguma coisa. Ele nunca abusa, e tem vezes em que paga só pela companhia. Sabe que eu tenho outros anúncios com preço menor, inclusive já me deu indiretinhas, mas nunca deixou de me pagar bem. Ele é, para mim, um homem fino.

O pacote com o Jornal deu certo. Deixo meus cheques pré-datados lá, e fazemos um pacote único, eu, a Samantha, a Rafa e a Sol. Deram-nos um desconto muito bom. Somente eu invisto cerca de 1400 reais ao mês em divulgação no Jornal da Hora. Mas o ideal seria que eu conseguisse reduzir um pouquinho mais meus custos, pois li, numa revista de negócios, que o ideal é investir no máximo 10% do lucro em *marketing*.

Balneário Camboriú, 22 de abril de 2004.

Preconceito. Por que é que cada um não toma conta da sua vida?

Hoje, recebi a visita inesperada do Conselho Tutelar, que bateu à minha porta. Haviam feito uma denúncia de maus-tratos meus em relação à minha filha. O papel dizia claramente que eu era prostituta e que recebia os clientes em casa, onde a minha filha também mora. Tive um troço!

“Olha aqui: quem fez esta denúncia caluniosa?” As duas oficiais, paradas à minha porta, perguntavam-me, bastante sérias: “Não podemos informar, mas queremos saber se é verdade. Você é prostituta?” Eu sei que não é crime ser garota de programa. Nem gosto da palavra “prostituta”, porque ela é pejorativa. Respondi que sim. Elas já me olharam com repreensão, mas emendei, dizendo que não atendia ninguém aqui, que era sempre nos motéis e que eu podia provar: bastava elas irem até eles e perguntar se era para lá que eu levava meus clientes. “Agora, estamos de olho em você. Você sabe

que, diante de qualquer suspeita, temos o direito de levar sua filha, e você só terá a guarda dela novamente se o juiz permitir." Eu gelei. Era muita coisa para mim. "Tem mais: nada de deixá-la sozinha. Crianças menores não podem ficar nem um minuto sem a guarda dos pais. Faremos batidas em sua casa, inesperadamente. Essa é a nossa função. Tem mais: vamos ser tuas amigas e te avisar. Tem gente aqui no prédio que quer a tua cabeça. Sabe como são os gaúchos. Estão de olho em ti e, assim que você sair, eles farão uma ligação de denúncia de abandono de menor."

Uma pausa. Dois pontos:

"A partir de hoje vou cuidar mais da minha saúde, porque da minha vida já tem muita gente cuidando!"

Luís Fernando Verissimo

Estou com problemas, verdadeiramente com problemas. Moro em um condomínio fechado, as crianças brincam no pátio, é normal sairmos e as deixarmos brincando com as outras crianças. Tem mãe aqui que trabalha o dia todo, só volta à noite, e ninguém incomoda. Acho que vou ter de arranjar alguém para dormir aqui em casa. Meu problema é de madrugada, principalmente. Vou ver se a Silmara topa ficar aqui comigo. Ela faz enfermagem na UNIVALI também, e ficará mais fácil para ela, porque mora em Itapema e tem de levantar mais cedo para chegar à aula. Senti ódio do Sr. Bonaparte. Ele é gaúcho, e tenho certeza de que fez a denúncia.

Outra que está com problemas em seu prédio é a Sol. Está levando, agora, uma multa de 600 reais, cujo motivo real é o preconceito. Alegaram que ela faz barulho pelas escadarias na hora em que chega, de madrugada, por causa do salto alto. Que nada! Uma vizinha dela faz altas festas em seu apartamento, e ninguém fala nada.

Não consegui trabalhar hoje, de tão nervosa. À tarde, colocaram, por baixo da minha porta, um envelope fechado, com carimbo do condomínio onde moro. Ao abrir, notei que era um Boletim de Ocorrência, dizendo que eu havia agredido verbalmente o síndico com palavras de baixo calão, trazia clientes para programas no meu apartamento enquanto minha filha estava em casa e tinha conduta imoral na parte social do condomínio, além de me

acusar de maus-tratos em relação à minha filha.

Bem, no meu modo de entender, o papel aceita tudo, mas como me defender dele?

A Sa também está sofrendo por causa do preconceito. Ela ainda não recebeu nenhuma multa, mas estão fazendo pior. O portão da casa dela é automático e, toda vez que ela vai tirar o carro, alguém fecha o portão com o controle bem na hora em que ela está passando. Num desses dias, ela me ligou, tendo ataques de raiva, e está desconfiada de que quem faz isso é uma vizinha bem idosa. Desde que comprou o carro, a vizinha não a cumprimenta mais, e a Samantha estranhou a atitude. Acho que, embutida nisso, está a inveja. Tenho pena da senhorinha, se a Sa descobrir que quem fecha o portão é ela. Vai levar uma surra. Já disse para a Samantha manter a calma, se descobrir algo, mas com ela é difícil.

O dono do Motel Renoir me ligou, dizendo que vai iniciar a reforma dos quartos e fazê-la aos poucos. Pelo projeto, vai ficar legal. Acho que o Motel precisa mesmo. Daqui a 30 dias, a reforma começa, e o primeiro apartamento a ser consertado é o 4. Que bom, vou querer atender só lá.

Minha família tem me ligado, perguntando como anda a minha vida. Sempre digo que bem. Aliás, anda bem mesmo, porque o meu dia-a-dia é muito divertido. Eu me estresso com os clientes, de vez em quando, mas me divirto com as garotas e com alguns deles. Todos os dias, tem uma história maluca sobre a qual conversar. Digo à minha família que vendo roupas e que, no verão, trabalho como corretora de imóveis de aluguel para os veranistas. Assim é bom, porque se trata de uma atividade autônoma e, portanto, sem parada fixa no escritório. Digo que eu mesma faço os meus horários.

Quem tem me ligado direto também é o Cadeião. Não agüento mais tantas ligações deles. Ficam a me pedir informações, principalmente no meio da madrugada, que é quando os guardas estão dormindo e eles podem usar mais livremente o telefone clonado.

Numa hora, eu me irritei e comecei a dizer a eles para não me ligarem mais, que eu tinha um namorado preso, o Éverson, da cela 13. Pararam de

telefonar. Todo mundo tem medo dele. É o executor do presídio e ia ficar lá por alguns anos. “Se você me ligar novamente para encher o meu saco, eu digo para ele te pegar à noite. Que que é? Não respeita mulher de preso, é?”

Disse isso, inspirada nas histórias que a Rafa me contou sobre a cadeia. Meu único problema é se a mulher do Éverson um dia me procurar para tirar satisfações, ou se ele vier atrás de mim, no dia em que sair de lá, para colocarmos as dívidas em dia.

Seu Heitor continua aparecendo. Logo ele, que havia ficado bravo comigo no primeiro programa e dito que jamais voltaria. Ele vem uma vez por mês, mais ou menos, e sempre combinamos de eu arranjar um garoto de programa para ele. Agora, toda vez que ele aparece, eu coloco uma das minhas amigas junto. De vez em quando, ele faz o programa sozinho comigo. Ele agora consegue gozar, mas é de pau totalmente mole. Inacreditável: enfio nele o meu vibrador e fico segurando a base, para ele não escapar para fora ou totalmente para dentro. E, ao pé do seu ouvido, falo todas as pornografias que conheço, as mais macabras e bem nojentas. Então, ele goza.

Fico com um certo medo, porque, toda vez que ele vai ter um orgasmo, parece um início de enfarte. Ele, estendido na cama e gozando, parece que está recebendo um santo, e só o peito pula. “Tudo bem, seu Heitor? Está bem mesmo?” Ele demora a me responder, e eu não sei se ele faz para chamar a atenção ou porque fica passando mal, mesmo. E, se passa mal, por que goza? E, se passa bem, acho que se trata de uma forma esquisita de passar bem. Deus o ajude a não enfartar comigo no quarto. Não sei direito prestar os primeiros socorros. Se ele morresse do coração no motel, o Jornal da Hora largaria na capa a seguinte manchete: “PUTA MATA VÉIO NO MOTEL EM TREPADA DA MORTE!”

Bem, seria um ibope e tanto...

Balneário Camboriú, 2 de maio de 2004.

Tenho pena dos viciados, mas pena mesmo. A vida deles já não lhes

pertence mais. Atendemos muitos em dupla, porque eles nos chamam. Sempre procuram garotas de programa, mas não é para transar, não, porque quem está cheirado não tem ereção. Geralmente, o cliente precisa de companhia, entra em paranóia, ou, então, quer ser comido. Levamos os vibradores. Eles não dão trabalho físico, apenas causam desgaste mental. Eu e a Sa temos alguns clientes assim. Um deles, a gente chama de Lipe Cheira-Todas. Ele é um bom menino, mas está totalmente afundado nas drogas, nem se entende mais. Ficamos sabendo que teve uma *overdose* no motel, depois que saímos de lá. Foi levado de avião a São Paulo. Eu não esperava por essa.

Estávamos em quatro meninas com ele: eu, a Sa, a Ju e a Sol. A paranóia dele era nos ver desfilar e rebolar de calcinha. Ele colocou a poltrona do quarto do motel sobre a cama e ficava ali, sentado, olhando. Chamava uma a uma para subir e desfilar para ele. Cada uma tinha que levar pelo menos quatro calcinhas diferentes. Mas nem todas levamos, e, como ele estava bastante maluco, não reparava. A banheira de hidro era grande. Então, três de nós ficavam tomando banho e conversando, e uma ia lá, dar uma desfiladinha. Ele dizia: "Agora, vem a Juliana". Ela retorcia os olhos de reprovação por ter chegado a vez dela e ia. Nós ficávamos de bate-papo. Depois, era a minha vez, e, assim, o tempo ia passando: nada de sexo e nada de suruba. Ele era encarnadíssimo na Samantha, por causa da bunda empinada e enorme dela.

Depois, ele resolveu que precisava, urgentemente, trocar de motel. De uma hora para outra, um desespero para trocar de motel. Entrou em paranóia. Subimos todos no carro e rumamos para o Motel Love Love, na BR-101. Ele tinha deixado o carro dele para fora do último motel, porque a família procura por ele, quando ele some por muito tempo. Numa hora, estávamos as quatro na cama, enfileiradas lado a lado, de costas e conversando. Ele ficava apenas olhando e, de vez em quando, dizia: "Agora, rebolem e gemam". Imediatamente, nós nos empinávamos e ficávamos de quatro, lado a lado. Parecíamos um conjunto Tramontina de frigideiras, gemendo por nada. Fazíamos o que ele pedia, as quatro juntas. Logo, parávamos e

continuávamos a conversa do ponto exato em que ele nos havia interrompido. Agíamos como se ele fosse um objeto à parte no quarto. Alguma de nós, ali, teve a feliz idéia de dizer que estava com vontade de comer pizza. Ele mandou trazer várias da cozinha. Nem conseguimos comer todas, mas matamos um tempo enorme do nosso trabalho. Os pais sabem que ele é viciado e ligam para todos os lugares possíveis, procurando por ele. Algumas horas depois que saímos, os pais descobriram seu paradeiro. Não tínhamos noção de que ele estivesse tão mal. *Overdose* não tem pré-sintomas, ela vem e age.

Ele estava há três dias longe de casa, cheirando. Nem imaginávamos. Teve uma *overdose* perto da meia-noite. Quando invadiram o quarto, estava quase morto. Os motéis são os preferidos dos usuários de drogas, porque podem cheirar adoidado, que ninguém os incomoda. Além disso, os traficantes mandam os mototáxis fazerem a entrega e cobrarem o dinheiro lá mesmo. Se levar pouca quantidade a cada vez, o motoqueiro está fora de perigo, porque, se for pego, fica configurado uso próprio, e isso não dá cadeia. A maior parte dos presos está no presídio por tráfico.

Vários são os bandidos que nos procuram. O que mais acho interessante é que eles não parecem bandidos, e tem até os supereducados. Eles fazem muita festa nos motéis e adoram garotas de programa, detestam patricinhas. Quando roubam, escondem-se lá e mandam baixar a mulherada. Para nós, é bom, porque sempre pagam bem. Sabemos a quantidade do lucro deles pelo número de garotas que mandam chamar e pelo preço que pagam por cada uma. Implícita no valor, está a frase: “Bico fechado, você não me conhece, ok?” Por mim, é indiferente, porque estou ali fazendo o meu trabalho, e só isso. Não tenho interesse nenhum em denunciá-los à polícia. E eles tendem a ser bons clientes.

Bons clientes são da Melina. Ótimos, aliás. São rápidos, pagam bem e nunca incomodam. Quase todas as semanas, tenho atendido alguém para ela, e quase sempre a Rafa vai junto.

Fui ao Costão do Santinho, num desses dias, para atender o dono de uma concessionária Mercedes. Dessa vez, a Micheline foi junto. Perdemos uma

hora indo e vindo de Floripa para cá, mas ganhamos 800 reais cada uma. Como é que ela pode me vender por esse preço? O que será que ela falou de mim para o cara, que ele resolveu me contratar por esse valor? A Micheline é modelo e já saiu em várias revistas. Mas, e eu? Qual será a minha história? Vai ver que ela diz que eu sou amiga da Micheline.

A Rafa me ligou. Seu namorado está para sair do Cadeião, e ela está muito feliz. Eu até acho a história deles bonita, porque percebo que, ali, o amor vence barreiras. Ela o admira pela coragem que tem e vê nele uma espécie de defensor. Quando ela trabalhava na Boate Castelinho, as meninas a respeitavam, porque sabiam que ela era sua namorada. Ele tem fama de ser bandido dos bons: que não abandona os companheiros, participa de tiroteios e enfrenta a polícia. Deve ser a sexta cadeia que ele puxa: praticamente um terço da vida cumprindo pena. Eu fico pensando em que futuro ele terá, porque está comprovado que o crime não o beneficiou muito na vida. Ele teria de aprender uma profissão, conhecer outra vida. Mas fica difícil melhorar a relação social dele com o mundo quando está atrás das grades, sempre em contato com outros bandidos. Ela diz que, assim que ele sair, não quer mais que ele tenha amizade com os outros presidiários. Diz que vai ajudá-lo, só não sabe como. Lembro-me de mim quando tinha o cabelo rosa. Quando se tem 19 anos, não se vêem muralhas e barreiras em nenhum lugar. Espero que os sonhos dela de ter um carrão e de recuperar o namorado dêem certo.

Ela está se mantendo firme na economia. Entrou no mesmo ritmo que eu e as meninas. A Sol também parou de gastar em roupas. Mas, das quatro, ela é a única que, de vez em quando, dá umas vaciladas, não se segura e compra algumas *lingeries*, para passar o final de semana atrás das grades com o bofe dela. É assim que ela o chama. Nós a apelidamos de *Miss* Cadeião.

No jornal, apareceram agora mais duas garotas, mãe e filha: Dorotéia e Viviane. Conheci-as, e parecem gente boa, a mãe, principalmente. Ela deve ter uns 45 anos, mas se cuida. É uma pessoa íntegra; a gente nota isso ao falar com ela. Deve ter sido o problema financeiro. Elas vieram de Mato Grosso do Sul. Atendem juntas, no apartamento delas. Deve ser uma barra

para a mãe ver a filha trabalhando. Fico aqui me perguntando se eu permitiria que a minha filha trabalhasse. E se, no futuro, ela quisesse? Minha Nossa... Não havia pensado nisso antes. Porque, quem faz, não pode cobrar nada. Onde é que já se viu pai e mãe fumantes ensinarem aos filhos que não se pode fumar? Pode ser sem sentido, mas não vou deixar, está decidido...

Eu morro e, realmente, não vejo tudo. Quando acho que mais nada me surpreende, vem um cliente e me deixa espantada. Hoje, tocou o celular da Ana. O cliente falou: "Quero que coma o meu rabo bem gostoso". Eu respondi que era comigo mesma. Ele se hospedou no Motel Renoir e mandou me chamar.

Assim que cheguei, tive a sensação de que tinha algo estranho no quarto. Aquele sexto sentido fodido, de toda mulher. Cumprimentei o cliente de longe: estava deitado sobre a cama, com uma toalhinha cobrindo as partes. Quando a toalhinha cobre as partes, lá vem bomba ou pepino. Era pepino mesmo.

Coloquei a frasqueira dos vibradores do lado da cama, e ele tirou a toalha, abriu as pernas, virou-se de lado e me disse, mostrando o que tinha colocado dentro dele mesmo: "Olha só a grossura deste pepino! Coloco de tudo no meu rabo". Acho que parei no tempo por alguns segundos. Nunca tinha visto aquilo. Mas o que me surpreendeu nem foi ser um pepino. Foi o TAMANHO DO PEPINO, foi ele estar envolto num preservativo, foi o cliente levar aquele pepino para cima e para baixo, como a um vibrador de estimação, foi ele me contratar, se pode se comer sozinho. E, por fim, ele acabou de me assombrar, quando mostrou um pote de margarina sem sal, que ele usa como gel lubrificante. O pote já estava pela metade. Fiquei imaginando o quanto ele dava o rabo para ele mesmo, ou, então, se alguém na casa dele, de vez em quando, não pegava aquela manteiga para passar no pão.

Eu tentei reagir normalmente. Disfarcei, olhei para o outro lado, mas aquela cena me chocou. Fui em direção ao banheiro, eu queria ficar longe dele. Aquele pepino era tão estranho. Tinha a grossura de uma mortadela e estava meio verde, meio amarelo, o que significava que não era dos mais novinhos e que seu tempo para consumo já terminara, mas não tinha sido

desprezado ainda porque o cliente, decerto, não encontrara um legume à altura para substituí-lo.

Sim, os homens, a meu ver, são assim: quando sua fonte de prazer é superada, acaba sendo substituída. O que ele faria com aquele legume, no dia em que encontrasse outro melhor? Será que pelo menos o comeria, dando-lhe um final digno e verdadeiramente útil?

Para acabar de me chocar, o cliente resolveu ser autêntico de uma vez por todas e dizer: “Eu gosto de ser veaaaaaado. Sou casado com uma evangélica e minha mãe era da zona. Ficou lá até os 45 anos e, depois, virou alcoólatra. Cresci na putaria e acho que gosto de dar o rabo de tanto que a espiei fazendo isso pelas frestas do puteiro”.

Não, não podia ser verdade... Mas era. Senti sinceridade naquele homem e fiquei, de certa forma, comovida, porque ele estava sendo verdadeiro e falando das suas fraquezas. A maioria dos meus clientes era hipócrita o suficiente para vir com o velho papo de que essa era a sua primeira vez e de que não sabia como dar o rabo. Mas era só eu colocar o vibrador, que logo percebia que a verdade era outra. E que diferença tem quem dá uma vez e quem dá sempre?

Comecei a fazer o programa. Vivendo e aprendendo. Não tem gel lubrificante, usa manteiga sem sal. Não tem vibrador, usa pepino. Não tem veado na estrada na parte da tarde, então chama a Ana do Jornalzinho: ela oferece acessórios e, se tiver sorte, ela traz um bem grosso, que nem pepino vitaminado, daqueles japoneses, criados em laboratório, do tipo transgênico. Depois, se o cara pega câncer no rabo, o culpado é o transgênico.

Olha, cada uma que me acontece... Eu posso ser garota de programa uma vida inteira, e ainda serei surpreendida. Trabalhar fazendo programa não é fácil, não é simples como se pensa. O mais complicado é tentar manter a mente aberta, aceitar as diferenças e ter muito, mas muito jogo de cintura. De vez em quando, na profissão, aparecem uns pepinos.

Balneário Camboriú, 10 de maio de 2004.

Estamos agora trabalhando a todo vapor: nunca ganhamos menos do que dez mil reais ao mês cada uma. Daqui a pouco, vamos ganhar mais do que os juízes, e não temos desconto em folha. Fazer livro de contabilidade é ótimo: ele nos dá uma clara visão do aumento de lucro. Com certeza, é o trabalho em equipe que mais rende. Tenho várias anotações de programas, no caderninho de contabilidade, nos quais as meninas é que me chamaram para participar.

As outras garotas da cidade não vão para a frente, porque não se unem. Assim é melhor para nós. A Sol também conheceu as Biancas, o casal de namoradas: elas são famosas. A Sol trabalhava no Pérolas de Floripa, e elas eram das que mais ganhavam dinheiro, porque sempre subiam para o quarto juntas e ficavam, as duas, tentando convencer seus clientes a levarem a namorada junto.

Eu comprei um computador, e a Samantha também. A Sol vai à loja hoje à tarde, para comprar um para ela também, mas tenho a impressão de que ela o deixará na caixa. Vamos controlar nossas contas bancárias pela *internet*. Também vou poder entrar no *site* da WebMotors e admirar todas aquelas preciosidades.

Resolvi trocar de carro: o Alcione me conseguiu um Astra, com tudo de que eu gosto, até teto solar, e preto, como sempre. Parcelei, para não me descapitalizar. Estou juntando dinheiro para dar um lance no consórcio de imóveis que eu fiz no banco. A Samantha resolveu trocar de carro também, e já o fez. Estava muito brava, porque o seu carro tinha ido para o conserto, por várias vezes, para desamassar as batidas feitas pela porta da garagem que mandam fechar quando ela passa. Comprou um melhor ainda: um Corsa Sedan completo e zero. Agora é que a vizinhança fica louca. É muito homem entrando e saindo daquela casa. Confesso que a vida anda muito divertida. A gente só ri, e, agora, demos para nos apelidar de golpistas.

Num desses dias, elegemos o melhor golpe aplicado por nós. Fomos contratadas por um traficante, que já conhecemos. Ele pagou 500 reais e pediu que ficássemos as duas com ele por duas horas. Na hora, topamos.

Chegamos ao motel combinado, e ele estava cheirando todas. Perguntou se queríamos pó também. Agradecemos e dissemos que dávamos a nossa parte a ele.

É um saco esperar as horas passarem e ficar vendo o cliente se matar de tanto cheirar. Eu e a Samantha ficamos sentadas sobre a cama, fazendo poses, porque ele gostava de ficar nos olhando enquanto cheirava. Conversávamos entre nós sobre os assuntos cotidianos. Ele pedia para ficarmos em silêncio. A olhadinha que uma deu à outra já significava: "Vamos fazer alguma coisa por nós".

Tínhamos um plano traçado e que havíamos combinado, caso tivéssemos algum problema de tempo. Esperamos pelo momento certo e, quando ele foi ao banheiro, eu pulei sobre o relógio do quarto, para adiantá-lo em uma hora, e ela correu para o relógio do cliente, que estava em cima da mesa. Voltamos para a cama e, em poucos instantes, ele abriu a porta.

Se ele tivesse nos pegado, teríamos problemas, porque não imaginaria que estivéssemos adiantando o relógio, mas, sim, roubando-o. A Samantha me falou que o relógio era um Bulgari, e isso é caro pra chuchu. Esse cliente se veste muito bem, anda de carrão e tem várias mulheres, que ligam para ele, pedindo satisfações. Uma telefonava, e ele dizia que não estava na cidade, chamando-a de amor. A outra ligava, e ele dizia que iria para casa hoje. Outra telefonou, e ele pediu a ela que deixasse de pegar no seu pé e o deixasse trabalhar em paz.

Não sei por que tanta mulher, se o cara nem trepar pode. É capaz de elas comerem o rabo dele. Não adianta: 90% dos clientes que cheiram não ficam de pau duro. Não deram 40 minutos, e já fomos colocando a roupa. "Mas já? Nem passou uma hora." "Claro que passou! Você está tão noiado da droga que perdeu a noção do tempo. Olha no teu relógio: faltam agora uns 15 minutos para acabar nosso tempo. Se você ainda quer ficar aqui, a gente manda mais uma amiga para ti. Já temos compromisso marcado." Ele aceitou, meio contrariado, mas sem maiores problemas, porque tinha dinheiro para gastar com mulher. Mandamos a Sol para ele.

Nessa madrugada, eu ainda estava trabalhando, quando a Samantha me

ligou e disse: “Acaba teu cliente do Hotel Morumbi rápido e vai para o Hotel Vale Tur. Já deixei tudo acertado lá, mas não posso ir, porque assumi outro compromisso no Hotel Marinheiros”. Eu ainda estava atendendo o cliente. Ele reclamou um pouco de eu estar falando ao telefone e atendendo ao mesmo tempo. O próximo seria o meu oitavo cliente do dia; estava praticamente morta de cansaço. Eu e a Sa fizemos uma correria danada, entre os anúncios e os hotéis, tentando atender todo mundo. Quando cheguei ao Hotel Vale Tur, perguntei ao recepcionista sobre o quarto e o preço, pois havia esquecido de falar com a Samantha sobre isso. “São cem reais, quarto 201.” O cliente abriu a porta. Era um moreno, de estatura mediana e até que bonito. Nada em especial, mas pelo menos não era tenebroso, como muitos que eu atendo. E também não dei importância a isso. Beleza, para mim, não conta em nada, nessas horas.

Cheguei já meio viva e meio morta. Tomei banho e comecei a fazer o mesmo ritual de sempre (mesmas palavras, mesmas posições, mesmos gestos, tudo igual: não muda nada, de um para outro). O cliente se achava o “talzinho”. Ele me disse, fazendo cara *sexy*: “De homens como eu, você não deveria nem cobrar, tem que deixar rolar de graça”.

Nessa hora, eu nem respondi: achei que não valia a pena conversar com alguém tão presunçoso. Eu detesto homem que se acha. Só sei que eu estava em cima dele e por ali fiquei, fazendo uma sentada que eu só faço quando pagam bem, mas mesmo meia-boca, devido ao cansaço, era uma sentada. Assim, eu terminaria o serviço logo e iria para casa, dormir. Então, ele me disse: “Você só sabe fazer isso? Mais nada? Fica aí, pulando igual a uma macaca...” Parei a sentada, aproveitando para descansar as pernas: “Olha, querido, são quatro horas da manhã, você é meu oitavo cliente, estou morta de cansaço e, ainda por cima, você está pagando só cem reais”. Ele falou: “Cem reais, nada: são 70 reais, o combinado”. Saltei de cima dele. Eu já achava que estava fazendo demais por cem reais; por 70, então, não faria mais nada.

Pronto! Até explicar que focinho de porco não é tomada, levou um tempo. É que o porteiro havia dito a ele que eram cem reais, mas, ao telefone, ele

tinha chorado tanto que a Samantha, para não jogar dinheiro fora, aceitou os seus 70 reais. Nesse meio-tempo, apareceu outro cliente mais lucrativo em outro hotel, e ela me mandou no lugar dela, mas não nos comunicamos quanto a valores. Pagar pouco é sempre pior para o cliente, pois, quanto menos ele paga, menos a gente faz.

"Então, já que é assim, vamos fazer o seguinte: vem você por cima." Falei isso e me deitei, aproveitando para dormir um pouquinho, enquanto ele terminava o serviço.

O mais engraçado de tudo é que, mesmo depois de tantos atendimentos, eu não consigo gostar de nenhum dos meus clientes. Não me apego a eles, nem tenho vontade que voltem ou, então, que se estabeleça algum vínculo de sentimento.

Hoje, no início da tarde, eu e a Samantha estávamos em um atendimento, e o cliente começou a querer, a todo pano, que nós gozássemos. Mas a gente, uma hora, até cansa de ficar fingindo. Ele queria fazer amor também. Ela se irritou: "Que que é? Tá pagando e, ainda por cima, quer fazer amor? Quem tem que gozar aqui é você, e não eu". Fim de conversa: com a dura realidade exposta e o *grand finale* do teatro, o cliente broxou, pagou e foi embora.

Mas a maioria dos homens é muito ruim de cama, mas muito ruim mesmo. Eles se preocupam só com eles. Será que é porque eu sou de programa, ou eles agem sempre assim?

Eu sei muito bem como um homem se sente, quando está prestes a gozar, e a mulher diz que não quer mais e o deixa na mão. Ou, então, resolve que, naquele dia, está com dor de cabeça. Ou, pior ainda, rola um sexo morno e básico. É péssimo para quem está na expectativa. Dá um nervoso. Ando apelando para os meus próprios vibradores. Num desses dias, atendi quatro clientes, e nada de eles me esperarem. Eram muito rapidinhos, e, para ajudar, não me senti atraída por nenhum.

Também descobri que a escova de dentes elétrica vibra mais e é bem melhor do que muitos dos meus clientes e dos aparelhos que comprei na *sex shop*. Só que não dá para usar a cerda, não; é com a parte de trás da cerda. Fui descobrir isso enquanto estava tomando banho: tem uma dessas escovas

no meu *box*. Estou cansada de transar com o meu chuveirinho e fiquei pensando sobre o que poderia fazer por mim mesma. Botei os olhos na escova. Ela estava lá, paradinha, em pé, de um jeito bem inocente. "Vamos ver do que isso é capaz." Dizem que "as inocentes surpreendem". Pensei comigo mesmo: muito bom. Chuveirinho não tem mais graça. Aliás, tudo o que vira rotina e não tem amor perde a graça.

Uma pausa erótica. Dois pontos:

"Não despreze a masturbação – é fazer sexo com a pessoa que você mais ama."

Woody Allen

A Samantha resolveu realizar um desejo seu: pagar um garoto de programa, para saber como é a sensação de estar pagando alguém e se ver no lugar do cliente. Ela adorou: "Mulher, é a melhor coisa do mundo! Escolhi o garoto pelas fotos da agência, peguei-o, levei-o ao motel no meu carro, pedi que ele fizesse massagem em mim, depois fiz um sexo animal! Disse como é que eu gostava, fiz que ele pingasse em cima de mim e ainda dormi lá, porque, de manhã, eu queria de novo. Pedi café da manhã, paguei-o e, ao deixá-lo em casa, estendi-lhe o meu cartãozinho, dizendo que me ligasse, caso precisasse de alguma coisa. É muito bom. Senti o poder nas minhas mãos".

Bem, ou eu encontro, bem ligeiro, um cliente para transar comigo decentemente, ou vou ter de apelar para uma contratação. Deve ser por isso que muitos nos procuram: de repente, nem sempre é falta de caráter, mas insatisfação sexual. É horrível mesmo você estar sempre com aquela sensação de incômodo e de não-realização. Tem de ter amor, sim, mas afinidade sexual também.

Balneário Camboriú, 3 de junho de 2004.

É muito engraçado: confesso que estou adorando esta profissão. Fiquei praticamente um ano me culpando e triste por tudo o que havia acontecido, mas, agora, FODA-SE, a vida é uma festa, e eu quero é me divertir. Não

levo os homens a sério, mesmo, e o dinheiro vem como água na torneira. O único saco é ter de levantar no meio da madrugada para atender cliente, e tem cliente todas as noites.

Eu ligo para a Samantha e digo: "*Girl*, levanta, estão nos esperando no Motel Renoir". Na volta, ela sempre reclama do sono, mas, ao descer do carro, diz sempre a mesma frase: "*Girl*, qualquer coisa, me chama!". Ela pode estar com fome, com sono, com dor, que não se nega a um atendimento e a um dinheirinho a mais no seu bolso. Nunca!

Às vezes, paramos para comer e contar as novidades do dia. Fazemos quase tudo juntas, e sempre temos o que conversar. Agora, descobrimos o MSN, mas sempre acabamos conversando uma com a outra. Ela tem entrado nos *sites* de namoro, para brincar um pouco. Separou-se do namorado: diz que homem casado só serve para incomodar. A Samantha é uma mulher carente, que adora dar e receber atenção. Na verdade, ela fica aflita, por querer paparicar o namorado e não conseguir, por causa da distância e da esposa dele.

Está se curando nos *sites*. É o tipo de mulher que consegue ser mais determinada do que eu. Nessa de nós usarmos a *internet* para controle bancário, ela descobriu um *site* de procura de namorados, chamado Par Perfeito. Curiosa, preencheu um cadastro e começou a receber propostas de namoro. Está firme com uns cinco namorados virtuais ao mesmo tempo. Tem suíço, argentino, dois brasileiros, até um árabe. Ela me conta, e eu me mato de rir. Como é que ela consegue falar com cinco ao mesmo tempo? E tem mais: ela pede e ganha presentes. Já chegaram chocolates da Suíça para ela.

Não tenho vontade de fazer essas coisas: só quero engordar a minha conta. Faz um ano e meio que me livrei da bomba do meu último relacionamento, e não quero homem tão cedo na minha vida. Eu tenho certeza de que não me apaixono mais. A Samantha sai para jantar com algum pretendente todas as semanas, e o mais engraçado é que eles não sabem que ela é de programa, e ela fica dando uma de patricinha certinha. Ela os namora, e nada de sexo: "Marise, sexo eu tenho de sobra o dia inteiro, até ando enjoada. Eu quero saber é de bater papo, jantar fora, ir ao cinema, essas coisas de mulher

tradicional". Aquele mulherão todo é um poço de sentimentalidade. Sim! Ela é romântica e sensível. Só que é brava.

Ontem, ela me mostrou todo o poder de fúria da sua garganta e do que a sua voz era capaz de fazer pela gente.

Meu celular tocou às seis horas da manhã, e era o recepcionista do Hotel São Francisco, comunicando clientes na área. Nós nos levantamos nos arrastando, e fomos. Quando chegamos, eles estavam nos esperando na recepção: dois trogloditas bombados, halterofilistas, que tinham vindo para uma competição internacional de halterofilismo aqui na cidade.

Eles nos cumprimentaram e nos levaram até o sofá que fica na sala de café da manhã do Hotel. Eles haviam acabado de sair de uma festa e iam tomar café antes de fazer o programa conosco. Os mal-educados nos deixaram sentadas a dois metros deles, assistindo-os a se servir e a tomar café. Nem nos ofereceram. Eu não conseguia acreditar naquilo. Comer à minha frente e nem me oferecer. Por aquilo, a gente já tinha uma noção da espécie de consideração que eles tinham conosco. No mínimo, éramos, para eles, duas putas e mais nada.

Comeram. Meu Deus, como comeram! Não trocaram nenhuma palavra conosco, e eu e a Sa só nos olhamos. Já sabíamos que eles teriam o que mereciam e que não faríamos nenhum esforço físico para o bom resultado da transa.

Subimos para o quarto, e não sei quem ali era o pior. Um deles tinha falado comigo pelo telefone, antes de eu chegar, porque queria escutar a minha voz. Disse-me para vir feliz, porque eles eram bonitos. Eu detesto homem que se acha, e a Sa também. Era tanto músculo saltado e bombado, que mal dava para o homem tirar a camiseta. Fez um esforço; mais um pouquinho, rasgava tudo. Ainda por cima, ele usava lentes de contato azuis, para o olhar ficar mais *sexy*, e tinha uns cílios enormes, pretos, que pareciam ter sido pintados. Eu juraria que era um homossexual.

Fiquei com o dos "olhinhos azuis", e a Sa, com o "amiguinho" dele. Era horrível fazer o programa com eles, porque só de eles nos pegarem pelo braço já doía: eles não sabiam mensurar a força. Um deles foi me virar e me

machucou. Eu disse: “Ai!” O outro foi pegar a Sa e a machucou também. Naquele quarto, só se ouvia: “Ai, ai, ai, ai, ai...” Estava insuportável. Sem falar que eles já haviam tomado tanta bomba na vida, que os pênis não ficavam duros. Cara bombado fica broxa! Algum tempo se passou, e nada evoluía. Ficamos as duas lado a lado, de quatro, com as “Fifis” atrás da gente, tentando fazer alguma coisa decente. Numa hora, a situação era tão insuportável que resolvemos nos dar as mãos, como quem diz: “Força, amiga, agüenta só mais um pouquinho esses dois idiotas, que tudo já vai passar”.

O cliente da Samantha resolveu virá-la de frente e pegou-a pelo quadril com tudo, colocando-a na posição que ele queria, sem avisar. Ela se machucou para valer e resolveu dar um basta na situação: “CHEGA! VOCÊ ESTÁ PENSANDO QUE EU SOU UMA VACA?” Senti que ela ia jogar tudo no ventilador. “CALA A BOCA, PIRANHA, SENÃO TE DOU UMAS BOLACHAS!”

Bem, essa foi a pior coisa que ele poderia ter dito, e deve estar até agora traumatizado com a palavra “bolacha”. A Samantha, quando está brava, não tem medo de absolutamente nada. Começou a berraria: “O QUÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ? TU VAI BATER EM MIM? SE VAI COMEÇAR, QUE SEJA LOGO: ME MATA E ESCONDE O CORPO, PORQUE, SE EU FICAR VIVA, VAMOS PARA A DELEGACIA DA MULHER!!!”

O que estava comigo dizia: “Calma, moça, ele não vai bater, nada, só falou da boca para fora”. Inútil explicar qualquer coisa, com a minha amiga transformada: ela é outra pessoa. Até eu comecei a ficar nervosa com os gritos dela: “SEU VAGABUNDO, TÁ PENSANDO QUE EU SOU O QUÊ, VAI BATER NA TUA MÃE, SEU VAGABUNDO!!!!”

A Samantha acordou o andar com aqueles gritos. O menino que estava com ela dava murros na parede e fazia tremer todo o quarto, dizendo-me para fazer aquela louca parar de berrar. “QUER DAR BOLACHA? SE TU TE ATREVER A DAR BOLACHA EM MIM, EU MATO VOCÊ, SEU VAGABUNDO!” O menino dos “olhinhos azuis” me abraçava e dizia: “Nós

somos legais, vê só como a gente é gente boa. Agora, faz ela calar a boca, que o gerente vai vir aqui, e o treinador também".

Fiz que não com a cabeça: "Impossível, nada a faz parar agora. Conheço-a muito bem". "BANDO DE VAGABUNDOS METIDOS A BESTA, VOCÊS GOSTAM DE BATER EM MULHER? METERAM-SE COM A PESSOA ERRADA, SEUS VAGABUNDOS." Já estava me dando dor de barriga de nervoso. Vieram uns três halterofilistas ao quarto, para ver o que estava acontecendo. A Sa gritava como uma louca: "VÃO VER O QUE EU FAÇO COM HOMEM VAGABUNDO QUE BATE EM MULHER! EU LEVO PARA A DELEGACIA DA MULHER, É PARA JÁ QUE A GENTE VAI!" Sacudia as mãos por cima da cabeça, colocava o dedo na cara do cliente. Acho que ele não cometeu nenhuma agressão física por medo da reação dela. Virei-me para o "amiguinho" e disse: "Cara, paga de uma vez, para a gente ir embora, que ela não vai parar." Ele virou-se rapidamente para a mala e disse: "Tá bom, vou fazer o cheque agora!"

"CHEQUE? EU OUVI A PALAVRA "CHEQUE"? EU NÃO ACEEEEEEITO CHEQUE!!!" A Samantha estava furiosa, e parecia uma pirada: os cabelos bagunçados, e o rosto vermelho, de tanto gritar.

Eu ia passar mal, diante de tanta confusão. Os amigos dos clientes que estavam no quarto disseram que havia pessoas, no corredor, colocando a cabeça para fora das suas portas, e que ia dar zebra. Falei para arranjarem dinheiro para a gente logo, que, então, iríamos embora. O recepcionista começou a ligar para o quarto e a perguntar se era para chamar a polícia. "Não Rubens, não! Já está tudo certo!" Trouxeram os trocados; todo o mundo ajudou. A Sa não parava de berrar e, assim que eu estendi o dinheiro a ela, calou a boca. Instantaneamente. Arrumou os cabelos, e saímos, bem rápido. Descemos pelas escadas, para não corrermos o risco de encontrar o gerente, subindo pelo elevador.

Pagamos a recepção e, quando entramos no carro, caímos na risada. Fomos tomar café da manhã juntas. Ligamos para a Sol. Ela estava saindo de um esquema e disse que o cliente a tinha arregaçado inteirinha, de tanto trepar. Hoje, vou com a Rafa à Concessionária Via Porto. O Alcione e o Alexandre

já conseguiram um carro para ela. Ela já juntou a entrada. Ainda não vai ser o carrão, mas, pelo menos, é um bom começo. Depois, ela quita esse carro e o dá como entrada para o outro que ela quer. Ela também não tem carteira, e eu vou trazer o carro dela. Como seus pais não sabem que ela trabalha, fica difícil ela chegar em casa com um carro. Vai explicar o quê?

Combinamos de deixá-lo, por enquanto, no meu prédio. Depois que o namorado dela sair do Cadeião, ele dirige o carro, e eles dizem que é dele. Ela vai começar a auto-escola também.

Balneário Camboriú, 7 de junho de 2004.

Eu tenho um cliente em comum com as meninas. Seu nome é Valdir. Ele é bioquímico em Itajaí. Dizem que aplica injeção no pau, para ele ficar duro. O maior problema é que ele não goza. Eu mesma sinto angústia quando o atendo, pois ele fica o tempo todo querendo penetrar. Já o atendi por umas 20 vezes, e ele nunca, mas nunca gozou. Das raras vezes em que conseguiu, foi na punheta, mesmo, enquanto eu colocava a roupa, porque o tempo tinha acabado.

Eu não quero nem saber: deu a minha hora, estou caindo fora. Bem, o Valdir tem outro problema sério, mas esse é mais sério do que a injeção no pinto: ele tem complexo com o tamanho do seu pênis, mas é doentio. Ele tem o pênis enorme, mas enorme, que chega a machucar. Ele sabe disso, e chega a ficar insuportável, no quarto, de tanto que enche o saco, perguntando se o seu pênis é muito pequeno.

Ele já me irritou tanto que, num desses dias, quando começou a falar “Meu pinto é pequeno, que é que eu faço?”, eu disse: “Não faz nada, Valdir! Não vai crescer mais do que isso!” Toda vez que ele começa com esse assunto, eu fico quieta. Não fico mais tentando provar para ele o que ele já sabe.

O Valdir também é muito fofoqueiro. Fico impressionada: eu não falo nada, e ele me conta da vida pessoal das outras meninas. Numa dessas vezes, ele pegou uma doença, fez o exame e, depois, espalhou o resultado para todo o

mundo. Achei um absurdo. Nós o apelidamos de *Miss* Fofoquinha. Agora, combinamos entre nós que só lhe contaremos mentiras, para que ele as espalhe entre todas as garotas.

Ele vivia falando de uma tal de Anelyse, mas falava de um jeito, que eu ficava impressionada. As outras meninas também diziam que tinham curiosidade em conhecê-la. Ele dizia que ela era uma deusa, a coisa mais linda, corpo perfeito, olhos maravilhosamente azuis, boca carnuda, um sorriso esplendoroso. A Samantha se coçava por saber quem era a concorrente, e até tinha pensado em se passar por uma esposa querendo contratar uma garota, para poder se encontrar com ela.

Não resisti. Ele falava tanto, e todas as minhas amigas morrendo de curiosidade, que já peguei o telefone: "Anelyse? Aqui é a Marise. Eu tinha vontade de te conhecer, pode ser? Será que posso ir à tua casa?" Na maior cara-de-pau. Nem fiquei com vergonha. Ela, na hora, respondeu: "Marise, tenho tanta curiosidade em te ver! Você nem sabe, o Valdir fala tanto de você!" Eu me espantei. Fui até lá, e o que vi foi uma mulher bonita, da minha idade. Do mesmo padrão que eu. Bonita, mas nada que fosse de arrasar todos os quarteirões, do jeito que ele falava. Na hora em que ela abriu a porta, tenho certeza de que pensou o mesmo de mim. Percebi que o intuito dele era disseminar a inveja. Ô, sujeitinho mais medíocre.

Sentamos para conversar. Ela era legal, e não morava em Itajaí. Era de Barra Velha e vinha todos os dias para atender na região. Tinha uma moto Bis. Sua família pensava que ela trabalhava numa loja. Ela era mãe solteira: tinha arrajado um namorado casado no *site* Par Perfeito, e ele lhe mandava uma ajuda por mês. Ele nem desconfiava de que ela fizesse programa. A Anelyse estava tentando engravidar dele e esperando ele se separar da esposa para sair da vida. Ia ganhar um carro, da próxima vez em que ele viesse. Ela deixou de fazer parte do mundo da minha imaginação e perdeu a graça para mim, mas as meninas ainda não a conheciam, e, portanto, ela continuou sendo endeusada por elas. Acho que é assim com os clientes também. Ficam intrigados conosco e com nossos anúncios misteriosos, que mostram somente uma parte do corpo. Como seria o resto? Eles ficam

planando na imaginação e só sossegam na hora em que nos procuram. Então, deixamos de fazer parte de um mundo mágico para eles e nos tornamos reais, de carne e osso.

Num dia desses, fiquei sabendo o tipo de homem que me atrai. É o homem generoso! Ele pode ser alto, gordo, da idade que for. Se for generoso, eu gosto. Se for mesquinho, não me interesso por ele. E pode ser rico e lindo, mas, se for mesquinho, perco o interesse.

Ser generoso não tem a ver com ser rico ou pobre. Tem a ver com ser egoísta ou não. Um cara pode ser generoso e pobre, ao mesmo tempo. Basta que ele divida o pouco que tem. E pode também ser milionário e mesquinho, basta que não dê nada a ninguém. Tem cliente que fica pechinchando por cinco reais e que, muitas vezes, pode pagar.

Eu e as meninas continuamos com os "agradecimentos pela colheita do dia". Às vezes, o movimento é fraco, mas não deixamos de dar dinheiro aos catadores de papel. Eles precisam mais do que a gente e estão no árduo trabalho da madrugada de revirar os lixões da cidade. Vejo seus carrinhos, e as crianças dormindo dentro deles. Se fossem malandros, esperavam a comida cair do céu e estariam dormindo em casa. A Sa disse que reparou uma coisa: toda vez que a gente distribui uma parte da nossa colheita, no outro dia, ganhamos mais. Um dia, ouvi da boca de um senhor conceituado que, na vida, há um ciclo: quanto mais você dá, mais você recebe. Que cuidemos do que damos, porque isso definirá o que receberemos. Mas não damos dinheiro pensando no retorno: os catadores de papel são uma espécie de ação social nossa.

Num desses dias, fiquei muito emocionada; pensei que fosse chorar. Parei o carro e fiquei a assistir à cena. Era um casal bem pobre, bastante maltrapilho. Eles tinham um carrinho de papelão dos mais simples, e não haviam conseguido muita coisa naquela noite, porque o carrinho estava meio vazio. Deviam ser umas cinco da manhã, e eu havia saído do Hotel Plaza.

O carrinho estava estacionado na calçada. O marido se recostava à parede, e ela estava deitada no colo dele. Eles estavam de mãos dadas e, com a mão livre, ele fazia carinho nela. Contava umas coisas que eu não ouvia, e ela ria.

Devia ser algo engraçado. Vi, na miséria deles, a felicidade. A felicidade de estarem juntos, mesmo na vida difícil. Independentemente de terem ou não terem o que comer, eu os via felizes. Eles não tinham pouca idade, não, deviam estar há um bom tempo juntos. Tive de parar, antes que eu começasse a pensar em vida a dois e no amor novamente. Vejo casais riquíssimos, que têm tudo para serem felizes, e não conseguem. Estabelecer bons vínculos independe do bolso e tem tudo a ver com capacidade pessoal de relacionar-se com o outro. De ouvir, e de se fazer ouvir também. Geralmente, quem é muito rico não aprende a ouvir os outros, porque se acostumou, desde cedo, a ser ouvido.

Ontem, eu e a Samantha atendemos um cliente chamado Chico, de São Paulo. Um bom cliente. Perguntou se queríamos comer alguma coisa, antes de fazermos o programa. Ele disse que ali, no quarto, ninguém era obrigado a nada, que nós já estávamos pagas, independentemente do que fizéssemos. Bem, ele nos conquistou com essas poucas palavras. Comemos e, depois, iniciamos o trabalho. Ele parou de fazer o programa de uma hora para outra. Paramos também. Então, ele falou que se casaria comigo e, depois, continuou a transar. Lógico que nem há fundamento nessa frase, nem sentimentos ele tem por mim: havia acabado de me conhecer.

Mas ele me deixou muito feliz com aquela frase boba, dita ao léu. Era como se eu tivesse acabado de receber uma notícia, de que era possível alguém gostar de mim, sim, mesmo eu sendo garota de programa.

Quem está muito feliz é a Rafa. Ela me ligou hoje, dizendo: “Meu Bofe tá solto! Estou no motel e só saio daqui a dois dias. Vou tirar os atrasos! Não me liga para babado, porque eu estou ocupada, tá, amiga? Só volto para a batalha daqui a dois dias”. O amor desses dois é muito grande. Existe uma contradição entre a postura que a Rafa tem com os homens e os sentimentos que ela consegue nutrir pelo namorado. Porque ela só gosta de roupas de marca, homem *playboy*, cliente fino, carro do ano, e vive a falar da Via Condotti, na Itália. No entanto, ama um ex-presidiário, sem estudo, sem dinheiro, que não usa um Bulgari no braço, nem cuecas Calvin Klein. Mas é lógico que, se ela está com ele, alguma coisa ela admira em sua

personalidade, para amá-lo tanto. A felicidade dela está nos braços dele. Será que é porque ele a aceita do jeito que ela é? Será que é química violenta? Serão, ainda, os sonhos da juventude aflorados nela? Será que ela gosta de enfrentar os pais e precisa chamar sua atenção? Seria tudo isso junto?

Quando penso nesses dois juntos, lembro-me do desenho da Disney, "A Dama e o Vagabundo".

A Sol, nesses dias, disse-me já ter pensado que ele fez macumbão para ela, porque não consegue entender uma atitude dessas, vinda de uma mulher que só gosta de coisas finas. Aceitamos a decisão dela, até porque é normal, entre nós, namorar a bandidagem. Os bandidos são cavalheiros, e todo homem deveria ser cavalheiro. Por isso é que eles têm tantas mulheres.

Balneário Camboriú, 10 de junho de 2004.

À tarde, fiz três programas com a Samantha, um atrás do outro, no Motel Renoir. O primeiro cliente era bem legal, *light*, querido, e gozava rápido. O segundo cliente, um amor: deixou caixinha a mais, e nós nem fizemos muita coisa. Já o terceiro era barra-pesada.

O cara era ignorante, grosso e muito chato. Por exemplo: perguntei se podia comer um chocolate, e a resposta foi: "Não! Você não veio aqui para comer!" Eu não esperava por essa resposta, e só não paguei pelo chocolate e o comi na frente dele porque, inspiradíssima na Samantha, estou em contenção de despesas. Quem quer economizar, tem de fazê-lo, primeiro, nas pequenas coisas, e o maior segredo para isso é não abrir a guarda nunca. Um real gasto em chocolate é um real que deixa de ir para o banco, e é um real que você pode tirar do próximo cliente, se ele a deixar comer um chocolate. Somos disciplinadas e determinadas. Só abro a guarda para a minha filha; nunca me dói gastar com ela. Quando vou a uma loja, eu me sento e digo que ela pode ir experimentando e separando tudo de que ela goste. Está certo que eu não a levo a lojas caras, mas não deixo de comprar aquilo de que ela

precisa e gosta.

A Sa acabou de comprar o outro carro, mas já quer um melhor ainda, ou, então, vai comprar um apartamento. Ela diz que o Tio Patinhas ficou rico com uma primeira moeda. Portanto, ela vai fazer igual. Eu e a Sol rimos muito e sempre dizemos que a cabeça dela é uma maquininha registradora. A Samantha come miojo todos os dias, porque é mais barato.

Somos todas dinheiristas, sim, mas nunca passamos uma amiga para trás ou fazemos a mesquinharia de não levar a outra para o programa, com a intenção de ganhar mais. Existe uma ética nas relações pessoais e profissionais. Pena que as meninas não sejam todas assim. Tem duas que estão se matando no Expresso da Noite, porque são concorrentes. Uma é linda, loira e magra. A outra, dizem que é feia e tem até dente torto. A feia ganha mais dinheiro que a linda, porque tem uma lábia boa e é esperta, canta o cliente, trabalha bem e o leva no papo. A linda fica desfilando e não arranja nada. Concluo que mais vale inteligência do que beleza. De que adianta uma mulher linda, se ela é burra e não sabe usar a beleza em seu benefício? A inteligência e um pouco de dinheiro podem transformar a feia em bonita.

Uma bela pausa. Dois pontos:

"Mulher bonita é aquela que briga pela vontade de viver."
Tizuka Yamasaki

Eu havia entrado no quarto antes da Sa, porque ela ainda estava se arrumando e se despedindo do outro cliente. Fui tomando a frente, para não deixar o cliente escapar, porque ele já estava esperando há algum tempinho.

Quando ela chegou, eu estava sentada sobre a cama, e ele mal a deixou acabar de fumar o seu cigarrinho. Começamos a comentar um filme que estava nos cinemas e que eu ia levar a minha filha para ver, e ele retrucou: "Dá para conversarem isso depois e começar a foder logo?" A reação dele nos surpreendeu. Que cara grosso!!!

Ele era um saco, e começamos o nosso teatro habitual: esse era capaz de

começar a encrencar logo. Não demos mais nenhum pio dentro do quarto. O telefone tocou, e, graças a Deus, era o dele, porque, se fosse o nosso, era capaz de ele dar um tapa em alguém. Quando atendeu, percebemos, pela conversa, que ele era dono de uma distribuidora de gás. Como era mesquinho! Nem um chocolate quis me dar.

Falou o que tinha que falar, deu ordens, como se fosse um delegado, e voltou para a cama. Antes, mandou vir um pênis de borracha com cinta elástica, para que eu o amarrasse na cintura e fizesse papel de homem com a Samantha.

Olhei-me no espelho, para ver como eu ficava, e me senti um travesti. A Sa só ria e dizia que eu estava muito engraçada, com aquele cabelão todo, bem vermelho, e aquele pintão. Ele nos mandou calar a boca. Veio colocar aquele dedo dele dentro de mim. Ai, não! Aquela mão suja, não! Nem sei se ele corta as unhas! Esquivei-me e disse que eu não gostava de homem e que meu negócio era mulher. Foi o jeito que encontrei para quebrá-lo psicologicamente.

Ele, então, pegou a Sa de quatro: queria fazer anal com ela. Ela me olhou e disse: "Negocia". Além de paparicadora, beijoqueira e enroladora, eu também era a negociadora da dupla. Ela não tinha muita paciência para ficar largando 171; então, essa parte ficava para mim também. O negócio dela era "de quatro", e, para mim, estava bom também. Comecei pedindo "mais cinqüentinha", como sempre. Ele era tão pão-duro que negou.

Fui baixando o valor, até chegar a 20 reais. Menos do que aquilo, não dava: já seria fazer anal de graça. "Esquece, cara. Goza na bocetinha da minha amiga aí, vai. Nada de rabo dela para você!" Bem, em duas penetradas, ele gozou. Ainda bem que se mandou. Abriu a carteira antes, para nos pagar, e a vimos forrada de dinheiro.

Ele foi, e nós ficamos, tomando banho de banheira e conversando sobre nossos assuntos de, um dia, abrirmos uma loja juntas. Daríamos certo como parceiras: ela faria as compras para a loja, e eu, as vendas. Contei à Sa que o cliente tinha me negado um chocolate. Ela disse: "Vai, abre uma exceção. Come logo uma musse de chocolate, que eu sei que tu adora. Além do mais,

estou te devendo cinco reais". Enquanto eu comia a musse, ela dizia que até teria feito anal com o cliente, só para se livrar logo do programa, mas que ele era tão chato e miserável que o psicológico dela não permitira. Nossa sociedade é assim: devolvemos todos os centavos uma à outra, o trabalho é dividido e repartimos igualmente o dinheiro, salvo em caso de anal, porque é ela que faz o trabalho e não é justo, mas eu acabo me beneficiando, porque dificilmente transo.

Boa, essa idéia de, algum dia, abrirmos um negócio juntas. Acho que o nome da loja seria "*Girls*!", porque a Samantha começou a fazer inglês e, agora, chamamos todas as garotas de *girl* e, quando vem um homem para a gente atender, o chamamos de *boy*!

A Rafa está praticamente morando com o namorado. Fica um pouco na casa dos pais, mas mais com ele. Ele voltou à ativa, e estamos preocupadas, porque, se o pegam, ela pode cair junto e parar na cadeia. Ela não participa dos assaltos, mas está sempre por perto e poderia ser indiciada como cúmplice. Sua família está preocupada. Também nos perguntamos que futuro ela terá desse jeito. Ela tem tudo para dar certo. Família bem estruturada, beleza, juventude e possibilidade de estudar, se quiser. Os pais pagariam a faculdade para ela. Na verdade, nos perguntamos por que ela faz programa. Em que ponto exato será que a Rafa se perdeu? Na questão financeira é que não foi...

Uma amiga dela, a Berenice, está presa. Ela era cúmplice do namorado nos assaltos e no tráfico. Essa garota trabalhava no Café Virtual; já fui lá e me lembro dela. Não era muito bonita, mas, como era alta e tinha cabelos negros bem compridos, chamava a atenção. Um cliente apaixonou-se por ela, no ano passado. Tentou tirá-la da vida. Deu a ela uma pequena loja de roupas e um carro popular, mas um bom carro. Ela continuou namorando o Zeca, traficante e assaltante aqui da região, mas o cliente nem imaginava isso. Não demoraria muito, e ele acabaria assumindo a Berenice. Quem o conheceu disse que estava apaixonado.

Antes, ela já tinha o costume de participar dos golpes com o Zeca. O cliente ia ao Café Virtual e contratava a Berenice. Ela ia para a casa dele e,

se visse que era rico, ligava do banheiro para o namorado, dando as coordenadas do local e dos acessos à casa. Ele chegava com outros assaltantes e fazia uma limpa na casa, geralmente enquanto ela estava transando com o cliente. O Zeca dava um flagra no quarto, amarrava os dois, e a corda dela era sempre mais folgada, para que se libertasse, depois que ele saísse. Ela ainda chorava com o cliente e levava as glórias de tê-lo salvo das amarras. Isso, quando ela não fazia uma gritaria de: "Não nos matem, pelo amor de Deus, que eu tenho um filho para criar!" É verdade: ela tem um menino, de um antigo casamento.

Um dia, a Berenice conheceu um amigo, muito rico, desse seu cliente que a estava ajudando. Ela e o namorado acharam que seria um grande golpe seqüestrar esse amigo, e armaram tudo. Ela ficou com a responsabilidade de trazer as informações sobre a futura vítima, sobre a casa dele e sobre os lugares que freqüentava. O cliente era bastante chegado ao amigo e levava, com freqüência, a Berenice lá.

Um dia, executaram o plano. O Zeca conseguiu pegar o seqüestrado, só que, durante a fuga, aconteceu um problema: o Zeca usou o carro da namorada, capotou e acabou com ele. A polícia já estava filmando a Berenice há um bom tempo, porque sabia da ligação dos dois. Ele conseguiu escapar, mas o identificaram através da câmera que havia na casa.

A Berenice acabou fugindo também, quando soube que a polícia a estava procurando, e se refugiou com o Zeca. Durante uma discussão, por algum motivo que não se sabe, o Zeca atirou na Berenice. No hospital, ela foi reconhecida e, depois que se recuperou, foi presa. Sem namorado, sem carro, sem loja, sem o cliente para ajudá-la, sem o filho por perto, sem dinheiro e, o pior de tudo, sem liberdade. Disseram-me que ela não sai de lá antes de cumprir uma pena de 15 anos e que, para complicar, ela já tinha antecedentes. Em uma batida que a polícia havia feito na casa do Zeca, no passado, encontraram-na lá, e ela tinha sido presa também. Tinha passado um tempo numa penitenciária e fora solta. O Zeca tinha cumprido uma pena maior, mas, assim que ambos se reencontraram nas ruas, começaram tudo novamente.

Temos receio de que a Rafa, um dia, entre nessa. Não que ela vá participar de golpes, mas pode ser considerada cúmplice. Mas a vida é dela. Não vai perder nossa amizade por isso...

Balneário Camboriú, 10 de agosto de 2004.

As coisas estão complicadas, aqui no condomínio. Agora, o síndico tem falado para as mães não deixarem que seus filhos brinquem com a Yumi. Ela "não é boa companhia", por ser minha filha.

Achei um pecado. A Geovana veio me contar que ele foi até a casa dela e está indo, de apartamento em apartamento, a dizer que eu sou uma vergonha e "queimo" a imagem do condomínio. Ela disse que a Ju e o Augusto, filhos dela, iam continuar brincando com a Yumi, sim. Ele não gostou da resposta e acho que vai pegar no seu pé também.

A Yumi tem brincado somente com a Ju. Ela tem ido ao psicólogo toda semana, e ele tem me dito que a salvação dela é aquela amiguinha. Estou louca para comprar um apartamento de uma vez e ver se acabo com este martírio. Não me importo de ele me xingar em público. Sou mais eu, mas a minha filha é uma criança.

Eu e a Yumi temos uma maneira diferente de proceder como mãe e filha. Sou mais uma amiga e orientadora do que uma cuidadora. Ensino-a o que sei sobre a vida e tento torná-la independente o quanto antes. Poucas são as vezes em que sou autoritária. Somos muito carinhosas uma com a outra e, todos os dias, a gente se diz "Eu te amo!". Antes de dormir, ela sempre diz isso, e eu sempre falo, também. Ela ainda dorme comigo e diz que, no dia em que se casar, vai trazer o marido para morar com a gente, porque nunca vai se separar de mim. Para ela, ficar sozinha em casa, quando eu preciso sair, é normal: ela entende que vou trabalhar para nós.

Ela não tem vergonha de mim. Num desses dias, fiquei aflita: a Silmara não pôde dormir aqui em casa, como de costume, e eu tive um trabalho expresso para fazer, em um motel aqui perto. Disse a ela que me ligasse,

caso alguém batesse à porta, que a mãe vinha correndo. Fui aflita. Devo ter feito tudo em 20 minutos, pedi desculpas ao cliente e saí correndo. Ainda bem que ele era bonzinho. Quando estava voltando para casa, vi, no início da rua, um carro de polícia em frente ao condomínio. Devia ser o Conselho Tutelar. Fiquei desesperada, acelerei. Parei na frente do prédio, desci do carro e corri. Meu coração estava disparado. Nada: era só um vizinho, que trabalha na Brigada Militar. Eles tinham ido deixá-lo em casa.

Entrei, e a Yumi estava assistindo a um filme, me esperando. Convidei-a para sair, buscar um pote de sorvete e nos acabar vendo filme. Às vezes, a gente entra madrugada adentro assistindo à TV e, geralmente, eu acabo dormindo antes dela. A Yumi apaga a televisão e fecha a casa. Ela é ótima filha. A sorte é que estuda à tarde. Pude colocá-la na escola dos seus sonhos. Ela adora ir para lá. Na sala dela, deve haver, no máximo, dez crianças, e a professora não grita. São todos muito amorosos.

Hoje, senti mais uma dose do que o preconceito faz na alma das pessoas. Doeu, doeu mesmo. A Rosemara é minha amiga faz tempo, e é bem casada. Deve ter uns 20 anos de união. Nós nos conhecemos numa situação normal da vida e descobrimos haver amizade entre nós. O marido dela descobriu que eu trabalho como garota de programa e a proibiu de falar comigo. Saco!

Balneário Camboriú, 13 de agosto de 2004.

Devolvida! Pela primeira vez na vida, eu fui devolvida! Sempre tem a primeira vez, a gente nunca contenta a todo mundo. A Melina me ligou e disse: “Vão cinco garotas, agora, para Florianópolis. Vocês vão atender um figurão que mora na Lagoa da Conceição”. Subimos no carro eu, a Sa, a Rafa, a Janice e a Micheline. Nós nos arrumamos e, em uma hora, estávamos de saída para Florianópolis. Dessa vez, o cachê não era uma fortuna, mas tudo ajudava. Ele pagaria 350 reais para cada uma e colocaria 50 reais de gasolina no meu carro para irmos até lá. Estava nos esperando e fazendo um churrasco com os amigos em sua mansão. Fomos conversando durante a

viagem. A Sa estava envolta em seus pensamentos. Eu nem ousava perguntar sobre em que ela tanto pensava, porque eu imaginava que fosse sobre o fim do seu relacionamento com o namorado. As meninas, atrás, iam falando delas e dos seus negócios.

Elas contavam sobre os valores dos programas que a Melina já havia conseguido para elas e falavam da viagem para a Itália e das roupas que tinham, dos perfumes importados e dos clientes poderosos.

Eu ouvia tudo, porque, ouvindo, a gente aprende muita coisa. Eu ia pensando que elas falavam e contavam mil peripécias, mas a única, ali, que realmente havia adquirido alguma coisa era a Samantha. Ela não dava um pio. Tinha quitado o carro, juntado boa parte do dinheiro para comprar um apartamento, tinha uma faculdade completa, estava na metade da segunda e, ainda por cima, tinha feito, nessa semana, um título de capitalização.

A Sa cobrava o mesmo que eu. Hoje, já tinha feito programas de 50, 80 e 150 reais. Num dia desses, nós inclusive dividimos um programa de 80 reais. A seqüência de clientes estava apertada: tínhamos saído de um motel, e um cliente já estava quase chegando à casa da Samantha, para que nós, juntas, o atendêssemos. No meio do caminho, liga o Motel Renoir, dizendo que um cliente acabara de chegar e queria sair comigo sozinha. Puxa, e agora? Ele atrapalharia nosso cronograma, porque estávamos no mesmo carro. Então, para não atrapalhar o bom funcionamento da nossa rotina, fizemos o que sempre fazemos: dividimos o bom e o ruim, a hora do aperto e a da alegria.

Fomos, as duas, para o Motel e nos dirigimos quarto adentro. O cliente nem acreditava: “Compre uma e leve duas”. Entrei já largando o maior 171 nele. Ele poderia ficar com as duas, se nos ajudasse no tempo. Ele entendeu e gostou da idéia. Fizemos o serviço em dez minutos e voamos para a casa dela, na tentativa de não perder o próximo programa.

As outras meninas tinham clientes de naipes altos, mas acho que não sabiam administrar o dinheiro, ou, então, não trabalhavam freqüentemente, por causa dos valores. A meu ver, é preferível fazer cinco programas de 80 reais cada um, e fazer todos os dias essa quantidade, do que fazer um aqui e

outro ali, por 250 reais, duas a três vezes por semana. Se alguém está na chuva, é para se molhar. Ninguém vai ficar mais ou menos queimada pelo valor que cobra. A sociedade condena qualquer uma que cobre em troca de sexo, sejam cem ou cinco mil reais. Puta é tudo igual. É que nem bandido: não existe bandido com filme queimado e bandido com filme não queimado. Roubou, tá no mesmo barco.

Bem, fomos a viagem toda conversando e, tão logo chegamos, o cliente falou que não estávamos aprovadas. Ia ficar somente com a Micheline e com a Rafa e, mesmo assim, queria rever os valores com elas. Que cara idiota! Foi um absurdo, mas um baita absurdo. Nós nos indignamos; afinal, não tínhamos vindo da quadra ao lado, mas feito uma viagem de uma hora e meia até a Lagoa. Ele não queria nem pagar pela gasolina, porque a Melina dissera que todas eram bonitas, e ele não achava isso.

Recebeu-nos na sala, com o jantar posto, e nem ao menos nos convidou para jantar, antes de partirmos de volta. Eu olhava para os amigos dele e tinha percebido que nem eles estavam aprovando a atitude do dono da mansão; logo, deviam ser funcionários, e ele, o patrão. Ele se achava o máximo e caminhava com ares de superioridade e pompa. Depois, ficamos sabendo que era isso mesmo. Ele era dono de uma concessionária de carros, e todos que ali estavam eram seus empregados; por isso, ninguém interferiu.

Ele, decerto, só tinha aquele tipo de "amigo": ninguém, por livre e espontânea vontade, ficaria perto dele. Era uma pessoa bem fria e desumana. Tratou-nos como carne, mesmo, e nos classificou como "incomíveis", para o estômago dele. Não pagou nem a gasolina: um dos funcionários é que ficou com pena e nos levou até o posto. No caminho, ele disse que teria ficado com todas nós, mas que quem mandava era o homem. O figurão da sociedade de Floripa tinha uma mansão na Lagoa, que devia valer muito, e tinha acabado de comprar um BMW zero, que deixava à mostra, na frente do seu palácio. Mas estava mendigando por dinheiro. Não posso com cliente mesquinho.

Mas é chorando, em algumas situações, e rindo, em outras. Ontem, eu estava no Motel Privatte com um cliente e, de tanto eu falar que tinha uma

amiga e de tudo o que eu fazia com ela, ele ficou curioso e resolveu chamá-la. A Samantha não podia vir, estava em outro esquema. Então, liguei para a Sol. Era necessário mesmo trazer uma terceira menina, porque estava difícil terminar aquele trabalho. O cliente não gozava de jeito nenhum.

Liguei para ela: “Mas, louca, estou no salão de cabeleireiro, fazendo mechas no meu cabelo. Posso ir assim mesmo?” Disse a ela que sim, mas que não demorasse. Ainda expliquei ao cliente que ela estava fazendo uns fiozinhos mais escuros no cabelo loiro, para dar um realce. Ele disse que, por ele, tudo bem. Agora, quando a Sol entrou no quarto, eu não conseguia mais parar de rir!!!! Tive um ataque!!! Ela parecia um leão: uma juba enorme e armada na cabeça, com papelotes metálicos e tinta!! Entrou de bolsinha na mão e minissaia. O cliente ficou preocupado, dizendo que todo aquele arsenal na cabeça dela poderia furar os olhos dele. Fizemos o programa mesmo assim. Depois que a gente entra no quarto, não tem como o cliente sair sem pagar e, muito menos, desistir do programa: a gente dá um jeitinho. Mas era muito engraçado!

Uma vez, eu tinha acabado de passar a tinta vermelha nos cabelos e precisava ficar com ela por quase uma hora. Um cliente me ligou, e já estava no motel, me esperando. Não quis nem saber de perder aquele dinheiro, e a tinta era o de menos. “Seguinte: estou pintando o cabelo. Se tu não se importar, posso ir.” Ele aceitou. Estava com pouco tempo e não podia esperar. Cheguei lá com uma touca plástica e a tinta escorrendo pelo pescoço. Ele ainda brincou, dizendo que tinha atingido os seus objetivos, de fazer algo diferente. Mas a pior foi uma vez em que cheguei de pantufas ao quarto do motel, às quatro horas da manhã, de tanto sono e preguiça que eu estava de me trocar. Eu já tinha saído umas dez vezes com aquele cliente; logo, estava em casa. Fiz o programa sem tirar as pantufas: eu queria esquentar meus pés.

Esse negócio de cabelo é realmente um problema. Eu estava fazendo um programa na casa da Sol, com ela e um cliente. Ela estava em cima dele, com uma toalha cobrindo o seu corpo, e eu ao lado, falando um monte de bobagens ao seu ouvido, para ver se ele terminava logo. Ele resolveu mudar

de posição e pegar a Sol de quatro. Deus do Céu: na hora em que ele se levantou, estava com um chiclete grudado na cabeça. Um fio de chiclete emendava o cabelo dele com o travesseiro. Eu tentei disfarçar e não rir, mas foi impossível: coloquei o travesseiro na cara e fiquei me sacudindo, debaixo deles, e eles, me perguntando o que tinha acontecido. Fiz sinal para que continuassem e dei muita gaitada. O cliente terminou. Então, eu falei: "Olha, acho melhor dar um jeito em você, antes de sair daqui. Traz a tesoura, Sol!"

O cliente anterior devia ter deixado o chiclete no travesseiro, antes de ir embora. Tínhamos atendido um rapaz todo tatuado, com vários *piercings* pelo corpo e que estava mascando chiclete. Ele deve ter se empolgado, nem percebeu que o tinha deixado cair da boca, e a goma ficou por ali. Ainda bem que grudou no cabelo do cliente. Já pensou se tivesse sido no nosso aplique? Cortei o cabelo dele bem curtinho, fazendo uma roda onde estava o chiclete. Ele foi embora bem preocupado. O que diria em casa?

Balneário Camboriú, 25 de setembro de 2004.

Ando tomando muito banho de hidromassagem, e nem todo motel filtra e trata a água. Resultado: comprei Metronidazol na farmácia. Volta e meia, tenho de me tratar com pomada ginecológica.

Num dia desses, eu assistia à aula de Fitoterapia, na Faculdade, e a professora falava dos poderes milagrosos e curativos do alho, inclusive como óvulo para tratamento ginecológico. Pensei comigo: "Taí uma boa solução para o meu problema: e se eu andasse com um dente de alho dentro da vagina? Talvez ele evitasse que eu pegasse infecções das banheiras".

O alho é um poderoso bactericida, e a professora era enfermeira formada, com doutorado em Fitoterapia. Ela devia saber do que falava. Cheguei em casa, descasquei um dente de alho e o introduzi na vagina. Pensei comigo: "Em uma semana, eu tiro. É igual ao óvulo ginecológico: fica ali, fazendo efeito, por sete dias".

Só que ela não chegou a explicar que tínhamos que colocar uma gaze em volta, e que o tempo de aplicação, dentro do corpo, era de duas horas. Isso ela disse na semana seguinte, quando eu a procurei, desesperada, porque o cheiro não saía mais de mim.

No primeiro dia, foi tudo tranqüilo. Adoro fazer meus programas dentro da hidro, porque gasto um monte de tempo em enrolação e brincadeiras dentro d'água e, depois que o cliente termina, ele sai de lá e me deixa sozinha. Os homens não têm muita paciência para ficar na água. É só uma transada, e eu já vou me esquivando.

Fiquei bem tranqüila porque, se uma bactéria entrasse em mim, o poder bactericida do alho acabaria com ela.

Assim foi com os clientes no primeiro e segundo dias, sem problemas. No terceiro, já comecei a sentir que poderia estar cheirando a alho, mas não tinha certeza. Vai ver, era psicológico. Fui atender um cliente no Hotel Gracher, no terceiro dia de Fitoterapia. Tirei a roupa, e ele começou a fungar. Peguei um perfume de maracujá que levo na bolsa, para emergências, e, assim que ele foi ao banheiro, coloquei algumas gotas no meio das minhas pernas, para disfarçar. Credo, que mistura! Alho e maracujá.

Para completar o fiasco, eu havia esquecido o gel lubrificante na casa da Samantha e, com o alho lá dentro, eu estava ainda mais seca. Começamos o programa embaixo das cobertas mesmo. Assim que gozou, foi tentar sair de mim, e a camisinha ficou presa, havia se enroscado em alguma coisa. Eu puxei devagar, para o alho não saltar. Ele me perguntou o que estava acontecendo. Eu falei que era um alho. "Alho? Você disse alho, que a gente come? Isso é uma tara?" Expliquei a ele o tratamento, e ele ficou rindo. Até eu ri de mim mesma.

No outro dia, passei por ele em um bar, onde ele estava com uns amigos. Veio me cumprimentar e me chamou à mesa, para me apresentar: "Esta é a garota temperada de que falei". Morri de vergonha. Todo mundo agora sabia que eu usava alho na perereca. Espalhei o tratamento entre as minhas amigas. Elas também estavam usando: "a turminha das temperadas". Pelo menos ninguém poderia dizer que éramos garotas de programa estilo água-e-sal.

Mas era só um alhinho, nada de pimenta. Depois de ele insistir para eu me sentar à mesa, chamei minhas amigas. Ficamos por ali, com eles, conversando. Eles queriam saber quanto cobraríamos deles por um programa. Tive de dar uma satirizada. Perguntei: "Depende... Com ou sem tempero?"

Depois, fomos todas para um hotel. Cada uma ficou com um dos clientes, e eu repeti a receita temperada com o mesmo. Ele já estava acostumado com o meu sabor. Sem problemas, agora, para ele.

Uma pausa para parar de rir. Dois pontos:

"Se o que você está fazendo for engraçado, não há necessidade de ser engraçado para fazê-lo."

Charlie Chaplin

Mas eu continuei com o alho dentro de mim depois de tudo, porque não estava fazendo mal e, na minha cabeça, estava me protegendo. Comecei a usar perfume de maracujá em todos os programas que fazia.

No quinto dia, eu estava em casa, e o telefone tocou de madrugada, eram umas quatro da manhã. Passei na Samantha, para pegá-la, e fomos ao Hotel D´Italiana. Um cliente havia visto as nossas fotos de lesbianismo e mandara nos chamar. Eu tinha esquecido o perfume em casa, e agora já era, ia ter de atender sem disfarçar o cheiro de alho.

Assim que chegamos ao Hotel, vimos que se tratava de um cliente-pepino. Ele havia cheirado uns 15 papelotes de pó e fumado maconha.

Tinha cocaína em cima da mesa, e, se algum policial entrasse ali, não diria que ele era usuário, mas, sim, traficante. No quarto, estavam hospedados três amigos *playboys*, mas só um ficaria com a gente. Os outros dois estavam dormindo, mas acordaram, assim que ouviram a nossa voz. Os três eram meninos muito bobos, daqueles que a família sustenta. Não tinham nada no cérebro, só drogas, e haviam ido à cidade para farrear. Ficaram num dos melhores hotéis da cidade.

Começamos o trabalho, a mesma rotina de sempre. Ele não gozaria nunca,

por causa da droga, mas reclamava que uma de nós estava cheirando a alho. Falei que, em casa, eu estava cozinhando feijão, antes de ele me ligar. “Tá bom: às quatro da manhã, tu levanta para fazer feijão?” Disse a ele que eu era uma mulher trabalhadora e tanto. Fim de papo. A Samantha já estava se irritando com aquele “pega e não fode” dele e, mais ainda, com os idiotas dos seus amigos, que o tempo todo queriam tirar uma casquinha da gente. “Tô caindo fora, belezinha. Deu o teu tempo. Paga a gente!” Na automatização típica da profissão, fomos nos levantando e colocando a roupa. Ele deu uma de folgado e disse que ninguém o tinha avisado de que havia tempo determinado. “Que gracinha, você quer casar comigo?” A Samantha já estava ficando vermelha. Ele disse que não pagaria e que ia chamar a recepção. “Então chama!” Nós nos sentamos. Ele começou a procurar o dinheiro e a dizer que o tínhamos pegado.

Não sei como, porque, desde que chegáramos, ele estava, ou em cima, ou embaixo de nós. Era uma tática dele para criar encrenca e não pagar, dar uma de malandro. Eu disse: “Chama a polícia de uma vez e diz a ela para subir aqui e nos revistar!” Foi para já que ele achou dinheiro para nos pagar. Ele sabia que, se alguma discussão começasse e a polícia viesse, os revistados eram eles, por terem tanto pó ali.

Ele pagou, ironizando e dizendo que a gente estava certa, pois não queríamos um cliente para sempre, mesmo. Peguei o dinheiro da sua mão e ainda lhe falei, ao pé do ouvido: “Cliente como você, é uma vez só, e nunca mais...”

No caminho, a Samantha estava dirigindo e, ao encontrar um catador de papel, parou o carro. Fomos juntando os trocos do carro e da bolsa para doar o agradecimento pela colheita, e ela falando: “*Girl*, esse alho está impregnando os quartos. Acho melhor você tirá-lo aí de dentro. Vai que venha um cliente mais esquentado, o que a gente vai dizer?”

Achei melhor, mesmo, mas não estou sentindo cheiro nenhum.

Balneário Camboriú, 10 de agosto de 2004.

Acabei de voltar de um programa diferente. A Rafaela me ligou e disse: “Amigaaaaa, vamos ao Liberlife, fazer *show* de *strip* comigo?” Eu disse sim. Há muito tempo tinha vontade de ver esse clube de troca de casais. Falei com a proprietária, Marisa. Contei que meu *show* era de dança do ventre, e ela se interessou, porque, justamente naquele dia, estavam inaugurando uma tenda árabe. O pagamento, por cinco minutos de dança, 80 reais. Achei muito bom. Fomos, eu e a Rafa, dar o ar da nossa graça.

Dançamos também em frente a uma janela. Foi engraçado. Ela pediu que ficássemos sobre uma mesa grande, apagou as luzes e abriu uma janela, que dava para a boate da casa. Todo mundo começou a assoviar. Eu não entendia bem o que estava acontecendo, porque não conseguia ver ninguém. Perguntei por que tantos aplausos. “Dança, sua boba. A gente não vê nada, mas eles conseguem ver a nossa silhueta dançando. Daqui a pouco, a gente começa a tirar a roupa, e tu vai ver o que acontece.” Dito e feito: ficamos bem próximas do pano que separava o público da janela e fomos tirando tudo. A casa começou a vir abaixo. O público gritava, e a gente lá, rebolando todas. Então, apareceu, do nada, um *stripper* para dançar com a gente. Nem vi de onde ele veio. Daí, sim, foi um tumulto geral. Nós o colocamos em frente à janela conosco e tiramos a sua roupa: uma pegava aqui, a outra, ali, e a platéia só via as silhuetas. O pano que nos separava do público era branco e fininho. De vez em quando, eu me desequilibrava, me apoiava nele, e ele quase se abria. Só ouvia o povo gritar: “Se cair do lado de cá, vai ser comida”. Atrás de nós, uma lâmpada bem forte projetava as sombras no pano branco.

O *stripper*, chamado Carlos, era lindo e foi para o palco, fazer o seu *show*. Soltava fogo pela boca e tudo. Ele era mesmo muito lindo. Fazia o papel de um metaleiro, no meio da noite, cheio de correntes, pulseiras, com uma cara de *Bad Boy*. Ele raptava a mulher de um dos clientes da casa e a comia na frente de todo mundo, do marido também. Eu fiquei de queixo caído. Até queria um *Bad Boy* daqueles para mim, mas na privacidade de um quarto.

Ele era bem moreno de pele, fazia bronzeamento artificial, e tinha olhos

bem verdes, cabelos dourados bem curtos, uma boca carnuda e o corpo bem definido. Não musculoso: definido. Ele era garoto de programa em Curitiba e trabalhava no Clube de Mulheres de lá. Meu Deus, que gostoso que ele era! Esse devia ser muito requisitado. Fiquei a pensar que, se eu fosse rica, vivia contratando esses meninos para mim.

Depois do *show*, ficamos conversando, enquanto eu arrumava as minhas saias e lenços da dança do ventre, e ele guardava o material de trabalho dele. Ele ia sair com um casal da casa agora, e ganharia 400 reais para ficar por uma hora e meia com eles. Perguntei se ele gostava do que fazia: "Marise, eu tenho medo de uma coisa, sabe: de não decolar e virar garoto de programa de sauna *gay*. O meu tempo de atividade é curto, porque já tenho mais de 30 anos. Dou muito duro no trabalho. Não pense você que eu saio comendo mulher de graça por aí, que não saio, não. Eu me dou o devido valor, malho muito, compro só alimentos saudáveis, fortificantes para a musculatura, e faço faculdade. Não é por qualquer coisa que alguém bota a mão em mim".

Ele não me respondeu o que eu havia perguntado, mas tudo bem. Achei que ele estava louco para sair dessa vida. Eu não penso em parar tão cedo. Divirto-me tanto, ultimamente, e acontecem coisas tão diferentes e engraçadas, que nem passa pela minha cabeça deixar de trabalhar. Além disso, os rendimentos têm sido consideráveis.

A Samantha me ligou, e eu ainda estava arrumando as minhas coisas. Ela disse: "Corre, *girl*, que eu estou com um cliente aqui, debaixo dos lençóis". Saí da casa e deixei a Rafa lá. Eu já tinha feito a minha apresentação logo no início, e ela ficaria lá, porque os *strips* sempre se iniciam à meia-noite, quando os casais pegam fogo. Comecei a me sentir mal. Achei que eram as cargas negativas do ambiente.

Quando cheguei ao apartamento da Sa, eu estava desanimada. Ela me disse que eu não deveria ir a esses lugares, porque existem muitos espíritos negativos girando em torno deles, e eles sugam as energias da gente.

Não sei se a minha amiga é louca ou não. Não acredito muito que algum espírito possa tirar a minha energia, mas era fato, eu estava muito cansada,

mental e fisicamente. Atendi o cliente, caindo por cima dele; mal falava.

Samantha é nome de bruxa, e a minha amiga tem um lado esotérico bem forte. Esse é um dos motivos pelos quais ela escolheu trabalhar com esse nome. Ela descobriu a Dona Celina e a Alanys. Quando não vai a uma, vai à outra, para fazer oferendas e jogar tarô. Ela diz que coloca cartas para as amigas, mas que não consegue ver nada para ela. Tem tentado me persuadir a ir a esses lugares e colocar as cartas, mas, depois da Mãe Cassandra, eu disse que não faria mais essas coisas.

Ela foi a duas tarólogas, e as duas lhe disseram que o grande amor da sua vida estava na *internet*. Agora, mais do que nunca, ela passa horas lá, procurando. Quase todos os dias, ela me liga e diz: "Achei, *girl*, achei! Só pode ser esse". Mas, depois, sai para jantar com o cara e desanima, pois descobre que não era bem esse o príncipe que ela estava procurando. Pelo menos, ela tem tirado muitos benefícios financeiros da *internet*. Nessa busca desenfreada por um namorado, ela já ganhou presentes, e isso incluiu *Web cam*, geladeira, flores, chocolates, perfume, cremes, sofá, um monte de coisas.

Ela comprou um apartamento de um dormitório, e os seus namorados virtuais a estão ajudando a mobiliá-lo. Cada um contribui um pouquinho, é claro, porque um não sabe do outro. Ela diz "eu te amo" para todos.

Eu já tenho dinheiro suficiente guardado para dar entrada em um apartamento. Pequeno, mas já dá. Mas não vou comprá-lo agora, porque quero um de dois quartos, um para mim e outro para a Yumi. Pode ser um lugar simples, mas tem de ter dois quartos. Vou juntar o que tenho agora com o lucro do verão. Só mais uns seis meses, e eu me livro do condomínio, e o síndico se livra de mim.

Balneário Camboriú, 13 de agosto de 2004.

Eu ainda estava dormindo, quando o telefone da minha casa tocou. Era bem cedo. Atendi-o como sempre faço, quando estou dormindo. Com os olhos

fechados, estendo a mão e tateio o criado-mudo, tentando encontrar o telefone. Derrubo o aparelho no chão, coloco a mão para fora da cama, pego o fone e, quase morrendo, digo: “Alôôôôôôôôôôôôô...”. É sempre assim: já troquei duas vezes de aparelho, porque os quebro.

Era a Rafaela, com a voz trêmula e uma entonação desesperada e chorosa: “Amiga, preciso de você. Vou à tua casa. Pegaram o meu carro”. “Então, vem...”, eu disse. Continuei dormindo. Não imaginava o que podia ser. Não é fácil eu sair da cama cedo, se, no dia anterior, trabalhei até muito tarde.

Não demorou muito, e a campainha da minha casa tocou. A Rafa estava transtornada, mal conseguia falar. Entrou no meu quarto e desabou sobre a cama, chorando. Mal conseguia dizer: “Meu namorado... Ele foi ‘fazer’ (quer dizer, roubar) uma casa ontem, em Praia Bela, com mais quatro colegas. Quando chegaram lá, aconteceu o pior. Era a casa de um grande empresário, e um cara de confiança tinha entregado as informações para o meu namorado (o entregador sempre fica com 10% do assalto). SÓ QUE AS INFORMAÇÕES ESTAVAM ERRADAS. Foi uma confusão! A casa estava cheia de gente, e não deveria estar, o cara não tinha toda a grana guardada em casa, e eles tinham ido em muitos, para dar conta do recado. Tem testemunha sobrando nessa história. Amigaaaaaaa, eu emprestei o meu carro para ele “fazer” a casa.”

Ela colocou as mãos na cabeça, e isso sinalizava o pior para ela também, porque o carro era dela.

Eu pedi para ela continuar. Nem água ela queria, de tão nervosa. Ela disse que as pessoas que estavam no lugar tinham entrado em pânico, e eles tiveram de amarrar todo mundo. Abriram os cofres, mas não tinha quase nada. Pegaram algumas jóias, e nem dez mil reais em dinheiro. O pior é que tudo, dividido entre todos os que tinham participado, não daria quase nada. O alarme disparou, e a casa deveria ter alarme. O entregador ia se dar mal nessa. Eles tiveram de fugir às pressas. Levaram o veículo do empresário e, logo atrás, virando a esquina, um dos assaltantes seguiu com o carro da Rafa para, mais adiante, fazerem a troca de veículos. Uma das testemunhas viu o carro dela dobrando a esquina e, quando a polícia chegou, informou que os

bandidos talvez estivessem fugindo em um veículo daquela marca. Acontece que, no caminho, o namorado da Rafa pisou demais no acelerador, e o amigo dele, que estava com o carro atrás, não conseguiu acompanhar. Perderam-se um do outro, e cada um foi para um lado.

A polícia de Praia Bela ficou em estado de alerta quanto aos dois veículos. O namorado da Rafa trocou tiros com os policiais e acertou um deles. Ele estava com duas pistolas, como também um dos outros assaltantes. Fizeram a viatura voltar. Eu já conhecia a fama do namorado da Rafaela. Ele era daqueles que "ri na cara do perigo". Tinha uma vida inteira na bandidagem e não tinha medo de morrer.

Eles abandonaram o carro e se esconderam no mato. Ele só saiu de lá por um momento, para telefonar a cobrar para o celular da Rafa e avisar do que havia acontecido. Ao ouvir isso, ela o mandou voltar para o mato e telefonar para ela depois, que ela daria um jeito de encontrar seu carro e ir pegá-lo.

O assaltante que estava com o carro da Rafa resolveu voltar para Balneário Camboriú. No caminho, a *blitz* da polícia o parou e descobriu que ele não era o dono do carro, pelos documentos. Mandaram-no ficar ali, até que fosse liberado. Pelo rádio, confirmaram a descrição do carro, e ele foi levado como suspeito. Encontraram também a carteira de motorista da Rafa, dentro do porta-luvas.

A primeira coisa em que pensei foi que viriam atrás dela. Mas a Rafa contou com a sorte da irresponsabilidade. Ela já deveria ter feito a transferência do carro para o seu nome, mas tinha se enrolado e ainda não tinha ido ao DETRAN. Provavelmente, eles iriam atrás do antigo proprietário do veículo, para pedir satisfações.

Ela já tinha ligado para o advogado que cuidava dos processos do namorado, e ele pediu um dinheiro considerável, para dar ao delegado e pedir que parassem de procurar pelo namorado.

"Rafa, não acredite nisso. Esse advogado vai comer o teu dinheiro." Ela estava desesperada, e fomos ao banco. Não era nem perto do que ele havia pedido, mas ela tinha mil reais sobrando na sua conta e usou esse valor para ver se dava uma acalmada nas buscas. Todos já haviam sido pegos, menos

ele e um outro. Ele seria capaz de ficar no mato por dias. Uma vez, ele tinha passado quatro dias enfiado no mato, só rastejando. Era bom fugitivo.

O que o atrapalhava agora, nas fugas e escaladas, era o braço, que havia levado um tiro numa prisão passada. Ele tinha se calcificado de maneira torta e não tinha a mesma força.

Levamos o dinheiro ao advogado, que achei o maior pilantra. Ela não me ouvia: estava cega, na tentativa de ajudar o namorado. O advogado contou que apenas ele ainda estava foragido. Na volta, o Alcione me ligou, perguntando o que estava acontecendo: "Fala agora o que a Rafa andou aprontando com o carro que eu vendi a ela, porque acabei de sair da delegacia com o ex-proprietário. Nesta madrugada, levaram-no preso, porque acharam que ele tinha participado de um assalto".

Contei a verdade ao Alcione. Ele disse que queria ouvir isso mesmo, a verdade. Perguntou se a Rafa tinha participado da ação. "Claro que não! É que o coração dela é burro, e ela não pensou, na hora de emprestar o carro ao namorado." Disse isso na frente dela. O Alcione sempre foi considerado por nós como um pai, não dava para mentir a ele. Nós o chamávamos de "Painho", sem ele saber. Sempre dava bons conselhos, e todo mundo ali tinha conseguido comprar carro parcelado porque ele entrava como nosso fiador. O delegado perguntou ao Alcione para quem ele havia vendido o carro, e ele falou a verdade, óbvio.

Voltando para a minha casa, nós íamos pensando no que fazer. "Marise, ele está em Praia Bela. Meu amor está no meio do mato, e, se a polícia o pega, pode executá-lo antes de trazê-lo preso." Ela chorava, e me pediu para ir buscá-lo com ela. Eu disse que nem mortas, nenhuma de nós duas faria isso. Íamos conseguir um táxi. Se pegassem o taxista, veriam que ele não tinha nada a ver com a história.

A essa altura, a polícia já sabia que os dois eram namorados. O traço mais marcante dele era o braço torto, e a carteira de motorista no porta-luvas evidenciava que havia uma pessoa da quadrilha ligada a ela. A polícia sabia que eles andavam juntos. Ela o visitava na cadeia com freqüência e tinha carteirinha com registro de visitante. Era uma menina bonita, e até os

diretores tentavam se aproveitar da situação.

A mulher gostosona do preso era de programa, e eles ligavam para ela. Ela se negava a sair com eles, e ainda dizia: “Tenho ódio de polícia!” Tem garotas que não atendem pretos, outras não aceitam argentinos, outras, ainda, não admitem cliente cheirador. A Rafa se nega a sair, se descobrir que o cliente é da polícia. Já perdi esquema com ela, por causa disso. Uma vez, tivemos de voltar do quarto as duas, porque um dos que íamos atender, para aparecer, deixou claro que era da Polícia Civil. Ela olhou para ele com cara de nojo e disse: “Vamos, Marise, este quarto fede a podre”. Eu tive de sair junto. Depois, discutimos feio uma com a outra, porque era dinheiro perdido. Não gosto de perder dinheiro. Aprendi a ser imparcial, totalmente imparcial. Não gosto de argentinos, mas, se tiver de atendê-los, estou lá, fazendo o meu serviço.

Estávamos entrando na minha casa, e o celular dela tocou. Ligação a cobrar: isso significava que era o namorado. Ela atendeu e começou a dizer: “Volta para o mato, volta, que eu vou dar um jeito de te pegar de táxi. Fica quietinho aí e me liga em 30 minutos, que já devo ter conseguido. Teus amigos, eles já pegaram. Estão atrás de ti e já sabem de mim”. Mas ele não respondeu, e também não voltou para o mato. Ela ouviu berros de “parado, polícia!” Ela ficou chamando por ele ao telefone, e alguém segurou o gancho e respondeu, do outro lado da linha: “Vem cá, vem, é a namoradinha dele? Estamos atrás de você também”. Ela caiu em prantos.

Agora, ela sabia que bateriam nele, que ele passaria mais alguns anos preso e que, de forma direta ou indireta, ela também, pois o visitava todos os sábados, seja lá em que cidade ficasse a penitenciária a que ele fosse levado.

Seus pais sabiam que ela namorava um bandido. Como? Não sei. Nunca perguntei. Esse era um assunto sobre o qual nunca havíamos conversado, e eu não perguntaria nada apenas para satisfazer a minha curiosidade.

A situação agora era acalmá-la, porque estava fora de si. Jogou-se na cama e começou a chorar. Passaram-se horas. Já tínhamos dado voltas pela praia, conversado, xinguei um pouco, pedi desculpas outro. Ela chorava. Eu falava,

amenizava o tom da minha voz. Fiquei brava, por ela estar enfiada num rolo desses, mas, agora, ela já tinha entrado na barca furada.

Dizia que nunca mais, nunca mais. “Rafa, pensa bem se existe razão para tu ter uma vida bandida. Se ele gosta disso, e você não pode mudá-lo, deixa que se arrebente. Ele tem 40 anos e já sabe o que faz da vida. Agora, não tem cabimento tu te envolver com essas coisas, porque tu tem uma vida inteira pela frente e uma família para te dar apoio. Imagina teu pai e tua mãe te vendo presa. Quer terminar como a Berenice?”

Era fato: ela tinha tido muita sorte, porque, se o documento já estivesse em seu nome, ela tinha ido em cana, com a polícia a levando presa de dentro da casa dos pais, no meio da madrugada. Também tínhamos ido até a igreja: ela queria rezar por ele. Acho que a Rafa não entrava numa capela há pelo menos uns quatro anos, mas, na hora do aperto, todo o mundo lembra de Deus.

O advogado dela ligou. Tinham-na intimado a ir até a Delegacia de Praia Bela, e era melhor não fugir. A minha cabeça, agora, doía: era muita coisa, em um só dia. Eu estava preocupada e tinha noção do que poderia acontecer a ela. Ela queria ir até lá para ver como estava o namorado, que ficaria preso na cela da Delegacia, enquanto corresse a papelada, e, então, seria levado a um presídio.

Quase lhe dei uma bofetada, para ver se ela acordava: “Rafa, agora é se preocupar contigo! Ele já está ferrado, e nada vai tirá-lo lá de dentro. Tu é que tem que se safar. Se quer fazer alguma coisa por ele, tu tem de estar aqui fora”. O advogado disse que não tivera tempo de dar o dinheiro ao delegado e que, por isso, eles tinham continuado com as buscas. Assim, aquele valor ficaria pelos seus serviços. “Esperto!” Eu duvido que o delegado tenha pedido dinheiro para abandonar a busca de um procurado.

Fomos para Praia Bela no meu carro. No caminho, o advogado foi dando todas as instruções: “Você diz que seu carro foi roubado e nega que o conhece, mas nega até a morte. Você não sabia que tinham levado o veículo durante a noite, porque dorme até tarde. Tu não é garota de programa e nem visita preso em cadeia nenhuma, está entendido?” A Rafa chorava e dizia

que sim.

Fiquei sentada no corredor da Delegacia, lembrando-me de cenas entre mim e o Fausto. Ela entrou para falar com o delegado sozinha. Uma minirroupa, em um maxicorpo: salto alto, blusa decotada, calça baixa. “Não, Delegado, não o conheço, não, nunca vi esse sujeito na vida.” Ela dizia isso, enquanto o delegado mostrava uma foto grande dele, e ainda ironizava, dizendo: “Mas ele é tão bonito! Tem certeza de que não o conhece?” “Não. Decididamente, eu não o conheço.”

Ele estava ironizando mesmo, quanto à beleza do namorado da Rafaela, porque ele é magro, alto, tem o braço torto e está judiado pelos anos de cadeia, calvo e com os dentes precisando de conserto. Bem que a Sol dizia que a única explicação para tanto amor da Rafa seria um macumbão que, decerto, ele havia feito para segurá-la. Havia até um motivo para a Sol pensar isso: antes de fazer assaltos, ele acendia velas vermelhas e pretas e pedia ajuda ao que chamava de Exu. No dia em que o conheci, não acreditei, porque ela vivia dizendo que ele era o mais lindo da cadeia. Fiquei pensando em como não seriam os outros e em que, decididamente, o amor era cego.

O delegado liberou-a, mas disse para ela se envolver com outro tipo de gente. Ele não era burro, sabia o que estava falando. A verdade é que deu uma chance a ela. O carro, porém, ficaria no pátio da polícia até que montassem todo o processo, e isso poderia levar meses. Ela conseguiu também dar uma palavrinha com o namorado: o advogado interferiu e conversou com não sei quem, que a deixou ir até a cela.

O rapaz contou à Rafa que achava que, agora, iria “para a fita”, porque, quando a polícia o pegara, queria executá-lo. Um dos policiais tinha dito para o deixarem atirar, que ninguém saberia de nada: seria um a menos no mundo para incomodar. Ele já estava se imaginando em cima de uma pedra fria, e ela, indo lá, para reconhecer o corpo. O que o salvou foi a chegada de outro carro da polícia e de mais testemunhas ao local. O rosto dele estava irreconhecível, por causa da surra. Mas ela não estava chocada de ele ter apanhado tanto, pois disse que, em outras vezes, tinha sido pior. O dia que

levara o tiro foi o pior de todos.

Toda essa história fez com que fôssemos dormir cedo. Ela ficou aqui em casa, essa noite. Nenhuma de nós trabalhou. Já não estava quase dormindo na casa dos pais e não queria voltar para lá nessa noite, porque a polícia já havia ligado para eles à sua procura, e eles sabiam do que havia acontecido. Ela lhes telefonou, para dizer que estava bem, e só. Também não queria ir até a peça que tinham alugado juntos, porque morreria de saudades.

Eu gostaria que, um dia, alguém me amasse do jeito que ela o ama: sem preconceitos, sem medos, e aceitando-o como é.

Balneário Camboriú, 18 de agosto de 2004.

A Rafa está mais conformada, voltou para a casa dos pais. O namorado já está no presídio e, agora, vai aguardar processo e julgamento.

Outra presa foi a Melina, indiciada por tráfico de mulheres. Fiz meu último esquema para ela uns dias antes de ela ser presa. Eu e a Micheline fomos fazer esse trabalho. Estranhamente, dessa vez os clientes não depositariam o dinheiro para ela, mas o entregariam diretamente a nós.

Os dois clientes da Melina estavam hospedados no Hotel Meridiano dos Mares, aqui em Balneário. Uma diária, ali, custa em torno de 800 reais, pelo quarto simples, e 1.400 reais, pelo luxo.

Assim que terminamos o programa com eles, liguei, e ela me disse para não depositar o valor na sua conta, mas, sim, entregá-lo a ela na Av. Atlântica, esquina com a Rua 1.800. Assim que cheguei, ela pediu o dinheiro e me disse para me mandar, porque a polícia estava atrás dela. Mais uma?

Neste último final de semana, a sua prisão saiu na televisão. Uma reportagem inteira, falando da sua chácara, das meninas, do tráfico de mulheres e das drogas. Pelo que percebi, a televisão fez sensacionalismo. A realidade não era tão doce, e estava bem longe de ser tudo o que mostraram no noticiário. No dia da sua prisão, eu não sabia ainda por que a procuravam. Não quis perguntar e, se o tivesse feito, ela certamente me responderia que não era problema meu. Estava atendendo um cliente, e meu celular tocou. Era a Melina. Disse que precisava que eu arrumasse um local para ela ficar escondida. Eu falei que sabia de uma pousada, e que ela

poderia me ligar em uns 40 minutos, que eu já teria acabado o serviço. Ela ligou depois, para dizer que já havia conseguido um local.

Depois, só soube notícias dela pela TV e pelo jornal que a Rafa trouxe. Assistimos à reportagem na televisão juntas. Eu nunca tinha ido à chácara, mas a Rafa era assídua. E disse: “Nada a ver! Nunca a vi fornecer pó para as meninas, e ninguém era obrigado a ficar lá. Eu mesma já entrei, resolvi ir embora no mesmo dia e fui. O portão era aberto”. Quanto ao tráfico de mulheres, a gente não sabia, mas não consigo ver a Melina desse jeito. Acho que ela, agora, vai passar um bom tempo na cadeia. É uma notícia e tanto, uma cafetina presa. Quanto sensacionalismo a TV fez.

Eu continuo na minha vida normal: muito trabalho, muitos planos e muitas risadas. Alguns estresses, mas muitas risadas. Escrevi uma crônica para o Jornal da Hora, num desses dias. Chamava-se “Por que os homens contratam uma garota de programa?” Lógico que meu objetivo era o retorno que daria a matéria, e ela foi muito, mas muito comentada. Vários leitores mandaram opiniões para o jornal, e o resultado disso foi um aumento no meu movimento e, conseqüentemente, no das minhas amigas também. Conversei com a dona do Jornal, mas ela acha que não posso continuar a fazer outras crônicas tendo em vista garotas de programa, porque quem o lê também são as mães de família. Elas já tinham feito um protesto, quando coloquei umas fotos mais ousadas nos anúncios; o que dirá passar a ser colunista semanal. Mas não fiquei muito chateada, não; assim, tenho tempo para assuntos prioritários. No mais, a rotina continua a mesma.

A Sol está na mesma rotina também. Tem tanto namorados que, agora, está difícil administrar. Ela está pensando em largar todos e ficar com um só, pois disse que só tem um que consegue dar conta do recado: “Marise, os outros são fraquinhos, não me agüentam”. Eu fico impressionada. Quando atendo uma seqüência de cinco clientes, quero ir para casa e descansar, ficar com a minha filha e ver um filme. Ela atende cinco e ainda quer mais. Fica a sortear, na mente, com qual deles vai sair. Num desses dias, chegou em casa com um deles, e tinha um outro, sem roupa, esperando-a, para lhe fazer uma surpresa. Rolou um estresse no apartamento. “Marise, se esse ficar me

comendo do jeito que eu gosto, vou ficar só com ele. É casado, mas tá bom, só quero sexo com ele, mesmo. Dinheiro, eu ganho do Véinho e dos outros clientes."

A Sa continua se divertindo muito na *internet*. Agora, ela fez um perfil meu nos *site* de namoros Par Perfeito e disse que quer me ver namorando, que isso me fará bem e que ela sente que eu estou cada vez mais endurecida com os homens. "Desse jeito, você não vai casar nunca, Marise."

Eu disse que assim estava ótimo para mim: "Eu não estou querendo mesmo me casar. Além do mais, eu já tenho a quem dedicar amor, que é a minha filha".

Eu não confio mesmo nos homens. Acho-os desinteressantes e abusados. Não se pode contar com eles. Ficar com o seu dinheiro e aproveitar todos os orgasmos possíveis é o máximo que eu espero de uma criatura do sexo masculino. É fato: sempre que estou sozinha com um cliente, aproveito. Depois que gozo, não quero nem que ele chegue perto de mim. Não importa a aparência que tenha: se estou a fim, fecho meus olhos, coloco a imaginação em ação e esqueço que a criatura está na minha frente. Praticamente, trata-se de uma relação monodirecionada, de mim para mim mesma. Não tenho sentimentos pelo "dono do pau" e não consigo gostar dele, nem que tenha o melhor orgasmo do mundo. Aliás, sinto que esses orgasmos não são mesmo meus, eles são superficiais. São diferentes daqueles em que você está com a pessoa de quem gosta.

A Samantha começou a responder por mim os *e-mails* de propostas amorosas que me mandam. Eu não quero saber de nenhum. Ela chegou até a me firmar com um pretendente do qual eu nunca soube o nome; só sabia que era de São Paulo e que estava doido para vir me conhecer. Proibi-a de dar meu telefone: "Não quero ninguém me ligando. Já chegam os clientes".

De vez em quando, eu dava uma olhada, só porque ela abria as mensagens e as ficava lendo em voz alta, para eu ouvir. Ela dizia que, se eu não tinha capacidade de arranjar um namorado para mim, ela tinha, para conseguir por mim e por ela. Essa é a minha amiga, atrevida!

"Olha só, Marise, corre para ver: esse tal de Spyder é o teu número." Eu já

tinha recebido cartinha desse cara, e era a segunda vez que ele me escrevia. O apelido que ele usou me chamara a atenção da primeira vez, e a jaqueta amarela, também. Lembrei-me de já ter visto aquela foto num outro dia. Parei para ler. Ele era objetivo e claro. Dizia que gostaria de me conhecer e que, se eu quisesse, poderíamos jantar qualquer dia desses, que ele daria um pulinho de Florianópolis para cá.

Ela disse: "Vai lá, vai, sai com ele para jantar de uma vez, dez anos enrolando o homem. Eu, se fosse você, já tinha ido há muito tempo".

Incentivada pela animação da minha amiga e vendo que ela tinha conhecido um tal de Po pela *internet* e estava bem feliz com ele, divertindo-se muito e rindo às pampas, resolvi responder ao *e-mail* daquele candidato. Pelo menos, bom gosto para bolar um *nick* ele tinha. Esse me lembrava um carro de que eu gostava muito, no passado. Vai ver, ele era entendido em carros, e teríamos assunto para o jantar. "Tá bom, Sa, deixe-me sentar aí em frente ao micro e responder para esse cara."

Eu havia saído com três homens ao mesmo tempo nessa semana. Os três na cama, comigo, transando. Uma delícia! E tinha sido bem legal, porque eram cuidadosos, e todos morenos. Depois, entramos na banheira e nos encontramos na vida! Eu abraçava dois, e o outro fazia massagem no meu pé. Eles eram vendedores de carros, e eu, uma apaixonada por motores. Falamos de tudo o que tinha surgido no mercado, e fiquei sabendo das inovações e dos preços do Jaguar. Eu amo esse carro!

Será somente um jantarzinho, e eu relaxarei um pouco. Não será má idéia jantar com alguém e trocar uma idéia, só isso...

"(...) sonhando (...)
– Tem mesmo certeza de que não quer encontrar um príncipe, Cinderela?
– Tá bom. Eu quero, sim. Mas não deixa eu saber, tá?..."

CAPÍTULO VII

UMA MENSAGEM PARA ZORRO...

(1 ano depois...)

"A única coisa que nunca recebemos em quantidades suficientes é o amor. E a única coisa que a gente não consegue dar em quantidades suficientes é o amor."
Henry Miller

Balneário Camboriú, 5 de agosto de 2005.

Dizem que, dos dois, sempre tem um que ama mais... Quem me dera não fosse eu...

Acho que foi a única vez em que amei de verdade. Passou-se um ano que tudo aconteceu e ainda sinto. Agora sinto menos, mas ainda sinto. Fiquei este último ano sem querer escrever no diário, muito pensando e pouco concluindo.

Eu conheci o Zorro nos *sites* de namoro. Aliás, foi o primeiro com quem conversei. Minha amiga Samantha estava determinada a arranjar um marido pela *internet*. Ela queria sair desta vida de uma vez por todas, ficar tranqüila e sossegada. Não estava procurando por um grande amor, mas por

alguém para estar com ela: mais uma companhia, mesmo, e uma ajuda. Nem importava muito a aparência física da pessoa.

Ela se divertia muito fazendo isso, porque falava, pelo *sites*, com vários ao mesmo tempo, e conversava pelo MSN até amanhecer. Eu, naquela época, usava a *internet* só para ver o *site* da WebMotors e acompanhar meu saldo no banco: adorava entrar na minha conta todos os dias e ver que ela estava aumentando. Eu ia diariamente ao banco para depositar, seja lá qual fosse a quantia. Adorava colocar um dinheirinho no envelope, aquilo me dava uma satisfação enorme. Na verdade, era um sentimento de segurança, como se as coisas não fossem mais faltar. Nada mais de devolver frangos no supermercado.

A Samantha se divertia muito mesmo, porque jantava com uns três caras diferentes por semana, e o mais engraçado é que ela procurava por um pouco de *love story* nesses encontros. Era assim que nos referíamos a eles. Em nossa profissão, dizíamos que só encontrávamos "fode *story*".

Um dia, me empolguei. Ela havia me oferecido ajuda para fazer meu perfil e responder por mim, caso eu não tivesse ânimo para ficar me correspondendo com os candidatos a meus namorados. Ela faria a parte pesada da seleção, e eu somente teria de sair para jantar. Aceitei: eu também queria me divertir um pouquinho. As minhas amigas estavam bastante preocupadas comigo, porque eu não tinha relacionamentos. Todas diziam que eu deveria encontrar alguém, e que a vida não era só dinheiro e clientes. Eu achava que nunca mais gostaria de alguém.

Agora, eu tinha um perfil no *site* de namoros Par Perfeito, e, como a única foto que eu tinha era a mesma que eu deixava nos hotéis, coloquei-a lá. Era uma foto bem sensual, de uma menina, de cabelos jogados para o lado, com a boca semi-aberta e os olhos bem verdes. Eu usava lentes de contato coloridas, para intensificar a cor dos olhos.

Todos os dias, eu recebia muitas mensagens, com propostas de namoro. A Samantha fazia a seleção e me apresentava os pretendentes.

Na verdade, eu não me empolgava muito: estava ainda ferida, em processo de cicatrização, com as lembranças se esfacelando na memória. Abria o *site*

só para ver o que os candidatos diziam, mas nunca respondia.

Sempre gostei de carros, e um dos pretendentes usava o pseudônimo de Spyder. Bem, esse era um carro da Alfa Romeo de que eu gostava e, portanto, abri o perfil da pessoa, para conhecê-la. Era um homem atraente, mas nada me tirava do meu estágio de mornidão.

Segui com a vida, naquela onda de fazer programas e de apenas ver as mensagens e nunca responder. Um dia, chegou uma mensagem automática do *site*, dizendo que haviam feito uma seleção e me apresentando dez candidatos, que o computador dizia combinarem comigo. Morri de rir e fui ver de quem se tratava. Lá estava o Spyder, no meio deles. Ele e a sua jaqueta amarela.

Não respondi. A beleza nunca foi um fator importante para mim, e nada no perfil dele me chamava a atenção. Aliás, nada do que os pretendentes diziam mexia comigo.

Passaram-se uns dias, e eis que chega uma mensagem do próprio Spyder. Ele dizia que tinha interesse em me conhecer e que o *site* havia mandado uma mensagem a ele, dizendo que combinávamos. Passados uns dias, ele me escreveu novamente. A Samantha continuava a sair e a rir muito. Conhecia pessoas diferentes, algumas piores, outras melhores, mas diferentes.

Resolvi tentar e escrevi algo do tipo: “Amado, podemos jantar, qualquer dia desses”. Pronto, era tudo o que ele queria: jantar com a menina dos olhos verdes. Pediu-me meu celular e também me cadastrou no seu MSN. Ele usava, no MSN, o pseudônimo de Zorro. Como eu não tinha celular para o meu uso pessoal, dei o do trabalho, mesmo. Até porque eu não tinha mais vida pessoal.

Dei a ele também o número da minha casa. Quando eu via, pelo identificador de chamadas, que era ele, não atendia: tinha me arrependido de ter entrado naquele *site*, não queria ficar enrolando ninguém e, muito menos, perder meu tempo de trabalho com *love stories*.

Uma vez, ele me ligou várias vezes no mesmo dia e ainda mandou mensagem para o *e-mail*. Eu não ligava, não estava nem aí. Por fim, resolvi sair com ele. Eu estava precisando espairecer, e, na sexta-feira combinada,

ele veio. Eu nem queria mais jantar, e só não desisti porque ele me parecia bem animado, e seria uma sacanagem. Tinha falado muito pouco com ele pelo telefone. Gostava de ouvir a sua voz, e eram os únicos segundos em que eu me animava. Depois que ele desligava, eu voltava para o meu mundo.

Naquele dia, eu tinha passado a tarde no motel e atendido três clientes na seqüência. Estava bem cansada e com o cabelo espigado, de tanto banho de hidromassagem. O Márcio, um cliente meu, perguntou-me por que eu estava emburrada, na hora de sair, se a gente tinha tido uma tarde tão legal. Falei que era porque ia sair com um "carinha lá da *internet*" e que eu não estava a fim disso.

Cheguei em casa, e ele já estava a caminho. Nem tomei banho, fui com os cabelos espigados mesmo. Coloquei uma roupa provocante, porque, assim que eu terminasse de jantar com ele e acabasse o meu compromisso social, ia cair no trabalho. Tinha combinado com a Sol e com a Lulys Louca de sair para trabalhar, sentar no Bar Chaplin e aumentar o meu dinheirinho no banco.

Ele chegou mais rápido do que eu pensava. Fui até o local combinado, na frente do Hotel Morumbi. Os meninos da recepção guardaram o meu carro, e fiquei a esperá-lo lá na frente.

LÁ ESTAVA ELE!!! Paradinho... Só deu um oizinho com a mão, dizendo: "Você que é a Vanessa?" Eu me apaixonei! Ele era a coisa mais amável e tranqüila. Era moreno; um quarentão sorridente, separado e moderno. Como pude ter esse tipo de sentimento? Eu me apaixonei quase instantaneamente. Aproximei-me, cumprimentei-o, enganchei o meu braço no seu e começamos a caminhar até o seu carro, como se nos conhecêssemos há dez anos e fôssemos marido e mulher. Eu me sentia tão bem! Será que ele estranhou tanta intimidade de forma imediata? Mas eu já estava acostumada a cumprimentar um cliente e logo tirar a roupa dele. Enganchar o braço era fichinha.

Quando me sentei no banco do seu carro, minhas lentes apresentaram problemas e começaram a escorregar. Fui obrigada a tirá-las, e é claro que ele não estava mais saindo com a menina dos olhos tão verdes, mas acho que também não ligou muito.

Era encantador. Eu o achava a pessoa mais querida do mundo, e ele era: nunca me enganei a seu respeito. Um homem totalmente fora da minha realidade. Não estava babando por mim, não queria me beijar antes do tempo, conversávamos sobre tudo e tínhamos assunto para horas e horas de conversa.

Talvez o fato de ele ser de um mundo diferente do meu tenha contribuído para que eu me apaixonasse perdidamente. Não sei se era apaixonada por ele ou pelo meu próprio sentimento. Jantamos e, depois, fomos até a praia. Eu já o tinha beijado, ou ele a mim. Não sei, era uma coisa tão natural e tão sem-cerimônia, que essa parte eu não gravei. Não combinávamos nas roupas: ele, totalmente casual, acho até que os *jeans* eram em estilo poído, e eu, quase uma piranha de roupas provocantes. Mas aquilo não era nem um pouco importante no momento.

Cheguei em casa daquele encontro e me atirei na cama, de roupa e tudo. O cansaço dos programas, que não estava sentindo durante o encontro, de tão encantada que eu estava por aquele homem, começou a me atingir, assim que comecei a subir os três lances de escada do Edifício. Senti que as minhas pernas não eram mais as mesmas. De roupa e tudo, sem tirar os sapatos, eu me deitei. A Silmara estava dormindo aqui em casa e cuidando da Yumi para mim, e era uma das amigas que mais queria que eu encontrasse alguém. Ela me perguntou: "E então? Como foi o jantar?" Só respondi: "É... Dá para se apaixonar...", enquanto tirava os sapatos.

Ela deu um pulo do colchão, pois estava dormindo no chão, ao meu lado, mas eu não tinha mais forças para conversar. Que cansaço, meu Deus! Ela queria detalhes do ser impressionante que conseguira me tirar do meu estado de torpor. "Incrível mesmo: a senhora dinheirista está apaixonada!!!" Não falei mais nada: apaguei.

Depois daquela noite, deixei de beijar meus clientes: meus beijos passaram a ser somente dele.

Continuamos a nos ver, a telefonar um ao outro, a jantar, mandar *e-mails*. Pouco tempo depois, ele foi para a Rússia, a trabalho, e, quando voltou, eu fui ao Rio Grande do Sul, para visitar minha família.

Combinamos de nos telefonar quando eu retornasse a Balneário, e, quando ele veio me ver, fiz uma surpresa. Um pouco exagerada, diga-se de passagem. Pedi a ele que me encontrasse no local habitual, o Hotel Morumbi, mas, quando ele chegou lá, não era eu que o estava esperando, mas a minha amiga Samantha. Ela lhe disse que eu estaria esperando por ele em outro lugar e que ele subisse com ela no seu carro, que ela o levaria até mim. Ele não estava muito disposto a concordar: foi só depois que ela perguntou se ele era um homem ou um rato que ele aceitou entrar no carro dela. Ele é uma pessoa bastante cautelosa e, apesar de ela ser mulher, era, antes de qualquer coisa, uma pessoa desconhecida.

Ela o largou à porta do quarto 32 do Motel Via Veneza. Ele estava assustado. Ainda nem tinha transado comigo, e eu já o esperava no Motel? A Samantha, naquele jeito seco e direto dela, falou: “Sobe, você ainda nem viu nada! Agora é que a festa vai começar!” E ele foi subindo. Eu havia colocado pétalas de rosas vermelhas por toda a escada. Decorei o quarto com velas, muitas delas, coloridas e exóticas. Coloquei pétalas de rosas na água da banheira, e em cima da cama também. Tocava uma música árabe, linda. Acendi um incenso, e, quando ele entrou, eu estava lá, vestida de dançarina do ventre, dançando só para ele. Foi tudo maravilhoso...

Assim, tivemos mais encontros. Eu estava totalmente apaixonada; depois, passei a amá-lo. Após um tempo, ou a paixão vira amor, ou, então, tudo se acaba. Tenho uma característica forte: meus sentimentos são intensos e duradouros. Não sou o tipo de mulher que gosta de um hoje e de outro amanhã. Entristece-me saber que 90% das pessoas têm a cruel capacidade de colocar e tirar as outras de suas vidas muito rapidamente. Eu juro que não consigo! Até meu tênis tem dez anos de uso, e continuo a gostar daquele velho pijama... AGORA, IMAGINE COM AS PESSOAS!

Contei às minhas amigas sobre o meu romance, e todas estavam felizes por mim, pois, finalmente, a “calculista” Marise havia se rendido às garras do amor.

Em pouco tempo, eu estava decidida a parar com tudo que pudesse estar relacionado com programas, só pensava em ficar com aquele homem e dizia

a mim mesma que ele era a coisa mais especial que eu teria, em matéria de sexo masculino. Eu o amava, tinha certeza disso. Ele nunca desconfiou do meu trabalho. Eu apenas dizia que era uma corretora de imóveis, e, como ele era de Florianópolis, ficava fácil não contar.

Um dia, cheguei a pensar em falar a verdade. Estávamos tomando banho, mergulhados e abraçados numa banheira de hidromassagem, num motel, quando começamos a falar de filmes pornográficos. Um deles passava pela tela da televisão, mas não dávamos bola: éramos mais importantes um para o outro, naquele momento, do que as aquelas cenas. Ele se virou para mim e comentou que não gostava de assistir àquilo, que achava aquelas cenas vulgares, e emendou, dizendo que vulgaridade era tudo o que ele menos aprovava em uma mulher. Contou-me que, uma vez, tinha ido a uma casa de programas e que não tinha gostado do que vira lá: umas meninas dançando, outras já sem roupa. Fiquei sem ter como contar de mim a ele, por causa da sua possível reação.

Estávamos tendo um relacionamento como um relacionamento deve ser: calmo, progressivo e contínuo. Eu tinha decidido parar de trabalhar logo que passasse o verão, pois não queria pensar na possibilidade de não ficarmos juntos. Era novembro, e me programei para terminar meus dias de Marise tão logo março chegasse. Eu pensava em fazer uma reserva de dinheiro com o lucro do verão, procurar um emprego, quem sabe como corretora de imóveis, novamente, e iniciar, em silêncio, a minha nova vida.

Mas nem tudo sai exatamente como a gente planeja, e o que eu previ fazer foi impossível. Estava tudo caminhando tranqüilamente. Tínhamos combinado passar o final de semana juntos, na casa dele, vendo um DVD, e ele nunca mais apareceu. Mudou o número do celular e saiu da minha vida sem dar nenhuma explicação.

Eu sabia que ele havia descoberto e devia estar chocado. É o tipo de homem que procura agir sempre racionalmente, e a sua tradicionalidade faria com que ele chegasse à conclusão de que eu não era mulher para ele.

Não tenho certeza, mas grandes desconfianças sobre a maneira como ele tinha descoberto. O Maurício era um internauta que também estava nos *sites*

de namoro e há um bom tempo tentava sair comigo, mas o meu coração já tinha dono. O mundo é pequeno demais, e a *internet*, mais ainda. Um dia, minha amiga Samantha resolveu sair para jantar com o Maurício, que também era pretendente dela. Ele veio até Balneário Camboriú para conhecê-la, e eles acabaram ficando amigos. A química não rolou, mas eles se divertiram muito. Ela abriu o jogo com ele: contou que era garota de programa e que tinha uma amiga bem legal. Resolveram almoçar juntos no domingo e me convidaram. Ele ficou surpreso de a amiga ser eu, com quem tantas vezes ele havia tentado falar, pelo *site* de namoros, e não havia conseguido.

A Samantha e eu falávamos do Zorro o tempo todo durante o almoço: que ele viria, que era muito legal e que era de Florianópolis também. O Maurício ligou os fatos e disse conhecer a pessoa de quem falávamos. Eles eram conhecidos do trabalho. Ele fazia um serviço terceirizado para a empresa na qual o Zorro trabalhava e, no escritório, ele também usava esse *nick*. Era o que bastava. Pedi ao Maurício que não contasse que eu era garota de programa, pois ele saberia na hora certa. Ele jurou que não diria nada. Mas, antes de ir embora, apostou com a Samantha um jantar, dizendo que, em dois meses, me conquistaria.

Não tenho certeza, mas minhas desconfianças quanto à atitude do Maurício são fortes. Porque tudo mudou: o Zorro nunca mais atendeu uma chamada minha, não respondeu mais a *e-mails*, nem me telefonou, para dar alguma explicação. Acho que ele soube da pior maneira possível, e todo o castelinho que eu havia construído para mim tinha ruído céu abaixo.

O Maurício nunca tentou tanto estar presente na minha vida, mas eu nunca quis saber dele. Os meses se passaram, e eu continuava inconformada, amando e sem nenhuma oportunidade de conversar com o Zorro. Então, num dia qualquer, cansada da falta dele na minha na vida, resolvi criar uma conta de *e-mail* com o nome fictício de Letícia e incluí-lo em minha lista de contatos. Assim, pelo menos eu poderia saber quando ele estivesse *on-line*. Aquilo não deixava de ser uma presença dele na minha vida. E eu sentia

tanto a sua falta... Ele aceitou-me como amiga virtual sem saber quem na verdade eu era, mas, mesmo assim, eu não tinha coragem de falar com ele.

Um dia, por outros motivos, entrei *on-line*, e ele veio conversar comigo. Foi difícil resistir. Não quis deixar a oportunidade ir embora, e aceitei apenas uma conversa descompromissada, que se transformou em um contato virtual diário e num cultivo de sentimentos de ambas as partes. Eu o amava mais ainda, e ele acabou por apaixonar-se por mim, sem desconfiar de nada. Enviei-lhe uma foto da minha irmã, como parâmetro físico, e ele gostou bastante. Ela, pelo menos, tem alguma semelhança comigo, e eu não estaria sendo tão desonesta assim com ele. Ele estava apaixonado. Conversávamos todos os dias, mas eu nunca mentia para ele sobre os fatos: falava do cotidiano, dava minhas opiniões sobre vários assuntos, e assim fomos durante meses. Ele queria me conhecer, dizia que eu era diferente. Eu me esquivava. Ele pedia mais fotos; eu dizia que mandaria, e não mandava.

A pressão dele estava aumentando, e tive uma idéia: ir mandando fotos dos pedacinhos do meu corpo. Num dia, mandava fotos só dos pés; no outro, das mãos, das pernas, cintura, barriga, costas. As fotos eram muito lindas; a Eliane e o Renato as tiravam para mim. Sempre colocávamos uma rosa vermelha ao lado de cada pedacinho. Tirei foto inclusive da minha boca. A minha intenção era a de que, aos poucos, ele me montasse. Agora, ele só pensava em mim, e eu, nele.

Um dia, ele disse que gostaria de me mandar um presente pelo correio e, como eu havia dito que era moradora da cidade de Brusque, tive de ir correndo até lá e abrir uma caixa postal. Descolei um comprovante de residência com um amigo de uma amiga que morava na cidade e fui ao correio. Recebi vários CDs das músicas de que ele gostava e mandei a ele um leãozinho de pelúcia, que eu tinha borrifado com o mesmo perfume que eu usava quando nos víamos.

Eu estava feliz porque, pela segunda vez, ele estava gostando de mim, do que eu era como ser humano. Não eram só as imagens, mas todo o contexto físico e psicológico da nossa relação virtual. Eu descobria que ele era ainda

muito melhor do que eu imaginara e que o seu objetivo era encontrar alguém pela *internet*. Por que não me reencontrar?

Perguntei a ele, em uma de nossas conversas, se ele já havia se apaixonado por alguém encontrado ali. A resposta foi cortante: “Sim, mas foi uma grande decepção: ela não era o que dizia ser”. Tentei puxar conversa, mas ele disse que não queria falar sobre esse assunto. Respeitei. O tempo passou e, um dia, cansei de me esconder. Mandei uma carta a ele, contando que a Letícia era eu. Foram quatro páginas dilaceradas, declarando todo o meu amor e falando dos motivos que me haviam feito tomar essa atitude.

A resposta? O silêncio. Novamente, ele desapareceu da minha vida sem me dar mais nenhuma explicação. Pela segunda vez, o preconceito dentro dele foi maior do que qualquer outra crença sua. Ou, então, o seu amor por mim não era tão grande assim...

Eu me sinto derrotada. Essa é a expressão correta para os meus sentimentos em relação ao Zorro: derrotada... Incapaz de ter conseguido o que, para mim, talvez tivesse sido mais importante que tudo.

Tenho os meus momentos de tristeza e, neles, sempre viajando nos meus pensamentos sobre o que poderia ter sido. O meu maior pesar foi ter tido uma oportunidade e não ter sabido como usá-la. Mas o que eu deveria ter feito?

Realmente, eu nunca soube como agir. Fico aqui me perguntando se, algum dia, eu tive um relacionamento decente com alguém, e a resposta é não. Muitos, mas muitos homens passaram por mim, mas poucos ficaram por tempo suficiente para eu aprender como se constrói uma relação. E os que ficaram, diga-se de passagem, era melhor que nunca tivessem aparecido.

Em relação ao Zorro, o preconceito, ainda hoje, é uma hipótese para a sua atitude. Quase concreta; mas não definitiva. Pode ser também que o problema não estivesse em mim; talvez ele não estivesse preparado para receber amor. Às vezes, a imaturidade faz com que as pessoas se sintam seguras demais sobre si próprias, sobre os sentimentos alheios, e, muitas vezes, aquilo que parece nos pertencer não nos atrai.

Senti muito, e ainda sinto, a dor de não ter podido dedicar ao ser amado todo o meu amor e de que os meus sentimentos mais puros se expressaram em vão, ou não receberam crédito. Talvez ele pensasse ser impossível eu ter sentimentos verdadeiros. Talvez eu não correspondesse às suas expectativas. Talvez ele merecesse muito mais do que a MIM. Só sei que dói. Não sei se ele descobriu no que eu trabalhava e acabou por não querer se envolver, sei lá, não sei direito o que pensar. Esta me parece a história da Capitu, em cujo final ninguém sabe ao certo o que aconteceu.

Penso em retirar do meu teto as estrelas que ele me deu de presente e que me trazem de volta a sua lembrança. Coloquei-as ali, achando que, um dia, ele voltaria. Ficaram muito bonitas, mas ele nunca chegou a vê-las: apenas sabe que existem. Não tive tempo; não tive tempo de nada.

Tem aquela história de João, que amava Maria, que amava José, que gostava de Sofia, que se casou com Pedro, que amava Joaquina, que não casou com ninguém, ou algo assim. A vida é engraçada, não? Um eterno corre-atrás de quem não nos quer. Mas mais engraçado ainda é quando a pessoa descobre que amava quando o outro já se foi; geralmente, é no momento exato em que a outra pessoa encontra um novo amor. Devemos ser todos masoquistas! É estranho como a gente descobre o quanto as pessoas são importantes para nós no exato momento em que estão se despedindo.

As incertezas do amor me maltratam, e eu não quero isso para mim. E é por isso que tenho medo do amor. Tenho medo de amar quem não me quer, porque isso dói. De amar quem não me aceita como eu sou. Os corações são uma desgraça: sempre partidos ou enfaixados, às vezes, cicatrizados ou em tratamento, mas todos os corações têm feridas.

Já tentei fugir do amor, juro que tentei, e até mesmo achei que nunca mais o veria pela frente. Mas ele é surpreendente, traiçoeiro, ataca na hora mais imprópria, justamente quando estamos indefesos ou despreparados. Achei que estivesse saindo só para um jantar, para arejar as idéias. Não estava procurando ninguém para amar. De repente, a vida tornou-se uma euforia, um caos, virou de cabeça para baixo. Vieram as mudanças de valores e de planos, as mudanças de centro. E, possivelmente, o preconceito dele.

O amor aniquila o dinheiro da gente. Quando se ama, nenhum Jaguar consegue ser mais importante do que a pessoa amada. A gente até empobrece, se preciso for, e joga tudo para o alto, mesmo. Eu teria mudado a minha vida toda por ele.

Tem horas em que eu me sinto culpada. Há momentos em que me sinto inocente. Como posso eu mandar no coração alheio? O amor vem do livre-arbítrio de cada um. Só cabia a mim aceitar as condições e os limites impostos pelo coração dele. Novamente, o amor me fez em pedaços.

Tive de aceitar a sua escolha, mas isso não me obriga a concordar com o fato de ele não ter me dado uma chance. Silenciosamente, revoltei-me. Várias foram as vezes em que fiquei a refletir sobre o porquê de sua atitude. Passei inúmeras noites contando as estrelinhas do meu teto, pensando que eu deveria ter aproveitado mais, beijado mais, ouvido mais a sua voz, conversado mais, escrito mais, amado mais. Mesmo com tanto amor, ainda caberia mais amor, e mais amor eu seria capaz de dar a ele. Dá-lo infinitamente...

Um dia, alguém me disse: “Ame um dia, para ser, então, amado em outro, nem que seja por outra pessoa...”

E a vida continua...

“(...) num terrível pesadelo (...)
– Cinderela, o que aconteceu?
– O príncipe se foi...”

CAPÍTULO VIII

A VIDA CONTINUA...

"Eu gosto de viver. Já me senti ferozmente, desesperadamente, agudamente infeliz, dilacerada pelo sofrimento, mas através de tudo ainda sei, com absoluta certeza, que estar viva é sensacional."

Agatha Christie

Balneário Camboriú, 08 de setembro de 2005.

Nestes últimos seis meses, fiquei a me restabelecer emocionalmente da perda do Zorro. Voltei novamente ao meu estágio de torpor e, de uns tempos para cá, tenho evitado fazer menção a pensamentos que o envolvam. Não posso viver, ao mesmo tempo, no passado e no presente. Voltei a analisar o mundo, a vida, as pessoas, e passo bastante tempo voltada para dentro de mim mesma. A Sol me entende e, se a palavra certa não for essa, então, digo que ela me aceita. Consegue conviver bem comigo e com a minha introspecção, uma vez que ela "viaja" ainda mais do que eu. Sim, nós nos aceitamos. Tem vezes em que estamos no mesmo carro e nenhuma das duas fala com a outra: "viajamos" em nossos pensamentos. Quando estacionamos o carro no destino é que trocamos algumas palavras: "Trouxe batom, louca?" Eu respondo que sim, e sempre peço seu perfume, uma vez que tenho dó de usar o meu com os clientes.

Reorganizei meus antigos objetivos materiais e conformei-me pela perda e pela derrota. Eu tinha perdido no amor; era fato. Nada mudaria isso.

No início deste ano, a Samantha se casou. Ela encontrou seu "Po" na *internet*: é assim que ela chama o seu marido. Ele a apelidou de Laa-Laa. São nomes dos Teletubbies. Não consigo ver muita semelhança entre eles e esses bonequinhos, mas, enfim, são felizes se chamando assim.

Eu e a Sol fomos suas madrinhas de casamento. A cerimônia foi linda, nos primeiros dias de março. Era calor, e ela escolheu uma igrejinha pequena. Foi bem romântico. Chorou o tempo todo, a ponto de o padre parar a cerimônia para ela beber água e melhorar. Eu sei que, naquela hora, ela estava fazendo uma reflexão sobre toda a sua vida, conferindo a balança dos programas, analisando perdas e ganhos e vendo que, no final, os seus esforços foram recompensados. Ela encontrara o grande amor de sua vida e, agora, estava se casando com ele.

Eu nunca tinha visto a Samantha tão bonita na vida, como quando a vi vestida de noiva. Quem diria que aquela mulher tão brava, algumas vezes violenta e direta nas palavras, estaria ali, tão meiga e tão doce no seu vestido de noiva. Durante a cerimônia, eu e a Sol ficamos de braços dados, ela encostando a cabeça dela na minha, e a gente suspirava, com cena tão bonita. A amiga casando! Ela me perguntou: "Tu consegue imaginar tu e o teu Zorro ali no altar?" Só respondi: "Não estraga o casamento, Sol".

Que comentariozinho mais infeliz, o da minha amiga. Mas fiquei a pensar que, apesar de eu estar achando tudo muito lindo, naquele casamento, eu não combinava com cerimônia, nem tampouco iria fazer uma festa, no dia em que colocasse uma aliança no dedo. Ou melhor: acho que esse negócio de aliança também não combina comigo. Eu moraria junto e pronto: juntaria os trapinhos num guarda-roupa comum. Problemas e alegrias divididos, mas não uma celebração social. Eu sou reservada, nessa parte. Nunca comemoro meus aniversários; nem nos da minha filha faço festa. Quando me casei, também não senti falta disso, e até hoje não batizei a minha menina. Portanto, um vestido de noiva não era uma preocupação nem uma exigência para mim.

Mas a cerimônia estava linda! A Samantha, linda. As flores, lindas. A música, linda. Tudo lindo!

Essa foi a última vez em que o marido dela permitiu que nos víssemos. Fiquei triste, mas entendi, porque, agora, ela teria uma nova vida. Ele descobriu que ela fazia programas, mas teve uma reação diferente da do Zorro: resolveu que queria ficar com ela e ajudou-a a sair dessa.

No começo, ela não estava tão apaixonada por ele, mas tinha muita vontade de sair da vida e precisava de alguém. Aos poucos, foi gostando dele mais e mais. Eles também tinham se conhecido pela *internet*. "Não disse que eu conseguiria, Marise?" Ela era uma mulher determinada, e conseguiu mesmo.

Foi engraçado, porque, ao mesmo tempo em que ele entrou na vida dela, ela invadiu a dele, mudando várias coisas. O Po estava acima do peso, e foi para já que ela o colocou para caminhar e fazer regime. Sua casa era desorganizada, e ela entrou lá com a faxineira e colocou tudo em ordem, jogando fora mais da metade dos móveis e também uma velha bateria, que ele tinha há 15 anos. Ela disse: "A bateria ou eu. Escolhe!"

Depois, pegou o talão de cheques dele e foi para as lojas. Comprou móveis novos. "Mas, Laa-Laa, você está gastando demais..." Ela disse que não queria nem saber: ele que fosse trabalhar para pagar. Essa Samantha é uma figura...

Eu senti muita falta dela no início, pois éramos unidas para tudo e tínhamos uma ligação profissional muito forte. Nosso anúncio era ainda o mais procurado do Jornal da Hora: MARISE & SAMANTHA.

O dia do nosso último trabalho juntas foi um pesar: ela estava doente e já sabia que, em breve, o Po lhe daria o xeque-mate: "Ou eu ou os programas".

Eu sempre tinha dito a ela que, se ele propusesse isso, ela deveria aceitar. Se não desse certo, ela poderia voltar. Eu estaria esperando. A vaga dela ia ser sempre dela. Ela se preocupava comigo: "Mas, o que será de você? Não consigo sair da vida e deixar tu e a Solzinha. Não consigo ficar bem se vocês duas também não estiverem bem". Disse a ela que não se preocupasse, que nós duas daríamos conta do recado juntas.

No meu primeiro dia de trabalho sem a Samantha, eu chorei. Saí do Motel chorando. Ela era uma amiga fantástica e ótima colega de profissão. Fui atender um cliente no Motel Renoir, e ele queria duas meninas. Mantive meu anúncio com ela ainda por alguns dias, e o combinado é que eu levaria a Sol comigo.

Bem, eu e o cliente esperamos no quarto por mais de uma hora, e a Sol ainda não tinha aparecido. Ela vinha a passos de tartaruga. O cliente era bastante sugador, e, assim que saí do Motel, tive de parar o carro na estrada, de tanto que eu chorava. Sentia-me, de alguma forma, vulnerável e sozinha. Não podia contar com o fuso horário da Sol e nem com a garganta dela, no caso de haver problemas. A Sol é tudo de bom, mas é a mulher mais atrasada que eu conheço e não tem boca para nada.

De vez em quando, a situação era bem emergencial quanto ao tempo, e eu ligava para a Rafaela: "Corre, rápido, vem, que estou no quarto do Motel Renoir te esperando com dois clientes. Depois tem outro vindo. Sem perda de tempo, *girl*". Ela também era meio atrasada, mas isso era nada, comparado à Sol.

O problema da Rafaela é que ela não pegava no batente: ia para o quarto e só desfilava. Então, o serviço pesado ficava para mim. Logo eu, que estava mais acostumada a ficar na negociação e no blablablá com o cliente, e era a Samantha que executava a parte prática por nós duas? Esse era o nosso combinado, era bom assim para nós. Mas, com a Rafa, não: eu levava a pior. Eu negociava, jogava 171 e ainda executava. A Sol chegava atrasada, mas, quando entrava no quarto, trabalhava o cliente, fazia o programa e tinha um objetivo: o cliente gozar e ela poder cair fora, recebendo o dinheiro, sem criar problemas e discussões por falta de orgasmo. O objetivo da Rafa era desfilar para o cliente, para o tempo passar, enquanto ela contava sobre a viagem que um dia havia feito à Itália e, depois, receber, mesmo sob discussão.

Eu cansei de ouvir detalhes da famosa Via Condotti e das maravilhosas lojas chiques que ela havia visitado. Ficava difícil trabalhar assim e, portanto, eu só tinha uma coisa a fazer: educar a Sol!!!!

Depois do verão, contratei a Arlete como empregada permanente. As finanças haviam melhorado muito. Também comprei um apartamento, o que significou certo conforto e alívio para mim. Há tempos, eu queria um lugar bom e definitivo para viver, e a minha filha merece morar onde não sofra por preconceito. O síndico do meu prédio não conseguiu o que queria, apesar de viver a me pressionar, com multas e fofocas entre vizinhos.

Como o lucro do verão tinha sido muito, procurei um bom apartamento. Eu e a Sol também passamos a ganhar mais. Há meses em que o rendimento chega a quase 15 mil reais. Fui atrás do Douglas e da Marisa: acho o máximo aquele casamento deles, e, se eu tivesse conseguido me casar com o Zorro, gostaria que nosso relacionamento fosse como eles são: unidos para tudo!

Caraca! Fiquei feliz com o apartamento que eles conseguiram para mim. Ia demorar alguns meses até ele ficar pronto, mas era novo, muito lindo, tinha piscina, para a minha filha, e era justamente na rua que eu sempre dizia ser a mais perfeita para se morar. Temos que cuidar do que colocamos em nossa cabeça, porque os pensamentos criam asas e se concretizam. Depois que assinei o contrato, lembrei-me de que aquela rua tinha sido a mais admirada por mim há oito anos e que, em tempos de miséria total, eu almejava, um dia, morar lá. Era larga, ia direto ao mar e tinha muitas árvores.

A parcela do apartamento é alta, fiz um financiamento curto, e, agora, vou trabalhar muito para decorá-lo e mobiliá-lo. Quero fazer tudo do meu jeito, e a Marisa vai me ajudar, com a sua louca decoração. Ela pinta uma parede de verde fluorescente, a outra de roxo, coloca uma cortina d'água, uma sanca de gesso pirada, e tudo fica lindo. Ela fez o projeto, e eu dei algumas idéias. Meu banheiro tem rosas vermelhas por todos os lados. No meu teto, há um recorte de estrelas. O quarto da minha filha é *pink*, e tem gesso em forma de coração.

No papel, já está tudo lindo. Depois que começarmos a montá-lo, vai ficar maravilhoso! A Marisa decorou sua imobiliária, e ficou *show*: um estilo que parece interplanetário. A cara da Sol. Por falar nisso, fiz a Sol comprar um apartamento lá também. Agora, nós estamos nos virando em oito para pagar

tudo. O meu orçamento está praticamente todo comprometido: não posso ficar doente, e nem ter queda no movimento.

Agora, a Sol precisava se educar, mais do que nunca, quanto aos horários. Ou melhor: mais do que nunca, eu deveria educá-la, pois não podíamos perder nem um real, por causa da dívida com os imóveis. Comecei a aplicar a Terapia do Grito com ela: "SOL!!!! LEVANTA AGORA!!! CLIENTE NO MOTEL!!! MAS EU DISSE AGORA!!! SE TU NÃO CHEGAR EM 15 MINUTOS, EU CHAMO A RAFAELA!!!" Ela passou a se jogar da cama.

Depois, eu ficava ligando de cinco em cinco minutos e dizia que ela tinha uma parcela de financiamento de cinco mil reais para pagar por mês. "Será que você está lembrada disso, Solzinha?" Era terrorismo psicológico. Mesmo assim, nem sempre funcionava.

Um dia, eu tive um ataque: o último e necessário ataque. Eu não queria me desfazer da Sol como colega de profissão, por respeito à nossa amizade, pela confiança que tinha nela e pelo que já tínhamos passado juntas. Liguei, comunicando serviço. Eu estava atendendo uma seqüência direta de três clientes. Dois estavam no motel e tinham chegado praticamente juntos. Ainda vinha mais um, para se hospedar e nos esperar. Agora, mais do que nunca, tempo era dinheiro.

O anúncio de jornal havia mudado. Dizia "MARISE & CAMILA", e o valor declarado era de 200 reais pelo programa. Todo mundo queria saber quem era a nova parceira da Marise. Reconquistei clientes antigos, porque oferecia uma novidade no mercado, mas muitas foram as vezes em que eles chegaram e fizeram cara de desânimo, pois a Sol era mais conhecida no pedaço do que eu. Ela já estava na putaria do jornal há quase dois anos, quando eu entrei.

E ela demorou tanto, mas tanto, que, quando chegou, tive um ataque, estilo Samantha, nos velhos tempos. Eu ainda não tinha entrado no quarto do motel, e um dos clientes estava querendo desistir, por causa da demora. Ela parou o carro, e eu saí do meu. Ela me olhou, com a cara de desculpa deslavada de "prometo que não vou fazer mais!" Eu me pus a gritar, a xingar, bati a porta do carro, chutei o nada, fiquei vermelha, disse que tinha acabado de desistir

dela. Não avancei, mas tinha vontade de pular no seu pescoço! Virei as costas e mandei "tudo se foder!!!"

Saí do motel, não agüentava mais. A Samantha fazia muita falta. Não dava para contar com a Sol. Ela não conseguiu atender ninguém, porque os três queriam *ménage à trois*. Não queriam saber de apenas uma menina; queriam duas. Ela viu que tinha perdido 300 reais, naquela brincadeira de perder tempo e passar batom. Que tinha perdido a vaga no anúncio de lesbianismo e, provavelmente, também a minha amizade. Eu não aturava mais. Uma não chegava, e a outra não trepava!

Depois, ela me procurou. Estava triste e queria mais uma chance. Dei essa chance a ela, até mesmo porque não havia mais ninguém para ocupar a vaga. Ela passou a se policiar; poucas vezes demorou. Acho que meus gritos curaram o fuso horário da sua cabeça. Ou, então, foi o medo de perder o apartamento de vez. Deve ter sacudido tudo lá dentro e voltado a funcionar, segundo a referência "Planeta Terra". A Sol, antes, era de Marte.

Na profissão, os papéis se inverteram. Eu passei a cuidar da Sol, como a Samantha cuidava de mim. Aos poucos, vou encontrando em mim características desconhecidas. Tenho voltado a refletir sobre a minha personalidade e sobre quem sou. Vejo em mim uma capacidade de me adaptar às situações e, por isso, acabo sendo aquilo que justamente é preciso ser, de acordo com o que a situação pede.

Agora, quando acontecia um problema dentro do quarto, eu é que esquentava os ânimos. Passei a cobrar sempre adiantado, para evitar problemas. Não faço o tipo de garota gritona, mas dou um jeitinho bem especial. Sem gritos, mas bem especial.

Num desses dias, um cliente me telefonou e combinou o preço de 80 reais para cada uma. Levou um amigo. Nós os atendemos no apartamento da Sol. Ele chegou, foi tirando a minha roupa, passou a mão pelo meu corpo, jogou-me na cama e, quando foi tirar a minha calcinha, eu falei: "Querido, dinheiro na mão, calcinha no chão!" Ele respondeu com uma carinha de coitadinho, dizendo que não me preocupasse, que ele tinha dinheiro na carteira. "Então, paga agora!" Fui tão fria e tão direta, que ele não teve outra escolha. Saiu de

cima de mim, redemoinhou pela sala. Só por essa atitude, já percebi que lá vinha rolo. Enquanto ele fazia de conta que procurava pelo dinheiro, eu tranquei a porta, me atirei na cama e coloquei, discretamente, a chave embaixo do colchão.

Agora, ele estava achando 80 reais muito caro e queria renegociar: eles pagariam somente 50 reais a cada uma. Fiquei muito brava, porque ele tinha feito isso de caso pensado, e eu odeio homens metidos a espertos. Ele teria passado a mão em mim, feito o programa e, depois, teria alegado só ter aquele de dinheiro e largado a quantia sobre a mesa, com cara de "se quiser, está aqui, ó!"

Então, que tivesse dito antes, ao telefone. Mas nada, ele é daqueles acostumados a fazer isso, e tem muita menina que, para não se incomodar, deixa barato. "Olha, querido, já que você é metido a malandro, faz uma coisa de gente inteligente: paga 50 reais por ter colocado a mão no meu corpo e cai fora." Ele disse que não: já que não havia feito nada, não pagaria nada. "Você acha que a nossa casa é sala de estar, e que estou aqui, de graça, para você passar a mão em mim? Paga e cai fora." Ele negou. "Sol, liga agora para o teu namorado e diz para ele vir aqui resolver este pepino para nós." Ela foi ao banheiro e fingiu ligar para alguém. Ele, na hora, sacou o celular e ligou para os amigos: "Venham em seis para cá, que vai dar problema. Estou na Av. Brasil, esquina com a Rua 2.000". Além de tudo, ele era um covarde, pois não sabia resolver seus problemas sozinho. O que eu faria agora? Pensa, cérebro, pensa, cérebro, pensa, cérebro!

Dei mais um tempinho e disse: "Seguinte: nós vamos parar todos na delegacia, e eu vou saber teu nome e endereço completo. Além do mais, eu tenho o número do celular do qual você me ligou gravado no meu identificador de chamadas. Vou adorar conversar com a tua mulher e explicar o que aconteceu." Senti que ele vacilou. "A propósito: no serviço de informações da companhia telefônica, tem o teu endereço completo, né? Posso mandar o namorado da minha amiga lá? Como será o seu nome?" Na hora, ele sacou os 50 reais e os colocou na minha mão. "Nada, querido: mais 50 reais para a minha amiga. Teu amigo silencioso, ali, está ocupando a

cadeira da sala dela. Ninguém entra aqui de graça.” Não gritei, mas ameacei. Não deixo passar um real de cliente, o que dirá de cliente malandro. Agora, eu e a Sol temos de pagar nossos apartamentos de qualquer jeito. É tudo ou nada!

Durante a compra do apartamento, eu me lembrei daquela Mãe Cassandra. Eu o comprei pouco antes de se completar um ano daquela loucura à beira da praia e naquela encruzilhada. Mas acho que não tem nada a ver. Além do mais, não sinto que haja um monte de mulheres comigo; as que me cercam são de carne e osso.

Hoje vi a Vitória: que saudade! Nós nos abraçamos: “Há quanto tempo, Vi! Que andas fazendo da vida?” Ela, com a peruca comportada, de “senhora íntegra da sociedade”, disse que tinha virado evangélica e não estava mais na vida, que havia cansado e não queria mais seu corpo pelas noites, bebendo e dançando. Tinha resolvido fazer um curso de tosa de cachorros. Ela é uma lutadora. Acho a Vi uma grande mulher. Ser uma grande mulher não significa só fazer as coisas certas, segundo o que a sociedade manda, mas ter uma persistência descomunal, uma vontade de se levantar e dizer a si mesma que hoje vai trabalhar em busca do seu castelo. Recordamos que, um dia, tínhamos assumido o compromisso de nos visitarmos em nossos palácios. Ela disse que, no dela, um mordomo me abriria a porta. Eu falei que, no meu, seria a Arlete mesmo, que já estava há tanto tempo lá em casa, cuidando de mim e da minha filha.

Combinamos sair, para tomar um café, mas não trocamos telefones: a gente sabe que a vida nos reunirá novamente. Sim, eu sei. Sinto que ainda me encontro com a Vitória.

Balneário Camboriú, 10 de setembro de 2005.

Estou cada vez mais reclusa: pouco saio de casa e passo muito tempo pensando sobre a vida e escrevendo no meu diário. Uso bastante a *internet*: entro nas salas de conversação e tento levar um papo sério com alguns

internautas. Procuro saber o que as outras pessoas pensam sobre a vida, troco idéias. Ultimamente, vivo ligada à *internet*: ela é uma fuga da minha realidade. É tão espantoso e paradoxal: eu procuro o real no mundo virtual.

Os telefones andam me deixando maluca. Estou estressada de tanto falar a mesma coisa: o mesmo texto, os mesmos idiotas tentando passar trote, os mesmos piás incomodando com as suas piadinhas, os mesmos metidos a espertos, as mesmas esposas perguntando por que é que meu celular está na agenda telefônica do marido delas, e se eu o conheço. Por fim, os clientes, sempre achando que uma hora é pouco, e eu pensando que meia hora é muito.

São, no mínimo, 70 informações por dia em cada aparelho de celular que eu tenho. Aposentei a Ana, por estresse. Mas ainda conservo os outros anúncios. Peguei minha calculadora hoje e me pus a fazer uma estimativa de quantas vezes já tinha repetido o mesmo texto ao telefone, e o número foi absurdo: eu disse a mesmíssima coisa mais de 120.000 vezes. Já é automático, e consigo, ao mesmo tempo, escrever no diário e falar ao telefone, pois a boca fala sem precisar pensar, ela recita o que já sabe. A música dos meus celulares tocando me incomoda! A Samantha faz falta; mas eu ainda tenho a Sol.

A minha filha, na semana passada, chegou com a notícia de que ia colocar dois *piercings*. Um, eu ouvi que era no nariz; o segundo, não sei até agora onde seria. Fiquei tão perplexa, que ouvi e, ao mesmo tempo, não ouvi. Sabe como é? Achei que tinha sido um momento de demência dela. Uma pré-adolescente, de quase 11 anos, pensando em *piercing*! Mas estou concluindo que o momento de demência dela está durando mais de uma semana. Hoje, chegou com a última boa-nova: “Mãe, vou pintar o cabelo de rosa”. Desta vez, eu ouvi tudinho muito bem. “Tu ficou louca? Aparece com o cabelo rosa em casa para tu ver só.” Ela tentou argumentar: “Mas mãe, o cabelo é meu. Ele está na minha cabeça, e, portanto, eu é que decido o que fazer com ele. Cuida do teu que eu cuido do meu”. Ela saiu, batendo a porta, e eu, atrás dela. Tenho plena certeza de que ela é doida o suficiente para fazer uma rifa de chocolates e juntar dinheiro para comprar o *spray* rosa para cabelos. Virei-me para a Sol, que estava sentada na cadeira da sala, e disse: “Tem aí

uma pílula antipuberdade?" A Sol, naquela complacência toda dela, retrucou: "Ela é igual a você".

Mentalmente, eu ouvi a música cantada pela Elis Regina, que ficou se esgoelando no meu cérebro, bem assim: "Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos paaaaaaaaaaaaaaaaaais..." Eu parei para pensar.

Uma pausa abrupta para pensar. Dois pontos:

"*A fruta nunca cai longe do pé*."
dito popular

Outra, ainda. Dois pontos:

"*Aqui se faz, aqui se paga*."

Também é dito popular. Mas a minha mãe disse tanto essa frase, que eu acho que, por usucapião, já é dela.

Quando saio por lazer, é sempre para a mesma coisa: jantar com as minhas amigas. É sempre muito divertido: nós nos adoramos e rimos muito. Vamos quase sempre ao Olho D'Água. Os garçons já nos conhecem e fazem tudo de que a gente gosta: trazem um prato com umas 20 cerejas para mim, os pãezinhos de que a Sol gosta, morangos, para a Rafaela, e assim vai. Nesta semana, saímos eu, a Sol e a Simone, para jantar. Comemos o de sempre e nos divertimos como nunca. Sempre que sobra comida, pedimos para embrulhar e, no caminho, a gente a doa para o primeiro catador de papel que passa. Gosto da companhia das meninas, e elas, da minha. Elas me contaram uma novidade: a Marcinha vai se casar com um policial.

É muito estranha, essa relação entre policiais, bandidos e garotas de programa. Eles estão sempre envolvidos por algum laço afetivo. Já percebi que a maioria das garotas, ou tem namorado polícia, ou namorado bandido; isso quando não tem os dois. Ficamos a conversar e a contar nos dedos todas as que, de uma forma ou de outra, estão envolvidas com eles.

Lembramo-nos de uma menina que trabalha na Boate Castelinho, de cujo nome de guerra ninguém lembrava, mas cujo apelido é Pólvora. Isso porque ela adora caras que usem arma de fogo à cintura. Não importa de que lado estejam.

A Simone contou que tinha passado por uma situação e tanto. Sua amiga de boate tem carro, mas ainda não tirou a carteira. Elas foram paradas numa *blitz*. O guarda sacou que elas eram de esquema, por causa das roupas e do linguajar. Resultado: rolou um programa expresso com ele, em troca de ele não levar o carro. Ele entrou com elas no automóvel, deixou o amigo tomando conta do posto, e eles pegaram a BR-101. Enquanto uma dirigia, a outra ia fazendo o serviço.

Numa hora, estávamos comentando que nada mais acontece que tenha a capacidade nos surpreender. Veio muita salada, e, enquanto íamos conversando, fui me servindo de cebola em rodela. A Simone me chamou a atenção: "Marise, tu não tem vergonha de comer cebola e ficar com mau hálito? E o cliente?" Mas eu não ligo: "Foda-se o cliente".

Depois que jantamos, saímos para dar uma volta de carro e encontramos o Biba. Paramos, e ele veio conosco. Estava revoltadíssimo: tinha terminado seu namoro com o João. Perguntei a razão, e ele me respondeu: "Estou com ele há quatro anos e sempre pensei que ele fosse homem. Na semana passada, não é que ele deu para mim?" O Biba tem essência de homem: depois que eles conseguem desvirginar a moçoila, perdem o interesse.

Ele também estava preocupado, porque estava se agarrando com outro "ficante" seu embaixo do chuveiro de casa, quando seu pai chegou, inesperadamente, e bateu à porta do banheiro, atrapalhando a transa dos meninos. Ele achou que o pai o mataria. Em vez disso, ele falou: "Tomem o banho rápido, que sou o próximo a entrar no chuveiro".

Adivinha quem está com o cabelo rosa? A própria! Como? Não me pergunte. Prefiro não ter certeza sobre as minhas suspeitas. Isso seria o mesmo que admitir para mim mesma que estou ciente do que me vem pela frente.

Hoje, eu e a Sol voltávamos de um esquema, quando a vi tirar de dentro da bolsa um celular diferente, que tocava um som esquisito e estridente. Esse aparelho, eu não conhecia. Ela puxou da bolsa um tijolo pré-histórico, com falhas no teclado, ao qual ela só consegue atender depois de pegar uma caneta e forçar a tecla "aceitar chamada" com a ponta. O aparelho não tinha mais capa e estava com o visor quebrado.

Perguntei o que era, e, antes de atender, ela me respondeu: "Agora eu virei agenciadora. Estou cafetinando o Biba".

Ela, com aqueles óculos escuros dela, com a cara de quem tinha trabalhado a noite toda, falava ao telefone com o possível interessado: "Sim, aqui é da Agência de Modelos *For Man*. O senhor gostaria de um loiro ou moreno? Ativo, ou passivona? Musculoso, ou com jeito afeminado?"

Eu, atônita, ouvia. O 171 da Sol estava bom. O único detalhe é que ela só tinha um garoto de programa para oferecer, o Biba, embora, por telefone, parecesse ter mil ofertas.

O Biba é um moço bonito. Deve ter uns 25 anos, tem olhos azuis, cabelos pretos compridos, é alto, magro, sem musculatura definida e com um rosto bem marcante. "Ativona" e "passivona", segundo a Sol. Ele caça na cidade andando a pé e dando bola para os que estiverem de carro. Cumprimenta um, cumprimenta outro e, sempre que sai para dar uma volta, arranja um esquema. Esta cidade está cheia de veados, mesmo, e ninguém sabe. Ele cobra de cem a 200 reais e faz de tudo, de anal a beijo grego.

O cliente foi esperar a passivona no Motel Choupana. Ele queria comer, mas também queria ser comido. A Sol cobrou 150 reais, dos quais cem eram do garoto e 50, dela. Ligou para o Biba, mas ele não estava podendo ir, tinha médico. E agora?

Ela começou a ficar aflita. Ligou para todo mundo que pudesse saber de um menino que fizesse esquema e que aceitasse ser passivo e ativo ao mesmo tempo. Ninguém sabia. Ela, então, lembrou que, uma vez, um garoto de programa havia me enviado uma mensagem, oferecendo seus serviços de acompanhante. Procurou no meu celular, achou a mensagem e ligou para o número que constava nela. Ele aceitou ir, mas somente para comer o cliente.

Não queria nada no rabo dele. A Sol, na ânsia de fechar o esquema e começar a faturar, disse que tudo bem, ele poderia ir, mesmo cortando só de um lado.

Com o cliente já mofando no Motel Choupana, ela colocou dez reais de gasolina no meu carro, e fomos pegar o garoto e deixá-lo no Motel. Ele era muito bonito: nem eu imaginava o quanto. Pensei que ia aparecer um menino simples, mas que nada. Ainda perguntei se ele era dançarino de boate e se fazia *strip*. Pensei em contratá-lo para mim.

Mas ele respondeu que não, dizendo que estava começando agora e treinando uns passinhos em casa. Chegamos. Parei na frente do quarto. A Sol desceu, toda empinada, para se apresentar ao cliente como dona da agência de modelos e deixar o manequim dela com ele por uma hora.

Pediu o dinheiro antecipado, colocou-o no bolso, despediu-se do garoto e, ao entrar, às pressas, no carro, disse: "Vamos, louca, arranca, que vai dar problema! O cliente deixou bem claro para mim que só queria um garoto se ele cortasse dos dois lados". Rindo, ela me mostrava o dinheiro: "Agora, já recebi, mesmo. Dei a parte do garoto em separado, e o cliente que se foda! Ele faz o que der para fazer e, depois, cai fora. É melhor eu desligar o meu celular".

Acho que a Sol ainda vai arrumar alguma encrenca.

Essa turma é hilária...

Balneário Camboriú, 13 de setembro de 2005.

Às vezes, consigo publicar algum texto meu no Jornal da Hora. Penso que eles não conseguem me dizer não, por causa dos meus gastos infindáveis com o *marketing*. O povo gosta, mas as esposas ligam para o Jornal, reclamando de "uma puta escrever". Eles publicam meus textos entre os classificados de acompanhantes.

Acho que eu estava num momento de desabafo, na frente do meu computador, e resolvi, numa rápida síntese, escrever uma crônica,

explicando os principais problemas e estresses gerados pelos telefonemas que recebemos:

DIA FODA - Pérolas ao Telefone

Quando estou sem saco, não adianta: qualquer coisa que o cliente diga será recebida por mim como o fim da picada. Tem dia que não é o dia. Às vezes, há mil motivos para aquele ser um “Dia Foda”. Em outras, nenhum: eu simplesmente decido que é o “Dia F”, e FODA-SE tudo.

O primeiro cliente ligou: “Queria saber se tu atende em algum lugar...”

“Não, idiota, não tenho nenhum lugar para atender. Geralmente, não atendo, e quando eu atendo, é em lugar nenhum.”

Tu, tu, tu, tu... Esse desistiu bem fácil. Deve ser um “Dia Foda” para ele também.

Hoje não é o meu dia. Acabei de me levantar, devem ser umas nove horas. Eu devia ter continuado nua na cama, revirando meu edredom no meio das pernas, cobrindo os olhos com meu tapa-olho, sonhando com o mundo encantado, com a Alice no País das Maravilhas e com o Peter Pan.

Ahhhhhhhhh, como eu o adoro. Aquele menino safado, mentiroso, moleque, cheio de energia... Adoro o Peter Pan. Para mim, esse é o melhor, senão um dos melhores contos infantis, que todas as crianças deveriam ler. Todos os adultos deveriam ler. Todas as mulheres deveriam olhar para o Peter Pan. Depois, tem a Alice, porque o mundo dela é uma loucura, uma loucura igual ao meu mundo. Coisas tão estranhas acontecem. Estranhas, como acordar e, sem motivo algum, decidir que hoje é um “Dia F”. Portanto, coitados dos que me ligarem hoje. Tô botando para foder, mas só ao telefone. Decidi me deitar novamente. Trabalhei até as quatro da manhã e, já cedo, começaram os pedidos de informação. Nua novamente: edredom e tapa-olho.

Segundo cliente do dia, uns dez minutos depois do primeiro: “Ô, tu faz programa?”

Eu nem me dei ao trabalho de tirar o tapa-olho: já estou craque em apalpar o celular, acertar o botão de atender e colocar o lado certo no ouvido: “Claro que não, de onde você tirou uma idéia dessas?” Meu anúncio é

enorme, e está em plenos Classificados Privê do Jornal da Hora, ainda especificado sob a rubrica “ACOMPANHANTES”. E o idiota ainda tem dúvida se eu sou ou não garota de programa?

Mas ele insiste: “Tá, mas vi teu nome aqui. Cuânto cobras?”

Aquele “cuânto cobras” feriu ainda mais meus ouvidos. Respondi: “Trezentos reais”.

Agora, uma voz de reivindicação: “Táis roubando! Aqui no Jornal tá escrito 120 reais”.

Não me contive: “Se táis aí escrito 120, por que é que tu me perguntou?”

Tu, tu, tu, tu... Mais um que desiste. Meus dias estão contados. Hoje, devo ficar só com o Peter Pan... Ahhhhhhh, o Peter Pan...

Terceira ligação do dia. Uma voz de mulher: “Eu quero saber, sua vagabunda, o que é que o teu telefone tá fazendo na conta do celular do meu marido. Tô com a conta na minha mão. Ele ficou de bate-papo contigo por quase seis minutos, na madrugada do dia 12, e era bem quando eu tava viajando”.

Deixei a cretina falar. Sabe qual é a pior vingança contra uma mulher? Não dar bola para o chilique dela. Não desliguei o celular, mas a deixei praguejando por um bom tempo. Pus o telefone longe do ouvido e voltei a pensar no Peter Pan. Ele era um bom e safado menino, e tinha até uma amiguinha, a Sininho. A Sininho era tão ciumenta quanto aquela esposa, namorada, amante era do marido, namorado... Sei lá o que ele era dela. Às vezes, eu gosto das Sininhos. Mas é só de vez em quando. Em 98% das vezes, sou Peter Pan, e, só em 2%, Sininho. Se eu contar meus orgasmos provenientes apenas da imaginação e não postos em prática, digo uns 10% Sininho e 90%, Peter Pan. Tem que variar de vez em quando, senão perde a graça.

Quarta ligação do dia. Era a cretina novamente: “Sua PUTA, o que você fez com o meu marido?”

Odeio que me chamem de puta. Só podem fazer isso as minhas amigas e quem estiver me comendo.

“Tudo o que você deveria fazer e não faz: dei para ele gostoso de quatro, chupei o pau feito uma louca e ainda fiz anal. Anal, entendeu? DUAS VEZES!”

Dessa vez, eu é que desliguei. Por mim, ela pode se matar agora. Hoje é um “Dia F”, e foda-se ela, e o cliente também. Quem o mandou me ligar de madrugada? Decerto devia estar batendo uma punheta ao telefone, enquanto falava comigo, e eu devia estar num “Dia Não-Foda”, para ter ficado por seis minutos com ele ao telefone, no meio da madrugada, dando explicações sobre mim e sobre o que sou capaz de fazer. Ninguém mandou me ligar. De graça nunca, nem por prazer. Em “Dia Foda”, nem pagando.

Peter Pan... Você é um safado muito sedutor...

Quinta ligação do dia, é hoje!!!

Cliente, com sotaque nordestino: “Que tudo que tu faz?”

Tem gente que faz pergunta ignorante, não? Mas, para esse, até me dei ao trabalho de responder: “Oral, normal, uso acessórios, e só.” Ele não entendeu. Devia ser cera no ouvido, surdez precoce ou falta de inteligência. “E anal? Você faz?”

Respondi, novamente: “Oral, normal, uso acessórios e SÓ!” Acho que não falamos a mesma língua. Ele tornou a perguntar: “Mas tem anal?” Tornei a, pacientemente, responder: “Someeeeente oral, normal e acessórios”. Acho que esse não bate bem: “De uma vez por todas, quero saber se tu dá o rabo...”

Eu desisto... Tu, tu, tu, tu...

Voltei a tentar dormir e, uma meia hora depois, quando estou quase chegando à Terra do Nunca para encontrar o Peter Pan, toca o telefone. É sempre assim, o telefone toca quando a gente está quase lá:

“É a Marise? Querida, tu faz barba, cabelo e bigode?” Perguntinha pé-de-chinelo, mesmo. “Querido, cabeleireiro é em outra seção. Vai à página dez e liga para os anúncios de Serviços Profissionais.”

Tu, tu, tu, tu... Ele desligou.

Não são nem 11 horas da manhã, e tudo isso já me aconteceu. Quanto tempo será que levou para a Alice correr da Rainha de Copas?

Perto do meio-dia, o celular toca de novo. Atendo, quase morta: “Marise, você é uma moça bonita mesmo, ou é só enganação?”

Quanta ingenuidade! “Sou horrorosa, querido, você nem teria coragem de sair comigo. Mas sou feia mesmo: desproporcional, estrábica, pálida...”

Tu, tu, tu, tu... Ele desligou, antes de eu acabar minha autodescrição. Onde paramos, Peter Pan?

Não demorou muito, e o celular tocou aquela musiquinha fodida de sempre: Chopin. Uma voz de menino, do outro lado da linha: “Marise, diz para o pai vir para casa, que tá na hora do almoço”. Ouvi risadas de outras crianças, e ele desligou. Eu fiquei besta, sem presença de espírito. Cada uma, que a gente é obrigada a ouvir!

Assim que eles desligaram, recebi uma mensagem. Era de um evangélico, dizendo: “Jesus salvará! Teu corpo não vale mais do que esses cartões de crédito. Arrepende-te, enquanto há tempo”.

Arrependi-me, mesmo! De ter acordado! Acho que hoje não é um bom dia, não. Decididamente, hoje devo mesmo ficar só com o Peter Pan. Desliguei de vez o celular. Hoje é um “Dia Foda”...

Balneário Camboriú, 15 de setembro de 2005.

Às vezes, é muito perigoso ser garota de programa. Ficamos à mercê de todo tipo de cliente. Hoje foi um dia em que tive muito medo. Durante 40 minutos, eu rezei muito, só pensava que tinha uma filha e que precisava estar viva no final da tarde para pegá-la na escola e tomar café com ela no Pão Italiano, como quase sempre fazemos.

Um cliente ligou para o anúncio da Mari, e queria sair comigo e com a Sol juntas. Indiquei o endereço a ele e, enquanto ele se dirigia para o apartamento dela, eu também ia. Chegamos juntos. Deduzi que era ele pelo meu *feeling*, e o cliente me reconheceu pela descrição do Jornal.

Ficou me olhando da calçada, enquanto eu estacionava o carro. Desci, e ele disse: “Belo carro. Adoro bancos de couro. Você deve ganhar bem”. Eu

havia dado o meu Astra como parte de pagamento pelo apartamento e tinha pegado, no Alcione, um carro melhor ainda. Disse a ele que não era bem assim. Eu ando estranhando o meu livro-caixa: de uns tempos para cá, meu movimento diminuiu, e eu e a Sol temos nos salvado mais com o nosso anúncio em conjunto. Já telefonei ao Motel Luxe & Sex, mas a recepcionista me disse que o movimento deles também anda fraco. Não tenho mais atendido clientes sozinha lá.

Subimos juntos pelo elevador, e perguntei o que o cliente fazia. "Trabalho com a Justiça." Pela postura e pelas roupas, deduzi que era juiz. Perguntei, e ele disse que não. "Então, você é promotor." Também não era. Chutei advogado, e nada. Fiquei a falar os cargos da Jurisprudência, inclusive sugeri procurador. Ele ria e dizia que não. Quando entramos no apartamento, dei o xeque-mate: "Você é da polícia!" Ele respondeu que, finalmente, eu havia acertado.

Satirizando, falei que todo mundo que chegava lá e dizia que era da polícia, a gente descobria que era, na verdade, bandido. Eu e a Sol ficamos rindo, lembrando e contando a ele sobre dois garotos que tínhamos atendido no Hotel Morumbi e que haviam dito ser da Polícia Federal, mostraram documento de porte e tudo. Saímos com eles por dois dias. Aquele com quem eu tinha ficado chamava-se Daniel, e o da Sol, a gente não lembrou o nome. Eles sumiram. Um mês depois, eles nos ligaram do Cadeião, pedindo uma visitinha, e falaram que haviam caído, porque assaltavam bancos.

O cara sentiu-se à vontade e puxou a arma das costas, envolta em um pano, para evitar as digitais e a pólvora nos dedos: "Isso mesmo, sou bandido também". Paramos de rir. Eu me sentei na cama, achei que fosse desmaiar. Eles sempre iam nos ver, mas nunca nos mostravam armas. Ele colocou o revólver ao lado da cama. Eu só pensava: "Ele vai nos matar, ele vai nos roubar, vai levar o meu carro, não vai usar camisinha, vai nos estuprar, vou reagir e ganhar um tiro na barriga, andarei com bolsa de colostomia, minha filha, coitada da minha filha, eu combinei irmos tomar café no Pão Italiano, e ela vai ter uma mãe colostomizada".

A Sol, viajando interplanetariamente, deitou-se na cama e tirou metade da roupa, como de costume. Ele se deitou e disse: “Vamos começar o *show*”. Ficou na ponta da cama, perto da arma. Eu não tinha segurança nenhuma, e resolvi dizer a ele que a presença da arma me deixava nervosa. Peguei a Maleta Félix e a coloquei em cima da arma; assim, eu não a veria.

Ele se levantou e disse que faria melhor do que isso. Pegou a arma – achei que eu fosse vomitar dos nervos - e colocou-a na sala, sobre a mesa de centro, longe de nós. Mas ele bem que podia pular da cama, de uma hora para outra, e pegá-la. Ele era enorme. Como iríamos segurá-lo?

Ele disse que não nos preocupássemos. Mas não tinha como: fiz o programa entre uma oração e outra. Acabou. Sempre fazíamos programa meia-boca; o dele, fizemos mais meia-boca ainda. Nossa paciência em atender não é mais a mesma. A Sol olhava para o teto, e eu fechava os olhos e rezava. Acabou!

Ele se vestiu e disse: “Agora, vou falar, e vocês vão me ouvir. Vocês são bem limpinhas, mas este apartamento aqui é uma pocilga. Só tem velharia nestes móveis, nenhuma toalha limpa, e este lençol, vocês não trocam há não sei quanto tempo. Coloquem uma cortina decente. A cama também está quebrada, fiz o programa torto”. A Sol tinha colocado um banquinho para servir como pé da cama, porque tinha ido tudo ao chão, enquanto ela fazia um programa com um cliente obeso. Concordamos com o cliente. A Sol argumentou que aquele era um apartamento provisório, e que o outro em que atendíamos era bem bonito, mas que tínhamos tido de abandonar o prédio, por causa do preconceito dos moradores.

Foi aí que o homem falou que era justiceiro e trabalhava como matador de aluguel. Se quiséssemos, ele faria um trabalho por um preço bem acessível, de 500 reais, e dava um fim nessa tal zeladora que havia incomodado a Sol. Ele tinha vindo à cidade para executar um serviço e, como já estava aqui, poderia fazer mais um, sem grandes custos. “Não! Não! Não precisa, já perdoamos.”

Ele continuava na maior frieza, como se matar alguém fosse o mesmo que palitar um dente. Perguntou: “Vocês são católicas, é isso?” Disse que não

tinha nada a ver, mas que a zeladora poderia ter filhos, que, decerto, gostavam dela. Ele fez uma cara de “mulheres e suas sentimentalidades”. Puxou a carteira do bolso de trás, tirou o nosso pagamento e deixou o dinheiro em cima da cama. Disse que não tinha gostado do serviço. Falei que era porque estávamos nervosas, devido à arma. Ele não argumentou mais nada: pegou o revólver, colocou-o na parte de trás da cintura, beijou-me, antes de sair pela porta, e foi embora pelas escadas. Bem coisa de bandidos: nunca usam elevador, pois a fuga fica restrita. Fechei a porta e senti o mundo cair, ou, então, sair de cima de mim. Não sei bem o que sentia, acho que tudo ao mesmo tempo.

Reavaliei a possibilidade de sair logo desta profissão. Pensei também que, de uns dias para cá, ando tendo muitas surpresas com o ser humano. Aquele homem parecia sociável, uma boa pessoa, a princípio, mas trazia em si a capacidade de matar outra pessoa, sem sentimentalismo, friamente. E eu? Será que vou, algum dia, me surpreender com a minha capacidade de matar alguém? Nunca sabemos onde está o limite das nossas capacidades, até que experimentamos um passo a mais.

Fiz uma comparação com a minha profissão e vi que eu também agia friamente, sem sentimentalismo e não me perguntava se a esposa era vítima ou culpada pela traição do marido. Apenas executava o serviço do mandante do programa, o meu cliente. Senti-me mal comigo mesma. O dia não prestou mais para mim.

Balneário Camboriú, 18 de setembro de 2005.

Filha da puta! Literalmente. Estou revoltadíssima. Sempre odiei falta de fidelidade e traição entre mulheres de programa. Para mim, a garota pode ter muitos defeitos: ser exibida, falar mais que os cotovelos, ser atrasada, até perdôo ser meio burrinha. Mas eu não aceito amiga traidora.

Eu estava desconfiada de que alguma coisa andava acontecendo, e a Sol e a Rafaela também. Nosso movimento tinha caído pela metade, e eu fiquei

bem nervosa, porque a prestação do apartamento é alta, e, agora, comecei encomendar os móveis. O que eu tinha de reserva, tive de gastar nestes últimos dois meses, porque a minha entrada de valores era menor do que a minha saída.

Descobrimos tudo. Eu e as meninas. Estávamos pagando anúncio e gastando o nosso 171 com clientes que iam para outras meninas. Tenho um contrato com o Motel Luxe & Sex: mando o meu cliente para lá e, quando ele chega, o pessoal do Motel me liga, dizendo que ele se encontra no quarto. Acontece que os nossos clientes chegavam lá, hospedavam-se, diziam para me chamar, ou, então, chamar uma das meninas, e a safada da recepcionista fingia a ligação, dizia que nossos celulares não estavam ligados, mas que ela arranjaria facilmente outra garota. Tinha duas de reserva, a Paola e a Viviane. A Paola era minha amiga e andava no mesmo bando que eu. Sempre ia jantar conosco e havia me pedido permissão para trabalhar no mesmo Motel que eu há alguns meses. Como ela era minha amiga, consenti. Afinal, se eu perdesse o cliente, que fosse para uma das que andavam comigo, e não para as outras do mercado. Sempre acreditei em união.

Acontece que quem ia no meu lugar e no das meninas era ela. O lucro da recepcionista por fazer isso? 30 reais por cliente repassados a ela. Como descobrimos? Um cliente, dos fiéis, disse que havia me chamado por três dias seguidos, e a resposta era sempre a mesma. Ele desconfiou e me telefonou diretamente, do seu celular. Disse que eu passasse pelo Motel para atendê-lo, que não estavam mais querendo me chamar. Achei que ele estava brincando e, quando cheguei, a recepcionista ficou muito desconcertada. Também nesses dias, a Rafaela desconfiou do esquema, pois um dos seus clientes lhe disse que a mesma recepcionista havia tentado negociar preço com ele e dito que conseguiria para ele uma garota mais barata e melhor que a Rafa. Eu achei que ela estivesse “viajando”, e o cliente, mentindo, porque o Motel não seria capaz de fazer isso.

O trato que temos com o proprietário é de nunca darmos comissão a ele, como na maioria dos outros motéis, pois, dessa forma, passaríamos a direcionar todos os nossos clientes para o Luxe & Sex, e ele aumentaria o

seu lucro pela quantidade de quartos usados ao dia. Nem sempre atendíamos no apartamento da Sol, pois há clientes que gostam de motel com ar-condicionado e hidro. O dono aceitou, mas os recepcionistas ficaram bravos, porque não poderiam mais ganhar comissão sobre as garotas de programa que chamassem. Eu sempre pensei que, nos motéis, não deveríamos dar comissões, uma vez que o funcionário tem como objetivo trazer lucro para o estabelecimento pelo seu bom desempenho, proporcionando serviços que gerem receita para a casa, sem exercer atividades "terceirizadas" e lucrar com elas.

Pô, eles têm carteira assinada para isso. Além do mais, não eram eles que traziam o cliente até mim, mas, sim, eu que mandava o cliente até eles, usando o meu 171 ao telefone.

Comecei a ligar os pontos assim que cheguei ao quarto. Meu cliente contou toda a história e disse que haviam feito a maior força, pelo terceiro dia consecutivo, para chamar a tal de Paola. Telefonei na hora para ela. Sua voz começou a tremer, assim que eu perguntei, secamente e de forma direta: "Você, por acaso, dá alguma espécie de comissão à recepção do Motel quando a recepcionista a chama?" Ela se sentiu acuada e, como nem imaginava o que poderia estar se passando, resolveu confessar, pois, pelo tom da minha voz, eu parecia já saber de tudo. Se ela mentisse sobre esse dado, que para mim parecia certo, mais nada do que me contasse seria creditado em seu favor. "Dou, sim, Marise, uma quantia de 30 reais, quando ela me chama. Mas não é comissão, é um agradinho." Comecei a xingá-la. "Sua inútil, por acaso tu nunca percebeu que tá contribuindo para a prostituição da prostituição? Você tá ligada, sim, que essa bosta dessa recepcionista tira os clientes de mim, da Rafaela e da Sol para repassá-los a você por causa desses teus 30 reais. Sua cobra, tu a comprou..." Ela, agora, tinha deixado de ser uma das Madalenas da minha santa vida e passado a ser Judas: uma traidora.

Falei muito. Ela chorava, do outro lado da linha. Tinha sido descoberta. Tive raiva dela. Em dois meses, ela havia juntado dinheiro para comprar um carro. Eu a levara ao Alcione, e estava feliz com seu progresso. Mal sabia

que estava contribuindo com meu trabalho e dinheiro para fazer crescer o bolso dela e diminuir significativamente o meu. Pensava que um dia era da caça, outro do caçador, que a vida é cheia de altos e baixos e que, se agora era a vez da Paola, em breve eu voltaria a ter a minha vez novamente.

Ela também comprou um computador, para se organizar, e marcou uma cirurgia de implante de silicone e lipoaspiração. Como pudemos não ter desconfiado antes? Era muito dinheiro, para quem nem tantos clientes tinha antes.

Eu e as meninas armamos o barraco no Motel. Xinguei a recepcionista de ladra e de tudo o mais que podia. Eu estava verdadeiramente furiosa. Detesto que mexam no meu dinheiro. Fiquei a pensar que contas minhas haviam vencido e que eu não as tinha pagado, logo agora, que a minha despesa havia aumentado. Vai ser difícil, bem difícil me restabelecer agora, mas eu vou conseguir...

O dono do Motel não acreditou na nossa versão. Ou melhor, era melhor ele não acreditar mesmo, porque assumir que a recepcionista nos causara prejuízo, sendo ela responsabilidade dele, implicaria dizer que ele deveria assumir essa responsabilidade também. Preferiu ficar do lado dela.

Resolvemos lançar o assunto nos jornais, e o Jornal da Hora, como adora um barraco, fez questão de colocar uma página inteira com essa matéria. Saiu hoje. A manchete dizia: “MENSALÃO DO SEXO EM BALNEÁRIO!” Contaram tudo, de forma esculachada e engraçada. Em vez de nos chamar de prostitutas, referiram-se a nós como “mariposas” da região, e chamaram o Motel de “fodódromo”. Em vez de dizerem, na reportagem, sexo ou transa, eles diziam “descabelar o palhaço”.

A única coisa de positivo em tudo isso é que foi feita uma mídia enorme em cima da gente. Muitos clientes ligaram, inclusive contando que também já haviam mandado me chamar no Motel, e que a desculpa do telefone desligado era a mesma.

O Jornal da Hora ainda colocou a foto de uma mulher nua para ilustrar a matéria, como se fosse uma de nós. Estamos todas de mudança para o Motel

Eros. O dono vai nos abrigar lá, promete não cobrar um real de nós e também liberar a máquina de cartão de crédito para o nosso uso.

Hoje não foi um dos meus melhores dias. Ouvi o desabafo da minha amiga Heloísa, agora soropositiva. Ela não é e nunca foi garota de programa. É uma ótima pessoa, trabalhadora, esforçada, jovem, linda, mãe exemplar e amiga dedicada. O marido contraiu AIDS de alguma ou de algumas de suas traições e acabou passando o vírus para ela. Que barra! Tudo junto: decepção com ele e tristeza pela doença. Nem sei o que pensar disso, porque ele não teve nem a consideração de trair, mas pelo menos "proteger" a Helô...

As formigas continuam a me incomodar, mas não tenho coragem de atacá-las, por algum motivo. Por que será, uma vez que, agora, já aprendi a me defender e a atacar qualquer coisa que invada o meu espaço?

As ruas estão cheias. Antes, deviam ser de 30 a 40 garotas de programa fazendo ponto na cidade, e mais uns 20 travestis. Agora, eles, juntos, devem chegar a uns 200, nas esquinas e nos becos mais escuros. Andam acontecendo muitas brigas por pontos. Percebo que a prostituição tem relação direta com a crise financeira do país.

Hoje, lembrei-me do Seu Heitor. Será que ele enfartou de vez? Nunca mais apareceu...

Balneário Camboriú, 22 de setembro de 2005.

Muitas coisas ruins têm acontecido ultimamente. Agora, estão ocorrendo os assassinatos. A televisão noticia sobre uma garota de Florianópolis que foi provavelmente assassinada por dois clientes que ela atendia em seu local de trabalho.

Não há segurança. Tenho um pouco de receio do tipo de homem que podemos atender. A Sol mesma já passou por cada uma! No ano passado, quase foi estuprada. O cliente entrou, deu uma chave de braço nela e disse que queria sem camisinha. Ela já tinha recebido as características físicas

dele por uma mensagem telefônica de uma outra garota que ele havia tentado atacar e não tinha conseguido. Começou a gritar, berrou muito e disse que sua amiga estava já chegando em casa. Ele foi obrigado a largá-la e fugir.

Neste ano, a menina de Florianópolis é a quinta que matam na região. Todos os assassinos eram clientes. Duas delas, os homens pegaram, estupraram e depois atearam fogo nos corpos. Eram duas garotas que ficavam à beira da BR-101, e atendiam, em sua maioria, caminhoneiros que passavam por ali. Os corpos foram largados atrás do Clube Imperial, hoje abandonado. Um mendigo as encontrou, depois de dias.

Outro corpo, o de uma garota das ruas, foi achado embaixo do Trevo Mercosul, mas, nesse caso, pegaram o assassino. Ele alegou que, durante o programa, ela teria tentado roubar-lhe 600 reais. Primeiro, eu não acredito nisso; segundo, mesmo um roubo não justifica dar fim a uma vida. Tinham-no descoberto por causa do carro com manchas de sangue, denunciado pelo lavador de carros, e dos tênis. O burro foi à delegacia para prestar depoimento calçando os mesmos tênis do momento do crime e, ainda por cima, disse ao delegado que as manchas de sangue no calçado eram de um porco que ele havia carneado. Porco é ele!

Mas o crime que mais me chocou foi o da garota do Motel Eros. Ela fazia ponto perto do Motel, e era conhecida assim: a garota do Motel Eros. Era miudinha, moreninha, magrinha, uma cara de menina de uns 24 anos, pele bronzeada, mas acho que de tanto ficar ao sol. Era judiada pelo tempo e pelas condições de vida. Morava no bairro pobre da cidade, o Monte Alegre. Eu a via às margens da BR, batalhando algum cliente. Ela esperava por eles, acertava o valor e os levava para o Motel Eros. Acredita-se que ela caiu nas mãos de um maníaco sexual, desses que sentem prazer em transar e matar a vítima durante o ato sexual, e que, quando subiu no veículo, ele não a levou ao Motel.

Ela foi estuprada no local em que a encontraram. Tem muito mato e entradas para carros em lugares próximos à BR. Ela estava grávida, e abriram a barriga dela com uma faca. Devia estar no quarto mês de gestação. Fico assustada com os homens. Acho que eles pensam que garota de

programa não vale nada mesmo. Que não somos gente, ou, então, que somos indignas da vida.

A Wal saiu das ruas. Fiquei feliz. Ela encontrou um cara para tirá-la da vida e agora está bem. Vai ganhar um carro dele em breve. Ela sofria demais: eu a via batendo ponto no inverno e no verão. Geralmente, na parada de ônibus em frente ao Hospital Santa Maria. Ela fazia em torno de quatro programas por tarde e cobrava 50 reais. Já fizemos alguns programas juntas e, quando uma das meninas faltava, eu a chamava. Ela era alucinada por pagar suas contas. Às duas da manhã, ainda estava na batalha. Uma vez, perguntei a ela se não tinha medo: "Ixxxxxxxxe, nega, meu santo é forte, e eu preciso. Não dá para ficar pensando nessas coisas de perigo, senão a gente não faz". A Wal é um mulherão, lembra a Sheila Carvalho. Não ficava em boate, porque, lá, tinha de beber e fumar, e ela não suporta drogas. Tem uns 22 anos e uma filhinha, que ela sustenta e que a mãe ajuda a criar. A família sabe do seu trabalho, mas não contesta. Ela tem de sobreviver de alguma forma.

Ando me tocando de que isto aqui não é vida. De uma hora para outra, tudo ficou perigoso, ou, então, passei a enxergar um perigo de que antes não tinha consciência. Ainda bem que, geralmente, andamos em bando!

Apareceu hoje, sob a minha porta, mais uma multa. Desta vez, era porque a minha filha havia feito barulho após as 22 horas. Ela estava jogando *videogame* com a vizinha aqui em casa, e fizeram muito barulho. Era um tal de "vai, mata, pula, corre". Elas vibravam, na conquista de cada fase. Coisas de criança, totalmente normais. Nem sei quem possa ter reclamado disso. Eu estava em casa, vendo um filme e achando normal; nada que impedisse as pessoas de dormir.

Mas penso que o síndico devia estar vistoriando os corredores, ouviu a gritaria e resolveu se aproveitar da situação. A família da menina que estava aqui em casa levou apenas uma advertência, e eu, uma multa de 1.200 reais.

Eu me choquei, na hora em que vi o envelope, pensando que lá vinha bomba, mas não imaginava que era tanto assim. Na hora, liguei para o dono do meu apartamento, e ele disse: "Já sei sobre o que você vai falar. Ele

acabou de me entregar uma cópia. Agora, acho que você não deve pagar. Chega, está virando abuso de poder. Recorre a um advogado, que agora tu tem que te defender mesmo, porque a próxima que ele mandar vai ser mais violenta, e ele não vai parar".

"Pois diga a ele que, se não retirar a multa, eu vou levá-lo ao Jornal da Hora. Pago matéria de capa e tudo. E tem mais: vou processá-lo por preconceito, e é capaz de ele ter de me pagar uma indenização alta." O dono do meu apartamento vai falar com o síndico e tentar fazê-lo rever a sua posição. Mas eu, desta vez, não pago, mas não pago mesmo! CHEGA!!!

Balneário Camboriú, 5 de novembro de 2005.

O síndico não reviu sua posição quanto à minha multa. No entanto, hoje recebi uma boa notícia do porteiro. Logo que saí à portaria, rumando para Jaraguá do Sul, ele avisou-me que o síndico deixara o prédio e tinha ido morar em uma casa, para ter mais paz.

Que alívio! Ele trabalhará apenas por mais este ano e, depois, aposenta-se de vez. Ele alega querer paz. Eu o estou processando por calúnia, difamação, preconceito e danos morais. Os advogados que estão me defendendo são ótimos. Depois que ele me aplicou aquela multa de 1.200 reais, resolveu proibir a minha filha de entrar na piscina do prédio. Tirou-a lá de dentro num desses dias, causando-lhe constrangimento frente às outras crianças. Alegou que quem deve multa ao condomínio não pode usar a piscina.

Eu desci, e disse a ela que ficasse em casa e não saísse. Fui caminhando até a administração bem devagar, pensando que eu estava sempre perdoando o Seu Bonaparte, que ele era um homem besta, que pensava ser a reencarnação do francês Napoleão, e que, no mínimo, devia acreditar que o nosso edifício ficava na França, onde as leis eram regidas segundo sua autoridade. Mas Napoleão Bonaparte perdeu a cabeça.

Cheguei à recepção e disse: "Tira a multa agora e libera a carteirinha da piscina da minha filha, senão eu te processo. Dessa tu não vai escapar.

Chega, Bonaparte. Você foi longe demais, e nunca ninguém fez nada contigo. Agora, eu vou fazer". Às vezes, tenho medo das minhas palavras, porque, depois que eu digo que farei uma coisa, pode apostar que farei mesmo. Nem que eu leve a pior, mas que eu faço, eu faço!

Ele disse: "Nada disso. Você tem de pagar, agora, 1.230 reais, por causa da incidência de juros".

"Bonaparte, você é quem pediu. Eu vou te processar, sim, vou te ferrar, não vou ter pena de você e vou escolher o advogado mais sanguinário desta cidade. Quero receber por todo o mal que tu causou a mim e à minha filha. Quero receber em dinheiro, e não quero pouco, não."

E fiz mesmo. Tomei informações com uma pessoa do ramo da Jurisprudência, perguntando a ele, se tivesse de escolher um advogado, nesta cidade, para defendê-lo, quem ele escolheria. A resposta foi: "Fulano! Esse é o melhor".

Pois foi o Fulano que eu contratei. Levei tudo o que eu tinha, inclusive o Boletim de Ocorrência que o síndico fizera, alegando que eu era puta e fazia programa na minha casa, junto com a minha filha. Ele teve a infeliz idéia de colocar essa mentira no papel e, além de tudo, assinar. Agora, vai ter que provar!

Vai demorar um pouco, porque a Justiça é lenta, mas minha atitude já começou a dar resultados. O síndico agora não me atormenta mais. Eu devia ter feito isso há muito tempo! Subi e disse à Yumi: "Pode descer, minha filha. Você vai entrar na piscina, sim, a mãe vai até lá e fica contigo". O Bonaparte não se atreveu a fazer nada.

Hoje, depois da boa-nova do porteiro e de muito tempo, voltei à boate Kity House, em Jaraguá do Sul. Não sei o que me deu. Senti uma extrema necessidade de voltar lá. De saber como as meninas estavam. Eu ainda tinha o telefone de muitas delas, mas nenhuma ligação se completava. Alguns aparelhos estavam sempre desligados, outros apareciam como número inexistente. Mas garotas de programa são assim, vivem trocando de telefone. Saem da vida, encontram o cara certo, outras vezes um errado, mudam de número, algumas vezes quebram a cara ainda mais. Então, resolvem voltar,

pegam outro número. Ligam para as boates e dizem: “Ainda tem aí um lugarzinho para mim?” Sempre tem, boate é a casa-da-mãe-joana, é como desodorante Rexona, é a casa da sogra. Você chega a qualquer hora, sempre tem lugar e sempre cabe mais uma.

Elas se casam e descasam, não é o dinheiro que as segura. Se o escolhido for bom, então elas ficam. Se for ruim, elas partem e voltam para o lugar de onde saíram.

Penso que todo homem inteligente deveria se casar com uma garota de programa, ou uma ex-garota de programa. Já vivemos diversos tipos de situação, sabemos de muitas coisas, temos maior tolerância, entendemos de sexo e dificilmente estamos cansadas para isso. Aliás, nunca vi uma garota de programa dizer: “Hoje não vou trabalhar, estou com dor de cabeça!” Nunca!

Peguei a estrada com a Simone. Demoramos duas horas para chegar. No caminho, fomos conversando e comendo uma porção de chocolates. Chegaríamos sem fome lá e, portanto, eu teria a oportunidade de saborear novamente um cachorro-quente de borracha.

No caminho, fomos conversando sobre a vida dela. Ela me contando, e eu, ouvindo. Tinha sido uma vida difícil. Era muito pobre, quando nasceu. Veio do interior do Paraná, da roça. A família morava de favor num pedaço de terra que pertencia a um fazendeiro. Um dia, ele resolveu expulsar a família da fazenda. Eles não tinham para onde ir, e seus pais negaram-se a sair. O fazendeiro mandou incendiar a casa deles. Tudo foi queimado, e as crianças escaparam porque pularam a janela, assim que ouviram os gritos de “Fogo!”

Eles perderam absolutamente tudo. Na hora do incêndio, os pais estavam trabalhando na roça. Dessa forma, eles foram obrigados a se retirar das terras; nada mais os prendia ali. Por compaixão, ou até certo interesse, o fazendeiro de umas terras vizinhas ofereceu um galpão para a família. Ele era produtor de leite e lhes doava um jarro grande por dia. Se a Simone quisesse, podia tirar leite das vacas todos os dias, para o consumo da família.

Ela devia ter uns 14 anos, na época. Tem a pele cor de jambo; é um pouco mulata, eu diria, com uma musculatura reforçada. Era uma menina, naquela época, mas, pela estrutura, já tinha corpo. Toda vez que ela ia retirar o leite para a família, o fazendeiro aparecia e, enquanto ela fazia o trabalho, ele ia passando a mão pelo corpo dela, fazendo carinhos, dizendo que ela era uma menina bonita. O tempo foi passando, e ele intensificou as investidas.

Ela não contava o que estava acontecendo aos pais, por medo de perder o leite e, quem sabe, a moradia. Um dia, o fazendeiro lhe pediu que ela o deixasse fazer um oral nela, mais nada. Não tiraria a sua virgindade, apenas queria fazer um oral. Ela negou-se, e ele tirou do bolso da calça uma nota de 50 reais. Era um dinheiro absurdamente vultoso, para quem não tinha nada. Ela aceitou, e esse foi o seu primeiro programa. Um programa "virginal", talvez se possa dizer, mas houve a troca de sexo por dinheiro, o que caracteriza um programa. Depois do primeiro, tudo fica mais fácil. E, se o primeiro for fácil, então você dificilmente resistirá aos outros.

Depois de um tempo, o fazendeiro começou a diminuir os valores. Dava-lhe 50 reais porque ela era virgem, não experimentada, ainda. Mas, depois que ele já tinha colocado tudo em todos os lugares, ela passou a valer 20 reais e, na seqüência, não valia mais nada. Foi nesse momento que ela decidiu não se dar mais quase de graça. Decidiu não fazer mais nada e passou a usar o que aprendera com os outros homens, mas de uma forma bem leve e esporádica. Mas as notícias se espalham, nas cidades pequenas, e, logo, ela era conhecida como puta. Ela não se sentia assim, mas, aos poucos, estavam fazendo com que ela se sentisse.

Um dia, enquanto tomava banho de rio, um dos moradores do local, que estava passando perto e a viu, resolveu se aproveitar da situação e tentou estuprá-la. Ela não conseguia reagir, e foi nessa hora que o seu pai apareceu. Em vez de ouvi-la e ajudá-la, ele interpretou o que vira de outra forma, como se ela tivesse provocado o morador que passava por ali. O vizinho não tinha culpa, quem tinha era ela. "Marise, a vagabunda era eu! Ninguém acreditava em mulher. Tomei a maior surra, arrumei as minhas coisas e resolvi me mandar de vez. Fui para a estrada, pedi carona até Curitiba e

desci na primeira zona que encontrei, assim que cheguei lá. Eu era menor, mas consegui lugar para ficar, e cliente é que não faltava para mim."

Depois, ela ficou sabendo que Balneário Camboriú era um bom para trabalhar e ficava à beira da praia. Ela tinha vontade de ver o mar, e, assim, veio, num segundo tiro no escuro. Parou em boates, depois resolveu fazer programas de rua e, por fim, foi parar nos anúncios classificados, como eu. Foi assim que nos conhecemos: estávamos no mesmo barco. Ela sabia da minha fama na cidade e dos meus anúncios, e deduziu que eu tivesse um bom número de clientes. Ela me ligava, perguntava como estavam as coisas, como eu fazia, se tinha alguma dica para dar a ela. Eu respondia. Não havia maldade em suas perguntas; muitas vezes, elas eram até ingênuas.

Um dia, a Gabriele me ligou e disse que havia uma menina que estava me imitando ao telefone, tinha o mesmo valor que o meu, falava da mesma maneira mansa, chamava o cliente de bebê e até tinha criado um segundo anúncio. Eu já imaginava que era a Simone, mas não liguei, nem fiquei chateada. Fiquei até lisonjeada, porque, se ela tinha se espelhado em mim, era sinal de que sou um modelo para ela e de que ela gosta da minha maneira de ser. Eu também gosto dela. Assim, fomos indo pela estrada, colocando as novidades em dia. Errei a entrada, tive de voltar uma parte do caminho, e chegar lá pareceu levar uma eternidade. A entrada é muito discreta.

A Simone estava apavorada pelo lugar aonde eu a estava levando. Chegamos à estrada de chão batido, com a poeira, os buracos, as curvas, e, por fim, à casa. Por fora, tinha mudado de cor: agora, era vermelha. Que legal, Kity House combina com vermelho, mesmo! Entrei. O porteiro ainda era o mesmo. Ele se lembrou de mim. "Ainda tenho um cantinho aqui?" Ele respondeu, simpático como sempre: "Vai entrando, a casa é sua". Chegamos tarde, e o movimento estava começando. Tinham construído uma piscina no terreno vazio que havia nos fundos. Pintaram o alojamento também de vermelho.

A Leila ainda é a dona da Boate, o Luiz saiu de lá no mês passado, e o Wilson continua sendo o gerente. Continua educado como sempre. Agora, trouxe a esposa, Alícia, que morava longe, para trabalhar na casa. Ela virou

bartender da Kity House. Tantas cartas de amor, ela tinha recebido dele. Agora, ele não escreve mais, manda recado direto: “Alícia, traz mais uísque, mais gelo, serve o cliente naquela mesa”, etc.

No salão, procurei pelas meninas de antes. Não avistava ninguém. Vi apenas uma delas, bastante querida por mim. Encontrei-a no balcão do bar, sentada, bebendo um uísque e fumando um cigarro. Ainda continua bonita. O uísque ajudou-a a conservar a carne, eu acho. Está mais magra, mas é ainda uma bela mulher. Passaram-se nove anos, e a Márcia ainda está na vida. Agarrada num copo de bebida. Dei-lhe um abraço. Ela não acreditou que era eu. Sentei-me ao seu lado. “Como está tudo?” Ela estava sóbria, devia ser a primeira ou a segunda dose de bebida da noite. “Tudo continua a mesma coisa.” Ela disse isso rindo. Então, fui perguntando sobre cada uma das outras, menina por menina.

A Cíntia tinha se casado e ido morar em Governador Celso Ramos. A Duda tinha ido para o exterior, para trabalhar na Espanha, com mais cinco meninas da região. Ela não deu mais notícias. Nessa hora, ficamos as duas em silêncio.

A Adriana casou-se e foi parar no Mato Grosso do Sul. A Rose estava em Blumenau; tinha resolvido sair da vida. A Alexandra estava desaparecida, mas, uma hora, mandaria notícias: “Se até você apareceu, ela deve aparecer também”, a Márcia disse, rindo.

Perguntei sobre as Biancas. “A Bianca morena ainda está na batalha, trabalhando em outra zona. A Bianca loira se casou e agora tem uma filhinha. Ela está bem com o marido.” Eu fiquei realmente surpresa, porque ela era a que menos se enquadraria, em minha opinião, no padrão social tradicional de se casar com um homem e ter filhos. Pensei que as pessoas nos surpreendem, e que ninguém deve subestimar as capacidades do outro, nem duvidar dos rumos que a vida pode tomar. A Deborazinha tinha estado internada durante um tempo, por causa das drogas, mas, segundo a Márcia, agora havia parado de vez.

Assim, ela foi contando as novidades. Disse que tinham aberto uma outra casa em Jaraguá, mas que a Kity House era eterna. A Simone dançava, ao

nosso lado. Tudo o que o DJ tocava, ela dançava: pagode, *funk*, samba, *rock*. O negócio dela era dançar. A Márcia estava com um vestido tubinho preto. Não era o mesmo de antes, mas um modelo parecido. Esse tinha uma alça que ia até o pescoço, sustentando o peito mais para cima. A Márcia sempre foi peituda, em todos os sentidos. Ela deve estar com uns 33 anos, mas não aparenta ter isso, por causa da estrutura pequena. Fui até o quarto 2, para me trocar. Eu dormiria lá nessa noite. A Simone foi comigo. Ele está exatamente do mesmo jeito, igualzinho. Ela entrou, e a primeira coisa que falou foi: "Por que este quarto tem dois *boxes*?" Abri um deles e mostrei o vaso; ela abriu o outro e viu o chuveiro. "Que doideira."

Pediu que eu mostrasse a casa toda a ela. Houve muito poucas mudanças lá. Apenas o salão principal foi melhorado: as mesas continuam as mesmas, mas abriram nele uma porta larga, que leva a uma sala de sinuca e que, por sua vez, desemboca em uma outra porta, que leva à piscina. O mesmo espelho, o mesmo palco, o mesmo postinho. Os outros quartos ainda estão iguais. Fui ao quarto 5, de onde a menina havia despencado. Continua fúnebre. Não consegui ficar lá muito tempo. Já a Simone disse que aquele era o quarto mais legal e foi até a janela. Eu disse para ela não se aproximar muito, porque poderia ter uma tontura e cair. "É verdade, é muito larga e baixa, esta janela, Marise." Coloquei uma minissaia, e a Simone, um microvestido. Fomos para o salão e resolvemos ficar dançando no palco.

Mas não é mais a mesma coisa. Não tenho mais a mesma animação e o mesmo entusiasmo pelo trabalho em boate. Dancei muito mais para mim do que para os clientes, por uma meia hora. Alguns clientes chegavam. Era cedo ainda para um puteiro, mas o movimento estava começando. Vieram dois clientes e sentaram-se numa mesma próxima ao palco. Duas garotas apareceram rapidinho e sentaram-se com eles. Nem fiz menção de atacar e ir largar meu 171. Antes, eu talvez fosse a primeira a chegar lá. Mas, agora, há algo diferente em mim. Não tenho mais dentro de mim aquela caçadora de clientes. Talvez porque tenha me acostumado com eles me ligando e me caçando. Não sei, alguma coisa aconteceu. Os dois, ali sentados, começaram a passar a mão nas meninas. Não gosto daquilo, porque é uma aposta, um

risco que se corre. Você aposta que o cliente vai fazer o programa. O cliente aposta que vai passar a mão e não vai fazer o programa.

Eu e a Simone nos sentamos a uma mesa, observando a boate e conversando sobre o que víamos. Ela também está acostumada com os anúncios de jornal. Chegou um homem de uns 60 anos, com ares de malandrão: umas bermudas enormes, uma camisa aberta quase até a altura do umbigo, umas correntes penduradas, todo de branco. Parecia um pai-de-santo carioca, bem malandro. Uma menina nova foi até ele. Começaram a conversar, e ele já passou a mão por baixo da saia dela, abraçou-a junto ao corpo, falava com quase a beijá-la. Ela permanecia ali, dando ouvidos a ele, e passava a mão pelo seu peito, por dentro da camisa semi-aberta. Ela estava com uma sainha estilo colegial, parecia neta dele. Se estivessem caminhando pela calçada, jurariam que ele estava levando a netinha na escola. Mas nada, ela é que estava levando o pai-de-santo malandro à escola da vida, na conversa mole, para ver se rolava o programa. Por enquanto, nenhuma dose havia ido parar na mão daquela menina.

Parei de olhá-los e me virei para o bar. A Márcia estava lá, sentada, com o copo na mão. O melhor companheiro dela não é o cigarro, é o copo, mesmo. Ela parecia triste. A vida dela parece triste. Parecia que nove anos estavam resumidos a um copo de bebida na boate e a uma seqüência de noites iguais e de esquecimentos, devidos a tantas bebedeiras. Talvez, para ela, aqueles nove anos tivessem se passado como se tivessem sido apenas um: 10% do tempo sóbria, 90% do tempo bêbada.

Lembrei-me de como ela havia entrado na vida. Tinha sido acusada de ser uma vagabunda, por ter traído o coroa que a ajudava. Tinha sido tratada assim antes de “ser” assim, e pensei que, muitas vezes, as pessoas criam a garota de programa antes de ela mesma se criar. A sociedade a julga dessa forma, bem antes de ela se tornar realmente isso. Com a Márcia foi assim, com a Adriana também, com a Rafaela, a Simone e várias outras que conheci. E essas, que foram julgadas e “transformadas” em garotas de programa, têm uma maior dificuldade de sair desse ciclo, porque existe uma carga psíquica que lhes foi imposta. Como se, interiormente, elas não fossem

as responsáveis pela sua situação. Disseram-lhes, antes: “Você é uma puta!” O preconceito social existe em função de uma imagem que a própria sociedade criou. Quanta ironia.

Torna-se mais fácil sair desse ciclo quando nós mesmas criamos a situação e optamos por entrar nesse barco, como nos casos de necessidade financeira em que a garota não tenha sido, antes, acusada de indecente, por suas atitudes e comportamento social.

Esse é um dos motivos por que me tornei garota de programa: devido à minha situação financeira. Existem outras explicações, mas esse é um dos motivos mais fortes. Interiormente, sentimos que a mudança depende de nós. A sociedade não me julgou assim, eu me fiz assim. Portanto, sinto que a responsabilidade de me desprender é só minha. Não existe uma sobrecarga social quanto ao “ser”. Existe um preconceito, sim, mas pela imagem que a garota mesma criou de si.

Fiquei a refletir, sentada à mesa. A Simone sambava, sacudia, rebolava e pulava, para levantar o vestido e mostrar o corpo. Devia ter se passado mais de uma hora. Um dos amigos da mesa próxima ao palco subiu para os quartos com uma das garotas, e o outro foi embora. Uma delas venceu a aposta, e a outra perdeu. A que perdeu deve ter ganhado cinco reais pela dose de bebida e um monte de passadas de mão pelo seu corpo. A que ganhou deve ter levado um presente entre 80 e cem reais do cliente, e mais algum dano emocional não percebido no momento, mas cumulativo, no decorrer dos anos. Engraçado: quando a garota ganha, ela perde, ao mesmo tempo. Comecei a refletir demais. Quando penso demais, fica perigoso: eu fico paranóica. Eu não quero dormir aqui hoje! Eu não quero mais vir aqui! Eu quero ir embora!

Perguntei à Simone se ela topava voltar para casa. Ela disse que faria o que eu decidisse. Pedi que me esperasse. Fui até o quarto 2, abri a porta, e falei, como se conversasse com um companheiro: “Adeus, vim aqui para me despedir de você”. Eu tinha um vício, na Kity House: o quarto 2. Despedi-me do meu vício como alguém que abandona o passado.

Passei pela Márcia, sentada no bar, agora bêbada. Dei-lhe um beijo e disse: “Continue linda sempre!” Não pedi que ela largasse de vez o seu companheiro, o copo. Essa deve ser uma decisão vinda absolutamente dela. Ninguém larga as drogas por causa de um aviso, mas, sim, porque sente necessidade de largá-las. Ela é que decide quando abandonará o seu passado. Abracei o Wilson. Ele estranhou eu já querer ir embora. Disse-lhe que, um dia, eu explicava. Peguei minhas coisas no depósito e saí do salão com a Simone atrás de mim, caminhando e rebolando conforme o ritmo da música.

Antes de dar uma última olhada geral pelo salão, vi a netinha e o pai-de-santo carioca. Ela ainda não tinha ganhado uma dose, mas devia ser como eu. Tinha começado a investir e, provavelmente, não sairia dali sem dinheiro, nem que fossem 40 reais: ela já tinha apostado alto nele. Quem ganharia? Quem perderia?

Concluí que isso não era vida!

Entramos no carro, e o porteiro me disse para voltar outro dia. Estendi a mão para fora do carro, apertei o seu braço. Não falei nada. Ele poderia interpretar meu gesto de várias formas. Poderia ser um “Sim, qualquer dia eu volto”. Poderia ser um “Venho amanhã”. Poderia ser um “Adeus”.

Pegamos a estrada de chão batido novamente. Quanta poeira! A Simone começou a dormir, devia ser uma hora da manhã. Vim refletindo sobre a vida, a boate, as garotas. Um dia estive ali, naquela situação, daquele jeito, naquele jogo, fazendo apostas nas quais eu era sempre a perdedora. Mesmo conseguir fazer o programa era uma perda. Se não financeira, pelo menos psicológica.

Cheguei às três da manhã em Balneário, e deixei a Simone em casa. Antes, passamos pela Av. dos Estados, cheia de travestis e de garotas de programa. Parece que o mundo está cada vez mais cheio de profissionais do sexo.

Foi uma noite triste para mim. Mesmo tendo chegado em casa, de madrugada, entrei na *internet*: precisava desabafar com alguém. Acessei um *chat* e conversei com um italiano poliglota que está passeando pelo mundo. É bom conhecer diversas culturas. Ele não acha a prostituição errada, mas

não sabe o que pensar sobre os danos psicológicos sofridos pelas garotas. Diz que só quem está na pele da pessoa sabe aquilo por que ela passa. Ele pensa que deveria haver leis que regulamentassem a profissão. Isso diminuiria o número de profissionais e organizaria o nosso trabalho. Como respeitar e dar credibilidade àquilo que está fora da lei?

Balneário Camboriú, 16 de novembro de 2005.

Hoje me perguntaram, simplesmente: "O que faço para levar uma vida menos normal?"

Era um internauta desconhecido, que apareceu no meu MSN com um problema pessoal. Ele havia lido o meu perfil no Orkut e decidido que eu não era uma pessoa muito tradicional, normal. Logo, achou por bem fazer a pergunta a quem ele pensava ser especialista no assunto.

Nesse exato momento, eu estava um pouco chocada, pois acabara de receber um *e-mail* de um outro conhecido virtual, o Denis, dizendo que me considerava anormal, meio desequilibrada. Acho que ele tinha vontade de me chamar de louca, mas resolvera ser mais delicado dessa vez e dizer apenas "meio desequilibrada". Discordávamos, em nossos pontos de vista: eu achava que prostituição era profissão, e ele achava que não.

A acusação dele me abalou interiormente, pois, nesses últimos dias, ando pensando muito sobre o estilo de vida que levo e sobre o fato de as pessoas não me considerarem normal. Cheguei até a me indagar se elas não estariam corretas. Há momentos em que me fragilizo, e aquela acusação tinha vindo na hora mais imprópria.

Bem, agora eu estava ali, em frente ao micro, com alguém que tinha o mesmo problema que o meu. Talvez um pouco inverso, mas o tema era o mesmo: loucura x sanidade, normalidade x anormalidade. Quem sabe se um ensinasse ao outro como agir de forma normal e anormal? Uma espécie de troca de experiências.

Manifestei-me, devolvendo a pergunta: "E eu? Como faço para ter uma vida mais normal?"

O internauta não respondeu. Não sabia me responder, tanto quanto eu não sabia responder a ele.

E fiquei a pensar sobre os conceitos de normal e anormal, louco e são. O que é louco? O que é mente sã? A maioria das pessoas é louca ou é sã? E eu? Sou louca? Sã? Meio-termo entre louca e sã? Como diria o meu “amigo” virtual, meio desequilibrada?

Louco para mim é... Estou já há meia hora pensando. Rabisquei um monte de possíveis conceitos e não defini nada. Pensei em buscar a definição exata no dicionário Aurélio, mas seria loucura me definir pela definição alheia.

E foi nesse exato momento que eu defini a minha definição de louco. Louco é, dois pontos, quem segue as regras sociais. Quem olha no dicionário para ver qual é a definição das coisas. É quem aprende uma lição da vida apenas pelo que lhe ensinaram, sem perguntar se aquilo é possível, se é certo, e o pior, sem tirar suas próprias conclusões. Louco é quem se reprime, esconde suas vontades, não fala o que realmente pensa, não argumenta, não age como acha correto, não veste a roupa que quer e nem come nos horários em que realmente tem vontade. Tudo isso para se enquadrar nos papéis que a sociedade julga normais.

Não, louca eu não sou. Segundo a minha definição, não sou desequilibrada. Segundo minha auto-análise, eu diria que sou: criativa, ousada e incompreendida. E ponto final!

E tem mais: se eu fosse louca, por que é que as amigas e os clientes viriam me perguntar minha opinião e pedir meu conselho? Eles devem ser todos loucos também. Uma vez, ouvi dizer que os loucos abrem os caminhos do mundo, e os que são sábios vão atrás.

E quanto à definição de normal?

Bem, normal é... Depois de um minuto, eu já tinha estabelecido o meu conceito de normal, com esta pergunta:

“Ahhhhhh! Puta que o pariu! Quem é normal neste mundo?...”

Eu sou assim... naturalmente... desequilibrada... Qual o problema?

Prazer em me conhecer... Não gostaram de mim, do que eu digo e do que eu faço?

DANEM-SE! Eu não tenho pretensão nenhuma de agradar a todo mundo, e isso se chama autenticidade.

Balneário Camboriú, 17 de novembro de 2005.

"... eu sempre soube que um dia nos reencontraríamos...
... não trocamos telefone...
... apenas combinamos de um dia nos visitar em nossos castelos..."
... muito triste...

Recebi um telefonema. Era a Rejane, a irmã da Vitória, comunicando que ela havia falecido nesta noite. Do coração.

Mas a Vitória não podia ter falecido. Não podia ser verdade.

Um misto de sentimentos me invadiu, assim que eu recebi a notícia. Era como se, dentro de mim, entrassem meias-verdades, saíssem meias-mentiras, um pouco de sonho, talvez, um prenúncio de pesadelo.

Eu havia sido acordada com aquele telefonema. Não estava mais dormindo, mas é como se eu estivesse sonhando. A Vitória, morta. Isso não combina com a minha vida. Aliás, Vitória combina com vida, e não com morte.

Não sei quanto tempo demorei absorvendo a notícia; acho até que ainda não a absorvi. A Rejane não estava chorando: estava séria e amável, e falava bem baixinho. Esse é o jeito de a Rejane sofrer. Ela estava sempre tão sorridente. Cheia de amarguras, na vida, mas sempre rindo. Mal de família. Melhor, bem de família. A Vitória foi assim pela vida toda, e será, pela morte toda, assim também. Ela viveu rindo de tudo o que a cercava, sem medos, sem desesperos. Nunca a vi desesperada; nunca a vi sem esperança.

Perguntei à Rejane como ela estava se sentindo. "Eu me sinto estranha. Ainda não acredito." Ela me disse que estavam velando o corpo já há umas oito horas, e que o enterro seria ao meio-dia. Não tinham achado o meu telefone, até que a Cíntia se lembrou do anúncio no Jornal.

Eu nem escovei os dentes: só lavei o rosto, peguei a primeira roupa que vi e fui para lá. Um chiclete resolveria o meu problema, naquele momento.

Estacionei o carro e desci. Eu nunca havia ido a um velório. Era estranho: a funerária tinha providenciado uma peça para se velar o corpo. Não chamo aquele lugar bem de velório, mas de "peça". Era conforme o pagamento. Tinham pensado em enterrá-la como indigente, porque ninguém ali tinha condições financeiras para algo mais. Mas decidiram que ela merecia uma despedida melhor. Uma espécie de comemoração pela sua partida, pelo abandono do sofrimento e pela entrada numa outra vida. Ou entrada numa morte em que corpo, alma, mente e sonhos descansam. Juntaram tudo o que tinham. Não eram muitos parentes, mas cada um contribuiu. A filha mais velha da Rejane agora é uma adolescente, tem 18 anos e está no segundo mês de emprego. Com metade do salário do primeiro mês, ajudou a Rejane nas despesas da casa. No segundo mês, ajudou os tios no funeral. Isso é família. Essa eterna troca de piedade, amizade, generosidade e apoio.

Eu não chorei, a Rejane não chorou, ninguém chorou. Ninguém estava feliz, mas ninguém reagiu de outra forma, senão aceitando o fim que todos, um dia, terão.

Uma pausa. Dois pontos:

"A morte é a coisa mais segura e firme que a vida inventou até agora."
Emil Cioran

Entrando na peça, cumprimentei a todos. Eu conhecia a família inteira da Vitória e da Rejane, por causa da Casa das 11 Mulheres. Ali estava acontecendo também o meu reencontro com eles. A vida é tão corrida, que cada um segue por uma estrada, a fim de chegar a algum lugar, e, algumas vezes, essas estradas se cruzam. A minha estava novamente se cruzando com a deles no funeral da Vitória. Eu beijei e abracei a todos, mas não me animava a beijar e abraçar a Vitória pela última vez. Eu nem olhava para o caixão. Só via que ele estava aberto. Mas olhar para ele seria ter a comprovação final de que a Vitória estava realmente morta.

Estranho, também, é que o assunto, ali, não era a Vitória, mas "Como você está?" e "Quanto tempo, não? E a família?" Eu ouvia uns perguntando isso

aos outros e, em certos instantes, mesmo a mim. Não era um funeral, num velório. Era um encontro de família numa peça. Acho que, no dia-a-dia, eles acabavam não se encontrando, e que o velório da Vitória se transformara num bom motivo para o reencontro. Só que sem discussões. As famílias sempre discutem, mas, ali, ninguém faria isso, porque seria falta de respeito.

Penso também que, assim como eu, estava difícil de as pessoas acreditarem no acontecido. Tenho uma imagem da Vitória na minha cabeça: rindo alto, com uma taça de vinho numa das mãos, um cigarro na outra, usando uma peruca enorme, com coque, até a cintura, mechas caindo pelo rosto, e roupa preta colante. Essa é a lembrança que quero ter dela. Eternamente essa. Arrisquei olhar para o caixão, mas não cheguei perto. Da distância em que estava, só via as mãozinhas cruzadas, uma toalhinha de renda branca, cobrindo o rosto, e a tampa do caixão aberta.

"Cadê a Bruna?" Perguntei à Rejane pela filha da Vitória, e ela me disse que ela estava vindo do Rio Grande do Sul e deveria estar chegando perto do meio-dia também. Eu não fumo. Peguei o cigarro da mão da Rejane. Ela também não fuma. Agora, dividíamos um cigarro. Dividimos a Casa das 11 Mulheres e, agora, cada uma dava uma tragada no mesmo cigarro. Ele indo e vindo de mão em mão. Não trocamos mais palavras.

Comecei a me perguntar sobre a Vitória, sobre a vida dela, sobre o que ela havia feito da sua vida. Tentei colocar tudo na balança, e só conseguia pensar que morrer é uma coisa muito louca. Sem condições para raciocinar. Até agora, estou sem condições para raciocinar. Somos muito vulneráveis. Muito fortes e muito vulneráveis. E pensar que batalhamos tanto para nos manter vivos e, quando, vemos, puft! Acabou tudo.

Nascemos. Pense no ato de nascer. Somente nascer já é um sacrifício: ser empurrado para fora da mãe da gente por inúmeras contrações, justamente por um espaço que se tornou mínimo. Depois, temos de aprender a andar. Um eterno cair e levantar. Depois, a falar. Aprender a falar exige muita habilidade. Já tenho toda esta idade, e ainda não consegui aprender a falar outra língua. Como pode um bebê aprender e entender os adultos, se ele nem tem a mesma capacidade de raciocínio que eu? Isso é prova de que a

necessidade ensina os corpos. É o instinto de sobrevivência. Depois, a gente tem de crescer, e crescer também implica sofrer. Temos as alegrias, essas doses de remédio e vitamina que nos mantêm firmes. Mas viver é coisa muito difícil, e nem nos damos conta disso. Estar vivo é maravilhoso, mas, quando vemos, puft! Acabou.

Avisaram que o caixão seria fechado. Decidi que era hora de ir lá e me despedir, ou, então, fazer o que eu tinha feito durante a metade do velório: perguntar como a outra pessoa vai. "Como vai você, Vitória? Que saudade..."

Eu não quero me despedir da Vitória, ninguém ali quer se despedir da Vitória. Então, todo mundo fica perguntando sobre todo mundo e sobre os filhos e a família de todo mundo, porque, na verdade, ninguém ali quer acreditar que a Vitória morreu. Eu mesma não quero acreditar que não fui visitá-la em seu castelo, e que um mordomo muito fino não tinha vindo abrir a porta do palácio real para mim, enquanto ela tomava uma taça de champanhe. Sim, a Vitória não tem de tomar vinho barato de boate de zona. Ela merece tomar champanhe, sentada num trono. Não quero acreditar que ela não venceu e que não realizou seu sonho.

"Não é de morrer que tenho medo. É de não vencer."

Jacqueline Auriel

Fiquei revoltada, resolvi não olhar o caixão, deixei que o fechassem. Quero guardar a imagem da Vitória coma a de uma princesa com os cabelos bem compridos, um coque na parte de cima da cabeça, e as mechas caindo pelo rosto. Com a pele esticadinha de adesivos, e a roupinha firmando o corpo dela e deixando-lhe uma cintura igual à de Sua Alteza.

Perguntei à Rejane com que peruca ela estava. "Com aquela bem comprida, de que ela gostava." Plaft! Fecharam o caixão.

Entrando no Cemitério, fui sentindo uma paz. Era um bom cemitério: Crisântemos da Paz. Bonito nome. Ali, a Vitória descansaria em paz. Os túmulos são todos na terra, como nos filmes de antigamente: lápides e cruzes enterradas no chão. Se não fossem as cruzes, eu diria que aquele parecia o enorme jardim de um castelo.

Fiquei a pensar que talvez a vida dela não tivesse sido em vão; que ela rira muito, bebera muito, trouxera alegria às pessoas, e tristezas a outras, é verdade. Que me dera alegria, fora minha amiga, me ajudara a cuidar da minha filha; que amara muitos homens e que fora muito amada. Fiquei a pensar sobre o dia em que ela fez a loucura de se mandar para a Argentina, para viver um grande amor com um cliente, que, depois, não dera certo, mas que, pelo menos, ela vivera aquele momento intensamente. E que ela dera vida a duas crianças, que agora eram adultos e que também deram vida, cada um deles, a outras crianças. Que ela tinha irmãos que a amavam e que a aceitavam como ela era. Meio Alteza, meio plebéia. A Vitória era assim. Nada para comer, perfume Eternity, da Calvin Klein. Aluguel atrasado, sapatos Menphys nos pés. Telefone cortado, mas recebendo ligações de clientes poderosos de Miami...

A Bruna chegou, cumprimentou os parentes, depois veio até mim e ficou parada ao meu lado. O padre proferia umas palavras. Só assim para eu e a Bruna escutarmos um padre. “Como vai você, Vanessa?” Ela me chamava pelo meu nome. “Bem, e você, Bruna?” Não me pergunte por que, mas eu sempre a chamo pelo seu outro nome. Nós duas estávamos bem, e víamos a Vitória ser enterrada. Mas que diabo! Para mim, ela estava sendo enterrada viva!

Ainda fiquei a imaginar que, na lápide que colocariam sobre o seu túmulo quando pudessem, não deveria estar escrito: “Aqui jaz Tânia *et cetera* e tal...” Tinha de estar escrito: “Descansa agora em paz, Princesa Vitória”. Ou será Rainha?

Colocaram a última pá de terra. “E agora, Bruna, o que você vai fazer?” Silêncio absoluto. “Não sei, Vanessa. E você?” “Eu também não sei...”

Uma infinita pausa. Três pontinhos...

“Só sei que nada sei.”

Sócrates

Balneário Camboriú, 20 de novembro de 2005.

Voltei agora de um surubão. Cinco mulheres e um destino: fazer o cliente gozar! Esse cara, eu já conheço há tempos: ele sempre me contrata, porque sabe que eu conheço a putaria em massa de Balneário. Ele gosta de várias mulheres num mesmo quarto, só para ele. Geralmente, vamos em cinco ou seis meninas. O bom é que, ali, eu sou a ponte que as liga a ele. Não recebo nada a mais por isso, mas ganho por não precisar transar. Ligo para elas e digo: "Venham! Festa no quarto do Motel Renoir". Graças a Deus, o proprietário fez a reforma, e ficou bem legal. Ainda há alguns quartos para terminar, mas os que já estão prontos ficaram ótimos, e tudo funciona. Recomendo o quarto 4 para todos os clientes: ele ficou *show*. Basicamente, atendo os anúncios baratos no Motel Renoir, e os caros, no Motel Eros. O Renoir tem uma coisa excelente: o atendimento pessoal é bom. As recepcionistas são pessoas simples e têm aquela cultura de tentar úteis o máximo possível. O Motel não vende cigarros, mas, se o cliente quiser, as recepcionistas, por conta própria, oferecem um da carteira delas e não cobram nada por isso. Nesses dias, acabou o suco. Eu queria só suco natural; então, disse que deixassem. Não se passaram 20 minutos, e uma delas tocou a campainha. Ela havia ido até um pé de limão, nos fundos do Motel, colhido as frutas na árvore e feito um suco para mim.

Hoje foi muito engraçado, porque estávamos eu, a Sol, a Simone, a Lulys Louca e a Thayná. Eu comi um sanduíche e fiquei vendo televisão. A Sol, ultimamente, não faz nada mesmo. Assim como eu, ela está cansada dos telefonemas e dos clientes.

A Simone, para variar, estava com um fogo tremendo. É que ela é mulata, e os clientes sempre saem do programa com ela pedindo água. Ela está começando na vida, só tem 19 anos e acha um barato transar com todo mundo. Já passei dessa fase, mas a entendo. A Lulys também é ninfomaníaca. Disse que, só hoje, já tinha gozado umas seis vezes. A Thayná ainda demoraria um pouquinho a chegar, e só apareceu quando eu já estava de saída.

A Simone começou a querer enfartar o cliente: fez todas as posições. Fiquei deitada, assistindo a tudo e a nada, ao mesmo tempo. Ele já estava cansado, ela não. Nunca vi tanto fôlego. Eu mesmo já estaria cansada, depois de cinco minutos de sentada. Ando cansada, bem cansada. Não só física, mas mentalmente.

Noto que a Sol também está assim. Deve ser o tempo na prostituição. A Simone está começando. Quando a Lulys chegou, resolveu que queria transar com alguma de nós ali. Ela gosta dos dois lados. Embora não se case nunca com uma mulher, ela se sente excitada sexualmente se tiver homem e mulher juntos na mesma cama. Nem fiz menção de alguma coisa, e sabia que a Sol era da mesma opinião. A Simone prontamente respondeu que era ela mesma. Já disse isso se levantando da cama e começando a sambar de alegria. Ela é muito engraçada: tem samba no pé, é o tipo da mulata quente.

Deitou-se na cama, de pernas abertas, esperando a Lulys. Olhei para a Sol, e começamos a rir. Era muito engraçado: as duas amigas fogosas. Ninguém na nossa turma se agarrava, e as duas, ali, estavam pegando fogo. O cliente adorou, e eu e a Sol também, porque, agora, não precisaríamos fazer mais nada.

Depois, a Lulys Louca resolveu transar sozinha com o cliente. Eu, ao lado deles, conversava com ela. Ele estava em silêncio, e ela, no vaivém, em cima dele. “Lu, recita uma das tuas poesias aí para nós”.

Ela é poetisa. Acho que tem o maior dom. Escreve bem e diz que tem vontade de lançar um livro de poemas. Já escreveu mais de 40. Geralmente, ela fala sobre mulheres, flores, corpos de mulheres, homens, erotismo, o amor, serpentes, cabelos de mulheres, e coisas bem românticas também. Ela quer registrar os poemas e tentar editá-los.

Disse a ela que, então, torceríamos uma pela outra, porque eu também queria lançar o meu livro. Ela começou a recitar um de seus textos, enquanto o cliente gemia embaixo dela:

Doce Veneno

“Ah, se eu pudesse te cobrir com a imensidão do meu doce amor,

Banhar-te com meus beijos, sentir o gosto do teu suave doce veneno,

Como um bálsamo que me recobre e me envenena por inteiro
Sugando meu corpo e devorando minha alma até o amanhecer...”

Eu estava achando lindo, ela recitando. Era tanta sensibilidade e romantismo, que me parecia uma transa poética. Fiquei ainda deitada, e ela trocou de poema. O cliente estava quase gozando, e ela nem percebia: equilibrava-se nas pernas e usava as mãos para expressar o novo verso. Disse que, agora, recitaria um poema que fizera para um dos seus namorados:

“Usa meu corpo como tua morada, beija, seduz e toca.
Envolve-te em minhas curvas e desnuda meu corpo
Desvenda meus segredos mais secretos e liberta-me
Num simples olhar de almas que em silêncio se procuram
Geme, me enlouquece e invade-me, entre sem pedir licença.”

O cliente gozando, e ela recitando. Que cena imperdível!

A Simone tinha acabado de sair de um programa, quando chegou ao quarto e disse que, naquele dia, só conseguia pensar em sexo. “Novidade!” Elas haviam transado, e eu, ficado por ali, a pensar na vida. A Sol comia um sanduíche, e a Simone, agora, mexia na minha Maleta Félix, para ver o que eu havia comprado de novo. Novas algemas cor-de-rosa, novo chicote, correntes, e quatro vibradores, sendo um Osaki. Ela me perguntou: “Quem usa este vibrador com duas entradas?” Respondi que era para as mulheres. Ela mostrou interesse, e acho que vai comprar um para uso próprio. O meu é todo vermelho; essa cor ainda continua sendo a minha preferida.

Ando levando a Maleta Félix para tudo quanto é lado, mas não chego nem a abri-la nos quartos, para o cliente não ter vontade de experimentar meus vibradores. Dou uma disfarçadinha, abro o zíper e coloco a minha mão lá dentro para pegar o lubrificante, sem que ele veja o que tem no interior. Assim, ele não fica na curiosidade e, muito menos, na vontade. Houve uma época em que eu comia a grande maioria dos meus contratantes. Mas não tenho mais vontade disso agora, acho que sou romântica demais para ficar vendo um homem de quatro para mim.

Gosto das minhas amigas, e conviver com pessoas tão autênticas é uma bênção, mas não quero mais estar por aqui. Poderíamos estar rindo, assistindo a um filme, sentadas em um bar, jantando juntas. Tudo o que fazíamos juntas se transformava em piada e diversão. Todo mundo, ali, respeitava as diferenças umas das outras, desde que tivesse, dentro de si, as palavras "amizade" e "cumplicidade" na profissão. Tínhamos a capacidade de rir de nós mesmas e de achar a outra engraçada. Cada uma tinha um apelido básico. Chamavam-me chamam de "Pirrânha da Banhêrra", com sotaque francês, porque, depois que eu entrava em uma, os clientes não conseguiam me tirar de lá. A Simone era a "Mulata Fogosa", sempre, mas sempre a mil por hora, tentando encontrar alguém para transar com ela. Ela era fissurada por fazerem oral nela, e, às vezes, estávamos conversando sobre assuntos aleatórios, e ela dizia: "Preciso de alguém para chupar a minha boceta". Era desbocada, escrachada, mas uma pessoa incrível. A Lu era a Lulys Louca. De todas, era a mais louca: não tinha medo de nada, enfrentava todos, dizia e fazia cada uma com o cliente! Tinha chegado do Rio de Janeiro há poucos dias gravado o seu segundo filme pornográfico. Agora, o seu anúncio dizia: "Brenda, atriz de filme pornô!" Ela era a única, no Jornal, que colocava o rosto no anúncio, ainda por cima bem nítido.

Estava há quase dez anos na profissão, mas também pensava em parar. A Sol, a gente chamava de Pombajira, por causa do seu passado e da devoção à macumba. Agora, ela tem dois namorados e os clientes, mas, antes, eram cinco namorados, sem nenhum saber do outro. Haja ginga para administrar as relações. Mas ela gostava da vida no limite do perigo e da emoção.

A Rafaela anda distante de nós. Ela resolveu subir consideravelmente o preço do seu programa: 250 reais. Diz que nós estamos virando "garotas pé-de-chinelo", mas ela mesma já trabalhou do jeito que a gente trabalha. E, mesmo ela cobrando esse valor, não tira a metade do que ganhamos. Ganhamos na quantidade. Não entendo o que aconteceu com ela. As meninas também não. Ela conseguiu comprar o carro que tanto queria, mas foi porque trabalhou segundo a nossa receita, cobrando 80, 100, 120, 150 reais: o que aparecesse pela frente.

Aliás, o que muito lhe rendeu foi um anúncio que inventamos e que durou dois meses. O título era “AS MENINAS SUPERPODEROSAS: Loira, Ruiva e Morena”. Colocávamos os nomes Florzinha, Docinho e Lindinha no corpo de cada uma de nós, conforme a cor do cabelo. A foto do anúncio era muito legal. Ela e a Sol de costas, e eu de frente, no meio, sem que aparecesse o rosto. Meus peitos vendem mais do que o que tenho às costas. Com elas, é o contrário: cada uma faz o seu *marketing* conforme o que de melhor tem a oferecer.

Juntas num mesmo quarto, para um único homem, cobrávamos 270 reais. Eram 90 reais para cada uma. Que homem, neste Balneário Camboriú, perderia a oportunidade de sair, ao mesmo tempo, com três meninas com essas características? O *marketing* era bom, e até colocamos o símbolo das Meninas Superpoderosas no canto do anúncio. O melhor de tudo é que o programa praticamente não dava trabalho. Eu e a Sol dividíamos o cliente, e a Rafa desfilava e contava das maravilhas da Europa.

Ninguém foi contra ela subir o seu preço, muito pelo contrário. Se consegue cobrar esse valor, tem mais é que fazê-lo, mas ficamos chateadas por ela passar a nos criticar e a se dizer diferente. Nós nos sentimos humilhadas! E ela era uma de nós. Mas tudo bem: um dia, ela cai do pedestal e acorda...

Voltei para o quarto. Não quero mais estar aqui, não desta maneira. Combinamos de ir jantar, amanhã, todas juntas. Influenciadas por mim, vamos sempre ao mesmo lugar: discreto, ótimo, e com garçons que adoravam a gente, montavam o prato segundo a mania de cada uma. No Olho D’Água, nós chegávamos, e a casa podia estar fechando, que eles abriam novamente. Íamos lá nos dias de maior estresse, para jogar conversa fora e nos divertir um pouco, como amigas. É claro que o assunto é sempre o mesmo: programas e clientes. Não se consegue fugir disso, porque essa é a nossa vida. Do que mais falaríamos?

Nunca de fofocas ou comentários sobre o estilo de vida alheio. A maioria das mulheres se reúne para criticar as outras mulheres. A gente estava sempre sentando o pau nos clientes, ou então incentivando uma à outra:

“Simone, você precisa abrir uma conta no banco. Não deixa o dinheiro em casa, vão te roubar”; “Lulys, não cometa essa loucura de vender teu apartamento, porque aqui valoriza mais”; “Sol, volta a estudar, criatura! Não dá para fazer programa a vida inteira”; “Marise, você precisa de um namorado, não dá para ficar só com os clientes, você vai endurecer.” Elas vivem me dizendo isso. É verdade, eu preciso mesmo de um namorado, mas não quero que seja deste meio, e nem quero continuar assim depois que o encontrar. Mas, como encontrar um namorado fora deste meio, se eu só vivo nele?

Internet, eu preciso voltar para a *internet*. Lá, eu me refugio no virtual, tentando levar uma vida mais “normal”. Converso sobre assuntos que não são programas, entro no Orkut, vejo, no Par Perfeito, o perfil dos que estão à procura de namoradas, leio algumas notícias sobre o mundo. Eu nunca assisto à televisão, com exceção dos filmes que eu alugo: sempre comédias, para eu e a minha filha nos divertirmos.

Vou construir um novo perfil meu no *site* de namoros Par Perfeito. Vou procurar um namorado. Não posso desistir fácil...

“ (...) sonhando (...)

– Eu gosto dos contos de antigamente.

– Acorda, Cinderela! Hoje em dia, não existem mais príncipes em cavalos, que mandam cartas escritas. Agora, eles vêm de carro e enviam e-mail.*”*

CAPÍTULO IX

UMA MENSAGEM DE ADAMS...

"*Exagerado*
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado"
Cazuza

Balneário Camboriú, 1º de dezembro de 2005.

Já há alguns dias, eu abria o meu correio eletrônico e via mensagens de um tal de Adams, dos *sites* de encontros e namoros. Numa delas, ele dizia: "Oi, Vanessa. Sou o Adams, que está em seu MSN. Gostaria de te conhecer". Realmente, fazia uns dois meses que eu o tinha adicionado à minha lista de contatos no MSN. Via-o entrar *on-line* quase todos os dias, mas nunca conversávamos. Eu já devia tê-lo adicionado em outra época, mas, sei lá por que, nunca havia dado bola às suas investidas. Vi que a primeira vez em que ele tentara entrar em contato comigo tinha sido em 8 de outubro de 2005 – há um ícone que guarda essas informações dos nossos pretendentes. Na *internet*, uso o meu nome real e, portanto, eles e meus amigos me chamam de Vanessa.

Faz um ano e meio que conheci o Zorro e, durante esse tempo todo, não pensei em encontrar mais ninguém. As minhas amigas entravam nos *sites* de namoro usando o meu nome, aplicando pegadinhas em seus namorados virtuais e, várias vezes, respondendo aos pretendentes no meu lugar. Era difícil alguém resistir àquela foto tão sensual da doce e provocante menina de olhos verdes. Ela nem era tão parecida assim comigo, da maneira como sou na realidade, mas era perfeita, e a imagem insinuava doçura e sensualidade: o sonho de consumo de qualquer homem. Elas mesmas já marcaram encontros para mim, aos quais eu nunca fui. Porque mais nada me interessava.

O tempo foi passando e passando. Ele é ótimo para curar e aliviar as dores. Resolvi que deveria tentar mais uma vez, pelo menos mais uma vez. Era muito vazio no coração e na alma. E, incentivada pelo eterno conselho das amigas, resolvi tentar de novo.

Li novamente o perfil que esse Adams dizia ter. Ele havia escrito, na sua página: "Sou o par perfeito para a princesa que busca um sapo, ou para a perereca que busca um príncipe. Princesa ou perereca, não importa. Basta um beijo para resolver esse impasse. PS: Moro em Curitiba!"

Achei criativa, a maneira de ele escrever, e histórias de príncipes e princesas sempre me atraíram. Encontrar um sapo que virasse príncipe fazia parte da minha fantasia de mulher, também. Sempre achei que um homem devia me achar e me tratar como uma princesa, e não como uma puta.

Não havia foto, mas isso pouco me importava. Não dou bola para a estética masculina. Fui direto à parte que dizia "salário". Essa, para mim, sempre foi uma informação bem importante, e, confissões e revelações sejam feitas, muitas foram as vezes em que a primeira coisa que fui ler, ao abrir uma descrição de pretendente, era sua base salarial.

Bem, nesse requisito, ele estava aprovadíssimo: ganhava acima de 30 mil reais. Então, concluí que eu havia marcado touca de não ter falado com ele anteriormente.

Já que eu tinha lido o início e o meio do seu perfil, resolvi descer mais um pouquinho e ver como era a descrição da pessoa que ele buscava. Ele a

descreveu desta forma: “Uma mulher madura, aberta, que curta a vida, que saiba se entregar e que seja absolutamente linda... POR DENTRO!”

Ali, aquele “linda por dentro” me matou. Sou o tipo de mulher que dá valor para a questão da estabilidade financeira do homem, mas isso realmente não é tudo para mim. Tanto é que eu não conseguiria ficar casada com um homem, se não fosse por amor. Tem que ter dinheiro, sim, mas eu também tenho de amar a pessoa e sentir que os sentimentos são recíprocos. E, para eu amar, tenho de, primeiramente, admirar a pessoa, porque eu não consigo amar aquilo que eu não admiro.

E aquele cara estava procurando alguém com interior muito melhor do que o exterior. Ele tinha de ser diferente dos outros pretendentes, porque a grande maioria deles colocava, na descrição da pessoa que procurava, que gostaria que ela fosse uma mulher em forma e bela. Esses podiam até ter também um salário acima de 30 mil reais, mas eu nunca lhes respondia. A *internet*, para mim, não é caça-clientes, é caça-príncipes e, agora, talvez viesse a ser também caça-sapos.

Achei que o tal de Adams tinha boas chances de ocupar a vaga aberta no meu coração. Nos últimos dias, a ferida deixada pelo Zorro estava cicatrizando. Já tinha doído muito, mas, agora, nem tanto. Eu até tinha ficado mais resistente. Nesse dia, torci para que o Adams entrasse *on-line* e, então, pudéssemos conversar.

Dia desses, cheguei em casa, e havia uma mensagem dele na minha tela. Dizia: “Ôôô, mulher mais difícil...” Ele já tinha tentado entrar em contato comigo outras vezes, mas eu nunca respondia. Tinha muitos contatos no MSN, mas falava só com as amigas, e com um e outro, bem de vez em quando. Meu tempo também é bastante dedicado ao meu diário.

Eu começava a bater papo com os pretendentes, e tudo o que eles queriam era uma foto, para saber se eu era bonita, ou, então, que eu ligasse a *webcam*, para verem o meu corpo, pedindo que eu me levantasse e desse uma voltinha. Isso me aborrecia, e o pretendente era descartado na hora. Mas eu nem sabia de quem era aquela mensagem, porque não prestava atenção no tal Adams *on-line*. Será que ele entraria hoje?

Mandei uma mensagem a ele, através do *site* de namoros, dizendo-lhe que me encontraria mais facilmente em casa na parte da noite, por volta das 21h. Ele mandou resposta, dizendo que tentaria estar na *internet* nesse horário.

E esteve mesmo. Praticamente às 21h em ponto, ele entrou. Meu sensor avisou-me: "ADAMS *ON-LINE*". Eu mesma já fui dizendo "Oi…", antes que sumisse. Ele conversa pouco no MSN; acho que é do tipo sintético, nas palavras e nos *e-mails*. Disse-me que precisava ir. Pedi-lhe seu endereço no Orkut, porque eu queria tentar encontrar mais informações sobre aquele homem virtual que me parecia, agora, tão atraente.

Ele me enviou um convite, e eu fui à sua página, para ver as fotos que ele tinha, saber mais sobre o que os amigos pensam dele e observar que tipo de recados recebe. Ele se foi, e eu comecei a fazer as minhas investigações femininas, tão próprias de quem já está escaldada e procura, antes de qualquer coisa, averiguar melhor o terreno, para não pisar em falso. A foto de entrada me agradava. Havia mais umas oito fotos. Abri-as, e gostei dele. Adoro aquele tom de pele bem bronzeado, de quem toma sol e vira um tição no verão. O cabelo era loiro, e os olhos, claros. Por enquanto, ele era um príncipe saído de um conto de fadas, mesmo sem precisar passar pelo estágio de sapo. Havia também fotos dos seus três filhos, e achei que ele era um paizão. Nesse quesito, também estava aprovadíssimo: as notas que eu estava dando a ele eram apenas 10, 10 e 10. Nos depoimentos, as pessoas diziam ter orgulho de tê-lo conhecido; portanto, deduzi que não devia ser má pessoa.

Fui até as comunidades em que ele havia se cadastrado para trocar idéias e achei a grande maioria sem fundamento, porque eram sobre pessoas que eu não conhecia. Fui pesquisando, até encontrar uma comunidade que tinha um tema bastante peculiar: "MINHA MÃE É UMA PUTA!" Levei um choque: será que a mãe dele era uma senhora de programa? Porque, se a Vitória trabalhava até o ano passado, outras ainda deveriam trabalhar também. Meu Deus! A mãe do cara era puta! Então, ele ia me entender! Abri o *site*, um pouco afoita, para ver do que se tratava. Era um pouco vago: falava sobre errar e continuar errando, mesmo após aperceber-se do erro.

É, bastante vago, mas os tópicos que encontrei lá, depois, deixavam claro que ele estava escrevendo um livro cujo título era esse, sem definir do que se tratava. Eu deduzi que era sobre a prostituição e me senti à vontade em deixar-lhe uma mensagem, dizendo que eu também estava escrevendo o diário de uma garota de programa. Que legal, ele era escritor, como eu!!! Fiquei tão feliz!

Preferi também que as coisas ficassem às claras, para que ele não se sentisse enganado. Nunca mais quero passar pela situação de sofrer por preconceito. Eu não deixaria minha profissão totalmente clara, mas, pelo menos, aventaria uma hipótese. Nada mais justo do que a outra parte saber, ou, no mínimo, imaginar com quem está tratando.

Até hoje, não tenho certeza dos motivos que levaram o Zorro a abandonar nosso relacionamento, e minha primeira e principal hipótese sempre foi a de preconceito. Então, era melhor que a pessoa já soubesse, pelo menos em parte, em que estaria pisando.

Além do mais, achei que ele tinha tudo a ver comigo e me senti calma, bastante tranqüila, por achar que não teria problemas de preconceito com ele. Tive uma sensação de certeza, dentro de mim, de que ele seria importante na minha vida, e não mais qualquer um. Parecia ter tudo a ver comigo. Ele, um sapo, e eu, uma princesa; ou eu, uma perereca, e ele, um príncipe. E tudo se transformaria, após nos beijarmos.

Deixei essa mensagem, e não demorou muito para que eu recebesse outra, de novo bem sintética, dizendo: "*Ok*, Vanessa, vamos jantar no domingo? Estarei em Florianópolis e gostaria de saber mais sobre o seu livro. Bjs."

Eitxxxxxxxxa, "homem-síntese"! Mais um que não perde muito tempo em blablablá. Fiquei muito feliz!

No domingo, dito e feito: fui a Florianópolis para encontrá-lo. Nesse mesmo dia, seria a formatura da minha turma de faculdade. Eu havia passado, já me considerava uma enfermeira formada, mas não faria a colação de grau com eles, porque, se meus pais viessem a Balneário Camboriú, descobririam toda a minha vida: o síndico adoraria dar uma palavrinha com eles. Escrevi o "Discurso aos Pais", que foi apresentado por

uma colega durante a cerimônia, e o escrevi como se estivesse dizendo aos meus pais tudo o que gostaria de dizer, se, no dia, eles lá estivessem. Também achei melhor não assistir ao evento, pois eu detesto despedidas e ficaria sentida por saber que nunca mais ia ver muitos deles. Minha colega Evilei ia trabalhar no Pará, do outro lado do País, e eu sentiria sua falta.

O Adams foi um conforto: de certa forma, eu comemoraria com ele. Estava feliz pelo jantar, porque, para mim, pela segunda vez, eu estaria vivendo a representação da vida real, ou seja, teria um encontro para tentar conhecer alguém e, se nos gostássemos, quem sabe ele resultasse num relacionamento? Por que não? Nos últimos tempos, eu tenho vivido em função de ganhar dinheiro, pagar as contas, tentar me recuperar do golpe da Paola, fazer mais programas, ganhar mais dinheiro. Só dinheiro. Fui para o lugar combinado muito feliz, e ainda gravei, para dar a ele, um CD com minhas músicas preferidas.

Assim que o Adams abriu a porta do hotel onde estava hospedado, eu gostei dele. Era bem comunicativo, pareceu-me um docinho de pessoa e tem as características físicas de que eu gosto num homem. É loiro, mas a pele é morena. Ficamos por pouco tempo no quarto, só o suficiente para algumas formalidades. Passei a chamá-lo de Ad...

Descemos, para jantar. Não encontramos o restaurante que a recepção do hotel tinha sugerido e acabamos por encontrar um outro. Bem legal: era uma cantina italiana. Conversa vai e conversa vem, ele queria entrar no assunto do meu livro. Por algum motivo, não me senti à vontade para conversar sobre isso; talvez porque tenha percebido que era uma maneira indireta de ele fazer que eu abrisse o jogo e falasse sobre o livro, sobre o que pensava sobre programas e, quem sabe, sobre a minha possível profissão.

Sou avessa a manipulações, e meu sexto sentido dizia: “Não conte nada a ele. Não conte nada a ele!” Teríamos conversado sobre isso, se ele tivesse dito que já sabia do meu trabalho e que não se importava. Mas os caminhos que tomou e as voltas que deu fizeram com que eu fechasse mais ainda o meu cerco. Realmente, não sou o tipo de pessoa que permite intimidades com estranhos. Nem minhas amigas sabem tudo sobre a minha vida. Para mim,

casamento é uma coisa, relacionamento é outra, e intimidade é algo ainda mais forte e difícil. Sendo bem sincera, eu nunca tive intimidade com ninguém. Tive vários homens, um casamento, alguns relacionamentos, e nenhuma intimidade.

Eu não sei por que, mas tenho a impressão de que conseguirei intimidade com uma só pessoa, com um homem apenas, e de que esse será o homem certo. Por mais que eu aparente ser uma pessoa aberta, converse sobre mil coisas, ria de tudo de que seja possível rir e pareça despachada, eu não sou, não. Sobre minha vida particular e meus problemas, eu não converso. Deixei, inclusive, de relatar algumas coisas para a minha psicoterapeuta, a Elisa: com ela, preferi não falar sobre minha família, nem sobre meus problemas de mais de um ano antes de iniciarmos a terapia.

Também tenho dificuldade em pedir ajuda. Se estiver com um problema, não falo sobre ele. Minhas questões de infância nunca foram comentadas com ninguém, e a única da família com quem já falei um pouquinho sobre isso foi minha irmã. Mesmo ela não tem muita noção do que acontece comigo, no meu interior, quando me volto para a minha vida em família. Essa minha dificuldade em falar talvez esteja relacionada a não querer levar preocupações às pessoas de que gosto. Não quero que percam seu tempo preocupando-se comigo. Cresci com os meus pais dizendo que eu sempre causava preocupações, porque eu não era normal e fazia as coisas de maneira diferente. Então, passei a resolver tudo sozinha. Se tivesse um problema, me virava com ele, não abria a boca para reclamar.

Ter intimidade é sentir-se integrada à outra pessoa, estabelecendo com ela uma conexão, quase absoluta, de compreensão e de respeito. Acho que já me machuquei tanto, que a barreira que me separa do outro está cada vez maior e mais reforçada. É minha proteção para impedir que a outra pessoa me manipule, domine, interfira nas minhas decisões, imponha-se sobre as minhas preferências, me use, me engane, me iluda e me cause danos. Eu tenho um defeito: sou permissiva.

Se eu abrir a barreira, e a outra pessoa entrar na minha vida, ela tem tudo de mim. O problema é que eu corro o risco de me abrir para quem não tem

ética, como quase sempre aconteceu, e, por diversas, mas diversas vezes, eu já me machuquei. Então, prefiro não abandonar a guarda. Meu instinto de sobrevivência é bem forte, e eu aprendi, aos poucos, a me cuidar.

Bem, o Adams tentou, durante todo o jantar, entrar em algo da minha intimidade, mas ainda não estou segura em relação a ele e falei muito pouco sobre mim. Logo, comecei a prestar atenção nele e a direcionar a conversa para a sua vida. Eu não demoro muito para decidir se gosto ou não de alguma coisa, e tive afeição quase imediata por ele. Jantamos e conversamos sobre o necessário, sobre aquilo que se conversa quando as pessoas se conhecem: de onde vêm, o que gostam de fazer, que tipo de música apreciam, essas coisas.

Ele começou a falar sobre ele, e disse tudo o que uma mulher pode sonhar ouvir de um homem. Disse que agora íamos ficar juntos, que ele tinha a impressão de que eu seria uma das mulheres mais importantes da vida dele, senão a mais importante. Disse que viria morar em Florianópolis, e pediu que eu o ajudasse a comprar uma casa na Lagoa da Conceição. Afirmou que seríamos muito felizes, e mais um monte de coisas. Uma hora, parei de comer, enquanto ouvia todas aquelas declarações, e lhe disse: “Espero que tudo isso não seja fogo de palha”. Aquela “bandeja de presentes verbais” estava me incomodando. Acho que conviver com todos os homens com quem convivi e ouvir tudo o que eles são capazes de dizer para enganar uma mulher faz de mim uma pessoa difícil de acreditar, inesperadamente, em sonhos e em vida feliz. Acho que tudo é um pouco sacrificado, e que eu não ganharia um príncipe encantado tão facilmente assim, embora eu ache que mereça.

A comida do lugar era italiana, mas uma comida italiana diferente das que eu conheço: pizza, macarrão e lasanha. Preferi comer primeiro salada, adoro salada. Fomos, nós dois, cada um com seu pratinho, ao bufê de saladas, e alguma coisa de estranho tinha ali. Eu não via nenhuma cenourinha, nenhum chuchuzinho. Cadê as batatas? Nada de alface; não tinha rúcula, nem agrião. Mas tinha tomate para todos os lados, e olha que eram uns 20 tipos de salada. Quanta criatividade em coisas estranhas! Uma das poucas coisas que

reconheci naquela mesa foi cereja em calda e ovos de codorna. Fui direto às cerejas: coloquei umas 15 no meu prato. Eu adoro cerejas com a comida. Acho que o Ad estranhou, mas ele é reservado e educado o suficiente para não comentar.

Também peguei um pedacinho do que, para mim, parecia melão com presunto. Nós nos sentamos, coloquei aquele melão com presunto na boca e, que coisa mais horrível, parecia presunto podre! Então, entendi que era uma fatia fina de carne crua... Ai, que nojo!

O jantar foi tranqüilo, e ele até já tinha me beijado. Esse, sim, tem atitude: já no elevador, quando descíamos para o jantar, ele tinha vindo até a minha boca para roubar um beijo. Eu não estou mais acostumada a beijar; logo, me senti invadida. Beijo é uma coisa que eu não permito que meus clientes façam. Pode penetrar, pois se usa camisinha e tudo bem, é como se existisse uma barreira entre nós; mas beijo significa intimidade. Invasão de privacidade! Esse homem estava prestes a invadir a minha privacidade!!!

Mesmo assim, eu deixei que me beijasse. Achei estranho. Era bom, mas eu não estava mais acostumada. Fazia mais de um ano que eu não beijava de verdade alguém, ou, então, que alguém me beijava. O Zorro havia sido o último. Eu me permiti. O restaurante era pertinho, voltamos a pé.

Na entrada do hotel, havia umas quatro garotas de programa. Eu me reconheci entre elas. Na certa, tinham vindo atender os hóspedes. Há alguma coisa de diferente que nos faz perceber quando a garota é de programa. As roupas eram semelhantes às das garotas convencionais, mas elas eram de programa, sim. Deve ser a linguagem corporal. Quem está no *métier* sabe como são as expressões do corpo de quem trabalha nisso: tão singelas, tão singulares, às vezes, mas bem perceptíveis, para quem conhece. Sim, acho que é a linguagem corporal, mesmo.

Um pouco atrás, apareceu um dos clientes. Ele era argentino: lembro-me de que, ao passar por uma das garotas, esbarrei no seu braço, pedi desculpas e o ouvi *hablar* em castelhano. Aquilo me feriu os ouvidos. Os argentinos, os clientes do oeste catarinense e os do Mato Grosso são os piores. Lembro-

me de ter pensado: “Deus te ajude, eu sei bem o que te espera agora, lindinha”.

Subimos e, assim que entramos, o Adams veio me abraçar, me beijou e já foi tirando a minha blusa. Sem nenhuma cerimônia. Eu tinha gostado dele e não faço o estilo garotinha hipócrita, querendo transar e fazendo de conta que não. Que situação! Só falei: “Vamos por partes”. Ele respondeu: “Vamos por partes, sim: primeiro a parte de cima e, depois, a de baixo”. Eu tive de rir e, então, me entreguei... Mas me entreguei de leve, bem de leve... Eu gostei dele.

“(...) sonhando (...)

– Príncipe ou sapo?

– Hum, sei lá... Vamos tirar cara ou coroa. Você tem uma moeda de ouro aí?”

Balneário Camboriú, 5 de dezembro de 2005.

Decepcionada! Essa é a palavra que mais cabe dentro de mim agora. Decepcionada. Tenho essa sensação e acho que, desta vez, não me recupero.

Como podem os homens se aproveitar dos sentimentos das mulheres? Pensei que o Adams fosse diferente. Mas não é, ele é igual aos piores, mesmo. Muito parecido com o Fausto.

Ele tem entrado raramente no MSN e, das poucas vezes em que entra, declara-se. Diz que tem muitas saudades, que está apaixonado, que não vê a hora de dormirmos juntinhos. Aos poucos, eu estava me apaixonando também. Ele, como o Fausto, sabe que, se plantar ilusões no coração de uma mulher, ela ficará à sua mercê. Acho essa a pior parte.

Como já estou bastante receosa quanto aos homens, resolvi saber como é o caráter do Adams. Baseada nas recordações do Zorro e ainda tendo o endereço de *e-mail* da Letícia, montei outro perfil no *site* de procura de namorados e descrevi-me como uma pessoa alegre, sem cobranças, que

adora cinema e estar com os amigos. Coloquei como minha a foto do corpo de uma mulher muito linda que foi garota-propaganda da Campari há anos e uma, de rosto, de uma adolescente da Alemanha que eu encontrei no Orkut. Se ele fosse um caçador, e eu, apenas uma caça, ele morderia aquela isca. Torci para estar errada.

Depois de três dias, o *site* aprovou meu perfil, e, ontem, entrei no ar. Meu espanto foi grande: tive 136 mensagens no primeiro dia e, hoje, já recebi mais 40 candidatos.

Abri a primeira página da listagem de pretendentes e fiquei feliz: o Adams não estava entre eles. Mas a ordem era decrescente, ou seja, o último a me escrever era o primeiro que aparecia na minha lista; os mais antigos ficavam para o final. Havia mais quatro páginas de candidatos, todos com seus nomezinhos enfileirados. Abri a próxima página, torcendo para não o encontrar. Ainda bem, não avistei nenhum Adams, mas ainda me restavam a terceira e a quarta páginas. Nada na terceira. Por fim, a quarta. O Adams era o último da lista, e isso significava que ele era o primeiro a ter me escrito. Além disso, ele havia escrito à Letícia uma carta maior do que a que mandara para a Vanessa, e tinha colocado nela a essência de um texto romântico que eu criara e que havia dado a ele. Decepção total!!!

Internamente, eu me entristeci: mais uma vez, algo morria dentro de mim. É uma sensação de desgosto, misturada à decepção e à raiva de mim mesma, por ter me permitido gostar dele. Magoei-me. Realmente, esperava estar errada a seu respeito, quando resolvi colocar o perfil alternativo na *internet*. Se seu nome não aparecesse naquela lista, diria a mim mesma que havia encontrado a pessoa certa, que me seria possível iniciar algo com alguém e, de uma vez por todas, botaria abaixo esta maldita barreira que há entre mim e os homens.

Mas, no quesito caráter, o Adams não passou. Depois de passar tanto tempo pensando, eu me descobri. Demorei 30 anos para definir quem sou, e há os que morrerão sem se conhecer de verdade.

Costumo pensar que, dentro de mim, há três mulheres, distintas entre si, e que minha personalidade é marcada por essas três pessoas: a Luana, a

Electra e a Severa.

A Luana é uma menina doce, carinhosa, meiga, sensível, acredita que algum dia vai encontrar um príncipe, e tolera e aceita os defeitos dos amigos. É verdadeira, pura, está sempre rindo, adora chocolates, sorvete, doces e acredita no amor. Ela é o meu lado criança, e é uma princesa. Está comigo, quando estou com meus amigos e com a minha filha, pessoas de que gosto, com as quais me sinto segura e contra as quais não preciso impor barreiras, pois nada me farão de mal. É claro que o homem que ganhar meu coração terá, nos seus dias, a Luana sempre presente.

A Electra é uma mulher inteligente, esforçada, persistente, batalhadora, que não se deixa esmorecer; que cai, mas, em seguida, levanta-se. Ela é forte, decidida, tem personalidade, é obstinada, trabalha muito e está sempre tendo um objetivo a alcançar. Dedica-se com esmero e preocupa-se em fazer o melhor, quando a causa em questão ganha o seu coração. Tem bom senso, mede as palavras e sabe lidar com as situações mais complexas dos relacionamentos humanos. Ela é o meu lado mulher, e é uma rainha. E está comigo, quando o assunto é trabalho. Eu não desisto e tento fazer o melhor possível, dentro do que posso.

A Severa é uma anciã de personalidade muito forte. É, sobretudo, séria e dura nos seus julgamentos. Avalia, analisa, é detalhista, se impõe, é radical nas suas aceitações, não permite falta de caráter, é calculista, honesta, íntegra, soberana, e tem a capacidade do discernimento. Protege a Electra e, sobretudo, a Luana. É o meu lado maduro, totalmente racional. Antes de eu me deixar levar pelo coração, quem decide é a Severa. Eu diria que ela é uma sacerdotisa. Está presente quando os assuntos são negócios, dinheiro e homens.

A princesa, a rainha e a sacerdotisa habitam dentro de mim. Mas, às vezes, é como se fossem mil mulheres habitando o meu ser. Essas três mulheres possuem, cada uma, mais três mulheres habitando seus interiores, que também possuem outras três, que possuem igualmente três outras, e, assim, a cadeia vai-se formando. São, na essência, milhares de mulheres, muitas desconhecidas, até mesmo por mim. Por isso, algumas vezes, surpreeendo-

me comigo mesma, tentando encontrar uma origem para alguns pensamentos e ações tão sem fundamento, tão inexplicáveis que tenho de vez em quando. De onde tirei esta vontade? Esta idéia? Esta atitude? Isto não era condizente comigo. E, nessa sucessão de espantos, vou-me descobrindo, a cada dia, como uma nova mulher, com uma nova característica. Chego a sentir que posso ser o que eu quiser, embora eu prefira ser eu mesma.

Santa e bruxa, ao mesmo tempo. Bandida e ingênua, no mesmo dia. Protetora e desprotegida, sempre. Eternamente mutante.

Mas não sou a única a ser assim. Há milhares de mulheres com a mesma capacidade de se transmutar em outras mil. Esta é a Vanessa: mutação, transformação e constante adaptação, como outras Joanas, Fernandas, Micheles, Paulas e Marias com o mesmo talento de reinventar-se constantemente. Sim, as mulheres são assim, dotadas de uma capacidade para o absurdo, o mágico, o encantador e o obscuro.

Os homens não entendem isso nas mulheres. Muitas, inclusive, desconhecem a própria capacidade de ser assim. Por isso, não se entendem. Por isso, são caracterizadas como loucas. Os homens pensam que há loucas por toda a parte. Mas nem toda mulher é uma louca. Há as que são "naturalmente desequilibradas".

O que difere uma mulher louca de uma "naturalmente desequilibrada" é justamente a administração interior dessas mulheres. As "naturalmente desequilibradas" colocam ordem em seu interior, pelo menos na maior parte do tempo. As loucas não apresentam um equilíbrio dinâmico entre suas mulheres: manifestam as serenas, quando se pede que as impulsivas apareçam, transformam-se em mães, quando se pede uma puta na cama. Ficam frágeis, quando têm de ser fortes, e fortes, quando não precisam ser.

Trocar de personalidade não significa fragilidade emocional, mas, sim, capacidade de adaptação às diversas circunstâncias do mundo. E é essa a essência do universo feminino, tão desconhecido pelos homens e misterioso para as próprias mulheres.

Aliás, a diferença entre os homens e as mulheres é bastante nítida. Os homens são peças de um quebra-cabeça simplista e nem sempre completo. Já

as mulheres são quebra-cabeças complexos, completos e mágicos. As peças se transformam, conforme a necessidade. Encolhem e diminuem, de acordo com a situação. Mudam de cor, de posição e conseguem até se encaixar naquilo em que não encaixam.

Os homens, dentro do seu mundo, tentam encontrar apenas peças exatas, sem sobras nem vazios. Nós, mulheres, preenchemos esses espaços com as sobras das laterais, diminuímos alguns cantos e, por isso, damos mais espaço, uns aos outros. Um homem pode se surpreender milenarmente com uma mulher; estar com ela e, no outro dia, descobrir que ela não é nada daquilo que pensava que fosse. Mesmo assim, poderá continuar gostando dela, porque sua relação será sempre o início de uma nova descoberta, uma nova conquista, um novo encontro, uma nova aventura, um novo mundo, uma nova mulher...

O universo feminino é um milagre da vida e da sobrevivência. Ele é o espelho mágico que reflete o interior da mulher para o mundo. Seu mistério pode ser desvendado por aqueles que têm a capacidade de entender que a mulher vai muito além do que os olhos vêem e do que ela própria pensa ser...

Também penso que as mulheres podem ser mil e que mostram quem são essas mil conforme elas surgem. Os homens são, geralmente, um, no máximo dois. E esse segundo nunca é revelado às mulheres.

Enfim, sobrevivo porque esta variedade de mulheres vive em mim, e, hoje, quando entro no quarto para trabalhar, vão à frente a Electra e a Severa. Por isso, sou muito firme quanto a valores, tempo e questões pré-acordadas. Nada foge do estipulado, para que eu não tenha danos, ou os tenha o menos possível. A Electra faz o que foi combinado e está sempre pensando em uma maneira de melhorar, de superar-se, de criar alguma inovação: um local melhor, uma propaganda diferente, que trabalhe o *marketing* da melhor forma possível. Ela nunca se cansa, porque tem objetivos a cumprir.

Posso dizer que a Severa nasceu de um forte instinto de sobrevivência. Ou ela nascia, ou eu morreria. Mas já foi diferente e, por isso, eu me machuquei tantas vezes. A Luana, e suas esperanças na humanidade! Sua crença de que

todos os homens são bons, até prova em contrário! Esses pensamentos dela já me causaram certas feridas.

Quando conheço um homem que possa me interessar, apenas a Severa lidera. Ela o mensura frente e verso, testa-o, analisa-o, desconfia, observa, estuda o seu caráter e o mede como homem. Só depois da aprovação da Severa é que ele conhecerá a Luana e a Electra. O problema é que é difícil passar pela peneira da Severa, para se ter a Luana. Acho que esta menina é o sonho de qualquer homem.

Antes, eu era muito ingênua. A Luana estava sempre à frente dos meus relacionamentos, e, portanto, eu ficava fragilizada, à mercê de qualquer mau-caráter, pois a Luana não tem defesas, ela ainda é uma criança. Se perguntarem aos meus amigos quem é a Vanessa, eles me descreverão como uma pessoa totalmente diferente do que o farão meus "namorados" e meus clientes.

Mas eu, assim como todas as mulheres, tenho um lado próprio do universo feminino e inevitável, dada a nossa essência sensível: acredito em castelinhos, e é aí que está a armadilha que nos aprisiona.

Enfim, encontro-me desta forma e, pensando sobre o que posso fazer, apenas concluo que devo eliminar o Adams como candidato a, um dia, conhecer a Luana: ele é muito perigoso. Isso porque mente e se utiliza das ilusões e do frágil coração das mulheres para obter o que mais quer delas. Então, o que posso mais desejar dele?

A Severa não dá ponto sem nó, e acabei enviando uma mensagem a ele, dizendo que tinha, sim, interesse em conhecê-lo e lhe passando o *e-mail* e o MSN da Letícia. Hoje foi um dia bastante difícil para mim: não encontrei um cliente italiano meu que deveria encontrar e que me paga 600 reais pelo programa. Em vez disso, trabalhei no Posto de Saúde, fazendo meu último encontro de saúde com a comunidade, e perdi dinheiro. E, para fechar todas, no final da tarde, entrando na *internet*, vejo UMA MENSAGEM DE ADAMS.

Balneário Camboriú, 7 de dezembro de 2005.

Estou decidida a fazer alguma coisa em relação ao Adams. Vamos ver até onde ele vai. Estou bastante fria em relação a ele, e isso me garante um pouco mais de raciocínio. Para não ter uma desilusão, basta não ter uma ilusão; portanto, resolvi encarar os fatos como eles realmente são.

O Adams quer se divertir com o máximo de mulheres possível. Tracei um perfil dele e, pelo que percebo, ele tem uma mulher em cada porto a que vai; isso quando não tem duas. Ele viaja bastante. Gosta de sexo, é bem criativo e dificilmente vai ficar com uma só. Aliás, se ele se casar novamente, será mais por companhia do que por amor, mesmo. O que ele procura, não encontrará, porque é impulsivo ao extremo e dificilmente resistirá às tentações do mundo em relação a tudo o que ele oferece em matéria de relacionamentos. Mas o que é que esse cara tanto procura? Não entendo, meu Deus!!!

Resumindo, ele não combina comigo. Diferentemente dele, procuro ficar com apenas um homem, e não estou nem um pouco interessada em variedade de experiências. Mas confesso que o achei uma pessoa muito interessante e que, se tivesse me permitido, gostaria dele de modo muito intenso. Foi melhor assim, embora, agora, ele não escape de uma boa brincadeira.

Resolvi conversar com ele como as duas pessoas, a Letícia e a Vanessa. Ele se declara para as duas. Para a Letícia, diz que encontrou o seu grande amor; para a Vanessa, que está morrendo de saudades. Cada vez que converso com ele, minha admiração pelo seu lado homem diminui. Na primeira conversa que tive com ele, no MSN, ele pediu o número do telefone da Letícia. Enrolei e disse que depois lhe daria. Ontem mesmo, fui a Florianópolis para comprar um número de celular que tivesse o prefixo da cidade. A minha amiga Evilei ficou de conversar com ele ao celular, caso ligasse, pois, assim, ele não reconheceria a minha voz e acreditaria mais ainda na Letícia. Entreguei para a Evilei uma cópia da nossa conversa, para que ela não se perca, além de uma folha com a biografia da Letícia e com

suas características físicas e psicológicas, para que falássemos a mesma língua.

Farei, ainda, um novo *e-mail* e perfil no *site* de namoros, para ver se uma terceira candidata o fisga. Só que esta será diferente das outras duas. Eu e a Letícia somos a mesma: ela é exatamente quem eu sou.

Balneário Camboriú, 9 de dezembro de 2005.

Estou em estado de choque: acabei de falar com o Adams. Ou melhor, a Letícia falou com ele. Entrei como Letícia e, depois de umas duas horas, lá estava eu, mofando na frente do micro, esperando-o, quando ele apareceu: "Oi, meu anjo". O mesmo "Oi, meu anjo" que ele usa para a Vanessa. Ficamos no trivial, e eu perguntei se ele estava há muito tempo no *site* de namoros, procurando por alguém. Sabe o que ele me respondeu? Que não está procurando por ninguém, mas, sim, escrevendo um livro, baseado na experiência dos *sites*.

Senti uma dor, uma profunda dor, e me revoltei na mesma hora. Senti-me usada pelo Adams. Eu, como Vanessa, sentia-me um objeto de pesquisa. E olha que nem tinha assinado nenhum Termo de Consentimento para participar do seu estudo. Depois, se ele estava contando isso abertamente para a Letícia, devia ser porque tinha se interessado de verdade por ela. Senti ciúmes de mim mesma.

Não consegui esconder a minha revolta, e chamei-o de insensível. Então, começamos a discutir opiniões: eu, achando que ele estava sendo desumano e brincando com o sentimento das pessoas, e ele, achando que não estava fazendo nada demais.

Contou-me que não saía com as mulheres, mas que conversava com elas e deixava clara a sua intenção de apenas colher informações. Mas ele não tinha dito isso para a Vanessa, e eu me senti enganada, usada e trocada. O pior de tudo era vê-lo ainda mais cheio de defeitos do que no dia anterior, quando eu já o achava tão diferente da pessoa que eu imaginara da primeira

vez. Quando o conheci, adorei-o! Pensei, inclusive, ter encontrado a pessoa certa. Fui a Florianópolis certa de que ele era quem eu tanto procurava. Mas como a gente se engana, não?

Depois da discussão comigo via MSN e de alguns telefonemas dele para a Evilei, nós nos acertamos. Na verdade, ele começou a fazer comigo um jogo psicológico e, para não perdermos o contato, entrei no seu esquema. Ele faz assim: está errado, sabe que está errado e que seus argumentos são fracos. Logo, a única coisa que tem a fazer é ficar bravo, levando a outra pessoa a pensar na possibilidade de ela estar errada e a se sentir culpada por o estar atacando. Então, essa pessoa passa somente a se defender e a pedir desculpas.

Bem: naquela situação, o Adams tinha ferido todos princípios da Ética e não tinha argumentos contra a Letícia. Logo, começou a ficar bravo e a querer encerrar o assunto, fazendo-se de vítima das circunstâncias. Fiz que acreditei e até pedi desculpas. Acho que ele não reveria os seus valores. Não naquela situação, pelo menos, e eu não teria mais diálogo com ele. Desculpei-me.

Ele se interessa muito mais pela Letícia do que pela Vanessa, porque a Letícia ele ainda não teve. Estou tentando agir da maneira mais impessoal nisso, mas confesso que, de uma hora para a outra, meu coração balança, e eu me pego em pensamentos ilusórios sobre o Adams. Fico imaginando que gostaria de ficar com ele e que, quem sabe, ele não é nada do que está parecendo ser. Meu livro de astrologia infalível, com 95% de chance de acerto, só dizia coisas boas a seu respeito: que ele era bom de coração, generoso, criativo, muito inteligente, um verdadeiro gênio, era corajoso, adorava desafios. A única característica que havia lá contra ele era sua "extrema impulsividade". Sim, o Ad era mesmo exagerado e impulsivo.

Mas esses são alguns pensamentos, e a Severa logo me puxa para a realidade: "Você quer se desiludir, garotinha? Então, não comece pela ilusão. Caia na real, veja as coisas como são..." A realidade da Severa é muito dura, e nem sempre sei quem mais me assusta, se é ela ou ele. Devo estar muito carente...

Na primeira conversa que a Letícia teve com o Adams, eu mostrei-me como realmente sou e expliquei a ele sobre as três mulheres que vivem dentro de mim. Na verdade, aproveitei para revelar-lhe quem a Vanessa é, sem tirar a minha proteção. Mas há o risco de ele nunca saber. Também estou indecisa sobre como conduzir o final dessa história: se nunca devo contar sobre a Letícia, se marco um jantar e vou no lugar dela, ou se faço o que a Evilei me sugeriu, ou seja, fazer com que o Ad se apaixone pela Letícia e, quando ele vier vê-la, ela "voltar com o namorado". Essa, para mim, é hipótese quase descartada, porque não vejo lucro no sofrimento dele. Não tenho sentimentos vingativos e estou nessa história muito mais pela curiosidade sobre a verdade dos fatos do que por outros motivos. Além disso, no íntimo, sou uma sonhadora. E se isso tudo tivesse um final feliz? Ahhh... Eu iria ficar tão feliz!!!

"Acorda, menina!!!!" "Cala a boca, Severa!!!"

Balneário Camboriú, 10 de dezembro de 2005.

Obrigada, Severa, por você existir. Eis que encontro mais um Fausto na minha vida. Realmente, o objetivo do Adams é sair com o máximo de mulheres possível e tirar proveito sexual da situação. Ele sempre deixa claro que o sexo é muito importante para ele. Ainda bem que eu me neguei a transar com ele sem camisinha, que era o que ele mais queria. Fico pensando na possibilidade de ele passar doenças para as outras mulheres. Ele garantiu que fazia exames constantemente e que não transava há uns oito meses. Duvidei e, mesmo que fosse verdade, eu não tiraria o preservativo. Ele diz que é só lavar o pênis depois, que não tem perigo de pegar doença. Que louco!

Coloquei minhas outras duas personagens no ar, e ele foi fisgado por uma delas. Na verdade, ele estava demorando a ver o perfil da loirinha charmosa chamada Maninha Alexandra. Então, mandei-lhe uma mensagem, dizendo que gostara dele. Tão logo isso aconteceu, ele me respondeu, questionando por

que eu havia entrado em contato com ele primeiro, dizendo que eu tinha perfil e estilo muito parecidos com o da Letícia e perguntando se eu a conhecia.

Realmente, é um homem ligeiro, e adoro provar aos homens ligeiros que posso ser mais ligeira que eles. Posso ser melhor do que eles pensam, e bem pior do que imaginam. Entrei *on-line* com a minha nova personagem, e começamos a conversar. Ele só dizia achar que eu e a Letícia éramos as mesmas pessoas. Eu negava tudo e, ainda por cima, mudava as personalidades das garotas.

A Letícia deixou de ser o que eu sou como pessoa e passou a ser uma louca traumatizada, porque os homens só queriam sexo com ela. Ela dá uma de quem está apaixonada pelo Adams, mas não quer se entregar, e é puritana, enquanto que, no seu interior, a chama queima, e tudo o que ela quer é se atirar nos braços dele. Ele fica louco, porque quer ver, de uma vez por todas, a Letícia entrando no jogo dele, mas ela foge e, ainda por cima, faz charme, dizendo que tem vontade de se entregar. A foto da garota-propaganda da Campari que eu usei é muito linda!

A Maninha Alexandra é uma menina descolada, sem muito estudo, normal demais, até, ingênua e bonita. O mesmo estilo da Letícia, mas a cabeça é diferente. Ela ficou por muito tempo casada, e muitas coisas perderam-se na sua vida. O marido era ciumento e, agora que se separou, até sem amigas ela está. Está querendo vida nova. Ela não deixa de ser parecida comigo nesse aspecto, já que também estou querendo vida nova.

Bem, o Ad estava achando que a Maninha Alexandra era a Letícia, e eu, mudando o estilo das letras e a maneira de falar, só negava. Então, resolvi colocar a Letícia e a Maninha *on-line* ao mesmo tempo. Meu computador tem dois programas, e dá para abrir dois MSN ao mesmo tempo. O Adams não entende muito de informática e, com certeza, passaria a acreditar que o louco, ali, era ele. Ele e a Maninha estavam conversando, quando abri o MSN da Letícia e ele a viu entrar *on-line*.

Então, ele disse à Maninha que a Letícia tinha acabado de chegar e que, por isso, ela não poderia ser quem ele estava pensando. Na hora, falei com

uma amiga minha e pedi que ela entrasse no meu MSN por mim, passando-se por Vanessa. Mandei para o seu *e-mail* uma foto minha e dei a ela a minha senha e algumas instruções: chamá-lo de "Ad", de "meu amor" e ficar apenas no blablablá de forma vaga, dizendo que estava com saudades. Enquanto isso, eu ia manipulando as conversas entre a Letícia e o Adams e entre o Adams e a Maninha. Acho que isso lhe deu um nó na cabeça: ele começou a dizer que estava pirando, e ainda tinha de responder ao mesmo tempo para as duas. Eu também estava ali, na adrenalina, tentando manter o teatro em pé e já ficando confusa: era muito diálogo para administrar.

De uma hora para outra, ele convidou as duas, sem avisar, para um bate-papo a três. Agora, era uma situação atípica, um *ménage à trois* virtual, só que sem sexo. Numa mesma caixa de diálogo, conversávamos os três. Ou melhor, eu conversava comigo mesma e dizia: "Prazer, Letícia", para, depois, tentar responder "Prazer, Maninha" para mim mesma, sem me atrapalhar. Tudo isso de forma rápida, porque eu não podia confundir os nomes e, enquanto eu e a Maninha conversávamos entre nós, o Adams trocava assuntos com a falsa Vanessa. A Thays carregou um pouco no diálogo com o Ad e ficou se declarando, pois ela não sabia bem a intensidade da nossa relação. Então, eu falava comigo mesma, com o Adams e ainda dava instruções para a Thays sobre como ela deveria responder.

O Ad pirou. Entrou em surto, porque agora não tinha mais certeza de nada. Tudo aquilo em que ele se baseara antes estava sendo desconstruído e reformulado. Ele teria de montar novas teorias, mas baseadas somente em incertezas.

Agora, ele tinha certeza de que as três eram personagens desvinculadas umas das outras, pois todas falavam ao mesmo tempo. Isso me deu a grande idéia de ir a um *cybercafe* e pegar três computadores, um ao lado do outro, e entrar praticamente ao mesmo tempo com as três personagens. Vou pedir a ajuda de mais três amigas, e fico só coordenando as conversas. A Evilei é ótima, esperta, a Thays tem uma lábia muito boa, e a Cris serve direitinho para fazer o papel da melosa Vanessa. Levo foto e tudo das três para o local.

Hoje, ele já entrou no MSN e falou somente com a Maninha. Disse que tinha tido dor de cabeça e que tinha pirado, ontem. A Vanessa e a Letícia estão bloqueadas para diálogo com ele. Acredito mesmo que ele tenha pirado, porque até a minha cabeça doeu. Era adrenalina demais, naquele jogo de gato e rato virtual.

Ontem, fomos dormir os quatro assim: a Maninha, saindo da conversa, para não importunar o relacionamento do Adams com a Letícia; a Letícia, transformada numa mulher-vulcão, de vontade de transar com o Ad (instiguei-o a me dizer frases eróticas e, cada vez mais, tenho certeza de que o conteúdo dele é ótimo para isso); o Adams, pirado, e a Vanessa, na sua passionalidade de sempre. Acredito que o pior inimigo é aquele do qual nunca desconfiamos que o tiro saia. Cara de santa e uma mente brilhante a serviço do mal são uma combinação perfeita. Ele talvez me ache morna o suficiente para não estar jogando com ele e não perder meu tempo com isso. Pensa que eu sou uma patricinha e levo uma vida tradicional. Pode até ter achado que o livro que eu estava escrevendo era uma ficção, e não baseado em fatos reais.

Deixei claro, no meu perfil do *site* de procura, que eu não gostava de jogar e que, se isso acontecesse, eu estaria fora do relacionamento. O Ad não sabe nada da minha personalidade. Pelo menos, acho que não. Mas ele é um homem inteligente, e estou pisando em ovos para ele não descobrir nada antes do tempo certo.

Eu não sei mais o que quero com esse homem, porque relacionamento sério não é mais. Ele quer TODAS. Está somente caçando e usando as mulheres na *internet* para escrever um livro sobre elas. Ainda por cima, tem o que eu não aprovo num homem: cria ilusões e está aproveitando uma aventura sexual. Mas ele tem uma coisa boa: o Ad é a pessoa certa para me ajudar a organizar e editar este livro. Eu quero mudar a minha vida, e o livro é um bom começo. Querido Ad, meu coração não te pertencerá. Infelizmente, você não passou no teste da Severa. Mas, apesar de eu não acreditar em destino, não descarto a possibilidade de Deus me mandar uma ajudinha.

Eu fico triste por ter de jogar com ele. Detesto jogar, mas ele é um espertalhão, e isso faz de mim uma potencializadora de espelhos. Quando um homem é bom para mim, eu sou ótima com ele. Quando ele não é... Bem, não sou tão ruim assim; só um pouquinho... Posso ser bem malvadinha, para falar a verdade.

Mas também não posso negar que o Ad mexa comigo: ele mexe, sim, e muito. Mexe com o meu cérebro e ocupa, agora, a maior parte dos meus pensamentos. Fico a me questionar: "Quem será esse homem? Por que ele me atrai tanto? Por que ele não é bem bonzinho?" Eu adoraria ser a melhor que eu posso para ele. Mas fico aqui, a jogar, a policiar-me. Espero um dia encontrar alguém para quem possa ser exatamente eu, totalmente livre, sem precisar controlar meus sentimentos: poder dizer o quanto gosto, beijar o quanto tenho vontade, essas coisas. Sou do tipo que, se deixar, escrevo bilhetinho todos os dias... É, sou romântica, babaca... Por que não? Tenho a mesma essência feminina: acredito em castelinhos de areia, aquela coisa de sonho e dias felizes e namoro e muitos beijos... E sexo também... Adoraria encontrar alguém, mas, do jeito que as coisas estão, não vejo possibilidade.

Mesmo assim, não tenho intenção nenhuma de ludibriar o Ad e ficar contando historinhas para ele, fingindo-me de interessada num relacionamento, só para ele me ajudar com o livro. Nada disso: assim que tiver a oportunidade, vou direto ao assunto. Acho cruel demais mexer com os sentimentos alheios. Enquanto isso, vou continuar conversando com ele pela *net* através das minhas três personagens, para ver o que elas descobrem a mais sobre ele.

O único homem que eu admiro, mas o único, em toda a face da terra, é o Alcione. Meu amigo: começamos nossa amizade por causa dos carros que ele me vendeu. É realmente admirável e, quando acho que nenhum homem presta, lembro-me dele. É o homem de palavra mais firme que eu conheço, e não tem a intenção de se aproveitar das mulheres. Quando me ajuda, nunca pede nada em troca. Atrasei duas parcelas do meu carro, depois do golpe da Paola. Ele me chamou e me ofereceu ajuda. Disse-me que pagasse quando pudesse, que ele sabia que eu não deixaria de pagar. Não pegou cheque meu

nenhum, porque estou sem talão. Não pediu que eu assinasse nenhuma promissória, não me pediu sexo em troca. Nunca! Não passou a mão no meu corpo e nem tentou me beijar. Ele faz porque faz, sem nenhum motivo. Faz porque o coração dele é bom.

Eu gostaria de encontrar um príncipe assim! Um príncipe que, de dia, fizesse todas as minhas vontades, fosse a educação em pessoa e o amigo para os melhores e os piores momentos. Mas, à noite, que príncipe, que nada!... À noite, o bom mesmo é um Lobo Mau. Quero um Lobo Mau bem malvado, para comer a Chapeuzinho Vermelho inquieta e devassa que mora dentro de mim.

"(...) sonhando (...)
– Príncipe ou Lobo Mau? Decide logo, Cinderela...
– Me deixa dormir, vai..."

CAPÍTULO X

O ABORTO

"A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas."
Francis Bacon

Balneário Camboriú, 12 de dezembro de 2005.

A Sol está aqui em casa agora. Resolveu jantar um pouco. Hoje, ela passou o dia comendo. Primeiro, almoçou comigo na minha casa e, além de comer lentilha, salada, peixe e arroz, puxou de dentro da bolsa três chocolates. Eu não comi nenhum, pois estou tentando fazer uma dieta equilibrada. Minhas últimas tentativas foram frustradas e, desta vez, estou tentando me policiar.

Fomos à tarde ao Victor Hugo Fotografias, para melhorar nossos anúncios. Acho que preciso mudá-los mais, pois percebi que muito tempo com a mesma foto prejudica o bom andamento dos negócios. Os clientes se sentem mais atraídos pela variedade, porque acabam vendo a garota sob todos os ângulos.

Assim que cheguei ao Victor Hugo e cumprimentei todo mundo, meu telefone tocou, e eu e a Sol tivemos de sair correndo, para atender um cliente. Na casa dela, enquanto ele tomava banho, ela puxou da geladeira uma musse de maracujá. Ofereceu-me, não aceitei, e ela saiu comendo. Depois que fizemos o programa, ela se agarrou a um pernil de porco que tinha na geladeira. Nisso, chegou outro cliente e fizemos um programa-relâmpago. Assim que ele saiu, ela comeu o resto de um frango de ontem.

Fiquei apavorada. Ela provavelmente comeu mais alguma coisa antes de chegar aqui em casa e, agora que acabou de jantar, foi até a geladeira, procurar alguma coisa.

A Sol está grávida. Fizemos o teste há 15 dias. É a segunda vez neste ano. Briguei muito com ela. Como pode uma garota de programa tão esperta cair numa mancada dessas? Hoje, ela está revoltada, primeiro, por causa da gravidez, e segundo, porque todo mundo que quer fazer programa hoje com ela pede anal, que ela não faz. No sábado, ofereceram a ela 550 reais pelo seu traseiro, porque ele ainda era virgem. Ela não teve coragem e resolveu ficar sem o dinheiro. Disse que o pau do cliente era muito grosso, e viu sair, voando pela janela, o dinheirinho de que ela tanto está precisando.

O pai da criança é o Rudy, pela segunda vez. Quase enfartei, na hora em que saiu o resultado. Da primeira vez, ela jurou que não aconteceria novamente: alegou que a camisinha tinha estourado. Fiquei realmente na dúvida. A Rafaela disse que não acreditava nisso e que tinha certeza de que ela estava transando sem camisinha. Agora, nesta segunda vez, coloquei-a contra a parede e perguntei o que estava acontecendo. “Marise, não sei como é que pode, mulher: ele tira, na hora em que vai gozar!”

“O quêêêêêê...??? SOL, VOCÊ ESTÁ LOUCA? Essa é do tempo da minha avó, e nem minha mãe fazia mais dessas, sua burra, idiota!! É capaz de tu ainda pegar uma doença do Rudy. Ele é casado, Sol. Homem casado não usa camisinha com a esposa! E tu vai lá saber da saúde da mulher do Rudy? Que nojo, estou com nojo de você, Sol, e tem mais, blá, blá, blá...”

Mas já estava feito, e, pela segunda vez neste ano, a Sol terá de fazer um aborto. Da primeira vez, ela tomou Cytotec. Agora, vai repetir a dose, só que com um composto novo no mercado, e mais forte. Quem conseguiu o medicamento foi o Biba, amigo dela. Eles se adoram. A Sol faz tudo o que ele pede, e vice-versa. Parece que conseguiu o remédio nos camelôs.

Eu até acho que a Sol ainda está indecisa sobre tomar ou não tomar o remédio. Já lhe perguntei diversas vezes se ela não tem vontade de ter o bebê. A resposta vem numa voz firme e veemente: “De que jeeeeeeeito, loucaaaa?” Mas não sei não, porque ela já está com os quatro comprimidos

há uns cinco dias, e ainda não se animou a abrir a boca e engoli-los. Um dia, é porque comeu demais; no outro, está desanimada; no outro, está precisando trabalhar; e assim vai. Mas, diz ela para mim, pelo quinto dia consecutivo, que de hoje não passa.

A Sol desconfiou que estivesse grávida, e eu já a empurrei para um teste de gravidez. Deu positivo. Fui até a ultra-sonografia e marquei um exame, para saber de quanto tempo, aproximadamente, ela estava: dois meses. Já fui dizendo: "Se vai tomar uma atitude, que seja já! Não fica enrolando". Sou contra o aborto, embora eu fizesse um, se fosse preciso. Adotei a mesma opinião em relação à Sol, porque gosto dela da mesma forma que gosto de mim, e quero para ela tudo o que quero para mim.

A Sol tem o costume de protelar tudo, de deixar o barco correr. É o fuso horário dela, que não bate com o do Planeta Terra. Fico a analisar se ela está a milhares de quilômetros e com milhares de pensamentos vagando, na sua introspecção, ou se está atrasada em pensamentos, planando no vazio do nada. Dificilmente tem atitude, e vai levando a vida assim. Mas a Sol é uma das mulheres mais "gente boa" que eu conheço. Considero-a gente, porque não é individualista. Divide tudo, se vê que a outra pessoa precisa disso. Tem um coração de ouro. Não se sente melhor do que ninguém e, embora não expresse, eu sei que ela sente, quando estou triste. Telefona sempre, para perguntar como estou: "Daí, *chica*? Tá bem hoje?" Sabe que eu detesto argentinos e, de gozação, ela me chama de *chica*, que, em castelhano, quer dizer "garota". Ela também sabe que eu vivo em conflitos internos e em eternas indagações sobre a vida, os homens, o mundo, os programas e o amor.

A Sol tem outra característica marcante: ela é meio alienada, mas é a pessoa mais precisa na hora de estabelecer o perfil psicológico de outra pessoa. Mesmo das que ela não conhece. Eu conto uma história a ela e depois pergunto o que ela acha da pessoa de quem falei. Tenho certeza de que ela ouviu apenas a metade da história, mas pode acreditar que, na hora de dar seu parecer, ela acerta. Acerta mesmo!

Mas nada de tomar uma atitude. Por ela, ela esperaria uns quatro meses para, depois, ir ao laboratório e fazer o exame. Se eu não tivesse investido firme nela, a gravidez teria se desenvolvido o suficiente para a situação não ter mais retorno. Depois de três meses, é ter o bebê e pronto. Nem mesmo eu conseguiria abortar um bebezinho de três meses. Bem me lembro da ultra-sonografia da minha filha: com três meses, era um ser todo formadinho, com cabeça, bracinhos, perninhas, coluna vertebral. Com dois meses, parecia uma coisinha com três centímetros, num saco gestacional.

Da primeira vez, agora em junho, o Biba tinha arrumado o remédio, e ela tomou. Quando as contrações começaram, ela pegou o carro e foi até o Hospital Gertrudes Dalva. Os atendentes perceberam que era um aborto e trataram-na como lixo. A Melissa também já fez dois abortos e, no último deles, recorreu ao hospital: eles quase a deixaram morrer. Foram horas esperando na recepção. A Melissa chegou lá sozinha, com roupas típicas de profissional do sexo. Recém-saída da adolescência, não tinha profissão nenhuma e nem paradeiro certo. Foi duramente castigada pelos profissionais de lá. Às vezes, pergunto-me como as pessoas podem se sentir o dedo de Deus, capazes de julgar tudo e todos. Como adoram falar e ver, apenas nos outros, os seus próprios defeitos.

A Sol cansou-se de esperar e resolveu ir até o Hospital Santa Maria. Antes, pegou o Biba, para que ele se passasse por esposo dela, pois a última coisa que queria agora era ser castigada pelos enfermeiros e médicos. Combinaram que ele não abriria muito a boca, porque, assim que começa a falar, a gente já percebe em que time joga. Deu certo, muito certo. Tudo aconteceu como se se tratasse de um aborto espontâneo por malformação fetal. Dessa vez, a dose se repetiria, só que com o Rudy indo no lugar do Biba, para mostrar mais presença de macho.

Estamos a caminho de um programa no Hotel Morumbi e, depois, vamos para a casa dela. Vou ficar junto, para o caso de acontecer algo. Eu sinceramente pensei que a Sol tivesse aprendido alguma coisa com o primeiro aborto, mas não. Errar uma vez é normal, persistir no erro é burrice. A Samantha pediu que ligássemos para ela, que, se desse, ela dava

uma força, tudo escondido do marido, é claro. Se ele descobre que ela teve algum contato comigo, o rolo vai ser grande.

Balneário Camboriú, 13 de dezembro de 2005.

Foi horrível, muito horrível. A situação mais diabólica que já vivi. Tive a nítida impressão de ter participado de um assassinato. Deviam ser 3h30 da manhã quando a Sol, umas duas horas após ter tomado os comprimidos e colocado outro por baixo, com aplicador, deu um grito. Foi um grito desesperador. Ela estava deitada ao meu lado, e nós duas dormíamos. O Rudy estava na sala, dormindo no chão frio, por falta de colchão. O apartamento dela é minúsculo, com tudo amontoado. Ela havia acendido duas velas de sete dias, e o ambiente era macabro.

O grito de terror foi seguido por um salto dela, da cama em direção ao banheiro, e de golfadas de sangue salpicadas pelo chão. Não consigo entender como aquele sangue respingou daquele jeito. Como se uma bexiga cheia tivesse sido expulsa de dentro dela com uma enorme força. Aquele novo medicamento é muito potente.

Eu pulei, junto com o grito dela, e o pânico tomou conta de mim. Corri para o banheiro. Pelo caminho, os vestígios de um assassinato. Fui ficando mole. Encostei-me no batente da porta, perguntei como ela estava. A Sol tinha ficado branca, contraía-se de dor, tremia. O sangue corria pelas suas pernas; aos seus pés, havia um rio vermelho. Olhei e vi que pedaços da placenta saíam dela. Tudo começou a sair em partes de dentro dela, como se tivesse sido diluído numa centrífuga. Era horrível. Peguei uma fronha. Ela disse que a dor era violenta. “Vamos rápido para o hospital, agora.” O Rudy estava sem ação: o grito e o sangue respingado deixaram-no também em choque. Ele a carregou, e eu fui abrindo a porta e chamando o elevador.

Eu me sentia mal, muito mal. Antes, eu tinha a impressão de que era uma pessoa quase sem pecados, do tipo que fazia um errinho aqui e outro ali, mas nada que não pudesse ser consertado. Agora, sinto-me uma pessoa má. Com

grande parcela de culpa pelo que aconteceu. Desci os degraus da frente do edifício me culpando e, ao mesmo tempo, dizendo a mim mesma que agora já era, já tinha acontecido, e não havia o que fazer. A Sol sentou-se no carro e eu disse a ela: “Por essa, tu ainda vai adotar duas crianças”. Ela consentiu. Também tomei essa decisão, de que vou criar outras duas crianças, para compensar um pouco do que eu fiz.

O Rudy sentou-se no banco de trás, e fomos ao Hospital Santa Maria, que parecia ser mais humano do que o Gertrudes Dalva. Entramos na Emergência e deixamos a mala dela no meu carro, pois como iríamos explicar que já tínhamos vindo certos de que uma curetagem seria feita? O moço da recepção demorou a nos atender: haviam acontecido três acidentes de trânsito nessa madrugada. Fiquei plantada diante do balcão, e o Rudy, sentado com a Sol. Então, vi entrar pela porta um policial, dizendo que tinha vindo averiguar o acidente ocorrido. Olhei para ele e me lembrei de que ele havia sido cliente meu e da Sol, um dos primeiros. Era um milagre eu me lembrar, mas tenho certeza de que ele era o cliente com quem a Sol e eu tínhamos feito um programa na casa dela, num dia muito quente de verão, com o quarto fechado, sem ventilador e, ainda por cima, a Sol vestia um robe até bem maior do que ela, para esconder o corpo. Não cumprimentei, mas ele me reconheceu. Acho que já atendi tantos homens que, agora, ando topando com eles no meu dia-a-dia. Pelo meu livro-caixa de registros e valores, tenho por volta de cinco mil clientes, acho que até mais. Ele passou direto para a parte interna do Hospital, e o recepcionista veio, enfim, nos atender. Perguntou o que seria. “É a minha vizinha. Ela perdeu o bebê. Estava com uns dois meses, talvez um pouco mais”. Ele disse “Sim” e olhou com o canto dos olhos, como quem diz: “Já estou sabendo, querida, aqui ninguém é burro”. A próxima frase foi “Há quanto tempo começaram as contrações?” Nessa parte, não havíamos pensado, e ficamos nos olhando e refletindo sobre o que dizer. Depois de alguns míseros segundos, que evidenciavam a nossa fraude, ela falou: “Há duas horas”. Ele pediu que eu assinasse a entrada e subisse direto para a maternidade.

Eu e a Sol subimos a rampa uma apoiada na outra. Nem sei, naquela hora, quem era a mais abalada. Acho que ela, porque estava sentindo as dores, mas, psicologicamente, as duas estavam arrasadas. Ela estava bem fraca. Fomos invadindo a sala do médico, e veio uma técnica de enfermagem, dizendo que ela tinha de esperar lá fora. Falei que eu iria adiantando o serviço, colocando a camisolinha nela e deitando-a na maca. Não demorou muito e o médico quarentão chegou: um loiro, com cara de nazista, mas muito bonito. Olhou bem firme para ela e disse: "De quantos meses você estava?" A Sol respondeu. Sentei-me na cadeira, para esperar a reação dele. Ele colocou uma luva e fez um exame ginecológico na Sol, que se contraía de dor. Um pavor, a cara dela. Pedaços continuavam saindo de dentro do seu corpo. Ele tirou as luvas e falou, ríspido: "O que foi que você tomou? Ou colocou por baixo? Nenhum colo de útero dilata tanto assim em tão pouco tempo. Hein, menina? Responde".

Ela olhou para o vazio, não falou nada. Fiquei na torcida para que ela não abrisse a boca, diante da pressão dele. Eu não responderia, ficaria muda também. Quando não quero responder a alguma pergunta, mantenho-me quieta, como se a pessoa nem tivesse me perguntado. E não cedo a pressões. Minha tendência é ser pressionada e me fechar mais ainda.

Ele perguntou mais umas três vezes, inutilmente, e então desistiu. Ali, não tiraria resposta de ninguém. Preencheu uma folha e me disse para fazer a internação dela. Perguntei se poderia ficar acompanhando, e ele falou que, pelo SUS, não, a não ser que pagássemos quarto particular ou tivéssemos algum convênio. Nessa hora, lembro-me de ter pensado que deveria urgentemente providenciar um seguro-saúde, pelo menos para a minha filha.

Desci, entreguei os papéis ao Rudy e disse a ele que faria um esquema, depois voltaria lá. Não deixavam ninguém ficar como acompanhante. Entrei no carro me sentindo a pior pessoa do mundo. Fui dirigindo vagarosamente até o Motel. Eu já tinha um programa agendado para as 3h30 da manhã, e estava torcendo para o meu cliente ainda estar lá. Eram umas 4h15, e o quarto era o 102. Enorme, com sauna, piscina, hidro, lareira, churrasqueira e uma infinidade de coisas. Eu só pensava numa banheira, para relaxar. Era

muita tensão. Enchi a banheira e convidei meu cliente para entrarmos. Eu já o conhecia. Ele me perguntou como a Sol e a Rafaela estavam. Disse que as duas estavam ótimas. Mergulhei. Como eu me sentia suja, imunda, assassina. A banheira do Choupana é igual a um tanque bem grande, um buraco quadrado, com fundo de azulejo, mas é ótima para relaxar. Mal encostei no Careca, apelido do cliente.

Ele faz alguma coisa de ilícito. Trabalha no Porto de Itajaí e é responsável pela entrada de mercadorias dos navios que atracam à noite. A impressão que tenho é a de que, quando ele vem me ver, estão entrando droga no Porto, e ele sai de lá, para não configurar sua participação, pois, se o cerco estourar, ele não está por lá e não pode ser indiciado por crime algum. No máximo, seria punido por se ausentar do serviço em horário de expediente, mas não como participante ativo do tráfico. E, ainda por cima, teria a mim e à recepcionista do Choupana como suas testemunhas. Ele paga muito bem, sempre mais que o dobro, e uma vez chamou a mim, à Sol e à Rafaela.

Refleti muito sobre a vida, dentro daquela água. Sobre os motivos da minha existência, sobre o que eu tinha feito, sobre a morte, sobre o que vou fazer da minha vida e sobre os espíritos. Aquele grito não saía dos meus ouvidos. A impressão era que de havia, nele, dois gritos em um: o da Sol e o do bebê.

A Sol fez a curetagem ao amanhecer. Saí do Motel e fui até o hospital, em busca de informações. A minha amiga Cris estava lá, trabalhando no Centro Cirúrgico, e cuidou dela. Fui buscá-la perto das 14h, e aproveitamos para passar pela igreja e pedir uma missa pelo bebezinho falecido.

Realmente, a hipocrisia da Igreja Católica me espanta. Cheguei à recepção e disse: “Quero rezar, por sete dias, uma missa em intenção do bebê falecido de minha amiga”. Disse o nome completo da Sol e observei se ela o estava escrevendo de forma correta, para que Deus soubesse bem direitinho de quem estávamos falando. A atendente colocou somente o primeiro nome da Sol no papel, enquanto eu lhe estendia dez reais. Então, falei: “Melhor colocar o nome completo. Vai, escreve aí todo o sobrenome, porque, senão,

Deus não vai saber de quem se trata". Ela sorriu-me, com certo ar de preguiça, e me disse para não me preocupar, porque "Deus tudo sabe!"

Conformei-me, dentro da minha inconformidade, e, já que estava lá, resolvi que seria bom haver uma missa de sétimo dia também. Fui abrindo a bolsa, para pegar mais dinheiro, e falei que no domingo, às 18h, gostaria que houvesse uma missa de sétimo dia pelo bebê da minha amiga. O padre estava postado ao lado da assistente e disse, enquanto limpava os óculos: "Ahhhhh, isso não é possível, não. Só se o bebê tiver nome, senão vai ficar uma coisa sem sentido, ninguém vai saber quem é ele e, além do mais, ele nem foi batizado". Fiquei pasma, e só respondi: "Mas não é Deus que tudo sabe? Afinal de contas, vocês só salvam os católicos, é?" O padre deu-me as costas, deixando-me sem resposta e com mais dez reais na carteira. Nada de nome e, portanto, nada de missa de sétimo dia. Pobre bebezinho não católico apostólico romano!

Uma pausa reflexiva, triste e profunda. Dois pontos:

"A Igreja é a camaleoa dos Sistemas... Sem eufemismos, vai!
É uma prostituta mesmo!"
Thiago Montanari

A Sol agora está dormindo. Já anoiteceu, e ela vai ficar aqui em casa até se restabelecer. Não acordou mais, depois que chegou e comeu. Preparei-lhe um prato de lentilha e arroz, e ela tomou um banho. Acho que não acorda mais hoje.

Balneário Camboriú, 21 de dezembro de 2005.

Acabei de voltar de um programa. Tomara que o dia comece bem hoje, porque estou ferrada nas contas. Desde que comprei o apartamento, comecei a mobiliá-lo e a Paola aprontou que estou sem dinheiro para nada. Todos os

dias me ligam, dizendo que voltou mais um cheque, e lá vou eu, cair na batalha para pagá-lo.

Há três dias, estourou a bomba. O namorado da Sol foi preso por tráfico. A polícia o pegou com pouco, mas o suficiente para enquadrá-lo no Artigo 12. Não pôde ser como usuário, pois o limite é de 12 g. Ela está péssima. Chorou o dia todo. Muita coisa acontecendo, em tão pouco tempo. Agora, ele ficará na cadeia por uns dois anos. Ele já esteve preso no passado, durante algum tempo.

O Rudy não é má pessoa; um pouco esquentado, eu diria. Ele é casado, e a filhinha dele com a esposa acabou de nascer. As coisas estão pesadas para todo mundo. Eu e a Sol ficamos um pouco sem trabalhar nestes últimos dias, e apenas conversamos, conversamos e conversamos, sobre o aborto, a prisão, o futuro dela, o arrependimento e nossas contas altas, devido aos apartamentos.

Ela conseguiu um telefone clonado para ele dentro cadeia, e eles se conversam várias vezes por dia: “Foi fácil, Marise. Não há nada que um pouco de dinheiro não coloque para dentro do presídio. Qualquer coisa de que se precise, é só falar com a pessoa certa e pagar a quantia pedida”.

O Rudy ligou, e perguntei como estavam as coisas. “Preta Marise, eu estou no pior lugar do mundo agora: muita sujeira, só ladrão da pesada. Nesta noite, quase executaram um. Houve acerto de contas, e o cara não tinha dinheiro para pagar. Tiraram o olho dele a chute. Foi para o hospital. Ele ficou devendo para o Comando do Pó.”

Ele me explicou que, no Cadeião, há quatro comandos: cachaça, pó, maconha e pedra. Eles conseguem colocar o material lá dentro, e, toda quarta-feira e sábado, tem acerto de contas com quem é usuário. A própria família do preso dá um jeitinho de entrar com a droga. Num desses dias, duas esposas se deram mal. Elas haviam aberto um pacote de biscoitos recheados, retirado o recheio dos biscoitos, preenchido os vazios com pó e, depois, fechado os biscoitos novamente. Na fila, uma das guardas resolveu, de abusada, dar uma mordidinha num biscoito. Elas foram presas.

Se a família do preso não lhe traz dinheiro, ou ele não dá um jeito de conseguir uma quantia lá dentro mesmo, ele vai para a parede, à noite. Ela já é manchada de sangue, que fica ali para lembrar a todos que as contas, no presídio, devem ser pagas. É a lei da sobrevivência: as pessoas arrumam uma maneira de salvar o seu bolso. Os presos precisam de alguma fonte de renda para continuar mantendo suas famílias aqui fora. Então, apelam para o que podem: tráfico interno no presídio. O governo deveria estabelecer, para eles, um serviço remunerado que gerasse lucro para a sua própria manutenção. Então, não precisaríamos dos cofres públicos para sustentá-los e, além disso, eles aprenderiam uma profissão, poderiam ajudar suas famílias aqui fora e ter um emprego, para iniciar uma vida diferente assim que fossem soltos. Estou apenas pensando em dignidade e boa vontade governamental, mais nada...

Não dá para tomar banho na prisão. O cheiro da sala da ducha é tão ruim que quem entra, fica pouco tempo. Tem gente que sabe que vai passar a metade da vida preso e já atirou tudo às cobras. Usa o chão de vaso e não está nem aí. O Rudy diz que tem gente de todo tipo lá dentro, e ele está revoltado. Não sabe se agüenta ficar lá tanto tempo. Se der, vai tentar fugir. Em poucos dias, já entrou em depressão. Disse a ele que tudo daria certo: não tinha muito que falar. Ele pediu que eu cuidasse da Sol, aqui fora.

As formigas continuam na minha casa, mas tento não machucá-las. Não enveneno a terra e não as esmago; quando elas sobem no meu braço, eu as sopro longe. O que tenho feito é deixar comida perto do ralo do tanque, onde sempre há açúcar e pão. Elas desistem da pia e vão para o ralo, porque é mais fácil chegar a ele, e o alimento lá é mais farto. Dessa forma, elas não me incomodam, nem eu a elas.

Fiquei a analisar sua luta pela sobrevivência e o quanto elas se adaptam às situações. Já as vi se fingindo de mortas. Quando não encontram mais comida no ralo, voltam a invadir a minha pia. Não quero esmagá-las e, então, deixo a torneira gotejar lentamente. Ploc! Ploc! Ploc! A vibração da água caindo no metal as assusta, pois é sinal de enxurrada. Então, batem em retirada.

Agora, entendo as formigas, e penso que elas me entendem também. Elas decodificam bem o meu sinal, e eu, o delas. Açúcar no ralo quer dizer: “Fique longe da minha pia”. Formiga na pia significa: “Tá faltando comida no ralo”. Torneira gotejando é o mesmo que: “Já abasteci o pratinho de vocês. Agora, voltem para o ralo”. Sopro no braço é: “Este braço é só meu”.

Tantos meses tentando nos comunicar... Ainda bem que conseguimos!

Eu, os presidiários, as formigas e as garotas. Estamos todos na luta pela sobrevivência e, todo esse tempo, tentando nos comunicar. Mas a sociedade não decodifica nossos sinais. Penso até que não querem nos entender. O problema é que dificilmente alguém pensará numa maneira de conviver com o incômodo que causamos, sem que a solução seja o nosso extermínio. Qual seria a torneira da salvação? Dá para me assoprar, em vez de me esmagar? Alguém já pensou em um “açúcar no ralo”?

Também tive depressão profunda, há uns três meses, por causa das contas. Foi horrível: meu movimento diminuiu, e meus gastos aumentaram absurdamente. As ruas estão lotadas de profissionais do sexo, e a concorrência no Jornal tem aumentado também. Há cada vez mais garotas atrás de alguma vaga neste barco, de alguma corda de salvação. Eu nem me levantava da cama, e não saía para nada, só para programas. Mesmo assim, ia me arrastando. Detesto dever e ter contas a acertar.

Mas ainda bem que o movimento começou cedo hoje: não eram nem dez horas da manhã e já tinha aparecido um cliente no Motel Renoir. Fui atendê-lo. Quando abriu a porta, vi que era um menino bem novo, acho que de uns 25 anos. Era bonito e tinha origem simples. Trabalhava no Porto de Itajaí. Esse Porto!!! Sempre salvando a minha pátria! Cheguei, cumprimentei e já fui tirando a roupa: a mesma coisa de sempre. Fiquei seminua e disse para ele puxar as cordinhas da sua salvação. Digo isso quando estou usando uma das minhas calcinhas de amarrar nas laterais. “Em caso de emergência, puxe a cordinha!” Falo isso com voz de comissária de bordo explicando aos passageiros os procedimentos de emergência de um avião. Eles se matam de rir.

A primeira coisa que fui fazer, depois do desamarrar das cordinhas, foi tentar tomar um banho. Inútil, porque as duchas do Renoir não estavam funcionando. Falei com a recepcionista, e ainda levariam de 15 a 20 minutos para esquentar. Como eu não pretendia perder tempo, parti para o ataque e comecei a fazer o básico do programa: beijinho aqui, mãozinhas ali, língua na dobra do braço e camisinha para colocar no menino. Para mim, era um menino.

Enquanto fazia um oral nele, perdi-me nos meus pensamentos. Isso sempre acontece comigo: fico vagando por outros assuntos e me ausento do local. Flagrei-me pensando no Adams. Pelo menos, não era em batatinha frita nem em arroz com feijão, como em inúmeras vezes. Eu tinha a mania de ficar pensando no que comeria logo que saísse do programa. Fechei os olhos e pensava no Ad. Só podia ser carência minha. Abri os olhos, para não ficar pensando, e vi cenas de um filme pornográfico que estava passando: uma garota, parecida com a Letícia, entrava em uma cabine telefônica, e um rapaz a ficava secando. Fechei os olhos, e novamente era o Adams que eu via. Fiquei ali, tentando desviar os meus pensamentos dele. Estou cansada de pensar sobre ele e seus atos.

Passou um tempo, e eu abri os olhos. Agora, a mocinha loira estava em um estábulo. Fico me perguntando como podem os homens se excitar com essas situações. Acho que, na cena seguinte, ela ia transar com o cavalo. Fechei os olhos e resolvi, então, apressar os fatos: aquele menino estava transando há muito tempo, e eu não gosto disso. Comecei a falar com ele, lembrando-o de que eu tinha uma amiga, de que a gente se beijava, etc. Ele começou a respirar mais forte. Disse que eu ia todas as noites à casa dela para transar. Ele gemia. Senti que era por ali mesmo o caminho para o fim do meu sofrimento: comecei a falar tudo o que me vinha à mente e que pudesse excitá-lo, mas ele não terminava por nada. Então, olhei para o filme: a loirinha abraçava o cavalo e passava as mãos por ele. Falei: “Eu tenho muita vontade de transar com um cavalo! Já pensou, aquele membro dele no meio das minhas pernas, e todo aquele leite dele me banhando? Eu ia amar que um cavalo me comesse toda, mas me comesse muito”. Ouvi um arfar, senti umas

penetrações mais fortes e comecei a ficar aliviada. Pronto, o serviço estava terminado!

Na hora em que aquele menino saiu de cima de mim, eu me senti muito aliviada, demais! Praticamente empurrei o corpo dele para longe de mim. Em casa, quando estava me arrumando para vir atendê-lo, tinha ficado triste, ao me olhar no espelho. Aquelas roupas... Não gosto daquelas roupas. Um vestidinho muito curto, um salto muito alto. Cheia de bijuterias, o batom forte. Nestes últimos tempos, quando vou atender algum cliente, tenho parecido tão vulgar, e eles, quando me vêem, adoram. É também a linguagem do corpo que está mudando em mim.

Antes de me formar, fiz estágio em enfermagem com a minha amiga Evilei. Ela não trabalha como garota de programa, mas somos amigas e colegas de faculdade. Montamos um programa de saúde na Comunidade Nova Esperança, para trabalhar assuntos relacionados às mulheres. É um trabalho bem sério e de cunho social. Estávamos atendendo uma senhora da Comunidade que tinha uns 60 anos. Mantemos uma postura séria com as pacientes; afinal, elas nos vêem como enfermeiras, e nem passa pela cabeça delas que eu seja garota de programa. Essa senhora veio tirar uma dúvida de saúde comigo, e eu me virei para ela, dei um tapa no seu braço e disse: "Fala, sua Cachorra, o que você tá querendo?" A mulher ficou perplexa, sem ação. Eu devo ter ficado mais vermelha que meu cabelo. Naquele momento, não havia como remediar. Ela me deixou sozinha, e eu fui falar com a Evilei. "Cuida, guria, cuida como tu fala." No carro, quando voltávamos do Posto de Saúde, eu usava com a Evi a mesma gíria que uso nos quartos, porque tinha liberdade com ela. Mas ando misturando as coisas.

Atendi mais três clientes, depois do garoto, e foram mais três revoltas consecutivas. Sempre que um cliente chega ao motel, acabam vindo outros. Parece até uma atração energética; não consigo ver outra explicação. Tenho sorte para atendimentos seqüenciais, e ainda vieram mais três clientes, além desses três seqüenciais. Não consegui nem almoçar. Eu os fui driblando pelo telefone, dizendo que estava em casa, só acabando de almoçar, e a Xuxa, da recepção do motel, enquanto eles me esperavam, ia lhes providenciando

umas cervejas e vendo quem tinha mais pressa. Ela é uma ótima recepcionista. Na verdade, ela é muito mais minha amiga do que recepcionista. Chega a ser parceira de agito.

Mais do que nunca, os clientes começaram a ser um suplício para mim. Quando um terminava, eu terminava junto, e ainda tinha de levantar, porque o cliente do quarto ao lado já estava quase indo embora. Estou acabando com a minha vida. Na vez do quarto cliente, eu bem que estava torcendo para que ele houvesse se cansado de esperar e já tivesse ido embora. Mas, que nada: lá estava ele, em cima da cama, já meio tontinho de cerveja. E eu ainda teria mais dois a atender.

Ele era novo, meio gordinho e me pegou como se eu fosse um pedaço de carne. Ele deve assistir àqueles filmes pornôs e ter vontade de fazer igual: os mesmos movimentos selvagens, a mesma penetração frenética. Ele provavelmente pensa que eu gosto disso, e nem percebeu que eu era uma mulher delicada. Por diversas vezes, tive de mandá-lo parar. Já estava esgotada e, de uma vez por todas, deixei-o fazer o que queria, pois só assim sairia de cima de mim. Que alívio, na hora em que tudo terminou. E ele lá, sentindo-se o homem do século.

Não policiei as minhas palavras, como faço, na maioria das vezes. A primeira coisa que eu disse foi: “Deus do Céu! Se você transar com uma menina na rua do jeito que você fez aqui comigo, ela vai te abandonar”. Ele fez a maior cara de espanto: “Que foi? Mas não estava bom? Eu te machuquei?” Ele realmente não tinha noção e, agora, estava inconformado, porque achou que aquela tinha sido “a” trepada maravilhosa. Encolhi-me no canto da cama, porque comecei a sentir cólicas, pela violência da trepada do garoto. Ele foi tomar banho e me gritava de lá: “Se doeu, desculpa, tá? Está doendo?” Eu nem respondia. Que tristeza.

Marquei uma leitura de cartas com a Dona Celina. Não tenho o costume de ir lá, mas estou muito abatida e me peguei a pensar nela. Sempre que a Sol está desanimada, vai até ela. Ao chegar, disse a ela que muitas coisas ruins estavam acontecendo ao mesmo tempo, e que eu não sabia mais o que estava fazendo da minha vida. Sentia que, a cada dia mais, perdia o controle de

tudo e não achava nenhum caminho para sair da prostituição. Ela abriu as cartas e me disse: “A tua vida vai mudar tanto, querida, em breve. Eu vejo você assinando uma montoeira de papéis. São tantas folhas que nem sei dizer quantas. Posso ver claramente tua mão assinando cada uma delas”. Ela disse que não sabia o que era e que, desta vez, não se tratava da compra de nenhum bem. Mas falava que esse seria um grande acerto na minha vida, e que eu seria muito feliz por assinar esses papéis. Disse que alguma coisa tinha mudado dentro de mim; que o dinheiro continuava sendo muito importante, mas que não era mais o meu único objetivo. “É o amor, né? Você está querendo encontrar alguém. Lembro-me bem de ti, da primeira vez em que esteve aqui. Era tão calculista, só queria saber de negócios. Você continua com medo dos homens?”

Eu não chorei, mas senti vontade. Fiquei sem responder. Estou sensibilizada, por tudo o que tem acontecido ultimamente. Ela disse que via, comigo, várias mulheres, que me traziam muitos clientes, mas, enquanto elas estivessem comigo nesta vida, eu não conseguiria sair do círculo vicioso da prostituição. “Elas gostam de você, filha, e não querem te deixar. Por acaso você, algum dia, fez alguma coisa em uma encruzilhada em T?” Fiquei chocada. Minha memória alcançou a lembrança da Mãe Cassandra. A Dona Celina lê cartas, tem intuição e é vidente. Acho que só acredito nela porque, até hoje, não errou. “Fiz, sim, há muito tempo, nem me lembrava mais.” A Dona Celina me falou que tudo ficaria bem: ela não me cobraria nada e tiraria aquelas mulheres de junto de mim. Sabia que essa era uma decisão minha, definitiva, que eu não era de mudar de idéia da noite para o dia, e que, portanto, faria a nossa separação. “Você perderá, aos poucos, todas essas mulheres, e não terá mais clientes como antes. Em 21 dias, nenhuma delas te acompanhará mais. Não conte mais com a mesma renda da prostituição, porque nada mais será como é agora. Mas comece a pensar que a vida será melhor, porque outras oportunidades virão, mais rentáveis e mais felizes também. Querida, não vou te cobrar nada por isso. Acho que você sofre demais por estar nesse meio.”

Eu agradeci a ela. Nunca tinha acreditado na Mãe Cassandra e no que ela me tinha dito naquela encruzilhada, mas era muita coincidência a Dona Celina vir falar justamente aquilo para mim. Pelo sim, pelo não, e no desespero em que estou, achei melhor me desfazer de todas essas possíveis mulheres. Dona Celina também disse que, depois disso, seria mais fácil eu encontrar alguém, porque as mulheres não me atrapalhariam mais. De acordo com ela, elas não querem que eu encontre um homem só, porque gostam de vários e, mais ainda, dos homens que querem todas; por isso é que atraio tantos homens promíscuos.

Falei que também estava muito mal pelo aborto da Sol, porque o tinha incentivado e, agora, eu me punia mentalmente. Ela própria tinha visto, nas cartas da Sol, que ela engravidaria do Rudy pela segunda vez. Como pode acertar tanto? Saí de lá só um pouco mais aliviada, mas ainda sem saber o que fazer da minha vida.

Às vezes, comparo a vida a um jogo de pôquer: não dá para ganhar sempre, não dá para perder sempre. A sorte ajuda muito, mas não é tudo...

"A vida não consiste em ter boas cartas na mão, e sim em jogar bem as cartas que se tem."

Josh Billings

Balneário Camboriú, 27 de dezembro de 2005.

São umas 3h30 da manhã. Fiz três programas consecutivos, e acabei de chegar do trabalho. Estou muito angustiada, mas não cansada. Tenho resistência física, e até acho três pouquinho. Vou revirar a *internet* e escrever um pouco no diário. Depois do trabalho, eu, a Lulys Louca e a Sol fomos comer alguma coisa na casa de sopas.

Acho que temos cara de piranhas, mesmo, porque todos os que passam mexem com a gente. Paramos, as três, para arrumar os cabelos em frente ao espelho da entrada. Mulheres e seus cabelos: sempre uma preocupação.

Estou precisando de um aplique novo, mas, agora, são tantas as contas, por causa da mobília do apartamento, que não está dando. Vai ter de ficar para o final do verão. Fiquei a observar a Lulys Louca pelo espelho. Nós a chamamos assim mesmo, mas gostamos bastante dela. Da turma do Jornal, é a garota mais antiga da cidade. Deve estar completando uns dez anos na putaria, e vive entre Balneário Camboriú e o Rio de Janeiro. Ela é loira, alta e bonita, mas se arruma como se vivesse na década de 1930.

Realmente, a Lulys parece uma louca. Às vezes, ela me lembra a boneca Susi, aquela, bem antiga. O cabelo está sempre bem espigado, e vai até a cintura. Ela usa lentes de contato azul-turquesa e uma sombra sobre os olhos, até as sobrancelhas, de um azul mais forte ainda. Faz duas bolinhas de *blush* rosa nas faces, pinta a boca de *pink*. Não se usam mais ombreiras há uns 20 anos, mas ela está, quase sempre, com um casaquinho que brilha, como se fosse de lantejoulas pretas, e ela ainda coloca uma sainha para combinar.

A Lulys é tarada também. Eu achava que ela não tinha conseguido sair da vida porque gostava mesmo de sexo. Saímos da frente do espelho. As mulheres adoram os espelhos, mas as garotas de programa gostam deles ainda mais. Subimos, e o garçom já veio falar conosco. É comum irmos lá, e já nos conhecem da batalha. Ele pegou o telefone da Sol, para passar a um cliente da casa. A Lulys começou a desabafar e a dizer que também não agüenta mais esta vida. Eu me espantei: achei que ela quisesse ficar nisso para sempre. "Marise, eu tenho ido todos os dias à Igreja Evangélica e orado a Deus para me tirar desta vida. Tenho pedido um bom marido. Não precisa ser lindo: quero um companheiro legal, e que não deixe as coisas faltarem." Ela falava, juntando as mãozinhas, em forma de oração, e fechando os olhos, como se voltasse a rezar mentalmente. A Lulys, apesar das roupas, tem o rosto conservadíssimo e uma pele ótima. Perguntei-lhe o seu segredo, e ela respondeu que dormia, no mínimo, dez horas por dia. Pensei em mim, que estava envelhecendo rápido demais. Eu dormia umas quatro horas por noite, nos últimos tempos, e com intervalos, porque o telefone tocava. Eu ainda digo, ao telefone, que tenho 24 anos, mas, agora, é impossível acreditar nisso. Noites em claro e sono interrompido acabam com a juventude. Mas

não posso desligar os telefones, porque eu preciso pagar o apartamento. As contas têm me matado e, desde que comecei a decorá-lo, não tenho conseguido pagar a prestação. Estou bem nervosa, porque o carro também está atrasado. Em compensação, o apartamento está ficando divino.

A Lulys toma remédio para dormir. Sempre a achei muito nervosa e extremamente impulsiva. Parecia melhor agora. Comentei que, a meu ver, ela estava bem, e que a Igreja lhe devia fazer bem. Ela me disse que já a estava freqüentando há dois meses e que tinha notado a diferença, pois, agora, estava mais calma. Uma vez, a Lulys foi ao Hotel Morumbi para atender um cliente que estava no bar. Eles combinaram um preço. Quando ela chegou, ele queria pagar três vezes menos: "Quem sabe você me faz só um 'stripzinho'?" Nenhuma de nós sai de casa por um 'stripzinho' que vale uns trocados. A Lulys puxou a faca de dentro da bolsa e colocou-a na garganta do cliente. Era para ele aprender a não brincar com puta. Era uma faca de cozinha, que ela sempre carregava para se defender. Havia, no Hotel, naquela noite, um miniconcerto de piano, e, ao ver a cena, alguns senhores e senhoras de idade começaram a gritar. Estavam vestidos de gala e começaram a correr para o elevador. Eu imagino a Lulys, com os cabelos arrepiados e babando de cólera. Ela arma o barraco mesmo. Eu a entendo. Tem coisas que são a gota d'água.

Ela e a Samantha, nesse ponto, seriam uma dupla e tanto.

Os seguranças do Hotel vieram pegá-la. Ela soltou a faca e largou o cliente, que pediu para a deixarem ir embora, pois não queria confusão e, muito menos, polícia. Mas já haviam avisado os policiais, e a Lulys saiu às pressas do Hotel. No caminho para casa, a pé, tirou da bolsa um boné e colocou-o na cabeça, para não a reconhecerem. A Lu é esperta e tem tudo montado, caso precise. Passou inclusive pela polícia. Debochada, deu tchauzinho para eles. Ela é malandra, criada na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Vai para lá para freqüentar os bailes *funk*, diz que ama os tiroteios e acha o máximo dormir deitada no chão para escapar das balas perdidas entre os policiais e os traficantes. Quando fecham a rua, ela comemora. Gosta do Comando Vermelho e vai às festas deles. Diz que a vida lá é outra: só

cervejinha, churrasco e baile *funk*, e faz sucesso no Rio, porque é bem branquinha, usa as lentes de contato e tem corpo bem feito.

Ela tem um apartamento aqui na cidade e vai vendê-lo para comprar um lá no Rio, nem que seja uma quitinete. Ela só quer saber do Rio de Janeiro: diz que lá os clientes são finos, pagam melhor, que aqui há muita pobreza. Num dia desses, a Lulys arrumou dois clientes. Eles foram ao seu apartamento para fazerem um programa, junto com a Sol, que saiu do salão de cabeleireiros só para atendê-los, com apenas metade do *megahair* colocado na cabeça. Eu também já tinha atendido um cliente com tintura vermelha na cabeça; só tínhamos combinamos que a posição seria de quatro, senão a tinta escorria. Quando a Sol chegou, eles decidiram que não queriam mais nada. Eram uns *playboys* babacas: a gente detesta garoto "*playba*". Era muita falta de consideração, fazer toda aquela cena e depois desistir na hora H, como se as pessoas ali não tivessem mais nada a fazer. A Lulys começou o barraco, inspirada na Rocinha, mesmo.

A primeira coisa que fez foi trancar a porta e colocar a mão com a chave para fora da janela, dizendo: "Ou paga o programa, ou eu jogo a chave, e ninguém mais sai". Ela tem uma cara de quem faz mesmo; logo, ninguém ali ia duvidar. Ela mora no décimo andar, mas tinha mais umas cinco cópias da chave guardadas.

Ela já tinha tido de usar essa tática e, uma vez, quase matou um cliente do coração, porque jogou mesmo a chave pela janela, dizendo que, depois disso, só a polícia o tiraria dali. Os garotos ficaram apavorados. Acho que eles deviam alguma coisa à polícia. Nunca vi como a bandidagem adora roubar e ir comemorar com as garotas. Ela disse: "Vou chamar a polícia!" Foi para já que abriram a carteira forrada de dinheiro e disseram: "Não precisa, não, moça, está aqui, ó. Agora, deixa a gente sair". A Sol não tem boca para nada. Nunca a vi dizer alguma coisa a cliente.

Sopa vai e sopa vem, pedi só um suco. Ando sem fome. A Lulys pegou um cafezinho de graça, que ela adora, e a Sol, para variar, comia tudo o que via pela frente. Elas começaram a conversar: "E o Lasanha, Sol?" Eu não sabia o que havia acontecido com ele. "Está preso, junto com o Rudy. Pegaram-no

por tráfico, e não foi pouca coisa, não. Acho que fica uns quatro anos por lá. Os outros presos querem fazê-lo de mulherzinha, hoje. Vão colocá-lo para faxinar a cela, depois raspar-lhe as sobrancelhas, cortar seu cabelo, colocar-lhe uma sainha. Parece que já conseguiram até um cabo de vassoura, porque a primeira coisa que eles colocam é o cabo. Depois, vai um por um. Antes, vão dar uma surra nele. O esquema está armado. O Rudy me disse que ele está lá, chorando num canto." Fiquei revoltada: "Mas o que é isso, Sol?" "Louuuuuuuuca, eu também estou mal por isso, mas não há o que a gente possa fazer. Já falei para o Rudy que não quero que ele bata no Lasanha. Ele também é um idiota: enquanto estava aqui fora, traficando, tirava sarro dos presos, dizendo que eles eram trouxas, por terem sido pegos."

O Lasanha é bem mala, mesmo, mas acho que isso é castigo demais pelo seu orgulho dele. Às vezes, o instinto animal que há nos homens ultrapassa o limite do bom senso. Já deviam ser umas três e meia da manhã, acho que já tinham feito o rabo dele. Fiquei perplexa. Cheguei em casa e não consegui dormir. Tentei umas técnicas de relaxamento, e nada. Fui para a *net*. Estou viciada em computador e vivo *on-line*. Acho que é para fugir da minha realidade. Lá, tudo é tão divertido e tão mágico, e eu, geralmente, encontro príncipes. Depois, eles viram sapos, mas, no primeiro encontro, são sempre príncipes. Na minha realidade dos programas, sempre encontro sapos, de vez em quando disfarçados em príncipes. Agora, estou aqui, desabafando no meu diário.

Ontem, saí com um cliente que me conhecia do meu tempo como corretora de imóveis. Fiz o programa com ele e me senti muito mal. Não por ele, mas estou extremamente sensibilizada, devido aos últimos fatos. O Ad me deixou totalmente descrente no amor, e decepcionada com os seres humanos do sexo masculino. Terminei o serviço, e o cliente me abraçou. Incrível, ninguém faz isso, e, naquele momento, era o que eu queria, só que com a pessoa certa, é claro. Comecei a chorar, sem ele perceber. Sou ótima nisso. Há pouca luz no quarto. É só me encolher, e eles acham que estou cansada do orgasmo. Ele se levantou e foi tomar banho. Da cama, perguntei a ele qual era o problema

dos homens, porque eu nunca encontrava um que fosse legal para ficar comigo.

Ele me falou a coisa mais certa a se ouvir sobre os homens. Nunca uma resposta me foi dada com tanto bom senso: “Existem três tipos de homens, Marise: o homem animal, aquele que só pensa em sexo e em cuja concepção a mulher é um objeto de conquista e de inflação do ego; o homem espiritual, que está num estágio mais evoluído e, digamos assim, não precisa dessas questões mais carnais. E existe um meio-termo, que é aquele que tem valores, gosta de sexo e não trata as mulheres como objeto. Só que, no seu meio, dificilmente você vai encontrar esses homens. E é justamente esse o homem ideal, que as mulheres procuram”. Em tão poucas palavras, ele resumiu, de maneira simples e clara, uma resposta a minhas dúvidas sobre o caráter masculino e os meus conflitos internos.

Existe, sim, o homem que eu procuro, mas ele está justamente no lugar onde eu não estou. E eu estou justamente no lugar onde ele não está. Eu preciso mudar a minha vida.

Balneário Camboriú, 28 de dezembro de 2005.

Este início de verão está uma loucura, uma coisa impressionante. Nos dois últimos dias, dormi apenas duas horas. Ontem, acabei caindo de sono, com o cliente em cima de mim. Eu e a Sol fizemos uma seqüência direta de oito clientes, sem intervalo para comer e sem descanso. Como ela ainda está em estado pós-aborto, eu procuro transar, na maioria das vezes, e ela fica fazendo a parte da conversa ao pé do ouvido e falando mil pornografias. Começou agora a dizer que adora transar com dois homens, um por trás e outro pela frente. Às vezes, não tem como escapar, e ela é obrigada a transar com o cliente. Dói.

Eu havia escrito um *e-mail* ao Adams, nesta madrugada, contando sobre o meu livro. Tinha chegado em casa, por volta das quatro da manhã, e resolvi desabafar com ele de uma vez. Assim que terminei o diário, escrevi um *e-*

mail a ele. A minha angústia, naquela hora, era muito grande. Não quero mais esta vida para mim, e preciso encontrar uma saída. Eu me sinto mal em fazer programas, e tudo o que quero, neste momento, é parar de trabalhar. Está virando um martírio, e ando muito triste.

Anexei, na mensagem, uma cópia das 40 primeiras páginas do livro, para que ele lesse e me desse um parecer. Não contei a ele sobre a personagem Letícia, que era eu e que conversava com ele, nem sobre a Maninha Alexandra. Eu já não quero mais nenhum tipo de relacionamento com ele: depois da Letícia, passei a achá-lo um homem frívolo, mas gostaria que ele me ajudasse a editar meu livro. Ele é escritor e sabe como fazer isso. Aliás, ele é um escritor famoso, com vários livros já publicados, peças de teatro e letras de músicas. Tinha sido quase uma coincidência divina termos nos encontrado na *internet*. Eu não sei por onde começar. Acho muito tempo, esperá-lo vir até Santa Catarina, para, então, conversarmos sobre as possibilidades. Eu escrevo melhor de madrugada, porque há silêncio e meu cérebro está mais organizado. Enviei-lhe o *e-mail*. Deitei-me na cama quase morta, pois, na noite anterior, eu também havia conseguido dormir apenas duas horas, de tantos clientes.

O meu físico está cansado demais, e eu desliguei os celulares, para que nenhum curioso me acordasse, pedindo informações. Detesto atender, ao telefone, quem não virá fazer o programa e só quer ouvir a voz de uma mulher, imaginá-la e, depois, bater uma punheta, *à la* economia de pobre. A bem da verdade, o problema não é ser pobre, mas querer levar vantagem.

Às sete horas da manhã, o telefone da minha casa tocou. Eu já sabia que era a Sol, comunicando trabalho: "Levanta, PUTA! Tem esquema para a gente no Hotel Negrine, 150 cada". "Tô indo, VADIA!"

Fui me arrumar e demorei a chegar. Qual será a reação do Adams, ao ler a minha carta? Entrei no quarto, e eram três *playboys*. O primeiro me agarrou. Olhei para a cama do meio, e lá estava a Sol, de quatro. Sempre se fodendo, com o cliente mais fodedor. Puta que o pariu!!! Mas ela tem azar mesmo!! O cara dava cada cravada nela que eu fiquei com dó. Depois de me amassar, o primeiro abusado disse que eu era para o amigo dele e me apontou um

semimorto, que estava na terceira cama. Rindo, segurei o saco dele entre as minhas mãos e apertei bem forte. Disse: “Gostou da casquinha, engraçadinho?” Ele se contorceu de dor. Não tive pena, porque não gosto de espertinhos, e ele não esperava por isso.

O semimorto tinha bebido todas, e eles tinham acabado de chegar de uma festa. Fui satirizando e falando, entre piadas e risadinhas: “Tá vendo aquele teu amigo, ali, ó? Nada de fazer daquele jeito comigo, que eu não gosto”. A Sol gritava, xingava, dizia: “Goza, caralho, aiiiiiiiii, goza, vagabundo, você está me arregaçando!”

Juro que não entendo o que acontece. Eu sempre fico com o que fode menos, e a Sol, com o que acaba com ela. SEMPRE!!! Às vezes, eu olho para a cara do cliente, acho que ele vai matar a Sol, troco de lugar com ela, para ver se lhe dou um descanso, e acaba acontecendo o contrário. Uma vez, havia dois clientes, no Hotel Marinheiros. Eu e a Sol já tínhamos atendido uns quatro programas naquele dia, e ela tinha feito uma seqüência bem violenta. Quando entramos no quarto, havia um cliente enorme, com quase dois metros de altura, mas enorme mesmo, e um outro, bem menor. A Sol tinha dirigido até lá reclamando de dor, por causa dos clientes. O menor veio e me abraçou. Desvencilhei-me dele e fui em direção ao maior. Não acreditei: a Sol deve ser amaldiçoada. O grandão nem conseguia ter ereção, e o pau dele era minúsculo; aliás, tão minúsculo que, até ereto, não tinha como penetrar. O menor era um jegue, de tão grande, e ficou meia hora em cima dela. É maldição, não tem explicação...

O meu cliente ainda estava bêbado. Então, comecei a enrolar com preliminares, porque, se fosse para penetração direta, eu teria de suar muito em cima dele. Cliente bêbado demora a gozar, ainda mais se for por bebida destilada. É um sufoco! Com preliminares, o tempo vai correndo e, quando eu resolver ir embora, ele não fica com a impressão de que não fiz quase nada. Como de costume, pedi o pagamento adiantado. Assim, se ele não gozasse, eu não ficaria ouvindo aquela choradeira para pagar menos.

Enrolei, enrolei, enrolei. Língua aqui, ali, coloquei a camisinha. Veio a reclamação de que “não precisa”, mas eu não abro mão. Incrível, o cara

gozou rápido! Nem ele acreditou. São as preliminares. Elas é que me salvam. Já falei para a Sol: "*Girl*! Dá uma enrolada. Tu chega, coloca a camisinha e sai metendo. Assim não vai dar, tu vai te acabar mais rápido!" "Ai, louuuuuuca, não tenho paciêêêência, mulher. Prefiro foder logo e cair fora!"

Tomamos café no Hotel mesmo, e, assim que saímos, o telefone tocou. Era um cliente, indo para a casa da Sol. Para variar, o apartamento dela estava uma zona. Mas uma zona mesmo. É sempre assim. Olhei para o chão, e ainda havia umas duas camisinhas do dia anterior. Uma delas estava aberta no chão, sem amarrar. Cascas de banana, sobre a pia, chamavam umas formigas (lembrei-me das minhas amigas, e de colocar mais comida no ralo), e tinha uma vela de sete dias, vermelha, azul e branca, acesa. Perguntei para quem era a vela, dessa vez. "Pras Pombajiras, né, louca, e para o Rudy também."

Perguntei-lhe como ele estava. "Tá lá, só pedindo perdão e dizendo que agora vai mudar, que não vai mais traficar, que vai cuidar de mim, assim que sair, e só trabalhar na mecânica." Ele está no que os presos mesmo dizem: no inferno. O Cadeião de Balneário Camboriú é lotado, faz um calor infernal, e ainda falta água!

Neste Natal, teve festa no presídio. Um dos presos é um poderoso do pó lá dentro, e comanda o tráfico aqui fora. Ele bancou a festa. Apareceram duas formas de alumínio, do tamanho de pizzas grandes, forradas de pó, e cada preso teve direito a um cigarro de maconha. Quem quisesse, podia cheirar. O Rudy telefonou para a Sol do telefone clonado, contando a novidade. Rola muita droga dentro do presídio, não só como fonte de renda, mas porque é a única coisa que se tem para fazer lá. O maior erro do governo é deixar os presos ociosos nos presídios. Eles deveriam aprender uma profissão, lá dentro, para, na hora em que saíssem, terem como se manter. Penso em mim e nas bandejas que eu levava do supermercado. Por mais que eu soubesse que era errado roubar, a minha necessidade falava mais alto.

Fiquei a pensar que o tráfico era bastante tentador. O lucro com ele é muito atrativo. Não era o caso do Rudy, que havia sido pego com poucos gramas, mas uma viagem de dez quilos dava um retorno financeiro de 60 mil reais.

Era só trazer do fornecedor e entregar ao traficante. Bem, 60 mil reais são alguns meses de trabalho meu, e eu até daria um jeitinho de fazer bem feito.

Mas a minha consciência não me permite isso, porque há vidas em jogo. Na prostituição, quem corre o risco de pegar uma doença e morrer sou eu, e não terceiros. Mas sou a responsável; logo, é justo que sofra as conseqüências, no caso de o pior acontecer. Com os usuários de drogas, é diferente. *Overdose* mata, cocaína misturada em dosagem alta mata, traficante que não recebe de usuário o mata. Aproveitar-se da fraqueza do vício é crueldade, porque os viciados não controlam mais as suas vidas, é a droga que os controla. Não. O dinheiro era bom, mas eu não participaria disso.

O Rudy ouviu falar do namorado da Rafaela. Dizem que é um dos presos mais respeitados do estado e que muitos têm medo dele, por causa da sua coragem. Ele está em outro presídio, agora. Antes de se separar de nós, a Rafaela já tinha contado que ele havia sido transferido para uma prisão onde ensinavam o ofício de sapateiro, e que, depois que saísse de lá, ele se aposentaria de vez do tráfico, porque anos tinham se passado, e ele só tinha conseguido histórias para contar entre presos e fama de bandido dos bons. O tráfico não dera a ele um futuro melhor, para poder ficar com a Rafa. Ela diz que ele quer mudar isso agora e está se esforçando, dentro do novo ofício. Uma vez, li algumas cartas que ele havia escrito à Rafa, de dentro do presídio. Fiquei impressionada com a capacidade de ele se expressar e pensei que, se ele tivesse direcionado todo aquele talento para uma outra profissão, teria sido um "grande homem" segundo o conceito da sociedade, e não um marginal. Ele escrevia coisas lindas, e com uma visão diferente. O mais notável é que tem pouco estudo. Torço para que dê certo.

Fui ao banheiro, e não tinha papel higiênico. Resolvi tomar banho, antes que o cliente chegasse. Não tinha toalha limpa. Resolvi só passar um desodorante, então, e eis que abro a farmacinha do banheiro e nem dá para colocar a mão lá, de tanto bolor.

"Sol, não acredito! Tá um horror, esta "quiti"!" Ela me ofereceu um iogurte, e, satirizando, mas falando a verdade, eu disse que ia olhar a data de

validade. “Ah, é, até parece que eu ia ter comida podre em casa.” Olhei o lacre e vi que já tinha vencido há dez dias. Nem ela acreditou! Abri a geladeira para pegar água, e o que vi foi um feijão branco que tinha virado metade verde. Existem roupas do avesso em todos os cantos da casa. Às vezes, nem tenho onde me sentar. Vi uma barata andando sobre a geladeira. Havia várias pela casa, mas acho que elas estavam dormindo. A Sol foi pegar água para ela: enchia o copo com uma mão e tirava o chinelo do pé com a outra, matando a barata que caminhava, agora, em cima da pia. Depois, jogou-a, amassada, no chão e a chutou para um canto da “quiti”. Olhou para mim e disse: “Depois contrato a Neide, para fazer um faxinão aqui”.

A Neide é uma diarista evangélica e, toda vez que está limpando a casa da Sol e chega um cliente, nós a trancamos no banheiro. A gente, trepando na cama, e ela, rezando no vaso. O que a necessidade não faz? Ela precisa bastante do trabalho e se sujeita a isso. Tínhamos um trato: a Sol era a responsável pela manutenção da “quiti”, e eu, por atender os telefonemas dos nossos anúncios.

O apartamento está sempre bem fechado. Quando o cliente chega, tenho a impressão de estar dentro de um filme chamado *Marginais do Litoral*. Ela deixa tudo na penumbra, abre a porta e apenas coloca metade do rosto para espiar o cliente. Depois, abre, num relance, e o manda entrar rapidamente, praticamente num sussurro, o que dá à cena um ar de suspense policial. Vistoria o corredor e, então, fecha a porta.

Nosso cliente chegou. Ela fez a mesma cena de abertura da porta, e ele entrou, tentando enxergar alguma coisa na escuridão. Ficou parado, olhando as velas. Não sei se ele tinha mais medo de continuar no apartamento ou de sair. Fungou com o nariz, pois, ao abrirmos a geladeira, o feijão da Sol tinha perfumado a “quiti”. Eu fui disfarçando e dizendo: “Olha, coloca as tuas coisas aqui, ó”. Arrastei todas as coisas de cima do *rack* para um canto. Atirei-me na cama, convicta de que a imundície da “quiti” não tinha mesmo solução. Senti uma toalha molhada, ainda embaixo do lençol. Às vezes, eu odeio a Sol.

Naquela confusão toda de camisinhas e toalhas, a gente fez o programa com o cliente, o básico de sempre. Pedi o pagamento antecipado, para evitar complicações depois. Eu, enrolando em cima dele, e a Sol indo direto ao assunto: “Tira teu pau para fora. Deixa eu chupá-lo”. Ela diz isso como quem diz ao açougueiro: “Me dá aí um quilo de carne moída”. O mais engraçado é que a Sol, agora, faz o programa semivestida. Arranquei logo toda a minha roupa e já fui para o ouvido do cliente, falar as minhas besteiras de praxe. “Gosta de estar em cima da cama com duas vadias? Sabia que a gente se chupa todas as noites? Ela liga para mim e me faz vir aqui, para comê-la com o meu pau de borracha. Ela se goza toda, só de eu mamar nos peitinhos dela. E tem mais: ela adora dar o rabinho para mim.” Nessas horas, quem me odeia é a Sol, porque os clientes acabam querendo enfiar o dedo nela. Ela solta cada grito! Mas tudo é válido, pela erotização: “Vamos acelerar o processo de ejaculação do bofe!” Ela tirou a saia e ficou de calcinha e blusa, com sutiã por baixo. O cara reclamou de ela usar tanta roupa. Ela puxou um só dos peitos pelo decote da blusa. Enquanto eu falava muita putaria, ela se sentou nele, com tudo. Não demorou três minutos, o cliente estava pronto. E é nesse exato momento que a gente termina o teatro. Instantaneamente e sem cerimônia, como se, de uma hora para outra, nosso tesão infinito desaparecesse.

Quando o cara goza, nós nos afastamos dele. A Sol já põe a mão na saia e começa a vesti-la. Para variar, eu me deito de barriga para cima, nos pés da cama, com a cabeça apoiada na parede e os braços abertos: pareço uma crucificada. O cliente tirou a camisinha e entregou-a para a Sol. Ela a jogou no chão. Sol, eu te odeio!

Ainda estava no canto da cama, e o Motel Via Veneza me ligou. Tinha um cliente esperando, e eles haviam fechado em 200 reais, para eu ir até lá e atendê-lo. Pediram 40 reais de comissão. Falei que já estava indo. Eu parecia um bagaço, de tão cansada. Fui dirigindo e, toda vez que parava na sinaleira, arrumava alguma coisa. Tirei o aplique do cabelo e o montei de novo. Saco! Pintei os olhos, coloquei batom e o perfume de emergência, que tenho no porta-luvas. Troquei de sapato. O cara era supertranqüilo. A esposa

estava grávida de sete meses, e a transa não durou dez minutos. Como eu tinha demorado a chegar ao Motel, por causa do engarrafamento, ele teve de sair correndo. Adoro quando eles saem correndo.

Mas eu acabei tendo de voar para o Motel Eros, pois tinha chegado lá um cliente meu de há tempos. Ele faz uma coisa que eu detesto: fica o tempo todo tentando enfiar a língua dentro da minha boca. Já deixei bem claro que não gosto de língua e nem de beijo. Nada de me beijarem.

Eu estava morrendo de fome, mas morrendo! Fui em casa, comi umas batatinhas que a Mari fez e tomei uma cápsula de vitamina. Só assim, para o físico agüentar. O Adams me mandara um *e-mail*, agradecendo por eu ter aberto o meu coração para ele. Falou que leria o meu livro e, depois, daria o seu parecer. Li o *e-mail* e fiquei muito feliz. Nisso, ligou a Sol: "Puta, vem rápido, que tem dois bofes aqui para a gente". Nesse ritmo, eu não consigo parar para comer.

Ao abrir a porta da quitinete, um dos clientes estava sentado na cadeira do computador e o outro, sobre a cama. Cumprimentei a Sol e dei um beijo no rosto do primeiro menino. Ele não tirava os olhos da vela. Fui até o segundo e, quando estava chegando à cama, escorreguei na porra de um dos clientes anteriores. Ela tinha deixado a camisinha usada e cheia no chão. Eu odeio você, Sol. Nessas horas, eu odeio você! A camisinha ficou presa entre os dedos do meu pé. Fui ao banheiro e encontrei aquela toalha de banho, a única da casa toda, no chão, imunda! Pronto, não tinha com o que secar o pé, e nem papel tem! Como é que a Sol seca a perereca dela? Lavei o pé e o fiquei sacudindo, esperando que secasse.

Pulamos na cama, os quatro. Eles eram novinhos: tinham uns 20 aninhos, por aí. O programa não demorou, e eles não incomodaram. Atendemos o telefone o tempo todo, e eles nem reclamaram. Um cliente ligava para o celular da Marise; eu atendia e falava que o programa custava 120 reais. Depois, via que o mesmo cliente ligava para o celular da Mari. A Sol o atendia, ou, então, eu mudava a voz e dizia que o programa custava 80 reais. Os meninos riam. Um deles falou: "Aí, cara, quando a gente ligar, vamos nas

baratinhas, que elas são as mesmas que as caras". Pagaram 150 reais por nós duas.

De lá, fomos para o Motel Renoir. Eu cheguei antes que a Sol: ela tinha um cliente para atender antes, no Motel Eros, e o nosso trato era de que eu fosse na frente, para ficar enrolando os clientes, enquanto ela terminava o serviço no outro motel.

Cheguei ao quarto e não gostei do que vi. Meu sexto sentido estava me alertando contra aqueles dois. O tempo passou, e eu desenvolvi um *feeling* para coisas que não "fecham" muito bem. Eu não sabia o que era, mas tinha algo de ruim ali.

Cumprimentei os clientes, que eram pessoas bem simples. Mas não era esse o problema, havia mais alguma coisa. Eles tinham vindo sem carro. Como o Motel fica no topo de um morro, eles dificilmente teriam vindo a pé. Vieram de táxi, mas tinham uma aparência tão simplória, de quem não gasta com táxi... Além disso, de onde eles teriam tirado o dinheiro para nos pagar? Perguntei no que trabalhavam. Nenhum dos dois respondeu. Acho que tinham saído do Cadeião. Geralmente, quando eles saem do presídio, a primeira coisa que fazem é procurar uma garota de programa, e vão atrás daquela que ficaram meses, ou anos, namorando no anúncio de jornal. Na cadeia, o Jornal da Hora é gratuito. Mas tinha mais alguma coisa. Hummmmmm... Teriam eles feito alguma coisa e se refugiado no Motel? Podia ser.

Como não responderam, achei melhor não perguntar mais. Tirei a roupa e me deitei na cama. O magrinho, de uns 45 anos, começou a mexer no meu pé. Fazia um carinho tão bom. Conversávamos, e ele começou a me dizer que gostava de sair com travestis. Levantei a cabeça e me apoiei no cotovelo. Fiquei curiosa para ouvir a história, porque ele falava de maneira muito natural. Puxou um dos meus dedos do pé, tentando estralá-lo e deslocá-lo. Gemi. Ele gostou do meu gemido e tentou novamente. Falei que não, que tinha me machucado. Ele deu um sorriso de prazer, mostrando os dentes bem estragados, pela metade e fininhos. Segurou o meu pé com força e puxou meu dedo. Tirei o pé, reclamando e ficando brava, e ele tentou pegá-lo novamente. Percebi que ele tinha prazer na dor alheia.

O amigo dele se aproximou bem do meu rosto e me perguntou, com um sorriso irônico: “Doeu? Diz para mim se doeu”. Eu vi a maldade no seu olhar. Sim, eles eram ladrões, sim, mas daqueles que torturam as vítimas. Resolvi tomar banho e comecei a conversar com eles de maneira frívola, mas ininterrupta. Só queria que a Sol chegasse. O telefone do quarto tocou. Aliviada, eu atendi, achando que era a recepcionista, avisando da chegada da minha amiga. A Xuxa falou: “Marise, tem mais um cliente lá no 5, que acabou de chegar e pediu tu mais a Sol”.

Para esses casos, tem de haver uma desculpa, não dá para deixar o cliente esperando por muito tempo. “Xuxa, o negócio é o seguinte: assim que a Sol chegar, você interfona no quarto 5 e avisa para o cara que a gente já chegou e que tomamos chuva. Por isso, vamos secar os cabelos e já já entramos no quarto.” A Xuxa é ótima, ela sempre nos ajuda. Atende o telefone do Motel de uma maneira bem engraçada: “Motel Renoir, às suas ordens”, com sotaque alemão interiorano, puxando a letra r e com a voz bem esganiçada. Das primeiras vezes, eu tirava o fone de perto do ouvido. Hoje, nem ligo mais, já me acostumei. Adoro a Xuxa.

Não demorou muito, e a Sol chegou. Abriu a porta e já veio dizendo: “Rápido, *chica*, rápido, que tem dois lá na frente de casa, esperando a gente”. Começamos o trabalho. Eu fiquei com o meu sádico, e ela, com o outro, que parecia nordestino e tinha uns 35 anos. Cobramos o serviço adiantado e o fizemos bem meia-boca. Para falar a verdade, o meu nem gozou: o pau estava mole, de tanta cerveja.

Ele vinha tentar morder o meu peito, e eu tirava fora. Falei, bem séria e olhando firme nos olhos dele: “Se você tentar novamente, nós paramos tudo por aqui”. Ele broxou totalmente. O que antes era meia-boca foi a zero. Geralmente, esse tipo de pessoa sente prazer no sofrimento e no medo da vítima. Por isso é que, em caso de estupro, não se deve gritar, porque o pânico da outra pessoa excita ainda ainda mais o estuprador. Ele não quis mais sexo. Para variar, o da Sol fodeu todas.

Nós nos despedimos um pouco de longe e, assim que saímos do quarto, ela me disse: “Esses dois aí são bandidos e são malvados. Tu viu a frieza na

alma neles?" Eles tinham a maldade no olhar e tinham vindo de bem longe. Acho mesmo que queriam tirar proveito de alguma situação, em Balneário Camboriú. O cliente do quarto 5 foi atendido às pressas, por causa dos dois outros que estavam em frente à casa da Sol, esperando há um tempão, já. Ela os enrolava: "Tô chegando, querido, tô chegando". Ainda bem que cobramos adiantado. Esse foi mal atendido mesmo, mas não tínhamos o que fazer. Realmente, durante a temporada, quase sempre a quantidade é melhor do que a qualidade.

Na casa da Sol, senti o cansaço tomar conta de mim. Fomos indo assim a tarde toda, atendendo um e outro, até completar oito clientes juntas. Ela ainda fez mais do que eu, atendeu dois sozinha. Fiquei na casa dela, enquanto ela voltava ao motel, porque um outro cliente tinha chegado. Arrisquei abrir a geladeira e ver se encontrava alguma coisa que estivesse dentro do prazo de validade. Nada. Cansaço extremo. Chego cada vez mais à conclusão de que o nosso não é um dinheiro fácil, é um dinheiro rápido.

Deitei-me sem banho. Às vezes, a seqüência é tão intensa, e num espaço de tempo tão curto e desgastante, que eu vou atendendo um cliente atrás do outro, sem tomar banho, senão, perco tempo, e isso atrapalha o andamento do trabalho. Atirei-me na cama. Aqueles lençóis devem estar ali há mais de uma semana. Todo mundo que se deita ali sua, porque o apartamento não tem ventilação alguma, as janelas ficam fechadas. Estamos no auge do verão, o calor castiga, e não há ventilador de teto. Fiquei pensando no Ad. Ora ele me parece tão perigoso, ora, tão encantador. Fiquei com vontade de transar com ele. Vários clientes hoje, e nenhum orgasmo. Eu tenho minhas vontades também. Às vezes, tenho vontade de transar, mas de uma maneira diferente da que faço com meus clientes, com intimidade e com calma. É tudo corrido. Transar, para mim, é questão de tempo. E vivo a olhar para o relógio.

Fechei os olhos, para descansar. Eu precisava dormir. A Sol chegou, com um cachorro-quente para dividir entre nós. Sentei-me à beira da cama. Eu estava fraca, só de saia e sem a blusa. Tinha perdido minha calcinha no motel, na correria entre um quarto e outro. Mas eles a guardam para mim.

Estão acostumados a encontrar pelos quartos as minhas calcinhas e meus tubos de gel.

Dividimos o cachorro, e eu peguei a parte menor. Ela me perguntou por que, já que eu estava mais fraca e, das duas, era a que não tinha comido nada o dia todo. Esses são pensamentos de pessoas que se gostam: quando alguém gosta da gente, procura deixar o melhor para nós. Eu amo a Sol! Nessas horas, eu amo a Sol! Os últimos clientes do dia chegaram, e eu estava lá, sentada, comendo um pedaço de cachorro-quente e caindo pelas tabelas. Eles entraram e disseram: "Fiquem à vontade, a gente espera vocês comerem... Esses teus peitos aí são de verdade, ruiva? É teu, tudo isso?" Falei que, depois que tinha pagado a última parcela, sim.

Eles eram menores, tinham 16 e 17 anos. O mais gordinho era virgem. A Sol sentou-se no colo dele, porque tudo indicava que ele gozaria mais rápido. Sempre foi mais fácil atender virgens.

Nada, a maldição dela é forte mesmo. O gordinho quase a matou. Eu fiquei estendida, sem roupa. O cansaço me pegou mesmo. Éramos os quatro em cima dos lençóis encardidos da Sol, um ao lado do outro. A minha amiga vive falando que se sente Dona Flor com seus dois maridos, porque fica com o Marcos, vai até o Cadeião, para ficar com o Rudy, e, depois que volta, liga para o Marcos novamente. Ela tira dinheiro do Marcos, mas ama o Rudy. Ontem, estava chorando, porque o pau amado dela estava engaiolado e ficaria assim por uns dois anos.

O meu cliente começou a fazer um oral em mim e eu dormi mesmo, apaguei. Ele veio por cima de mim, e eu pedi para virar de bruços; assim, poderia ficar de olhos fechados. Não me lembro de mais nada. Quando acordei, estava deitada, nua, com frio e tinha ido parar nos pés da cama. A Sol também estava deitada, sem roupa e em diagonal. Era madrugada. Apanhei o cobertor que estava no chão. Agora, todos os meus dias, até o final do verão, seriam assim: uma seqüência infindável de sexo, superficialismo, cansaço físico e automação.

Eu me lembro dos outros verões, sempre uma sucessão de programas. Eu rezava para a estação chegar logo e eu poder engordar minha conta no banco,

mas rezava mais ainda para ela acabar. O cansaço era tanto que nem revistei o cobertor, para ver se tinha alguma camisinha usada nele. Sentia o excesso de gel lubrificante escorrer pelas minhas pernas, e nem tinha como tomar banho ou me lavar. Sem condições físicas, sem toalha e sem papel. Dormi assim. Sol, eu odeio você nessas horas!

Balneário Camboriú, 29 de dezembro de 2005.

Recebi resposta do Ad. Estou tão feliz!!! Ele entrou no MSN, havia lido o meu material. Disse que não sabia que eu era garota de programa, mas que, agora, gostava mais de mim. Também falou: "Você tem talento. Este livro é um grande sucesso. Só umas pinceladas, e pode ser editado". Respondi que havia mandado apenas umas 40 páginas, mas que o livro inteiro tinha umas 400, e muitas, mas muitas coisas tinham acontecido na minha vida.

Ele queria ver todo o material: "Manda, que eu preciso ver tudo isso. Você escreve de maneira engraçada. Há momentos tristes, mas tem coisas muito boas aqui. Quer saber o que eu acho? Que este teu livro é um sucesso garantido! Mande-o para mim agora, mesmo que seja sem dar os retoques. Quero ver a essência dele". Eu disse que não. Ele insistiu, e eu falei que precisaria de pelo menos cinco dias, para finalizar umas últimas idéias. Ele respondeu que me ajudaria a editá-lo e que me cobraria dois beijos na bochecha por isso.

Perguntou-me sobre nós dois, se faríamos amor enquanto ele me ajudava a acabar o livro. Eu perguntei a ele se, no dia em que lhe haviam proposto alguma ajuda, tinham pedido seu rabo em troca. Ele disse que não.

Deixei claro que havia pensado sobre nós e que um relacionamento não era mais meu objetivo. Preferi ser honesta: sentimentos são sentimentos, e eu estava tentando lidar com o Ad dentro da minha vida normal, e não no meu trabalho. Ele me perguntou por que nosso relacionamento não era mais meu objetivo, e eu disse que era porque ele não era um cara muito correto com as mulheres.

Ele, então, insistiu em saber por que eu havia chegado a essa conclusão. Eu disse que não queria falar sobre o assunto, mas ele retrucou, alegando ser importante para ele aprender comigo. Então, contei que havia gostado bastante dele no início e que, por estranhar algumas atitudes suas, como continuar freqüentando o *site* de namoros, havia colocado lá uma personagem falsa, para que conversassem e eu pudesse saber o tipo de homem que ele era. Depois que descobri, perdi o encanto. "Eu era a Letícia, Ad, e a Maninha Alexandra também." Vi que ele era um homem de mil mulheres, e que não era o que eu estava procurando.

Desabafei que havia ido até a *internet* para realmente encontrar alguém, que não era feliz no mundo em que vivo e que não deixava de ser uma fuga estar lá, porque, naquele mundo virtual, mas mais real que o outro para mim, não existiam clientes nem programas. "Ad, eu estou farta disso tudo." O *e-mail* que eu havia escrito a ele na madrugada, contando tudo, num momento de aflição, não deixava de ser um pedido de socorro.

Ele me propôs que saíssemos para jantar quando ele viesse a Florianópolis, mas deixei claro que não tinha mais intenções de ter um relacionamento com ele. Então, ele me perguntou por que é que eu não o tentava conquistar? "Porque você não quer ser conquistado, Ad... Você quer todas as mulheres, QUER TER TODAS, e isso não é compatível comigo. Eu não procuro ter todos, eu tenho vários. Não quero transar com cinco mil clientes diferentes, quero transar cinco mil vezes com a mesma pessoa, o cara certo. Só isso..."

Disse a ele que, quando se quer comer todos os chocolates de uma única vez, os gostos se misturam, e não se consegue sentir o sabor de cada um. Tudo passa muito rapidamente pela boca, num tempo insuficiente para se saborear verdadeiramente alguma coisa. Mas que, se ele experimentasse um de cada vez e descobrisse o bom de cada um daqueles pedacinhos, seria mais prazeroso e, na hora em que comesse o chocolate certo, não enjoaria nunca mais...

Deixei claro que não gostava dos jogos de ilusão que ele fazia com as mulheres. "Mas isso torna a vida mais saborosa, Vanessa. Você não tem

sonhos?" Disse a ele que tinha sonhos, sim; que sonhava alto, que pensava em fazer grandes conquistas, mas que todos esses sonhos estavam amparados na constância dos meus projetos, e não em ilusões momentâneas.

Então, ele me propôs que nos tornássemos amantes, pois ele também estava farto dessa caça pela *internet* e de comer toda a mulherada. Dizia querer uma mulher só, que o satisfizesse na cama. Disse a ele que eu tinha uma convicção forte, a de que ele era casado. Ele respondeu que era.

Eu aceitei sua proposta mesmo assim. Ele disse que me ajudaria, para que as coisas não fossem mais financeiramente tão pesadas para mim. Eu concordei. "Vanessa, eu gosto muito de você, sem jogos." Concordamos em não jogar mais um com o outro, e que falaríamos a verdade. Ele me ajudaria com o livro e me educaria na leitura, porque falou que eu escrevia bem, mas, se tivesse melhor conhecimento, seria ótimo. Recomendou-me Bukowski: "foi um escritor que morreu perto dos 70 anos e viveu os últimos 30 anos da sua vida casado com uma gata louca, bêbada e puta, 20 anos mais jovem do que ele". Meu Deus, como ele gosta dessas coisas!!!

O Ad confessou que tinha sido o maior "putanheiro" dos anos 80, e que um de seus livros tinha cunho erótico e tema centrado na prostituição. É, ele gosta dessas coisas de verdade. Fiquei a pensar que eu não precisava fazer nenhuma força para o Ad gostar de mim, só precisava ser quem eu era. Além do mais, era alguém com quem eu poderia ser bem aberta. Afinal, ele teria o meu diário inteiro em suas mãos. Nada de jogos e poder ser aberta com alguém é tudo o que eu quero...

Hoje, sou a mulher mais feliz do mundo, e viveria esse dia dos meus 30 anos pelo resto da minha vida. Se tudo der certo, vou parar de fazer programas e terei encontrado alguém sem preconceitos contra o meu passado!

Balneário Camboriú, 30 de dezembro de 2005.

Estou em estado de choque, nem sei o que pensar. Nas últimas 24 horas, eu era a mulher mais feliz do Planeta. Tudo parecia dar certo e, agora, estou nervosa, confusa, sentindo-me enganada, usada, desprezada. Há um turbilhão dentro de mim, e não consigo expressá-lo. Tentei chorar, mas não consigo. Não sei mais fazer isso. Fui tomar um banho: quem sabe eu conseguisse chorar? Nada! Tranquei-me no quarto. Está calor, mas, mesmo assim, cobri-me inteira, me encolhi e fiquei ali, tentando colocar meus pensamentos em ordem.

O Ad entrou na *internet*, logo após o meio-dia, como de costume, e começamos a conversar. Eu estava com os meus dois MSN abertos, o da Letícia e o da Alexandra, mas é que, desde o dia de ontem, eu não os havia desligado. Meu micro vira ligado direto, de tanto que o uso, para navegar *on-line* e escrever o livro. Conversávamos pelo MSN da Letícia.

Veio falar comigo e ficou a me indagar sobre o restante do livro e a dizer que eu o mandasse para ele do jeito que estivesse. Disse que não, que eu queria melhorá-lo, e depois mandava. Nesse dia, eu terminaria uns ajustes no capítulo "Vitória" e, depois, eu lhe enviaria o arquivo, para que ele dissesse o que achava.

Eu estava animada, por dois motivos. Primeiro, por ele: estava gostando do Adams. Depois, por causa do livro. Ele parecia ter tudo a ver comigo. A hipótese de o livro ser editado também me deixava muito feliz; ela significava, para mim, uma porta aberta para a saída dos programas. Eu preciso encontrar alguma coisa rentável para fazer, porque não quero perder o apartamento que tanto suor me custou e que ainda estou pagando, mediante uma alta prestação.

Ficamos a conversar, e ele, então, perguntou sobre o Fausto. Quem era ele? Eu havia mandado para o Adams apenas o capítulo "Kity House", e lá não havia muitas explicações sobre as perversidades do Fausto, coisas que me haviam deixado muito chocada e às quais, realmente, eu não havia dado ênfase no livro. Minha intuição me disse para não lhe contar ainda sobre o Fausto. Eu falei que era muita coisa, e que depois conversaria com ele sobre isso.

Ele disse que “Kity House” era um capítulo legal e que até tinha achado que ele era o livro inteiro. Ficou a me pressionar, dizendo: “Fala, conta agora, como foi o teu relacionamento com o Fausto? Quais eram as perversões que você não quis relatar, o que aconteceu?” “Depois, Ad, quando eu tiver mais tempo.” “Não, é agora!” Ele queria saber, e ponto final.

A insistência dele me fez jogar na tela algumas vagas explicações, mas as partes que relatei eram as mais fortes. Eu não tinha tempo para falar com ele, porque precisava sair: tinha um cliente indo para a casa da Sol.

Contei, resumidamente, que ele era ninfomaníaco, e sobre as fotos e fitas, a delegacia, os barbitúricos, a briga e o dinheiro de “indenização”. Coisas interessantíssimas, que dariam, só elas, um livro, mas que, por questões pessoais, eu não queria expor. O Adams ficou sabendo de muitas coisas sobre o Fausto, muitas das quais ele não ficaria sabendo pela via normal dos fatos. Uma delas foi que, para voltar ao apartamento e pegar dele as minhas fotos nua e três fitas pornôs que havíamos gravado juntos, eu tive de dopá-lo.

Não tinha pensado duas vezes: estava fazendo estágio no hospital e conhecia a dosagem certa de pré-anestésico e como administrá-lo. Ao anestesiar um paciente, preparei duas doses: uma, eu dei a ele, e a outra, coloquei no bolso do uniforme. Eu tinha a medicação em casa e esperava só pelo momento de usá-la.

Eu tinha pedido ao Fausto minhas fotos e as fitas, e ele havia negado veementemente. Eu desconfiava que ele lançava o material na *internet*, porque vivia no mundo virtual. Por isso, tentei descobrir sua senha de *e-mail* e saber o que tanto ele fazia por lá, já que eu sabia que era um viciado em sexo.

Eu me pus a tentar todas as possibilidades. Coloquei seu endereço na tela e fui ao item que dizia “dica da senha”. Lá, ele havia colocado, como referência para não esquecer a *password*, “nome do ator predileto”. Eu sabia que ele admirava Alain Delon e, portanto, a senha devia estar relacionada a ele. Tentei todas as formas, todas as possibilidades: de trás para frente, minúscula, maiúscula, abreviada, nome dos principais filmes do Alain Delon. Fiquei quatro dias tentando. Numa das tentativas, consegui o acessei

e morri com ele pela última vez. Eu estava certa: além de tudo, ele usava as mulheres como objeto sexual também na *internet*. Lá, descobri coisas mais pesadas também. Mas isso é melhor deixar enterrado no cemitério das minhas memórias.

Eu só pensava que tinha de tirar dele tudo o que havia de material sexual meu, coisas que namorados fazem um com o outro e que, na hora, pensam que é apenas uma diversão de namorados se descobrindo. Eu tinha de dar um jeitinho, e só contava comigo.

Então, numa noite, ele veio tentar me convencer a sair com ele. Eu tinha tudo entalado na minha garganta, mas lhe abri a porta da minha casa e contive toda a minha vontade de matá-lo. Disse que, se íamos conversar, que tomássemos um café juntos. Ele aceitou. Misturei, num Nescau forte e doce, a medicação preparada. Esperei que ele a tomasse e o levei para o quarto. Disse que tinha vontade de transar com ele. Tirei a minha roupa e me deitei ao seu lado. Tudo perfeitamente pensado, para que, quando ele apagasse, estivesse em um local onde não se machucasse, e apenas pensasse que tivesse sentido um sono repentino e profundo. Ele me beijou na boca. Senti uma repulsa violenta.

Em dez minutos, ele não existia mais. Eram oito horas da noite, e eu teria até as quatro da manhã para entrar em seu edifício, abrir o apartamento, achar o novo esconderijo das fotos e fitas, tirá-las de lá, não deixar vestígios e voltar para o lugar de onde tinha saído. Se ele descobrisse, que fosse muito depois, quando não tivesse mais nenhum contato comigo, e que jamais pensasse que havia sido eu, uma vez que nunca mais tinha ido lá.

Peguei as chaves do imóvel no bolso da sua calça e, nisso, descobri as chaves de um carro diferente. Esse, eu vim a saber, depois, que ele usava para despistar e parecer outra pessoa. Um tipo de carro para cada tipo de mulher. Lembrei-me de que, no início do nosso relacionamento, ele aparecia com três carros diferentes, e eu achava que ele gostava de trocar. Odiei-o.

Fui até sua casa com o carro dele que eu conhecia e que ele havia estacionado no pátio do meu edifício. Ele usava Insulfilme muito escuro nos vidros, e o vigia do prédio não viu quem estava lá dentro, pensou que fosse

ele. Abri a casa e procurei por tudo. Encontrei. Agora, não estavam mais tão escondidas. Eram várias fitas. Não quis saber, não perderia o meu tempo assistindo-as, para saber quais eram as minhas, e quais as das outras garotas. Levei todas comigo e as destruí no caminho, colocando os pedaços num latão de lixo. Deu o maior trabalho. As minhas fotos, recolhi e piquei, jogando-as no latão de lixo também. As das outras meninas, deixei. Ele daria pela falta delas, porque as usava com freqüência. Olhei para a cama e pensei em quantas noites eu havia dormido ali com ele, e quantas mais haviam feito a mesma coisa que eu.

O mundo das ilusões não me serve. Achei, durante muito tempo, que era amada pelo Fausto. Guardei tudo, fechei a casa, saí de novo com seu carro, me desfiz do material pornográfico, voltei ao meu prédio, estacionei no mesmo lugar, subi as escadas e me deitei. Ele respirava calmamente, num sono inocente. Ainda demorou muito a acordar, e eu não conseguia pregar o olho. Pela manhã, ele acordou e perguntou o que havia acontecido. Eu já estava vestida, para não acontecer de ele colocar a mão no meu corpo. Disse a ele que nada, que ele tinha dormido, provavelmente por excesso de cansaço. Era tarde, quase hora de ele ir para o escritório. Disse que voltaria na hora do almoço, para continuarmos o que tínhamos parado.

Assim que ele saiu, fechei a casa, arrumei as minhas coisas e as da minha filha, e fomos para uma cidade vizinha, para a casa de uma amiga. A Silmara morava em Itapema, e ficamos por lá uns dez dias. Desliguei meu celular. Na ocasião, achei que a melhor coisa era evitá-lo. Depois de dez dias na Silmara, achei que, naquela altura, ele já tivesse descoberto tudo, tido um ataque de raiva e esquecido, ou, definitivamente, desistido de mim. Eu também precisava me reorganizar financeiramente e fazer alguma coisa por mim e pela Yumi. Ela parecia alheia a tudo, mas eu a conhecia e sabia que, mais a par do que ela, impossível. É difícil esconder coisas de uma criança madura. Durante um mês, ela inclusive evitou tomar Nescau preparado por mim.

Quando voltamos, ela estava com saudades de uma amiguinha e pediu para dormir na casa dela. Foi a salvação. Eu dormia e não ouvi nada, apenas senti

uma mão no meu rosto. Quando abri os olhos, vi o vulto do Fausto no escuro. Ele queria as fitas de volta. Disse que, se eu as devolvesse, nada me aconteceria. “Eu as destruí, não tenho mais nenhuma.” A mansidão da sua voz e a frieza com que falava me assustavam. “Sua mentirosa, vou matar você, cadê as fitas?” Pegou no meu cabelo, segurou, torceu e espremeu a minha garganta. “Você é uma mulher bandida, pensa que não sei que me dopou?”

Fiz sinal de que estavam no guarda-roupa, antes que eu ficasse sem ar. Assim que ele me soltou para pegá-las, me pus a gritar. Então, ele partiu para cima de mim, e eu gritava com a maior força do mundo, com toda a força que eu podia, e, na intenção de me fazer parar, ele me batia. Eu me defendia, revidava. Ele me pegava, mas eu conseguia me soltar. Caí por cima da TV, quebramos a cama. O que eu via, atirava nele: meus perfumes, a caixa de bijuterias, tudo. Eu só pensava em sobreviver, e ele, em me matar ou em conseguir aquelas fitas de uma vez por todas e se mandar. O que haveria naquelas fitas?

Os vizinhos acordaram, a polícia foi chamada, o porteiro entrou e o segurou. Eu não tinha mais chances: estava cansada. Em poucos minutos, entregaria os pontos, ou, então, aconteceria o pior, se um de nós tivesse pensado em chegar à gaveta das facas, na cozinha.

Na delegacia, eu estava arrebentada, e ele, preso. Eu não falava. Disseram-me que eu precisaria tirar algumas fotos, e que eu teria de estar seminua, para evidenciar os machucados. Comecei a chorar. Fotos nua, não!

Fiquei em uma sala separada. Não chamei nenhuma amiga, ninguém. Não telefonei para a Elisa, nem para os meus pais. Eu queria morrer de tanta humilhação, por estar daquele jeito na delegacia.

O delegado referia-se ao acontecido como uma briga entre marido e mulher. O Fausto havia comunicado que também era morador daquele apartamento e que, portanto, não poderia tê-lo invadido: “O aluguel, inclusive, está em meu nome”. Era verdade. Como ele me ajudava, quando fomos renovar o contrato de locação, ele o fez em seu nome, porque eu não tinha renda.

Eu, na sala separada, e ele sendo interrogado. Uma hora e meia depois, chamaram-me para uma conversa, somente entre mim e o delegado.

"Menina, você é esperta, certo? Eu sei que ele não é santo. Você sabe o que tinha naquelas fitas?" Falei que não. "Bom, a partir daí, deduzo que ele é será acusado somente por agressão física, e você, por invasão domiciliar e furto. Que eu saiba, você não tinha cópia da chave da casa dele e, pelo exame que ele fez no dia, pode provar que usaram barbitúricos para dopá-lo. Isso somente se encontra em hospitais, e você faz estágio no Centro Cirúrgico, correto?" Falei que sim. "Acho que você também está encrencada." Comecei a chorar; nem eu sabia mais se era vítima ou culpada. "Mas, como lhe disse, você é uma mulher esperta e, se fez tudo o que ele diz, e ele pode provar que você fez, você seria uma ladra e tanto. Mas podemos resolver o problema de todos nós, aqui, de uma maneira simples e boa. Ele se propõe a pagar a você três mil reais para finalizar o assunto. Morre tudo aqui conosco. Não haverá mais discussões, nada de queixas registradas e de inquéritos. Os vizinhos não precisam saber o que se passou na delegacia. Quer minha sugestão? É o melhor que você tem a fazer."

O mundo girou, a minha dor passou, sentia a cabeça acima do corpo. Aquilo não podia estar acontecendo. Ele me perguntou novamente o que eu achava. Eu não tinha alternativa. Não podia fazer nada para me salvar naquele momento, senão aceitar o suborno dele. Fiz que "sim" com a cabeça.

O Fausto foi solto assim que amanheceu. Ele tinha, a partir daí, duas horas para trazer o dinheiro à delegacia. A minha parte era de três mil; sobre a deles, nunca soube nada. Recebi aquele dinheiro, mas nenhum dinheiro de programa que ganhei até hoje foi tão sujo quanto aquele. Paguei a matrícula da faculdade e parte do aluguel, que já estava atrasado.

Não vi o Fausto sair da delegacia. Uma viatura me esperava, nos fundos, para me deixar em casa. Eu tinha dormido naquela salinha de espera, sobre cinco cadeiras enfileiradas. Nunca mais o vi, acho que ele evitou me encontrar e que irá me evitar eternamente.

Antes de eu sair, o delegado me disse: "Você é esperta. Tenho a certeza de que nunca contará a ninguém sobre o que se passou aqui". Respondi a ele, da

forma mais convicta possível: “Com certeza”.

Quando acabei de relatar tudo, o Adams desapareceu da *net*. Voltou em cinco minutos. Disse-me que eu era louca, que o deixava inseguro, que ele queria distância de mim, que eu era uma descontrolada, uma mulher perigosa, que ele precisava se proteger, que as minhas atitudes não eram normais e um monte de outras coisas que me magoaram. Eu só via as frasezinhas aparecendo na tela, e ele me dizendo para nunca mais procurá-lo, que queria distância de mim e que estava decidido.

“Olha, Ad, se você quiser, será assim. É uma pena, mas, se prefere, *ok*, é o teu livre-arbítrio... Mas, Ad, não me abandone. Tudo o que eu fiz, fui obrigada a fazer. Eu tinha de impedi-lo, e as coisas tomaram o rumo que eu menos esperava.”

“Você não acha que é muito drama da tua parte, Vanessa? Beijos, e fica com Deus.”

O Adams saiu da *net* na mesma hora e me deletou definitivamente do seu MSN, bem como minhas duas personagens, e também me tirou da lista de contatos do seu Orkut. Traduzindo, isso significava que ele me queria fora da sua vida!

Eu me senti mal: não conseguia ver razão nessa atitude tão louca. Há cinco minutos, a conversa era outra. Eu me deprimi, ainda mais do que nos últimos dias. Os telefones dispararam. Apenas disse: “Sol, estou mal, me deixa...” Desliguei-os. Tinha esquema me esperando, mas fodam-se os esquemas, EU ESTOU MUITO MAL! Ontem, era tudo; hoje, é nada. Ontem, eu era a mulher mais feliz do mundo; hoje, nem sei o que sou... Uma puta, como antes, sem perspectivas, como antes, iludida, como antes, com a vida baseada em castelinhos que se esfacelam de uma hora para a outra. Ele não conseguia me entender. Por que ele não me compreendia?

O Adams, naquele momento, era tudo para mim, era alguém a quem eu poderia dedicar meus sentimentos, alguém de quem eu estava gostando, até, talvez, pela minha carência, mas de quem estava gostando, sim. Era alguém para me ajudar a sair daquela lama, que me entenderia e não me condenaria.

Ele era o meu sonho momentâneo. Eu havia aberto a minha vida para ele e tinha sido punida por isso.

Eu o via como homem, como pai e como amigo.

Revoltei-me. O que eu havia feito de errado? Será que ele se viu no papel de Fausto? A Sol pensa que sim: acha que eles são iguais, e que um tomou as dores do outro. Perguntei à Mari se eu era uma mulher perigosa, e ela começou a rir. Perguntei à Evilei se eu era perigosa: "Nada, você não faz mal nem a uma mosca". Fiquei me indagando se eu era louca. Decidi que não. Talvez incompreendida, mas louca, não. Um tanto ousada também, mas louca, não. Que vontade que eu tenho de chorar, meu Deus, e não consigo! Está tudo aqui, trancado. Está tudo errado na minha vida.

Nessa hora, eu senti arrependimento, uma vontade de ser diferente do que sou e do que fiz, mas não tenho poder contra isso. Os programas são um círculo vicioso do qual não consigo me desprender. Odeio fazê-los, e lá estou eu, novamente, fazendo e reforçando seu ciclo. Às vezes, tenho vontade de nascer em outro corpo, com uma outra história.

Atirei-me no quarto e lá fiquei por horas. Anoiteceu, e eu me encontrava da mesma maneira. Analisei a minha vida. A cama é um lugar ótimo para se pensar, e o travesseiro é nosso melhor amigo, porque ouve os pensamentos e não responde nada. Nesse momento, eu tinha vontade de ser outra pessoa. Pensei que poderia ter tido uma vida mais *light*, menos cheia de adrenalina, que eu estava cansada disto tudo. Queria as coisas diferentes do que são, queria ter mais tranqüilidade, estudar mais, e queria o meu livro editado... O meu livro...

Espere aí... O Adams está com o meu livro. Não, ele não seria capaz de usar o meu livro. Não, não, não. Ele não teatralizaria um final de relacionamento só por causa de um livro, ainda por cima um final chocante, como o que acontecera com o Fausto. Mas, e se ele usar o meu texto para incrementar algum livro dele? Ele está acostumado com teatro e joguinhos psicológicos. Não pode ser. E se ele só estava querendo de mim informações sobre a vida nas boates e, depois que as obteve, pôde cair fora, fazendo um jogo contrário a tudo e me deixando com a impressão de que eu era culpada

pelo final do nosso relacionamento, porque eu era uma louca? Bem, ele insistiu muito para que eu dissesse como tinha terminado o meu relacionamento com o Fausto. Ele insistiu demais, até. Ele mesmo disse achar que o capítulo “Kity House” era bom o suficiente para ser um livro inteiro. Ai, meu Deus!

Fiquei desesperada. Só me faltava essa. Além de iludida, eu poderia estar tendo minha vida plagiada. Eu preciso salvar a minha vida! Não pode ser! Levantei-me e fui para a *net*, pedir ajuda. Desabafei com a Loisane, que ainda não conheço, mas é minha amiga virtual. Ela me revelou que, ao vê-lo nas fotos do Orkut, o tinha achado com cara de mafioso americano: “Ele não me engana, esse cara é louco. Você viu os papos de maluco que ele tem com os seus conhecidos no Orkut? Umas coisas sem nexo”. Eu estava tão nervosa que não conseguia teclar. Pedi ajuda ao Hati, um amigo virtual que era advogado: “Me ajuda, pelo amor de Deus. Preciso registrar meus direitos autorais”. Ele me ajudou com todas as dicas, entrou num *site* especializado e me disse o que era necessário. O nervosismo não me deixava interpretar nenhuma linha do pedido de documentação. Amanhã, vou me levantar bem cedo, pagar as taxas e enviar o livro para o Rio de Janeiro por SEDEX, o mais rápido possível.

Estou torcendo para estar errada em relação ao Adams, mas só posso pensar mal dele no momento. Ele ainda me falou que gostaria de fazer o lançamento do livro dele lá na Kity House. Estou numa adrenalina pura. Tenho ódio de mim, por ter sido tão ingênua... Minha Nossa Senhora... Onde andava a Severa, nessa hora?

Os amigos estão tentando me acalmar, mas eu não consigo ficar calma. Amanhã é Ano-Novo, e estou prestes a ter um colapso nervoso.

CAPÍTULO XI

ANO-NOVO

"Nunca, nunca, nunca desista."
Winston Churchill

Balneário Camboriú, 31 de dezembro de 2005.

Hoje é dia de Ano-Novo. Estou sozinha em casa. Daqui a pouco, será meia-noite, e este ano terminará. Que ano!

Uma irritação e uma angústia, seguida de pensamentos tristes, tomou conta de mim quando abri os olhos. Saí correndo logo de manhã. Tirei cópia do que eu já havia terminado do livro, anexei os comprovantes de pagamento das taxas, juntei os documentos necessários e telefonei muitas vezes para o Serviço de Direitos Autorais do Rio de Janeiro, para ter certeza do que estava fazendo tudo da maneira certa. Assinei cada uma das folhas do livro: as instruções do registro diziam que todas elas deveriam ser rubricadas, e a última deveria vir com assinatura completa. Tive de rubricar quase 400 folhas. Assinei uma montoeira de papéis. Enquanto assinava cada uma delas, ia me lembrando da visão da Dona Celina.

E que Deus me ajude, para que não esteja acontecendo exatamente o que passa pela minha cabeça. Seria muita maldade daquele ser humano.

Sei que os homens são capazes de se aproveitar das ilusões das mulheres para conseguir delas o que querem, mas seria muita crueldade da parte do Adams. Seria ele um príncipe enlouquecido pela impulsividade, que jogou tudo para o alto por causa de uma louca perereca, ou um sapo desonesto, tentando se aproveitar de uma princesa iludida?

Bem que nós ficamos na *internet*, um dia desses, a discutir, um com o outro, sobre quem era o gato e quem era o rato da relação. Quem ali dava nó em quem? Eu dizia que ele não podia comigo, e ele dizia que o mais esperto ali era ele. Eu queria apostar? Disse que não. Ele adora desafios. Eu também gosto, mas não estava interessada mesmo em mensurar nossas forças quanto a inteligência e esperteza. Estava interessada numa troca de coisas boas.

Fiquei a analisar todos os nossos diálogos e a me sentir uma tola. Na nossa história, tive medo dele, pelo que poderia fazer com os meus sentimentos e com o meu livro. Se eu estiver errada em relação aos seus atos, é porque ele é que teve medo de mim, pelas minhas atitudes ousadas, ou, então, por medo de gostar de mim de verdade. Porque, sob muitos aspectos, tenho um interior que ele aprecia, numa mulher. Aliás, sob certos aspectos, nossos mundos são bastante semelhantes.

O livro é a minha chance de sair desta vida. Não posso perdê-lo. São as minhas memórias, os meus conflitos, as minhas lutas diárias, meus pensamentos, meus amores, minhas amigas, o sofrimento, a alegrias, enfim: este livro é a MINHA VIDA. Não posso deixar que a minha vida se perca novamente. Não posso desistir de mim mesma. Quando foi mesmo o exato momento em que eu me perdi?

Não tenho pretensão de expor a minha pessoa, mas as minhas idéias, os meus aprendizados. As pessoas confundem um pouco, e parece que a imagem da garota de programa é sempre vista antes de qualquer outra imagem minha. Antes de ser vista como uma garota de programa, quero que as pessoas me vejam como uma escritora. Porque é exatamente isso que pretendo fazer pelos próximos anos da minha vida: escrever. Meu corpo pode morrer, mas o que eu um dia escrevi estará vivo para sempre.

É virada de ano hoje, e me lembro de que, na adolescência, eu ficava muito feliz, muito entusiasmada nesse dia, porque teria ceia em casa e, depois, veríamos os fogos de artifício. Tão diferente do Ano-Novo de hoje. O que mudou? Qual a diferença entre este e os meus Anos-Novos de há 15 anos? Muitas, e a maior não são os fogos ou a ceia. Sou eu mesma. Parece que a Vanessa já quase não existe mais; que, aos poucos, estou me transformando em outra pessoa: são os hábitos, as roupas, a Severa. A Severa me dominando em tudo. E cadê a Luana, ou melhor, cadê a Vanessa?

Eu amo ganhar presentes, e nem no Natal ganhei um presente de alguém. Nenhum namorado em especial, a minha filha, na casa dos meus pais, minha irmã, em São Paulo, minhas amigas, com seus familiares. Ninguém em especial com quem comemorar hoje. Às vezes me sinto só... Tão só. Acho que ficarei em casa, sozinha, revirando o meu computador e escrevendo o diário.

Meu jantar de Natal foi um prato feito de seis reais com a Sol, num restaurante da 3ª Avenida. Eu e ela estávamos muito tristes, arrependidas pelo que havíamos feito e nos sentindo culpadas. Não havia clima para Natal, ainda mais porque ele significa vida.

Na semana passada, no dia de Natal, abri os olhos e pensei: “Papai Noel, quero, de presente de Natal, uma vida nova”. Disse isso de maneira morna, sem emoção, mesmo, embora tudo esteja fervendo dentro de mim. Os últimos acontecimentos, as inconstâncias e as loucuras do Adams, o aborto da Sol, a prisão do Rony, o estresse diário, as contas atrasadas, ainda por causa do golpe da Paola, a chegada louca do verão, a morte da Vitória, as lutas contra o preconceito e as correrias entre um cliente e outro.

Tenho sofrido bastante, nos últimos dias, a cada vez que eu atendo num quarto, por cada um que coloca a mão em mim. Cada programa virou um castigo, e toda vez que o meu celular toca, entro em pânico. Aquele som é irritante, desgastante e massacrante. Tive vontade de jogá-lo na parede várias vezes, nos últimos dias: quebrá-lo totalmente, fazê-lo em mil pedacinhos. Fiz um balanço mental dos programas e vi que tinha perdido o

que me é mais importante e talvez tivesse sido meu maior presente: PERDI O AMOR.

Na semana passada, enquanto praticava mentalização e meus pensamentos vagavam, lembrei-me do Zorro. Tinha me treinado para não pensar mais nele. Como eu o amei! E foi da forma mais pura possível, mas ele nem imagina isso. Foi a Luana que o amou: totalmente desprotegida e sem preocupações. Ele era um bom homem e nunca me faria nada de mal. Parei de pensar, porque ia começar a chorar, e me levantei da cama de uma vez.

Fui até o computador. Não me contive, não consegui me conter: mandei um cartão virtual para o Zorro. Um Voxcard, como de costume. Ele já deve ter recebido mais de 50 cartões meus. De uns seis meses para cá, eu não havia mandado mais nenhum, e acho que ele deve ter estranhado. Mas foi porque eu não tinha mais forças para persistir: tentar ficar com ele estava se tornando um sofrimento também. Abri o micro e entrei nos meus *e-mail*s. Havia a confirmação de que ele já tinha visualizado o cartão. Assim é bom: a gente sabe que a pessoa abriu a mensagem, e não fica imaginando que ela talvez tenha ido parar em outra caixa de correio virtual.

O cartão era bem mais seco do que todos os outros, melosos, que a Vanessa mandava. Neste, a Severa mandara dizer apenas: “Feliz Natal e um Ano-Novo maravilhosos para você e seus filhos. Quero que você seja muito feliz. Neste ano, você foi importante para mim, e eu te levei nos meus melhores pensamentos. Um grande beijo, Vanessa...”

Sempre assino com reticências depois do nome. Talvez uma análise psicológica dissesse que faço isso porque quero dizer que não se trata apenas de um nome, é mais do que isso. Não houve resposta dele, nunca há resposta. Mas isso não me machuca mais.

Por muito tempo, imaginei que jamais teria novamente algum vestígio dele ao meu redor, mas a vida é cheia de surpresas. Às vezes, comparo-a a uma caixinha: você nunca sabe o que está por vir, quando ela se abre.

E hoje, ao deletar de vez os perfis da Letícia e da Maninha do Par Perfeito, algo surpreendente aconteceu. Prefiro não acreditar em sinais divinos e não alimentar nenhum tipo de esperança. Digo apenas a mim mesma que tudo não

passou de coincidência. Abri o perfil da Letícia, para deletá-lo e banir a louca e linda Letícia do mundo virtual. Havia uma infinidade de pretendentes: mais de cem candidatos, desesperados com a beleza estonteante dela. A foto é muito bonita. Na hora, pensei que os homens priorizam muito mais a estética do que a essência das mulheres. Deletei o perfil, sem dó, só que, antes, li cada nomezinho dos pretendentes, para ver se o Adams não havia deixado um último recado. Nenhum!

Depois, fui ao perfil da Maninha. Já não tinha foto: eu a havia tirado logo no início, porque a foto que usei era de uma garota da região, e eu poderia prejudicá-la. Analisei ainda a última vez o seu perfil e olhei a sua correspondência: apenas quatro candidatos haviam-lhe escrito. Que diferença de valores, nesses homens. Por curiosidade, quis saber quem eram esses candidatos altruístas que haviam se interessado pelo que a pessoa era por dentro, sem se preocuparem com a estética, e me choquei: o Zorro era um deles. Ele havia se interessado pela pessoa da Maninha Alexandra. Mandara-lhe dois recadinhos breves. Num deles, ele se apresentava, de maneira simples e sem exageros. No segundo, dizia que havia tentado entrar em contato com ela outras vezes e gostaria de saber por que ela não respondia nunca, que gostaria de conversar com ela só um pouquinho e que havia gostado do seu jeitinho. É... Ele gosta de mim pelo que eu sou e vive a me procurar...

Realmente, eu nunca estive enganada quanto às qualidades do Zorro como ser humano. Nunca. Fiquei a refletir sobre o que fazer e tentei não me deixar levar pelo entusiasmo, muito menos pela ilusão. Não, não vou acreditar que foi Deus que o colocou na minha vida novamente: não quero ter mais decepções. Mas, mesmo assim, eu respondi. Disse apenas que também gostaria de conversar com ele um pouquinho. Apenas isso. Mas, agora, farei diferente: vou dizer a ele quem sou eu e apenas esperar acontecer...

Atendi um cliente hoje, na parte da manhã, e, apesar de ter sido tranqüilo, eu me senti mal. Não suporto mais a idéia de colocarem a mão no meu corpo. Na parte da tarde, outro cliente ligou. Eu e a Sol fomos ao Motel Eros, para atendê-lo. Ela chegou antes. Ele era insuportável. Já o

conhecíamos. Entrei depois e, assim que o vi, lembrei-me dele. Já veio com a mesma lengalenga de sempre, criando caso quanto a tempo e dinheiro. Não admito que venham renegociar o que, por telefone, já ficou bem claro. Ele está mal-acostumado: as outras meninas sempre cedem, de tanto que ele incomoda.

Resolvi antecipar os fatos e pôr os pingos nos is, antes de qualquer coisa. Secamente, disse a ele que recebíamos adiantado, que o preço era de 200 reais as duas, pelo tempo de uma hora, e que ele já podia começar fazendo o pagamento, conforme o combinado. Esse cara já tinha chamado, uma vez, seis meninas na mesma noite, no tempo em que eu atendia no Motel Privatte. Elas chegavam, e ele ficava de bate-papo. Depois, mandava-as embora, pois só queria alguém para conversar.

Numa outra vez, ele fez um programa comigo. Eu recebi dele adiantado, e ele quis fazer sem camisinha, ameaçando de tirá-la. Pulei da cama, vesti-me e fui embora, deixando-o na mão. Acho que esse tipo de cliente não merece consideração, e eu teria de ficar o programa inteiro revistando a camisinha ou segurando as mãos dele. Ele começou a querer criar caso, assim que eu pedi o dinheiro adiantado, e tentou novamente negociar tempo. Eu estava sem paciência: meus dias acabaram, mesmo.

Nunca tive uma atitude como esta com um cliente. Ele ali, rindo, debochando da gente, pegando um cigarro e dizendo que, antecipado, não pagava. Dando uma de superior. Não pensei duas vezes: peguei o copo de cerveja e atirei-a no seu rosto. Eu ainda achei pouco. O cigarro molhou, e ele ficou me olhando, pasmo. Fiz o mesmo com o copo d'água, que estava ao lado. Ele não revidou: estava verdadeiramente espantado. Ele também já me conhecia e sabia o quanto eu era calma. Achei que merecia ainda mais, e despejei a garrafa de água nele também. Virei-me para a Sol, que estava deitada na cama, e disse: "Vamos, *girl*! Já conhecemos este otário!!! Chega deste tipo de gente na minha vida". Pela cara, ela estava besta também.

Ela não falou nada: a Sol nunca fala. Ele pediu que ficássemos, que ele mostraria o dinheiro. Saí, e ainda bati a porta do quarto. Em dia de Ano-

Novo, não! Já não suporto mais tudo isto. Na virada do ano, menos ainda. Tenho pena dele, de mim e da Sol também. Acho que somos três perdidos.

Eu e ela almoçamos fora, num bom restaurante, mas a comida não descia. Conversamos sobre o nosso arrependimento sobre o aborto, estamos sempre falando disso. Ela está pior do que eu. Disse que, no futuro, vai adotar um filho com o Rudy. Não dei bola: fingi que a idéia de ela pensar em ficar com o Rudy não tinha me abalado. A mim, dói ouvir isso, porque eu tinha participado do aborto, achando que ela não queria um futuro com ele. Logo, uma criança não poderia vir, pois seria um elo eterno. Tenho de me controlar e não dar palpite na vida alheia. A Sol é dona da vida dela, e é ela quem tem de decidir o melhor para si.

Amanhã, ela passará o dia no Cadeião, entre as grades, visitando o Rudy, e seu filhinho vai ficar na casa de conhecidos. Não concordo com isso, mas quem sou eu para julgar os outros? Eu só penso no meu livro. No registro dos direitos autorais. Vou mandar um *e-mail* para alguma editora, tentando falar com o editor-chefe. Tenho de apresentar este trabalho de uma vez.

Quero uma vida nova. Quero começar hoje a minha tentativa de mudar de vida. Não gosto de ser garota de programa. Não gosto de tanta adrenalina. Eu comecei por necessidade, mas, depois, foram vindo as mudanças de valores, as mágoas quanto aos homens e o dinheiro, que é considerável. Eu prefiro a Luana que existe dentro de mim. Quero a mim, a Vanessa, de volta. Ela ri à toa, e isso é muito bom. A Luana é muito doce. Os tempos de programa fizeram nascer em mim a Severa, e, se ela dominar a maior parte da minha vida, como tem sido, tudo perderá a graça. Tenho conversado com a minha irmã e com um amigo virtual, o Dalton, e eles me dizem a mesma coisa, sem se conhecerem, inclusive: isso não pode ser mais forte que você! Se você quiser, será melhor que isso: tudo poderá ser diferente. A mente é poderosa.

“Encontre caminhos”, é o que digo a mim mesma. Por isso, estou fazendo mentalizações e meditações. Para ver se meu eu interior me ajuda a encontrar a porta de saída deste mundo. Em que trecho da estrada eu me perdi? Tentei acertar a estrada, através dos trechos errados. Tentei chegar ao

Norte e fui para o Sul, mas se aprende com os erros, e, por isso, indo ao Sul, às vezes a gente chega ao Norte.

Tenho pensado em editar mesmo o meu diário. Seria um começo: transformar todos estes meus desabafos e terapia interior em livro. Mas não quero ficar apenas contando com um acontecimento milagroso ou com a sorte, esperar que alguém me tire desta vida, ou que o livro faça sucesso, essas coisas. Quero que o caminho tenha solidez e, mesmo lento, seja provável. Nem sempre a sorte é provável. Ela é só uma questão de sorte.

Também penso que não devo mais procurar a felicidade em um homem. Acho que, enquanto pensar assim, não serei feliz, porque a felicidade deve ter base dentro de mim, e não fora. Os seres humanos nascem completos. Não sou apenas uma metade, que só será feliz depois de encontrar sua outra metade. Cansei de procurar a pessoa certa e investir tanta energia em sonhos sobre relacionamentos. Penso que alguém especial também só aparecerá quando eu estiver fora desta vida. Por enquanto, só atrairei pessoas afins a este mundo. Quero este submundo longe de mim.

Fico aqui, perguntando a mim mesma se eu viveria tudo isso novamente. Até que ponto eu reescreveria a minha história?

Na minha resposta, há uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que eu não me arrependo das lições que aprendi, e que não as teria aprendido, se não tivesse vivenciado tudo isso, eu me arrependo de ter participado de tantas situações degradantes. Aborrece-me ter transformado o sexo em algo tão superficial na minha vida, uma vez que ele pode ser uma coisa tão boa.

Eu amaria viver a vida inteira ao lado da Sol, da Samantha, da Walquíria, da Lulys Louca, da Simone e de outras mais que eu conheci neste universo, mas teria sido maravilhoso encontrá-las também em um outro meio, porque o caráter de um ser humano é imutável e independe do meio em que ele vive. Elas não deixariam de ser pessoas grandiosas, a meu ver, se estivessem em uma outra realidade da vida. De certa forma, eu até viveria ao lado da Rafaela também, se ela parasse de falar tanto na Via Condotti e no Empório Armani.

Ganhei experiência, mas perdi a vida. Ganhei algum dinheiro, mas perdi no amor. Eu trocaria todos esses cinco mil clientes por um único homem.

Esse é um número bem considerável: CINCO MIL CLIENTES! Mas ele não faz de mim uma *expert* na cama. *Expert*, para mim, é aquela mulher que está casada há mais de dez anos, consegue tornar sua relação com o marido proveitosa e fazer do dia-a-dia um bom convívio. Eu não me sinto uma mulher sexualmente realizada. Números nada significam. Sou perita em fazer os meus clientes gozarem rápido, e mais perita ainda em mexer com a sua imaginação. Nisso, sou fera. Eles se realizam, mas eu não. Tenho muitos desejos de sexo e de amor reprimidos aqui dentro. Estão todos oprimidíssimos. Não acho que deva expressá-los com meus clientes. Nem é porque eles não mereçam minhas gozadas, mas é que não quero mais que aconteçam de maneira tão vil, em encontros tão superficiais. Eu as deixo guardadas para quando encontrar a pessoa certa.

A cada vez, gozo menos nos programas. Quando acontece, é porque estou realmente necessitada. Relaciono-me melhor comigo sozinha. Não sinto química com os meus contratantes, porque, para mim, a inteligência é afrodisíaca, e preciso gostar da mente da outra pessoa e do que se passa dentro dela para, então, poder me sentir atraída. Mas o tempo do programa é curto demais. Eu quero sexo com amor.

Estou cansada de transar com tempo, uma infinidade de vezes olhando para o relógio de pulso, para não fugir do horário. Quanto mais eu ficar, maior é o meu desgaste de energia. Além disso, quando se corre muito depressa para se chegar a algum lugar, perde-se a metade do prazer de se chegar lá.

Outra coisa que aprendi é que, no sexo, não há limite e nem regras. Ele é progressivo. Hoje é uma palmadinha, amanhã, uma algema, depois uma suruba. Ninguém nunca conseguirá estipular regras para aquilo que não depende do senso comum. O limite que separa a loucura do prazer é o limiar de satisfação pessoal. Não tem regra básica: isso pode, aquilo não pode. Cada um é responsável pelas suas regras. E o melhor é quando há concordância do casal quanto às regras. O que não pode acontecer é você

infringir o seu limiar em prol da satisfação alheia. Portanto, se ambos aceitam a promiscuidade e gostam dela, que sejam felizes assim...

Não acho o homossexualismo errado, nem as perversidades, nem sadismo, masoquismo ou outras tendências do prazer. Apenas cheguei à conclusão de que não servem para mim. Mas, para outros, servem. Nesse tempo todo, presenciei casais infelizes pela falta de diálogo, cumplicidade e honestidade. Isso não serve para mim também. A conversa que tive com meu cliente sobre os três tipos de homem foi, para mim, como um esclarecimento final sobre o que eu precisava descobrir: existe, sim, um príncipe encantado, só que estou procurando no conto errado. Nem todos os homens são ruins. Eu é que tive, inicialmente, um azar muito grande, e acabei por generalizá-los, transformando todos em sapos e, depois, rotulando-os conforme o básico dos homens que me procuram: sapos perdidos. Achei, durante muito tempo, que não havia salvação para o amor e que todos os homens estavam perdidos, tanto quanto eu estava, ou estou. Pode ser que, agora, tenha encontrado a direção da beira da praia e, em breve, consiga sair nela.

Aprendi que não existem dicas ou segredos para se evitar as traições. Existem, sim, até situações favoráveis, mas depende da maturidade do relacionamento do casal para que elas não aconteçam. Ninguém vai melhorar com o tempo. As pessoas deviam procurar aquelas que se identificam mais com o que elas esperam de um relacionamento, em vez de tentarem mudar a outra parte, com o passar dos anos. É claro que existem pessoas que camuflam sua identidade, mas ninguém consegue ser um ator perfeito por muito ou por todo o tempo, e basta uma observação mais realista e um despojamento da vontade de querer acreditar no que não existe, para que se perceba a realidade.

É muita coisa guardada aqui dentro.

Eu vendo, já há algum tempo, uma imagem, e essa imagem é ótima. É a imagem de uma ruiva de olhos verdes, seios perfeitos e lábios carnudos. Mas é só uma imagem, vendida nos anúncios de jornais, nos álbuns de acompanhantes dos motéis e hotéis, nas agências da região. O produto externo vendido é bom, mas é fabricado. E nem sempre é tão bom quanto o

que a propaganda promete. Tem dias em que não tenho tanta vontade de me arrumar e, por isso, vou aos programas quase de qualquer jeito.

No final do espetáculo, chego em casa, deixo a máscara de lado, a fantasia de outro. Entro direto no quarto, tiro a maquiagem e o meu cabelo postiço, visto minhas roupas simples, aquela velha calcinha de que tanto gosto. O lápis dos olhos é ótimo para deixar um verde luminoso no olhar, mas não fico o dia todo com ele. Meu corpo não é tão perfeito como as lentes mostram, e até tenho duas celulites mais expressivas na nádega direita, por isso não caminho de costas para o cliente. E há uma barriguinha que por nada consigo tirar. Durante uma hora, é fácil encolhê-la.

Mas o meu produto interno é melhor do que o externo, que eu vendo. Ele é mais valioso, embora não seja perfeito, porque é verdadeiro. Mas este ninguém vê. A Vanessa não é tão bonita por fora quanto a Marise. Não é tão implacável, como a mulher que está dentro dos quartos dos motéis e chega já impondo como serão as coisas. Não é tão fria, calculista, nem tão forte. E tem defeitos, erra, tem alguns pensamentos pequenos, por que não? Ninguém é perfeito. Mas eu a prefiro. Que me importa a aprovação social da minha firmeza de personalidade? Sinto-me mais à vontade comigo mesma, e meus amigos gostam mais do que eu sou.

A Marise é perfeita, mas ela não existe... Eu sempre soube que, um dia, ela morreria e se tornaria apenas uma lenda...

Desejo profundamente que ela esteja no fim dos seus dias...

Pensando bem, acho que minha resposta mais fiel à dúvida sobre reviver tudo isso seria: “NÃO! Não, não acho que valeu tanto esforço, não viveria novamente tudo isso. Não, NÃO!” Acho que teria preferido que as coisas fossem diferentes. Adrenalina é bom, mas não em exagero.

Além do mais, eu poderia ter tido uma vida bem cheia de aventuras também sem os programas. Meu aprendizado poderia vir também da leitura de um diário de uma garota de programa que resolveu passar adiante os seus ensinamentos e as experiências adquiridas. Eu só fico na dúvida sobre se me contentaria apenas em lê-los, pois sempre me baseio na experiência vivida por mim, e não na alheia.

Espero que meus pais me perdoem mais uma vez, se preciso for... E que a minha filha continue me amando do mesmo jeitinho...

Neste dia de Ano-Novo, quero uma vida nova para mim. Eu preciso fazer alguma coisa por mim, porque ninguém melhor do que eu para fazê-lo.

Princesa, que, depois da meia-noite, tudo se transforme. Que comece pelo seu interior. Não importa a velocidade da transformação, mas o rumo que ela tomará.

Vamos começar uma nova vida, Princesa Vanessa, vamos? Poderá ser uma nova história... Ter um final, agora, escrito por você.

Que importam as lágrimas que, no início, eu derramei, se meu final for doce?...

Vou despir-me de todas as mágoas, neste momento, pois o Norte COMEÇA AQUI...

"(...) mais acordada do que nunca (...)
– Cinderela? Fim da história. O príncipe apareceu?
– Não. Salvei a mim mesma..."

Para saber mais da autora, acesse:
www.vanessadeoliveira.net

Visite nosso site e conheça estes e outros lançamentos

www.matrixeditora.com.br

O livro branco do humor

de Millôr Fernandes

"Deu branco". Para uns, isso é falta de idéias. Para Millôr Fernandes foi a base para um livro inteligente e divertido.

Chaves: Foi sem querer querendo?

de Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco

O programa chegou ao Brasil em 1981 e é um marco na TV brasileira. Quem consegue explicar o sucesso de tantos anos? Você vai entender um pouco dessa saga, cheia de histórias engraçadas e interessantes. Como o programa subverteu a lógica televisiva com seu humor; a batalha pelo ibope; a contribuição dos dubladores para o sucesso aqui no Brasil; a biografia dos atores e, no final, um capítulo com uma série de curiosidades imperdíveis.

Faça sexo agora. Pergunte-me como.

de Castelo

Tudo o que você queria saber sobre sexo e não sabia para quem perguntar agora não precisa mais. Todas as questões foram feitas aqui, com todas as respostas. Tudo do jeito mais divertido que você já viu. Este livro vai excitar (uau!) a sua curiosidade. Vai fazer você dar duas leituras seguidas sem tirar os olhos do livro. Pratique este voyeurismo humorístico-literário. Vai ser bom para você também.

Pare de amar errado

de Rejane Freitas

Muitas mulheres, ao amar demais, deixam de lado suas realizações pessoais, perdem os limites, experimentam fortes desilusões, provocando até mesmo o fim da relação. A obra revela o poder destruidor da dependência do amor masculino, ensina como a mulher pode ficar mais voltada para si mesma, evitando frustrações

profundas. Um livro que todo homem também deveria ter a coragem de ler.